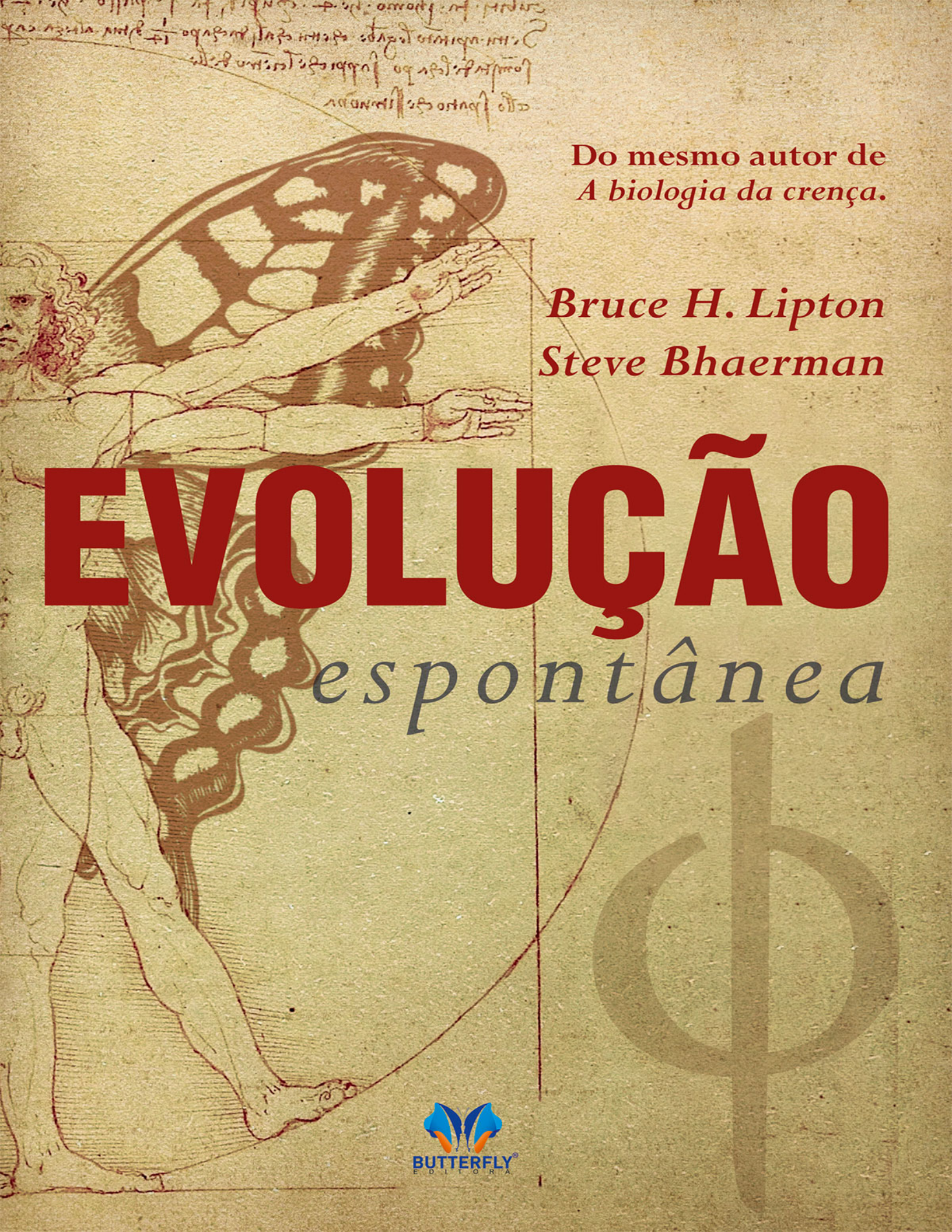


The background of the cover features a detailed illustration in a historical, scientific style. It depicts a man from the waist up, facing left, with a butterfly perched on his back. The butterfly has large, patterned wings. The man's torso is partially covered by a grid-like structure, possibly representing a scientific or anatomical study. At the top of the cover, there is a line of handwritten text in a cursive script, likely from a historical manuscript. The overall color palette is warm, with shades of brown, tan, and red.

Do mesmo autor de
A biologia da crença.

Bruce H. Lipton
Steve Bhaerman

EVOLUÇÃO

espontânea

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Página de Créditos](#)
3. [Folha de Rosto](#)
4. [Sumário](#)
5. [Prefácio](#)
6. [Por que decidimos escrever este livro](#)
7. [Introdução – Uma história de amor universal](#)
8. [Prólogo – Remissão Espontânea](#)
9. [PARTE I – E SE TUDO QUE SABEMOS ATÉ HOJE ESTIVER ERRADO?](#)
10. [Capítulo 1 – Crer para ver](#)
11. [Capítulo 2 – Cresça individualmente... Evolua globalmente](#)
12. [Capítulo 3 – Uma nova versão da velha história](#)
13. [Capítulo 4 – O redescobrimento da América](#)
14. [PARTE II – OS QUATRO MITOS DO APOCALIPSE](#)
15. [Capítulo 5 – Mito um: só a matéria existe](#)
16. [Capítulo 6 – Mito dois: só os mais fortes sobrevivem](#)
17. [Capítulo 7 – Mito três: somos o produto de nossos genes](#)
18. [Capítulo 8 – Mito quatro: a evolução é aleatória](#)
19. [Capítulo 9 – A disjunção na junção](#)
20. [Capítulo 10 – Da loucura à sanidade](#)
21. [PARTE III – HORA DE RENOVAR O JARDIM](#)
22. [Capítulo 11 – Evolução Fractal](#)
23. [Capítulo 12 – Melhor consultar um bom psiquiatra](#)
24. [Capítulo 13 – Uma sugestão](#)
25. [Capítulo 14 – Uma economia saudável](#)
26. [Capítulo 15 – A política tem cura](#)
27. [Capítulo 16 – Uma história completamente nova](#)
28. [Técnicas e instituições para auxiliar na modificação de crenças](#)
29. [Referências](#)
30. [Índice remissivo](#)

EVOLUÇÃO

espontânea

Título do original norte-americano:
Spontaneous Evolution: our positive future
(and a way to get there from here)
Copyright © 2009 by Mountain of Love Productions and Steve Bhaerman

Evolução Espontânea
Copyright © Butterfly Editora Ltda. 2013
Direitos autorais reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.
(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.)

Coordenação editorial: Ronaldo A. Sperdutti

Assistente editorial: Renata Curi

Tradução: Yma Vick

Capa: Danielle Joanes

Imagens da capa: Murka34 | Dreamstime.com
Wikimedia.org e Teachers.saschina.org

Projeto gráfico e editoração: Ricardo Brito | Estúdio Design do Livro

Produtor gráfico: Vitor Alcalde L. Machado

Revisão técnica: Fabio Gabas

Preparação: Maiara Gouveia

Revisão: Katycia Nunes

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lipton, Bruce H.

Evolução espontânea / Bruce H. Lipton, Steve Bhaerman ; tradução Yma Vick. – São Paulo :
Butterfly Editora, 2013.

Título original: Spontaneous evolution.

e-ISBN 978-65-89238-03-4

1. Comportamento humano 2. Crenças 3. Evolução (Biologia) 4. Evolução social I. Bhaerman,
Steve. II. Título

13-02545

CDD-306

Índice para catálogo sistemático:

1. Comportamento humano : Evolução social 306

Butterfly Editora Ltda.

Av. Porto Ferreira, 1031 - Parque Iracema

CEP 15809-020 - Catanduva-SP

17 3531.4444

www.editorabutterfly.com.br | atendimento@editorabutterfly.com.br

2-8-21-2.000-7.000

Bruce H. Lipton
Steve Bhaerman

EVOLUÇÃO

espontânea

Tradução
YMA VICK



São Paulo – 2013

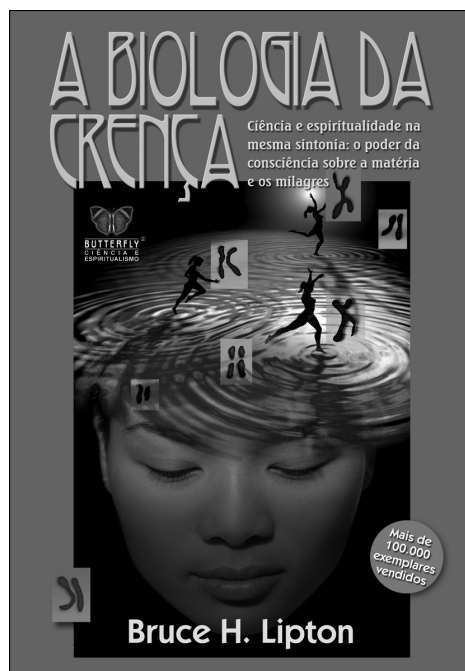


Outros livros de Bruce H. Lipton, Ph.D.

*A Biologia da Crença**

A sabedoria das células (CD)

Evolução Espontânea (CD)



* Original da Editora Hay House. Tradução para o Português de Butterfly Editora.

À Mãe Terra,
ao Pai Céu
e a todas as células Imaginais

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS GERAIS

Expressamos nosso amor e gratidão à *Mountain of Love Productions Inc.*, cujo generoso apoio e incentivo transformou nossas ideias em livro. Margaret Horton, presidente, e Sally Thomas, gerente-geral, foram excelentes parceiras. Seu apoio mental, emocional e espiritual facilitaram o nascimento deste trabalho.

Este livro não seria completo sem o talento editorial de Robert Weir. Descobrimos que o trabalho com as palavras é uma arte, e Robert é mestre no que faz. Agradecemos por sua “paciência de Jó” e pelo senso de humor que manteve, mesmo quando o testamos ao máximo. <http://www.robertmweir.com/>

Agradecemos muito também a nosso agente, Ned Leavitt, e Reid Tracy, presidente-CEO, Patricia Gift, diretora de aquisições, e Laura Koch, editora de aquisições da Hay House. É um grande prazer trabalhar com a Hay House, um exemplo de corporação cooperativa e consciente necessária para revitalizar a civilização.

A nossos revisores técnicos, colegas e amigos que doaram seu precioso tempo revendo nosso original, expressamos nossos mais sinceros agradecimentos. Suas perguntas, comentários e críticas foram essenciais para refinar a qualidade do material e tornar nossa mensagem mais clara e direta: Nicki Scully, Diana Sutter, Robert Mueller, Thea e Vaughan Wiles, Omri Sitton, Terry e Christiane Bugno, Patricia Gift, Theodore Hall, Rob Williams, Mary Kovacs, Ben Young, Shelly G, Keller, Brian Kelly, Russel Walder, Sherill Burton, Georgia Kelly, E. Carroll Straus, Margaret Carswell e Aura Glaser.

AGRADECIMENTOS DE BRUCE

Evolução Espontânea é uma grande síntese das pessoas que conheci e dos lugares onde estive. É a história delas e também a minha. Todos aqueles que participam de minha vida contribuíram para a criação deste livro e gostaria citar um por um, mas por uma questão de espaço a lista precisa ser mais curta.

Quero agradecer a meus grandes amigos cuja visão e sabedoria contribuíram para que eu pudesse escrever este livro: Curt Rexroth, Ted Hall, Rob Williams, Ben and Millie Young, Shelly G. Keller, and Terry e Christine Bugno.

Reservo um lugar especial em meu coração e em meus pensamentos para um grande amigo e irmão espiritual, Gregg Braden. Já tive a alegria de dividir com ele o palco e também de desfrutar de sua sabedoria. Margaret e eu temos a honra de receber sua Luz e seu Amor. Quero agradecer também ao Conselho da Universidade de Quiropraxia da Nova Zelândia, especialmente ao presidente Brian Kelly, por me incluir em seu grupo acadêmico. Seu programa é um grande exemplo do poder da comunidade.

Agradeço também a meus amigos e locadores Stuart e Carol Roscoe por cederem sua casa durante minhas longas visitas à maravilhosa Nova Zelândia. O lugar, que fica entre o mar e uma gigantesca mata, foi perfeito para escrever um livro sobre a grande Mãe Terra.

A Steve e Trudy Bhaerman. Rimos muito, choramos e rimos mais ainda. É uma grande alegria ver como nossa amizade se desenvolveu e nos tornamos uma verdadeira família.

E por falar em família, foi fascinante perceber que a minha cresceu comigo nesse processo. Se pude ajudá-los a se tornar mais conscientes sobre a vida, é sinal de que há esperança para o mundo! Amo muito minha mãe, Gladys, meu irmão, David, sua esposa, Cindy e seu filho, Alex, minha irmã, Marsha e meu irmão, Arthur, todos grandes sobreviventes!

Este livro foi escrito especialmente para minhas adoradas filhas, Tanya e Jennifer, e suas famílias. Elas herdarão este mundo e espero que esta minha

contribuição ajude a fazer dele um lugar melhor.

E, principalmente, não posso deixar de agradecer à minha querida Margaret Horton, amiga, companheira e o grande amor de minha vida. Você me inspira e me completa. Eu a amo de todo coração.

AGRADECIMENTOS DE STEVE

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Universo por nos dar esta tarefa e o mérito de conseguirmos cumpri-la.

Agradeço também a todos aqueles que nos deram apoio e nos incentivaram com seu entusiasmo. E também àqueles que nos deram um pouco de seu tempo e de seu conhecimento, especialmente Brian Bogart, com sua perspectiva histórica, e Richard Kotlarz, com sua extensa sabedoria sobre economia. Agradeço a Ruth Harris, que ajudou com as pesquisas, a Annette Toivonen, gerente de meu escritório, e a todos os meus amigos que ficaram me perguntando quando é que eu terminaria o trabalho para podermos sair e comemorar.

Agradeço também, de todo coração, a meu colega Bruce Lipton e à Margaret, sua esposa, pela amizade, perseverança e bom humor que tanto nos ajudaram nessa empreitada. Em especial, agradeço à Trudy, minha querida esposa, por seu apoio desde o início do projeto, por seu amor, sua compreensão e por despertar sempre o que há de melhor em mim.

SUMÁRIO

Prefácio

Por que decidimos escrever este livro

Introdução – Uma história de amor universal

Prólogo – Remissão Espontânea

PARTE I – E SE TUDO QUE SABEMOS ATÉ HOJE ESTIVER ERRADO?

Capítulo 1 – Crer para ver

Capítulo 2 – Cresça individualmente... Evolua globalmente

Capítulo 3 – Uma nova versão da velha história

Capítulo 4 – O redescobrimento da América

PARTE II – OS QUATRO MITOS DO APOCALIPSE

Capítulo 5 – Mito um: só a matéria existe

Capítulo 6 – Mito dois: só os mais fortes sobrevivem

Capítulo 7 – Mito três: somos o produto de nossos genes

Capítulo 8 – Mito quatro: a evolução é aleatória

Capítulo 9 – A disjunção na junção

Capítulo 10 – Da loucura à sanidade

PARTE III – HORA DE RENOVAR O JARDIM

Capítulo 11 – Evolução Fractal

Capítulo 12 – Melhor consultar um bom psiquiatra

Capítulo 13 – Uma sugestão

Capítulo 14 – Uma economia saudável

Capítulo 15 – A política tem cura

Capítulo 16 – Uma história completamente nova

Técnicas e instituições para auxiliar na modificação de crenças

Referências

Índice remissivo

PREFÁCIO

Todos nós sentimos, de alguma forma, que estamos um período de grandes transformações, tanto internamente quanto no mundo que nos cerca. Há grandes avanços tecnológicos, mudanças climáticas e velocidade espantosa na transmissão de informações, mas a humanidade se apresenta cada vez mais angustiada, ansiosa, com uma incidência de doenças crônicas e psicológicas sem precedentes.

Quais são essas mudanças que devem acontecer? Trágicas? Catastróficas? Será o fim do nosso planeta azul? Uma coisa é certa: a exploração dos recursos naturais, motivada pela ganância humana, extrapolou o limite de adaptação da Terra e parece que nos encaminhamos para um grande paredão.

Com os conhecimentos da Física Quântica, sabemos que o mundo material, composto por átomos, nada mais é do que o resultado de nosso nível de consciência individual e coletivo. Atraímos para nós, ou materializamos em nossas vidas, o “espelho” ressonante do campo eletromagnético emitido por nossa mente e coração, o qual, por sua vez, resulta de nossas crenças ou programações subconscientes. Para mudarmos o mundo, portanto, deve haver uma mudança na humanidade, capaz de inventar e reinventar o próprio meio. Como contribuir positivamente com o nosso planeta nessa fase tão importante? Por que manter um panorama mundial tão competitivo, egoísta e baseado no medo? De onde vieram as crenças e programações subconscientes coletivas que trouxeram o mundo a esta crise e conflito?

Neste livro, *Evolução Espontânea*, os autores nos contam esta história de forma brilhante e, baseando-se no princípio dos fractais – que assume a ideia de que o Uno é igual ao Todo – mostram-nos que a solução está dentro de nós, no exemplo da comunidade de mais de 50 trilhões de células de nosso

corpo, comunidade a conviver em pleno estado de paz e harmonia, trabalhando para o bem-estar coletivo, apesar das diferenças.

Será que ainda pretendemos permanecer no papel de células doentes, concerosas? Está na hora de quebrarmos alguns paradigmas durante séculos considerados verdade absoluta, que colocam o ser humano na posição de um bicho isolado, com medo, lutando com unhas e dentes para acumular bens na tentativa de sobreviver e ser feliz, mas afastando-se mais e mais do verdadeiro propósito da vida, ligado ao reconhecimento da Unidade do Todo, da integração, da cooperação e do amor.

O coração é muito mais do que um órgão a bombear sangue para os tecidos. Ele revela uma linguagem capaz de expressar seu estado emocional e transmitir, tanto para cada uma de nossas células quanto para o meio externo, nosso campo eletromagnético, este com a propriedade de influenciar pessoas e de atrair experiências materiais e emocionais em ressonância harmônica com a sua vibração.

Quer confiar na ideia de que a vida nos reserva sempre o que há de melhor e mais belo? Quer contribuir efetivamente para a construção de um mundo de paz e harmonia? Comece sintonizando e desenvolvendo em seu coração sentimentos de amor e... boa leitura!

FABIO GABAS*

* Graduado em Medicina, pela Faculdade de Medicina de Catanduva (SP). Com, especialização em medicina preventiva/integrativa, trabalha na clínica Healthy, em São Paulo. É sócio-diretor da Heartmetrix, empresa pioneira em soluções complementares para o gerenciamento do estresse através do equilíbrio autonômico, com reflexo positivo na saúde e produtividade no meio corporativo (vide site www.heartmetrix.com.br). É palestrante e revisor técnico do livro *A Biologia da Crença*, do renomado biólogo celular Bruce Lipton PhD, publicado pela Butterfly Editora em 2007.

Por que decidimos escrever este livro

Olá, meu nome é Bruce Lipton.

E o meu é Steve Bhaerman.

Bruce: Desejamos boas-vindas aos leitores deste novo livro, *Evolução espontânea*. Em meu livro anterior, *A biologia da crença*, a ênfase era sobre atitudes e emoções que controlam nossa fisiologia, nossa Biologia e até a expressão dos nossos genes. Também enfocamos de que modo crenças pessoais afetam a realidade de cada um. Mas há algo ainda mais profundo a ser aprendido: de que maneira as crenças coletivas – de uma cultura ou sociedade – podem modificar a estrutura biológica e o comportamento.

A sociedade como um todo começa a reconhecer o caráter prejudicial das crenças coletivas e a situação precária na qual o mundo se encontra. Notei que este era o momento de trazer informações sobre possíveis formas de aplicar a nova Biologia e as mais recentes descobertas da ciência para resolver problemas atuais. Neste livro, meu foco é a Biologia, as crenças e o comportamento humano. Meu amigo Steve Bhaerman, por sua vez, oferece subsídios à compreensão de como a estrutura social, a política e a economia afetam a estrutura biológica, o que torna a mensagem do livro ainda mais clara e completa.

Steve: Atuo como comediante há 22 anos, sob o pseudônimo Swami Beyondananda*, o cômico cósmico. O humor é um meio excelente de dizer a verdade, porque é capaz de burlar as defesas da mente, levando informações e perspectivas que seriam ignoradas ou bloqueadas em outras circunstâncias. Antes de assumir o papel de Swami, no entanto, minha primeira “encarnação” profissional foi na área de ciências políticas e ativismo social, durante os anos 1960. Ajudei a montar uma escola alternativa em Washington, para estudantes que haviam crescido sob as

regras do ensino tradicional. Eram tempos incríveis, em que novas ideias surgiam e eram testadas. Porém observei, com bastante pesar, que os testes mais importantes (aqueles que nos permitiriam realizar de fato os conceitos postulados) não aconteciam. Houve, por exemplo, uma reunião com o especialista mais renomado na área de vivência em comunidade. No entanto, logo ficou claro que ele era o tipo de pessoa com quem ninguém conseguiria conviver.

Cheguei à conclusão de que realizar meus ideais, sem embasamento, seria impossível. Eu não tinha a menor ideia de como fazê-lo. Por esse motivo, acabei me jogando de cabeça nos estudos. Embarquei em uma viagem de 25 anos pelo mundo da psicologia, do desenvolvimento pessoal, da meditação e da espiritualidade. Nos últimos sete anos, surgiu a necessidade cada vez maior de escrever o que aprendi e publicar um livro. O título seria algo do tipo *A política tem cura*. Porém, quando conheci Bruce, achei que poderíamos fazer isso juntos. E ele aceitou.

Bruce: No mundo da medicina não é raro encontrarmos pacientes terminais, desenganados. Então algo acontece, e esse indivíduo apresenta uma mudança fundamental em suas crenças (programações do subconsciente), a qual se expressa no corpo físico através do que chamamos de remissão espontânea. Num momento, ele é um paciente terminal, no outro, totalmente livre da doença. É um fenômeno relativamente comum, que surpreende a maioria dos médicos, mas todos têm consciência de que o fenômeno existe.

A Terra e a biosfera (que inclui cada um de nós) é um sistema de vida integrado. Enquanto o sistema parece entrar em colapso, o próprio planeta é capaz de expressar uma remissão espontânea. Para facilitar esse processo, é necessária uma mudança fundamental de consciência a respeito de quem realmente somos. Abordamos o conceito de remissão espontânea neste livro por acreditarmos que as novas descobertas da ciência devem alterar radicalmente as crenças coletivas em relação à Vida. Para ajudar na cura e

na recuperação do planeta, reunimos todas as informações técnicas e criamos uma história promissora sobre o provável futuro da humanidade. *Evolução espontânea* é a união de conceitos das inovações científicas e do conhecimento milenar da humanidade com o objetivo de mostrar que temos força e capacidade de potencializar nossa evolução.

Segundo a teoria de Darwin, a evolução é um processo lento e gradual no qual milhões de anos são necessários para que as transformações das espécies se manifestem ou sejam observadas. As novas descobertas da ciência, por outro lado, mostram que evolução consiste em longos períodos de imobilidade interrompidos por repentinos e dramáticos cataclismos.* Esses cataclismos são responsáveis por modificações no curso da evolução e surgimento de novas formas de vida.

Nossa civilização passa por um momento de desorganização e desintegração. Precisamos urgentemente de desenvolvimento e não temos tempo para um processo lento e gradual. Curiosamente, em meio à crise que vivemos, a humanidade parece estar perto de um cataclismo transformador.

Steve: Talvez a questão mais insistente seja: será que se trata mesmo de um cataclismo? De uma transformação? Ou será só mais uma fase depois de uma crise? Todos estão conscientes de que algo está acontecendo. A diminuição dos recursos naturais, as mudanças climáticas e a explosão demográfica são temas frequentemente expostos. As religiões anunciam o fim dos tempos, o fatídico dia do Juízo Final e a ameaça da destruição derradeira.

Ao mesmo tempo, a humanidade está cada vez mais conectada. A demonstração óbvia é o advento da Internet, que nos permite enviar e receber mensagens de qualquer parte do mundo com a velocidade da luz. Essa forma de comunicação transformou o planeta em uma aldeia. Tudo está relacionado e emaranhado. Parece que a ciência escalou a montanha inteira do conhecimento só para encontrar Buda sentado no topo.

Aliando o conhecimento científico de Bruce ao meu conhecimento de ciências políticas, notamos que as descobertas da ciência moderna e os antigos ensinamentos dos grandes líderes espirituais convergem para o mesmo ponto: este é um mundo de relacionamentos. Ninguém consegue ficar de fora. Estamos todos implicados nisso. E, claro, compreendemos que os velhos padrões de pensamento e de visão de mundo não podem mais nos ajudar a caminhar. Nossa sobrevivência está em jogo. Precisamos urgentemente de um novo paradigma. Precisamos de evolução espontânea. Foi por isso que escrevemos este livro.

* Brincadeira com palavras em inglês e indiano, que remete ao sentido de “o Swami que vai além”.
(Nota da Tradutora)

* Teoria da evolução por patamares, a qual diz que a evolução não é uma reta ascendente, mas platôs interrompidos por saltos verticais, levando a um novo platô por mais um período.

INTRODUÇÃO

Uma história de amor universal

Esta é uma história de amor. Uma história de amor do Universo inteiro: você, eu e cada organismo vivo que existe aqui. O Primeiro Ato aconteceu há bilhões de anos, quando uma onda de luz do sol colidiu com uma partícula de matéria. Essa faísca de amor entre Pai Sol e Mãe Terra deu origem a um novo ser sobre a superfície da esfera azul-esverdeada. A pequena criança chamada *vida* adotou a Terra como *playground* e, desde então, multiplicou-se em uma variedade infinita de formas magníficas. Algumas estão conosco hoje, porém muitas foram extintas e não chegaremos a conhecê-las.

A cortina se ergueu no Segundo Ato desta história de amor, há 700 milhões de anos, quando certos organismos unicelulares decidiram transformar aquela vida solitária. Voltaram-se aos outros e disseram (em uma daquelas línguas primitivas que as células falam):

– Ei, preciso do seu amor.

E assim surgiu o primeiro organismo multicelular.

O Terceiro Ato teve início há mais de um milhão de anos, quando os organismos multicelulares evoluíram para o primeiro ser humano consciente. Com o advento da consciência, a vida se tornou capaz de observar a si mesma, de refletir e criar o próprio futuro. Poderia experimentar o amor e a alegria, rir de si mesma, e, eventualmente, escrever livros, como este que você tem em mãos.

O Quarto Ato apresenta a evolução dos *clãs humanos*, estes que juntaram forças, organizando nações ao redor do planeta. Neste momento, nos aproximamos do final desse ato, imaginando se a história acaba aqui, como acontece nas tragédias gregas, em que sempre há um final trágico.

Observando este mundo caótico: falhas humanas de toda a sorte e a situação crítica do meio ambiente, parece que nos dirigimos a um desastre inevitável. Felizmente, os gregos também tinham obras de cinco atos, comédias cheias de alegria e amor.

Evolução espontânea é uma história que mostra como transitar com segurança do quarto ao Quinto Ato. A boa notícia é que a Biologia e a evolução estão ao nosso lado.

Há um instinto inato de sobrevivência em todos os organismos. Esse instinto é chamado pela ciência de *imperativo biológico*. Ao contrário do que afirmam a religião e a ciência convencional, a evolução não é aleatória ou predeterminada, mas uma interação inteligente (semelhante a uma dança) do organismo com o meio onde vive. Quando as condições são ideais, seja em um momento de crise ou de uma oportunidade, algo imprevisível ocorre para reequilibrar a biosfera e estabelecer um nível mais alto de coerência. Podemos considerar curas milagrosas os casos de *remissão espontânea*, porém, se analisarmos em detalhe o fenômeno, veremos que existe algo mais. Em geral, os pacientes “sortudos” colaboram ativamente com a própria cura, consciente ou inconscientemente, por meio de uma chave: mudanças significativas em suas crenças e comportamentos.

Bem, temos uma boa e uma má notícia. A história da vida humana na Terra ainda não está concluída. A existência ou não de um Quinto Ato depende de quanto os seres humanos estão dispostos a transformar pensamentos e ações, individuais e coletivos, e tudo isso em tempo hábil. Há milênios nossos mestres espirituais apontam na direção do amor. Agora a ciência confirma a sabedoria antiga. Somos todos células de um superorganismo em desenvolvimento: a humanidade. Porque nós temos o livre-arbítrio, podemos escolher atingir o nível mais alto da evolução ou – como os dinossauros – cair na extinção.

Todas as religiões que surgiram em torno do berço da civilização, o Crescente Fértil (região do Oriente Médio que atualmente engloba os países

de Israel, Cisjordânia e partes da Síria, Líbano, Egito, Turquia, Irã e o Iraque – país, ironicamente, à beira de se tornar a cova da humanidade), têm a crença na redenção por meio de um salvador. Bem, podemos imaginar algo desse tipo, a vinda do Messias no Quinto Ato, e transformar a história da vida em uma comédia humana.

Toda comédia tem boas piadas, então aqui vai uma: nós mesmos somos a resposta às nossas preces.

O RENASCER DA FÊNIX

Em nossa época, muita gente aponta indícios de uma involução da humanidade. No entanto, trata-se de um foco míope, e essa forma distorcida de ver as coisas só nos afasta da Luz sempre presente na escuridão. Essa Luz pode ser chamada de amor ou de conhecimento. Seja como for, sua chama se expande a cada dia, e revela que a civilização está em pleno processo de renascimento, à medida que os antigos conceitos de vida têm ruído, dando lugar a uma nova mentalidade.

Esse padrão de evolução lembra a história da Fênix, pássaro sagrado da mitologia egípcia. Ao final da vida, Fênix constrói um ninho de galhos, entra nele, ateia fogo e se incendeia. De suas cinzas, surge uma nova Fênix, fadada a seguir o mesmo ciclo de vida.

Uma versão moderna desse mito é o filme *O voo da Fênix*, exemplo épico de conflito, solução, desafios e mudança. A história se inicia quando um grupo de exploração de petróleo sai de seu posto de trabalho no Deserto do Saara. Encontram um homem que lhes pede carona, e todos partem em um avião bimotor de carga. Mas o avião entra em pane e cai no meio do deserto, enquanto um grupo de nômades assassinos segue a trilha dos destroços e vai em direção a eles. Como acontece na vida real, inicia-se uma luta de poder dentro do grupo. Quem vencerá: os mais fortes ou aqueles que detêm o poder? No final, ninguém vence. As disputas se tornam tão intensas que começam a colocar em risco a situação, já trágica, do grupo, e eles se

veem forçados a traçar um plano. Nesse instante, o estranho que pedira carona diz que é engenheiro de aeronaves e apresenta uma ideia aparentemente absurda: construir um pequeno avião com as peças do avião destruído. Sem outra opção em vista, o grupo aceita a ideia maluca, e todos se unem para realizar o que parece impossível. Ao final, em típico estilo Hollywoodiano, o avião improvisado levanta voo em meio a rajadas de tiros dos nômades, que já se aproximavam, e o grupo consegue escapar com segurança.

A narrativa sobre uma estrutura em destruição de repente salva por algo ou alguém é bastante conhecida e se repete o tempo todo em nossa biosfera. A vida é um estado perpétuo de recriação.

DESTINO HUMANIFESTO

Se parece difícil imaginar que podemos sair da crise e ter um mundo melhor e mais pacífico, vejamos a história de outro mundo em fase de mudanças. Imagine que você é uma célula entre milhões de outras que compõem o corpo de uma lagarta em desenvolvimento. A estrutura ao seu redor funciona perfeitamente, como um relógio suíço, e, em seu mundo de lagarta, tudo transcorre como o previsto. Mas, um dia, este mundo começa a sacudir como se estivesse em um grande terremoto. O sistema todo parece entrar em colapso. Células começam a se suicidar. A sensação é de morte e de destruição. Porém, no meio da população que está morrendo, um novo tipo de célula começa a surgir: as *células imaginais* (células ávidas por mudanças, cujas mentes ativam a imaginação para materializar uma nova realidade). Elas se reúnem e desenvolvem um plano de criação de uma estrutura nova a partir do que restou da estrutura anterior. Então, das ruínas surge uma grande máquina voadora, uma borboleta, que permite às células sobreviventes escapar das cinzas e conhecer um mundo maravilhoso, muito além da imaginação. E o mais interessante da história: a lagarta e a borboleta têm exatamente o mesmo DNA. São o mesmo organismo, porém

recebem e respondem a sinais diferentes de organização.* Este é o ponto em que nos encontramos hoje. O jornal e a televisão mostram as notícias e o dia a dia do mundo da lagarta, mas em toda parte já se notam células humanas imaginais despertando para uma nova realidade. Elas reúnem, se comunicam e trocam um novo tipo de sinal de amor.

Quando dizemos amor, não estamos nos referindo àquele sentimento pegajoso e piegas, mas a um grande aglutinador vibracional que ajudará a construir a nova e maravilhosa máquina voadora da humanidade, ajudará a manifestar nosso destino, ou melhor, a transformar em realidade nosso “destino humanifesto”. Nós mesmos podemos ser algumas dessas células imaginais que vieram para contribuir para o nascimento dessa nova versão do mundo. Toda essa realidade pode não ser tão evidente ainda, mas o futuro está em nossas mãos. E, para garantir que ele seja bom, o primeiro passo é descobrir quem nós realmente somos. Se pudermos compreender a maneira como nossa programação interna controla nossas vidas e conseguirmos modificá-la, seremos capazes de reescrever nosso destino.

Evolução espontânea foi escrito para dar à humanidade a notícia de que um maravilhoso milagre está prestes a ocorrer neste planeta, se estivermos dispostos a aceitar a responsabilidade de cuidar de nosso grande Jardim, em vez de simplesmente lutarmos contra as pragas que surgem nele. Quando uma massa crítica, ou seja, um número maior de pessoas, começar a acreditar na nova realidade, passará a viver nela, e o mundo será capaz de emergir da escuridão e iniciar sua *evolução espontânea*.

Ao terminar a leitura deste livro, esperamos que você tenha uma ideia mais clara sobre a questão da programação da mente, tenha aprendido a conhecer melhor a si mesmo e esteja aberto a novas possibilidades. E o mais importante: que esteja mais consciente de que todos podemos modificar nossa programação e a de nossa civilização para criar o mundo com o qual sempre sonhamos.

BRUCE H. LIPTON, PH.D., E STEVE BHAERMAN

* Nosso corpo também pode, por meio dos mesmos genes, se expressar de milhares de formas diferentes dependendo das informações do meio que atingem nossas células. Com o final do Projeto Genoma, descobriu-se que expressamos menos de 2% das informações de nosso DNA. Imagine o potencial latente para diferentes manifestações... Isso será mais detalhado adiante, onde veremos como surgiu a ideia do determinismo genético e a importância de não se prender a esse falso conceito.

PRÓLOGO

Remissão Espontânea

"Tenho boas notícias. Haverá, finalmente, paz na Terra...
Só espero que os seres humanos estejam aqui para usufruir dela."

SWAMI BEYONDANANDA

Parafraseando um revolucionário norte-americano chamado Tom Paine, estamos em tempos de provações da alma. Problemas e disfunções mentais se tornam algo cada vez mais comum. Antes, o conceito de viver em sanidade significava se afastar da agitação dos grandes centros e ir para um retiro nas montanhas ou para uma ilha deserta. Hoje não existe lugar totalmente isolado ou seguro. Lixo tóxico se espalha pela água e polui mesmo as praias mais distantes. O ar que respiramos e a água que bebemos fazem parte de um frágil e interligado ecossistema. Mas o "egossistema" humano não está preparado para lidar com as inconveniências da realidade. Albert Einstein dizia que um problema não pode ser resolvido com o mesmo padrão de raciocínio do momento em que ele foi criado. É uma verdade incontestável, principalmente nos dias de hoje, quando a nossa noção de realidade parece abalada. Jamais resolveremos nossos problemas se continuarmos agindo conforme sempre agimos. Armas não trazem paz. Presídios não diminuem índices de criminalidade. Medicina mais cara não deixa as pessoas mais saudáveis. E doses maciças de informação não nos tornam mais sábios. Para não manter o foco na crise em que vivemos, somos convenientemente encorajados a viver distraídos entre informações e vícios diversos, que nos tornam passivos e preocupados com detalhes insignificantes. Mas a realidade não deixa de existir. Todos os

acontecimentos no mundo aparentemente se encaminham a uma inexorável crise de proporções incalculáveis. Quem tem filhos e netos começa a se preocupar com o tipo de mundo que deixará para eles.

O chamado *Doomsday Clock* (relógio do Juízo Final), mecanismo fictício usado para medir o perigo de um holocausto nuclear, criado pelo *Bulletin of Atomic Scientists* – grupo de cientistas norte-americanos – desde que a primeira bomba atômica foi lançada, em 1945, foi ajustado, em 2007, para 23h55, bem próximo da meia-noite, que simboliza o fim do mundo. Foi a medição mais pessimista desde 1953, quando a União Soviética explodiu a primeira bomba de hidrogênio. Esse avanço nos ponteiros do fatídico relógio reflete não apenas o perigo de uma guerra nuclear, mas também a ameaça à nossa espécie por meio da deterioração da biosfera, dos oceanos e da mudança do clima do planeta, algo que Martin Rees, presidente da *Royal Society*, nos Estados Unidos, chama de “ameaça sem inimigos”. Mas o pior inimigo de hoje é a mentalidade falsa, egoísta e obsoleta de instituições que objetivam meramente o benefício próprio. As notícias de que o impacto do aquecimento global se iniciou antes do que se esperava, aliadas à intransigência de um sistema que se recusa a aceitar mudanças, levam a crer que o mundo vai mesmo precisar de um milagre para se recuperar. E esse milagre depende da remissão espontânea de um planeta em estado terminal.

Porém, após muitos estudos e análise de renomados cientistas, anunciamos, para a alegria de todos, que há uma luz no fim do túnel. Aqueles que estiverem dispostos a se unir e a lutar poderão transformar a crise em oportunidade. A remissão espontânea de que precisamos parece vinculada a uma revisão, também espontânea, da missão da humanidade. É preciso mudar a ideia de prioridade de sobrevivência do indivíduo em detrimento da sobrevivência da espécie. Essa é nossa verdadeira missão evolucionária; nossa ordem biológica e imperativa. Para se modificar esses valores, é preciso que todos, individual e coletivamente, reexaminem muitas das ditas “verdades” aceitas sem questionamento. Tudo que não se ajusta à

realidade precisa ser reavaliado, para que um novo padrão de consciência se torne parte do nosso estilo de vida. Uma vez que se compreenda o que a ciência tem descoberto sobre quem realmente somos, as estruturas que nos impedem de acessar esse conhecimento cairão, e uma nova verdade se apresentará. Nosso intuito é que *Evolução espontânea* preencha a lacuna entre o que já sabemos e o que precisamos saber para alcançar uma remissão espontânea no mundo. Ironicamente, algumas das novas descobertas científicas estão muito além daquilo que chamamos de conhecimento convencional, e será difícil conviver com suas implicações. Se você também acha que a realidade tem andado estranha e diferente, bem vindo ao clube. Fique de olhos abertos e segure-se bem, porque ainda viveremos neste planeta as experiências mais malucas que se pode imaginar. Quando nos conscientizarmos de nosso papel: células do imenso organismo da humanidade, vivenciando o momento que pode ser o mais importante da história do planeta, veremos uma nova ordem emergir espontaneamente em meio ao caos. Como sabemos disso? A ciência nos mostra. É mesmo? Se essa nova realidade está tão próxima, por que as coisas parecem estar cada vez mais caóticas e desconexas? A resposta é que essas crises são meros sintomas. É a maneira que a Natureza tem de nos mostrar que nossa civilização está ultrapassando os limites da resistência da biosfera e precisa mudar seu estilo de vida se quiser continuar a existir. Sabemos que as coisas não podem continuar como estão e ficamos frustrados por achar que não há saída. Mas o mais interessante é que o caminho a seguir não é linear. É um nível de consciência que precisa ser atingido por uma massa crítica da população. Será uma incrível sensação de êxtase coletivo, mas ninguém vai sair voando. Podemos ficar aqui mesmo, na Terra, e aqui mesmo ter a sensação de paraíso. Você pode dizer: “Puxa, esse negócio de evolução espontânea parece ótimo. Mas quem garante que vai mesmo acontecer?” É exatamente aí que este livro começa: para falar sobre essa evolução e como ela se processa.

ESTÁ NA HORA DE EVOLUIR A EVOLUÇÃO

O principal argumento para justificar o conceito de evolução é, se me permite a expressão, um monte de m..., isto é, um conjunto de crenças. Temos dois conjuntos de crenças tão distintos que parecem dois cães de briga a latir um para o outro. E tão alto que nos ensurdecem e não nos deixam raciocinar. De um lado, os cientistas materialistas, que insistem em dizer que viemos parar aqui por mero acaso. Seu argumento é tão plausível quanto aquele de que um número infinito de macacos brincando de apertar as teclas em um número infinito de máquinas de escrever produziria algo do mesmo nível das obras de Shakespeare.

De outro lado, os religiosos fundamentalistas, que insistem que Deus criou o mundo exatamente como descreve a Bíblia. Alguns chegam a acreditar que a Criação se iniciou precisamente às 8 horas de 23 de outubro de 4004 a.C.

Pode-se imaginar que os dois grupos estejam equivocados, mas, paradoxalmente, quando as duas teorias são colocadas lado a lado, acabam apontando na direção certa. A ciência já tem como afirmar que a Criação não se deu em sete dias e também que, sem dúvida alguma, ela não aconteceu de maneira aleatória. Graças à nova ciência da *Matemática Fractal*, sabemos que padrões inteligentes se repetem em todas as manifestações da Natureza. Conforme veremos, usando esses padrões universais para medir e avaliar a situação da civilização humana, é possível perceber que a evolução da espécie segue em direção a um futuro positivo e seguro. Claro, neste momento você ainda deve estar pensando: “Mas se o futuro parece tão promissor, por que tudo está tão bagunçado?” Vamos descrever adiante o *equilíbrio pontuado* e a maneira pela qual as crises impulsionam a evolução. E também como longos períodos de estabilidade podem ser pontuados por mudanças radicais e imprevisíveis. Essas mudanças, que frequentemente envolvem extinção em massa, promovem uma evolução rápida e geram uma abundância de espécies novas. Os

desafios e dificuldades enfrentados atualmente são, na verdade, sinais de uma mudança espontânea iminente. Estamos à beira de um grande passo em nosso processo evolutivo. Como esses avanços devem ocorrer? Nossa jornada é semelhante àquela das células da lagarta que se transforma em borboleta. Ao tomar consciência da nova realidade, a população celular em destruição se une e trabalha para reestruturar a ordem social, preparando-se para um novo nível de existência. Usamos o exemplo da metamorfose para ilustrar a situação, mas existe uma diferença: enquanto a lagarta inevitavelmente se transformará em borboleta, o sucesso de nossa evolução não é garantido. Embora a Natureza se encaminhe para essa maravilhosa possibilidade, nada vai acontecer sem nossa participação direta. Somos cocriadores conscientes da evolução da vida. Temos livre-arbítrio e temos escolhas. Nosso sucesso depende dessas escolhas, e essas escolhas dependem de nossa consciência.

A boa notícia é que já estamos em um outro nível evolucionário. Acreditamos que ele tenha se iniciado com um evento que mudou radicalmente a percepção de nossa civilização. As primeiras fotos da Terra, tiradas do Espaço em 1969, confirmaram o que os líderes espirituais afirmavam há séculos: o mundo é um só. Uma simples imagem pode expressar muitas palavras, mas o valor da fotografia da Terra, tirada em 10 de janeiro de 1969, capa da revista *Life*, é incalculável. Ficou gravada na mente das pessoas não apenas a beleza de nosso precioso planeta azul-esverdeado, mas também seu pequeno tamanho, comparado ao do Universo, e sua fragilidade. A antropóloga Margaret Mead descreveu a foto como “a imagem mais preocupante já registrada. Nosso amado planeta a flutuar no vasto mar negro do Espaço, tão belo, e, ao mesmo tempo, tragicamente frágil. E totalmente dependente de tantas pessoas em todos os países”. A imagem inspirou o visionário norte-americano John McConnell a criar a Bandeira da Terra, em 1969. E gerou também uma preocupação em relação ao futuro planetário. Como consequência, foi criada a primeira lei

ambiental dos Estados Unidos, nos anos 1970. Mas o que aconteceu? Por que parecemos regredir tanto mesmo depois disso? Apesar de as células imaginais do mundo terem sido ativadas pela nova consciência, o corpo global da humanidade ainda é uma lagarta, e, naturalmente, se sente ameaçado e resiste. É esse paradigma de luta que mantém a energia do mundo no nível em que está.

Para garantir nosso futuro, precisamos nos conscientizar de quem realmente somos. Se formos capazes de entender que nossa programação controla nossa vida e o que podemos fazer para modifica-la, poderemos reescrever nosso destino. *Evolução espontânea* veio para ajudar nesse processo. Esperamos que este livro traga informações, inspiração e estímulo a todos os leitores que buscam um mundo mais saudável, pacífico e autossustentável.

PARTE I

E se tudo que sabemos até hoje
estiver errado?

“A melhor maneira de enfrentar o que não se sabe é não saber.”

SWAMI BEYONDANANDA

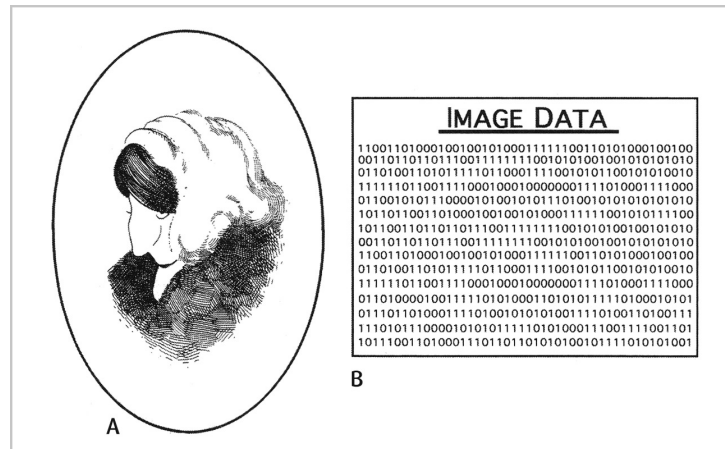
Observe o céu em uma noite bem escura, sem lua, e verá centenas de pontos de luz. Cada um deles é uma gigantesca estrela no Universo, que também é tão imenso que nem dá para imaginar seu tamanho. As estrelas que vemos podem nem existir mais. Podem ter se incinerado e se transformado em poeira há centenas de anos. Porém, como estão a anos-luz de distância da Terra, a luz que emitiam durante sua existência ainda é visível e serve, por exemplo, como orientação os marinheiros.

Agora olhe para o chão e para o mundo ao redor e reflita: “é possível que o nosso destino seja o mesmo das estrelas? E se todo nosso sistema de crenças sobre a vida estiver errado?”

Aparentemente, não há motivo para questionarmos a vida que temos. Afinal, mais do que nunca, geramos, compartilhamos e absorvemos uma quantidade enorme de informações científicas, por meio de livros, CDs, DVDs, rádio, televisão e Internet. Mas a informação, isoladamente, não basta. Conteúdo bom em contexto errado, além de inútil, nos tira do foco e pode até ser perigoso. Imagine o capitão de um navio que vê um adiante um ponto iluminado em sua rota e, julgando ser outro navio, solicita pelo rádio que este mude de curso, para poder continuar sem desvios, pois se trata de uma noite escura. Do outro lado, também pelo rádio, uma voz responde que o capitão é quem deve mudar de curso. Mas ele insiste e usa sua voz de comando, exigindo que o suposto barco saia da frente e o deixe passar. A voz do outro lado responde:

– Capitão, estamos em um farol.

A rota que escolhemos depende de nossa perspectiva.



Este simples exemplo ilustra nossa explicação.

Na figura A, você pode ver tanto uma bruxa quanto uma jovem (pode demorar alguns segundos até você distinguir as duas). A figura B é um código binário da figura A. Enquanto as informações da figura B podem definir cientificamente o conteúdo da figura A, o fato de você estar vendo uma imagem ou a outra não está necessariamente vinculado ao código de informações, mas sim à sua interpretação e à sua percepção enquanto observador. A mensagem é simples: uma informação científica pode descrever duas formas completamente diferentes de percepção. Quando nos deixamos levar por uma delas, passamos a vê-la como única realidade e ignoramos as outras.

Nós, indivíduos e sociedade, navegamos em um mar de percepções filosóficas antiquadas e carentes de prova científica. Assim como a luz das estrelas que já não existem mais, ainda não sabemos que nossas teorias já caducaram. Como o farol na noite escura, novas fontes de luz surgem a todo instante para nos guiar em uma nova direção. Cabe a nós observá-las adequadamente. Em nosso tempo o processo evolutivo da humanidade se encontra em um ponto crucial. Os velhos paradigmas e a nova consciência lutam para coexistir. Estamos atrelados, por hábitos e tradições, a uma visão ultrapassada do Universo. Ao mesmo tempo, há dentro de nós a semente de uma visão otimista da vida.

Para entender a situação delicada de hoje, devemos voltar 500 anos no tempo, quando o astrônomo Nicolau Copérnico olhou para o céu, de dentro da torre de uma catedral, e fez uma importante descoberta. Ao contrário da crença da época, de que a Terra seria o centro do Universo, Copérnico descobriu que nosso planeta dá um giro completo sobre seu eixo a cada 24 horas, e também ao redor do Sol, a cada ano. Os líderes religiosos consideraram sua ideia uma blasfêmia. Preferiram continuar apegados às antigas crenças. Revoltaram-se a tal ponto que obrigaram Galileu, 90 anos depois, mediante ameaça de morte, a renunciar à teoria de Copérnico, e o encarceraram pelo resto da vida. Contudo, ironicamente, os mesmos líderes religiosos adotaram as fórmulas matemáticas de Copérnico para corrigir as discrepâncias em seus calendários. Galileu é um exemplo de como a humanidade leva tempo para aceitar grandes mudanças. Um século se passou desde que Einstein provou matematicamente que tudo no Universo é composto de energia e interligado. No entanto, a grande maioria das pessoas ainda vive segundo os ultrapassados princípios da Física newtoniana, segundo a qual o mundo é um mecanismo físico movido por uma série de ações e reações de causa e efeito. As nações que utilizaram a Teoria da Relatividade de Einstein para construir armas atômicas (da mesma maneira que a Igreja utilizou os cálculos de Copérnico para corrigir seu calendário) ignoraram as graves consequências de um bombardeio desse tipo, ainda que em uma pequena área do planeta. Nossa facilidade de captar conceitos e informações de maneira incorreta, e de distorcê-los, nos distanciou da Natureza de tal maneira que quase todas as nossas atividades atuais representam uma ameaça à vida. Ficamos alarmados com as notícias sobre homens-bomba no Oriente Médio, mas não paramos para pensar que a raça humana inteira se tornou uma bomba-relógio. Estudos científicos provam, cada vez mais, que a ganância humana e a poluição têm causado a maior extinção em massa desde a época dos dinossauros, 65 milhões de anos atrás. Se continuarmos nesse ritmo, metade das espécies que existem hoje estarão

extintas antes do final do século.¹ Nossa rotina diária continuará a mesma sem os leões que habitam o Serengeti (afinal, se quisermos ver leões basta ir ao zoológico, certo?), mas a cadeia alimentar do globo não será mais a mesma. Há um alarme implícito nessa extinção de animais e plantas, aparentemente lenta: ela também ocorre de maneira iminente em nossa raça. A humanidade moderna se orgulha de seu conhecimento sobre o Universo e sobre a vida. Somos a população mais bem educada e informada da história. Realmente, sabemos muito. Mas o que fazemos com toda essa informação? Temos toda a informação do mundo, mas a crise que enfrentamos mostra que não temos tanto conhecimento. O problema não é a informação em si, mas a maneira como a interpretamos.

Conforme mostra a ilustração, o mesmo dado pode servir para interpretar duas imagens completamente diferentes. Quando se trata de entender a natureza da vida, nossa interpretação pode representar a vida ou a morte da civilização. A ciência recente, que abordamos neste livro, oferece uma nova maneira de observar os dados científicos e questiona a percepção convencional. René Descartes dizia que devemos duvidar de tudo. Bem, é o momento de começarmos a fazer isso. Nem tudo o que sabemos é errado, mas agora é o momento de rever todo o nosso conhecimento.

Na Parte I de *Evolução espontânea* apresentamos algumas conclusões por meio de uma descrição biológica. Estabelecemos o relacionamento entre a crença e a Biologia e descrevemos o modo pelo qual a interação desses dois aspectos cria nossa realidade.

No Capítulo 1, brincaremos com os clichês. Descrevemos ali a maneira como as células processam informação e também os processos biológicos que convertem percepções em crenças e aparência de realidade. Há evidências irrefutáveis de que a mente é quem de fato controla a matéria. Mostramos, em nível celular, como e por que a vida funciona dessa forma.

No Capítulo 2, explicaremos como a programação subconsciente pode sabotar nossos mais elaborados planos. Ao delinear a história evolutiva da mente, demonstraremos que o ser humano é, ao mesmo tempo, totalmente inocente e totalmente responsável pelos próprios atos!

No Capítulo 3, vamos deixar a Biologia um pouco de lado e falar um pouco sobre filosofia, para mostrar de que maneira história que usamos para explicar a realidade controla nossa percepção e, conseqüentemente, nosso comportamento. Descrevemos como as civilizações se desenvolveram ao longo dos séculos e como os novos paradigmas influenciaram o mundo visto e criado por nossos ancestrais, e também o que vemos e criamos hoje. Ao nos colocarmos em posição diferente em relação a essas “histórias”, vemos que elas são meras histórias, e é possível modificá-las. O final escolhido para elas pode mudar totalmente nosso destino. Quando observamos o mundo sob uma perspectiva diferente, fora do escopo das “crenças inquestionáveis”, começamos a ver que outras narrativas podem surgir e transformar as tragédias do Quarto Ato em um Quinto Ato bem mais leve e feliz.

No Capítulo 4, iremos abordar os princípios e práticas que influenciaram a Declaração de Independência Norte-Americana e se aplicam a este momento, em termos evolutivos.

Não se trata de discurso patriótico para enaltecer a América do Norte, mas de um ato de reconhecimento das verdades visionárias de que “todos os homens [e mulheres] são criados de maneira igual (...) e recebem de seu Criador direitos inalienáveis (...) à Vida, à Liberdade e o direito de buscar a Felicidade”. Essas verdades, que ainda não foram totalmente colocadas em prática nos Estados Unidos, são uma joia preciosa e um presente para o mundo inteiro; presente que teve origem entre as tribos de índios nativos do continente.

A Parte I deste livro traz certo alívio, pois explica o que há de errado com o mundo e ajuda a criar uma nova história para todos, com final feliz. Quando entendermos que a filosofia da nossa cultura e nossa percepção

individual são, na verdade, *direitos adquiridos* que determinam não apenas nossa estrutura biológica, mas também a do espaço onde vivemos, daremos um grande salto evolutivo tanto em nível pessoal quanto planetário. Deixaremos de ser meras vítimas e poderemos finalmente nos tornar cocriadores e arquitetos desse admirável e maravilhoso mundo novo.

CAPÍTULO 1

Crer para ver

“Não precisamos poupar os recursos do mundo.

Basta aprender a usá-los com sabedoria.”*

SWAMI BEYONDANANDA

De uma forma ou de outra, todos queremos consertar o mundo, tendo ou não consciência disso. Em nível consciente, desejamos salvar o planeta por razões éticas ou altruístas. Em nível inconsciente, nossa motivação vem de uma programação de comportamento chamada *imperativo biológico*, que é o instinto de sobrevivência. Sabemos que, se o planeta perecer, morreremos. Por isso, armados de boa intenção, observamos o espaço ao nosso redor e perguntamos: “Por onde eu começo?”

Terrorismo, genocídio, pobreza, aquecimento global, doenças, fome... chega! A cada crise, o desespero aumenta e nos sentimos impotentes diante da magnitude da ameaça. Pensamos: “Sou apenas um. O que posso fazer para melhorar as coisas?”

Quando pensamos na dificuldade da missão e em como somos pequenos diante da enormidade do planeta, nos sentimos incapazes e frustrados. Consciente ou inconscientemente, a maioria de nós aceita sua condição de fragilidade em um mundo desgovernado. Vemos a nós mesmos como meros mortais tentando sobreviver. A maioria das pessoas acaba suplicando a Deus que resolva seus problemas. A imagem de um Deus ensurdecido pelas eternas lamentações que emanam da Terra é descrita com bom humor no filme *O Todo Poderoso*, em que o ator Jim Carrey interpreta a personagem Bruce, um homem que assume o lugar de Deus enquanto Ele

está em férias. Paralisado pela quantidade de preces que ouve constantemente, Bruce resolve transformá-las em recados adesivos amarelos e acaba soterrado sob imensa pilha de papel.

Muitos afirmam viver de acordo com a Bíblia, mas a sensação de fragilidade é tão grande que mesmo aqueles que têm mais fé parecem cegos às frequentes referências das Escrituras que tanto enaltecem nossos poderes. A Bíblia contém instruções específicas a respeito de a não se entregar ao desespero: “(...) se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar, e nada vos será impossível.¹ É realmente um grão de mostarda difícil de engolir. Só precisamos de fé, mais nada? Sei...

Mas, voltando ao assunto, com todas essas instruções divinas em mãos, ainda nos perguntaremos: “Impotência e fragilidade são o reflexo das habilidades humanas?”. Os avanços da Biologia e da Física nos oferecem uma alternativa formidável: nossa sensação de impotência é resultado de *limitações aprendidas*. No entanto, se nos perguntarmos: “Quanto realmente sabemos sobre nós mesmos?”, teremos que perguntar também: “O que já aprendemos sobre nós mesmos?

SERÁ QUE SOMOS REALMENTE TÃO FRÁGEIS QUANTO NOS ENSINARAM A SER?

Em termos de evolução, a verdade “oficial” se encontra nas mãos da ciência materialista. Segundo o *padrão médico* popular, o corpo humano é uma máquina bioquímica controlada por genes, e a mente humana é um “epifenômeno” ilusório, ou seja, uma condição secundária derivada de uma função mecânica do cérebro. É uma maneira pomposa de dizer que o corpo físico é real e que a mente é uma ficção criada pelo cérebro. Até pouco tempo, a Medicina convencional desvinculava a mente do funcionamento do corpo, mas jamais conseguiu lidar bem com o incômodo *efeito placebo*, que demonstra o poder da mente de curar o corpo quando o paciente

acredita firmemente que um medicamento ou procedimento específicos é eficaz, ainda que o remédio seja uma simples pílula de açúcar, sem qualquer efeito farmacêutico comprovado. Os alunos de Medicina aprendem que um terço de todas as doenças pode ser curado como mágica através do efeito placebo.² Porém, quando se aprofundam no estudo e na prática da Medicina tradicional, acabam colocando de lado o valor da atuação da mente na cura, porque ele não se encaixa no fluxograma do paradigma newtoniano. Infelizmente, ao deixar de estimular esse poder, acabam enfraquecendo a força e a vontade dos pacientes. Outro aspecto que também nos desencoraja a explorar os recursos da mente é a aceitação subliminar de uma premissa da teoria de Darwin: a ideia de que a evolução é regida por uma eterna *luta pela sobrevivência*.

Programada com essa percepção, a humanidade se vê diante de uma eterna batalha de vida ou morte, em um mundo extremamente competitivo. O grande poeta Tennyson descreveu esse sangrento pesadelo Darwiniano como: um mundo “de dentes e garras vermelhas”.³ Submersas em um mar de hormônios de estresse provenientes das glândulas suprarrenais, nossas células internas são induzidas a um constante comportamento de luta ou fuga para sobreviver em um ambiente hostil. Durante o dia, lutamos para sobreviver; à noite, damos vazão ao estresse por meio de televisão, álcool, drogas e outras formas de distração em massa. Mas uma pergunta se repete sem parar no fundo de nossa cabeça: “Será que posso ter esperança? Será que os problemas vão diminuir e terei um pouco de paz na semana que vem, no ano que vem ou em algum momento de minha vida?” A resposta parecer ser “não”. Segundo os darwinistas, a vida e a evolução são uma eterna “luta pela sobrevivência”. Como se não bastasse, a defesa em relação aos predadores é só o começo. Os inimigos internos são ainda piores. Germes, vírus, parasitas e, claro, a boa e velha *fast food* ameaçam todos os dias nossos frágeis organismos, sabotando nossa estrutura biológica. Somos desde pequenos programados por nossos pais, professores e médicos para

acreditar que nossas células e nosso organismo são frágeis e vulneráveis. E que nosso corpo é extremamente suscetível a doenças e disfunções genéticas. Como consequência, antecipamos ansiosamente a probabilidade de adoecer, e não é raro ver pessoas que passam boa parte do tempo verificando se não há caroços em seu corpo, mudança de coloração em sua pele, ou qualquer outra anormalidade que indique o fim de seus dias.

SERÁ QUE SERES HUMANOS COMUNS TÊM PODERES DE SUPER-HERÓIS?

Se considerarmos os esforços heroicos para salvar nossas próprias vidas, que chance temos de salvar o mundo? Ao pensar em uma crise mundial, qualquer pessoa treme, sentindo-se insignificante e incapaz de resolver um problema de tamanha proporção. É bem mais fácil e confortável se deixar entreter pela televisão do que participar da realidade. Mas vamos pensar em algumas realidades diferentes:

Queimar ou congelar os pés: Há centenas de anos pessoas de diferentes culturas e religiões repetem a prática de andar sobre o fogo. Segundo o *Guinness World Record*, a pessoa que conseguiu, até hoje, andar mais tempo sobre brasas foi uma canadense de 23 anos, Amanda Dennison, em junho de 2005. Ela caminhou 60 metros sobre brasas com temperatura de aproximadamente 900 graus.⁴ E não foi pulando ou saltitando sobre elas. Seus pés estavam em contato direto com o carvão durante os 30 segundos da caminhada. Muitos acreditam se tratar de um fenômeno paranormal. Os médicos, por sua vez, acreditam se tratar de mera ilusão e afirmam que o carvão pode não conduzir totalmente o calor, ou que os pés da pessoa não chegam a manter tanto contato com as brasas. Mas nenhum deles tem coragem de experimentar. Se o carvão não é tão quente, como se explicam as sérias queimaduras nos pés de algumas pessoas que tentam fazer a experiência por brincadeira? Nosso amigo, o psicólogo e autor, Dr. Lee Pulos, realizou um estudo sobre o fenômeno. Um dia resolveu experimentar

por si mesmo. Arregaçou a barra das calças, esvaziou a mente e caminhou sobre a trilha de carvão em brasa. Ao chegar ao outro lado ficou extasiado quando viu que seus pés não tinham qualquer sinal de queimadura. E se surpreendeu ao desenrolar as pernas das calças, pois ambas estavam chamuscadas. Independentemente da razão física ou metafísica que permite a alguém andar sobre brasas, uma coisa é certa: quem acredita que vai ser queimado sofre queimaduras e quem acredita que vai sair ileso não sofre qualquer dano. Tudo depende daquilo em que se acredita. Quem consegue caminhar sobre as brasas sem se queimar está seguindo uma regra básica da *Física Quântica*: o *observador* (neste caso, “aquele que anda sobre as brasas”) estabelece a realidade. Outro exemplo, que envolve temperaturas opostas, é o da tribo Bakhtiari, da Pérsia, cujos membros conseguem caminhar descalços na neve e no gelo durante dias seguidos na trilha de uma montanha de mais de quatro mil metros de altura. Nos anos 1920, os exploradores Ernest Schoedsack e Merian Cooper criaram o primeiro documentário de longa metragem, um filme ganhador de prêmios intitulado *A batalha de uma nação pela vida*. Essa obra histórica descreve a migração anual dos Bakhtiari, uma raça de nômades que não tinha contato com o mundo moderno. Duas vezes por ano, seguindo uma tradição milenar, mais de 50 mil pessoas e um rebanho de meio milhão de ovelhas, vacas e cabras atravessam rios e montanhas congeladas para chegar a locais de pasto verde. Para levar sua cidade itinerante pela montanha, esses robustos nômades constroem uma verdadeira estrada no gelo que cobre o Zard-Kuh (Montanha Amarela). Ainda bem que eles não sabiam que podiam pegar uma gripe fatal andando descalços na neve!

Seja para queimar ou congelar os pés, a realidade é que nós, seres humanos, não somos tão frágeis quanto imaginamos.

Levantamento de peso “pesado”: Todos conhecemos a prática do levantamento de peso, em que homens e mulheres musculosos erguem pesadíssimas barras de ferro. É um esporte que requer preparação e, muitas

vezes, o uso de esteroides. Mas existe uma forma de esporte semelhante, chamada levantamento de peso total, em que recordistas mundiais masculinos levantam barras de mais de 300 quilos, e femininos, de mais de 200. São eventos fenomenais. Porém há registros de pessoas sem qualquer treino ou preparação que realizam façanhas difíceis de acreditar. Para salvar seu filho, preso sob um Chevrolet 1964, Angela Cavallo levantou e segurou o veículo por quase cinco minutos, enquanto os vizinhos chegavam com um macaco hidráulico para resgatá-lo.⁵ E um trabalhador de construção levantou um helicóptero de mais de 1.300 quilos que caiu em um fosso de escoamento, deixando preso, sob a água, um de seus colegas. A cena foi filmada por uma pessoa que estava perto do local. O rapaz manteve o helicóptero erguido enquanto outros colegas retiravam a vítima dali. Afirmar que tais eventos são efeito de uma descarga descomunal de adrenalina seria bobagem. Ainda assim, como explicar que uma pessoa sem qualquer preparo consiga levantar um peso desses e o mantenha no alto por alguns segundos? Essas histórias são incríveis, porque nem Angela nem o trabalhador de construções teriam como realizar essas façanhas em circunstâncias normais. A ideia de erguer um carro ou um helicóptero parece absurda. No entanto, com a vida de um filho ou de um amigo em risco, essas pessoas, inconscientemente, puseram de lado suas crenças limitadoras e concentraram sua atenção na crença mais importante naquele instante: salvar uma vida!

Tomar veneno: Todos os dias tomamos banho e usamos sabonetes (alguns usam somente sabonetes bactericidas) e esfregamos nossas casas com poderosos produtos de limpeza. Fazemos isso nos protegemos de germes letais.

Para nos lembrar de como somos suscetíveis aos organismos invasivos, a televisão nos bombardeia com propagandas sobre inúmeros produtos de higiene.*

Os centros governamentais de saúde, aliados à mídia, nos informam sobre todas as doenças perigosas, como a última gripe, o HIV e as pragas transmitidas por pernilongos, pássaros e suínos. Por que esses anúncios nos preocupam tanto? Porque fomos condicionados a acreditar que as defesas de nossos corpos são fracas e somos suscetíveis à contaminação por meio de quaisquer substâncias estranhas. Como se não bastassem as ameaças da Natureza, somos ensinados a nos proteger dos subprodutos da civilização humana. Substâncias tóxicas manufaturadas e doses maciças de produtos farmacêuticos são despejados constantemente no ambiente, poluindo cada vez mais.

É claro que todo esse veneno, toxinas e germes podem nos matar. Sabemos disso. Mas há aqueles que não acreditam nessa realidade e vivem bem mesmo assim. Em um artigo que aborda genética e epidemiologia, publicado na revista *Science*, o microbiologista V. J. DiRita afirma: “A epidemiologia moderna se baseia no trabalho de John Snow, um médico inglês que descobriu, por meio de um intenso estudo sobre cólera, que a água poluída é a principal forma de disseminação desse tipo de doença. O estudo da cólera também ajudou no desenvolvimento da bacteriologia moderna. Mais de 40 anos depois da importante descoberta de Snow, Robert Koch desenvolveu a teoria de que os germes causam doenças a partir da identificação da bactéria *Vibrio cholerae* como agente da cólera. A teoria de Koch foi tão questionada que um de seus opositores chegou a tomar um copo de água cheio de *Vibrio cholerae* para provar que o germe é inofensivo. Por razões inexplicáveis, ele não ficou doente, mas também não conseguiu desbancar a teoria”.⁶

O caso do homem que, em 1884, tomou água contaminada com cólera por se recusar a aceitar a opinião médica e não apresentou qualquer sintoma da doença, ficou famoso. Mas por não aceitar contestações, a comunidade médica se uniu para afirmar que ele estava errado! Adoramos esta história. A parte mais interessante é o fato de a ciência ter descartado a experiência

desse homem sem investigar sua aparente imunidade (que provavelmente provinha de sua fé inabalável de estar certo em suas afirmações). Foi muito mais fácil para os cientistas tratá-lo como absoluta exceção do que mudar as regras estabelecidas. No mundo da ciência, uma exceção representa simplesmente algo ainda desconhecido ou não compreendido. Mas alguns dos maiores avanços em termos de descobertas ocorreram justamente em virtude de estudos de exceções.

Comparemos a história da cólera com a desta pesquisa: a dos devotos fundamentalistas da Igreja Pentecostal Livre, na região rural de Kentucky, Tennessee, e de parte da Virgínia e da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Quando em estado de êxtase religioso, esses devotos demonstram a proteção de Deus manipulando cascavéis e outras espécies peçonhentas. E, mesmo sendo picados, não demonstram quaisquer sintomas de intoxicação. Esta é apenas a primeira parte de seu culto. Os devotos levam o conceito de proteção Divina um pouco além. Chegam a ingerir doses letais de estricnina sem serem envenenados.⁷ Misteriozinho difícil para a ciência engolir!

Remissão espontânea: Todos os dias centenas de pacientes escutam: “Os exames confirmam. Lamento. Não há mais o que possamos fazer. O melhor agora é você ir para casa e se preparar”. E assim é a história de muitos pacientes terminais, vítimas de doenças como o câncer. No entanto, alguns deles encontram uma opção diferente e bem mais leve: a remissão espontânea. Um dia estão na cama, esperando a morte. De repente, ficam curados. Sem encontrar explicação plausível para esta realidade estranha mas recorrente, os médicos convencionais preferem afirmar que seu diagnóstico estava errado (apesar de todos os exames mostrarem o contrário). Segundo o Dr. Mehl-Madrone, autor do livro *A medicina da natureza*, a remissão espontânea é normalmente acompanhada de uma “mudança na história de quem a vivencia”.⁸ Muitos se fortalecem com a ideia de que, contra todas as expectativas, podem ser capazes de mudar o próprio destino. Outros simplesmente mudam o estilo de vida, normalmente

estressante, e se permitem relaxar e aproveitar o tempo que lhes resta. Então, em meio a todas as alegrias e à distração de viver o momento, se esquecem da doença, e ela acaba desaparecendo. É a forma mais comum do efeito placebo, e nem é necessário tomar pílulas de açúcar!

Bem, apresentamos uma ideia maluca. Em vez de gastar tanto dinheiro em pesquisas ilusórias sobre genes de prevenção ao câncer e pílulas mágicas capazes de curar sem os danosos efeitos colaterais, que tal dedicar tempo e energia pesquisando a remissão espontânea e outras técnicas reversivas não invasivas associadas ao efeito placebo? Isso seria possível, se as empresas farmacêuticas descobrissem uma maneira de embalar ou estabelecer um preço para o efeito placebo.

SERÁ QUE É CASO DE CIRURGIA? OU BASTA UM SIMPLES LIFTING EM NOSSA FÉ?

As pessoas que já andaram sobre brasas, beberam veneno, ergueram carros com as próprias mãos ou passaram por uma remissão espontânea têm uma característica em comum: a *crença* inabalável de que vão ter sucesso naquilo a que se propuseram. E não usamos o termo “crença” por acaso. Neste livro, “crença” não é algo a ser medido em uma escala de 0 a 100%. Tomar estricnina, por exemplo, não é para alguém do tipo “acho que acredito nisso”. Crença é como gravidez. Você está grávida ou não está. Esta é justamente a parte mais difícil: ou você acredita em algo *de verdade* ou simplesmente não acredita. Não existe meio termo.

Embora muitos cientistas acreditem que as brasas não sejam assim tão quentes, nenhum deles parece disposto a experimentar andar sobre elas. Você pode acreditar em Deus, mas será que tem fé suficiente para crer que Ele o protegerá da morte mesmo que tome veneno? Em outras palavras: como você quer sua estricnina? Pura ou com gelo? Sugerimos que, antes de responder a esta pergunta, você elimine todas as dúvidas que possa ter em relação à sua fé. Se ainda restar 0,000001% de dúvida, é melhor dispensar a

estricnina e pedir outro drinque. E se você acha que os exemplos das pessoas que citamos acima parecem exceções, concordamos. Porém, ainda que se trate de casos raros, a ciência convencional não consegue explicá-los. Mas eles acontecem o tempo todo. E com pessoas comuns. Você mesmo, como ser humano, pode fazer tudo isso e muito mais. Basta ter fé. Conhece esse discurso? Lembre-se de que toda exceção de hoje pode se transformar em ciência amanhã.

Outro exemplo irrefutável do poder da mente sobre o corpo é o chamado *transtorno de múltiplas personalidades* ou Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). A pessoa que sofre desse distúrbio perde a identidade, ou personalidade, e assume o comportamento e a personalidade de alguém completamente diferente. Como isso acontece? Bem, é como viajar com o rádio ligado ouvindo determinada estação. À medida que passamos por outras cidades, a frequência da primeira estação vai se tornando fraca e é substituída por outras, dos lugares por onde passamos. Então você começa ouvindo Rod Stewart, passa por Chitãozinho e Xororó e, quando percebe, está ouvindo Madonna. É muito chato para alguém que gosta de Mozart de repente ouvir Rolling Stones. Neurologicamente falando, múltiplas personalidades são assim, como robôs controlados por rádio, passando de uma estação à outra sem aviso prévio. O comportamento e a personalidade de cada ego podem ir de um extremo ao outro, como música clássica e *rock*. E embora a ciência até hoje só tenha se concentrado nas características psiquiátricas de indivíduos portadores de TDI, há algumas consequências psicológicas interessantes na mudança de ego.⁹ Cada uma das personalidades que o indivíduo apresenta possui um perfil de eletroencefalograma (EEG) totalmente diferente das outras. E o EEG equivale a uma impressão digital neurológica, ou seja, única para cada indivíduo.

Cada uma dessas personalidades possui programação mental própria. Pode parecer absurdo, mas em alguns casos os olhos dos portadores desse

distúrbio chegam a mudar de cor durante a mudança de um ego para o outro. E cicatrizes em seu corpo, que acompanham uma personalidade, desaparecem inexplicavelmente quando a outra personalidade surge. E o mesmo ocorre com doenças e alergias que uma personalidade possui e a outra não. Como isso é possível? Os próprios indivíduos portadores de TDI podem ajudar a responder a essa pergunta, pois são o campo de estudo de um novo ramo da ciência, chamado *psiconeuroimunologia*, ou seja, o estudo científico (*logia*), de como a mente (*psico*) controla o cérebro e o sistema nervoso (*neuro*), que, por sua vez, controla o sistema imunológico (*imuno*).¹⁰ O paradigma dessa nova ciência é o seguinte: enquanto o sistema imunológico é o guardião de nosso ambiente interno, a mente controla o sistema imunológico, o que significa que a mente é quem controla nossa saúde. O TDI pode ser um distúrbio, mas também é a comprovação de que a programação de nossa mente é que rege nossa condição de bem-estar, as doenças que atacam nosso organismo e a habilidade de nos curarmos. Você deve estar se perguntando: “O quê? Nossas crenças pessoais controlam nosso corpo? O poder da mente sobre a matéria? Aquela história do poder do pensamento positivo? De novo toda aquela história de Nova Era?”

Não, nada disso! O que estamos apresentando é a nova era da ciência, e não aquela baboseira de sempre.

O MUNDO, DE ACORDO COM A NOVA CIÊNCIA

O que a ciência tem a dizer sobre o domínio da mente sobre a matéria? A resposta depende: a qual ciência você se refere? A ciência da Medicina convencional tenta nos convencer de que nenhum dos fenômenos que acabamos de descrever existe. Isso ocorre porque os livros de Biologia e os meios de comunicação em massa descrevem o corpo e suas células como máquinas feitas de matéria bioquímica. Essa percepção condiciona o público a aceitar a crença no determinismo genérico: a teoria de que os genes controlam os traços físicos e comportamentais do indivíduo. Essa

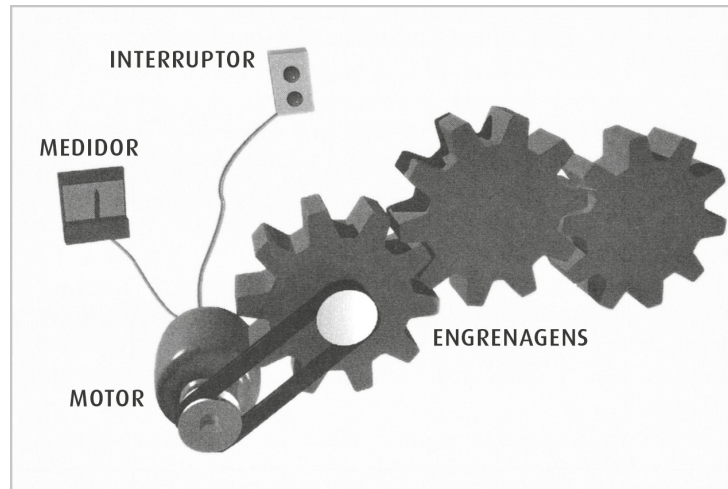
triste interpretação nos leva à conclusão de que nosso destino está intrinsecamente ligado a características hereditárias, determinadas por códigos genéticos derivados de nossos pais, avós, bisavós e assim por diante. Ou seja, as pessoas acabam acreditando que são meras vítimas da hereditariedade.

Por sorte, o Projeto Genoma Humano (PGH) veio para puxar o tapete da ciência convencional no que diz respeito às noções de controle genético. É uma situação irônica, pois o projeto foi criado para provar justamente o contrário. Segundo a crença convencional, a complexidade de um ser humano deveria requerer muito mais genes do que existe em um organismo simples. Para a surpresa de todos, o PGH descobriu que os seres humanos têm aproximadamente o mesmo número de genes que os animais, uma descoberta que revela a existência de um mito dentro do determinismo genético.¹¹ Portanto, o dogma de estimação da ciência já viveu bastante, já cumpriu sua missão, e agora é hora de colocá-lo para dormir. A grande questão que fica é: se não são os genes que controlam a vida (pausa para respirar), o que será, então? A resposta: nós mesmos! A nova ciência revela que o poder de controlar nossas vidas tem origem em nossa mente. Não é algo que vem programado em nossos genes.¹² É uma excelente notícia. O poder de mudar está dentro de nós! Mas para ativar o maravilhoso poder da mente sobre os genes, é preciso mudar algumas de nossas crenças básicas (nossa percepção, ou ausência dela) em relação à vida. O primeiro erro é olhar no espelho e nos vermos como indivíduos solitários. Na verdade, não passamos de uma grande comunidade de 50 trilhões de células, um número fácil de dizer, mas incomensurável quando se pensa a respeito. O número total de células de um corpo humano é maior do que o total de seres humanos sobre 7 mil planetas Terra! E quase todas as células que compõem nosso corpo têm praticamente as mesmas funções do corpo humano inteiro, ou seja, cada uma delas tem o próprio sistema nervoso, digestivo, respiratório, musculoesquelético, reprodutivo e até imunológico. Da mesma

maneira que essas células são uma miniatura humana, cada ser humano é uma célula colossal! Conforme veremos adiante, nossa mente é como um grande governo que controla e integra as funções da grande civilização celular do corpo. Da mesma maneira que as decisões dos governos dos países afetam os cidadãos, a mente molda o caráter da comunidade celular. O estudo da mente, de como ela nos influencia e de onde ela se localiza em nosso corpo pode representar uma grande oportunidade de descobrirmos nossos verdadeiros poderes. Ter consciência plena disso nos permitiria participar ativamente do desenrolar de nossa vida e também contribuir para a evolução do mundo como um todo.

E AGORA... O VERDADEIRO SEGREDO DA VIDA

Tanto a ciência convencional quanto a nova ciência concordam, de certa maneira, que a vida tem origem em movimentos moleculares dentro de um mecanismo bioquímico. Contudo, para descobrir o verdadeiro segredo da vida, que vai além da simples mecânica, precisamos examinar primeiro essa natureza maquinal das células. É uma informação relevante para nossa sobrevivência. Hoje, é mais importante do que nunca. Para explicar melhor o que é a vida segundo a nova ciência, criamos a ilustração de uma célula dividida em partes metafóricas: um conjunto de engrenagens movidas por um motor, acionadas por um interruptor e monitoradas por um medidor ou indicador, como aqueles do painel de um carro. (Aos não aficionados por mecânica pedimos um pouco de paciência. Vale a pena ler a explicação até o final). O interruptor liga e desliga o mecanismo. O indicador informa como está seu funcionamento. Quando se aciona o interruptor, a engrenagem se move e pode ser controlada com o indicador.



A mecânica das células pode ser representada por um conjunto de engrenagens movidas por um motor e controladas por um interruptor e um medidor.

A engrenagem: a engrenagem é feita de peças que se movimentam. Na célula, essas peças são moléculas chamadas *proteína*. Proteínas são blocos físicos de matéria, que se moldam e interagem para gerar o comportamento e as funções celulares. Cada proteína tem estrutura e tamanho únicos. Existem mais de 150 mil tipos de peças de proteínas. As máquinas criadas por seres humanos podem ser bastante complexas, mas a tecnologia que temos nem de perto se compara à sofisticação de nossas células. As engrenagens de proteína que desempenham funções biológicas específicas são chamadas de sistemas ou aparelhos. O sistema respiratório representa um conjunto de engrenagens de proteína responsável pela respiração. Da mesma forma, o aparelho digestivo é um grupo de moléculas de proteína que interagem para digerir os alimentos. O sistema musculoesquelético é composto de proteínas que interagem para permitir os movimentos do corpo, etc.

Primeira constatação da nova Biologia

As proteínas constituem a estrutura e as funções dos organismos biológicos.

O motor: o motor gera a força que aciona o mecanismo das proteínas. Sua função é essencial, pois a principal característica da vida é o movimento. Isso é muito sério! Se as proteínas de seu corpo deixarem de se movimentar, você estará em franco processo de se tornar um cadáver. A vida se origina da força que aciona o movimento das células de proteína, criando um padrão de comportamento.

O interruptor: o interruptor é o mecanismo que faz o motor colocar as proteínas em movimento. Ele é necessário porque a manutenção da vida requer integração e coordenação precisas do comportamento das células. As funções das células (respiração, digestão, excreção, etc.) são como os instrumentos de uma orquestra. Sem um maestro que os oriente produzem apenas um som caótico. Nos organismos vivos os interruptores da membrana das células representam o maestro que controla e regula harmoniosamente seus sistemas.

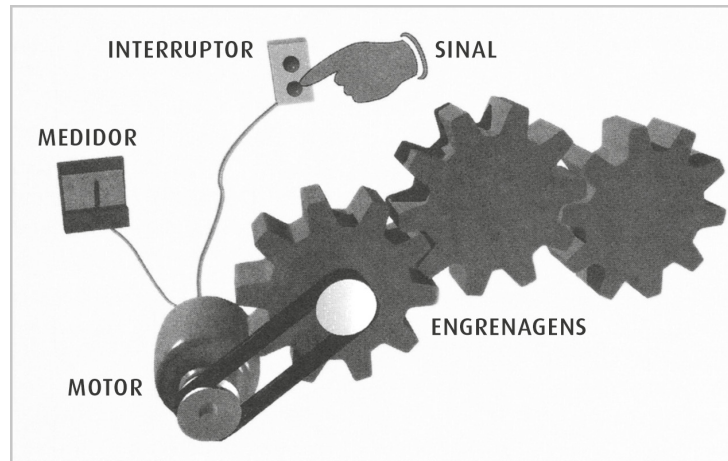
O indicador: o indicador (ou medidor) representa o método utilizado pelo corpo para monitorar de maneira precisa as funções fisiológicas do sistema. Indicadores biológicos são essenciais à manutenção da vida. Pense neles como aqueles presentes no painel de um carro. Apesar de estarem localizados todos no mesmo painel, que é o centro de comando do veículo, monitoram todas as funções do motor, das luzes, etc. Da mesma maneira que os indicadores do carro mostram os níveis de óleo, combustível, amperagem da bateria e velocidade, o corpo nos dá informações para regularmos seu comportamento, mantendo a vida.

Porém, diferente dos instrumentos de um painel de automóvel, analógicos ou com ponteiros, os indicadores biológicos transmitem dados por meio das *sensações*. As sensações têm origem nos derivados químicos que as células geram durante o desempenho de suas funções, componentes então liberados em nosso organismo. As células do sistema nervoso têm “sensores” em suas membranas que captam tais substâncias e monitoram a concentração de cada uma delas. Quando ativadas, essas células traduzem

os sinais das substâncias e as transformam em sensações, que a nossa consciência interpreta como sentimentos, emoções ou sintomas. Para combater uma infecção, por exemplo, as células imunológicas ativadas liberam na corrente sanguínea mensageiros químicos como a interleucina (1). As moléculas de interleucina são reconhecidas pelos receptores específicos das membranas dos vasos sanguíneos do cérebro, que enviam para este um sinal molecular de prostaglandina (E2). A prostaglandina (E2) ativa o sinal de febre e gera sintomas de temperatura elevada e tremores. Um dos problemas da medicina de hoje é que a indústria farmacêutica mede o sucesso de um medicamento pela sua capacidade de aliviar sintomas. Somos medicados para não sentir dor, não ter inchaço e não ter febre. No entanto, mascarar sintomas pode ser tão perigoso quanto desabilitar as funções do painel de um carro. Não resolve o problema, apenas dá a impressão de que está tudo bem, até o dia em que o motor para de funcionar. Entorpecer as células com medicamentos é simplesmente ignorar os sinais que o corpo emite.

QUEM APERTA O BOTÃO?

Já mencionamos que os interruptores das moléculas ativam os mecanismos das proteínas, que, por sua vez, se movimentam e estabelecem padrões de comportamento. Mas a grande pergunta em relação ao segredo da vida ainda é: quem ou o que aciona esses interruptores? Cada vez que um deles é acionado, ativa-se um sinal.



Um sinal do ambiente das células ativa as engrenagens, o motor, o interruptor e o medidor.

O sinal: os sinais representam as forças do ambiente a ligar o motor dentro das células, fazendo o mecanismo de proteínas entrar em ação. Eles representam informações físicas e energéticas que compõem o mundo no qual vivemos. O ar que respiramos, os alimentos que ingerimos, o ato de tocarmos outras pessoas, e até mesmo as notícias que ouvimos representam sinais do ambiente a ativar o movimento das proteínas e gerar comportamentos. Consequentemente, ao utilizarmos o termo *ambiente*, nos referimos a tudo o que abrange desde a superfície de nossa pele até os limites do Universo. Esse é um conceito de ambiente em um sentido mais amplo. Cada proteína responde a um tipo específico de sinal desse ambiente, e os dois se comunicam com a precisão do encaixe da chave em uma fechadura. A união de uma molécula de proteína com seu sinal específico, vindo do meio externo, modifica sua forma, a qual, por natureza, é expressa por meio de movimento. A célula utiliza esses movimentos moleculares para promover as atividades das proteínas, como respiração, digestão e contrações musculares, responsáveis pela manutenção da vida. Os movimentos das proteínas, por sua vez, animam a célula.

Segunda constatação da nova Biologia

Os sinais do ambiente fazem as proteínas mudarem de forma; os movimentos resultantes geram as funções da vida.

O CÉREBRO VERSUS AS GÔNADAS

É preciso enfatizar que, embora a grande variedade de sistemas de proteína nas células seja responsável pelas *funções da vida*, o simples fato de tê-los não é suficiente para *gerar a vida*. É necessário haver um mecanismo capaz de coordená-las com absoluta precisão. O cérebro e o sistema nervoso são esses mecanismos.

Bem, mas... onde fica o cérebro das células? Ao contrário do que se sabe, ele não está nos genes. Se você se recorda das aulas de Biologia na escola, provavelmente se lembrará de que aprendeu que a maior organela celular, o núcleo, é descrito como centro de controle ou “cérebro” da célula. Como os genes ficam armazenados dentro desse núcleo, os cientistas presumiram que eles controlam a vida. No entanto, antes de aceitarmos como verdade tal suposição, precisamos questioná-la. Experiências realizadas há 80 anos desafiam a hipótese de que os genes sejam o cérebro da operação. Quando se remove o cérebro de um indivíduo (pessoa ou animal), ele morre. Entretanto, quando o núcleo de uma célula é removido, acontece um processo chamado *enucleação*, e a célula sobrevive durante meses sem seus genes!¹³ Continua com suas funções normais até que chegue o momento em que será necessário repor os componentes de proteína vitais à sua sobrevivência.

Genes são meros modelos usados para a construção dos componentes das células. Células enucleadas acabam morrendo, não pela retirada dos genes, mas por não serem capazes de substituir os componentes de proteína desgastados, o que causa uma degeneração em seus sistemas. Embora a ciência tradicional tenha nos ensinado a acreditar que o núcleo é o cérebro da célula, na verdade ele é o equivalente da gônada celular, isto é, seu sistema reprodutivo. É um equívoco compreensível, porque a ciência

tradicional sempre foi um grande “clube do bolinha”. Como os machos são famosos por pensar com suas gônadas, confundir o núcleo das células com o cérebro não é algo assim tão absurdo.

Porém, se os genes não são o cérebro da coisa, onde está este cérebro, afinal? O cérebro está na *membrana celular*, que equivale à pele da célula. Dentro dessa membrana estão os interruptores proteicos que respondem aos sinais do ambiente, transmitindo a informação às cadeias proteicas internas. Existe praticamente um interruptor para cada sinal do ambiente reconhecido pela célula. Alguns respondem ao estrogênio, outros à adrenalina, ao cálcio, a ondas de luz, e assim por diante. Embora possa haver cem mil desses interruptores na membrana de uma célula, não é necessário estudá-los individualmente, pois todos dividem a mesma estrutura básica e função. A seguir temos uma ilustração conceitual de um interruptor de uma membrana genética.

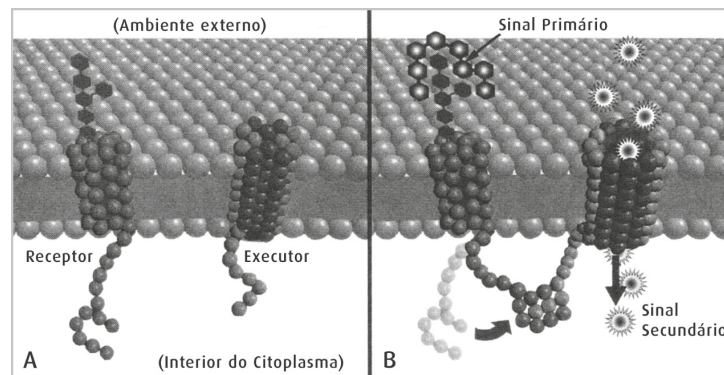


Figura A: cada célula tem proteínas receptoras e estimuladoras ao longo de sua membrana, conectando seu citoplasma ao ambiente. Usando uma metáfora, essas proteínas funcionam como verdadeiros interruptores, colocando o motor e as engrenagens das células em movimento. Figura B: ao receber um sinal do ambiente, a proteína receptora modifica sua forma e se conecta à proteína estimuladora.

Cada interruptor da membrana é uma unidade de captação composta por duas proteínas: uma receptora e uma estimuladora. A proteína receptora, como o nome sugere, recebe ou capta os sinais do ambiente. Ao receber o primeiro sinal complementar (Sinal Primário, na Figura B), o receptor, então ativado, se movimenta e se conecta à proteína estimuladora

do interruptor. Na ilustração à direita, tem-se a impressão de que a proteína receptora e a proteína estimuladora estão apertando as mãos uma da outra (Sinal Secundário, na Figura B). É essa conexão que permite que as informações do lado externo da célula sejam transmitidas ao interior dela e estabeleçam determinado comportamento.

Ao ser ativada pelo receptor, a proteína estimuladora envia um sinal secundário (Sinal Secundário, na Figura B) pelo citoplasma da célula, responsável pelo controle de funções e vias específicas. A atividade coordenada dos interruptores da membrana permite à célula manter sua vida mediante o equilíbrio do metabolismo e da fisiologia – mesmo em um ambiente em constante mutação.

As proteínas receptoras fazem com que células tenham consciência dos elementos do ambiente, enquanto as proteínas estimuladoras do interruptor geram sinais ou sensações físicas reguladores de funções específicas. Em suma, são os interruptores localizados na membrana das células que “permitem a elas ter consciência dos elementos do ambiente por meio de sensações físicas”.¹⁴

Enfatizamos esse conceito porque ele é a chave para a descoberta do segredo da vida. Está pronto?

Se procurarmos no dicionário palavra “percepção”, encontraremos sinônimos como “cognição” ou “compreensão”. Consequentemente, os interruptores de proteínas da membrana das células representam unidades primordiais de percepção. Como eles são responsáveis por controlar as vias moleculares das células, e também algumas funções biológicas específicas, podemos concluir que *a percepção controla o comportamento!*

Assim, caro leitor, o fato de que a percepção controla o comportamento tanto das células quanto dos seres humanos é o verdadeiro segredo da vida!

Terceira constatação da nova Biologia

Os interruptores de percepção de proteínas da membrana celular respondem aos sinais do ambiente, regulando as funções e o

comportamento das células.

A NATUREZA DA DOENÇA

Às vezes, a harmonia natural do corpo é abalada, gerando *mal-estar*, um indício geral de *doenças*, ou o reflexo da insuficiência do corpo para manter sistemas ou funções vitais em harmonia.* Como o comportamento é criado por meio da interação das proteínas com seus sinais complementares, pode-se concluir que há apenas duas fontes de doença: um defeito nas proteínas ou um problema de distorção de sinais.

Cerca de 5% da população mundial nasce com defeitos físicos. Essas pessoas têm genes modificados, que decodificam proteínas disfuncionais.¹⁵ Proteínas estruturalmente deformadas ou defeituosas podem “obstruir o mecanismo”. Em outras palavras, interrompem o fluxo normal das funções e diminuem a qualidade da vida. No entanto, 95% da população humana chega a este mundo com genes perfeitamente normais. Neste grupo, as doenças podem ser atribuídas à natureza dos sinais. Há três situações básicas em que os sinais contribuem para disfunções e doenças. A primeira é o trauma. Se alguém sofre um acidente em que a coluna vertebral é afetada, impedindo a transmissão dos sinais do sistema nervoso, o resultado pode ser uma distorção das informações normalmente trocadas entre o cérebro e as células, os tecidos e os órgãos do corpo.

A segunda é a toxicidade. A presença de toxinas e substâncias venenosas em nosso organismo pode distorcer as informações dos sinais transmitidos do sistema nervoso às células e tecidos aos quais essas informações deveriam chegar. Sinais alterados, por quaisquer motivos, podem inibir ou modificar o comportamento celular, levando à manifestação de doenças.

A terceira, e mais importante influência dos sinais sobre o processo das doenças, é o *pensamento*, a ação da mente. Ainda que o corpo não esteja em desequilíbrio ou apresente quaisquer deficiências, o organismo pode

apresentar doenças associadas a estados mentais. A saúde depende da habilidade do sistema nervoso de captar com precisão informações do ambiente, adotando comportamentos apropriados que garantam a manutenção da vida. Se a mente falha na interpretação dos sinais e gera respostas inapropriadas à sobrevivência do organismo, este fica ameaçado, pois o corpo adotará comportamentos dissonantes em relação ao ambiente que o cerca. É difícil imaginar que um simples padrão de pensamento seja capaz de provocar colapso em todo um sistema orgânico, porém, na Natureza, a interpretação incorreta de sinais pode ser letal.

Imagine a situação de uma pessoa com anorexia. Parentes e amigos conseguem vê-la como um indivíduo esquelético à beira da morte, porém ela se olha no espelho e vê apenas um ser obeso. Dentro dessa visão distorcida, que mais parece um daqueles espelhos de parques de diversão, o cérebro do anoréxico tenta impedir um equivocado ganho de peso simplesmente inibindo as funções metabólicas do organismo (!).

Como qualquer entidade que lidera, o cérebro busca harmonia entre todos os órgãos. A harmonia neural é expressa pela congruência entre as percepções do cérebro e a vida que levamos.

Um modo interessante de ilustrar como a mente estabelece harmonia entre suas percepções e o mundo real é comentar os *shows* de hipnose que vemos na televisão. O mágico solicita que alguém da audiência, um voluntário, vá até o palco, e o hipnotiza. Em seguida, pede a ele, por exemplo, que pegue um copo d'água, informando que o copo pesa 500 quilos. O voluntário tenta levantar o copo com toda força mas não consegue. Começa a suar, suas veias ficam saltadas e sua respiração se altera. Como isso acontece? Obviamente o copo não pesa tudo isso. A mente do voluntário sob hipnose é que acredita se tratar de um objeto tão pesado. Para manifestar a realidade de um copo de 500 quilos, dispara aos músculos um sinal para que tente levantá-lo, e outro, contraditório, para deixá-lo onde está! O resultado é um exercício isométrico no qual dois

grupos de músculos trabalham, um se opondo ao outro, causando excesso de esforço e muito suor.

Células, tecidos e órgãos não questionam informações enviadas pelo sistema nervoso. Respondem com a mesma presteza a comandos de sobrevivência e de autodestruição. Consequentemente, nossa percepção comanda nosso destino. Quase todo mundo já ouviu falar em efeito placebo, mas poucas pessoas conhecem seu irmão maldoso, o efeito nocebo. Da mesma forma que pensamentos positivos podem curar, os negativos (como a crença de que somos suscetíveis a doenças ou estamos expostos à contaminação) manifestam efeitos indesejáveis.

Crianças japonesas alérgicas a determinados tipos de plantas participaram de uma experiência na qual uma folha da planta alergênica era esfregada em um de seus braços.¹⁶ A folha de outra planta, de espécie diferente e que não causava alergia, porém de aparência idêntica, era esfregada no outro braço. Como era de se esperar, quase todas as crianças apresentaram reações alérgicas no braço em que houve contato com a planta dita alergênica, mas não tiveram qualquer reação no outro braço. O que elas não sabiam é que as informações tinham sido propositalmente trocadas. A planta “venenosa” havia sido aplicada como não venenosa e vice-versa. O pensamento negativo do contato com a planta venenosa causou reações alérgicas no braço em que foi esfregada a planta não venenosa! A maioria delas sequer teve reação no braço em que realmente houvera contato com um elemento alergênico. A conclusão é simples: percepções positivas melhoram a saúde enquanto percepções negativas causam o aparecimento de doenças. Esse experimento, entre vários outros a respeito do poder da crença, fez parte da pesquisa que originou a psiconeuroimunologia.

Considerando que no mínimo um terço de todas as curas médicas podem ser atribuídas ao efeito placebo, qual porcentagem de enfermidades pode ser resultante de pensamentos negativos, de efeito nocebo? Provavelmente muito mais do que imaginamos, especialmente porque os

cientistas calculam que 70% de nossos pensamentos são negativos e redundantes.¹⁷

Percepções têm grande influência no desenvolvimento do caráter e das experiências pelas quais passamos em nossa vida. É por causa delas que as pessoas de fé inabalável conseguem engolir veneno ou brincar com cobras peçonhentas. São as percepções que moldam os efeitos placebo e nocebo. Têm mais influência do que o pensamento positivo, porque são mais intensas do que ele. Percepções são crenças a permear cada célula. A expressão do corpo é um complemento das percepções da mente, ou, em termos mais simples, precisamos *crer para ver*!

Quarta constatação da nova Biologia

Percepções precisas levam ao sucesso. Percepções deturpadas ameaçam a sobrevivência.

Quase todas as pessoas deste mundo têm percepções deturpadas, que as limitam, minam sua energia, sua força, e seus desejos, levando-as a sabotarem a si mesmas. Conforme mostraremos no próximo capítulo, nossos programas de percepção mais importantes são adquiridos de outras pessoas, e não necessariamente representam objetivos e aspirações pessoais. Na verdade, a maioria de nossos pontos fortes, de nossas fraquezas e de nossas características podem ser atribuídos a percepções familiares e culturais absorvidas antes dos 6 anos de idade. As percepções adquiridas nesses primeiros anos de desenvolvimento são responsáveis pelas condições de saúde e comportamento durante a vida adulta. Imagine quantas crianças jamais desenvolvem todo o seu potencial ou realizam seus sonhos em virtude dessa programação limitadora.¹⁸

Esses programas de autossabotagem também nos cerceiam quando tentamos modificar as condições do mundo ao nosso redor, alertando-nos que em primeiro lugar devemos nos modificar interiormente. Ao modificarmos nossas crenças, modificamos o mundo.

Mas tanto para modificar o mundo quanto a nós mesmos, muitas vezes é preciso ter mais do que boas intenções. É necessário entender a natureza da mente e como a dualidade divina do cérebro – o consciente e o subconsciente – controlam a expressão de nossa percepção. No capítulo a seguir, veremos como aquilo podemos captar individualmente talvez seja o caminho para a evolução global.

* Ou, em outras palavras que bem definem a ideia do autor, segundo o filósofo Dr. Celso Charuri: “Economia é saber racionalizar o disponível”.

* Vale lembrar que nosso corpo é constituído por mais de 50 trilhões de células, e o número de bactérias que o habitam, em um mecanismo de simbiose, é dez vezes isso! E mais: se unirmos o genoma de todas as nossas células em uma única fita e também o de todas as bactérias presentes em nosso organismo, o genoma das bactérias será cem vezes mais extenso do que o genoma das nossas células.

* Doença, por definição, é toda agressão ao estado de harmonia.

Cresça individualmente... Evolua globalmente

“Num mundo louco como este; tão louco que nem os psicólogos entendem, não precisamos de outra teoria da evolução. Precisamos mesmo é de evolução na prática”.

SWAMI BEYONDANANDA

A promessa de evolução espontânea envolve nada menos do que uma transformação global. Mas antes de modificarmos o ambiente externo, precisamos nos conscientizar de nosso mundo interior.

Sob nossa pele vive uma frenética metrópole de 50 trilhões de células, cada uma delas biológica e funcionalmente equivalentes à miniatura de um ser humano. Não, esta não é uma frase hiperbólica criada só para causar impacto. Uma vez que tomarmos consciência da incrível semelhança entre nossas células e nós mesmos, começaremos a aprender com os processos e práticas que as células vêm criando há bilhões de anos. E também descobriremos como elas desenvolveram consciência. Além disso, ao entender como essa consciência opera, poderemos rever, neste momento crucial da evolução humana, nossas crenças limitadoras.

A visão convencional prega que o destino e o comportamento das células cidadãs de nossa metrópole interior são pré-programados em seus genes. Desde que os biólogos celulares James Watson e Francis Crick descobriram o código genético, em 1953, o público passou a imaginar que o ácido desoxirribonucleico, ou DNA, herdado de nossos pais no momento da concepção, determina nossos traços ou características. A visão

convencional nos levou a acreditar que a herança genética é fixa e imutável, como um programa de computador do tipo “somente leitura”.

A noção de que nosso destino está gravado de maneira indelével em nossos genes deriva do conceito conhecido como *determinismo genético*, que nos leva a crer que somos vítimas de forças biológicas sobre as quais não temos controle. Infelizmente, esse conceito de impotência está diretamente relacionado ao conceito de irresponsabilidade. Muita gente diz hoje: “não posso mudar, então para que me preocupar? Obesidade? Problema de família. Passe-me os bombons, por favor”.

UM LUGAR CHAMADO ALÉM DOS GENES

Na década de 1980, os geneticistas estavam convencidos de que os genes controlam a vida. Começaram a traçar o mapa do genoma humano com o objetivo de identificar o conjunto de genes que definem todos os traços herdados pelo organismo humano. Sua esperança era poder finalmente prevenir e curar doenças, ao descobrir o código responsável pelo sistema. Veremos mais detalhes sobre o Projeto Genoma Humano mais à frente, mas agora contaremos o que aconteceu no caminho dessa descoberta. Os cientistas começaram a ter uma visão completamente nova e revolucionária a respeito do funcionamento da vida e acabaram criando um novo ramo da ciência, chamado *Epigenética*.¹ A Epigenética abalou a base da Medicina e da Biologia ao revelar que não somos vítimas, mas os senhores de nossos genes.

Para aqueles que não falam grego, o prefixo “epi” significa “acima”. Alunos das universidades de Biologia ainda estão aprendendo sobre “controle genético”, a noção de que os genes controlam os principais aspectos da vida. No entanto, a nova ciência já menciona o “controle epigenético”, o conceito de que a vida é controlada por algo em um nível acima dos genes. Hoje, instigantes teorias sobre o que é esse “algo” acima dos genes abrem um caminho à compreensão de nosso papel de cocriadores

da realidade. Como vimos no capítulo anterior, os sinais do ambiente controlam a função das células por meio dos interruptores localizados em suas membranas. Utilizando os mesmos mecanismos, também controlam as atividades dos genes. No caso estudado pela Epigenética, os sinais derivados do ambiente ativam interruptores da membrana, que enviam sinais secundários ao núcleo da célula. Dentro do núcleo esses sinais selecionam modelos de genes e controlam a fabricação de proteínas específicas. É algo totalmente diferente do conceito convencional de que os genes se ligam e desligam sozinhos.

Genes não são “unidades independentes”, ou seja, não controlam as próprias atividades. São meros modelos moleculares. E modelos são parte de um projeto. Não são como engenheiros, que realmente projetam e gerenciam a obra. A Epigenética representa o mecanismo pelo qual o empreiteiro seleciona os modelos de genes mais apropriados e controla a construção e a manutenção do corpo. Portanto, os genes *não controlam* a Biologia, são apenas *usados* por ela.

A crença convencional de que o genoma representa programas do tipo “somente leitura”, que não podem ser influenciados pelo ambiente, provou ser equivocada. São os mecanismos epigenéticos que modificam a leitura do código genético. O poder criativo da epigenética pode ser avaliado a partir da seguinte informação: o mecanismo consegue editar a leitura de um gene e criar mais de 30 mil variações diferentes de proteínas a partir do mesmo modelo!² Dependendo da natureza dos sinais do ambiente, o “empreiteiro” epigenético modifica um gene e produz produtos proteicos saudáveis ou defeituosos. Ou seja, uma pessoa pode nascer com genes saudáveis, mas, se houver distorção no processo de codificação dos sinais epigenéticos, condições mutantes se estabelecem e geram doenças como o câncer, por exemplo. Também há um lado positivo: o mesmo mecanismo epigenético é capaz de fazer com que indivíduos que tenham nascido com

mutações potencialmente degenerativas venham a ter proteínas e funções normais, apesar da herança de genes defeituosos.³

Os mecanismos epigenéticos modificam a leitura do código genético para que os genes representem programas de leitura e edição, e não apenas de leitura. Isso significa que as experiências de vida podem literalmente redefinir nossos traços genéticos. Trata-se de uma descoberta radical. Tínhamos certeza de que os genes eram responsáveis por nosso destino, e agora a nova ciência nos mostra que a Natureza é muito mais inteligente do que imaginávamos. À medida que os organismos interagem com o ambiente, suas percepções se utilizam de mecanismos que interpretam sutis expressões genéticas de modo a ampliar as chances e as oportunidades de sobrevivência.

Essa influência do ambiente é revelada de maneira explícita em estudos de gêmeos idênticos. No momento do nascimento, e durante algum tempo, irmãos gêmeos apresentam praticamente a mesma atividade genética, em razão da semelhança de seus genomas. No entanto, à medida que eles crescem, suas percepções e experiências individuais levam ao acionamento de genes de características nitidamente diferentes.⁴ A mídia não se cansa de divulgar histórias de gêmeos separados na infância que apresentam características e estilos de vida idênticos, casando-se com pessoas com o mesmo nome ou exercendo o mesmo tipo de profissão. Esses casos são raras exceções, nas quais não se leva em conta o importante período de programação pré-natal do comportamento, que pode moldar o estilo de vida desses gêmeos para o resto de suas vidas.⁵

Pense um instante em tudo que a nova Biologia revela. As percepções não controlam apenas nosso comportamento. Controlam a atividade dos genes também. Essa versão atualizada da ciência mostra que, na realidade, somos nós quem controlamos nossa expressão genética, e fazemos isso a cada minuto. Somos organismos em constante aprendizado, incorporando experiências de vida aos nossos genomas e transmitindo isso aos nossos

filhos, que, por sua vez, irão incorporar as próprias experiências de vida para dar continuidade à evolução humana.

Portanto, em vez de nos julgarmos meras vítimas de nossos genes, devemos aceitar a verdade de que nossa percepção e nossas reações à vida têm o poder de moldar nossa estrutura biológica e nosso comportamento.

DO MICROCOSMO DA CÉLULA AO MACROCOSMO DA MENTE

Durante os primeiros 3,8 milhões de anos de vida neste planeta, a biosfera se constituía de uma gigantesca população de organismos unicelulares: bactérias, levedo, algas e protozoários, como amebas e paramécios. Cerca de 700 milhões de anos atrás, as células começaram a se unir e a formar colônias multicelulares. A consciência coletiva das células era muito maior do que a consciência das células isoladas. E como a consciência é um fator primordial à sobrevivência de um organismo, a experiência em comunidade aumentou as chances de sobrevivência e de reprodução dos cidadãos dessas colônias.

Como as primeiras comunidades humanas, essas comunidades de células consistiam de clãs de caçadores nos quais cada membro oferecia os mesmos serviços para garantir a sobrevivência de todos. Porém, à medida que a densidade populacional foi aumentando, tanto nas colônias celulares quanto nas humanas, o fato de todos realizarem o mesmo tipo de trabalho já não era eficaz. A evolução se encarregou de criar funções específicas. Em comunidades humanas, alguns membros se concentravam em caçar, outros em tarefas domésticas e outros em cuidar das crianças. Em comunidades celulares, a especialização significava que algumas células passariam a cuidar da digestão, outras do coração e outras da parte muscular.

A maioria das células do corpo humano e de animais não tem percepção do ambiente para além da pele. Células do fígado, por exemplo, conseguem ver o que acontece dentro dele, mas não sabem exatamente o que se passa no mundo ao redor. Por isso o cérebro e o sistema nervoso

precisam interpretar os estímulos do ambiente e enviar sinais às células de modo que elas integrem e regulem as funções de manutenção dos órgãos e, conseqüentemente, consigam garantir a sobrevivência.

O sucesso das comunidades multicelulares permitiu aos cérebros em desenvolvimento dedicar um considerável número de células aos trabalhos de catalogar, memorizar e integrar percepções mais complexas. Com a continuidade da evolução, as populações de células cerebrais adquiriram a habilidade de registrar milhões de categorias e de arquivá-las em uma gigantesca base de dados. Programas complexos de comportamento criados a partir dessa base de dados permitiram aos organismos desenvolver a chamada “consciência”, termo que utilizamos em seu contexto primordial para expressar um “estado de vigilância ou alerta”. Muitos cientistas preferem se referir à consciência como algo que um organismo tem ou não tem. Mas o estudo da evolução mostra que o mecanismo de consciência se desenvolveu com o passar do tempo. Conseqüentemente, o conceito de consciência passou a variar de quase inexistente em organismos primitivos a algo que podemos chamar de “autoconsciência” ou “mente consciente”, manifesta em seres humanos e seres vertebrados. O que chamamos de “autoconsciência” não é algo do tipo “espero que meu cabelo esteja arrumado”, porém um estado que permite, simultaneamente, tanto a posição de participante ativo quanto de observador da vida.

A expressão da “autoconsciência” está especificamente associada a uma pequena adaptação evolucionária do cérebro, o “córtex pré-frontal”. Ele é a plataforma neurológica que permite aos humanos a consciência da própria identidade e a expressão do pensamento. Macacos e outros animais que não possuem autoconsciência olham para um espelho captam apenas a imagem de outra criatura. Já chimpanzés, neurologicamente mais desenvolvidos, conseguem reconhecer diante de si a imagem de si próprios.⁶

Uma diferença importante entre a consciência e a autoconsciência, relacionada ao córtex pré-frontal, é que a consciência permite ao organismo acessar e reagir às condições do ambiente relevantes em um momento específico, enquanto a autoconsciência permite ao indivíduo avaliar as consequências de seus atos, não apenas no momento presente, mas também no futuro. A autoconsciência nos permite ser cocriadores de nossa existência, e não meros agentes de reação a estímulos. Graças a ela, podemos atuar como seres independentes em processos de tomada de decisão.

Enquanto a consciência convencional permite aos organismos participar da dinâmica cênica da vida, a qualidade de autoconsciência nos oferece a oportunidade de sermos não apenas atores, mas também membros da audiência e até diretores. Ela nos confere a habilidade da reflexão, de rever e modificar nosso padrão de desempenho. No entanto, por mais significativo que possa ser para nossa identidade, a autoconsciência é apenas uma pequena parte daquilo que podemos chamar “mente”. Enquanto a autoconsciência se ocupa da reflexão, outra mente monitora o mundo e controla tudo, desde nossa respiração até nossa atenção ao dirigir um veículo. Além dela, atrás da cortina do palco, está também a “mente inconsciente”: em outras palavras, o mecanismo do cérebro, associado a comportamentos de reação automática a estímulos, cuja função não requer observação ou atenção. As funções do subconsciente se desenvolveram muito antes do córtex pré-frontal. Consequentemente, organismos incapazes de expressar autoconsciência conseguem comandar seus corpos e responder aos desafios de um ambiente dinâmico. Assim como os organismos menos desenvolvidos, os humanos possuem um piloto automático que regula automaticamente seus sistemas, sem a necessidade de comandos ou de manobras da autoconsciência.

O subconsciente é um poderoso processador de informações que pode registrar experiências perceptivas e reativá-las a qualquer momento com um

simples comando. O mais interessante é que, na maioria das vezes, só nos tornamos conscientes dos programas desse processador quando “alguém aperta um botão” em nós.

Mas a imagem de apertar botões não é suficiente para descrever a incrível capacidade de processamento de dados do subconsciente. Estima-se que a enorme massa cerebral reservada ao subconsciente é capaz de interpretar e reagir a mais de 40 milhões de impulsos nervosos por segundo. Em contrapartida, o diminuto córtex pré-frontal da autoconsciência processa apenas 40 impulsos nervosos por segundo. Isso significa que, como processador de informações, o subconsciente é um milhão de vezes mais poderoso do que a mente consciente.⁷

No entanto, em comparação com sua incrível capacidade de processamento, o subconsciente possui baixo potencial de criatividade, algo semelhante ao de uma criança de cinco anos. Enquanto a mente consciente consegue expressar o livre-arbítrio, o subconsciente expressa quase que exclusivamente hábitos e respostas a estímulos pré-registrados. Uma vez que adquirimos um padrão de comportamento como andar, trocar de roupa ou dirigir um veículo, delegamos ao subconsciente essa tarefa, o que significa que podemos desempenhá-la sem ter que prestar atenção ao que estamos fazendo.

Enquanto a mente inconsciente consegue coordenar todo o sistema de funcionamento do organismo e ainda manter uma goma de mascar em movimento dentro da boca, o pequeno córtex pré-frontal, responsável pela mente consciente, consegue realizar apenas uma ou duas tarefas ao mesmo tempo. E embora sua habilidade multitarefa seja reduzida, ela consegue obter alto nível de desempenho quando se trata de manter o foco. É o órgão responsável pela concentração.

Antes se achava que algumas funções do corpo – chamadas involuntárias – como batimentos cardíacos, pressão sanguínea e temperatura, não eram controladas pela mente consciente. Hoje sabemos

que pessoas como iogues e praticantes assíduos de meditação podem controlá-las. Isso mostra que os componentes consciente e subconsciente da mente trabalham como uma equipe bem organizada. O subconsciente controla todos os comportamentos que a mente consciente não tem como comandar, justamente aqueles que se referem ao momento presente! A mente consciente da maioria das pessoas se mantém tão ocupada com pensamentos sobre o passado, o futuro ou problemas imaginários que as tarefas do dia a dia e do momento presente acabam sendo deixadas para o subconsciente. Os neurocientistas concluíram que a mente consciente contribui com apenas 5% da atividade cognitiva. Ou seja, 95 % de nossas decisões, ações, emoções e comportamento são resultado de processos imperceptíveis do subconsciente.⁸

QUEM CONTROLA NOSSO CARMA, AFINAL?

Conhece aquela piada dos dois neurônios, Tico e Teco? É disso que vamos tratar. Se você de repente tem uma ideia, isso é fruto de sua mente consciente, aquele pequeno processador de 40 bits responsável pelo pensamento cognitivo, pela identidade e pelo livre-arbítrio. É a parte da mente responsável pelos desejos e intenções (e, conseqüentemente, a parte que faz Deus rir). A grande piada é que justamente a parte da mente que nos faz saber ou pensar quem somos é aquela que controla 5% ou menos de nossas vidas.

Os estudos revelam que todos os que tentam manter pensamentos positivos mas só conseguem resultados negativos acabam percebendo que a vida não é controlada por desejos ou intenções conscientes. Se você duvida, pare e pense no que acontece com você.

Nosso subconsciente é quem controla o *show* durante 95% do tempo. Portanto, nosso destino é controlado por uma espécie de programação, de hábitos entranhados, resultantes de instintos e percepções adquiridos em nossas experiências de vida.

Os programas mais influentes e poderosos do subconsciente são aqueles que foram gravados primeiro. Durante o crucial período entre a gestação e os seis primeiros meses de vida, nossos “programas” principais, justamente aqueles que moldam nossa vida, são adquiridos, por meio da observação e da convivência com nossos primeiros instrutores (pais, parentes e comunidade). Infelizmente, como atestam muitos psiquiatras e psicólogos, boa parte do que aprendemos nessa fase baseia-se em percepções distorcidas, as quais, com o tempo, passam a se expressar na forma de crenças limitadoras e autossabotagem.

A maioria dos pais não sabe que suas palavras e atitudes são continuamente registradas pelo subconsciente dos filhos e armazenadas como arquivo de suas primeiras experiências no mundo. Uma criança repreendida e chamada de mal-comportada não percebe que se trata de uma condição temporária relativa a alguma atitude que acabou de ter. Sua mente registra a repreensão como algo permanente que define sua personalidade. O mesmo acontece com as crenças transmitidas, verbalmente ou não, de que não merece receber boas coisas, não é educada ou inteligente, ou tem saúde frágil e vai ficar sempre doente.

Estas sentenças não intencionais proferidas pelos adultos são armazenadas no subconsciente da criança. E como o papel da mente é estabelecer coerência entre sua programação e a vida real, o cérebro gera respostas comportamentais apropriadas (ou inapropriadas) que traduzam a verdade de suas percepções. Uma vez adquiridos, esses programas mentais se manifestam de modo automático, como falsas realidades, moldando a vida do indivíduo.

Vamos ver como isso funciona na prática. Imagine que você é uma criança de cinco anos de idade fazendo um escândalo no *shopping* porque deseja determinado brinquedo. Para fazê-lo parar, haja vista que vocês estão em um local público, seu pai, irritado, repete algo que diziam quando ele

mesmo era criança e fazia escândalo semelhante: “Você não merece as coisas que tem!”

Avance 20 ou 30 anos no tempo e se veja hoje, acabando de conseguir um emprego, com ótimo salário. Está cheio de planos e projetos, mas, de repente, uma nuvem negra aparece. O castelo dourado começa a desmoronar. Você sabe que tem habilidade para fazer muito bem esse trabalho, mas as coisas começam a dar errado, você não age exatamente como pretendia, e seu chefe começa a perceber.

“Mas o que está acontecendo?”, você se pergunta. O problema é que a programação mental está em conflito com seus desejos conscientes. Enquanto estes se mostram positivos e esperançosos em relação ao novo emprego, a mensagem de seu pai – “você não merece” – estimula a autossabotagem. Como o indivíduo hipnotizado que não consegue levantar o copo d’água por achar que o copo tem um peso absurdo, seu subconsciente está, de maneira eficaz, fazendo que você adote um comportamento contrário aos seus interesses, garantindo que a realidade seja compatível com a programação. E você nem percebe.

Por quê? Porque os programas rodam de modo automático, enquanto sua autoconsciência está preocupada com outros pensamentos (como você vai gastar o dinheiro, por exemplo). Quando o consciente está em total atividade, não percebe os comportamentos gerados pelo subconsciente. E como o subconsciente representa 95% de tudo que fazemos, a maior parte de nosso comportamento nos passa despercebida!

Por exemplo: digamos que você tem, desde a infância, um amigo chamado Bill. Como o conhece bem, sabe que ele tem maneiras semelhantes às maneiras do pai. Um dia você comenta: “Puxa, Bill, você é mesmo igualzinho ao seu pai”. Bill olha para você indignado, e diz: “Que absurdo!”

A piada cósmica é que todos *menos* Bill conseguem ver que o comportamento dele lembra o do pai. Por que? Porque ele age de acordo

com programas de comportamento adquiridos quando era mais jovem, ao observar o pai, enquanto sua mente consciente mantinha-se ocupada com os próprios pensamentos. Hoje, depois de adulto, esses programas operam de forma automática e inconsciente.

Outro exemplo bem comum acontece no momento em que você dirige seu carro e um amigo está ao seu lado, no banco do passageiro. Você se envolve tanto com a conversa que nem percebe que está dirigindo automaticamente. Como sua mente consciente estava ocupada com o assunto, o carro era guiado pelo piloto automático do subconsciente. Se alguém lhe perguntar o que aconteceu na rua durante esses minutos, sua resposta provavelmente será “não sei. Não estava prestando atenção”.

Ah! Aí está o segredo. Quando nossa mente consciente está ocupada não percebemos nosso comportamento programado se manifestando. Simplesmente não prestamos atenção!

Por esse motivo, a vida não acontece conforme planejamos. Porém é raro notarmos que boa parte das decepções têm nossa direta contribuição. Como quase nunca percebemos a influência do subconsciente, é comum nos considerarmos vítimas de forças externas. E essa condição acaba se tornando realidade. Se nos julgamos vítimas, as funções do cérebro tendem a manifestar essa verdade em nosso dia a dia. Como vítimas somos impotentes e incapazes de realizar objetivos. Ou seja, nos afastamos cada vez mais da realidade.

Conforme veremos adiante, a base de dados das percepções e crenças é um fator decisivo à composição de nosso destino. A boa notícia é que temos poder sobre o conteúdo dessa base de dados. Ao nos tornarmos conscientes da programação que permanece oculta durante a maior parte do tempo, obtemos a chave da evolução espontânea.

TRANSE E TRANSFORMAÇÃO

Haja vista que essa programação controla nossas ações, estrutura biológica e o rumo de nossas vidas, é importante conhecermos as três fontes básicas de nosso jeito de perceber o mundo.

Nossas primeiras percepções são adquiridas como herança dos pais. Nosso genoma contém programas de comportamento traduzidos em atos reflexos chamados “instintos”. Afastar a mão do fogo é um gesto que a genética concede, é um gesto inato. Instintos mais complexos incluem a habilidade dos recém-nascidos de nadar como golfinhos, ou o desenvolvimento de mecanismos internos de cura para eliminar doenças como o câncer. Instintos geneticamente herdados são percepções adquiridas da *Natureza*.

A segunda fonte está nas memórias de experiências armazenadas no inconsciente. Essas poderosas percepções representam o reforço da *educação* que recebemos. Entre as primeiras percepções de vida estão os padrões emocionais de nossa mãe enquanto estávamos no útero. Nutrição não é a única coisa que recebemos dela. Uma complexa combinação química de emoções maternas, hormônios e estresse também atravessam a placenta e influenciam a fisiologia e o desenvolvimento. Se a mãe está feliz, o feto também está. Se ela tem pensamentos de rejeição relativos a ele, seu sistema nervoso fetal absorve a rejeição.

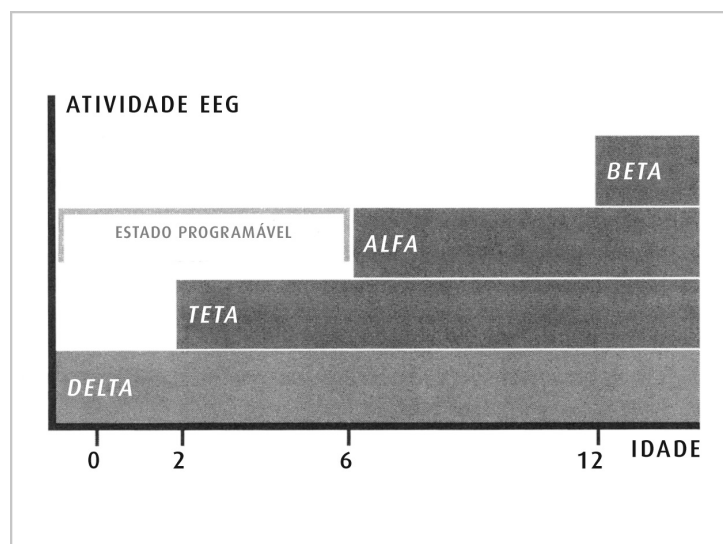
O livro de Sue Gerhardt, *Por que o amor importa*, enfatiza que o sistema nervoso do feto registra todas as experiências vividas no útero.⁹ No momento em que a criança nasce, as informações emocionais adquiridas por meio das experiências da mãe já moldaram metade de sua personalidade! Mas a programação perceptiva mais importante do subconsciente ocorre entre o nascimento e os seis anos de vida. Durante esse tempo o cérebro da criança grava todas as experiências sensoriais e desenvolve os complexos programas motores da fala, do engatinhar, do caminhar e, mais tarde, aqueles necessários para correr e pular. Simultaneamente, os sistemas sensoriais estão abertos à descoberta,

absorvendo quantidades maciças de informações sobre o mundo e seu funcionamento.

Ao observar os padrões de comportamento das pessoas ao redor, como pais, irmãos e parentes, aprende a distinguir atitudes sociais aceitáveis e não aceitáveis. É importante enfatizar que as percepções adquiridas antes dos seis anos se tornam os principais programas do subconsciente de um indivíduo.

Durante esse período de aprendizagem acelerada, a Natureza facilita o processo de absorção de cultura, ampliando a habilidade do inconsciente de absorver grandes quantidades de informação. Sabemos disso graças ao estudo de ondas cerebrais em adultos e crianças. O eletroencefalograma (EEG) de adultos revela que a atividade elétrica neural está relacionada a diferentes estados de consciência, e o cérebro humano opera em pelo menos cinco níveis de frequência diferentes, cada um associado a um estado:

- *Delta* (0.5–4 Hz): Sono profundo/Inconsciência
- *Teta* (4–8 Hz): Imaginação/Devaneio
- *Alfa* (8–12 Hz): Consciência e Tranquilidade
- *Beta* (12–35 Hz): Consciência e Foco
- *Gama* (>35 Hz): Desempenho Máximo



O gráfico revela o estado de atividade eletroencefalográfica predominante durante os estágios do desenvolvimento infantil.

Durante o processamento normal do cérebro de adultos, as vibrações do EEG mudam de estado de forma constante em toda a gama de frequências. Contudo, as frequências cerebrais de crianças em desenvolvimento apresentam-se de um jeito bem diferente. Com o passar do tempo, as taxas de vibração EEG e seus estados correspondentes se desenvolvem em fases crescentes de progressão.¹⁰

A atividade cerebral predominante durante os primeiros dois anos de vida é Delta, a mais baixa.

Entre os dois e os seis anos a atividade cerebral se eleva e passa a operar basicamente na faixa Teta. Neste estado, a criança passa a maior parte do tempo misturando o mundo imaginário com o mundo real.

O nível de consciência mais calmo, associado à atividade Alfa, se torna predominante só após os seis anos.

Por volta dos doze anos, o cérebro já expressa todas as frequências, embora o estado predominante seja Beta, voltado para a consciência e o foco. Nesta fase, a criança termina o nível mais básico de aprendizagem na escola e passa a trabalhar com informações acadêmicas mais complexas.

Caso você não tenha percebido, há um aspecto muito importante: crianças, antes dos seis anos, não expressam de forma tônica a faixa de frequência EEG Alfa. O fato de permanecerem quase o tempo todo entre estados Delta e Teta significa que seus cérebros operam em níveis abaixo da consciência. É um estado conhecido como transe hipnótico, aquele induzido pelos hipnoterapeutas para acessar o subconsciente e modificar o comportamento de seus pacientes!

Durante essa fase, as percepções são levadas direto ao inconsciente, sem qualquer filtro ou discriminação por parte da mente analítica, que ainda não está formada. Ou seja, o que percebemos da vida e de nosso papel no

mundo é incutido sem que tenhamos a capacidade de escolher ou recusar. Somos simplesmente programados.

Os jesuítas tinham conhecimento disso e se orgulhavam em dizer: “Entregue aos meus cuidados uma criança até os sete anos e lhe entregarei um homem”. Sabiam que o estado de transe facilitava a implantação direta dos dogmas da igreja na mente inconsciente. Uma vez programada, a informação inevitavelmente influencia 95% do comportamento do indivíduo pelo resto da vida.

A ausência de processamento consciente – processamento subordinado ao EEG Alfa – e o estado de transe hipnótico desse período têm uma necessidade lógica. Em primeiro lugar, os processos associados ao consciente não funcionam como uma lousa em branco. A atividade dessa parte do cérebro requer a existência de um banco de percepções já ativo. Portanto, antes que alguém desenvolva o consciente, o cérebro precisa manter contato com o mundo por meio de experiências e observações absorvidas e armazenadas com a mente inconsciente. No entanto, há uma grande desvantagem deste método. As consequências são tão graves que têm impacto não apenas sobre a vida do indivíduo, mas sobre toda a civilização. O problema é que absorvemos e registramos percepções e crenças antes de desenvolvermos o raciocínio crítico. Se absorvemos crenças limitadoras ou de autossabotagem durante a infância, elas se tornam verdades para nós. Se crescemos com percepções distorcidas, o subconsciente gera um comportamento compatível.

As percepções adquiridas nessa época podem até mesmo se sobrepor aos instintos geneticamente desenvolvidos. Se, no momento em que saímos do útero todos temos a habilidade de nadar como peixes, por exemplo, por que precisamos aprender a nadar anos depois? Por que tantas pessoas têm medo da água?

Se você tem filhos, pense em sua reação toda vez que um deles se aproxima da água. Você se desabala para segurá-los. Na mente da criança

sua atitude desesperada indica que a água é algo perigoso. Esse medo passa a ser mais forte do que a habilidade instintiva de nadar e torna a criança mais suscetível ao afogamento.

Agora você deve estar pensando: “Uau! Que alívio saber que não sou mera vítima de minha condição genética. Porém vejo que sou vítima de minha programação. Que chance tem meu pequeno processador de 40 bits, a consciência, contra o megacomputador subconsciente que controla meu destino? Era essa a boa notícia?” Bem, a boa notícia é que tudo que foi programado pode ser desprogramado e reprogramado.

Isso nos leva a mencionar a terceira fonte de percepções que moldam nossas vidas e derivam de atos da mente consciente. Ao contrário da programação automática do inconsciente, aquela de apertar botões, etc., a mente consciente é uma plataforma criativa capaz de combinar e transmutar percepções por meio da infusão de imaginação. Ela é capaz de gerar um número ilimitado de crenças e comportamentos variados. Essa característica confere aos organismos uma das forças mais poderosas do Universo: a oportunidade de exercer o livre-arbítrio.

Fontes de percepção capazes de moldar a vida:

- 1. Programação do Genoma (Instintos)*
- 2. Lembranças do Subconsciente*
- 3. Ações da Mente Consciente*

DO JOGO DA CULPA À RESPONSABILIDADE

A maior parte de nossos problemas pessoais e culturais tem origem no fato de que nosso comportamento inconsciente é invisível para nós. Como acabamos de observar, ele é aprendido como resultado de palavras e ações de outras pessoas, que, por sua vez, também foram programadas com crenças limitadoras. Enquanto o consciente tenta nos levar em direção a nossos sonhos, uma programação invisível talvez esteja nos sabotando e impedindo nosso progresso.

Para a nossa sorte, o subconsciente não é aquele fatídico fosso freudiano de maldade e escuridão. É só um mecanismo que grava, reproduz e lê determinadas experiências e as transforma em padrões de comportamento. Enquanto a mente consciente é criativa, a mente inconsciente mobiliza programas previamente gravados. É semelhante a uma máquina, não há uma entidade responsável no controle da engrenagem. Portanto, da próxima vez que você resolver falar consigo mesmo para tentar modificar um padrão de autossabotagem, lembre-se disto: tentar se comunicar com seu subconsciente para modificá-lo é o mesmo que tentar explicar para um radiogravador que ele deve mudar o conteúdo de uma fita cassette. Não há um organismo inteligente ou um componente no mecanismo capaz de responder ao diálogo.

A boa notícia é que os programas não são fixos e imutáveis. Temos o poder de modificar nossas crenças limitadoras e assumir o controle de nossas vidas. Mas não adianta tentar estabelecer um diálogo com a mente inconsciente. Apresentamos, no final deste livro, uma lista de técnicas que comprovadamente facilitam a modificação de crenças e padrões de autossabotagem.

Perceber que nosso comportamento até agora foi determinado por operações que fogem ao nosso controle nos dá a chance de perdoar a nós mesmos. Talvez a ideia de pecado original fosse melhor se a substituíssemos pela noção de equívoco original.

Seja como for, nem os nossos pais nem os pais deles sabiam representar um roteiro preestabelecido. É importante lembrar que todos com quem interagimos também estão condicionados, desde a infância, a determinados comportamentos. Eles também não têm consciência de que suas ações têm impacto sobre nós. São conceitos extremamente importantes, que podem ajudar a trazer paz a um mundo em que a maioria responde inconscientemente a condicionamentos culturais oriundos de seus ancestrais. Sob esta perspectiva, cabe a nós reconsiderar nossos conceitos

no que se refere à culpa, vítimas e algozes. Essas recentes descobertas científicas nos levam a concluir que a frase bíblica “Perdoai-os. Eles não sabem o que fazem” é muito coerente.

Ao estudar a vida e os ensinamentos de Jesus, observamos que ele empregou os conceitos da nova ciência em sua estrutura biológica e forma de se comportar. Afinal, sempre deu ênfase ao fato de o abandono de nossas crenças limitadoras nos tornaria capazes realizar os mesmos milagres que fazia. E nossas vidas poderiam ser renovadas por meio da mudança de crença. Ele enxergava o perdão como o verdadeiro caminho para a paz. Se cada um de nós puder mudar esse pequeno conceito em nossas mentes, daremos um grande passo em termos de evolução global.

Baseada nas descobertas científicas sobre o funcionamento da mente, a nova Biologia nos pede apenas que prestemos atenção ao que sempre nos disseram os grandes profetas: perdoar o que nos fazem. Durante todo esse tempo grilhões – forjados por comportamentos disfuncionais programados em histórias do passado – nos imobilizaram. O perdão pode nos livrar desses grilhões e do peso da história. Só então estaremos livres para criar um futuro positivo.

Dr. Fred Luskin, especialista em psicologia e aconselhamento, afirma em seu livro *O poder do perdão* que “o perdão nos ajuda a não ficarmos presos ao passado”.¹¹ E Colin Tipping, outro guru do perdão e autor de *Perdão Radical* vai ainda mais longe. Ele afirma que perdoar “transforma nosso arquétipo de vítimas” para sempre.¹²

Além de nossa programação subconsciente individual, a sociedade também estimula determinadas crenças coletivas e invisíveis. Lembra-se de Bill, que não percebia agir exatamente como o pai? Nossas percepções culturais inconscientes individuais são crenças partilhadas e, portanto, invisíveis para pessoas ao nosso redor. Imagine o estrago que elas podem fazer.

Na verdade, a filosofia delimita a estrutura biológica, pois a função de nosso cérebro é estabelecer coerência também entre nossas crenças subconscientes coletivas e a realidade vivenciada no mundo. O próximo passo da viagem é observar como a trama de nossa cultura evoluiu e o que pode acontecer no próximo ato da grande peça da vida.

Uma nova versão da velha história

“A história que a história não contou.” Ou
“Prenda-se à sua história e ficará preso nela.”

SWAMI BEYONDANANDA

A HISTÓRIA DE UMA HISTÓRIA

Um amigo nosso, psicólogo de mais de 50 anos de idade, viveu há pouco tempo uma crise familiar por causa de seus pais. Mas não foi um problema de doença ou de morte. Foi algo bem mais inusitado. Depois de um divórcio há 50 anos, de terem se casado com outras pessoas e de já serem até viúvos, os dois decidiram se reconciliar. Com mais de 80 anos e saúde relativamente boa, resolveram viver juntos o resto de vida que ainda teriam pela frente.

Puxa, que romântico, não? Até aí, nenhum problema. Mas os filhos do primeiro casamento e do segundo não gostaram da ideia. Depois de décadas de ressentimentos, acusações e sessões de terapia, eles agora precisariam se ajustar mais uma vez à realidade dos pais! E aceitar a ideia de que, em uma idade em que cada minuto é precioso, os dois decidiram ganhar mais alguns anos de felicidade em vez de manter uma briga que não tinha mais importância.

Nós, seres humanos, vivemos e morremos por nossas histórias. Somos uma espécie que precisa dar sentido às coisas. É algo tão importante para nós quanto a vida em si. Veja o que aconteceu no final dos anos 1930, quando Orson Welles levou ao ar seu famoso programa de rádio chamado *Guerra dos Mundos*. Quem ligou o rádio depois que o programa havia

começado achou que se tratasse de um noticiário real informando sobre marcianos invadindo a Terra. O resultado foi uma histeria em massa, e muitas pessoas, em pânico, saíram correndo pelas ruas. Algumas até pensaram em suicídio, pois a notícia era grave demais para elas.¹

Construímos nossas vidas sobre nossas histórias. E quanto mais investimos em uma história mais importante ela se torna, mesmo que depois ela perca o sentido. Veja o que acontece com os israelenses e os palestinos no Oriente Médio, ou mesmo o que aconteceu mais recentemente, no norte da Irlanda, entre os católicos e os protestantes. A animosidade persiste porque cada morte ou iniquidade adiciona mais um fato à história.

Muitas de nossas histórias existem há milênios. E se todas as supostas verdades que aprendemos sobre o mundo não forem verdades? E se entendemos tudo errado? E se aquilo que aprendemos sobre lutar não for a lei natural, e sim algo totalmente absurdo? E se os Darwinistas estiverem enganados? E se a cooperação, e não a competição, for a chave para a sobrevivência?

Hoje, enquanto o ponteiro do *Doomsday Clock* (relógio do Juízo Final) caminha de maneira inexorável para a Fatídica Meia-Noite, será que não vale a pena pensar que a história coletiva pode ter nos levado a esse perigoso precipício? Será que ainda podemos aprender com o casal de velhinhos que decidiu que sua história não lhes servia mais nos últimos e preciosos anos de suas vidas?

Hoje, nossa espécie se vê diante de uma escolha: manter a história ou a vida.

Nossa história é repleta de contos de guerra, de disputa de território, de exploração e de desconfiança. E à nossa frente está uma nova história: aquela que representa a chave de nossa sobrevivência como espécie. Devemos continuar com a mesma história de sempre ou aprender a lição e criar uma nova?

“Insanidade” também pode ser definida como “fazer a mesma coisa repetidas vezes esperando resultados diferentes”. Propomos aqui uma questão: o que aconteceria se nosso mundo insano de repente se tornasse lúcido?

COMO ESCOLHER UMA FONTE “REAL” DE VERDADES

Para entender a história atual, como mudá-la e por quê a mudança é necessária, precisamos primeiro estudar a história das histórias.

Desde que existe a consciência humana, lutamos para responder a três perguntas:

1. Como chegamos aqui?
2. Por que estamos aqui?
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

O que responder a essas perguntas da maneira mais satisfatória se torna nossa fonte “oficial” de verdades. Porém, de tempos em tempos, o privilégio de ser essa fonte muda de mãos. Em certos momentos importantes da história a civilização percebeu que as respostas oficiais não eram suficientes para enfrentar os desafios que surgiam. Então, saía-se em busca de novas explicações para a vida. Parece que estamos em um desses momentos. A sociedade parece prestes a adotar uma nova forma de ver o mundo, porém ainda se encontra presa a velhas metáforas e explicações.

Ao longo da história as pessoas aplicaram duas descrições diferentes à natureza da existência humana: estática e dinâmica. Histórias estáticas mostram o mundo como algo cíclico e imutável. Baseiam-se, normalmente, em padrões repetidos e previsíveis da Natureza e das estrelas, mostrando que tudo que aconteceu no ano passado ou nos dez mil últimos anos poderá se repetir. Um ícone que descreve bem a condição de civilização estática é um círculo – ou melhor, uma cobra engolindo a própria cauda.

Histórias dinâmicas demonstram progresso e se baseiam em conceitos de evolução e aprendizado. A história mostra claramente que os humanos modificaram profundamente seu comportamento toda vez que descobriram novas informações e viveram novas experiências. Nossos ancestrais descobriram o fogo, criaram ferramentas, inventaram a roda, aprenderam a caçar e a plantar sementes, criaram armas e construíram casas. Nos últimos 100 anos as inovações tecnológicas mudaram não apenas nossas vidas, mas tiveram impacto sobre cada espécie no planeta. Uma boa imagem para uma existência humana dinâmica é uma seta em movimento representando um vetor de progresso ou um foguete decolando.

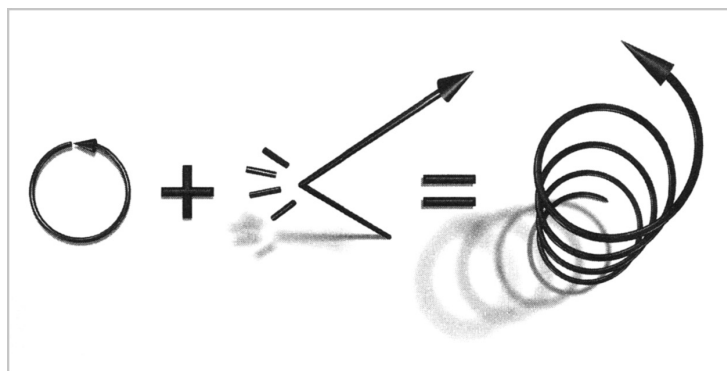
E agora? Qual história é a verdadeira? Será que seguimos um padrão cíclico e repetido? Ou evoluímos e nos desenvolvemos? A resposta é “sim” e “sim”. As duas situações ocorrem simultaneamente.

Os aborígenes e as comunidades que vivem junto à Natureza sobrevivem por estar em harmonia com seus ciclos. Viver em equilíbrio garante a sobrevivência, mas não estimula, ou melhor, não requer progresso tecnológico.

No entanto, a civilização oriental e um número cada vez maior de nações asiáticas têm se preocupado com o vetor do progresso. Infelizmente, o *glamour* da tecnologia abalou a conexão da humanidade com a Natureza, e a corrida pelo desenvolvimento nesta área tem trazido muito desequilíbrio e crises globais. Nosso vetor de progresso se transformou em um foguete descontrolado a criar uma catástrofe atrás da outra. Para sobreviver (e prosperar) será que é preciso escolher entre estática e dinâmica, entre florestas e celulares? Felizmente, não é preciso optar para responder a esta questão. Em vez disso, combinamos as duas alternativas. Sabemos que a vida como a conhecemos seria inviável sem mecanismos tecnológicos. Explicamos: à medida que as comunidades celulares evoluíram da condição de indivíduos independentes para organismos multicelulares, a tecnologia se tornou condição obrigatória. Para construir e operar esses mecanismos

gigantescos, as células precisaram desenvolver métodos de suporte estrutural de peso reduzido (ossos), cabos de colágeno com força equivalente àquela dos cabos de aço (tecido conjuntivo), materiais de reforço moldáveis e maleáveis (tecido cartilaginoso) e centenas de inovações biológicas. O que torna essas estruturas tão interessantes é o fato de não existirem anteriormente *nas células*. Foram criadas *por elas* e montadas em seu ambiente por meio de interações celulares com esse propósito. Portanto, devemos todo respeito à tecnologia! Sem ela não estaríamos aqui.

A Natureza parece apresentar uma característica essencial: a capacidade de se modificar e de, ao mesmo tempo, permanecer igual. Então, o que acontece quando combinamos padrões estáticos e evolução dinâmica?



O círculo representa a existência cíclica, a harmonia e o equilíbrio. O vetor simboliza o progresso direcional e a evolução tecnológica. Combinados, os dois criam uma espiral de evolução benéfica e positiva que pode nos tornar uma civilização próspera e autossuficiente.

No entanto, é preciso fazer uma observação importante: para adotar este recurso, será necessário rever alguns conceitos e crenças básicas de nossa cultura. Felizmente temos precedentes para nos ajudar: esta não é a primeira vez que uma nova maneira de pensar muda o curso da humanidade. Nos últimos oito mil anos a civilização ocidental reeditou sua missão quatro vezes, e cada vez que isso ocorreu houve uma revolução social.

PARADIGMAS BÁSICOS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HISTÓRIA

Os arqueólogos e historiadores revelam que a civilização já passou por quatro “paradigmas básicos”, ou seja, quatro explicações para a existência: animismo, politeísmo, monoteísmo e materialismo. À medida que cada estágio atingiu seu limite em termos de compreensão e de influência um novo patamar de evolução se estabeleceu e um novo estágio se iniciou, refutando o paradigma anterior, mas mantendo alguns vestígios dele ou simplesmente estabelecendo uma nova postura e uma nova visão.

O caráter e o destino de cada versão da civilização dependem de como as pessoas veem sua existência em relação ao cosmo. Desde o início os humanos dividem o Universo em dois reinos distintos: o reino material e o reino não material. O reino material representa o universo físico, composto de matéria. O reino não material representa as forças invisíveis a que os antigos chamavam “espírito” e os cientistas de hoje chamam de “campo de energia”. Tanto os cientistas quanto os antigos místicos concordam que as forças não materiais influenciam em grande parte nossa experiência humana. Neste livro utilizaremos os termos “campo de energia” e “espíritos”, alternadamente.

Os quatro paradigmas básicos que moldam cada fase da civilização definem o relacionamento da cultura com os reinos material e não material. Algumas culturas reconhecem o reino espiritual como fator que controla a vida na Terra, enquanto outras pregam que o reino material é que molda o Universo. E há também aquelas que acreditam que ambos são responsáveis por nossas experiências de vida.

Se traçarmos uma linha de evolução da civilização ocidental em um gráfico para medir o relacionamento consciente da sociedade com o cosmo teremos uma visão interessante de como esta evolução ocorreu e de como pode ser o futuro da humanidade.

Usaremos a seguinte ilustração para mostrar as crenças da civilização e seu relacionamento com os reinos espiritual e material. Na Figura A os

reinos se apresentam como elementos distintos. Já a Figura B é uma expressão mais realista. As crenças que enfatizam os reinos material ou espiritual se sobrepõem e é possível observar uma variação de 100% de crença na primazia da espiritualidade a 100% de crença na da realidade material. A linha mediana horizontal representa um equilíbrio de 50% de ênfase no reino material e 50% no reino espiritual.



Figura A: Espírito representa o reino não material. Matéria representa o reino físico.

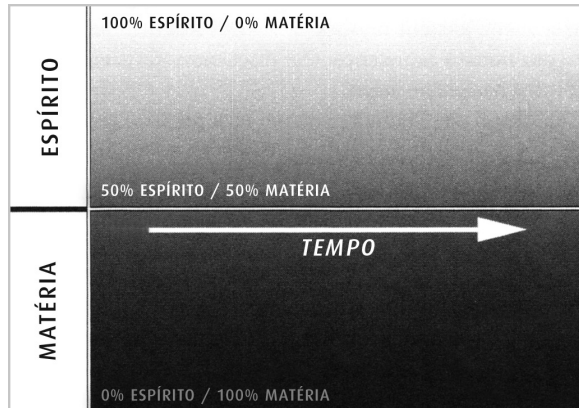


Figura B: Na realidade, Espírito e Matéria se sobrepõem, criando uma sequência contínua entre 100% espírito / 0% matéria e 0% espírito / 100% matéria.

A linha mediana na Figura B representa o avanço do tempo por meio do qual se pode observar o caminho de evolução da civilização. Uma sucessão acelerada do paradigma básico para o próximo revela que a humanidade evolui em uma taxa exponencial. A passagem de um nível de consciência para o outro promove maior consciência, o que facilita e agiliza

a evolução. Como podemos observar na linha do tempo, o processo ocorre cada vez mais rápido.

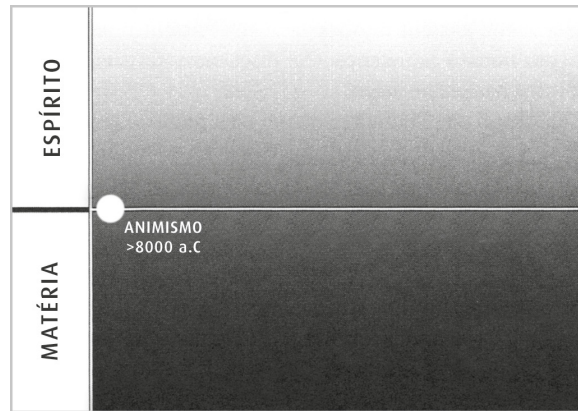
Tudo indica que a civilização está prestes a entrar em seu quinto paradigma básico. Mas, antes de analisá-lo, vejamos os outros pelos quais passamos:

ANIMISMO: SOU UNO COM O TODO

O animismo é provavelmente a prática religiosa mais antiga do mundo e acredita-se que teve origem entre as culturas primitivas da Era Neolítica, também conhecida como Idade da Pedra. Ocorreu por volta de 8000 a.C. Baseava-se no princípio de que o espírito é algo universal e existe em todas as coisas, animadas ou inanimadas. Como o animismo propõe o equilíbrio perfeito entre os reinos material e espiritual, o colocamos na linha mediana.

Derivado da palavra “*anima*”, que significa “respiração” ou “alma” em latim, o animismo é a experiência espiritual do Jardim do Éden, onde não há distinção entre o eu e o ambiente. Tudo que existe no mundo (chuva, céu, pedras, árvores, animais e, claro, humanos) possui um espírito imaterial. Então, como cada objeto na Natureza possui um espírito, todos são partes de um todo.

Podemos imaginar que o Jardim do Éden tenha sido uma invenção da tradição Judeu-Cristã, mas o especialista em mitologia Joseph Campbell afirma que se trata de algo comum a todas as culturas humanas, com pequenas variações.² O caráter universalista deste mito indica uma lembrança latente de nossa conexão com tudo o que existe.



Durante o animismo, o paradigma dominante era o equilíbrio inerente entre espírito e matéria.

O animismo ainda está presente em algumas culturas indígenas. Para os aborígenes australianos trata-se de absoluta realidade. A vida no mundo físico é vista por eles como um estado de sonho e o véu entre nossa dimensão e o mundo espiritual é algo diáfano. Para algumas dessas comunidades antigas o tempo também não existe. Cada momento é apenas um novo “agora” e vivemos portanto no eterno presente.

O animismo oferece as seguintes respostas para as questões primordiais da existência:

1.Como chegamos aqui?

Somos filhos da Mãe Terra (plano material) e do Pai Céu (plano espiritual).

2.Por que estamos aqui?

Para cuidar do grande Jardim e nos desenvolvermos.

3.Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

Vivendo em harmonia com a Natureza.

O animismo é, provavelmente, o mais próximo que a humanidade já esteve, desde o Jardim do Éden, de realizar o sonho de unir espírito e matéria. Enquanto ele existiu, a harmonia entre o reino espiritual e o reino visível prevaleceu. Tudo era o mesmo Uno. Se a vida fosse apenas estática e cíclica na Natureza, ainda estaríamos no Grande Jardim, totalmente

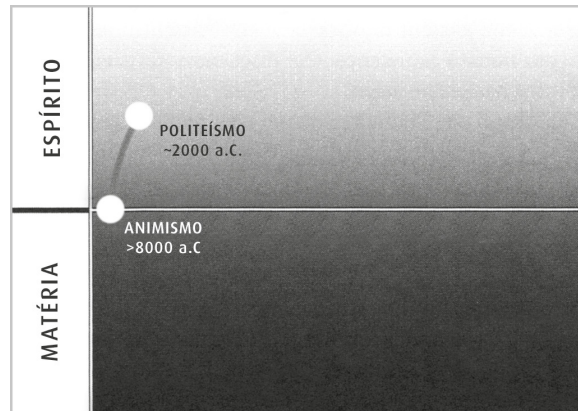
integrados e indistinguíveis do ambiente, usando apenas uma folha como roupa, ou mesmo nus. Viveríamos como os outros animais, em um grande e global zoológico.

Mas algum poder ou estímulo, talvez a inata curiosidade humana, levou nossos ancestrais em outra direção, longe do idílico Jardim, para que nossa espécie pudesse evoluir e conhecer o mundo. O que a teologia descreve como perda da inocência ou distanciamento de Deus foi, na realidade, um “descobrimento” que impulsionou a evolução da humanidade e nos colocou no caminho do conhecimento e da consciência.

Uma pequena mordida na *maçã do conhecimento* abalou a Terra. A unidade do Grande Jardim foi rompida, e a civilização seguiu um caminho que separou os reinos da matéria e do espírito. No entanto, houve um contratempo inesperado: para atuar como observadores do mundo, enxergando a realidade sob um prisma analítico, nossos ancestrais precisariam adotar uma postura de distanciamento. Essa perspectiva modificou significativamente a relação com a Natureza. De repente, o Universo foi dividido entre “eu” e “tudo aquilo que não sou eu”. E todas as forças transformadas em “o que não sou eu” tiveram que ser aplacadas para que “eu” e “os outros como eu” não se tornassem vítimas das forças que antes conviviam em harmonia, de maneira “una”.

POLITEÍSMO: A PRIMEIRA SUBDIVISÃO ESPIRITUAL

À medida que começamos a enfatizar a diferença entre *eu* e *não eu* a unidade do Jardim deu lugar à “subdivisão espiritual”. Então, desligado do mundo físico, o mundo espiritual passou a ter uma energia e uma conotação próprias.



Com o advento do politeísmo, o paradigma dominante começou a se voltar para o mundo espiritual.

O politeísmo se iniciou por volta do ano 2000 a.C., quando a sociedade se distanciou do conceito de unidade do período do animismo, por meio da crença em diversas entidades espirituais. Ao separar espírito e matéria, os politeístas deram ao reino espiritual uma grande variedade de deuses icônicos que representavam os elementos da Natureza. E instituíram que cada uma dessas deidades deveria ser reverenciada com rituais e cerimônias especiais para garantir a continuidade da saúde e do bem-estar da humanidade. Ao buscar as respostas para os mistérios da vida no mundo espiritual, os politeístas começaram a se desconectar da Natureza.

O ápice da era politeísta se deu quando os deuses e deusas gregos, que possuíam habilidades super-humanas, decidiram viver em mansões de cristal no topo do Monte Olimpo, de onde “desciam” eventualmente, escondidos sob vários tipos de disfarce. As pessoas já não sabiam mais se as criaturas ao seu redor eram humanos ou deuses, e todos viviam em um ambiente opressivo. Provocar a ira de deuses tão instáveis poderia ser desastroso e até mesmo fatal. A mensagem era simples: viva em harmonia, como se tudo e todos fossem deuses, pois do contrário pode provocar uma entidade poderosa que vai querer rir por último e fazer você rolar por uma ribanceira todos os dias e por toda a eternidade.

Os politeístas tinham novas respostas às questões primordiais da existência:

1. Como chegamos aqui?

Somos oriundos do Caos.

2. Por que estamos aqui?

Para agradar aos caprichosos e perversos deuses.

3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

Não provocando a ira dos deuses.

A procura de explicações para questões que os povos primitivos simplesmente acatavam como verdade deu origem aos primeiros filósofos. Os gregos, por exemplo, se dividiram em duas facções com pontos de vista distintos.

A primeira, encabeçada por Democritus (460-370 a.C.), pregava a primazia da matéria. Democritus cunhou a palavra “átomo”, que significa “indivisível”. Sua teoria era de que os átomos, invisíveis e não fracionáveis, eram as menores partículas da matéria, a base de toda estrutura física, e o Universo consistia de átomos suspensos no vácuo. Para Democritus e seus seguidores a única coisa que importava era a matéria. Segundo ele, só existia aquilo que se podia ver.

Em oposição a essa teoria, existia a de Sócrates (470-399 a.C.), que via os fatos sob um ponto de vista totalmente diferente. Para ele o Universo era uma dualidade. De um lado havia um mundo não material, no qual os pensamentos tomavam “forma”. O termo utilizado para descrever esta forma era “alma”. Ele também afirmava que as formas do mundo não físico eram perfeitas, enquanto as do mundo material e tangível eram apenas uma “tosca sombra”. Por exemplo: uma pessoa pode imaginar uma cadeira perfeita, porém a mesma cadeira construída no mundo material pode, no máximo, se aproximar bastante do projeto original, sem jamais ter a mesma forma.

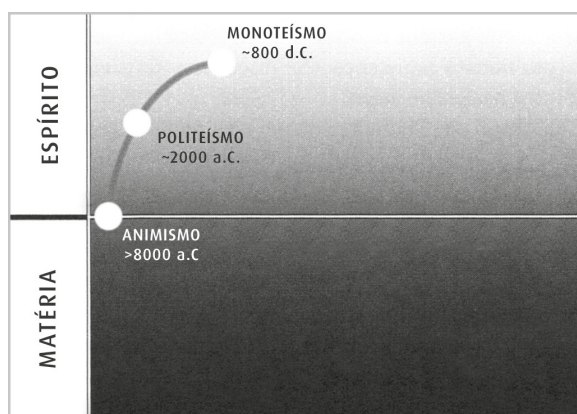
À medida que o politeísmo evoluiu, os gregos permitiram que tanto a visão de Democritus quanto a de Sócrates coexistissem em sua civilização.

MONOTEÍSMO: DEUS NÃO ESTÁ MAIS ENTRE NÓS

Após alguns milênios assistindo aos deuses se divertirem e fazerem estragos, era hora da humanidade prosseguir em seu caminho de evolução e de conhecimento do mundo espiritual.

Assim como as crianças que, em certa idade, começam a ter necessidade de ordem e disciplina, a busca da compreensão das questões do espírito levou ao monoteísmo e à crença em um Deus Único, onisciente, onipotente e onipresente, que ditasse as regras para todos. Esse Deus não apenas vivia fora deste mundo, mas nos prometia um lugar confortável fora dele, desde que vivêssemos de acordo com Suas regras (pelo menos era o que garantiam Seus sagrados missionários aqui na Terra).

Enquanto no Oriente Médio a população minoritária de hebreus já adorava um Deus único há mais de dois mil anos, o Cristianismo impôs o monoteísmo e sua crença como paradigma teológico dominante no mundo ocidental.



O monoteísmo se mostrou um paradigma mais voltado para o mundo espiritual.

No primeiro milênio depois de Cristo, o crescimento da Igreja de Roma se tornou um exemplo de como um novo estágio de uma civilização pode reestruturar e até mesmo eliminar os vestígios do estágio anterior. Diversos ídolos e festas da era pagã foram moldados e modificados, ressurgindo na forma de ícones e festividades cristãs.

Sob a direção de Alberto Magno e seu discípulo, Tomás de Aquino, a Igreja remodelou radicalmente os 1.500 anos de ciência e filosofia herdados da Era de Ouro da Grécia. Todos os aspectos de retórica politeísta que lhes eram desagradáveis foram adaptados, reescritos e modificados para se encaixar no Velho e no Novo Testamento. Com essa síntese das filosofias do cristianismo e de Aristóteles, Aquino criou a “Teologia Natural”, um sistema de crença que objetivava conhecer e compreender Deus por meio do estudo da Natureza. A Igreja Judaico-Cristã era favorável ao conceito de Sócrates, ou seja, à ideia de um universo dualista e de uma forma ou alma perfeita. A Igreja pregava que a vida imperfeita nesta grosseira sombra que é o mundo material, a Terra, representa aquilo que a ativista moderna Caroline Casey chamou de “pilar das provações espirituais”.³ O planeta é meramente um palco de representações morais e uma parada obrigatória no caminho para a perfeição no invisível Reino do Paraíso. Esse conceito de “os últimos serão os primeiros” e “sofra agora para desfrutar do gozo eterno depois da morte” veio como uma forma de convencer as pessoas de que a vida neste mundo, algo que seria intolerável, era uma oportunidade para “dar à alma um descanso no Paraíso”.

O monoteísmo concentrou, de uma maneira geral, a ênfase no mundo espiritual, e associou este mundo à condenação. Isso levou a humanidade, durante a existência desse paradigma, a se concentrar somente na esfera espiritual e a focar toda a sua energia tentando não se desviar do foco sagrado. A vida prometida fora deste mundo fez com que as pessoas vivessem em desequilíbrio.

Uma diferença filosófica entre o politeísmo e o novo paradigma monoteísta era a localização e o acesso aos Poderes Divinos. Enquanto os deuses gregos viviam no Monte Olimpo, o novo Deus Cristão tinha um endereço secreto no céu. Como Ser onipotente, este Deus naturalmente necessitava de uma rede de comando muito acima da “população comum”. Então, totalmente separados do Criador, passamos à condição de meros

mortais que precisavam de sacerdotes para servir como intermediários. Os missionários ajudaram a aumentar cada vez mais o poder da Igreja (e o próprio poder) viajando pelo mundo todo na tentativa de converter primitivos animistas que já se comunicavam muito bem, obrigado, com seu criador.

Os monoteístas respondiam às questões primordiais da existência da seguinte maneira:

1. Como chegamos aqui?

Pela intervenção Divina.

2. Por que estamos aqui?

Para viver de acordo com os códigos morais.

3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

Obedecer às Escrituras, para evitar a condenação da alma.

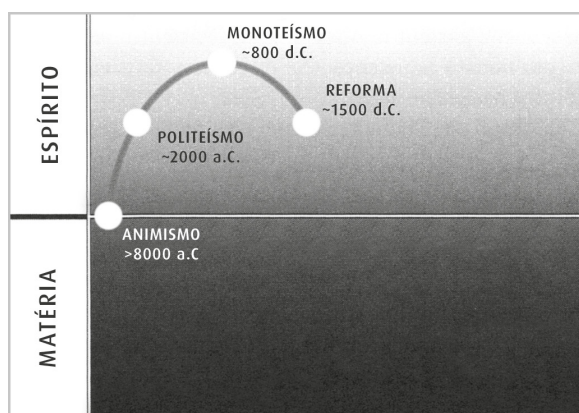
Ao pregar que a vida é curta e bruta, a Igreja oferecia uma troca: faça como mandamos e, um dia, você terá direito a cruzar os majestosos portões do Céu e desfrutar da vida eterna ao lado do Deus Pai. Seu plano de marketing era direto e altamente eficaz. “Compre nosso produto e vá para o Céu. Deixe de comprá-lo e vá para o Inferno”.

Naturalmente, com a hierarquia religiosa vieram as regras, a tortura e a repressão em nome de Deus Pai. E também a infalibilidade da Igreja, dona de todo o conhecimento. E como conhecimento é sinônimo de poder, conhecimento absoluto passou a ser poder absoluto. Questionar a infalibilidade da Igreja era considerado heresia, punível com a morte, o que dava a seus representantes total liberdade de ação.

Mas a Igreja estava tão preocupada com seu conhecimento e tão corrompida por seu poder que começou a se desorganizar e acabou por cair de seu pedestal de “árbitro da verdade”.

Um evento crítico para esta queda ocorreu em 1517, quando Martinho Lutero, monge e professor alemão, iniciou um protesto contra a venda de

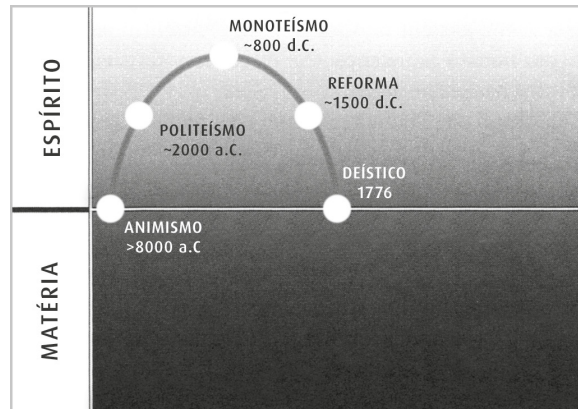
indulgências (espécie de salvo-conduto que livraria os pecadores mais ricos das garras do Inferno). O protesto levou à Reforma Protestante, que colocou em jogo a infalibilidade da Igreja. Assim, impelida pelas contribuições de Descartes, Bacon e Newton, entre outros, a marcha evolucionária da humanidade retomou seu ritmo, e, à medida que a ciência começou a desvendar os mistérios do Universo físico, o foco deixou de ser o mundo espiritual.



A Reforma Protestante foi responsável por uma mudança de paradigma, e a humanidade resgatou o equilíbrio entre o espírito e a matéria.

DEÍSMO: UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL

Entre os séculos 17 e 18, o processo evolutivo mais uma vez conduziu a um equilíbrio entre espírito e matéria. Nessa época se iniciava o Século das Luzes ou Iluminismo, movimento intelectual europeu que priorizava a razão e o individualismo, em contraste com a tradição religiosa do monoteísmo. A filosofia do Século das Luzes era de que Deus e a Natureza são um só e, através do estudo e da compreensão científica da Natureza, poderíamos aprender a viver em harmonia com Deus.



O período deístico foi um breve momento de retorno ao equilíbrio entre espírito e matéria. Pode não ter durado muito, mas representou a possibilidade de um dia o reconquistarmos.

O mais interessante é que o equilíbrio espírito/matéria característico da filosofia Iluminista se originou de estudos da cultura animística dos Índios Norte-Americanos, realizados pelo filósofo francês Jean-Jacques Rousseau. Ele descreveu os nativos norte-americanos como nobres selvagens que simbolizavam a bondade inata da humanidade, livres da influência corruptora da civilização, o que iniciou uma onda de imigração europeia às recém-formadas colônias americanas.

Muitos dos Pais Fundadores da República dos Estados Unidos eram deístas, praticantes da filosofia Iluminista. Aceitavam a ideia de um Ser Supremo, mas rejeitavam a crença em uma divindade sobrenatural que pudesse interagir com a humanidade. Suas crenças baseavam-se em algo a que chamavam “lei natural e racional”. Assim como os animistas, 8.000 anos antes, os deístas reverenciavam sua relação tanto com o reino material quanto com o reino espiritual da Natureza.

Imbuídos na filosofia deísta com elementos derivados diretamente da cultura nativa norte-americana, a Declaração de Independência e a Constituição dos Estados Unidos representaram uma profunda união entre a verdade espiritual e os princípios físicos de um elegante Universo material. A Fundação dos Estados Unidos foi um evento que marcou o retorno do equilíbrio espírito/matéria.

No entanto, a seta do tempo jamais se mantém imóvel, e a jornada da evolução continuou em direção ao inexplorado âmbito da matéria, distanciando-se de tudo o que diz respeito ao outro mundo. À medida que a civilização se concentrou no reino físico, a ciência intensificou as pesquisas em relação ao Universo material, o que resultou em uma melhoria de qualidade de vida jamais imaginada. Como comparar o milagre de Jesus transformando água em vinho a maravilhas como a máquina a vapor, que gerou transporte, ou a vacinas, que podem prevenir doenças como a catapora? Mas apesar de todos os milagres tecnológicos, a ciência moderna do Século das Luzes não conseguiu competir com o grande “provedor oficial da verdade”. A ciência não era capaz de oferecer uma resposta melhor para as origens da espécie humana do que as da Bíblia, e isso a manteve relegada a segundo plano em relação às consagradas verdades estabelecidas pela Igreja.

MATERIALISMO CIENTÍFICO: O PODER DA MATÉRIA

O monoteísmo baseava-se apenas na fé. Mas filósofos e cientistas como Francis Bacon e Isaac Newton ofereceram aos seres humanos a oportunidade de questionar dogmas e buscar respostas por si mesmos. Para as pessoas daquela era, as verdades científicas eram baseadas em cálculos matemáticos e resultados previsíveis, e os milagres da tecnologia se tornaram a base da nova revolução industrial.

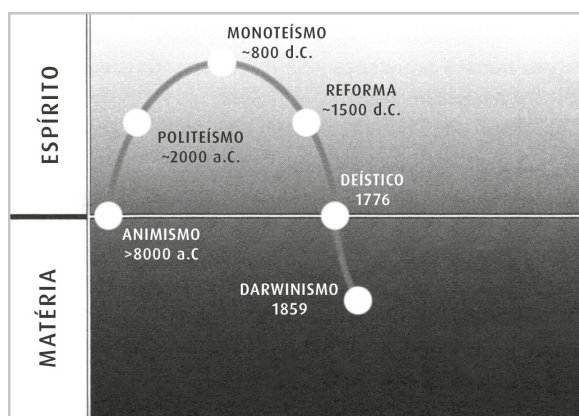
Ao mesmo tempo, a Igreja tentava desesperadamente recuperar o controle do conhecimento, ameaçando os pensadores criativos com o Santo Ofício da Inquisição, mas a iniciativa acabou se transformando em um surpreendente incentivo para que as pessoas passassem a “pensar de maneira correta”.

A Igreja também limitava a busca do conhecimento, estabelecendo limites para estudos e experiências, desencorajando muitos cientistas que desejavam conhecer melhor o mundo. Um bom exemplo foi a alegação de

que o corpo humano era de domínio restrito, um “Mistério de Deus”, exclusivo para Sua contemplação, e estudar seu interior era pecado. Por esse motivo os cristãos não podiam ser médicos. A prática se restringia aos judeus, muçulmanos e aos considerados descrentes. Porém, apesar dos decretos da Igreja em relação à Biologia humana, os cientistas continuaram suas pesquisas em outras áreas.

O filósofo e matemático René Descartes, e mais tarde Isaac Newton, postularam que o Universo era uma máquina. Os princípios matemáticos de Newton se expandiram para além dos mecanismos da época e permitiram idealizar um relógio no sistema solar. A ciência não descartava a ideia de que Deus pudesse ser o relojoeiro original, tendo em vista que, segundo os princípios da matemática, o “relógio do mundo” funcionava perfeitamente bem.

Em um mundo governado pela ciência Deus estava tão longe do planeta que Seu trabalho não necessitava de Sua presença. A Revolução Industrial e as invenções tecnológicas seguintes acabaram por deixá-Lo totalmente isolado do mundo físico. Quem precisa de Deus quando os humanos podem fazer os próprios milagres tecnológicos?



O darwinismo marcou a mudança de paradigma e o domínio da matéria.

Quando o naturalista inglês Charles Darwin entrou em cena, na metade do século a9, o materialismo se tornou o paradigma dominante da civilização. Antes de seu tratado, “A Origem das Espécies”, a ciência não

tinha como fornecer explicação adequada para as três questões primordiais da existência, condição básica para o estabelecimento de um paradigma.

Segundo a teoria de Darwin, os seres humanos tiveram origem em uma forma primitiva de vida que se desenvolveu ao longo de milhões de anos, em um processo de hereditariedade oriundo da luta pela sobrevivência. O conceito foi prontamente aceito pela sociedade da época, familiarizada com os processos de cultivo de plantas e de criação de animais. A consequência foi a queda da autoridade suprema da Igreja. O materialismo científico passou a ser o provedor “oficial” das grandes verdades da humanidade.

Os materialistas responderam da seguinte maneira às questões primordiais da existência:

1. Como chegamos aqui?

Por ações aleatórias da hereditariedade.

2. Por que estamos aqui?

Para crescermos e nos multiplicarmos.

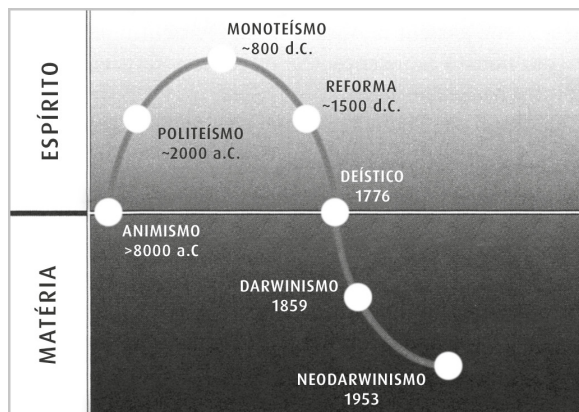
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

Vivendo segundo as leis da selva.

A mudança foi rápida. Das leis das Sagradas Escrituras para as leis da selva, a afiada faca de dois gumes do materialismo nos trouxe benefícios tecnológicos que nossos ancestrais jamais sonharam. Mas, em termos práticos, a civilização simplesmente trocou uma autoridade absoluta por outra. Diante de todos os milagres científicos, a dogmática religião do monoteísmo deu lugar à dogmática religião do materialismo científico (ou cientificismo). Para a ciência, o mundo material é o único que existe, e tudo que não se encaixa em seu pacote ideológico é estigmatizado e considerado heresia.

Então, como adolescentes que declaram sua independência, começamos a imaginar que poderíamos entender a mecânica de um Universo totalmente material e finalmente desvendar os segredos da vida. A

jornada da civilização se desviou totalmente para o âmbito material em 1953, quando os biólogos moleculares James Watson e Francis Crick declararam ter desvendado o maior segredo da Biologia com sua descoberta: a dupla hélice do DNA. Ao definir a natureza dos elementos de origem da célula, Watson e Crick identificaram as origens materiais da vida.



O neodarwinismo levou o paradigma materialista a se consolidar ainda mais.

A VIRADA DA MARÉ

Bem, tudo que sobe tem que descer, e estamos sofrendo uma grande “descida”. Nos últimos 50 anos, a santificada tecnologia tem gerado inúmeros problemas.

No desenho *Fantasia*, de Walt Disney, Mickey Mouse faz o papel de um aprendiz de feiticeiro que pretende fazer magia como seu mestre, porém sem ter conhecimento ou experiência para tal. O resultado é desastroso, pois Mickey não é capaz de controlar os poderes que invocou. Da mesma maneira, a civilização moderna deu asas ao poder da tecnologia, mas se mostrou incapaz de controlar seus efeitos. O resultado é que a mesma medicina que nos deu a penicilina, a vacina contra a poliomielite e a cirurgia cardíaca é uma entre as principais causas de morte no mundo ocidental.

Em um esforço desesperado para capitalizar a cultura do materialismo científico, especuladores convenceram os cientistas e o público a investir no Projeto Genoma Humano (PGH), destinado a identificar e patentear cada

um dos 150 mil genes que, segundo biólogos moleculares neodarwinistas, são necessários para gerar um ser humano.

No entanto, a conclusão do projeto, em 2001, revelou que o genoma humano consiste de algo em torno de 23 mil genes. Os mais de 125 mil genes que faltam mostram claramente que a crença em uma estrutura geneticamente programada é um grande equívoco.⁴

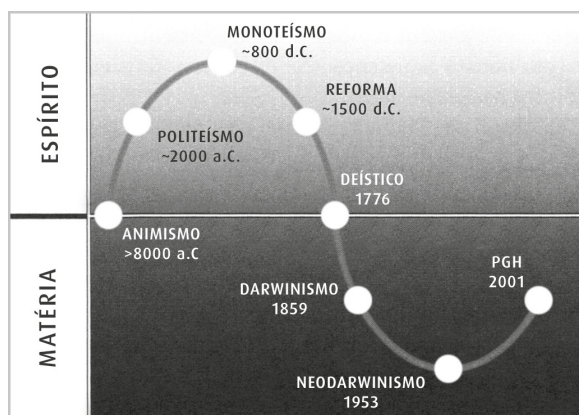
O sistema de saúde baseado neste equívoco, somado a outros que descreveremos mais tarde, vem impondo restrições cada vez maiores ao desenvolvimento da medicina e é diretamente responsável pelo efeito limitado e pelos custos cada vez maiores da alopatia. A insatisfação do público com esta situação pode ser medida pelo fato de que quase metade da população dos Estados Unidos busca alívio nas diversas modalidades de medicina complementar.

O mais interessante é que a maioria das práticas alternativas de cura enfatiza o papel dos campos de energia invisíveis na formação do caráter e da vida dos seres humanos. A figura a seguir mostra a tendência da civilização de se afastar do materialismo e recuperar o equilíbrio, incorporando em sua cultura o âmbito das forças invisíveis; o âmbito do espírito.

Uma nova ciência surgiu para substituir a errônea crença de que os genes controlam nosso destino. A epigenética reconhece que a estrutura biológica e a atividade genética de um organismo são diretamente influenciadas por sua interação com o ambiente. A nova ciência mostra que, em vez de sermos vítimas de nossos genes, podemos controlar o ambiente ao nosso redor, equilibrar nossa estrutura biológica e nos tornarmos mestres de nossas vidas.

O aspecto positivo desta fase é que a jornada evolucionária da sociedade se encaminha rapidamente ao ponto de equilíbrio. A cada dia temos mais provas de que nossa preocupação excessiva com a matéria está ameaçando a vida no planeta. Por sorte, parece que estamos em uma curva

de aprendizado rápido. Mas se queremos mesmo sair da montanha russa inconsciente desta onda senoidal, é melhor nos conscientizarmos de que não precisamos de mais polarização espiritual-material neste momento, mas de integração e harmonia.



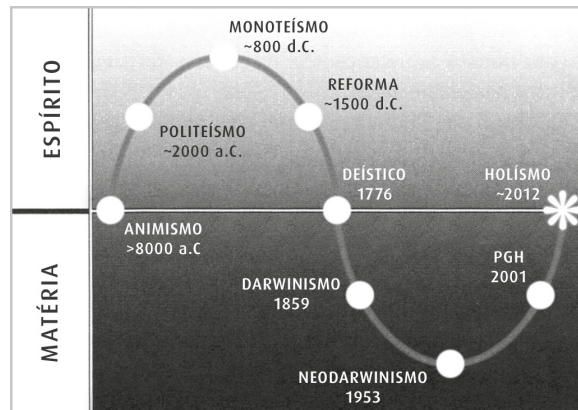
O Projeto Genoma Humano, um empreendimento voltado exclusivamente para o materialismo, foi o ponto-chave para a mudança de paradigma.

O ressurgimento do fundamentalismo religioso, especialmente a obsessão em relação ao paraíso e às recompensas após a morte, indicam haver consciência de uma rota sem escalas rumo à destruição. Nem os sacerdotes nem os cientistas podem nos ajudar agora (pelo menos não dentro dos padrões atuais de crenças). Tanto o monoteísmo quanto o cientificismo afastaram o ser humano da Natureza. O fundamentalismo religioso coloca a humanidade acima do restante da criação em vez de integrá-la a todas as espécies. E o materialismo científico insiste que o milagre da vida foi um mero acidente, resultante de um jogo de dados genético.

A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA

Você começa a enxergar por que precisamos de uma nova história? A antiga nos faz reféns de um Deus distante ou de eventos genéticos aleatórios. Rouba nossa atenção e nossas energias, induzindo a população a adotar uma postura de fragilidade em vez de estimular a seguir em frente e

evoluir. Será que vamos nos desviar do caminho mais uma vez? Ou poderemos cultivar a unidade e a coerência para sair da situação em que nos encontramos, caminhando para o ponto ideal de equilíbrio entre o material e o espiritual?



Com o holismo, resultado direto da evolução espontânea, o paradigma vigente será mais uma vez o equilíbrio entre espírito e matéria, tornando possível usufruir o melhor que cada um deles tem a oferecer.

Em uma era em que padrões arcaicos estimulam a rixa entre dualidades, devemos nos lembrar daquilo que os físicos quânticos nos dizem a respeito da natureza da existência física: por trás de cada partícula há uma onda guiando seus movimentos e atitudes. Assim como os animistas e deístas, que compreendiam que espírito e matéria devem coexistir, somos agora chamados a reconhecer esta verdade. Espírito e matéria. Onda e partícula. Você e eu e todas as pessoas.

Tomemos como exemplo a própria história da vida. Ela se iniciou em um ponto central ou ponto-zero em que tanto as ondas de energia quanto as partículas de matéria estavam presentes. Durante bilhões de anos a energia do sol se irradiou sobre as partículas de matéria que compõem *Mater*, nossa Mãe Terra. A energia dessas ondas fundiu-se à química inorgânica através de um processo chamado fotossíntese. A combinação de ondas de luz e de partículas químicas gerou a “química orgânica”, ou seja, a química dos organismos vivos. Através da fotossíntese, a energia do sol deu vida à

matéria inerte. Portanto, a vida se iniciou com a fusão da luz do céu com a matéria física da Terra! Percebe de onde os índios norte-americanos animistas extraíram o conceito de Pai Céu e Mãe Terra?

A célula espermatozoide, programada para distribuir genes e que contém apenas informações, é outro exemplo. Sua função é equivalente à da onda, fundindo-se à matéria física no ovo da mãe. Assim é criada a vida na fantástica rede de padrões semelhantes do Universo. Informação e matéria são a base da criação. Mas não se pode identificar o processo estudando o ovo e o espermatozoide separadamente. Será que, integrando elementos opostos de espírito e matéria, energia e partícula, masculino e feminino, poderemos criar uma nova sociedade, cuja expressão é completamente imprevisível, estudando o que temos e quem somos hoje?

O conceito de uma nova humanidade, completamente diferente daquela conhecida, pode parecer inviável, mas consideremos esta hipótese. Estamos em uma situação limite: evoluir ou morrer. O que vamos escolher? Conforme veremos na Parte II deste livro, nossas preferências pessoais exercem muito mais poder sobre a realidade do que jamais imaginamos. Consequentemente, aquilo que escolhermos pode fazer toda diferença ao destino da humanidade.

Diferente de nossos ancestrais dômicos, a guerra enfrentada nos tempos atuais não é contra o rei de outro país, é contra a nossa consciência, nossas limitações e nossa percepção distorcida da natureza e do potencial humano. Estamos em guerra contra nossos mecanismos de defesa e nosso medo de coisas que podem nem existir mais. A piada sem graça é que a maioria de nós é “controlada” por crenças e limitações de pessoas que viveram no passado e sequer tem consciência disso!

Os treinadores de animais amarram os filhotes de elefante, desde cedo, a pilares, com cordas grossas. Por mais que tentem, os elefantinhos não conseguem escapar. Acabam associando as cordas a uma força muito maior do que a sua, contra a qual não adianta lutar. Depois de adulto, basta

amarrar uma corda a uma de suas pernas, e ele se mantém no lugar, pois aprendeu a se resignar a essa limitação. Apesar de ter força para arrebentar qualquer corda e arrancar até mesmo um poste do chão, a crença adquirida quando filhote o torna dócil e passivo. Sendo assim, podemos perguntar: “Quais histórias e crenças nos mantêm inconscientemente limitados e nos impedem de expressar nossas verdadeiras habilidades? Somos refreados por ideias não questionadas sobre o pecado original ou sobre um Universo sem sentido? Apesar de toda a nossa educação moral, temos medo de não agir corretamente? Será que nos resignamos à crença geral de que sempre haverá guerras e pobreza no mundo e que tudo deve ser assim mesmo?”

Bem, pergunte isso a Mahatma Gandhi, a Martin Luther King Jr., a Washington, Jefferson ou a Franklin. Conforme veremos no capítulo a seguir, a tarefa inacabada dos pais e fundadores dos Estados Unidos da América pode ser a chave de algo a que eles chamaram “lei natural”. Talvez tudo o que precisemos agora seja uma lei natural atualizada que norteie nossas vidas e esteja de acordo com nossa verdadeira natureza: a de células do corpo da Mãe Terra e de energia espiritual do Universo eterno.

Esse novo caminho talvez seja a entrada para o Grande Jardim, mas desta vez retornaremos a ele como jardineiros conscientes, cocriadores de uma expressão de vida mais bela, mais funcional e repleta de verdadeiro amor.

O redescobrimento da América

"Não precisamos de uma revolução norte-americana.

Já temos uma, obrigado. O que precisamos agora
é de uma evolução Norte-Americana, de preferência
algo que possa transformar nossos cidadãos
nos homens e mulheres com os quais os
Fundadores deste país sonharam."

SWAMI BEYONDANANDA

A EVOLUÇÃO NA PLACA DE PETRI

Quando começamos a escrever este livro, o intitulamos *A Evolução americana*. Como nós dois, Bruce e Steve, somos de áreas diferentes (ciência biológica e ciência política), reconhecemos o potencial evolucionário do grande experimento chamado Estados Unidos da América. O lema da fundação de nossa nação, "*e pluribus unum*" (de muitos, um), reflete a descoberta da ciência evolucionária: cada um de nós é uma célula consciente e participativa do corpo da humanidade. E esse conceito científico faz ainda mais sentido quando olhamos para a América do Norte como uma caixa de cultura humana, um projeto macrossômico com o qual todos no planeta podem aprender. Se observarmos sob a perspectiva biológica, a Terra representa uma grande placa de Petri que mantém o desenvolvimento e a sobrevivência de todos os organismos da biosfera. Oceanos, rios, montanhas e desertos estabelecem limites geológicos naturais e esculpem o terreno à sua volta, criando habitats para as mais diversas

comunidades de flora e fauna. As características que definem cada ambiente definem os traços evolucionários das espécies que neles habitam.

O mesmo vale para os habitantes humanos da Terra. Com o surgimento da civilização, o ambiente foi subdividido em regionais geopolíticas que deram origem aos Estados e nações. Os cidadãos inscritos dentro dos limites dos países ou Estados viveram durante muito tempo isolados da influência das tribos ao redor. Cada território político, com seu tipo específico de ambiente, moldou os traços e as características de seus habitantes. Essas nações independentes, separadas por barreiras políticas, representam o equivalente biológico de uma estrutura cultural que favorece o crescimento e o desenvolvimento de seus cidadãos. Com o passar do tempo, o ambiente dessas placas de Petri soberanas estabeleceu a identidade de cada país.

Na pecuária, a procriação consanguínea pode manter e aprimorar determinadas características nos organismos dos animais. Isso é comprovado observando-se o grande número e a variedade de raças de cães e gatos criados até hoje. Porém, as mesmas práticas de procriação consanguínea que dão origem a campeões em concursos podem gerar defeitos hereditários. Distúrbios genéticos por cruzamento consanguíneo geram, por exemplo, doenças degenerativas, como má formação de ossos e juntas, hemofilia, retardo mental e uma longa lista de problemas. No século 18, os praticantes da cultura de procriação consanguínea já haviam identificado as características positivas e negativas características de cada uma das nações da placa de Petri que compõem a civilização ocidental. Assim como *collies* e *pit bulls* são raças diferentes, humanos nascidos e criados em culturas relativamente isoladas desenvolvem personalidades culturais diferentes. Essas tendências podem ser resumidas em uma piada sobre o Paraíso e o Inferno e os países da Europa. No Paraíso, a polícia é inglesa, os mecânicos são alemães, os cozinheiros são franceses, os amantes são italianos e quem comanda tudo são os suíços. No Inferno, a polícia é alemã, os cozinheiros são ingleses, os mecânicos são franceses, os amantes são suíços e quem está

no controle são os italianos. É muito engraçado observar as diferenças entre as “raças humanas”.

Outra coisa era verdade sobre as origens das raças humanas da Europa do século 18: os cidadãos de cada país eram moldados de acordo com a hierarquia de castas de poder e posição social de suas famílias. A natureza de uma classe social estratificada definia o futuro das crianças antes mesmo de elas virem ao mundo.

Consequentemente, quando a filosofia deísta se espalhou pela civilização ocidental, por volta de 1700, o conceito de nobreza e liberdade de Jean-Jacques Rousseau em relação aos nativos do Novo Mundo trouxe novas possibilidades. Inspiradas pelo sonho desse Novo Mundo sem castas e sem regras, pessoas do mundo todo partiram em busca de uma vida melhor, imigrando para o solo fértil das colônias americanas.

A Fundação dos Estados Unidos da América foi um grande experimento na evolução da civilização humana. As colônias receberam levadas de pessoas das mais diversas raças, credos e nacionalidades. Encerrados em suas divisas geopolíticas e isolados da Europa e da Ásia por grandes oceanos, os Estados Unidos se transformaram em uma grande placa de Petri para testar a dinâmica e o potencial de uma civilização global.

Fazendeiros, geneticistas e todos os criadores de animais sabem que indivíduos resultantes de cruzamento de raças apresentam qualidades superiores às daquelas de seus progenitores de raça pura. Os cientistas classificam esse fenômeno como “vigor híbrido”. Em termos de mistura de raças, o sucesso meteórico dos EUA em termos de supremacia global foi uma demonstração de vigor total.

Além da mistura cultural, a fundação dos EUA contribuiu para que a humanidade pudesse reconhecer a necessidade do equilíbrio entre os âmbitos material e espiritual. O sucesso dos Estados Unidos da América se deu, ao menos em parte, à incorporação de princípios evolutivos mais avançados em termos de civilização igualitária, aliados à filosofia Iluminista

e incorporados em sua Declaração de Independência e em sua Constituição. Ao fazer isso, os Fundadores do país se colocaram em posição delicada, pois exigiram reconhecimento do valor da vida humana. E não apenas dentro de seu território, pois sua Constituição se tornou uma declaração de igualdade dedicada à toda a humanidade.

Infelizmente, como se observa na linha de evolução mencionada no capítulo anterior, a harmonia da fase deística da civilização representou apenas um breve período na marcha da humanidade em direção ao domínio do âmbito material. Na década de 1860, a teoria darwinista influenciou o mundo a adotar uma existência sem deus, baseada apenas na materialidade. Ao mesmo tempo, a Guerra Civil Norte-Americana e o avanço industrial deram origem a uma filosofia materialista radical. O país substituiu os valores espirituais pelos do ouro. Com a adoração ao dinheiro veio o domínio da máquina. O grande sucesso financeiro durante esse período foi regido por uma entidade não física: o conceito de lucro a qualquer preço. No início da década de 1880, essa entidade, batizada de corporação, passou a reger os direitos das massas, porém carecia da consciência moral de um líder humano. E como sempre ocorre na Natureza, uma espécie invasora surge no organismo toda vez que ele se encontra em desequilíbrio, abalando todo o sistema e gerando doenças.

Com o domínio do conceito imperativo de crescimento a qualquer custo, os micro-organismos que poderiam ser benéficos à saúde agora haviam se tornado parasitas no corpo da política, minando os recursos do país e denegrindo os ideais morais e espirituais introduzidos por seus Fundadores.

Como veremos neste capítulo, a filosofia de fundação dos EUA representou um passo importante na evolução da humanidade e se tornou referência para o resto do mundo (embora os próprios EUA tenham se distanciado dela).

Apesar de todos os contratempos, esse experimento ainda não terminou. Dizem que o despertar da nação, após o período Bush, reacendeu o espírito de igualdade da fundação do país. Bem, pode ser que, depois de uma longa era de ceticismo, nossos olhos se voltem para a filosofia original, que deu origem a um grande sonho há tanto tempo abandonado... e talvez possamos finalmente redescobrir a América.

AMÉRICA: DA REVOLUÇÃO À INVOLUÇÃO

Ao estudar a ascensão e a queda dos paradigmas durante o longo processo de evolução humana, é importante lembrar que a história pertence àqueles que a escrevem e interpretam, e as interpretações dependem de sua visão. Portanto, é preciso levar em consideração que, além dos muitos fatos incorretamente registrados, eventos importantes podem ter sido convenientemente omitidos porque não se encaixavam nos padrões dos provedores “oficiais” da verdade na época.

Quem nasceu ou cresceu nos Estados Unidos provavelmente se lembra das histórias da Declaração da Independência, da Declaração de Direitos e dos princípios idealistas sobre os quais o país foi criado. Desde o jardim da infância, sempre ouvimos histórias que conferiam aos pais ou fundadores do país uma aura quase sobrenatural. Um bom exemplo é a pintura de Emanuel Leutze, *Washington Cruzando o Delaware*, que mostra o general George Washington próximo da proa de um barco enquanto seus homens remavam nas águas geladas do Rio Delaware, no período da Revolução.

Como convinha na época, os fundadores foram inicialmente colocados em um pedestal. Mas durante os 100 anos de mudanças que se seguiram, seus halos foram, aos poucos, manchados pelas grandes disputas políticas, pelo crescimento da indústria e da mentalidade da máquina e pelos mordazes ataques dos jornalistas investigativos, dos escritores e dos céticos literários. Os altos ideais e os heróis Fundadores foram expostos, analisados e depreciados um a um.

E, claro, a Guerra Civil também destruiu a inocência norte-americana. A economia do país migrou da agricultura para a produção industrial, mais especificamente para a indústria do carvão, do aço e das estradas de ferro; tudo o que pudesse alimentar as máquinas. Até mesmo as organizações políticas urbanas que distribuíam perus no dia de Ação de Graças – em troca de votos nas eleições de novembro – eram chamadas de “grandes máquinas”.

Ao final de 1800, a população se deleitava com as histórias de pobres que se transformavam em ricos, escritas pelo autor norte-americano Horation Alger, que exaltavam os indivíduos que se sobressaíam e obtinham sucesso em um mundo competitivo. No início de 1900, o otimismo deu lugar à literatura mais realista, como “*The Jungle*” (A Selva), de Upton Sinclair, que denunciava as péssimas condições da indústria da carne. Jornalistas da imprensa marrom como Ida Tarbell, Lincoln Steffens e outros expunham o lado negro da era da máquina, revelando os abusos das grandes corporações, como a *Standard Oil Company*.

Talvez o historiador mais influente da primeira parte do século 20 tenha sido Charles Beard, que, literal e figuradamente, atingiu a maioria durante a era da máquina. Em uma época de disputas de interesse em todas as áreas, seu trabalho destruía os halos de heróis dos Fundadores do país e dava a eles o título de egoístas e interesseiros, pois era exatamente o que ele via ao seu redor, observando os comerciantes e políticos da era industrial.¹

Sob a influência do ceticismo que permeava o paradigma pós-moderno, a visão de Beard a respeito dos grandes fundadores do país foi plenamente aceita. O resultado é que, 50 anos depois, sua figura ainda é associada à dos conservadores patriotas jeffersonianos, que ansiavam por um governo menos invasivo.

Ao mesmo tempo, os acadêmicos de esquerda, que seguiam um paradigma próprio de *política correta*, viam os fundadores como homens brancos privilegiados, alguns deles senhores de escravos, que sancionaram o

confisco das propriedades dos habitantes nativos do país. Suas críticas tinham o seguinte tom: se os autores da Declaração de Direitos eram tão iluminados, por que acreditavam que todos os homens foram criados iguais, mas não as mulheres? E por que a única citada por eles foi Betsy Ross, relegada à função de fazer e costurar a bandeira?

Hoje imaginamos Washington, Jefferson, Adams, Franklin, Hancock e o resto dos 56 representantes que assinaram a Declaração de Independência (muitos dos quais foram marginalizados e passaram por dificuldades financeiras mesmo depois de assumir sua postura heróica) pasmos ao ver as ideias pelas quais arriscaram suas vidas e suas propriedades serem derrubadas uma a uma; e sua contribuição para a fundação do país, considerada mero ato de egoísmo.

A REVOLUÇÃO NORTE-AMERICANA NÃO FOI UMA REUNIÃO DE CHAZINHO COM BISCOITOS

Thom Hartmann, um “comentado comentador” de rádio contemporâneo norte-americano e autor do livro *What Would Jefferson Do?* (O que Jefferson faria?) mostra uma visão mais completa dos desafios que os conservadores e liberais “brancos e elitistas” impuseram aos fundadores. Hartman, que denomina sua postura política como sendo “radical de centro”, descobriu através de pesquisas que o mais rico dos revolucionários norte-americanos, John Hancock, chegou a ter, no máximo, algo em torno de 750 mil dólares em seu poder. Outro muito rico, Thomas Nelson, do Estado de Virgínia, teve suas terras e casa desapropriadas pelos ingleses e morreu sem um centavo no bolso aos 50 anos de idade.²

Embora as escolas de hoje ensinem aos jovens norte-americanos que expulsar os ingleses das colônias foi a melhor solução, os revolucionários foram apenas uma minoria de colonos. Hartmann afirma: “Estes homens [que assinaram a Declaração] eram os colonos mais idealistas e determinados. Enquanto os conservadores da época insistiam que a América

do Norte deveria permanecer definitivamente uma colônia inglesa, os radicais liberais acreditavam em liberdade individual e obrigações sociais”.³

Ao assinar a Declaração de Independência os fundadores estavam cientes de que assinavam a própria sentença de morte. Com a frase “empenhamos mutuamente nossas Vidas, nossas Fortunas e nossa Sagrada Honra”, eles se colocavam como traidores, e a pena para a traição naquela época era a morte. A frase “liberdade ou morte”, de Patrick Henry, não foi mera hipérbole de oratória. E a de Ben Franklin para seus colegas revolucionários, “Devemos permanecer juntos ou, com toda certeza, pereceremos separados”, também foi literal.

John Hancock, o primeiro a assinar a Declaração de Independência, cujo tamanho da assinatura se destacava no documento (segundo ele, “para que o Rei George a visse muito bem, mesmo sem os óculos”) já tinha a cabeça a prêmio, por incitar revolta. Quando ele e sua esposa tiveram que fugir do exército inglês, seu bebê morreu no parto.⁴

Segundo Hartman, nove dos 56 que assinaram o documento perderam a vida em batalha, e 17 perderam seus bens e seus lares. Ele conclui, dizendo: “Enquanto muitos dos fidalgos rurais Tory ainda hoje têm poder e riquezas (no Canadá e na Inglaterra), nenhum membro das famílias dos Fundadores é rico ou pertence a qualquer entidade politicamente dominante”.⁵

Como o ceticismo ainda é dominante quando se trata de política, é fácil aceitar a velha crença de que nada muda de verdade. Porém considere isto: um grupo de homens relativamente jovens (Franklin era o único mais velho, com 72 anos, e Jefferson, com 33, era o mais jovem) se uniram e lutaram contra o maior poder mundial na época, o Império Britânico. Além do poder militar, o Rei George III tinha um grande poder econômico sobre os revolucionários, por ser proprietário da maior corporação multinacional da época, a *East India Company* (Companhia da Índia Oriental), objeto de ataque da célebre *Boston Tea Party* (Festa do Chá de Boston).

SOBERANOS SEM REI SE IGUALAM

Ainda mais surpreendente do que a rebelião eram os ideais revolucionários nos quais se ela se baseava: “Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais, foram dotados pelo Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade”. Essa frase soou como um insulto às leis europeias, mesmo entre seus defensores mais esclarecidos.

Segundo as leis da Inglaterra, Deus dava aos reis a posição de líderes, e eles, por sua vez, estabeleciam direitos a seus povos seguindo a Magna Carta. Essa doutrina de seleção clássica relegava os seres humanos mais simples, que não possuíam “sangue nobre”, à categoria de “baixa hierarquia”. A noção de que cidadãos comuns são tão humanos e capazes quanto os da nobreza (que dominavam a população com mão de ferro) simplesmente não existia. De onde poderiam vir ideias assim?

Bem, como os cidadãos norte-americanos podem vagamente se lembrar de terem aprendido na escola, essas ideias vieram da Era Iluminista da Europa, de filósofos como John Locke e Jean-Jacques Rousseau, e da chamada lei natural. Segundo a lei natural, todas as leis aplicadas a seres humanos devem ser primeiramente compatíveis com as leis de Deus e da Natureza. Claro, a interpretação dessas leis depende do ponto de vista de quem as analisa. Inicialmente a ideia era: Deus e Seu agente, o Estado, têm como objetivo primordial a felicidade humana. A lei natural, portanto, deve garantir a felicidade de todos. Em seu tratado clássico, *O Leviatã*, o filósofo inglês Thomas Hobbes organizou a estrutura da lei natural em nove preceitos, resumidos a seguir:⁶

1. *A paz deve vir em primeiro lugar; guerra somente em último caso.*
2. *Dê aos outros a mesma liberdade que deseja para si mesmo.*
3. *Mantenha sua palavra.*
4. *Exercite a gratidão.*

5. *Adapte suas necessidades às leis da comunidade.*
6. *Perdoe, sempre que possível, aos que se arrependem.*
7. *Em caso de vingança, concentre-se não no mal que se sucedeu, mas sim no bem que pode se suceder.*
8. *Jamais declare ódio a alguém.*
9. *Reconheça as qualidades das pessoas.*

John Locke, por sua vez, tentou fazer com que o governo fosse exercido dentro desses princípios. Em *Dois Tratados de Governo*, que publicou anonimamente em 1689, ele sugeria que, se um governante fosse contra as leis naturais e deixasse de proteger “a vida, a liberdade e a propriedade”, a população teria todo direito de destituí-lo.⁷ Lembra alguma coisa? Sim, esse foi o principal argumento de Thomas Jefferson ao redigir a Declaração de Independência dos Estados Unidos.

AS RAÍZES DA DEMOCRACIA EM SOLO SAGRADO

Se interrompêssemos esta história aqui, na Era do Iluminismo, deixaríamos de mencionar aquela que é provavelmente a mais importante contribuição aos Fundadores dos Estados Unidos e ao governo que eles criaram. De onde os filósofos europeus como Locke e Rousseau tiraram suas ideias? Do quintal de Jefferson, de Washington e de Franklin: o Novo Mundo.

Embora diversas linhas filosóficas idealistas de perfeição tenham existido na Europa desde a Era de Ouro da Grécia, a ideia de uma vida plena, de liberdade e de busca da felicidade só existiu mesmo no mundo perfeito criado por Sócrates, jamais se tornando realidade. Bem, isso até os europeus começarem a ler os relatórios enviados das Américas, descrevendo os hábitos e a cultura dos nativos.

As descrições de Rousseau sobre os “nobres selvagens” da América do Norte podiam ser exageradas, mas tinham um fundo de verdade. Conceitos como democracia e equilíbrio de poder já existiam pelo menos 300 ou 400

anos antes de os autores da Declaração de Independência começarem a escrevê-la! Algumas pesquisas indicam que, por volta de 1100 a.C, ou mesmo antes, em 1400 a.C. ou 1500 a.C., seis tribos que habitavam o que hoje chamamos de nordeste dos Estados Unidos, sul de Ontário e Quebec, no Canadá, se uniram e formaram a Confederação Iroquesa.⁸

A história desta confederação tem origem na visão de um profeta e grande mestre de origem misteriosa, um nativo norte-americano chamado *The Confluence of Two-Rivers* (Confluência de Dois Rios). *Two-Rivers* propôs uma Aliança de Paz e Poder entre tribos que guerreavam na área conhecida atualmente como norte de Nova Iorque. E escolheu um negociador, Hiawatha, para fazer a conciliação. O resultado se chamou Aliança de *Haudenosaunee*, que na língua Onondaga significa “Pessoas da Casa Longa”. A confederação era composta pelas tribos Mohawk, Oneida, Onondaga, Cayuga e Seneca e, mais tarde, também pelos Tuscaroras, que migraram das Carolinas. Com o estabelecimento dessa confederação, seis nações puderam viver em relativa paz e harmonia através de um sistema político que muito influenciou a Constituição dos Estados Unidos.⁹

Existem ainda outras similaridades entre a Confederação Iroquesa e o governo dos Estados Unidos. Assim como no sistema federal norte-americano, as tribos tinham autonomia no que dizia respeito a assuntos locais. A confederação era um pacto de mútua defesa que transformava aquelas tribos em uma única nação e as protegia de inimigos externos. Preservava vidas, recursos e toda a energia que elas gastariam se debatendo entre si. A confederação dispunha ainda de um sofisticado sistema de verificação e controle entre os três principais departamentos governamentais.

Na Nação Iroquesa da América colonial, os filósofos da Era do Iluminismo da Europa encontraram uma lição real de liberdade. Segundo Donald A. Grinde, historiador da Nação Iroquesa, professor de Estudos Norte-Americanos e índio Yamasee, os Iroquois acreditavam na liberdade

de expressão, desde que ela não causasse qualquer mal. Diferentemente da sociedade europeia, que Grinde dizia ser “baseada em culpa” e cheia de proibições, a cultura tribal era “baseada em vergonha”. Uma forte identificação com a comunidade motivava os indivíduos a evitar transgressões que pudessem trazer vergonha ao clã e a si mesmos.¹⁰

A “AMERICANIZAÇÃO” DOS BRANCOS

As semelhanças entre o governo dos índios e a estrutura dos Estados Unidos tiveram origem, sem dúvida, na profunda influência dos índios nativos no dia a dia dos colonizadores. E essa influência foi ainda maior naqueles que se criaram no Mundo Novo e não na Inglaterra. Diferente da Europa, a natureza selvagem permeava a América. A informalidade e a noção de igualdade também invadiram rapidamente as colônias. Como afirmou o índio e professor acadêmico Felix Cohen, “a verdadeira epopeia da América do Norte é a história ainda inacabada da americanização dos brancos”.¹¹

Por exemplo: aqueles que chegavam do Velho Mundo se assustavam ao ver os colonos usando roupas de camurça e mais ainda ao saber que haviam adotado costumes indígenas, como o de se banhar! Na sociedade europeia da época, o banho era considerado prejudicial à saúde, então imagine a reação deles ao ver indivíduos de aparência europeia despidos e nadando junto com os índios.

Em sua infância, Thomas Jefferson foi profundamente influenciado pela cultura dos índios locais. Seu pai, Peter Jefferson, era cartógrafo e o levava frequentemente em suas excursões de trabalho. Além disso, a casa deles em Shadwell, Estado de Virgínia, era sempre visitada pelo chefe dos Cherokees, Ontasseté. O menino Thomas acompanhava as longas conversas entre seu pai e o chefe, que chegavam a seguir noite adentro.¹²

E foi um nativo americano que propôs a criação dos Estados Unidos da América! Em 4 de julho de 1744, durante uma reunião convocada para que

fosse estabelecida uma aliança entre os Iroquois e os colonos ingleses, um chefe muito respeitado, chamado Canassatego, pediu a palavra e disse: “Nossos sábios antepassados estabeleceram a união entre as Cinco Nações. Isso nos tornou muito fortes e nos ajudou a ganhar o respeito das nações vizinhas. Somos uma confederação poderosa e posso afirmar que, se utilizarem os mesmos métodos que utilizamos, vocês também irão adquirir muita força e poder. O segredo está em jamais se voltarem uns contra os outros, aconteça o que acontecer”.¹³

Segundo Benjamin Franklin, que esteve presente nesta reunião, Canassatego deu uma demonstração desse poder aos colonos. Tomou uma flecha e a partiu ao meio. Depois pegou doze flechas, representando as colônias, e pediu que alguém as quebrasse. Ninguém na sala conseguiu quebrar o feixe unido.¹⁴ Curiosamente, o Grande Selo dos Estados Unidos, criado em 1782 por Charles Thompson, secretário do Congresso e pelo promotor William Barton, mostra uma águia segurando treze flechas.

Pouco tempo depois da reunião com Canassatego, Franklin iniciou sua campanha por uma união federal. Em 1751, ele escreveu: “É muito estranho que seis nações de selvagens ignorantes tenham conseguido formar uma nação e governá-la tão bem a ponto de manter o poder durante décadas, e agora uma dúzia de colônias inglesas não consiga estabelecer uma união”.¹⁵

Apesar do termo “selvagens ignorantes”, Franklin tinha profundo respeito pela sabedoria política dos Iroquois. O Plano de União de Albany, que ele apresentou no Congresso de Albany, Nova Iorque, em 1754, era, em muitos aspectos, semelhante ao da Confederação Iroquois, incluindo o cargo de Presidente-General, que seria designado pela Coroa Inglesa e pelos emissários das colônias.¹⁶

O Plano de Albany não foi aceito, mas serviu de modelo aos Artigos da Confederação Norte-Americana, os quais, em 1781, se tornaram o primeiro documento governamental do país. Como resultado, a Nação Iroquois foi

representada por seus emissários na Convenção Constitucional, algo mais do que merecido.

Enquanto a Convenção Constitucional se reunia na Filadélfia, outra revolução contra a monarquia explodia na Europa. Usando a Declaração de Independência dos Estados Unidos como modelo a Assembleia Nacional da França, redigiu a própria Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. E, assim como a da América do Norte, a Declaração francesa destacava os direitos humanos básicos.

Mas, infelizmente, a versão francesa não teve sucesso. Talvez o campo de energia das monarquias fosse tão presente e dominante na época que a ira dos cidadãos não foi suficiente para rompê-lo. No entanto, do outro lado do Atlântico, no Novo Mundo, onde a voz da monarquia britânica era mais fraca, os revolucionários e evolucionários colonos estabeleceram uma nova república.

A TRADIÇÃO EVOLUCIONÁRIA DA AMÉRICA

Além do impacto das ideias dos nativos norte-americanos na formação do governo dos EUA, há outra parte da história da fundação do país que não foi contada, mas se relaciona à situação limite em que nos encontramos atualmente.

Os Fundadores dos EUA já foram descritos como cientistas, como religiosos e como deístas, mas, na verdade, eles são as três coisas. Em seu livro, *America's Secret Destiny* (O destino secreto da América), o autor Robert Hieronimus examina detalhadamente a vida espiritual de Benjamin Franklin, George Washington e Thomas Jefferson. Esses três fundadores foram influenciados tanto pelos nativos norte-americanos – que invocavam espíritos sem, no entanto, estabelecer uma religião – quanto pela moral e pelos ideais metafísicos da Maçonaria.¹⁷

Muitos dos Fundadores da nação norte-americana eram maçons, também conhecidos como “pedreiros livres”. Quanto à origem do termo, a

palavra “pedreiro” se refere aos artesãos da época, que construíam templos e casas moldando e esculpindo pedras, e a palavra “livre” é uma referência direta aos fundadores da antiga organização maçônica, que eram pedreiros e também tinham livre acesso às fronteiras dos países para fazer construções e catedrais, em virtude de sua requisitada destreza artística e manual. Os maçons, cujas origens estão ligadas às sociedades secretas dos Cavaleiros Templários, têm como lema os ideais de “renovação moral e perfeição da humanidade”.¹⁸ Sua proposta é dedicar a vida ao serviço em favor da humanidade, por meio do desenvolvimento da mente e do coração. Os Fundadores foram, sem dúvida, influenciados pelos rituais maçônicos, que o historiador Charles Leadbeater descreveu como métodos para influenciar as energias do corpo de maneira a “acelerar a evolução” do indivíduo.¹⁹ Benjamin Franklin era tão afeito à Maçonaria que, em vez de esperar a idade de 21 anos, exigida para ser iniciado na sociedade, fundou a própria loja maçônica aos 20 anos e a batizou como Clube do Avental de Couro, referência aos aventais de couro usados pelos pedreiros livres. Mais tarde mudou o nome para Clube Junto e, finalmente, para Sociedade Filosófica Americana. Seu credo? Algo muito simples: “Construir um Universo de paz, livre do medo e baseado no amor”²⁰

Franklin fundou também outra organização secreta na França, chamada Sociedade Apoloniana, que viria a completar seu sonho de unir ciência e religião. Como maçom, complementou a doutrina da época, tornando-a indistinta do deísmo, que é a crença em Deus baseada na evidência da razão e da Natureza. Ele se referia a Deus como “o Supremo Arquiteto”²¹

Já a crença de George Washington é objeto de histórias conflitantes, pois ele era afeito tanto a práticas deístas de sociedades secretas quanto a práticas de religiões conhecidas. Isso, segundo ele, permitia comunicar-se com todas as pessoas indistintamente. Por esse motivo, algumas fontes religiosas citam suas frases, e os livres pensadores afirmam que ele jamais foi batizado. Deixou para sua esposa, Martha, a função de frequentar a igreja.

No entanto, Washington somente aceitava sob seu comando gerais maçons. Adotou os princípios da “irmandade dos homens e Paternidade de Deus”. Todos os dias, dedicava um tempo a orações e meditação e fazia com que seus soldados orassem todas as manhãs. Quando não havia um sacerdote presente, lia ele mesmo a Bíblia em voz alta para todos.²²

Thomas Jefferson, embora não fosse tão religioso, escreveu a Bíblia de Jefferson e declarou: “Sou um verdadeiro cristão, discípulo da doutrina de Jesus”. Acreditava que os ensinamentos bíblicos pregavam a igualdade e antecipavam os conhecimentos científicos e afirmava que os princípios evolucionários deveriam ser estendidos a toda humanidade, e todas as pessoas deveriam ser criadas e tratadas como iguais.²³ Em seu discurso inaugural, em 1801, declarou que a América do Norte era “abençoada por uma religião forte, bem professada e prática sob vários aspectos, incluindo a honestidade, a verdade, a temperança e o estímulo para o praticante conhecer e adorar a verdadeira Providência...”²⁴

Outro aspecto interessante e pertinente à nossa época, segundo Heironimus, é o das tradições teosóficas e o tema “sois todos irmãos”, professados por Franklin, Washington e Jefferson, em que se afirmava: “... que toda nação tenha um destino espiritual, usando todas as maneiras éticas de manifestação do plano divino por meio das ações de seus líderes”.²⁵

Talvez o destino dos Estados Unidos, em relação ao equilíbrio deístico entre espírito e matéria, seja desafiar todas as nações a encontrar sua missão sagrada por meio do exemplo. É uma tarefa que envolve não só avançar bravamente e tomar atitudes destemidas, mas também observar e reconhecer todos os atos do passado.

E a respeito de nossas raízes nativas, há dois fatos ainda não totalmente explicados. O primeiro é a triste constatação do que aconteceu a esses nossos benfeitores espirituais. O segundo é um aspecto essencial da cultura nativa norte-americana, que nenhum de nossos Fundadores sequer cogitou adotar.

A RETRIBUIÇÃO AOS NOSSOS BENFEITORES

Temos diante de nós uma estatística alarmante. Segundo Donald Grinde, quando Cristóvão Colombo pensou ter sido o primeiro a descobrir o Novo Mundo, em 1492, já havia quase seis milhões de índios vivendo no território conhecido hoje como Estados Unidos. E essa é uma estimativa conservadora. Alguns estudiosos calculam que o número desses nativos era de 15 a 20 milhões. Por volta de 1900, essa população já era de apenas 250 mil.²⁶

A razão dessa drástica diminuição pode ser atribuída ao fato de os europeus terem trazido consigo diversas doenças, como varíola, sarampo e sífilis, para as quais os nativos não tinham imunidade. Mas a guerra, a migração forçada, os massacres e a apropriação indevida de terras fizeram estragos ainda maiores.

Grinde mostra uma relação óbvia entre a dizimação da população nativa e a repressão de informações relacionadas à sua contribuição para a fundação dos Estados Unidos. Segundo ele, “não se pode justificar a conquista, a dominação e a destruição da população de índios, quando há valores importantes sendo destruídos junto com eles”.²⁷

Até 1970 a única coisa que a população norte-americana conhecia sobre os índios eram as fábulas de Squanto, o índio Patuxet que ajudou os peregrinos a sobreviver durante os primeiros anos, e a imagem veiculada em programas de rádio e televisão, como “*The Lone Ranger*”. Ou seja, o conhecimento da população norte-americana sobre o assunto ia apenas de Squanto para Tonto.

Mas, em 1970, o romancista e historiador Dee Brown publicou *Bury my Heart at Wounded Knee* (Enterrem meu coração na curva do rio), uma história reveladora sobre os índios norte-americanos no oeste. Graças a este livro e, mais tarde, um filme da televisão adaptado por Daniel Giat, a sociedade não pode mais negar o genocídio e o etnocídio impostos aos indígenas pelos invasores (digo, pelos colonizadores) europeus. Além disso,

ficaram claras as contribuições dos índios para a fundação do país. E, como veremos adiante, ainda há muito mais a ser esclarecido.

O TRIBUTO A NOSSAS MÃES FUNDADORAS

É importante lembrar que a principal lição deixada pela sociedade tribal Iroquois é a noção de que a autoridade vem de baixo e não de cima. As leis europeias, mesmo em sua época de glória, jamais deixaram de se basear no conceito de que Deus delegava poderes ao rei, que, por sua vez os delegava a seu bel-prazer à nobreza e ponto final. A noção evolucionária mais radical dos Fundadores, que veio diretamente da cultura nativa, foi a de que a necessidade de gerar um sistema de governo vêm de cidadãos soberanos, que estabelecem um acordo para criar uma comunidade mutuamente próspera e benéfica. Grinde também deixa claro, sobre a sociedade nativa norte-americana: “O poder é inspirado nos líderes pelo povo e é dele que eles recebem apoio. Quando o apoio deixa de existir, seu poder se extingue”²⁸

Embora tenham reconhecido as contribuições da Nação Iroquois, Franklin e os outros Fundadores se esqueceram de mencionar algo importante no sistema constitucional norte-americano: o papel das mulheres na tribo. Havia um motivo para a sociedade dos nativos não ter reis ou nobres, a cultura ser igualitária e os recursos serem distribuídos de acordo com a necessidade e não com a divisão de classes sociais. A razão para tudo isso se chamava O Conselho das Avós.

Ao cultura nativa norte-americana considerava a terra, as plantas e os territórios como entidades essencialmente femininas. E como as mulheres mais velhas estavam mais próximas da base da vida, ou seja, da plantação e do preparo dos alimentos, dos partos e dos cuidados com as crianças e do trabalho doméstico da comunidade, era óbvio para os homens reconhecer o poder primordial delas.

A unidade básica de governo para os nativos norte-americanos era o clã, normalmente regido por uma mulher mais velha.²⁹ Os clãs tinham

propriedades coletivas e as utilizavam para produzir e distribuir alimentos igualmente para todos os seus membros. Do ponto de vista político, os Iroquois entendiam a necessidade de homens e mulheres trabalharem em conjunto e conviverem em equilíbrio e harmonia. As mulheres mais velhas, ou seja, o Conselho de Avós, era quem detinha o verdadeiro poder político e a autoridade de eleger ou desbancar um chefe por incompetência ou atos incorretos. E as mulheres é que tomavam as decisões mais sérias, como ir ou não à guerra.

Mas antes que você tenha a impressão de que estamos glorificando demais a influência da mulher na comunidade Iroquois, os homens às vezes tinham problemas com o fato de elas decidirem quando eles deveriam ir para a guerra. Eles reclamavam que elas os enviavam para as batalhas com uma frequência muito grande! Devemos lembrar que, embora a Confederação Iroquois impedisse a guerra entre seus confederados, havia conflitos com tribos fora da nação, normalmente gerados por sequestro ou sumiço de crianças. Portanto, era natural que as mulheres desejassem vingança. E o mesmo ocorria quando perdiam maridos ou filhos em combate.³⁰

Quando uma mulher atingia a idade em que não gerava mais filhos, tornava-se membro do clã. Algumas também se tornavam guerreiras. Era comum que elas acompanhassem grupos que iam para a guerra para se certificar de que os homens estavam eliminando os inimigos e cumprindo suas tarefas. Segundo os historiadores, alguns guerreiros entregavam seus prisioneiros às mulheres para que elas os torturassem. Quando perguntaram, certa vez, a um chefe, por que agiam assim, ele respondeu: “Fazemos isso com a esperança de que elas acabem se cansando da guerra”.³¹

Outro fato interessante, embora não surpreendente, é que o contato com a cultura nativa pode ter estimulado o movimento feminino na América do Norte. A pesquisadora Sally Roesch Wagner, uma das primeiras mulheres a receber doutorado em estudos sobre mulheres, afirma que as

fundadoras do movimento pelos direitos das mulheres no final do século 19, Susan B. Anthony e Elizabeth Cady Stanton, entre outras, tinham muito contato com mulheres Iroquois.³²

Stanton visitava a reserva indígena desde os 12 ou 13 anos de idade. E ficou surpresa, um dia, ao ver a mãe de sua amiga índia vender um cavalo a um homem e receber o dinheiro. Perguntou a ela: “O que seu marido dirá ao chegar em casa e saber disto?” A mulher respondeu que o cavalo era dela, e por isso podia fazer com ele o que desejasse.³³

Em uma época em que as mulheres da chamada “civilização” não tinham direito a qualquer tipo de propriedade, essa experiência foi muito importante. Na cultura nativa norte-americana, o fato de mulheres e homens de todas as classes terem direitos iguais à propriedade funcionava como estímulo à liberdade e à democracia, pois posses não eram instrumento de poder econômico.

Essas histórias sobre ignorância, crueldade, bondade e sabedoria devem ser vistas de maneira objetiva e geral. Em vez de julgar as características doentias ou malévolas dos indivíduos, ou seja, de julgar *os outros*, é muito mais útil e funcional reconhecer esses traços como tendências humanas universais mantidas durante séculos por crenças invisíveis.

Conforme veremos, estimulamos o mal em nossa sociedade projetando-o sobre os outros. Quando reconhecemos o mal que existe dentro de nós e em nossa cultura (não com ódio por quem quer que seja, porém com amor), deixamos de projetá-lo e, conseqüentemente, anulamos seu poder. Esse reconhecimento é o primeiro passo para despertar a consciência em nós mesmos e nas pessoas.

A UNIÃO DOS DOIS HEMISFÉRIOS: O CONDOR E A ÁGUIA

Os nativos norte-americanos nos deram ainda outro presente na forma de uma profecia positiva vinda dos Andes. Segundo sua tradição, séculos

atrás, os humanos seguiram dois caminhos divergentes: o caminho do condor e o caminho da águia.

O caminho do condor, que representa os povos do Hemisfério Sul, está associado ao coração, à intuição e ao espírito. O caminho da águia, que representa os povos do Hemisfério Norte, está associado ao cérebro, ao racional e ao material.

Nos últimos 500 anos, o poder da águia, mental e materialista, têm dominado a espiritualidade e a consciência emocional do condor. Mas, segundo a profecia, isso está para mudar.

A tradição indígena entre os povos do Sul divide o tempo em épocas chamadas “*pachacutis*”, com duração aproximada de 500 anos. Segundo o Calendário Asteca, também conhecido como “Calendário da Pedra Sagrada dos Povos Mexicanos”, o Quarto Pachacuti, que se iniciou em 1492, tinha como características os tumultos, as lutas e os conflitos. Desde 12 de outubro de 1992, entramos no Quinto Pachacuti, uma era de parcerias e de união, em que a águia e o condor “voam juntos no céu lado a lado”.³⁴

Em nossa jornada evolucionária pelos paradigmas básicos, que nos levou a oscilar entre os âmbitos da espiritualidade e do materialismo durante tantos séculos, uma característica sempre se destacou: nosso distanciamento do aspecto sagrado feminino e, conseqüentemente, da Terra. Como explicaremos mais adiante, o desapego e a negação do feminino na sociedade ocidental nos afastaram do mundo natural. Durante séculos o poder da dominação e da desigualdade, sustentado por um Deus masculino e por uma ciência masculina, nos alienaram a tal ponto que estamos destruindo o próprio chão em que pisamos.

E agora, com seu infinito senso de humor, o Universo finalmente nos pede que reconciliemos os hemisférios da direita e da esquerda, do norte e do sul. Esse momento de reunião espiritual, quando restabelecemos a relação entre o sagrado masculino e o sagrado feminino, não é meramente o

desígnio da espiritualidade indígena ou do renascimento do poder espiritual feminino.

O Dalai Lama já mencionou esse assunto. Ele afirma que será o último Dalai Lama do Himalaia e que o próximo virá de outras montanhas altas, os Andes. Na verdade, muitas organizações internacionais vêm se unindo sob a bandeira da Aliança Pachamama para promover essa cultura humana emergente e ajudar os povos do condor e os da águia a compartilhar seus dons e talentos.

Enquanto os povos do condor vivem de maneira simples, com recursos relativamente escassos, suas vidas são ricas em termos de relacionamentos e da sabedoria que vem da relação com a Natureza. Confrontados pelas forças do desenvolvimento e da civilização, os povos do condor devem aprender a escolher quais desses dons e talentos devem aceitar ou recusar.

Os povos da águia são quase sempre ricos materialmente, mas pobres espiritualmente. Os bens materiais parecem ter distorcido os conceitos de vida e o valor da comunidade. Esse desequilíbrio pode ser observado com mais intensidade nos Estados Unidos, onde os cidadãos parecem não notar a absurda ganância que os comanda. Tendo apenas 5% da população do planeta, o país consome a quantia absurda de 30% dos recursos mundiais e gasta 35 bilhões de dólares por ano tentando perder peso.³⁵

Para avaliar o estado de insanidade em que nos encontramos, devemos examinar e repensar as crenças invisíveis com as quais fomos programados. O psicólogo James Hillman sugere aos “pensadores do hemisfério norte”, que se apoiam somente em valores lineares e intelectuais, que “se espelhem na cultura do hemisfério sul” e se libertem do confinamento do familiar “território psicológico”.³⁶

Na Parte II, “Os quatro mitos do apocalipse”, veremos como a civilização ocidental paradoxalmente seguiu para o sul, aderindo aos valores de materialismo científico do norte. Examinaremos as consequências de quatro erros de percepção que hoje ameaçam a sobrevivência da

humanidade e a forçam a evoluir por meio da reconciliação dos hemisférios. Parafraseando o ativista e autor John Perkins, “se o condor e a águia aproveitarem essa oportunidade, o resultado será algo extraordinário; muito além do que se possa imaginar”.³⁷

PARTE II

Os quatro mitos do apocalipse

"Quando você perceber que está em um círculo vicioso, por Deus do céu, pare de pedalar!"

SWAMI BEYONDANANDA

Já vimos que a percepção tem efeito sobre nossa estrutura biológica e ajuda a criar nossa realidade. Também já vimos que nossa história (as lentes filosóficas da percepção através das quais vemos e entendemos o mundo) determinam os parâmetros de nossa realidade coletiva. E a revisão da história revela que as civilizações evoluem continuamente: um paradigma basal dá lugar à outro, em uma espiral dinâmica.

A civilização nada mais é do que uma dança em espiral, mas parece que giramos tanto que perdemos o controle. A crise global e o caos ao nosso redor indicam que estamos em um momento decisivo de mudança de paradigma. Agora que experimentamos a polaridade extrema do materialismo científico, nossa jornada parece se encaminhar rapidamente para um ponto central (na verdade, o ponto mais poderoso de todos).

Já estivemos duas vezes neste ponto mediano de encontro dos mundos espiritual e material. A primeira vez foi no Grande Jardim, quando o ponto de vista animista não distinguia espírito e matéria. Depois disso partimos para nossa grande aventura.

Na primeira parte de nossa jornada evolucionária, a civilização adentrou o domínio não material de um Deus que existia fora do planeta.

Quando terminamos de explorar o mundo espiritual, nossa jornada retornou ao ponto mediano de equilíbrio, passou por ele e se dirigiu ao reino do materialismo. Foi quando os povos da Era do Iluminismo e da filosofia deística acolheram tanto a filosofia material quanto a espiritual. A Declaração de Independência dos Estados Unidos é um perfeito exemplo da união do idealismo espiritual e do realismo prático. No entanto, a

permanência no ponto de equilíbrio foi curta, pois a humanidade já se encaminhava para o polo do materialismo científico.

As investidas da civilização nos polos extremos do espiritualismo e do materialismo nos trouxeram muito conhecimento sobre a natureza da realidade. E agora, à medida que nossa jornada começa a retornar ao ponto de equilíbrio, a humanidade se encontra em uma encruzilhada, tendo à sua frente dois caminhos para escolher. Podemos nos unir e estabelecer uma comunidade global, assimilando e integrando todo o conhecimento adquirido – o que representaria um salto quantitativo em termos de evolução – ou continuar na atual insanidade bipolar, deixando que os fundamentalistas religiosos e científicos continuem nos conduzindo até o final desse último paradigma, em um planeta em fase terminal.

Dar ou não esse salto quantitativo depende de quanto aprendemos com as lições do paradigma vigente e dos paradigmas anteriores. Se entendermos que evolução é uma progressão de consciência acumulada, talvez possamos nos concentrar na consciência coletiva e adiantar nosso processo.

DESVENDANDO O VELHO, REVELANDO O NOVO

Na Parte II analisaremos as consequências do materialismo científico, nosso paradigma atual, e porque ele representa uma ameaça à vida do planeta. O foco desta análise está nas quatro crenças culturais que representam os pilares de nossa realidade, muito embora a ciência contemporânea as considere falsas. Apresentamos essas crenças como “Os quatro mitos do apocalipse” para mostrar onde elas podem nos levar se persistirmos neste caminho.

A adoração à matéria da sociedade moderna nos leva a um precipício de proporções incalculáveis. O crescimento econômico baseia-se na acelerada extração de riquezas naturais e não é sustentável. Tratar a terra como um aterro e o ar, a água e o solo como depósitos de poluentes é um

suicídio. E usar a guerra como forma de resolver problemas vai nos levar a encontrar a solução para o maior deles: sem humanos, sem problemas.

Não é preciso muita análise para perceber que nosso paradigma atual não é capaz de nos elevar ao nível evolucionário necessário no momento. E retroceder ao monoteísmo religioso também não vai ajudar. Estamos em um impasse de vida ou morte, diante das fatídicas profecias apocalípticas. A chave para evitar o grande colapso talvez esteja justamente em decifrarmos a palavra “apocalipse” (antes que ela signifique de fato “o fim do mundo”).

Em sua origem, apocalipse quer dizer revelação profética, um “erguer de véus”. Representa a exposição de algo oculto e se associa, desde a época dos gregos, a revelações que ocorreriam nos fim dos tempos. Uma nova (ou muito antiga) interpretação da palavra pode ser: erguendo o véu de nossa programação invisível, evitaremos a grande catástrofe que nos aguarda se continuarmos na trilha de sempre.

O materialismo científico estabeleceu, dentro do paradigma atual, quatro princípios, aceitos como verdades científicas absolutas:

1. *Só a matéria existe.* O mundo físico, tal como o enxergamos, é o único que existe.
2. *Só os mais fortes sobrevivem.* A natureza favorece os indivíduos mais fortes e resistentes, e a Lei da Selva é a única lei natural.
3. *Somos aquilo que nossos genes determinam.* Somos meras vítimas de nossa herança biológica e o máximo que podemos fazer é esperar que a ciência encontre maneiras de compensar nossas falhas e nossa fragilidade inerente.
4. *A evolução é aleatória.* A vida ocorre por acaso, sem um propósito específico, e chegamos aqui com a mesma probabilidade de que um número infinito de macacos brincando de apertar as teclas de um número infinito de máquinas de escrever chegasse a produzir algo do mesmo nível das obras de Shakespeare.

Nos próximos quatro capítulos, analisaremos o desenvolvimento desses quatro princípios a partir de suas origens, considerando seus erros de percepção e utilizando os conhecimentos oferecidos pela ciência de hoje.

No Capítulo 9 iremos examinar as consequências e a conclusão lógica e altamente ilógica de cada uma dessas crenças.

Todos os setores que examinamos (econômico, político, de saúde e de comunicações) sofrem do mesmo problema: a busca do materialismo científico atingiu um ponto crítico de distorção. O dinheiro, o materialismo e o poder da máquina se tornaram mais valiosos do que a vida humana.

No Capítulo 10 indicamos algumas escolhas equilibradas que podem nos ajudar a deixar o papel de crianças de Deus para nos transformarmos em filhos adultos de Deus. Mostramos também que é possível aprender sinergicamente no ponto de evolução em que nos encontramos e participar ativamente do processo de reconexão uns com os outros, com a Natureza e com o divino que existe em tudo. Podemos aprender a utilizar nosso poder inexplorado (e a fazer isso com bondade e humildade).

Esta análise da situação em que nos encontramos e das possibilidades futuras é muito importante, pois se passarmos a observar o mundo com mais clareza, carinho, abnegação e até humor, poderemos nos libertar desse transe e deixar que a evolução espontânea aconteça. Talvez a maneira mais apropriada de enxergarmos a situação atual de nossa civilização seja através de um gênero de entretenimento que não existiria não fosse nossa veneração por tudo que se refere à ficção científica. Um bom exemplo é o filme *Matrix*.

Em um cenário futurista, um *hacker* chamado Neo se vê em dois mundos paralelos. Um deles, chamado Matrix, parece ser o mundo real e conhecido da Era da Informática. O outro é um mundo “por trás do mundo”, onde máquinas humanoides mantêm os humanos vivos e distraídos em sua vida normal, enquanto sugam sua energia para manter a própria vida. A grande maioria dos humanos no mundo de Neo já tomaram,

consciente ou inconscientemente, a *pílula azul* da ignorância passiva. Neo e seus compatriotas, Morpheus e Trinity, tomaram a *pílula vermelha*, uma forma perigosa de ativar a consciência que lhes permite sair do mundo de Matrix.

Despertar para o quê? Morpheus diz a Neo: “Matrix é um mundo de sonho gerado por computadores para nos manter sob controle e transformar os humanos nisto que nós somos”. E mostra a ele uma bateria utilizada para captar a energia dos humanos. Se pensarmos que a ficção científica costuma anteceder fatos científicos reais (como no caso da obra de Júlio Verne, *Vinte mil léguas submarinas*), podemos muito bem sair por um instante dessa “matrix” e observar o mundo que criaram à nossa volta.

Ao tratar de “armas de distração em massa”, adiante, veremos como a maioria das pessoas escolheu a *pílula azul* e se desligou da realidade do mundo, preferindo viver em função da “realidade da televisão”. No entanto, a cada dia que passa mais pessoas optam pela *pílula vermelha* e despertam, olham ao redor e descobrem um mundo de maravilhas, mas também de grande confusão.

A confusão é esclarecida no momento em que percebemos que boa parte do que se considera comportamento humano natural é fruto de uma programação de desenvolvimento. Na Parte II explicamos por que ainda aceitamos crenças que fizeram sentido no passado, mas hoje apenas contribuem para a destruição de nosso mundo. E como ninguém nos diz o que fazer diante da crise, nossa programação nos faz sentir impotentes e em uma circunstância aparentemente sem solução.

O que realmente precisamos enfrentar é o fato de que, durante milênios, fomos programados para nos sentirmos impotentes e, consequentemente, dependentes dos outros para sobreviver, especialmente nas áreas da saúde e da espiritualidade. Claro, recebemos gratificações quando nos rendemos a essa programação, e esse tipo de troca contribuiu de maneira significativa para a crise global em que nos encontramos. Mas há

uma saída desta “matrix” que nos foi imposta: podemos simplesmente reprogramar nossas vidas. A partir do momento que nos tornamos conscientes, temos a oportunidade de reescrever os programas de nossas limitações culturais.

O primeiro passo é a desprogramação. Isso pode ser feito observando o programa de *fora* da matrix. Como? Em seu livro, *O poder do agora*, Eckhart Tolle descreve uma época de sua vida em que passou por tanto desespero que pensou em se suicidar. Então uma pergunta veio à sua mente: “Mas quem é esse ‘alguém’ que deseja dar fim a vida de alguém?” E por esta epifania Tolle percebeu que “ele” era o observador do lado de fora da matrix, além do mundo da circunstância. Isso o libertou da ligação com o “alguém” que ele imaginava ser.¹

A Física Quântica nos mostra que nossa observação muda a realidade. Se este é o caso, as explicações fornecidas em relação aos quatro mitos do apocalipse e as distorções sociais que eles causaram devem ajudar você e todos nós a mudar nossa forma de ver o mundo.

Esperamos que isso permita despertar tanto nossa consciência coletiva quanto nossa realidade coletiva.

Mito um: só a matéria existe

"Dizem que nosso mundo é controlado
por forças invisíveis, mas eu, particularmente
não consigo ver dessa forma."

SWAMI BEYONDANANDA

A CIÊNCIA É UMA RELIGIÃO?

O monoteísmo se tornou o paradigma da civilização ocidental durante a Baixa Idade Média, porque oferecia as respostas mais plausíveis às questões primordiais da existência, na época.

1. Como chegamos aqui?
2. Por que estamos aqui?
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

Ao substituir o paradigma anterior, do politeísmo, a Igreja se posicionou como única fonte do conhecimento da civilização. E usou esse poder de educação de massa para acumular riquezas e usufruir de sua influência. Proclamando-se intercessora entre Deus e o rei, tinha a seu favor a influência das leis para garantir à força o seu domínio.

Com o passar do tempo e com o acúmulo de poder, a missão primordial da Igreja, ajudar a humanidade, foi substituída pela missão de ajudar e promover a si própria. Mas seu poder se apoiava sobre a frágil afirmação de que seu conhecimento representava a verdade absoluta. E nenhuma autoridade, especialmente aquela que se apoia sobre conhecimentos

arcaicos e estáticos, consegue sobreviver. Com o tempo os teólogos da Igreja tiveram que enfrentar a possibilidade de que outros surgiriam com verdades diferentes.

Com a chegada da Inquisição, a máfia da Igreja impôs a todos que desafiavam sua fé uma escolha difícil: desistir de suas convicções ou desistir de viver. Aqueles cuja visão era diferente dos conceitos da Igreja foram presos e torturados pelas “autoridades civis”.

A liderança opressiva da Igreja só foi desafiada pelos cientistas da Renascença, que trouxeram novas ideias. Com uma visão mais humana e lúcida, os cientistas prometiam manter a mente aberta e uma visão aparentemente imparcial das verdades.

No entanto, com o tempo, depois que a ciência solidificou sua posição como provedora “oficial” da verdade, os cientistas, agora senhores do novo paradigma, também começaram a professar e defender de maneira opressiva suas convicções, impondo-as como infalíveis e absolutas. Consequentemente, no mundo moderno, o termo “científico” se tornou sinônimo de “verdadeiro”. E tudo que não tem base científica comprovada passou a ser questionável e, pior ainda, muitas vezes ilegal e punível pelas leis civis. Disfarçando o abuso de poder sob a afirmação de que “sabemos o que é melhor para você”, as autoridades científicas também executam uma caça às bruxas e condenam todos os acusados de heresia científica. Quiropráticos, pessoas que curam através de energia, parteiras e todos aqueles que praticam modalidades que não se encaixam ou desafiam o pensamento científico convencional são perseguidos, acusados de charlatanismo e até presos por suas crenças e práticas “sem comprovação científica”.

Até mesmo civis que optam por não seguir as normas científicas sofrem perseguição. Por exemplo: pais de crianças com câncer e outras doenças já perderam a custódia dos filhos por se recusar a submetê-los a terapias

tradicionais, mesmo após essas terapias não terem oferecido resultado melhor do que os métodos de tratamento alternativo.

Em 2004, médicos determinaram que o filho de Amber Marlowe, uma paciente grávida, era muito grande para ser concebido pelo parto normal, e ela teria que se submeter a uma cesariana. Ela se recusou, e a diretoria do hospital Wilkes-Barre conseguiu uma ordem judicial para forçá-la a se submeter à cirurgia, sob ameaça de prisão por “colocar em risco a vida de uma criança”. Por sorte esta história teve um final feliz. Segundo um artigo de jornal, “Marlowe conseguiu fugir daquele hospital e teve o filho em outro, com parto natural”.¹

Será que a ciência moderna é mesmo a fonte infalível e absoluta de conhecimento que alega ser? É claro que não!

Mas temos boas notícias. O espírito da ciência está vivo e passa bem. Pioneiros estão modificando os padrões científicos tradicionais e trazendo ao mundo novas ideias, uma forma totalmente diferente de ver a vida. Diante dessa revolução, a velha guarda, disposta a defender os velhos dogmas, resolveu resguardar seu território. Todos os que se beneficiam e obtêm lucros com a ciência tradicional, como a indústria farmacêutica, por exemplo, adotaram a mesma postura da Igreja: “É verdade, porque estamos afirmando que é!”

Se aplicarmos a lógica newtoniana linear a essas conclusões ilógicas e continuarmos afirmando que só a matéria existe, teremos que excluir a possibilidade da existência de uma dimensão que não vemos. No entanto, começamos a perceber justamente a importância desta dimensão quando se trata de entender a natureza e a mecânica do Universo. As teses dos líderes da nova ciência parecem se afastar cada vez mais da Igreja do Materialismo Científico. Pois que venha a reformulação das ideias!

UMA VIRADA NO CONCEITO DA CERTEZA ABSOLUTA

O filme *A guerra do fogo* oferece uma visão interessante sobre as civilizações humanas pré-históricas. A descoberta do fogo como ferramenta de sobrevivência permitiu aos humanos se proteger dos predadores e, ao mesmo tempo, dominar seu ambiente. No início, as tribos conseguiam utilizar do fogo, mas não sabiam como acendê-lo. Faziam esforços tremendos para manter uma pequena chama acesa, mesmo durante as viagens. Se a chama se apagava, a tribo regredia imediatamente ao estado de presa, tendo que montar postos de vigia noturnos contra animais carnívoros. Na cena final do filme, o herói pré-histórico finalmente aprende a produzir fogo. O filme descreve, de maneira brilhante e emotiva, um dos momentos mais importantes de nossa evolução. Até aquele instante a única preocupação humana era a sobrevivência em um mundo dominado por vorazes predadores. Ao dominar o fogo, porém, deixamos de ser mais uma raça de animais para assumir o posto de líderes da biosfera. O filme termina com a tribo sentada, em segurança, ao redor de um forno escavado no chão, enquanto o protagonista olha para o céu, contemplando a lua cheia. A partir do momento em que a sobrevivência básica estava garantida, a humanidade ficou livre para observar e estudar a natureza.

Deste humilde começo, a ciência evoluiu e passou a explorar, classificar e compreender formalmente o funcionamento do mundo. Na civilização ocidental, ela se desenvolveu mais plenamente durante a Era Dourada da Grécia, quando filósofos como Aristóteles fizeram descobertas e as complementaram com suas conclusões lógicas baseadas em simples experiências.

O monoteísmo cristão, que se tornou o paradigma da civilização ocidental, agregou os conceitos dos filósofos ao seu *hall* de conhecimentos. Tomás de Aquino e Alberto Magno modificaram e adaptaram a filosofia aos dogmas das escrituras cristãs. Esse novo campo de estudo, conhecido como Teologia Natural, formalizou a maneira como a ciência passaria a interpretar

e estudar a criação de Deus. Assim, esta, obedientemente, tomaria seu lugar nos serviços à Igreja.

Conforme mencionamos, quando a ciência foi utilizada para resolver a questão do calendário da Igreja, surgiram as sementes da revolução, do próximo paradigma.

O fato de Copérnico ter descoberto que o sistema solar é heliocêntrico representou o nascimento da ciência moderna como instituição, separada e distante da Igreja. O anúncio dessa descoberta foi apenas o início de uma série de desafios à infalibilidade clerical, induzindo ao colapso do paradigma monoteísta.

1543 é considerado o ano do advento da revolução da ciência moderna. Foi quando Copérnico, já no fim de sua vida, publicou seu livro *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (Da revolução de esferas celestes), que conseguiu finalmente desbancar a posição de poder da Igreja.

Uma das primeiras questões que essa ciência teve que enfrentar foi “o que é uma verdade?” Lembramos que aquela do século 16 era uma coletânea de especulações antigas modificadas pelos teólogos cristãos. Os cientistas da época tiveram que encarar o fato de que não havia como distinguir ou validar uma *verdade real* de uma forte *crença*.

Logo, a primeira tarefa da ciência moderna foi criar um método científico para avaliar informações. Basicamente, o método científico consiste em observar, medir e avaliar, criar hipóteses explanatórias e conduzir experimentos para testar as hipóteses. Os resultados das experiências são utilizados para refinar as hipóteses, para que se tornem mais previsíveis em termos de resultado. Ou seja, a previsibilidade é a principal característica de uma verdade científica.

René Descartes deu prosseguimento ao novo paradigma, propondo uma reforma científica completa. Suas ideias ousadas sugeriam que as antigas crenças gregas fossem descartadas e substituídas por verdades passíveis de verificação, por meio da metodologia científica de Francis Bacon. “Duvide

de tudo”, afirmava Descartes. A única coisa de que ele tinha certeza era da própria existência. “Penso, logo existo”^{*} é sua afirmação mais conhecida. Bem, como veremos adiante, o Universo pode utilizar a mesma afirmação.

O método científico requer testes e cuidadosa observação do objeto de estudo. Como não dispunham da tecnologia contemporânea, os cientistas se restringiam a estudar aquilo que podiam ver, tocar e mensurar. O conceito de matriz de energia invisível (que a moderna Física Quântica chamou de “campo”, e que Einstein, mais tarde, descreveu como “área de ação exclusiva da matéria”) não era acessível, na época de Newton e de Descartes, à observação científica. Consequentemente, os parâmetros do método científico limitavam a ciência ao estudo do mundo físico e material. Em virtude desse foco restrito, que deixava os conceitos de mente e espírito fora do escopo de análise, a ciência adquiriu o status oficial de materialismo científico. Como resultado, os elementos do âmbito invisível passaram a ser considerados conceitos metafísicos, deixados para Igreja, que não era regida pelas regras rígidas da ciência mecânica.

Assim, ao se distanciar das crenças religiosas e restringir suas observações ao Universo físico e tangível, os cientistas iniciaram uma nova filosofia. Em vez de ver o Universo como algo controlado por forças espirituais, instituíram a noção de que tudo era uma grande máquina. Para eles, os planetas, as estrelas, as plantas e os animais eram apenas peças de um gigantesco mecanismo.

Embora defendessem a tese de que Deus havia criado essa gigantesca máquina, acreditavam que ela funcionava por si mesma, sem a necessidade de Sua participação ou intervenção diretas. Não o viam controlando cada peça como se brincasse com marionetes, por meio de uma ligação espiritual, porém um Universo funcionando como uma máquina perfeita, refletindo o comportamento de sua engrenagem.

Isaac Newton utilizava matemática para analisar e corroborar a premissa de Descartes, segundo a qual o Universo é uma máquina.

Observando e mensurando os corpos planetários, Newton gerou uma nova filosofia para explicar o funcionamento do Universo e da vida. E oficializou a ciência da mecânica, também conhecida como Física, definindo-a como a disciplina que estuda os mecanismos de operação do Universo. A ciência de Newton baseava-se em dois conceitos de “absoluto”: o espaço absoluto e o tempo absoluto. Assim, em um Universo quantificável, conforme classificava, os objetos se movem em função da existência da gravidade. Embora a gravidade seja uma força invisível, ele a qualificava por seus resultados (mais especificamente, por meio do exemplo da queda da maçã). Os seguidores de Newton, todos materialistas como ele, não se abalavam diante do fator invisibilidade. Simplesmente a classificavam como uma combinação de matéria e de uma substância gasosa chamada “éter”. E também a qualificavam como um atributo da massa do objeto.

Desde 1700, três testes principais da filosofia newtoniana se tornaram a base de estudos científicos do Universo:

1. *Materialismo*. A matéria física é a única realidade. O Universo pode ser entendido por meio do conhecimento de suas partes físicas. Em vez de utilizar forças vitais dos espíritos, a vida se origina de reações químicas que compõem o corpo físico. Ou seja: só a matéria importa.
2. *Reduccionismo*. Não importa a complexidade de um elemento. Ele pode sempre ser dissecado e compreendido por seus componentes. Em resumo: para entender algo, desmonte-o e estude suas peças.
3. *Determinismo*. As ações na Natureza ocorrem de maneira determinada, como consequência do conceito de que toda ação produz uma reação. Um resultado pode ser previsto observando-se a progressão linear de pequenos eventos. Em suma: é possível prever e controlar o resultado de processos naturais.

O materialismo newtoniano, o reducionismo e o determinismo ofereceram aos cientistas não apenas uma ferramenta de análise do Universo, mas também a promessa de um controle utópico da matéria. O preço disso tudo? O mundo racional deixaria de lado sua preocupação com Deus, espíritos e forças invisíveis.

Assim, por volta de 1700, entre o advento do conceito newtoniano e o do Iluminismo, ainda no mesmo século, diminuíram-se as tensões entre o nascimento do paradigma da nova ciência e o controle da Igreja, cujo domínio ainda indicava a presença do paradigma monoteísta.

Com essa conveniente divisão do Universo em âmbitos material e espiritual, a ciência passou a dominar o mundo físico; a religião, o mundo metafísico.

Os cientistas agora estavam livres para pesquisar e provar suas teorias sobre a natureza material do Universo, e a religião, para continuar guiando almas transcendentais. Embora tenha se estabelecido uma trégua política entre duas potências intelectuais, a separação dos conceitos de espírito e matéria levou a um desequilíbrio que hoje ameaça cada vez mais nosso planeta.

No fim do século 19, o conceito newtoniano de um Universo material reinava absoluto. A ciência já havia aparentemente provado que o mundo é uma máquina composta de partículas chamadas átomos, e a dinâmica universal podia ser compreendida e determinada pelo estudo do jogo de bilhar das ações e reações atômicas. Os cientistas estavam tão satisfeitos com suas descobertas que anunciaram publicamente que a ciência da física estava completa e não havia mais o que estudar.

William Thomson (ou Lorde Kelvin, conforme o título recebido), engenheiro e físico-matemático irlandês, foi aquele que se dirigiu a uma bancada de físicos, na Associação Britânica para o Avanço da Ciência, em 1900, e declarou: “Não há mais o que se descobrir em termos de Física. Tudo que existe já está sendo precisamente classificado e mensurado”.² E

uma declaração semelhante foi feita por Albert Michelson, o primeiro físico americano a receber o Prêmio Nobel.

A ciência newtoniana parecia tão completa que Michelson, então presidente do conselho de Física da Universidade de Chicago, declarou sarcasticamente que não havia mais necessidade de graduar alunos em Física, pois “os princípios gerais já estavam todos estabelecidos... As verdades futuras das ciências físicas deveriam agora ser procuradas na sexta casa decimal”.³

Porém uma coisa engraçada aconteceu no caminho da certeza absoluta. Confirmando a velha tese de que quanto mais alto se está maior é a queda, fenômenos inesperados viraram o mundo da Física newtoniana de cabeça para baixo. A primeira falha na imperturbável visão mecânica do mundo surgiu em 1895, com as investigações do físico alemão Wilhelm Conrad Roentgen, sobre os raios-x, que demonstravam haver uma força misteriosa emanando de uma porção de matéria e penetrando outra porção. Logo depois, o físico francês Antone Becquerel e, em seguida, Marie e Pierre Curie descobriram o fenômeno da radioatividade, revelando que os elementos atômicos não eram imutáveis como se presumia. Elementos básicos poderiam se transformar em outros elementos.

Dois anos depois, o físico inglês Joseph John Thomson descobriu os elétrons, o que demonstrava que o átomo não era a menor partícula do Universo, como a Física newtoniana afirmava, e sim um elemento composto de subpartículas ainda menores.

Enquanto estudava o espectro de luz emitido por elementos aquecidos, o físico alemão Max Planck descobriu que os elétrons poderiam se mover de um átomo a outro, mudando instantaneamente seu nível de energia, sem expressar valores intermediários. Reconheceu, portanto, que os elétrons são compostos por unidades distintas de energia radiante, às quais denominou *quanta*. Seu trabalho revelou que, à medida que os elétrons saltam entre os

campos de energia, ganham ou perdem um *quantum*, eis as origens da Física Quântica.

Em 1905, os estudos sobre o efeito fotoelétrico, do físico alemão Albert Einstein, mostraram que as ondas de luz não material possuem características físicas anteriormente atribuídas apenas à matéria. Baseado em suas observações, Einstein postulou a existência dos *fótons*, *quanta* de energia de luz radiante com características específicas. Diante da percepção de que a matéria pode se comportar como a luz e a luz como a matéria, as bases da Física newtoniana começaram a ser abaladas.

Em 1926, o físico francês Louis-Victor de Broglie afirmou que todas as partículas de matéria também poderiam se comportar como ondas não materiais. A teoria foi confirmada três anos mais tarde, através do estudo dos elétrons. As experiências mostraram que os elétrons possuem tanto propriedades de onda quanto de partículas, ou seja, são ao mesmo tempo materiais e não materiais. Com essas descobertas, ainda no mesmo século, depois das declarações de Mechelson sobre o fim definitivo da Física, as sólidas bases da Física newtoniana acabaram por se dissolver.

A confusão sobre partículas e ondas acabou sendo resolvida com o advento da Mecânica Quântica. E também se tornou a marca registrada da Física Quântica, estabelecendo uma estrutura de união teórica para que os cientistas pudessem compreender que a matéria tem características associadas tanto a partículas quanto a ondas. Bem-vindo ao mundo da esquisitice quântica!

A equação de Einstein sobre massa e energia (simbolizada pela equação $E=mc^2$ resume a unificação de energia e matéria, onde energia (E) é igual a massa (m) multiplicada pela velocidade da luz (c) ao quadrado. Com isso Einstein mostrou que os átomos não são, na realidade, compostos de matéria, porém de energia não material! Hoje se sabe que os átomos físicos são compostos da união de unidades subatômicas, como quarks, bósons e férmions.

O mais interessante é que os físicos de partículas descobriram que essas partes do átomo são vórtices de energia semelhantes a nanotornados. Em outras palavras, a antiga concepção newtoniana de um Universo composto exclusivamente de objetos físicos se mostrou uma grande ilusão! Já a teoria de Einstein, que tenta explicar a natureza e o comportamento da matéria e da energia, compreende o Universo como um único corpo, dinâmico e indivisível, cujas partes físicas e campos de energia são entrelaçados e interdependentes.

A mecânica quântica mudou o foco da ciência em relação ao materialismo, e o trabalho de Planck questionou também o reducionismo, que se concentra em cada uma das partes de um objeto e não em compreender o todo. Enquanto o reducionismo explica processos mecânicos simples, Planck demonstrou que alguns eventos não podem ser previstos por reações lineares de causa e efeito. Parecem ocorrer simultaneamente, como parte de uma matriz interativa de energia a que ele chama *o campo*. As descobertas de Planck mostram que, para entender a natureza do Universo, devemos abandonar o reducionismo e nos voltarmos para o holismo, em que tudo interage com tudo.

É interessante observar que a analogia clássica usada para descrever o reducionismo envolvia desmontar um relógio mecânico para ver como ele funcionava. Ao estudar a interação entre peças e molas, uma pessoa poderia, em tese, consertar ou alterar o mecanismo de qualquer outro relógio. Da mesma maneira, os cientistas presumiam que, para determinar o funcionamento de um organismo, bastava dividi-lo em partes e estudar cada uma delas.

Para nossa sorte, tanto o reducionismo quanto a analogia do relógio já são considerados ultrapassados. Imagine fazer isso com um relógio digital: abri-lo, desmontar cada peça, examinar seus componentes e depois...? Relógios digitais utilizam a tecnologia derivada da mecânica quântica e funcionam através da energia do movimento e não através da interação de

mecanismos físicos. Desmontá-lo para observar a organização de suas peças jamais revelará a natureza de seu funcionamento. O foco do reducionismo, as peças materiais de um objeto ou organismo, não funciona quando se trata dos mecanismos integrados de um Universo quântico, em que vários elementos se interligam.

Além de desafiar a fixação em relação ao materialismo e ao reducionismo, a ciência da Física Quântica também descarta a noção de determinismo, segundo a qual todos os eventos, incluindo as escolhas e decisões humanas, baseiam-se em uma sequência específica de reações causais que seguem uma lei natural. O determinismo propõe que, em posse de dados suficientes, uma pessoa pode prever o futuro.

No entanto, Werner Heisenberg, físico alemão e um dos fundadores da mecânica quântica, descobriu que não era possível mapear simultaneamente a posição e a velocidade do elétron de um átomo. Quanto mais precisamente se mede sua posição, mais incertos se tornam os valores de sua velocidade, tempo, energia, ângulo de rotação e dinâmica angular. A teoria sugere que medir uma variável individualmente resulta em distúrbio das outras, ou seja, obtém-se dados imprecisos tentando observar mais de uma ao mesmo tempo. A teoria de Heisenberg não apenas afronta o determinismo como sugere que a existência da matéria, por si só, é uma grande incerteza.

É importante lembrar que o advento da mecânica quântica não nega a Física newtoniana, apenas a inclui em uma subcategoria. Na verdade, a Física Quântica é uma realidade mais ampla, que inclui e adiciona informações às descobertas da física newtoniana. Ela complementa as informações da ciência, introduzindo o conceito de forças outrora não reconhecidas, as quais controlam as possibilidades de desdobramento de fatos do nosso Universo.

A mecânica quântica enfatiza que o Universo material (com todos os seus átomos, partículas e matéria) é um componente da matriz universal de

energia, controlado pelas forças que compõem o campo.* Talvez você se lembre de uma experiência de seu tempo de escola feita com um ímã, uma folha de papel e limalha de ferro. Espalhando-se a limalha sobre o papel, ela se distribui de maneira aleatória. Quando se coloca o ímã embaixo dele, no entanto, elas se organizam e revelam a forma do campo magnético invisível. E o padrão se refaz cada vez que se repete o processo.

Agora imagine-se tentando explicar o fenômeno sem conhecer o princípio do funcionamento de um ímã ou a existência dos campos invisíveis de energia. A que conclusão você chegaria *apenas* observando a limalha se mover? Poderia acabar achando que ela tem vida própria!

Isso é o que acontece quando se tenta explicar o mundo exclusivamente sob o ponto de vista material. É um erro crasso depois que sabemos que campos de energia comandam a matéria. Ou, como Einstein afirmou com sua peculiar simplicidade: “O campo é o organismo que controla as partículas”. O que ele quis dizer é que o campo é a matriz de energia do Universo que governa toda a matéria, incluindo a “misteriosa limalha de ferro”.⁴

Einstein também enfatizou o papel do campo na formação do Universo, ao afirmar: “Não há lugar nesta nova Física para o campo e a matéria, pois o campo é a única realidade”.⁵

Um século depois de Einstein apresentar sua equação de massa e energia $E=mc^2$ e o conceito de que matéria e energia estão inerentemente relacionadas, muitas pessoas ainda se apegam à ilusão de uma realidade composta apenas de matéria. A insanidade que nos cerca, e na qual muitas vezes mergulhamos sem perceber, é o resultado da tentativa de manter uma existência vinculada às ideias de Newton em um mundo onde vigoram as consequências do estudo de Einstein.

Curiosamente, o campo de energia que forma a matéria, dentro do conceito da Física Quântica, tem as mesmas características dos campos invisíveis que os metafísicos definem como “espírito”.

E SE AMBOS ESTIVEREM CERTOS: JESUS E EINSTEIN?

Se é difícil entender como a ciência foi capaz de ignorar Einstein por cem anos, é ainda mais difícil entender como a sociedade ignorou Jesus por dois milênios.

Analisando as mensagens de Jesus e Einstein, é possível estabelecer uma provável base científica para a Regra de Ouro. Enquanto Jesus pregava “amai a teu próximo como a ti mesmo”, a teoria de Einstein prega que “teu próximo é tu mesmo”. A base da teoria da relatividade é... estamos todos relacionados uns aos outros.

As nações cientificamente avançadas não têm problemas em utilizar a Física Quântica para desenvolver o poder atômico e promover a destruição nuclear, mas, quando se trata de entender o mundo, acabam negando a existência do âmbito invisível que nos cerca. Por exemplo: nos aspectos de política e diplomacia, os governos ainda operam em um mundo newtoniano, composto de peças individuais que interagem, chamadas nações, governos e departamentos ou territórios.

Em vez de se concentrar na natureza cooperativa do campo de energia e reservas naturais de que dispomos, a ênfase ainda é o sistema político baseado em guerras e disputa, o qual apenas separa e estabelece barreiras entre todos. E a mesma mecânica newtoniana de ação e reação mantém um sistema de justiça baseado em punições. “Olho por olho” é nitidamente o princípio newtoniano que torna o mundo cego.

Nada temos contra Isaac Newton, gênio que merece ser reconhecido pelo resto da vida e da história da humanidade. Suas teorias trouxeram ao mundo uma base técnica que permitiu à civilização ter domínio e controle sobre o ambiente ao redor. Boa parte da evolução, no que tange às condições físicas da humanidade, pode ser, sem a menor sombra de dúvida, atribuída à ciência de Newton e à sua posição contrária aos dogmas religiosos. No entanto, a sociedade de hoje é obrigada a conviver com os horrores e as insanidades oriundos de uma ciência que insiste em negar o

mundo invisível. Para saber o que acontece quando só se dá importância à matéria, basta observar a sociedade ocidental e o monstro que ela criou: a globalização. Em um sentido frankensteineano, a humanidade gerou e trouxe ao mundo uma entidade puramente materialista, mecânica e sem vida chamada corporação. Além de dar vida ao monstro, lhe conferimos primazia sobre a raça humana. No mundo industrializado, os desejos e necessidades das corporações são maiores e mais importantes do que os desejos das pessoas.

A corporação moderna é uma entidade com um único propósito: ganhar dinheiro. Claro, corporações são regidas por executivos; pessoas dotadas de consciência. São as sementes do mundo futuro no qual as corporações servirão às pessoas, mas isso ainda está muito longe de acontecer. No Capítulo 9 nos aprofundaremos nesse aspecto de como a Regra do Ouro acabou se sobrepondo à Regra de Ouro.

Uma implicação da preocupação newtoniana com a matéria que ameaça o mundo de hoje é o desejo de acúmulo de bens. A humanidade jamais foi tão possuída pela posse material ou tão consumida pelo consumismo.

Aqueles que nasceram na sociedade do Ocidente depois da Segunda Guerra Mundial, especialmente nos EUA, são influenciados e programados de tal maneira pela televisão que não percebem o poder exercido pela mídia sobre suas vidas. Desde os primeiros comerciais de televisão, que mostravam alimentos industrializados, os humanos foram reduzidos à categoria de consumidores e clientes.

Conscientes das consequências e da ameaça que representa a exploração irrefreada dos recursos globais pelas corporações, cada vez mais indivíduos e organizações buscam introduzir valores humanos na economia. As forças que promovem a evolução humana e a sanidade são geralmente percebidas como grupos de defesa que lutam uma batalha perdida, muito embora a maioria das pessoas ainda deem mais valor à vida do que ao

dinheiro. Os precursores da nova humanidade têm à frente um poderoso adversário, talvez a maior força invisível do mundo, tendo em vista que desafiam um paradigma: a crença que orienta nosso estilo de vida.

O paradigma convencional do materialismo newtoniano, do reducionismo e do determinismo estabeleceu a estrutura de nossas instituições acadêmicas. Os alunos, produto das escolas, são avaliados de acordo com a *medida* de seu desempenho. Bem, não é uma maneira eficaz de avaliar quem é o melhor? E há maneira melhor de distribuir as recompensas financeiras do materialismo do que remunerar aqueles que provam que podem produzir mais? E, claro, as questões “produzir o quê” e “com que propósito” continuam sem resposta. Aliás, elas nem são feitas.

A área da Medicina, voz da ciência materialista, já salvou muitas vidas. No entanto, os tratamentos newtonianos continuam caros, nem sempre eficazes e muitas vezes letais. Seguindo a linha filosófica do materialismo, a medicina convencional se concentra apenas no caráter físico do corpo, e todos os esforços são destinados a manipular sua composição química, muito embora trabalhar com o campo de energia dos doentes já tenha se mostrado muito mais eficaz.

Temos que reconhecer que a ciência moderna realizou verdadeiros milagres, especialmente na área de traumatologia, embora ainda se considere o corpo como máquina. As maravilhas médicas incluem a habilidade de abrir e suturar o corpo, transplantar órgãos e até criá-los ou reproduzi-los. Mas, apesar de todo o conhecimento técnico, ainda vivemos com medo dos vírus e bactérias que ameaçam nossa existência.

Aqueles que se curam por meio de métodos não reconhecidos pela Medicina são normalmente ignorados por ela. Isso ocorre principalmente quando os médicos não conseguem encontrar uma explicação física e material para a cura. Nesses casos, costumam afirmar que o paciente não estava realmente doente (mesmo que os resultados dos exames mostrem o contrário) e que tudo não passou de um erro de diagnóstico. Além de

descartar a possibilidade de uma cura milagrosa, os médicos tradicionais se recusam a tentar entender o processo. “Não sei o que você fez e nem me interessa saber”.

Mas parece que, aos poucos, a aceitação da Medicina Holística tem ajudado a dissipar o dogma do materialismo na área médica. As pessoas que se curam por meios holísticos indicam o tratamento a seus amigos e parentes. Ainda temos muito a trilhar no sentido de superar as limitações impostas pelo pensamento newtoniano, porém, como analisaremos em breve, o estudo mais importante diz respeito ao campo.

A RESPOSTA ESTÁ EM CAMPO

Então, pode-se concluir que o primeiro mito do apocalipse (só a matéria existe) está errado.

A ciência, em sua corajosa busca pela verdade, acabou por desbancar o próprio dogma. Mas se a matéria não é a única coisa que importa, como se pensava, o que é, então? Parafraseando Einstein, “o campo é a única realidade”.

E se a matéria é não material, por que parece tão real? Se a parede à minha frente é só uma ilusão, por que não posso simplesmente enfiar minha mão através dela? Como os físicos já descobriram, não é a densidade da matéria que nos impede de atravessá-la, e sim a densidade da energia.

Em nível subatômico, *vórtices de energia* estão constantemente girando e vibrando. Se a noção de vórtice de energia parece muito abstrata, tente imaginar um minitornado, vórtice de energia do vento em movimento. Quando observamos um tornado, o que vemos são as partículas e os detritos (poeira, telhas, galhos de árvore, o gato do vizinho) rodopiando no ar, levados por um campo forte o suficiente para implodir casas e arremessar veículos. Não se pode enfiar a mão e atravessar uma parede pelo mesmo motivo que não se pode atravessar um tornado. São energias invisíveis, mas palpáveis.

Outro conceito questionado é o de que espaços vazios são realmente vazios. Espaços abertos têm mais energia do que imaginamos. O que Aristóteles chamava de “*plenum*”, e os físicos chamam de “campo do ponto-zero”, é um “mar de luz quântica”. Segundo o físico norte-americano Richard Feynman, a energia contida em um pequeno espaço vazio de 0,02 m³ por exemplo, tem energia suficiente para fazer todos os oceanos do planeta entrarem em ebulição.⁶ Portanto, aquilo que chamamos de “nada” ou “coisa alguma” é muito mais poderoso do que imaginamos! A energia do ponto-zero muito provavelmente será a energia do futuro, o que já é um grande incentivo para termos um futuro!

Outro maravilhoso paradoxo sobre a realidade física é que ela tecnicamente não existe. Segundo a jornalista Lynne McTaggart, autora do livro *O campo: em busca da força secreta do Universo*, esse campo do ponto-zero é um “oceano de vibrações microscópicas no espaço entre os objetos; um estado de puro potencial e de possibilidades infinitas”. Ela também declara que “as partículas existem em todos os estados possíveis, até que sejam observadas ou avaliadas por nós, quando se estabilizam e se transformam em algo real”. Ou seja, a realidade existe apenas quando é necessária.⁷

Embora os físicos ainda não tenham chegado a um consenso quanto a este conceito tão amplo e surpreendente, parece que tudo está em todo lugar o tempo todo. Nossa mente é que escolhe algo no cosmo e o traz para o tempo e espaço, criando aquilo que imaginamos ser realidade. Brincando com esta “sopa cósmica”, os cientistas já conseguiram enviar sinais a grandes distâncias instantaneamente e descobriram maneiras de modificar eventos que já ocorreram! Vamos tratar disso mais adiante.

Por enquanto, vamos trabalhar com uma experiência bem conhecida, descrita por Rupert Sheldrake no livro e vídeo *Cães sabem quando seus donos estão chegando*.

Um artigo no *Journal for the Society of Physical Research* (Revista da Sociedade de Pesquisas de Física) mostra que 45% dos donos de cães entrevistados afirmam que seus cães sabem com antecedência quando alguém da família está chegando em casa.⁸

Segundo o experimento de Sheldrake, gravado em vídeo para a TV austríaca, foram colocadas simultaneamente câmeras na voluntária Pam Smart, que estava fora de casa, e em seu cão, Jaytee, que estava em casa. Depois de algumas horas, Pam recebeu uma ligação em seu celular com instruções para voltar para casa. No mesmo instante Jaytee correu para a porta, para esperar sua dona. E o mesmo resultado foi obtido com mais de cem voluntários. Todas as experiências foram gravadas em vídeo.⁹

Mas qual é a importância disso? Todos sabem que existe uma conexão muito especial, e até paranormal, entre os animais e seus donos, da mesma maneira que muitas pessoas sentem quando alguém da família está em perigo. Sheldrake não tentava provar algo que já se sabe, mas sim fazer uma experiência e mostrar que ela não provocaria a curiosidade da comunidade científica. Imagine só: cães recebendo mensagens instantâneas em uma velocidade maior do que a da luz, e os cientistas nem se importam em saber como isso acontece?

O problema é que a ciência materialista não tem interesse e não se preocupa em obter uma explicação para este fenômeno. Da mesma maneira que a Igreja se recusou a reconhecer as implicações dos descobrimentos de Copérnico sobre a posição da Terra em nosso sistema solar heliocêntrico, a ciência ortodoxa ignora o fato comprovado de os cães pressentirem a chegada de seus donos, porque ele vai diretamente contra sua crença de que só a matéria existe. Há um campo invisível que permite nos comunicarmos telepaticamente, porém, como a ciência não acredita no invisível, não consegue ver essa realidade.

Sheldrake sugere a existência de um *campo morfogenético*, uma “memória inerente à natureza”, que permite a comunicação paranormal à

velocidade do pensamento.¹⁰ E foi o primeiro a admitir que seu conceito de campo morfogenético é apenas uma explicação especulativa e ainda não tem como provar como essa energia funciona. A boa notícia é que a falta de prova científica o levou a estudar mais profundamente o campo.

A importância do experimento de Sheldrake é demonstrar que o fenômeno é real. Existe mesmo um campo invisível exercendo influência sobre a matéria. As implicações vão muito além de podermos chamar nossos cães assobiando mentalmente. Como veremos, algumas experiências do tipo *double-blind**, cuidadosamente realizadas, revelam que a oração e a intenção de cura têm efeitos positivos e mensuráveis sobre pacientes de aids ou sobre aqueles que se recuperam de uma cirurgia. E outros estudos indicam que, quando um número de pessoas que praticam a meditação transcendental atinge a raiz quadrada de 1% da população de uma cidade, a taxa de criminalidade cai vertiginosamente na região.¹¹

Portanto, é uma tolice ignorar o poder do campo simplesmente porque ele não pode ser explicado. Felizmente, mais cientistas têm se interessado pelo assunto. Alguns físicos já utilizam o termo “força de movimento invisível” para descrever esses campos. Curiosamente, esta é a mesma definição do tradicional Artífice dos Campos (Deus, Criador, Espírito) ou qualquer que seja o termo que aponte a força unificada do Universo. A grande piada cósmica é que a ciência e a religião se referem à mesma coisa.

Mas por que é importante compreender o campo? Como isso pode ajudar a humanidade? Há três respostas a estas perguntas. Primeiro, podemos dar fim, de vez, à inútil guerra entre ciência e religião. Em vez de insistir na existência de um Deus que vive fora deste planeta, podemos trabalhar todos juntos pelo bem da Terra. Segundo, ao reconhecer o poder dos campos invisíveis (mesmo que não saibamos como eles funcionam), abrimos uma nova porta ao descobrimento e incentivamos a ciência a estudar algo que até agora foi ignorado. Finalmente, iremos nos

conscientizar de que a humanidade inteira atua em um campo unificado de sonhos (e que não é um campo de batalha).

* Segundo a filosofia atual, pensar é tarefa do cérebro e, se consideramos a existência de um “eu” imaterial habitante de um corpo físico com cérebro material, não será necessário pensar para existir, mas se penso, logo estou.

* Também chamado de Éter, Matriz ou Matriz divina.

* Experimento clínico realizado nas áreas de Medicina e Psicologia, em que nem os organizadores da pesquisa nem os voluntários sabem quais indivíduos pertencem ao grupo de teste ou ao grupo controlado. (N.T.)

Mito dois: só os mais fortes sobrevivem

“Quando estamos em busca de ouro, todo o resto vira prata.”

SWAMI BEYONDANANDA

“É um mundo cão”, “a lei da selva”, “cada um por si e Deus por todos”. Ouvimos tanto essas frases em nossa vida que acabamos por incorporá-las à nossa realidade.

Mas e se a filosofia darwiniana sobre a natureza competitiva da vida estiver errada? E se o verdadeiro objetivo de nossa existência for cooperar e ajudar uns aos outros? E se a sobrevivência depender de como nos comunicamos e da velocidade com que compartilhamos e processamos informações? E se houver outra condição muito melhor para nossa vida além da mera sobrevivência? E se houver outro tipo de vida para a humanidade?

QUEM VEIO PRIMEIRO: DARWIN OU O DARWINISMO?

Charles Darwin, que se destacou em sua época, teve um papel muito importante no estabelecimento do paradigma do materialismo científico, especialmente no que diz respeito à saúde e evolução da humanidade.

O conceito de evolução vinha se desenvolvendo há quase um século. O próprio avô de Charles, Erasmus Darwin, já havia estudado e escrito sobre o assunto.

Na verdade, o primeiro trabalho científico sobre evolução, “*Philosophie Zoologique*”, foi publicado pelo biólogo francês John Baptiste de Lamarck, em 1809, ano em que Charles Darwin nasceu.¹ E mesmo as frases que

atribuímos ao darwinismo (a lei da selva e a sobrevivência dos mais fortes) já eram conhecidas antes de ele nascer.

A base do trabalho de Darwin veio de Thomas Robert Malthus, filósofo e economista. Seus conceitos e teses forneceram a estrutura teórica que estabeleceu. Malthus também era filho de uma importante figura do Iluminismo, cujos amigos eram Jean-Jacques Rousseau e o filósofo e economista David Hume. Mas o jovem tinha uma visão mais profunda e sombria do mundo do que seus mentores. Talvez sua revolta contra o pai o tenha tornado mais pessimista. Ele se propunha a provar que as coisas podiam sempre piorar em uma escala crescente.

Usando lógica e projeções lineares bastante utilizadas na época, Malthus concluiu e registrou que a vegetação se reproduzia em uma progressão aritmética:

$$1 \Rightarrow 2 \Rightarrow 3 \Rightarrow 4 \Rightarrow 5 \Rightarrow \text{etc.}$$

E, em contraposição, sugeriu que a vida animal se reproduzia em uma progressão geométrica:

$$2 \Rightarrow 4 \Rightarrow 8 \Rightarrow 16 \Rightarrow 32 \Rightarrow \text{etc.}$$

A lógica de Malthus era a seguinte: um fazendeiro poderia, com sorte e bastante trabalho, ter mais lucro a cada ano com seu rebanho. No entanto, a população desses animais poderia dobrar a cada geração e ficaria cada vez mais difícil produzir alimentos para eles. Assim, a vida animal (que inclui os humanos), pode se reproduzir a tal ponto que a população seja muito maior do que a quantidade de alimentos ou sua capacidade de produção. Nesta realidade, a vida se tornaria uma luta pela existência, e somente os mais fortes e implacáveis sobreviveriam.

Malthus descreveu as consequências de sua visão da realidade em um trabalho de 1798 intitulado *Um ensaio sobre o princípio da população*: “O poder da população é tão maior do que o poder da terra de produzir subsistência para o homem, que a morte prematura pode ser nosso futuro.

Os vícios da raça humana são os próprios ministros do despovoamento e os precursores da grande arma de destruição. Caso eles não sejam suficientes para o extermínio, ainda temos as doenças e pragas, que se alastram e matam centenas de milhares em seu caminho. E se elas não fizerem o trabalho, a fome pode dominar o planeta e eliminar os humanos”.²

Bem, o lado positivo do pessimismo é que ele jamais desaponta as pessoas.

Mas a essência do trabalho de Malthus não se relacionava a tudo piorar, e sim a melhorar. E se as nações deixassem de guerrear? E se a pobreza fosse eliminada e as doenças fossem erradicadas? Bem, segundo Malthus, teríamos um grande problema nas mãos! Quanto mais vidas salvamos, mais cedo ficaremos sem alimentos. Os malthusistas do século 19 iniciaram todo tipo de programa social para evitar o que julgavam inevitável, inclusive lançando campanhas para desencorajar os pobres a terem filhos e estimulando o surgimento de favelas junto aos pântanos, para que as doenças se proliferassem nesses locais.

No entanto, havia um pequeno problema com as previsões de Malthus: elas estavam erradas! Ao ver o mundo sobre o foco estreito do materialismo, ele não se deu conta das complexidades dinâmicas da trama da vida e a tendência constante da Natureza ao equilíbrio e à harmonia. Além disso, a população animal não dobra a cada ano. Sua taxa de crescimento é uma variável baseada em condições de ambiente. A conclusão de matemática linear de Malthus, hoje conhecida como “projeção estática”, só funcionaria de verdade em um Universo newtoniano, linear e mecanicista.

Felizmente, o Universo em que vivemos é uma realidade quântica baseada em probabilidades e bastante afetado pelo caos, o qual é definindo no mundo da Matemática e da Física como um sistema que surge aleatoriamente do exterior, mas, na verdade, é ordenado e determinista. Em um Universo caótico projeções estáticas não têm função, pois não incluem como fatores a dinâmica e os processos imprevisíveis dos sistemas vivos. A

noção malthusiana de que a evolução é regida por uma batalha sangrenta e brutal pela sobrevivência não tem mérito científico.

A EVOLUÇÃO SEGUNDO DARWIN

Darwin viveu no século 19, época em que o mundo enfrentava a coexistência de diversos pontos de vista conflitantes. O brilhante Iluminismo, filosofia que estimulou as revoluções americana e francesa, ainda ocupava posição de destaque, embora enfraquecido pela sombra do malthusianismo. O retorno da monarquia na França renovou os poderes da Igreja e a busca pragmática da Coroa. Nos bastidores, porém, o processo da ciência materialista continuava a se desenvolver, especialmente quando o químico inglês John Dalton publicou, em 1805, a teoria atômica. Essa teoria trouxe a física newtoniana de volta à cena, pois seus princípios foram aplicados para definir a mecânica da recém criada ciência da química.

Embora Charles Darwin tenha nascido em uma família de classe alta de unitaristas e livres pensadores, seu pai achou que seria socialmente conveniente batizá-lo na Igreja Anglicana. Quando criança, Charles frequentou a Igreja Unitária com a mãe. Depois de crescido se matriculou na Universidade de Edimburgo, onde se dedicou avidamente ao estudo das ciências e assistiu a palestras de Jean Baptiste de Lamarck, vindo a conhecer suas radicais teorias sobre a evolução.

Aparentemente, a área médica não era seu forte, pois o fraco desempenho acadêmico o fez abandonar a universidade sem se graduar. Seu pai, com medo de que ele não tivesse um futuro profissional (ou mesmo nenhum futuro) o incentivou a se matricular na Universidade de Cambridge, para se tornar um sacerdote anglicano. Era a última opção para um rapaz de classe média alta que não queria estudar.

Darwin completou seus estudos teológicos e, logo em seguida, apesar dos protestos do pai, embarcou em uma viagem de dois anos no *HMS Beagle*, um navio de viagens de pesquisas, em companhia do Capitão Robert

Fitz-Roy. Na marinha daquela época, aristocratas como o capitão não interagiam com os membros mais simples da tripulação. Para tornar a viagem menos entediante, convidou Darwin àquela viagem de descoberta das maravilhas da Natureza.

Quando já estavam em alto-mar, o médico do navio, naturalista e responsável pelas pesquisas, teve um sério desentendimento com Darwin e, para evitar maiores conflitos, desembarcou na América do Sul. Charles Darwin, convenientemente, assumiu seu posto enquanto o navio se dirigia às Ilhas Galápagos, uma viagem que tomaria grandes proporções paradigmáticas. A viagem de dois anos acabou levando cinco, e, nesse tempo, Darwin se dedicou ao estudo da Natureza.

Antes de embarcar, ele havia recebido uma cópia dos *Princípios da Geologia*, material publicado em 1830 e que se tornou provavelmente a referência científica mais importante desde a publicação de Newton (*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*). Seu autor, Charles Lyell, era o cientista mais influente do mundo na época, e por bons motivos. Seu trabalho, publicado em três volumes, entre 1830 e 1833, estabeleceu a base da Geologia, o que confrontou e abalou a interpretação bíblica da Criação.

Naquela época, as pessoas tinham a crença sacrossanta de que o Paraíso, a Terra e a vida resultavam dos seis dias de trabalho de Deus descritos na Gênese. A Igreja estava tão segura de seus conceitos que anunciou a data exata em que a Terra foi concebida. Caso você esteja pensando em comprar um cartão de aniversário para nossa querida Gaia, a data instituída foi um domingo, 23 de outubro de 4004 a.C. James Ussher, um bispo anglicano, determinou esta data calculando a linhagem de gerações a partir do surgimento de Adão.³

Enquanto a maioria das pessoas da época aceitou cegamente a data da Criação, os geólogos, seguindo o raciocínio de Lyell, calcularam que o planeta Terra teria levado eras para se desenvolver, passando por diversos cataclismos, que, em termos geológicos, resultaram em movimentos e ajustes

da crosta. Lyell concluiu que a disposição física dos continentes, oceanos e montanhas vinha de modificações lentas e constantes efetuadas por forças naturais como ventos, chuva, inundações, terremotos e vulcões.

O livro de Lyell continha quatro capítulos dedicados às teorias de Lamarck, e também sugeriam que a vida surgira através de uma longa e lenta progressão, durante milhões de anos, e, neste período, muitos organismos teriam entrado em extinção, o que explicaria os fósseis. Para Lyell, a evolução da biosfera foi um complemento perfeito à evolução do planeta físico.

Seu trabalho ajudou a abrir os olhos do público para uma nova forma de ver as origens (ou a Criação do mundo).

Durante seus cinco anos de viagem, Darwin leu e releu o livro de Lyell e passou a se corresponder com ele, considerando-o uma autoridade científica de grande valor. Os conceitos de Lyell e Lamarck ajudaram Darwin a concluir que a história da vida na Terra deveria ser atribuída, assim como os fenômenos geológicos, a causas naturais.⁴

Ao publicar a segunda edição de sua *Revista de Pesquisas*, em 1845, Darwin reconheceu formalmente a contribuição do trabalho de Lyell à formulação de sua teoria da evolução. Dedicou a obra a Lyell, com a seguinte explicação: “O mérito científico que este trabalho ou qualquer outra publicação do autor venha a ter é derivado do estudo da admirável obra ‘Princípios da Geologia’”.⁵

Em 2 de outubro de 1834, Darwin retornou à sua casa, em Londres. Procurou Lyell, e os dois se tornaram grandes amigos. Lyell o incentivou a prosseguir com seus estudos sobre a teoria da evolução. A partir das conversas entre os dois, Darwin começou a escrever sua obra *A transmutação das espécies*, cujo título vinha do termo cunhado por Lamarck para se referir à evolução, em sua obra *Philosophie Zoologique*, de 1809.⁶

Então, enquanto Lamarck desenvolvia a base científica para o entendimento da evolução biológica e Lyell estabelecia uma relação entre

esta e a evolução do planeta, Darwin se concentrava em descobrir o funcionamento das forças ou mecanismos que iniciaram ou estimularam o processo evolucionário. Seu foco era saber o motivo pelo qual novas espécies surgiram. Sem respostas a esta questão, seu trabalho ficou estagnado durante anos até que, ironicamente, encontrou inspiração na obra de Malthus.⁷

Darwin escreveu em sua autobiografia: “Em outubro de 1838, após quinze meses de busca, me deparei com a obra de Malthus sobre população. Tendo estudado e observado a luta das espécies animais e vegetais pela sobrevivência, logo concluí, ao ler aquele trabalho, que sob determinadas circunstâncias algumas variações favoráveis tendem a ser preservadas e outras destruídas”.⁸

Darwin, ao contrário de Malthus, que apontava o processo de seleção como um meio de eliminar os elementos mais fracos de uma sociedade, afirmou que o processo de seleção privilegiava sobrevivência dos indivíduos mais fortes. Foi uma afirmação astuta e politicamente correta para a época, tendo em vista que Darwin era um fidalgo da Inglaterra Vitoriana e dividia a humanidade em classe superior e classe inferior. Em vez de atribuir o processo de seleção à influência de uma classe inferior, enfatizou as excelentes condições de reprodução e hereditariedade da classe alta (a qual possuía “variações favoráveis”, sendo, portanto, mais resistente e adaptada ao meio ambiente), considerando essas facilidades como impulsos à evolução. No entanto, reiterou em seu trabalho o que Malthus chamou de “processo de seleção da Natureza”, a eliminação dos elementos desfavoráveis da sociedade, e cunhou o termo *seleção natural*.

A SOLUÇÃO INDELICADA DE DARWIN

Por volta de 1840, Darwin começou a desenvolver sua teoria, mas não comentou suas conclusões com outros cientistas, nem mesmo com Charles Lyell. Em 1844, escreveu ao famoso botânico Joseph Dalton Hooker, “parece

que a luz se fez. Estou quase convencido (em oposição às ideias nutridas antes) de que as espécies não são (e isso é quase como confessar um assassinato) imutáveis”.⁹ O assassinato a que ele se referia era o assassinato de Deus. Caso se confirmasse a teoria de que as espécies se desenvolviam por meio de um longo processo de transformação evolucionária, a legitimidade da primeira parte da Bíblia, aquela na qual se define o relacionamento entre Deus e a raça humana, seria invalidada. Também é interessante observar que Darwin escreveu “estou *quase* convencido” de que as espécies passam por mutação. Ao que tudo indica, nem ele acreditava totalmente em evolução.

No mesmo ano, o jornalista escocês Robert Chambers publicou anonimamente o livro *Vestígios da História Natural da Criação*, uma defesa da evolução em detrimento do criacionismo. Apesar de controverso e rejeitado pela sociedade vitoriana, o livro popularizou a noção de processo evolutivo, abrindo caminho para Darwin publicar seu trabalho sem ter sua imagem profissional abalada.

Ainda assim, demorou mais de uma década para publicá-lo, e só o fez porque se sentiu motivado pelo trabalho de um colega. Em junho de 1858 Darwin recebeu uma encomenda que o levou a tomar uma atitude. A encomenda fora enviada por Alfred Russel Wallace, naturalista inglês que trabalhava em Bornéu. Wallace era um acadêmico tão brilhante quanto Darwin, ou até mais, porém um autodidata proveniente da classe trabalhadora. Para ganhar a vida, capturava espécimes e os vendia a museus, zoológicos e colecionadores ricos. Com isso se tornou um grande naturalista.

Wallace enviou a Darwin uma cópia do manuscrito intitulado “*Tendência das variedades de vida de se afastar de suas espécies de origem*”. Pedia ao colega que revisasse o material e, caso o considerasse útil, enviasse a Charles Lyell.¹⁰ O manuscrito descrevia a teoria da evolução segundo o conceito de Wallace. Era um texto direto, elegante, acadêmico,

extremamente bem escrito e que poderia lhe conferir o título de “fundador da teoria da evolução”, hoje atribuído a Darwin.

Indignado com a possibilidade de que um plebeu viesse a receber os louros de uma descoberta tão importante, Darwin implorou a Lyell que o ajudasse a manter a descoberta em seu nome. Em uma carta datada de 26 de junho de 1858, escreveu: “É muito difícil para mim abrir mão desse título após tantos anos de estudos...”

Lyell decidiu ajudar o amigo em desespero e, com a ajuda de Joseph Hooker, outro amigo em comum, estabeleceu o que seria conhecido como “solução delicada” para “uma das maiores conspirações dos anais da ciência”.¹²

Lyell e Hooker escreveram uma carta na qual declaravam que Darwin e Wallace se conheciam. E que “ambos os cavalheiros, sem que um tivesse conhecimento do que o outro fazia, conceberam a mesma teoria... e mereciam ser igualmente reconhecidos pela ideia original nessa importante área de pesquisa”.¹³ A verdade é que Wallace havia desenvolvido e colocado no papel a teoria, enquanto Darwin a tinha apenas em sua mente! Mas Lyell usou de sua influência para fabricar, alterar e plagiar documentos e fazer com que Darwin, o aristocrata, recebesse os méritos e as honras, e Wallace, o plebeu, ficaria com um dubio segundo lugar, meramente como alguém que contribuiu com as pesquisas. A teoria da evolução, oficialmente divulgada como teoria Darwin-Wallace, foi oficialmente apresentada pela instituição Linnean Society of London em 1º de julho de 1858, um mês após Darwin receber a correspondência com o manuscrito de Wallace.

Essa pequena trapaça pode parecer algo trivial quando se trata da história da humanidade, mas podemos garantir que o incidente teve um impacto profundo e nos atinge até hoje. O fato de Wallace ou Darwin receberem crédito pela teoria é uma epítome evolucionária comparável àquela relação entre um copo metade cheio ou metade vazio.

Sob a perspectiva de um plebeu, Wallace reconheceu que a evolução se dava pela eliminação dos *mais fracos*, porém, no mundo darwiniano, as pessoas *lutam* para adquirir o status de serem melhores do que as outras. Ou seja, caso Wallace tivesse recebido o título de criador da teoria, o mundo de hoje seria menos voltado à competição e mais para a cooperação.

Um ano depois do acordo, o nome de Alfred Russel Wallace já havia sido esquecido e Darwin ganhou proeminência ao publicar sua obra prima, *A origem das espécies através da seleção natural*. O *best seller* popularizou os conceitos de evolução e seleção natural a tal ponto que o mundo passou a acreditar que somente os mais fortes sobrevivem.

O que mais chamava a atenção no livro era o subtítulo, que descrevia muito bem o conceito do darwinismo como o conhecemos hoje. O título completo é “*A origem das espécies através da seleção natural, ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida*”. Devemos lembrar que Darwin era um produto de sua época. Era radical o suficiente para se basear nas implicações geológicas apresentadas por Lyell, e também aceitou, sem questionar, as conclusões de Malthus, que hoje sabemos estarem erradas. O segredo biológico do sucesso está, realmente, em se adaptar ao meio ambiente, mas, segundo o conceito malthusiano, esta adaptação ocorreria através da luta pelos recursos escassos.

O conceito de darwinismo social, termo cunhado pelo filósofo Herbert Spencer (também conhecido pela frase “só os mais fortes sobrevivem”) mostra bem as implicações da teoria darwinista, a qual incentiva o *melhoramento da humanidade* por meio da purificação, referindo-se, obviamente, à eliminação dos seres *geneticamente inferiores e desfavoráveis*. Levada às últimas consequências, a teoria darwinista se transformou na sanção de Estado e missão científica do nazismo.

Em seus últimos anos de vida, Darwin se afastou do evolucionismo acadêmico e, em vez de enfatizar a necessidade da sobrevivência e da luta, mudou de foco e passou a concentrar sua atenção na evolução pela via do

amor, do altruísmo e das generosas raízes da bondade humana. Reconheceu também o conceito lamarckiano, segundo o qual o ambiente como um todo é a força geradora da evolução. No entanto, seus discípulos acreditavam que suas novas ideias poderiam levar a revoltas e motins, colocando em risco todos os esforços e o trabalho desenvolvido até então. Mantiveram a teoria antiga, alegando que as novas ideias eram fruto de uma mente senil.

Dez anos após sua publicação, a teoria de Darwin já era aceita como verdade pela maioria dos cientistas no mundo todo. Teve, porém, um impacto muito maior na evolução da civilização humana do que se imagina, porque preencheu uma lacuna que viria a mudar o paradigma basal de sua época. Antes de *A origem das espécies*, o monoteísmo moldava as crenças da civilização oriental, pois era a única fonte de verdade a oferecer respostas satisfatórias às três questões primordiais da existência:

1. Como chegamos aqui?
2. Por que estamos aqui?
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

A ciência avançava a passos largos e fazia diminuir a cada dia o poder da Igreja, mas não tinha como desbancar o monoteísmo como fonte “oficial” da verdade até o momento em que oferecesse a resposta para a pergunta número 2. Após anos de pesquisas, finalmente ela surgiu: “Estamos aqui para evoluir”.

Na época em que *A origem das espécies* foi publicada, a população em geral estava envolvida com o cultivo de plantas e criação de animais e sabia das alterações hereditárias que influenciavam as características estruturais e comportamentais das proles. Portanto, não demorou até aceitarem a ideia de que a vida no planeta era originária de um ancestral primitivo, o qual evoluíra em uma longa linhagem de variações de reprodução durante milhares de anos. A teoria da evolução fazia todo o sentido, tanto para os cientistas quanto para a população. Esta aceitação deu à ciência a

oportunidade de oferecer uma resposta satisfatória à questão primordial da existência, a que trata das origens da vida; resposta bem mais aceitável do que aquela oferecida pelo monoteísmo.

Como era de se esperar, a Igreja iniciou uma campanha agressiva para combater a heresia dos ateus evolucionistas. O confronto antecipado entre religião e ciência veio à tona em menos de sete meses após a publicação de *A origem das espécies*. O confronto se deu durante uma reunião realizada pela Associação Britânica para o Avanço da Ciência na Universidade de Oxford, em junho de 1860. A reunião foi realizada para que dois trabalhos acadêmicos baseados na nova teoria fossem apresentados para apreciação pública.

Seguiu-se um debate agendado entre o bispo Samuel Wilberforce, representando os criacionistas, e Thomas Huxley, amigo de Darwin e defensor de sua tese.

Em uma época em que ainda não existiam filmes, rádio ou televisão, os debates eram mais do que fonte de informação; eram uma atração para o público. Os oponentes duelavam verbalmente até a morte metafórica, atacando um ao outro com línguas afiadas, cheias de sátira, astúcia, cinismo e muito drama. O Bispo Wilberforce, conhecido por sua destreza em debates, era chamado de “Sam Sabão” em virtude de sua habilidade de evasão dos ataques e capacidade de se colocar em vantagem no jogo discursivo. Ele era realmente “escorregadio”.

Wilberforce não tinha comparecido àquele debate para falar sobre evolução, mas para exorcizar o espírito maligno que a ideia suscitava da mente das pessoas. Sua intenção era humilhar os evolucionistas e restabelecer no público a crença no conceito de Criação imposto pela Igreja. Não há registros de como o debate ocorreu, mas, aparentemente, Wilberforce apresentou seu argumento com uma pergunta ardilosa, tentando fazer Huxley parecer patético, qualquer que fosse sua resposta.

Uma versão desta pergunta envolvia a reverência vitoriana à linhagem de família e ascendência materna: “Sr. Huxley, permita-me perguntar: é por parte de mãe ou de pai a ascendência que se afirma partir dos macacos?”

Huxley, conhecido como “O buldogue de Darwin”, não desejava participar do debate por medo de ter que enfrentar a retórica de “Sam Sabão”. Mas acertou Wilberforce em cheio, com sua famosa resposta: “Vou responder à sua pergunta, Senhor Bispo. Um macaco pode parecer uma criatura rude, de pouca inteligência, que se abaixa no chão para catar as migalhas que sobram de nossos alimentos ou da natureza. Mas para mim seria mil vezes melhor descender de um macaco do que de um homem que se prostitui, colocando sua inteligência e seus atributos a serviço do preconceito e da falsidade”.¹⁴

A flecha de Huxley não apenas feriu os brios de Wilberforce, mas também a primazia da Igreja. Em questão de minutos o debate se encerrou, e, com ele, o paradigma do monoteísmo. Após quase dois mil anos dominando e decidindo o futuro da humanidade, a Igreja foi finalmente obrigada a passar o bastão do conhecimento e, portanto, o controle do paradigma da civilização ocidental.

O futuro agora estava nas mãos do materialismo científico.

TRATA-SE DE UM MUNDO CÃO? NÃO!

Antes do século 18 a ciência enxergava a vida como um processo harmônico, em um dos últimos vestígios da crença no animismo: o deísmo. Mas no século de Darwin e nos anos que se seguiram após sua morte, a figura da Natureza passou de mãe protetora a uma selva violenta.

Em boa parte, esta mudança de imagem se baseou em conclusões errôneas, oriundas de observações tendenciosas e de distorções da ciência. O que se observa como violência na Natureza é o resultado do relacionamento entre predador e vítima, ou em disputas por território, ou em disputas por alimento ou parcerias sexuais. Porém, com exceção da caça,

a violência raramente é fatal. Uma vez que se estabelece qual dos animais em uma disputa por território é o dominante, o outro se afasta, ainda vivo. Portanto, nosso mundo não é um mundo cão. Pode ser um mundo em que cães matam gatos ou latem para outros cães, mas é certo que cães não comem cães.

Nós somos parte da rede da vida, mas temos a sorte de estar no topo da cadeia alimentar. Não temos mais predadores naturais. Porém, como os mais diversos filósofos já afirmaram, nos tornamos predadores uns dos outros. Há uma grande diferença entre a violência de caçar um cervo, processo natural na rede da vida, e caçar o caçador de cervos, comportamento que se encontra fora das leis e da moral inerentes à Natureza. Nossa tendência e preocupação constantes com a violência provêm de um erro de interpretação das leis naturais.

Seja por acidente ou de modo proposital, o uso da brutalidade antecede muito a teoria de Darwin, e sempre foi um sistema de baixo denominador comum, no qual a força equivale à razão.

O darwinismo trouxe à humanidade uma justificativa científica para atos desumanos, de abuso individual da força coletiva, especialmente quando se trata de oprimir ou eliminar as massas de classes consideradas inferiores.

Ao questionar o conceito religioso de moralidade e impor o conceito de que os fins justificam os meios, o darwinismo atingiu os valores da Igreja. Em uma mentalidade segundo a qual só os mais fortes sobrevivem, a maior aptidão é manter ou aumentar a quantidade de descendentes ao longo das gerações. Portanto, o objetivo darwinista é aumentar a saúde e a capacidade de sobrevivência da prole. Mas o meio pelo qual esse objetivo deve ser atingido, pela compaixão ou por meio de uma Uzi, é totalmente irrelevante.

A teoria de Darwin estimulou as “raças favorecidas” a se favorecer ainda mais. E, pior ainda, deu permissão tácita a cada nação para desenvolver sua “raça favorecida” às custas do restante da população. Assim,

a civilização ocidental passou das leis das Escrituras monoteístas às leis do materialismo científico, ou seja, adotou a lei da selva. Com isso desapareceram as regras morais. O mundo passou a ser visto como uma grande batalha entre vencedores e perdedores.

Embora poucos tenham lido o trabalho de Darwin, a frase “só os mais fortes sobrevivem” é bem conhecida. E também mal compreendida. Não se trata de um conceito científico, mas de tautologia, que é o ato de definir algo pomposamente. Por exemplo: segundo o dicionário, a palavra *forte*, em termos biológicos, pode ter o sentido de “aquele mais apto a sobreviver”. Quando os darwinistas invocam o mantra “sobrevivência dos mais fortes”, queriam, na verdade, dizer “sobrevivência dos mais aptos para isso”.

Pode parecer um tanto estranho, mas quando se trata da psique humana, repleta de imagens de leões perseguindo gazelas, a questão da sobrevivência dos mais fortes adquire uma conotação de medo, adrenalina e ameaça à existência.

No entanto, se observarmos a vida em uma selva, veremos que “a lei da selva” não acontece da forma que imaginamos! Quando um leão persegue uma gazela, ele não está preocupado em capturar aquela com a galhada maior ou a mais bela do grupo, exibindo a caça em sua cova, como troféu. Ele captura a *menos* forte, porque tem fome e deseja garantir sua refeição. A lei da selva, na verdade, é a da não sobrevivência dos menos fortes. Portanto, por definição, você não precisa ser o mais forte para continuar vivo. Basta ter saúde relativamente boa. Outra forma de ver a questão é considerar a porcentagem diária de gazelas que *não* são devoradas pelos leões.

Uma lição evolucionária relativa à necessidade de não ser o mais fraco é apresentada com bom humor nesta história de dois campistas em uma floresta que acordam com um urso em seu acampamento. Um deles começa a calçar os sapatos, e o outro pergunta: “Para que calçar os sapatos? Você

não vai conseguir correr mais do que o urso”. E o outro responde: “Não preciso correr mais do que o urso. Só preciso correr mais do que você”.

A SOBREVIVÊNCIA DOS MAIS FORTES (OU MELHOR, DOS MAIS ADAPTADOS)

À medida que a humanidade caminha e desenvolve uma visão cada vez mais holística e equilibrada da vida, notamos como as regras da ciência quântica se aplicam à teoria da evolução também.

Os estudos atuais mostram que a evolução ocorre dentro do contexto do ambiente, e não de maneira isolada. O progresso da evolução pode ser entendido como a constante busca de equilíbrio do ambiente. Por exemplo: digamos que organismo #1 ingira um alimento X e defeque Y. À medida que a população de organismos #1 aumenta, a fonte X diminui, mas o produto Y cresce em volume. Embora a perda de X e o aumento de produção de Y comecem a causar desequilíbrio no ambiente, a situação gera condições propícias ao desenvolvimento de um novo organismo: o #2, que se alimenta de Y e excreta Z. À medida que a população de #2 aumenta, os níveis de Y retornam ao ponto de equilíbrio, porém há um aumento de Z. Isso gera condições ao desenvolvimento de um organismo #3, que se alimenta de Z, e assim por diante. Claro, é um exemplo simplificado, mas representa aquilo que os teóricos nos mostram.

Em um artigo publicado em 1998, no jornal *Nature*, o cientista inglês Timothy Lenton levantou importantes argumentos para a hipóteses de Gaia, formulada pelo cientista, ambientalista e futurista James Lovelock.

Lovelock propõe que a Terra é uma entidade viva que utiliza a evolução para regular seu complexo metabolismo. Lenton afirma que a temperatura do Sol já se elevou em 25% desde que a vida na Terra se iniciou, há cerca de 3,8 bilhões de anos, mas nosso planeta conseguiu adaptar o clima e se proteger do aumento de temperatura. Lenton sugere que as características evolucionárias que beneficiam o sistema como um todo tendem a ser

reforçadas enquanto aquelas que o desestabilizam ou prejudicam são refreadas.

Lenton conclui: “Se um organismo requer mutação que o faz se comportar de maneira ‘anti-Gaia’, sua ação será restrita, porque ele será considerado elemento de desvantagem evolucionária”.¹⁵ Aplicando esse conceito à nossa situação, ele sugere que, caso não encontremos maneiras de desenvolvimento em acordo e harmonia com o planeta, acabaremos ficando sem casa.

O ainda não entendemos, aparentemente, é o conceito de “sobrevivência do mais forte”. Os organismos que se adaptam melhor ao ambiente, contribuindo para a harmonia global, sobrevivem, enquanto os outros... bem...

A RESPOSTA ESTÁ DENTRO DE NÓS

Talvez o exemplo mais convincente da verdadeira natureza da vida, aquele que nos mostra como superar o dilema malthusiano da escassez e seguir rumo à nossa próxima evolução, esteja nas origens e no desenvolvimento das formas de vida multicelular.

Por que e como trilhões de organismos unicelulares foram capazes de unir forças para se tornar o que somos hoje?

Para responder a esta questão, precisamos nos lembrar que, durante os primeiros 3,8 bilhões de anos neste planeta, as únicas formas de vida existentes eram organismos unicelulares, como bactérias, algas, fungos e protozoários.

Cerca de 700 milhões de anos atrás, as células começaram a se transformar em primitivas colônias de organismos multicelulares. Ao trocar informações, essas associações comunitárias passaram a ter mais consciência do ambiente que as cercava e puderam melhorar a qualidade de vida de suas células. Ou seja, a consciência do ambiente, medida da evolução, permite a um organismo maior oportunidade de sobreviver de modo eficiente em um

mundo dinâmico. Dois podem viver bem usando os recursos que um só usaria, pois unir forças é melhor do que lutar sozinho.

Nos primeiros estágios da evolução, todas as células dos organismos coloniais tinham as mesmas funções. Mas chegou o momento em que o número de células em um organismo era tão grande que não havia mais vantagem nisso. Imagine, por exemplo, que ainda somos uma sociedade que vive da caça, e, toda manhã, os milhões de pessoas de cada cidade saem para caçar. É muito mais eficaz dividir as responsabilidades entre os membros da tribo. Neste caso, os caçadores sairiam para caçar, enquanto outros ficariam em casa cuidando de tarefas como cozinhar, cuidar das crianças, fazer a manutenção das ferramentas e armas, assistir TV, etc.

Foi exatamente isso que aconteceu na evolução dos organismos multicelulares. À medida que o número de células aumentou para centenas, milhões e trilhões, elas começaram a executar tarefas específicas para garantir a sobrevivência de todo o organismo. Os biólogos se referem a esta divisão de trabalho como um processo de *diferenciação*. Com a evolução das comunidades de células diferenciadas, começaram a emergir as espécies, um passo inimaginável para os organismos unicelulares que habitavam o planeta nos primeiros 3,8 bilhões de anos de vida. A formação de comunidades multicelulares foi, de certa maneira, um avanço no curso da evolução da vida no planeta. Neste ponto ficamos tentados a imaginar se o organismo humano de hoje é realmente o produto final e completo de sua evolução. Mas a realidade é que somos o início do próximo e mais alto nível de evolução, o super organismo chamado *humanidade*.

A noção de sobrevivência do mais forte tem sido aplicada à nossa cultura individualista para indicar a sobrevivência dos indivíduos que melhor se adaptam. Mas a triste verdade é que Gaia não está preocupada em saber se nos adaptamos ou somos mais fortes. Sua preocupação é com o impacto de toda a população sobre seu metabolismo global, o meio ambiente. Independentemente de quantos Gandhis, Madres Teresas ou

Leonardos da Vinci venhamos a produzir, nossa espécie como um todo é que é mensurada, não por sua capacidade de adaptação, mas por sua capacidade de “colaborar com o ambiente”. Talvez nós, assim como nossos ancestrais, tenhamos que deixar para trás nossa existência como células individuais e evoluir como grande comunidade celular na qual os interesses pessoais e os comunitários sejam um só.

EVOLUÇÃO: DO GENE EGOÍSTA AO GÊNIO ABNEGADO

A sociedade humana encara a competição como meio de sobrevivência, vivendo em um mundo distorcido. A noção de competir distancia-se daquela inscrita na etimologia grega, quando significava “lutar em conjunto”. Para os gregos, significava que deveríamos utilizar a energia uns dos outros para beneficiar a cada um de nós, e não para destruir nossos oponentes ou tentar vencer a qualquer preço.

Embora exceder nossos próprios limites seja uma ambição digna, em todos os concursos e jogos de nossa sociedade somos mais perdedores do que vencedores. O filme *Vamos todos dançar* – documentário excelente sobre formas de ensinar alunos indisciplinados e problemáticos a desenvolver autoestima por meio da dança de salão – mostra os distúrbios causados pelo conceito errôneo de competição. Apesar de todo o aprendizado, do prazer e do crescimento obtidos na luta em conjunto para ganhar um concurso, todos aqueles que não venceram acabaram em lágrimas por isso. Não faz sentido.

A Enron, considerada pela revista *Forbes* e pelo *Wall Street Journal* como “a empresa do futuro”, revelou-se uma das mais corruptas do mercado. O darwinismo era o seu credo. O CEO Jeffrey Skilling referia-se sempre a seu livro predileto, *O gene egoísta*, do cientista britânico Richard Dawkins, chamando-o de sua Bíblia. E, bem ao estilo darwiniano, tinha orgulho em renovar os funcionários da Enron com frequência, para melhorar a qualidade da empresa. Era comum entrar em um departamento e anunciar

que demitiria nos três meses seguintes 10% dos que produziam menos. E realmente demitia. A pressão do processo de seleção e de manutenção dos cargos criava um clima de disputa tão acirrado dentro da empresa que ninguém podia confiar em ninguém.

A noção deturpada de competição como forma de adaptação e evolução foi adotada por completo dentro da empresa. Se tiver oportunidade, assista ao filme *Enron: os mais espertos da sala*, que mostra os investidores discutindo alegremente sobre como “deixar os velhinhos sem pensão” ou contentes por ver que alguns incêndios em empresas ou imóveis aumentavam o valor de suas ações, ou, ainda, celebrando o colapso da economia de um Estado inteiro para tirar proveito das vítimas.¹⁶

Mas a alegria deles durou pouco. Com o mesmo estilo venenoso que sempre foi prática na empresa, os maiores acionistas engoliram os menores, quebrando a empresa e deixando os empregados sem salários, pensões ou aposentadoria. A queda da Enron e a onda de destruição causada naquela comunidade comercial darwiniana foi uma importante lição ao mercado, ensinando que negócios que visam grandes lucros individuais e rápidos não funcionam. Mas o pensamento equivocado do gene egoísta ainda persiste, nos impedindo de enxergar em nós mesmos o nosso lado mais genial e produtivo.

ESTAMOS JUNTOS NESSA

Talvez a mensagem mais importante da Física Quântica e das pesquisas na área seja que tudo está relacionado. Nosso Universo não é hierárquico e linear, mas interligado e fractal.

Mas o que significa fractal? *Geometria fractal*, conforme veremos, é o ramo da matemática que descreve os padrões da Natureza. Quando se olha para uma folha, um broto, um galho, uma árvore ou uma floresta, ou mesmo para uma praia, é possível observar um padrão repetitivo, com diferentes níveis de complexidade.

No mundo natural, esses padrões fractais similares se repetem em todos os níveis de organização. Por esse motivo, nossas células, nosso eu e nossa civilização precisam de oxigênio, de água e de alimentos para sobreviver. Por que isso é importante? Porque tudo o que é bom para um é bom para todos, e tudo que é prejudicial para um também é ruim para os outros. Parece óbvio, mas, infelizmente, diante de toda interpretação equivocada acerca das leis naturais, o que parece óbvio nem sempre é. A boa notícia é que as consequências de nosso afastamento da Natureza começam a nos fazer despertar para a realidade.

Notícias alarmantes sobre mudanças climáticas e extinção de espécies nos mostram que nenhum indivíduo, independentemente de sua força, saúde, capacidade de adaptação ou de quantas muralhas de segurança tenha ao redor, consegue sobreviver se sua espécie sucumbir. O estudioso Arthur Koestler cunhou o termo *hólon* para descrever a condição de se “ter parte” ou “fazer parte” de algo.¹⁷ Humanos são *hólons*. Somos todos compostos de partes (células, tecidos e órgãos). E também somos parte de algo maior. Pertencemos a comunidades, nações e à humanidade. Podemos até mesmo nos considerar células da Mãe Terra. A chave da sobrevivência está no desenvolvimento do sistema como um todo: células saudáveis, humanos saudáveis, planeta saudável. Ou seja: sem a Terra não existimos. No entanto, o chamado imperativo biológico tem dois aspectos importantes: a sobrevivência do organismo individual e a sobrevivência da espécie. A sobrevivência da espécie é normalmente associada à reprodução. Mas quando essa espécie é ameaçada, a reprodução deixa de fazer sentido. A situação é tão alarmante que, se continuarmos a agir da maneira que agimos, não haverá como manter a vida humana.

Isso significa que o novo imperativo biológico para a espécie humana envolve necessariamente a compreensão de que estamos nessa situação juntos, e o conceito deturpado de sobrevivência do mais forte deve dar lugar ao “desenvolvimento de espécie que se adapta”. Precisamos ajustar as

atividades humanas a um sistema que permita a sobrevivência de todos. Atingimos um nível de complexidade no planeta em que não é mais sustentável haver 7 bilhões de células humanas operando inconscientemente, usando sua energia para propósitos destrutivos.

Assim como aqueles organismos unicelulares que utilizaram a consciência ambiental para se transformar em organismos mais complexos e eficientes, a sociedade humana deve adotar um novo paradigma em termos de relacionamento social e econômico. Paradoxalmente, esse novo nível de consciência cooperativa significa liberdade total de expressão aos indivíduos e benefício pleno para todos. Só a (aparentemente impossível) reconciliação dos chamados “opostos” pode favorecer a criação da humanidade emergente, a mesma humanidade que os mestres espirituais afirmam ser o nosso destino.

Mito três: somos o produto de nossos genes

"A má notícia é que não existe uma chave para o Universo. A boa notícia é que ninguém o deixou trancado."

SWAMI BEYONDANANDA

DESCOBRIMOS A CHAVE DA VIDA – E ELA NÃO ABRIU A PORTA DOS GRANDES SEGREDOS UNIVERSAIS

A missão da ciência moderna, como bem disse Francis Bacon, há mais de 400 anos, é dominar e controlar a Natureza. Os estudiosos tinham certeza de que, se viéssemos a conhecer totalmente o mundo material, a humanidade controlaria o ambiente. É natural que um sistema de crenças materialista procure a chave para a vida humana apenas no mundo físico. Mais especificamente, nos genes.

Em busca da grande chave, a ciência da genética assumiu a missão impossível de identificar a estrutura e o comportamento das moléculas físicas que controlam os corpos que habitamos. Uma vez ciente dos mecanismos da hereditariedade biológica, a ciência estaria a um passo de dominar a Natureza. A engenharia genética se desenvolveria cada vez mais e seria possível controlar todas as formas existentes no planeta, inclusive seres humanos.

No entanto, algo engraçado aconteceu nesse caminho de descobrimento da chave da vida, trilhado mediante a certeza de que

somente a matéria física existe: o cosmos nos preparou uma piada de proporções globais. Quando achamos que tínhamos a chave em nossas mãos, tentamos abrir a grande porta do Universo... e a chave não funcionou.

OS GENES SÃO A CHAVE?

Quando Darwin apresentou a teoria da evolução, baseada no conceito de hereditariedade, a premissa de que as características eram passadas dos indivíduos para sua prole fazia todo sentido para quem criava animais: tal pai, tal filho. Como a visão newtoniana da época pregava a primazia da matéria, nada mais natural que o segredo da vida estar nas próprias moléculas do corpo.

Baseando-se nas informações disponíveis, Darwin propôs a hipótese de que as partículas gêmulas, responsáveis por programar diversas características físicas e comportamentais, estariam espalhadas por todo o corpo. Durante o desenvolvimento, elas se aglutinariam nas células germinativas (óvulos e espermatozoides), o que lhes permitiria serem transmitidas à geração seguinte.

Segundo a lógica materialista newtoniana, as células germinativas possuem em suas moléculas certos fatores determinantes que controlam as características dos organismos gerados por elas. Combinando esse conceito com a noção básica darwinista de seleção natural (as características mais resistentes tendem a ser mantenedoras da sobrevivência da espécie), os geneticistas pós-darwinismo perceberam que havia um desafio em suas mãos: descobrir quais elementos físicos continham traços hereditários, descrever como eles atuavam em nível celular e utilizar essa informação para projetar “humanos-modelo”.

Os geneticistas levaram quase cem anos de dedicação, esforços e pesquisas para comprovar as especulações de Darwin em relação à hereditariedade. O citologista alemão Walther Flemming deu o primeiro

passo, identificando, em 1882, os elementos materiais da hereditariedade. Flemming era microscopista e foi o primeiro a descrever a mitose, processo de divisão celular. Em seu estudo, enfatizou a importância reprodutiva dos filamentos encontrados no núcleo das células. Seis anos mais tarde, em 1888, o anatomista Heinrich Waldeyer cunhou o termo *cromossomo* para descrever esses filamentos.

Logo após a virada do século 19, o geneticista e embriologista Thomas Hunt Morgan foi o primeiro cientista a descrever o raro evento conhecido como mutação genética. Ele descobriu uma mosca de olhos brancos em suas culturas de moscas drosófilas de olhos vermelhos. E ela era capaz de produzir descendentes com a mesma característica. A partir da observação desta e de outras moscas mutantes, Morgan deduziu que os fatores genéticos que controlam os traços de hereditariedade são organizados nos cromossomos em uma ordem precisa e linear.

Mais análises químicas revelaram que os cromossomos são compostos por proteínas e ácido desoxirribonucleico (DNA). No entanto, a dúvida de que a chave genética estivesse ou não na proteína de DNA permaneceu até 1944, quando os pesquisadores do Instituto Rockefeller, Oswald Avery, Colin McLeod e Maclyn McCarty determinaram empiricamente que o DNA era a molécula responsável pelas características hereditárias.¹

A experiência foi, ao mesmo tempo, simples e refinada. Os pesquisadores removeram os cromossomos da espécie #1 de bactéria e separaram o DNA da proteína. Depois adicionaram a proteína cromossômica isolada, ou o DNA cromossômico, nas culturas de bactéria da espécie #2. Os resultados mostraram que, quando o DNA da espécie #1 foi adicionado à cultura das espécies #2, elas começaram a apresentar características da espécie #1. Já a adição de proteínas cromossômicas da espécie #1 não alterou as características da espécie #2. Embora tenha sido o primeiro estudo a identificar o DNA como molécula controladora da

hereditariedade, não foi capaz de elucidar a maneira como o processo acontecia.

Curiosamente, os biólogos não estavam à frente das pesquisas para descobrir o maior segredo da vida. Os primeiros passos nesse sentido vieram dos grandes mecânicos da ciência: os físicos. O físico Erwin Shrodinger, ganhador do Prêmio Nobel, apresentou em seu livro *O que é a vida?* a ideia de que as informações genéticas poderiam, em tese, estar codificadas na configuração das ligações intermoleculares no interior das moléculas cristalinas.²

Tratava-se de um caminho bastante plausível para os biólogos seguirem em sua busca dos elementos da gênese. Inspirados por essa proposição mecanicista, o biólogo James D. Watson e o físico Francis Crick iniciaram uma parceria que levaria a uma das descobertas mais importantes da história da Biologia.

DETERMINISMO GENÉTICO: O DOGMA QUE NÃO QUER SER ABATIDO

Em 1953, Watson e Crick mudaram o curso da história humana com a publicação de seu artigo “Estrutura molecular dos ácidos nucleicos”, no respeitado jornal *Nature*. Trabalhando com cristalografia de raios-X, eles descobriram que a molécula de DNA era um longo filamento linear composto de quatro tipos diferentes de blocos estruturais moleculares, chamados bases nucleotídicas: adenina, timina, guanina e citosina, abreviadas como A, T, G e C. Descobriram também que os pares de filamentos se organizam em espirais de duplas hélices. E o mais importante: a sequência de bases de A, T, G e C ao longo da molécula de DNA representa o código utilizado para sintetizar as moléculas de proteína do corpo. Portanto, um gene representa uma extensão do código de DNA, contendo as sequências nucleotídicas básicas necessárias à criação de uma proteína específica. As moléculas de proteína são o material estrutural da

célula e, portanto, são responsáveis pelas características físicas e comportamentais do organismo.

Baseado na natureza do mecanismo de codificação do DNA, Francis Crick postulou o conceito conhecido como dogma da Biologia molecular.³ Esse dogma central, também chamado supremacia do DNA, definiu o fluxo de informações nos sistemas biológicos. As sequências de base ATGC representam dados (expressos na forma de genes) sobre a estrutura de uma proteína. A célula efetua algo equivalente a uma cópia de um gene na forma de outro tipo de ácido nucleico, denominado ácido ribonucleico (RNA). O RNA é a molécula empregada para sintetizar a proteína por meio de seu código. Consequentemente, a informação no DNA é transcrita para o RNA, e a informação do RNA é traduzida para o formato de moléculas de proteína. O dogma central de Crick levou ao mapeamento do fluxo de informações da maior parte dos sistemas biológicos e à conclusão de que eles são unidirecionais: do DNA para o RNA e para a proteína.

Como os padrões originais da estrutura proteica responsáveis pelas características e comportamento se encontram no DNA, essa molécula foi considerada o determinante de nosso caráter biológico. Daí se concluiu que, de acordo com o dogma central, o DNA seria a causa primordial de nossa condição de vida.

Segundo Watson e Crick, o segredo da vida se resumia a uma sucessão molecular originada no núcleo da célula, a partir da ativação de determinados genes específicos do DNA. Essa conclusão representou a epítome do reducionismo biológico: a vida emana dos genes materiais.

Esse dogma se tornou um dos pilares da ciência moderna e influenciou as pesquisas genéticas durante mais de 50 anos. A crença em um mundo físico newtoniano convenceu os biólogos de que a vida e seus mecanismos eram meramente resultado de interações materiais, à semelhança das peças de um relógio em funcionamento. Assim, antes mesmo de Watson e Crick nascerem, a ciência já havia concluído que um conjunto de moléculas físicas

controla a vida. A única questão a ser respondida era “quais moléculas seriam essas?”. Quando Watson e Crick apresentaram os resultados de suas pesquisas sobre o DNA, todos foram unânimes em afirmar: são as moléculas de DNA que controlam a vida. O dogma central foi imediatamente aceito, porque os cientistas já esperavam uma teoria desse tipo. O mais estranho, porém, é que a hipótese foi aceita como verdade sem que sua validade fosse questionada ou mesmo avaliada. É interessante e importante notar que Crick se referiu à sua hipótese a respeito do percurso das informações moleculares da proteína (DNA- RNA) como um dogma. Por definição, a palavra *dogma* significa “crença baseada em persuasão religiosa e não em fatos científicos”.

Ao adotar um dogma, transformando-o em base da biomedicina, o materialismo científico acabou, ironicamente, utilizando parâmetros religiosos em sua conduta! Agora, o de que o DNA podia ser o responsável pelo controle da vida, deixava a ciência próxima do *status* da religião. Porém, antes de percorrermos todos os hotéis do planeta substituindo a Bíblia de cada quarto por um compêndio de Genética, vamos analisar a questão da primazia do DNA. Ela é mesmo verdadeira?

Uma implicação primordial do dogma de Crick é que a informação hereditária flui em uma direção única, do DNA para as proteínas (DNA- RNA -Proteína), jamais se invertendo, o que significa, segundo Crick, que a proteína não influenciaria a estrutura e a atividade do código DNA. Mas eis a questão: o corpo que experimenta a vida é feito de proteína. Se as proteínas não são capazes de enviar informações sobre as experiências da vida de volta para o DNA, então o meio ambiente não poderia mudar o destino genético. Isso quer dizer, de acordo com a teoria de Crick, que a informação genética seria desconectada do meio ambiente.

O fluxo de informações proposto pelo dogma central consolidou a noção do determinismo genético, conceito que influenciou a vida de todos no planeta.

O determinismo genético é a crença de que os genes controlam todas as nossas características (físicas, comportamentais e emocionais). Essa é a razão pela qual pesquisamos características de família, e a ciência continua a procurar os genes que as controlam. Em suma: é a crença de que nossos destinos estão vinculados aos nossos genes e, haja vista que não podemos modificá-los, somos meras vítimas da hereditariedade.

Com o passar do tempo, novas descobertas colocaram em jogo esses conceitos.

Ao final dos anos 1960, o geneticista Howard Temin, da Universidade de Winsconsin, estudava a maneira como os vírus de um tumor poderiam controlar o código genético de uma célula infectada. O vírus com o qual ele trabalhava continha apenas moléculas genéticas RNA. Por esse motivo, quando Temin publicou seu trabalho, sugerindo que os dados do RNA poderiam seguir um fluxo inverso e alterar o código DNA da célula, a reação da comunidade científica foi de crítica e descrédito. Chegaram a afirmar que sua tese era uma heresia. A conotação religiosa de heresia era a prova de que o consideravam culpado por desafiar o dogma.⁴

Na época, ninguém parecia preparado para as profundas implicações da descoberta de Temin, mas os cientistas acabaram percebendo que o vírus HIV, que presumivelmente causava aids, utilizava o mesmo mecanismo herético descoberto pela análise de Temin do RNA. Ele acabou ganhando o Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1975, por descobrir a *transcriptase reversa*, enzima que copia a informação de RNA para o código DNA.

O trabalho desse estudioso desestabilizou o dogma central de Crick ao provar que as informações hereditárias fluem em ambas as direções: o DNA envia informações para o RNA, e o RNA pode enviar informações de volta para o DNA. A implicação dessa evidência é que, pelo processo reverso, as modificações hereditárias poderiam ser feitas pela influência ou pela projeção do ambiente, e não somente por mutação acidental, como se presumia.

Em 1990, mais um princípio do dogma central e do determinismo genético foi derrubado. Como afirmou o biólogo H. Frederik Nijhout, da Universidade de Duke, os genes não são “autoemergentes” e não “ligam e desligam” sozinhos.⁵ O artigo de Nijhout enfatizava que os genes são simples “plantas ou projetos de construção”, e o conceito de que uma planta é capaz de ligar e desligar por si mesma é um absurdo. Imagine você num escritório de arquitetura, olhando uma planta e se perguntando: “Esta planta está ligada ou desligada?”. A pergunta correta seria: “Aquela planta está sendo lida ou não?”*. Os genes não são capazes de ler a si mesmos, não são capazes de ativar a própria expressão e não se atualizam sem nenhuma influência externa. Bem, a próxima pergunta seria: “Quem ou o que faz a leitura de um gene?”. Segundo Nijhout, “quando o produto de um gene é necessário, um sinal do ambiente o ativa, e não uma propriedade do gene em si”. Em outras palavras, os *sinais do ambiente controlam a atividade dos genes*.

Como foi mencionado, as ciências biomédicas tem sido filosoficamente transformadas pela nova ciência do controle epigenético. O prefixo *epi* significa “acima”, portanto a epigenética envolve o estudo de forças que controlam os genes, descrevendo como a atividade destes e a expressão celular são reguladas por informações *provenientes* do campo externo de influência, não pelo material interno do DNA.

A inconveniente verdade de que os genes não controlam a própria atividade e de que o fluxo das informações de hereditariedade não ocorre em uma única direção, como propunha o dogma central, foi estabelecida há mais de vinte anos. Apesar disso, os livros de ciência, a mídia e, principalmente, a indústria farmacêutica continuam resistindo à mudança. Continuam tentando convencer as pessoas de que os genes controlam suas vidas. Ao que parece, se alimentamos um dogma ele se mantém vivo, mesmo depois de se tornar obsoleto.

Embora a ciência tenha provado que o determinismo genético estava incorreto, a mídia ainda o preserva. Todos os dias novos artigos anunciam a

descoberta de um novo gene que controla esta ou aquela característica dos seres vivos. Muitas pessoas, ansiosas, correm para comprar os jornais e revistas para conhecer as mais novas tecnologias de *chips* genéticos e de tudo que possa revelar seus genomas individuais. O conceito de determinismo genético ainda está tão ligado ao paradigma basal dominante que mesmo as mais irrefutáveis provas científicas não conseguem romper esse vínculo.

O GENE EGOÍSTA

O sucesso do livro de Richard Dawkins, *O gene egoísta*, que não tem nenhum fundamento científico, é um bom exemplo da popularidade do dogma ultrapassado.⁶ A teoria de Dawkins de que os genes nos criaram para alcançar abrigo, transporte e meio favorável à reprodução é, além de uma paródia absurda de ficção científica – que utiliza a lógica para criar uma conclusão ilógica, ao relegar organismos à condição de meros veículos bioquímicos dos genes (uma apropriação distorcida do reducionismo). Segundo ele, os genes poderiam viver por várias gerações, enquanto os humanos têm apenas o tempo de uma vida. Os genes seriam motoristas, e nós seríamos somente uma espécie de carro, trocado a cada 50 mil quilômetros ou 120 anos, o que houver primeiro. A ideia de Dawkins lembra aquela velha história de que a galinha foi uma maneira encontrada pelo ovo para fabricar mais ovos. Mas por que o nome “gene egoísta”? Porque, segundo Dawkins, os genes teriam a mesma ânsia de sobrevivência que nós e fariam de tudo para garantir a própria existência, sem se importarem com o organismo ou mesmo com toda a raça de indivíduos que serviria a eles como abrigo. As adaptações evolucionárias que acontecem a cada nova geração, dentro dessa teoria, não tem o objetivo de garantir a sobrevivência do organismo, mas sim a necessidade de renovação do poder gerador dos próprios genes. Ainda que venham a prejudicar o organismo, isso pouco importa para os genes egoístas que o habitam.

Como o dogma central estipula que tudo emana dos genes, as palavras de Dawkins fazem todo sentido (por mais maluca que a ideia seja): “Já nascemos egoístas”.⁷ Ele também afirma que a seleção natural favorece aqueles que trapaceiam, mentem, enganam e exploram.

Portanto, os genes que fazem com que crianças se comportem de maneira imoral ou amoral têm uma vantagem sobre os demais. Segundo ele, o altruísmo não é positivo, pois interfere na seleção natural. O mesmo vale para ações como a adoção de crianças, algo que ele considera ir “contra os instintos e os interesses de nossos genes egoístas”.

Felizmente, poucas pessoas aderiram a pontos de vista extremistas e materialistas como os de Dawkins. O caso da Enron, por exemplo, representou para ele uma justificativa científica e racional para a aplicação do excesso de darwinismo governamental, social, comercial e industrial. Dawkins se declara ateu. Afirma não existir Deus ou qualquer ser humano caridoso. Diferente de outros, que não acreditam em um Deus, porém são humanistas, ele descarta a relevância de qualquer entidade que não se revele puramente determinista, materialista e absolutamente egocêntrica.

Se, de acordo com suas ideias, sobreviver equivale a ser bem sucedido, é válido afirmar que um câncer metastático é um bom exemplo de sucesso. Até, é claro, ele matar seu hospedeiro. Porém, se acreditarmos em um destino controlado pelo DNA, concordaremos que os genes egoístas causadores do câncer já garantiram a própria sobrevivência, se instalando na linhagem genética. O fatal e canceroso destino será transmitido aos descendentes da vítima, confirmando mais uma vez a versão trágica do determinismo genético.

Do ponto de vista ambiental, até podemos dizer que a existência humana se assemelha bastante à do câncer, pois nos reproduzimos e nos aproveitamos de todos os recursos disponíveis, sem nos preocuparmos com o meio ambiente. E agora que descobrimos as viagens espaciais, nos

preparamos para sobreviver infectando outros sistemas planetários, deixando nossa querida e moribunda Terra para trás.

O GENOMA HUMANO

Os efeitos da consideração materialista de que os genes seriam a explicação da nossa origem nos levaram a um dos projetos científicos mais ambiciosos da história da Biologia (e um dos seus maiores fracassos): o Projeto Genoma Humano.

O Projeto Genoma Humano (PGH) foi lançado em 1990, inicialmente sob a orientação de James Watson, que dirigia o projeto, representando o Instituto Nacional de Saúde Norte-Americano (NIH), agência do Departamento Norte-Americano de Saúde e Serviços Humanos. A imagem, ao menos na mente do público, era de que se tratava de um projeto altruísta com três objetivos principais: identificar a base genética de todas as características humanas (positivas e negativas); criar uma base de dados e ferramentas para uma análise de dados a compartilhar com a indústria bioquímica e o setor privado; promover o desenvolvimento de novas aplicações médicas no mundo todo.⁸

O raciocínio era o seguinte: se havia, provavelmente, mais de 100 mil proteínas no corpo humano e um código genético como construtor de cada uma, seria necessário haver, no mínimo, a mesma quantidade de genes humanos, correto? Os organizadores do projeto acreditavam que, a partir da criação de um compêndio de todos esses genes, utilizariam as informações para tornar realidade uma utopia.

A verdade, para a alegria de Richard Dawkins, é que, por trás dos aparentes objetivos humanitários, existia um motivo maior para o projeto. Os cientistas genéticos haviam convencido alguns capitalistas de que identificar os 100 mil genes geraria uma imensa fortuna. Patentear a sequência da base nucleotídica de cada um deles e vender a informação às

grandes empresas farmacêuticas, incentivando o descobrimento de novos medicamentos, seria um investimento de proporções fenomenais.

Porém, mais uma vez a Natureza, com toda a sua sabedoria, pregou uma peça naqueles que acreditavam poder utilizar seus segredos para enriquecer.

Baseados na hipótese (não correta) de que os genes seriam responsáveis por todas as características de um organismo, os líderes do projeto esperavam que organismos mais complexos apresentassem um número maior de genes. E iniciaram as pesquisas, no princípio identificando os genes de organismos mais simples, já utilizados em pesquisas genéticas.

Descobriram, então, que as bactérias, os organismos mais primitivos da Natureza, têm entre 3 mil e 5 mil genes. Partiram para o estudo de um verme quase invisível, mas de nome comprido, o *Caenorhabditis elegans*, com apenas 1.271 células e cerca de 23 mil genes.

Tudo bem até aí.

Continuaram em escala crescente, estudando a mosca das frutas. Para sua surpresa, descobriram que ela contava com apenas 18 mil genes. Não fez sentido. Como um organismo consideravelmente mais complexo, como o de uma mosca, poderia ter menos genes do que um simples verme?

Porém, sem se deixar abater, eles iniciaram o Projeto Genoma Humano. Quando a avaliação ficou pronta, os resultados foram tão impressionantes que ninguém conseguia acreditar. Nós, seres biologicamente tão complexos, com nossos 50 trilhões de células, temos pouco mais de 23 mil genes, praticamente a mesma quantidade de um simples verme.⁹

Os resultados do projeto foram revelados em 2003, e o evento foi considerado, apesar de tudo, um dos maiores feitos da humanidade. Mas o fato de não existirem os esperados 100 mil genes levou a uma grande onda de cortes nas empresas de bioengenharia envolvidas na pesquisa, a Celera e a Human Genome Sciences, incluindo a de seus CEOs.

O Dr. Paul Silverman, pioneiro nas investigações do genoma e de células-tronco e um dos principais defensores e arquitetos do estudo,

respondeu aos resultados concluindo que a ciência precisava repensar a noção de determinismo genético. Até que enfim! Segundo ele, “o processo de codificação das células dependeria, em grande parte, de estímulos extracelulares que estimulariam os processos de tradução do DNA nuclear”.¹⁰ Traduzindo: “O ambiente faz tudo, sua besta”.¹¹

Apesar do fracasso do Projeto Genoma Humano em encontrar 100 mil genes e da descoberta de que os genes não eram autoemergentes, o público continua a acreditar em determinismo genético. A metáfora do código genético continua a ser aceita sem questionamento, e ninguém parece se preocupar nem mesmo com as questões mais pertinentes: “Quem é o verdadeiro empreiteiro?” ou “De onde veio o primeiro gene egoísta?” e “Quem ou o que o programou para ser assim?”

BABUÍNOS E BONOBOS

Quando se trata de percepções equivocadas, a sabedoria convencional disseminou não apenas a ideia de que as pessoas são controladas pelo DNA, mas também que o egoísmo, a violência e a agressão resultam da programação imutável a que fomos submetidos. Esse tipo de pensamento convenceu a humanidade de que a brutalidade que destrói nossa civilização não pode ser evitada, porque está no código de nosso genoma. Afinal, somos apenas macacos pelados, certo?

Não.

Dois estudos instigantes abalaram a noção convencional sobre a natureza humana. Em 1983, Robert Sapolsky, primatologista norte-americano, estudava há cinco anos os babuínos na Reserva Masai Mara, no Quênia, quando um desastre ocorreu. Uma onda de tuberculose matou a metade dos machos do grupo. Um depósito de lixo contaminado foi a fonte do contágio. E morreram justamente os machos mais agressivos e dominantes, que poderiam competir com mais facilidade pelos alimentos.¹²

Sapolsky decidiu abandonar aquele grupo e estudar outro que tivesse um número mais equilibrado de machos e fêmeas. Dez anos depois, retornou ao local e ficou surpreso ao ver que todos os machos restantes daquela época tinham desaparecido, e a nova cultura era radicalmente diferente. Os mais velhos não maltratavam os menores e mexiam somente com aqueles do seu tamanho. E também não atacavam as fêmeas, como seus predecessores.

Em seus primeiros estudos, dez anos antes, Sapolsky descobrira no grupo altos níveis de hormônios chamados glucocorticoides, responsáveis pelo instinto de luta ou fuga liberados em resposta à competitividade e agressão.

No entanto, os estudos dos machos dessa nova geração revelaram que eles expressavam bem menos sinais de estresse fisiológico e apresentavam níveis significativamente menores de glucocorticoides.¹³

Como surgiu essa nova cultura, mais pacífica? Sapolsky suspeitou que, com a morte dos machos-líderes, mais velhos, o grupo passou a ser liderado pelas fêmeas mais velhas, que disseminaram entre os machos mais jovens uma cultura diferente, provavelmente selecionando os de menor agressividade e estresse. O primatologista observa atentamente o grupo para ver se a invasão ou a migração de babuíños machos irá desfazer esse delicado equilíbrio cultural, mas até o momento ele se mantém intacto.

Independentemente do tipo de genes egoístas que esses primatas tenham herdado, a mudança no ambiente iniciou uma modificação na cultura, mudança que acabou persistindo, talvez por apresentar um nível maior de funcionalidade.

Um caso ainda mais interessante envolve os bonobos, também conhecidos como chimpanzés-anões, considerados nossos parentes primatas mais próximos. Enquanto outras espécies de chimpanzés vivem em sociedades nas quais os machos dominantes maltratam os mais novos e batem nas fêmeas, os bonobos dão um belo exemplo de “faça amor, não faça guerra”. Ao se deparar com um possível conflito, os bonobos iniciam uma

atividade sexual, pois ela libera tensões e reforça a segurança e a amizade. Embora a sexualidade entre machos e fêmeas seja a mais comum, a atividade polimorfa e poliamorosa também ocorre. Enquanto os chimpanzés machos literalmente se beijam e fazem as pazes após a luta, os bonobos se beijam antes e evitam que ela ocorra. Um aspecto curioso, no entanto, é que apesar de os bonobos terem uma atividade sexual muito mais intensa que seus primos chimpanzés, sua taxa de natalidade se mantém estável.

A conexão entre os machos chimpanzés e as fêmeas bonobo também é um fator interessante. Em ambas as espécies, as fêmeas adolescentes migram para um novo grupo. As fêmeas bonobo são imediatamente recebidas por uma ou mais fêmeas mais velhas com quem passam a esfregar a genitália, um comportamento que estabelece vínculos duradouros entre elas e as encoraja a se unir para evitar maus tratos por parte dos machos. Já nos grupos de chimpanzés, o vínculo se estabelece com mais frequência entre os machos, que se unem para conspirar contra as fêmeas, normalmente menores em tamanho do que eles. Nos grupos de bonobos, machos e fêmeas têm aproximadamente o mesmo tamanho, um fator que pode ter influência em sua equidade entre os sexos.

No entanto, os cientistas que estudam os bonobos acreditam que fatores ambientais tenham mantido intacto este Jardim do Éden comportamental. Segundo o fisiologista e primatologista holandês Frans de Waal, autor de *Bonobo: o macaco esquecido*, eles jamais saíram da proteção da floresta.¹⁴

Assim como outros chimpanzés, são onívoros que caçam e matam pequenos animais. Mas, diferente deles, são abençoados com o que outro pesquisador, Gottfried Hohmann, chamou de “barrinhas nutricionais bonobo”. Em seu *habitat* natural, esses animais encontram em abundância uma erva chamada *haumania liebrechtsiana*, planta rica em proteína que desafiou todos os conceitos de Malthus, resistindo centenas de anos a gerações inteiras de bonobos famintos.¹⁵

A maioria dos chimpanzés precisa lutar muito para garantir sua alimentação, pois a vegetação da maioria das florestas possui tanino e outras substâncias tóxicas presentes na Natureza para evitar que as plantas sejam devoradas até a extinção. Os bonobos, por sua vez, vivendo em um ambiente pleno de barras nutricionais, não precisam perder tempo procurando alimentos ou lutando pela sobrevivência.

O que os humanos podem aprender com eles? Bem, a ideia de fazer amor diante de ameaças de conflito é instigante. Certamente, mudaria nossas salas de tribunal e até nossos estádios! Mas a verdadeira lição a ser aprendida é: quando há abundância de recursos, há menos necessidade de luta. E quando há menos luta, os recursos se tornam mais abundantes.

Isso é muito importante em um mundo que gasta mais de um trilhão de dólares por ano em armamentos em vez de arados. Conforme analisaremos, quando os recursos são utilizados para o crescimento em vez de defesa, o resultado é um aumento exponencial em termos de saúde e prosperidade, tanto na sociedade quanto dentro de nosso corpo.

Outras perguntas que devemos nos fazer são: se os pacíficos bonobos podem viver com abundância e equilíbrio, e até um grupo de babuínos percebe que a paz pode ser mais interessante do que o conflito, o que nós, humanos, dotados de tanta consciência e com tantos recursos à disposição, não podemos fazer? Vamos passar o resto da eternidade acreditando que não temos poder, negando nossa responsabilidade e jogando a culpa de nossos erros no mundo ou nos genes egoístas? Ou vamos usar nossa capacidade de maneira inteligente?

Seria muito triste tanto para os criacionistas quanto para os evolucionistas ver nossos parentes primatas nos ultrapassarem em termos de evolução!

NÃO É O CARMA, É O MOTORISTA

Parece que a cada semana surge um artigo de jornal ou revista a respeito de alguma nova pesquisa acerca de doenças supostamente associadas a falhas genéticas. O conceito de que existe o gene do câncer, o gene do Alzheimer e o gene do Parkinson sustenta a obstinada crença de que o código genético determina nosso futuro. Porém, ao estudar melhor o assunto, percebemos que apenas uma pequena porcentagem das doenças pode ser atribuída a anomalias genéticas. Apesar de toda a luta dos pesquisadores do câncer para encontrar uma fórmula mágica no âmbito genético, o Instituto Nacional Norte-Americano confirma a informação de que pelo menos 60% de todas as formas de câncer têm origem no ambiente.¹⁶

Estudando o assunto ainda mais profundamente, notamos que, mesmo quando há correlação entre fatores ambientais e doenças, poucos indivíduos expostos a esses fatores chegam a contraí-las. Uma pesquisa realizada há alguns anos mostra que, apenas uma em cada mil pessoas expostas a amianto contrai mesotelioma, forma fatal de câncer. Embora seja uma taxa alarmantemente alta se consideramos a população em geral, convém perguntar: e quanto às pessoas restantes, aquelas que não desenvolvem a doença? O que elas fazem (ou não fazem) para se manter saudáveis? Que outros fatores estão envolvidos na manifestação de uma doença?

A medicina moderna, por incrível que pareça, não demonstra qualquer interesse pelas características invisíveis das doenças e da cura. Graças a 300 anos de programação e dos efeitos do dogma central sobre a medicina moderna, hoje nos vemos como veículos robóticos bioquímicos. Quando sentimos algo estranho e começamos a ter sintomas, corremos para o mecânico médico, que nos pede para pôr a língua para fora e dizer “aaa”, depois olha sob o capô para identificar o problema no motor.

Como afirma Fritjof Capra em seu livro *O ponto de mutação*, a prática da mecânica médica geralmente se restringe a três “R”s (reparo, reposição ou remoção).¹⁷ Na verdade, a história da biomedicina e da medicina modernas

se resume a uma metáfora de mecânica. Desde que Descartes proclamou que o corpo é uma máquina, a ponto de afirmar que os animais não sofrem durante experimentos de vivissecção, comparando seus gritos a um “ranger de rodas”, temos vivido sob o jugo daqueles que acreditam que a medicina tem mais a ver com as peças do que com o mecanismo como um todo.

Enquanto a medicina chinesa milenar considera o coração como morada da alma e a tradição Ayurveda o define como o mediador do Céu e da Terra, a medicina moderna se satisfaz com a arcaica acepção do proeminente médico da Renascença, William Harvey, segundo a qual o coração é uma bomba mecânica de pressão. Filósofos do século 20, como o bioquímico inglês Joseph Needham, que afirmou que “o homem é meramente uma máquina”, e o médico e biólogo alemão Jacques Loeb, segundo o qual “organismos vivos são máquinas químicas”, reforçaram a percepção do corpo como um simples mecanismo.¹⁸

A ciência da epigenética, por sua vez, reconhece que o ambiente, e não o DNA, é que determina as ações da célula. As informações do ambiente são traduzidas em respostas biológicas por meio da ação da membrana, que faz ao mesmo tempo o papel de pele e de cérebro.¹⁹ O mais interessante é que a membrana da célula é como um “semicondutor de cristal com portas e canais”. E essa é precisamente a definição de um chip de computador, o que nos faz pensar que as células podem ser programadas, da mesma forma que os computadores. E que rufem os tambores... os programadores são seres que estão fora do mecanismo! Quem seria, então, esse programador biológico? Quem ou o que seria o gênio por trás dos genes? Talvez não se trate de uma questão de carma, talvez seja uma questão de motorista.

Digamos que você vende um carro com câmbio manual, e o comprador é alguém que sempre esteve acostumado com câmbios automáticos. Ele leva o carro e você percebe que ele sai aos trancos pela rua. Uma semana depois o sujeito telefona reclamando de problemas na embreagem do automóvel. Você sugere ao homem levar o veículo a um “médico”, ou seja, a um

mecânico, para avaliação. O mecânico confirma o problema na embreagem e diz ser necessária uma cirurgia (a troca da embreagem). A operação transcorre sem problemas, e o comprador do carro o leva para casa, dirigindo mais uma vez aos trancos e barrancos. Resultado: alguns dias depois retorna à oficina com a reclamação de que a nova embreagem também não funciona direito!

O mecânico examina tudo e diz: “Hmm, parece que temos aqui uma DCE, uma Disfunção Crônica de Embreagem”. E se oferece para fazer uma regulagem a cada dois meses. O mecânico ignorava a falta de habilidade do motorista e atribuiu o problema a um defeito no carro!

É assim que a medicina alopática vê as doenças: a expressão de um defeito físico inerente ao corpo, provavelmente causado por uma mutação genética. O diagnóstico ignora o papel do motorista do corpo, a nossa mente.

Cada departamento de trânsito no mundo tem centenas de registros de acidentes de automóvel. No formulário do boletim de ocorrência é preciso indicar se o problema foi falha mecânica ou imperícia do motorista. Qual você imagina que seja a porcentagem? Sim, em 95 % dos casos o problema é do condutor.

Utilizando ainda a metáfora automobilística, não seria uma boa ideia oferecer aulas de direção a todos aqueles que “dirigem o próprio carma”? Talvez um sistema mais organizado de controle do trânsito, cujo foco fosse a educação do motorista e não as estatísticas, pudesse evitar inúmeros acidentes.

Quais seriam, nesse contexto, as implicações de uma remissão planetária espontânea? Seria algo simples assim: nós perceberíamos que temos muito mais responsabilidade (e habilidade de responder por nossos atos) do que imaginamos. O programador do campo, o gênio por trás dos genes, é a nossa mente. Em outras palavras, nossos pensamentos e nossas crenças.

Para ilustrar a extensão desse poder invisível à disposição, veja a seguinte história. Em 1952, o Dr. Albert Mason, um jovem anestesista da Grã-Bretanha, trabalhava com um cirurgião, Dr. Moore, no caso de um garoto de 15 anos com a pele praticamente coberta de verrugas, o que a deixava com aparência da pele de um elefante. A ideia de Moore era retirar partes da pele do peito do garoto, que eram lisas e normais, e colocá-las em outras partes de seu corpo. Porém, como Mason e outros médicos haviam obtido sucesso em vários pacientes com verrugas por meio da hipnoterapia, sugeriu ao colega tentar a hipnose. O cirurgião respondeu, com sarcasmo: “Tente você”. E foi o que ele fez.²⁰

Na primeira sessão Mason se concentrou em um braço do rapaz. Hipnotizou-o e, em seguida, disse a ele que seu braço ficaria curado e que a pele se tornaria lisa e normal. Uma semana depois o paciente retornou, e Mason ficou contente ao ver que a pele daquele braço estava curada. Chamou Moore para ver, e o cirurgião ficou muito surpreso. Disse a Mason que o problema do adolescente não eram as verrugas, porém uma doença genética letal e incurável chamada ictiose eritrodérmica. Ao reverter os sintomas usando apenas o poder da mente, Mason e o garoto haviam conseguido algo até então considerado impossível. As sessões de hipnose continuaram, e o menino, que era provocado e maltratado na escola em virtude da sua aparência, ficou curado e passou a ter uma vida normal.

Mason publicou esse estudo de caso na *British Medical Journal*, uma das revistas médicas mais lidas no mundo.²¹ A notícia se espalhou, e ele passou a ser procurado por muitas vítimas da doença rara e até então incurável. Mas a hipnose não funcionava em todos os casos. Mason a utilizou com muitos outros pacientes, mas jamais obteve o mesmo sucesso de cura total. Atribuiu o fracasso à própria falta de confiança no tratamento. Depois do primeiro paciente, já não ignorava lidar com uma doença classificada pela medicina como congênita e incurável. Tentou evitar que esta ideia o afetasse, mas jamais conseguiu recuperar a postura de um jovem médico que

acreditava estar diante de um simples caso de verrugas. Algum tempo depois, declarou ao canal *Discovery Health*, em uma entrevista sobre seus pacientes: “Eu estava representando”.²²

Quando pensamos no incrível poder da crença (e da descrença) e sua influência na saúde e em nossas condições físicas, é útil perguntar: “Não seriam as crenças latentes um potencial ainda inexplorado”? Em outras palavras: “Será que poder da crença não poderia obter excelentes resultados sem a necessidade de experiências caras com drogas, despesas de hospital ou convênios médicos”?

Conforme veremos, há quem diga que o potencial para influenciar o campo invisível é inato e pode até mesmo (está pronto para acreditar?) fazer parte de nossos genes!

O fator que nos impede o acesso a este poder é o mesmo que nos impediu até hoje de acessar outras fontes de transformação: a falsa crença de que o poder de cura está fora de nós. Todos aqueles que se beneficiam de nossa fraqueza fazem questão de reforçar esse tipo de pensamento. Quem são eles? Bem, aí vai uma dica: a indústria farmacêutica fatura aproximadamente 600 bilhões de dólares por ano.

Agora que sabemos da existência de um campo invisível com impacto sobre o mundo material e que a remissão espontânea do planeta Terra envolve uma mudança em nosso propósito – da intenção sobrevivência ao objetivo de crescimento e evolução – percebemos que está conosco o poder e a responsabilidade de realizar mudanças.

Já encontramos o Salvador. Ele ou Ela está em nós!

* Na linguagem genética, também entendemos “ler” como “traduzir”, ou “construir à partir de”.

Mito quatro: a evolução é aleatória

"Acredito que tenhamos sido criados
para evoluir. Caso contrário, Jesus teria
dito 'não façam nada até eu voltar!'"

SWAMI BEYONDANANDA

A ASCENSÃO E A QUEDA DE JEAN BAPTISTE DE LAMARCK

Talvez você se lembre do nome Jean Baptiste de Lamarck das aulas de Biologia na escola, sempre associado à noção de que as girafas desenvolveram os longos pescoços por conta da necessidade de alcançar as folhas e as frutas das árvores mais altas. O princípio de que os organismos têm uma consciência que influencia a própria evolução é ridículo e faz Lamarck parecer um idiota. Fazê-lo parecer bobo e desacreditar suas afirmações heréticas, que iam contra a Bíblia, era precisamente a intenção do naturalista e zoólogo Baron Georges Cuvier, o cientista mais proeminente da França e da Igreja. Em 1829, ele criou essa versão maldosa e cruel da teoria de Lamarck, após a morte deste, com o objetivo específico de destruir seu trabalho.

Jean Baptiste de Lamarck nasceu na França, em 1744. Estudou em um seminário jesuíta e serviu o exército francês durante sete anos. Deixou o serviço militar em virtude de uma infecção, tentou estudar medicina e, algum tempo depois, foi trabalhar como caixa em um banco em Paris. Lá conheceu o eminente filósofo Jean-Jacques Rousseau, que reascendeu nele uma antiga paixão por botânica e o contaminou com os ideais da Era do Iluminismo.

Depois de trabalhar dez anos em suas horas vagas escrevendo um livro de três volumes sobre a flora da França, Lamarck venceu a eleição da proeminente *L'Academie Francaise*, a Academia Francesa. Embora fosse quase um plebeu (cidadão sem bens ou riquezas, considerado de baixo valor social) foi nomeado Botânico da Realeza durante o reinado de Luiz 16. Seguindo o fluxo da Revolução Francesa, que terminou em 1799, quando Napoleão Bonaparte assumiu o poder, Lamarck foi indicado para transformar o jardim oficial do deposto rei em um parque botânico público, que passou a se chamar O Jardim das Plantas.

A Revolução Francesa ofereceu à Europa um breve período em que a Natureza se transformou em rainha e a França se tornou uma República. Em um ambiente livre do dogma da Igreja, as ideias de Lamarck sobre o impulso natural para a perfeição tiveram destaque. Segundo ele, “a Natureza, ao produzir cada espécie animal em sucessão, começando com o mais simples e menos perfeito até desenvolver o mais perfeito, por meio de um árduo trabalho, tornou sua estrutura muito complexa”.¹

Infelizmente para Lamarck, suas ideias sobre um progresso evolucionário inerente à Natureza tinham perigosas implicações sociais. Se a Natureza progride, nada mais natural que as classes sociais mais baixas da humanidade também venham a progredir. Por esse tipo de raciocínio, quando a Revolução Francesa terminou e o rei Luiz 16 restaurou a monarquia, Lamarck se viu em uma situação delicada diante da Igreja e das classes mais favorecidas, que não viam com bons olhos o fato de um plebeu ter se tornado alguém tão proeminente. Esse desentendimento ideológico e teológico foi uma das causas pelas quais seu rival acadêmico Baron Cuvier distorceu sua teoria sobre a evolução.

Outras razões foram conflitos de personalidade e de ego. Quando Napoleão Bonaparte repudiou a classe social mais alta, Cuvier, um aristocrata, foi colocado em uma posição inferior à do plebeu Lamarck.

Ainda assim, Lamarck usou sua influência para ajudar Cuvier a se estabelecer em Paris, um favor que ele aceitou mas jamais conseguiu engolir.

Após a derrota de Napoleão, o insatisfeito Cuvier retomou o poder assumindo a posição de chefe da Academia Francesa, onde se destacara anteriormente ao tecer frequentes elogios aos demais acadêmicos. Embora seus elogios fossem justos e gentis, retribuindo os favores e o reconhecimento de seus colegas, ele se aproveitou da morte de Lamarck não apenas para difamá-lo, mas para destruir seu trabalho e seus estudos sobre o processo evolutivo. Porém, a animosidade e os modos de Cuvier ficaram tão óbvios quando este passou a fazer discursos contra as classes mais pobres que a Academia se recusou a deixá-lo publicar a esse respeito. No entanto, uma versão editada das críticas do aristocrata foi divulgada em 1832, três anos após a morte de Lamarck e seis meses após a do próprio Cuvier.² E apesar de todas essas circunstâncias não científicas, as censuras à pesquisa de Lamarck e o documento publicado realmente o fizeram passar por ridículo. Se Lamarck tivesse vivido para se defender, teria mostrado que a evolução se baseia em uma instrutiva interação e cooperação entre os organismos que permite às formas de vida a sobrevivência por meio da adaptação às mudanças em um ambiente dinâmico. Isso se torna óbvio quando observamos o perfeito relacionamento entre os organismos e seu *habitat*: ursos polares não vivem nos trópicos e orquídeas não crescem no Ártico. Lamarck sugere que a evolução resultou de adaptações induzidas pelo ambiente, adaptações necessárias à sobrevivência dos organismos em um mundo de constantes mudanças.

Para difamar Lamarck, Cuvier escolheu propositalmente uma palavra do estudo que poderia ser mal interpretada: *besoin*, que em Francês significa tanto “necessidade” quanto “desejo”. Lamarck afirmava que as variações evolucionárias surgem na Natureza por meio de *besoin*, necessidade ou imperativo biológico de um organismo para sobreviver. Mas Cuvier escreveu que Lamarck utilizara *besoin* com o significado de “desejo”, que “os animais

evoluem porque desejam fazê-lo”.³ Afirmou que o outro acreditava que os pássaros desenvolveram asas e penas em função do seu desejo de voar, que as aves aquáticas tinham pés com membranas porque desejavam nadar e aquelas que caminham nos rios e lagos têm pernas longas em virtude do desejo de manter os corpos secos. Essa mudança proposital no sentido da palavra *besoin* levou à criação da famosa charge em que se vê o desenho de um peixe a nadar perto da margem de um rio tendo um balão sobre a cabeça com as palavras “bem que eu gostaria de ter pernas”.

Por tal sabotagem, as ideias de Jean Baptiste em relação à evolução foram ridicularizadas. Nenhum cientista sério aceitaria o conceito de que os peixes têm desejo de evoluir. Cuvier não apenas destruiu a reputação do desafeto como fundador das ciências da Biologia e da evolução; seu discurso difamador é usado até hoje por muitos biólogos para combater a teoria da evolução desse estudioso e de seus seguidores.

Ironicamente, mais de 175 anos depois da morte de Lamarck, a ciência descobre que a noção de intenção de evolução pode estar mais próxima da realidade do que ele próprio imaginou.

Seja como for, outros cientistas da época ajudaram a ridicularizar as ideias de Lamarck. Três décadas após as declarações e críticas de Cuvier, Charles Darwin publicou *A origem das espécies* e introduziu sua versão da teoria, segundo a qual as alterações hereditárias ocorrem por acaso. E desta vez o conceito não vinha de um criacionista, mas de um evolucionista.

Em defesa da tese de evolução aleatória proposta por Darwin, o biólogo alemão August Weismann ajudou a relegar o nome de Lamarck a uma obscuridade ainda maior, com afirmações e declaração de experimentos que contradiziam a teoria de que os organismos evoluem a partir da adaptação. Cortou os rabos de ratos machos e fêmeas e os cruzou para provar que, se a teoria de Lamarck estivesse correta, a prole nasceria sem rabo.⁴

A primeira geração de ratos nasceu com rabo, e Weisemann usou a mesma prole para repetir o experimento durante 21 gerações. Nos cinco

anos que a experiência durou nenhum rato nasceu sem rabo. Bem, qualquer um que tenha cães Dobermann sabe que rabos ou orelhas cortados não afetam a descendência, e isso independe do número de gerações em que se cortem os rabos e as orelhas, o que significa que a Natureza jamais diz: “Está bem, vocês venceram. De hoje em diante, sem rabos”.

Para a sorte de Lamarck e de todos nós, as conclusões de Weismann foram consideradas cientificamente injustificadas por diversas razões. Primeiro, Lamarck sugeriu que as modificações evolucionárias levam “imensos períodos de tempo” para ocorrer, talvez centenas de anos. A experiência de cinco anos de Weismann obviamente era curta demais para provar ou desbancar a teoria de Lamarck. Segundo, este jamais afirmou que as modificações seriam permanentes, muito pelo contrário. Segundo ele, os organismos continuariam a apresentar apenas características que fossem úteis à sobrevivência.

Embora Weismann não achasse que os ratos de sua experiência precisassem dos rabos, nunca perguntou se aquele item era relevante à sobrevivência dessa espécie. Mesmo assim, sua experiência ajudou a teoria darwiniana a se consolidar e a desbancar Lamarck, relegando-o a uma piada histórica antes de ser esquecido pelo público.

Como resultado dos estudos de Weismann, os biólogos começaram a descartar o conceito de que o ambiente poderia ser um fator importante tanto em mutações genéticas quanto na evolução. Agora, diante dos recentes avanços da epigenética e das mutações adaptativas, a visão teleológica da evolução baseada em objetivos proposta por Lamarck está se provando mais correta do que se imaginava. As pesquisas ainda revelam que a evolução utiliza um processo aleatório para reescrever os genes, como afirmaram Darwin e os neodarwinistas. Porém, como veremos adiante, essa condição aleatória ocorre dentro de um contexto. Cada organismo no planeta é parte de um processo complexo e, pode-se dizer, intencional cujo objetivo é manter o equilíbrio no ambiente.

MUTAÇÃO ALEATÓRIA? NÃO VAMOS JOGAR DADOS!

Enquanto vivos, nem Lamarck nem Darwin conseguiram validar sua teoria da evolução e da hereditariedade, porque não dispunham da tecnologia científica necessária. No entanto, conforme as gerações seguintes de cientistas descobriram e analisaremos em breve, a evolução envolve os processos descritos por ambos.

A ciência experimental da genética foi oficialmente inaugurada em 1910, um século depois da teoria de Jean Baptiste. Foi quando Thomas Hunt Morgan descobriu, no meio de uma população de moscas drosófilas de olhos vermelhos, uma mosca mutante, de olhos brancos, capaz de produzir descendentes com essa mesma característica – conforme mencionamos em capítulo anterior.

Por meio da investigação, Morgan estabeleceu que os genes controladores de características eram discretos elementos físicos dentro do cromossomo.

Ele concluiu que, enquanto influências ambientais, como radiação ou toxinas, poderiam induzir mutações genéticas, a interferência do ambiente aparentemente não controlaria ou influenciaria o resultado de tais eventos.

Protocolos de pesquisa mais sofisticados, aplicados posteriormente, geraram a crença de que modificações genéticas eram imprevisíveis, exatamente como Darwin havia proposto.

Em 1943, estudos sobre a genética das bactérias conduzidos pelos pesquisadores Salvador Luria e Max Delbruck pareciam comprovar, de uma vez por todas, que mutações não passariam de eventos aleatórios.⁵ Os dois iniciaram a experiência com uma pequena população de bactérias geneticamente idêntica, e, a partir dessa cultura inicial, criaram um grande número de colônias, por várias gerações, dentro um ambiente rico em nutrientes. Após esse período, inocularam número igual de bactérias em outros recipientes de cultura, adicionando uma solução de vírus bacteriófagos a esses tubos. Embora o processo quase sempre cause a morte

das bactérias, algumas acabaram sobrevivendo e estabelecendo novas colônias.

Para determinar se a mutação que provocara a resistência havia surgido de maneira totalmente aleatória ou como resposta às condições de ameaça, Luria e Delbruck observaram o número de colônias. Concluíram que haveria um número similar em cada um deles, se as mutações fossem produzidas pela necessidade de adaptação. Por outro lado, se resultassem de processos aleatórios, o número de colônias deveria variar em cada cultura. As taxas revelaram que a quantidade de colônias mudara drasticamente de um tubo para outro, sugerindo que a aleatoriedade das mutações, supostamente independentes do estímulo exterior. Logo, as bactérias sobreviventes estariam ali por pura sorte. Durante os 45 anos seguintes, muitas experiências semelhantes confirmaram as descobertas de Luria e Delbruck, induzindo a ciência à conclusão de que *todas* as mutações de adaptação seriam eventos aleatórios.

Essas pesquisas reforçaram a crença na imprevisibilidade desse tipo de fenômeno, em tese sem qualquer relação com as necessidades do organismo.

Como o processo evolutivo sempre pareceu dependente das mutações, concluiu-se que as variações randômicas não teriam um propósito específico. A ideia se encaixava bem na concepção de um Universo totalmente materialista, proposta por certo grupo científico dominante, e ajudou a eliminar o conceito de criação intencional, atribuindo tudo a um mero “jogo de dados”. O ser humano seria só mais um “turista acidental”, materializado na biosfera por meio de ações aleatórias de hereditariedade.

Porém, em 1988, o proeminente geneticista John Cairns desafiou a fé da ciência na aleatoriedade da evolução. Sua pesquisa sobre bactérias, com o pitoresco título “A origem dos mutantes”, foi publicada na revista britânica *Nature*.⁶

Ele escolheu bactérias com genes deficientes, que produziam uma versão imperfeita da enzima lactase, necessária à digestão da lactose, açúcar

presente no leite. Inoculou-as em culturas cujo único nutriente era esse açúcar. Sem conseguir metabolizá-lo, não podiam crescer ou se reproduzir. Consequentemente, não formariam colônias. Mas, para sua surpresa, o inesperado ocorreu. Diversas colônias surgiram durante o experimento.

Cairns isolou e estudou as bactérias com as quais tinha iniciado a experiência e descobriu não haver formas mutantes entre os indivíduos inoculados na primeira fase. Concluiu que a mutação ocorria após a exposição ao novo ambiente, e não antes. Diferente das experiências de Luria e Delbruck, que contavam com o fato de os vírus matarem as bactérias quase instantaneamente, no caso das experiências de Cairns, as culturas passavam longos períodos sem alimento. Ou seja, Cairns dava tempo suficiente de estresse para que as bactérias pudessem reagir e acionar um mecanismo inato de mutação para sobreviver.

Segundo o estudo, as mutações parecem surgir como resposta direta a crises traumáticas. Curiosamente, análises posteriores revelaram que apenas os genes associados ao metabolismo da lactose eram afetados. Além disso, apesar de existirem cinco mecanismos possíveis de mutação, todas as bactérias sobreviventes apresentaram exatamente o mesmo tipo. Tudo isso vai contra o conceito de aleatoriedade das mutações e evolução sem objetivos! Cairns deu ao mecanismo o nome de mutação direta.

Contudo, a simples ideia de que o estímulo do ambiente possa afetar um organismo e reprogramar informações genéticas foi considerada um absurdo pelos defensores do dogma central, e a resposta da ciência foi rápida e hostil. Tanto a revista britânica *Nature* quanto a americana *Science* publicaram notas de protesto contra as descobertas de Cairns. O editorial da *Science* colocou em destaque na página: “Uma heresia na Biologia Evolucionária”. Era uma indicação bem clara de que os sacerdotes de branco da ciência estavam prontos para queimar Cairns na fogueira. Ai de quem ousa ir contra o dogma!⁷

Na década seguinte outros pesquisadores repetiram as experiências de Cairns, o que deveria ter contribuído para aumentar sua credibilidade. No entanto, a comunidade científica ainda considerava tal proposição inaceitável.

Mas, aos poucos, os principais pesquisadores genéticos foram se tornando mais flexíveis. Por fim, substituíram o conceito de mutação dirigida pelo de mutação adaptativa e, mais tarde, pelo de mutação benéfica. Ainda assim, desafiaram Cairns a explicar o mecanismo das mutações, fossem elas dirigidas, adaptativas ou benéficas.

Segundo a ciência convencional, mutações ocorrem somente como resultado de acidentes, durante o processo reprodutivo. As bilhões de bases de ácidos nucleicos que compõem o código genético precisam ser copiadas com absoluta precisão para que cada uma das duas células-filhas resultantes venha a herdar um genoma completo. No entanto, o processo de duplicação apresenta diversas oportunidades para falhas.

De certa maneira, copiar o DNA é mais ou menos como o processo dos monges copistas, que reproduziam os escritos da Bíblia à mão, antes da invenção da prensa editorial. Imagine como era fácil, ao se escrever aqueles milhões de palavras, que uma ou outra fosse grafada com erros. E imagine a mudança de interpretação no texto que a falta de uma delas podia fazer.

Erros simples de transcrição podem mudar completamente o sentido de um texto inteiro. Você já deve ter ouvido a história do monge que olha assustado para o rolo de pergaminho e diz: “Opa, era *celebratório* e não *celibatário*”. Por sorte, a Natureza levou em consideração essa possibilidade e inteligentemente dotou os genes de um mecanismo de revisão de DNA que corrige erros de sequência. Se, por acaso, um erro de cópia conseguisse passar sem ser corrigido por esse mecanismo, o resultado seria um código alterado que poderia ser reconhecido como mutação aleatória. A teoria de Darwin enfatiza que a evolução deriva dessas alterações acidentais no código de DNA.

Na experiência de Cairns, entretanto, as bactérias originais não conseguiam metabolizar o nutriente lactose. Não tinham, assim, os mecanismos de construção e a energia metabólica necessários para concluir seu processo reprodutivo. Consequentemente, não poderiam salvar suas vidas através da mutação aleatória, associada a erros de cópia de DNA. Ao que tudo indica as bactérias famintas de Cairns mudaram seus genes por meio de um processo totalmente diferente e desconhecido da ciência. Embora a intenção não seja creditar ao organismo das bactérias alguma forma de consciência, parece haver alguma forma inata e proativa de inteligência que lhes permita se adaptar rapidamente a mudanças no ambiente (de acordo com Lamarck).

Agora sabemos que bactérias submetidas a estresse podem acionar uma enzima com tendência a erros de cópia de DNA, gerando cópias mutantes de genes associados a uma disfunção específica. Por meio desse processo de produzir variantes genéticas, o organismo tenta criar um gene mais funcional, que lhe permita superar os fatores do ambiente causadores de desequilíbrio. Pense no mecanismo de mutação como em uma máquina de fotocópia que comete erros de propósito.

Usar essa enzima sintetizadora de DNA para produzir um grande número de cópias aleatoriamente modificadas dos genes permite às células acelerar sua taxa de mutação para garantir a própria sobrevivência. Esse processo é chamado de *hipermutação somática* (acúmulo de alterações rápidas ou excessivas dos genes nas células que compõem o corpo físico). Esse sistema que gera intencionalmente mutação aleatória representa a parte darwiniana do processo.

As bactérias estressadas acabam tendo um grande número de genes duplicados, cada um expressando uma variação diferente do código genético. Quando uma dessas variantes consegue produzir uma proteína que reduz de maneira eficaz o estresse do organismo, a bactéria elimina o gene defeituoso de seu cromossomo e o substitui pela versão nova. Essa é a parte

lamarckiana do mecanismo, o ponto em que uma interação instrutiva entre o ambiente e a célula leva à seleção da melhor versão do novo gene.

O trabalho de Cairns e aqueles que se sucederam ao dele introduziram a realidade de que organismos não apenas *se adaptam ao ambiente*, mas deliberadamente *modificam sua genética* para garantir a adaptação das gerações futuras. Em outras palavras, a ciência começa a perceber que a evolução não é mero acidente ou jogo de dados, como propôs por Darwin, porém uma dança coordenada entre um organismo e seu ambiente, um processo dinâmico no qual os organismos podem, como propôs Lamarck, continuamente se adaptar a circunstâncias e fatores pouco favoráveis.

Os tecnólogos já utilizaram o mecanismo descrito para induzir bactérias a digerir derramamentos de óleo ou a extrair determinados minerais de sua matéria-prima. Mas ainda não conseguem dominar o processo quando se trata de impedir que os micróbios se tornem resistentes aos mais poderosos antibióticos.

Portanto, em relação à pergunta “a evolução ocorre intencionalmente ou por acaso?”, repetimos que a resposta é um grande “sim!” às duas opções. Até onde sabemos, intenção e acaso acontecem simultaneamente. Sem utilizar antropomorfia (elas *odeiam* quando fazemos isso), parece que as bactérias realmente têm intenção de sobreviver.

Na verdade, todas as formas de vida possuem essa tendência que os biólogos classificam como desejo de sobrevivência. Em nível celular, justamente isso é capaz de iniciar uma sucessão de mutações aleatórias até que o objetivo seja alcançado. Apesar de repetir incansavelmente as experiências de Cairns, os pesquisadores até agora não conseguiram identificar um padrão consistente nas sequências de DNA das mutações bem-sucedidas. Considerando-se tal aspecto, o processo parece ser aleatório. Ou não. Para explicar melhor, devemos estabelecer um paralelo entre o processo de hipermutação e a capacidade humana de ter ideias. Imagine um grupo de pessoas tentando inventar um nome para um produto novo.

Seguindo o padrão mental humano, as ideias vão surgindo aleatoriamente, e o grupo as anota sem julgar ou modificar seu conteúdo. Nesse processo, surgem muitos nomes errados ou inadequados, até que alguém sugere algo que agrada a todos. Mas ninguém sabe de antemão se irão surgir cinco, dez ou mesmo uma centena de ideias antes daquela que será eleita a *mais adequada*. Trata-se de puro acaso. Se observarmos diversos grupos desempenhando a mesma tarefa perceberemos que todos utilizam processos aleatórios para chegar a uma solução possível.

Portanto, sim, a evolução é um processo aleatório, mas o acaso parece ter um propósito específico. Como sabemos disso? Porque, no caso das bactérias, quando a mutação correta para a adaptação é encontrada, o processo é interrompido. É como diz aquele famoso ditado: por que só encontramos um objeto que perdemos no último lugar que procuramos? Porque, ao encontrá-lo, interrompemos a busca.

O ELOGIO AOS MACACOS DATILÓGRAFOS

Aplicar o conceito de acaso à origem da vida faz sentido em um mundo puramente material em que a noção de campos causais é considerada irrelevante. Nesse aspecto devemos mencionar a diferença de aparência entre a limalha de ferro espalhada aleatoriamente sobre uma folha de papel e aquela organizada na forma de um campo magnético, obtida com a ajuda de um ímã. Seria possível que um campo fosse envolvido por organismos unicelulares e tomasse a elegante e coerente forma de uma árvore, de um cão ou de uma pessoa? E quem ou o que indicou às células o que fazer para obter este ou aquele resultado?

Como já mencionamos, a Física reconhece que o campo não material controla a matéria, o que, é claro, inclui as células e as pessoas. Mas quem ou o que controla esse campo? Talvez, como as maiores mentes da Física Quântica vêm afirmando ao longo dos tempos, em breve descobriremos que o Universo, em acordo com o postulado de Descartes, pensa, portanto

existe. Talvez perceberemos que os pensamentos (mais do que as características herdadas) são responsáveis pela manifestação de nossa realidade.

No entanto, para as pessoas que não se consideram criacionistas, as questões relacionadas à origem da biosfera devem ser atribuídas à dinâmica de um Universo aleatório em que os humanos adquiriram forma por pura obra do acaso. Infelizmente, a adoração ao deus da ausência de sentido é tão dominadora e dogmática quanto a crença absoluta em um Deus despótico e controlador. Em ambos os casos relegamos nosso poder a algo fora de nós.

Em um Universo proveniente de fatores aleatórios e sem sentido, o gene egoísta teria tudo para sobreviver. Por quê? Bem, em primeiro lugar porque a autoridade moral inerente a uma presença amorosa e harmônica não existiria. Em segundo lugar porque, se não houvesse um propósito para as coisas, não haveria problema em nos considerarmos os seres mais importantes do mundo relegando todos os outros a um plano secundário.

Acreditando que o Universo seja uma máquina impessoal e que fomos criados por acidente, não é surpreendente que os humanos pareçam tão dóceis quando o sistema lhes ordena consumir indiscriminadamente, se tornarem competitivos e serem obedientes às regras impostas. Dizendo para nós mesmos, direta ou subliminarmente, que a vida não tem sentido, permitimos ao sistema transformar nosso propósito de crescimento pessoal em um tipo de idealismo ingênuo. Nas duas últimas gerações a apatia e o cinismo se tornaram lugar-comum. Essas atitudes prejudicam nossa busca pelo desenvolvimento pessoal e nos impedem de despertar para nosso papel positivo na coevolução do planeta, além de cercear nosso discernimento quando se trata de descobrir os padrões e as ferramentas que aceleram nossa evolução.

QUANDO A ALEATORIEDADE ESBARRA NO DETERMINISMO

Começamos a perceber que muitas de nossas crenças mais básicas e valorizadas são, na verdade, baseadas em ideias falsas e terrivelmente destrutivas. Entre elas está o pressuposto neodarwinista de que a nossa estrutura biológica e o processo evolutivo se fundamentam em mera mutação aleatória ou no acaso, um conceito impreciso e desencorajador. O fato de que os organismos, como as bactérias de Cairns, têm a capacidade de desencadear mecanismos de mutação e adaptação para sobreviver em ambientes estressantes implica um conceito de evolução proposital, ou seja, em que os organismos fazem de tudo para se adaptar, chegando até mesmo a alterar o próprio código genético para isso. Consequentemente, como Lamarck concluiu, o processo evolucionário relaciona-se intimamente à habilidade dos organismos responderem de modo ativo ao ambiente e se adaptarem às mudanças dinâmicas que acontecem.

Surge, então, a pergunta: “Podemos ter uma ideia do futuro da evolução?” Num momento em que o destino de todos parece obscurecido pela possibilidade de uma extinção iminente, a análise histórica de nossa jornada evolucionária parece nos prevenir de que já nos preparamos para sobreviver. O fato de querermos ou não utilizar as ferramentas evolutivas disponíveis depende de nossa crença em uma ordem maior que molda o Universo por meio da razão, ou em uma dinâmica aparentemente aleatória que gera eventos como a colisão das estrelas, furacões de categoria 5 e vírus transmitidos pelo ar.

Acreditamos que a melhor resposta seja um equilíbrio entre as duas suposições.

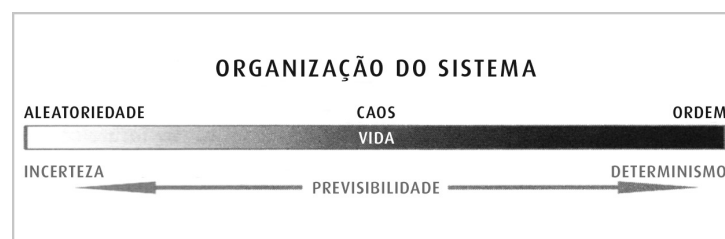
Por definição, Universo aleatório é aquele que se desenvolve por acaso ou acidente e cujo destino é completamente imprevisível. O conceito de que o acaso molda nossa existência é a essência da teoria da evolução neodarwiniana. No entanto, nem tudo o que parece aleatório é aleatório. Pode ser simplesmente caótico. Sistemas aleatórios e caóticos são semelhantes em muitos aspectos, tanto que muitas vezes os termos são

usados como sinônimos. Mas, na realidade, eles são antônimos. Sistemas aleatórios funcionam por casualidade, enquanto sistemas caóticos, embora pareçam aleatórios, possuem uma organização subjacente.

A diferença entre aleatoriedade e caos pode ser explicada por meio do seguinte exemplo: imagine uma estação de metrô ou de ônibus de uma cidade grande no horário de pico. Centenas de pessoas andam apressadamente e de maneira aparentemente aleatória. Porém, com poucas exceções, todas têm um destino certo. Embora o movimento pareça aleatório, o fluxo é caótico, pois cada indivíduo se movimenta com base em um plano ou itinerário próprio.

Agora, imagine o que acontece se, no meio da multidão, alguém gritar “fogo!” No mesmo instante o caos se transforma em um verdadeiro pandemônio, com pessoas correndo em todas as direções e sem saber direito para onde ir.

Os termos *aleatoriedade* e *caos*, assim como *ordem*, podem ser usados para descrever a complexidade organizacional de um sistema. Conforme a ilustração a seguir demonstra, a aleatoriedade e a ordem representam extremos polares, enquanto o caos é o eixo da estrutura organizacional.



Em uma escala de previsibilidade, a incerteza absoluta se relaciona à aleatoriedade e o determinismo se relaciona à ordem. São as pontas de um sistema em que o caos é o ponto central.

Em sistemas aleatórios prevalece a insegurança, e, portanto, eles não podem manter a vida, porque não possuem organização necessária à formação de uma fisiologia regulada e integrada.

No outro extremo, em um sistema rígido e cristalino, não existe o dinamismo necessário à existência de organismos vivos. Aparentemente,

organismos vivos requerem um sistema específico e somente se desenvolvem diante da fértil previsibilidade de um caos dinâmico e controlável.

A habilidade de prever o futuro de um sistema depende da natureza de sua organização. Quando se tem consciência dos padrões que moldam formas de arranjo altamente complexas, é possível indicar com precisão tanto as condições do passado quanto as do futuro em cada circunstância. Em sistemas aleatórios, por outro lado, o comportamento irregular torna difícil ou mesmo impossível a previsão.

O tipo de funcionamento de um sistema e, conseqüentemente, a habilidade de prever seu destino baseiam-se na mecânica (Física) que controla sua operação.

Sistemas que utilizam a Física newtoniana caracterizam-se pelo determinismo e pela ordem, enquanto aqueles cuja base é a Mecânica Quântica induzem à incerteza.

Os sistemas caóticos, por sua vez, apresentam tanto a ordem quanto a desordem em sua estrutura. Logo, são regidos ao mesmo tempo pela física newtoniana e pela Mecânica Quântica. Conforme já foi mencionado, a inserção desta última no conjunto de ferramentas da Ciência não eliminou a física newtoniana, apenas a transformou em mais um elemento na interpretação dos fenômenos. A questão não é mais saber se é a mecânica newtoniana ou a Mecânica Quântica que influencia os sistemas caóticos, mas o fato de ambas exercerem essa influência.

Talvez você já tenha observado que citamos várias vezes “a nova consciência oferecida pela Ciência”. A perspectiva de polos abrange intenção e acaso, as teorias de Darwin e de Lamarck, matéria e espírito, e agora a física newtoniana e a Mecânica Quântica também se unem para oferecer uma avaliação mais holística do mundo. O destino dos sistemas biológicos é simultaneamente afetado pelas características do determinismo e da incerteza.

O JOGO É PREVISÍVEL: PIERRE-SIMON LAPLACE

No Universo influenciado pelas leis da mecânica newtoniana, as peças físicas se ajustam a uma dinâmica semelhante àquela do choque entre bolas de bilhar. Qualquer matemático ou alguém com um conhecimento razoável de cálculo poderia prever de modo relativamente preciso a atividade de cada uma das bolas do jogo após a colisão.

Com esse conceito de que as partículas básicas do Universo se comportam como “nanobolas de bilhar”, o matemático francês Pierre-Simon Laplace desenvolveu o conceito de *determinismo científico*⁸, resumido da seguinte maneira: se em algum momento soubéssemos a posição e a velocidade de todas as partículas (bolas de bilhar) do Universo, poderíamos calcular seu comportamento em qualquer instante, tanto no passado quanto no futuro. Tendo dados suficientes sobre eventos passados e fazendo os cálculos apropriados, poderíamos desenvolver de modo razoável sistemas dinâmicos e prever com precisão resultados futuros. Adotar o princípio do determinismo científico implicaria em crer que toda situação, incluindo cada ato ou decisão humana, é consequência linear e inevitável de eventos precedentes.

No entanto, há um pequeno problema a considerar. Segundo o darwinismo, a evolução teria acontecido por meio de mutações aleatórias, independentes do ambiente. Isso parece contradizer o modelo de Universo previsível de Laplace. A teoria de Darwin enfatiza especificamente que o ambiente não afeta o resultado de uma mutação. Supor evolução baseada em acaso é considerar fatores imprevisíveis (por exemplo: uma mariposa decide pousar na mesa de bilhar no meio do jogo e é atropelada pela bola branca, alterando o que seria um jogo certo).

Por outro lado, as ideias de Cairns sobre mutação adaptativa, por meio da qual os organismos se desenvolveriam ativamente para se adaptar ou se harmonizar com o ambiente, desafiam a crença do materialismo científico no que diz respeito à evolução aleatória.

Pesquisas recentes sobre mutação adaptativa revelam que bactérias geneticamente idênticas, quando inoculadas em ambientes similarmente estressantes, seguem cursos paralelos de evolução e se desenvolvem sempre da mesma maneira, regidas pelos nichos ambientais disponíveis.⁹ Essas descobertas notáveis reforçam as ideias de Laplace quanto à previsibilidade do futuro. Se pudermos obter dados suficientes sobre as condições iniciais do ambiente, poderemos, com boa margem de precisão, prever o curso da evolução da bactéria em cada cultura.

De certa maneira, a Medicina já vem redirecionando a compreensão do processo evolutivo há mais de cem anos. Toda vez que os médicos inoculam uma vacina nos pacientes, controlam a evolução de genes específicos no sistema imunológico. Ao combinar antígenos virais ou bacterianos, eles conseguem induzir o sistema imunológico humano a criar proteínas e anticorpos com uma estrutura específica para restringir e marcar esses antígenos, destruindo os mesmos.

É importante ressaltar que os genes codificadores da estrutura das proteínas de anticorpos induzidos não tinham, antes da vacina, essa atuação específica. Eles foram moldados durante o mesmo processo adaptativo de hipermutação somática descrito no caso referente às bactérias. Os cientistas controlam a mutação do gene do anticorpo e, assim, a evolução do sistema imunológico. Da mesma maneira, os microbiologistas industriais moldam a evolução ao introduzir bactérias em ambientes específicos, criando formas mutantes que podem ingerir derramamentos de óleo e outras substâncias tóxicas.

Trabalhando com a hipótese de Universo determinista, o professor Edward Lorenz, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos, um pioneiro da teoria do caos, criou, em 1960, uma máquina meteorológica, usando algumas equações básicas de física newtoniana. Com o objetivo de tornar a previsão do tempo mais precisa do ponto de vista científico, ele pretendia construir matematicamente sistemas

meteorológicos. Ao programar o computador para resolver equações com a precisão de sete casas decimais, os formulários revelaram um modelo previsível consistente.

No entanto, a maior descoberta de Lorenz aconteceu em um dia em que ele estava com pressa e reduziu os resultados para quatro casas decimais, para acelerar o processamento. O computador imprimiu um resultado completamente diferente do que ele esperava. Ao reduzir os dados para menos de um centésimo de unidade, Lorenz obteve uma conclusão inédita: o que inicialmente parecia ser uma diferença infinitesimal poderia fazer toda diferença no resultado final.

Ao usar valores arredondados, Lorenz acidentalmente esbarrou no conceito de *sensibilidade*, uma das descobertas mais importantes em relação a padrões internos de comportamento em sistemas dinâmicos complexos. A sensibilidade explica o fato de pequenas diferenças em condições iniciais causarem grandes consequências, geralmente observadas como mudanças aleatórias. Assim, muito do que atribuímos a eventos aleatórios pode ser previsível (caso haja sensibilidade suficiente de dados iniciais).¹⁰

O conceito de Lorenz ficou conhecido como *Efeito Borboleta*, segundo o qual “uma borboleta voando hoje pelo céu de Pequim pode desencadear tempestades em Nova Iorque no mês que vem”. Embora seja difícil de imaginar, a descoberta nos mostra que sistemas dinâmicos como condições climáticas, correntes oceânicas e evolução da biosfera, parecem aleatórios mas são deterministas, previsíveis.¹¹

DEUS JOGA DADOS... E ELES NÃO SÃO VICIADOS: WERNER HEISENBERG

Antes de apostar tudo em uma visão determinista do Universo, é necessário equilibrar a certeza com um algumas das ideias do eminente físico quântico Werner Heisenberg. A visão clássica, apresentada por Laplace, era de que o movimento das partículas poderia ser determinado, desde que se

soubesse sua posição e velocidade em um momento específico.¹² Essa visão precisou ser modificada quando o *princípio da incerteza*, de Heisenberg, revelou não ser possível saber com precisão a posição e a velocidade de uma partícula, pois, ao medir um parâmetro, o observador distorce o outro.

O princípio da incerteza contradiz o determinismo newtoniano. A Mecânica Quântica não nega o determinismo, apenas dá a ele uma condição de probabilidade. Pode não ser possível prever o futuro, porém, com informações suficientes, as probabilidades de calcular e acertar um palpite são extremamente altas.

Durante milênios os humanos observaram o sol nascer no leste e se pôr no oeste. Portanto, é possível prever que em uma segunda-feira, daqui a um ano, o sol vai nascer e se pôr nos mesmos pontos cardeais. A probabilidade disso acontecer é tão grande que ninguém apostaria o contrário. No entanto, embora seja improvável, um cometa pode atingir a Terra antes e fazer com que ela gire no sentido contrário. O que pretendemos dizer é que o futuro se baseia em probabilidades e não em certeza. Einstein, que entendia bem o princípio da incerteza na Mecânica Quântica, escolheu acreditar que “Deus não joga dados com o Universo”.

Segundo a teoria darwinista, a evolução ocorre por meio de uma série de transformações infinitamente graduais, durante eras. Já os paleontologistas Gould e Eldredge afirmaram que a evolução resulta de longos períodos de estabilidade periodicamente interrompidos por mudanças cataclísmicas. A cada nova catástrofe, dá-se um surgimento explosivo de novas espécies depois das extinções. A origem e evolução dessas espécies ocorre em ritmo bem mais rápido do que o mecanismo darwiniano pode medir. Em outras palavras, a evolução acontece em ondas súbitas, não por meio de transições graduais, conforme se acreditava.

Parece familiar? Lembra-se das experiências com elétrons, quando havia um salto quântico à medida que eles passavam do campo de energia de um átomo para o do outro? Essa foi a principal descoberta de Max Planck,

criador da Física Quântica há um século. A evolução organismal também se revela um processo quântico. Em determinado nível de complexidade, surgem formas totalmente novas, que não poderiam ser previstas pela natureza de seu meio ambiente.

Se pensarmos bem, imaginar que um espermatozoide e um óvulo podem se transformar em um ser humano exige bastante esforço mental. No entanto, é algo tão universalmente aceito que não parece haver espanto quando alguém menciona o fato. Talvez agora tenhamos que nos preparar para imaginar uma cultura humana que agirá e interagirá de maneira totalmente diferente da nossa, permitindo a todos sobreviver e se desenvolver em conjunto em um novo nível de complexidade.

Estudos comprovam a existência de forças que impulsionam processos emergentes no comportamento de grupos de insetos, de pássaros e de peixes. O que faz esses animais agirem em conjunto, mudando instantaneamente o padrão de seu comportamento?

Uma investigação muito interessante sobre o comportamento dos peixes foi realizada pelo pesquisador inglês Iain Couzin e sua equipe. Usando um modelo matemático, ele descobriu que os peixes de um cardume alteram seu alinhamento de acordo com a proximidade uns dos outros.¹³ Quando o alinhamento não é relevante, ou seja, quando os peixes não estão tão próximos uns dos outros a ponto de afetar seu percurso, eles raramente prestam atenção ao redor e nadam aleatoriamente. Mas quando a quantidade de peixes atinge um número muito grande ou eles são forçados a nadar em conjunto em razão de algum fator do ambiente, o padrão muda. Se a distância se reduz entre eles, todos nadam seguindo um padrão circular. Quando a distância diminui ainda mais, atingindo um nível crítico, o padrão muda novamente, desta vez com todos nadando lado a lado, em formação. Qual seria o fator determinante dessas mudanças não lineares no padrão de comportamento dos peixes?

Em busca de uma resposta, Couzin e sua equipe começaram a estudar formigas e descobriram informações interessantes sobre a dinâmica de grupo. Estudos anteriores indicavam a presença de decisões em consenso. Por exemplo: quando 51% dos membros de um grupo olha em certa direção, todo o grupo se dirige para aquele ponto.

Mas Couzin descobriu um padrão mais sutil: a existência de líderes ou direcionadores, que também chamou de “especialistas”. São elementos do grupo que apresentariam maior sensibilidade ou experiência para descobrir onde há alimento ou evitar locais de perigo. Curiosamente, grupos maiores costumam contar com uma quantidade proporcionalmente menor desses especialistas influentes em relação ao comportamento dos demais. Trinta formigas, por exemplo, precisam de cinco ou seis, uma proporção de 16 a 20%, enquanto um grupo de 200 pode ter apenas cinco, o que equivale a 2,5% de sua população.¹⁴

As formigas especialistas não aparentam ter características físicas diferentes das demais. No entanto, parecem ter mais consciência do espaço ao seu redor, e as outras percebem isso. Se Couzin fosse um espiritualista, ele as teria chamado de formigas xamãs, sacerdotisas, curadoras ou visionárias, simplesmente porque elas parecem agir de acordo com as necessidades do grupo.

Da mesma maneira, a evolução das multidões humanas também está ligada, aparentemente, tanto à densidade quanto ao número de especialistas. Quando as massas de população atingem determinada densidade e somos forçados a trabalhar e a viver muito próximos uns dos outros, alguns influentes especialistas culturais parecem nos guiar, mudar padrões e nossa direção, nos levando a evoluir para um nível mais desperto, consciente e positivo. Como Lamarck teria dito, esses especialistas nos ajudam a nos salvarmos de nós mesmos.

AFINAL, O QUE SABEMOS? E POR QUE ISSO É IMPORTANTE?

Bem, agora que expusemos e desbancamos os “quatro mitos do apocalipse”, o que sabemos? Sabemos que, apesar de o materialismo científico ter levado a concentrarmos nossa atenção no mundo material, é o campo imaterial que governa as partículas. Quando expandimos nossa visão para tentar compreender esse campo, percebemos que tanto a ciência quanto a religião invocam as mesmas forças motrizes invisíveis quando se trata dos fatores que moldam a vida. Sabemos que uma visão equilibrada envolve *tanto* a consideração da matéria quanto do campo invisível. Caso contrário, lidaremos apenas com meia realidade.

Também sabemos que o Universo é relacional. Quando escolhemos ganhar às custas de alguém, não trabalhamos com eficiência máxima. Embora a ideia da sobrevivência dos mais fortes tenha permitido a alguns de nossa espécie se desenvolver bem de forma individualista, a sobrevivência de um em função do sacrifício de todos afeta a sobrevivência do grupo, o que afeta também o indivíduo.

Sabemos que, ao considerar fatores genéticos como determinantes de nosso destino, deixamos de exercer nosso poder sobre a porção de realidade que poderemos modificar. Isso fez que nos deixássemos controlar novamente por sacerdotes, mas agora por aqueles que se vestem de branco. A boa notícia é que, ao aprender a utilizar nosso poder interior, teremos condições de criar um mundo mais eficiente e com maiores possibilidades de sobrevivência.

Sabemos que a evolução, conceito que fascinou nossos ancestrais durante tantas gerações, não é um processo aleatório, porém segue padrões previsíveis inerentes a sistemas dinâmicos de caos. Reconhecendo esses padrões somos capazes de utilizar nossa inteligência e empregá-los para criar junto com a Natureza.

Podemos até dizer que existe um *imperativo evolucionário* que nos impulsiona avante, em direção ao conhecimento e à experiência, à continuidade da vida.

Mas antes de começarmos a confiar demais em nossas habilidades preditivas, é preciso lembrar que o caráter quântico do Universo (o grande pregador de peças cósmico) nos adverte que as previsões são mais probabilidades do que verdades absolutas, e os saltos quânticos podem resultar no surgimento de novas formas ou características que não temos como prever.

Assim como as bactérias do experimento de John Cairns, que aprenderam rapidamente a sobreviver em um ambiente de estresse, nós humanos precisamos nos engajar no processo de mutação pensando em possíveis modificações de nossas crenças e comportamentos. Esse é o meio para encontrar soluções viáveis que ajudem a garantir nossa sobrevivência em face de todos os desafios ambientais que se descortinam à nossa frente.

Porém estamos com sorte, porque já existe a Internet, uma forma de comunicação mundial e quase instantânea. Isso significa que as mutações sociais que aconteçam em uma parte do mundo poderão ser rapidamente disseminadas por todos os países. Esse dispositivo de consciência compartilhada é algo inédito na história da humanidade. E como o conhecimento é poder, a humanidade agora pode nutrir e curar o planeta e a si mesma de maneira previsível e planejada.

Ao expressarmos nossa consciência compartilhada, é importante nos conscientizarmos do ponto em que a humanidade se encontra. Afinal, o primeiro passo de qualquer programa de recuperação é reconhecer a realidade. Por isso, também, os mapas costumam ter um indicador do tipo “você está aqui”. E o lugar onde nos encontramos hoje não é exatamente bom. Nossa situação é, em boa parte, o resultado da insanidade institucional criada pela sociedade como um todo, mantendo por tempo demais crenças obsoletas e equivocadas, aquelas que neste livro nomeamos como quatro mitos do apocalipse:

- ➔ Só a matéria existe
- ➔ Só os mais fortes sobrevivem

- Somos o produto de nossos genes
- A evolução é aleatória

Embora cada uma dessas crenças aparentemente tenha uma lógica, a nova ciência revela que nenhuma delas é verdadeira. Esses paradigmas equivocados é que mantêm ativos, embora de maneira inconsciente para nós, todas as ideias e comportamento que ameaçam nossa sobrevivência. Uma vez que estivermos livres desses conceitos limitadores poderemos nos abrir para um novo mundo de possibilidades e oportunidades, algo que não conseguimos sequer imaginar.

A disjunção na junção

“A verdade vos chateará.”

SWAMI BEYONDANANDA

Apesar de termos desbancado os quatro mitos do apocalipse, adivinhe... Eles continuam vivos e nos empurrando ladeira abaixo. Apesar de a ciência já ter provado que foram equívocos, existem instituições e estruturas que apoiam e propagam o pragmatismo do materialismo científico. Com o passar tempo, essas instituições adquiriram vida própria, e, assim como muitos organismos vivos, sentem necessidade de sobreviver e de se recriar. Neste capítulo identificaremos esses agentes institucionais da nossa disfunção cultural, na tentativa de evitar problemas futuros e devastadores em todo o planeta.

A INVOLUÇÃO AMERICANA

A história do materialismo científico se reflete na história dos Estados Unidos, nação que nasceu na época do iluminismo filosófico, caracterizada pelo equilíbrio entre os âmbitos material e espiritual. Como já mencionamos, os Grandes Fundadores dos EUA eram pessoas profundamente espiritualistas, influenciadas tanto pela sabedoria ocidental quanto por aquela dos nativos da América do Norte. A estrutura institucional criada por eles para trazer justiça e manter um governo justo era, via de regra, extremamente prática, ou, pelo menos, prática o suficiente para durar mais de dois séculos.

Os ideais de fundação da América do Norte promoviam a vida no sentido mais profundo. Em uma época em que quase todos os humanos do mundo considerado civilizado viviam sob os caprichos de monarcas e comandantes militares, os colonialistas da nova nação partilhavam o conceito de que todos os seres humanos tinham direito à vida, à liberdade e a buscar a felicidade. Nos dois últimos séculos, as pessoas que sofreram sob o jugo de governantes radicais buscaram na Declaração de Independência a orientação, o apoio e o suporte de que necessitavam.

Ainda assim, no curso desses 200 anos pode-se dizer que os Estados Unidos regrediram muito em relação ao ponto que serviu de referência em termos de liberdade, tornando-se mais um império sedento de poder, visto pelo mundo como um território armado e perigoso. Será que os outros países têm inveja de nossa liberdade, como afirmam alguns governantes? Ou será que essa liberdade diminuiu tanto que a chamada imprensa livre não consegue mais refletir o espírito da América?

A América do Norte, em seu início, tinha tudo de melhor que o mundo pode oferecer: direitos e liberdade inalienáveis (ao menos para os brancos). No entanto, nossa busca pela felicidade se tornou uma corrida pelo ouro, e todos os nossos sonhos se corromperam. Mas o que saiu errado? Como isso aconteceu?

A TROCA DE DEUS

Conforme foi dito, cada novo paradigma traz consigo uma onda de funcionalidade e de verdade. O monoteísmo trouxe ordem e foco espiritual em uma época de idolatria e superstição. O materialismo científico foi uma onda de ar fresco em um mundo dominado pela hierarquia religiosa de crenças e padrões extremamente rígidos. Porém, durante a “troca de Deus”, a sociedade teve ganhos, mas também perdas. À medida que a sociedade industrial substituiu as comunidades agrárias, a conexão entre as pessoas, que oferecia uma autoridade moral, foi se desfazendo.

Lembramos que a ciência, como fonte de estudo e de informações, não possui moralidade ou imoralidade, apenas valores neutros. Consequentemente, quando o materialismo científico se separou das leis da Bíblia, um vácuo se estabeleceu.

E como a natureza humana abomina esses vácuos morais, o espaço deixado tinha que ser preenchido. Infelizmente, com o advento da teoria de Darwin sobre as leis da selva humana, isentas de códigos éticos, vieram a autoridade moral do monoteísmo foi substituída por esses conceitos.

Desse modo, gradual e inexoravelmente, um novo deus, de grande poder, assumiu o controle e introduziu a profana trindade materialismo-dinheiro-máquinas. Passamos não apenas a venerar o poder material como a considerá-lo salvador. Apesar das constantes mensagens recebidas, tentando nos mostrar a verdade, o pensamento convencional insiste em reforçar a crença de que dinheiro traz felicidade, armas trazem segurança, medicamentos trazem saúde e informação nos torna sábios.

A boa notícia é que essas expressões distorcidas da realidade não são resultado da natureza humana, mas da desumana natureza das crenças programadas.

O primeiro passo para desprogramar disfunções dogmáticas é reconhecer a relação entre paradigmas e instituições com interesse em sustentar essas verdades. Usando a referência de Einstein (“o campo é o agente governante da partícula”), imaginemos que um campo de energia consiste de crenças invisíveis e as partículas são as estruturas institucionais representantes do que é verdadeiro pra nós, convertendo em matéria os pensamentos e crenças.

O segundo passo é perceber a magnitude da influência das estruturas paradigmáticas. Elas moldam os padrões de comportamento aceitos como base da cultura da sociedade. E influenciam o mundo por meio da indústria, dos governos, das escolas e das organizações que fomentam e promovem suas crenças, criando uma espécie de mente coletiva.

O terceiro passo é identificar e dar nome às manifestações dessas instituições dentro da sociedade moderna. É importante perceber que cada uma das percepções distorcidas examinadas e desbancadas na Parte II deste deu origem à própria entidade institucional.

- A crença de que somente a matéria existe trouxe:
Os vendilhões do templo.
- A crença de que somente os mais fortes sobrevivem estabeleceu:
O menor denominador comum.
- A crença de que somos o resultado de nossos genes gerou:
Um sistema de saúde deficiente.
- E a crença de que a evolução é aleatória levou à criação de:
Armas de distração em massa, desenvolvidas para conter a população e impedi-la de exercer seus poderes naturais.

Ao estudar essas estruturas percebemos que cada uma delas se iniciou como proposta de equilíbrio funcional entre espírito e matéria, mas aos poucos se afastou de seu objetivo, à medida que suas verdades se distanciaram do ponto de equilíbrio. Portanto, cada uma tinha valor na época em que foi criada, porém perdeu esse valor com o passar do tempo, dando lugar ao sistema de raciocínio ou de crenças posterior.

Ao observar o desenvolvimento das instituições entendemos melhor a transformação no modo de responder às questões primordiais da existência:

1. Como chegamos aqui?
2. Por que estamos aqui?
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

OS VENDILHÕES DO TEMPLO

Segundo o *Novo Testamento* e os registros do historiador Flávio Josefo, durante a época de Jesus, os Fariseus, classe dominante na sociedade

judaica, desenvolveram um complexo sistema em que se pagava para orar. Meio *shekel* era cobrado para que se pudesse participar da celebração da Páscoa Judaica, e os cobradores ficavam do lado de fora do templo, coletando o dinheiro e vendendo o gado, as ovelhas e os pombos que as pessoas compravam e sacrificavam para ficar quites com Deus.

O único momento das Escrituras no qual Jesus demonstrou se alterar foi aquele em que chegou ao templo e virou as mesas dos cobradores, espalhando pelo chão as moedas do dízimo. Podemos imaginar o que faria hoje, quando os cobradores não ficam mais nas portas dos templos, porém cobram taxas de todas as atividades um dia gratuitas à população, atividades que proporcionam liberdade e felicidade. Como Jesus reagiria na sala de diretoria de uma empresa que decide ser detentora exclusiva da produção e da venda de todas as sementes de alimentos do planeta? E o que diria aos cidadãos dos EUA, entre os quais 83% se declaram cristãos, ao ver que não expressam qualquer reação a esse atentado contra os direitos da humanidade?

O DOMÍNIO DA MONSANTO

Segundo o folclore Yiddish – idioma judaico antigo – a definição de *chutzpah** é matar os próprios pais e depois pedir à corte clemência por ser órfão. Mas parece existir uma versão atual do termo.

Monsanto, empresa conhecida por produzir um herbicida letal chamado Agente Laranja e hoje um dos maiores agronegócios químicos do planeta, produz uma semente de canola geneticamente modificada.¹ Quando o pólen dessas plantas transgênicas é acidentalmente levado pelo vento e fertiliza as plantas orgânicas ou convencionais dos fazendeiros vizinhos, tornando-as clones de sua produção, a Monsanto os processa por utilizar esses genes modificados sem pagar por eles.²

A empresa, que possui mais de 674 patentes de biotecnologia (ou seja, é legalmente proprietária dessas formas de vida), tem uma forma exclusiva

de agir no mercado. Os fazendeiros que compram suas sementes assinam um contrato que os proíbe de armazená-las ou replantá-las. Em outras palavras, os fazendeiros são obrigados a comprar as sementes da Monsanto todo ano. Para garantir esse acordo, a empresa tem uma equipe de espões e investigadores cujo trabalho é garantir que as sementes não sejam replantadas, mesmo que por acidente. Segundo dois influentes repórteres norte-americanos, Donald L. Bartlett e James B. Steele, a Monsanto já abriu milhares de investigações e processos judiciais contra fazendeiros. Intimidados pelo poder corporativo, muitos deles pagam sem sequer tentar se defender, mesmo que sejam inocentes.³

Sementes armazenadas são um artigo básico da agricultura e representam hoje de 80 a 90% do total utilizado no planeta. Mas parece que a Monsanto pretende mudar esse quadro. Segundo Jeffrey M. Smith, autor do livro *Sementes da decepção*, a empresa prevê um futuro em que 100% de todas as sementes serão “geneticamente modificadas e patenteadas”.⁴ E boa parte de seus planos envolve ameaças e pressão contra os fazendeiros. Outra estratégia é adquirir as empresas de sementes convencionais. Em 2005, comprou, em um período de duas semanas, a Seminis, companhia detentora de 40% do mercado norte-americano de sementes de alface, tomate e outras verduras e hortaliças, e a Emergent Genetics, a terceira maior empresa de sementes de algodão da América.⁵

Consumidores e fazendeiros do mundo todo buscam maneiras de deter a Monsanto, mas a empresa parece ter amigos influentes em altos cargos. Clarence Thomas, da Corte Suprema de Justiça Norte-Americana, foi advogado do empreendimento em 1970 e, em 2001, ajudou a estabelecer leis sobre a produção de sementes transgênicas que favorecem a Monsanto e outras do ramo.⁶

Poderíamos escrever capítulos e até livros inteiros com histórias chocantes sobre como essas empresas espalham seu domínio sobre todas as partes do globo. O poder do dinheiro é inegável e continuamente

estimulado por nosso consentimento inconsciente. Mas para concluir aqui a história da Monsanto e daquelas que agem como ela, vale lembrar o que aconteceu com Winona LaDuke, nativa norte-americana e ativista, quando tentou explicar sobre engenharia genética a um grupo de índios Objibwa. O único comentário deles foi: “Mas quem deu a eles o direito de fazer isso?”⁷

Quer saber quem foi? Continue lendo.

O GRANDE ASSALTO AO BANCO

Para entender como nossa sociedade é conivente não apenas com o poder do dinheiro mas também com o poder da economia especulativa, vejamos como o vil metal se tornou tão poderoso com o advento do materialismo científico.

O dinheiro é tão antigo quanto o sistema de troca. Ouro e outros metais preciosos começaram a ser transformados em moedas, adquirindo valor no mundo todo. Em vez de dizer “dou-lhe um vigésimo desta cabra por aquela galinha”, as pessoas descobriram que era mais fácil e conveniente usar moedas de metal.

E quando os mercadores acumularam mais moedas do que podiam carregar ou guardar em segurança, passaram a deixá-las aos cuidados dos ourives, que emitiam documentos (notas promissórias) e lhes davam como garantia. As notas de dólar, por exemplo, passaram a ter a frase: “Esta nota tem validade legal para quitar débitos públicos e privados”.

Porém, em determinado momento, os ourives fizeram uma descoberta que os deixou muito contentes. Apenas um pequeno número de mercadores vinha retirar seus depósitos. E assim se iniciou o sistema bancário de reserva fracionada, a prática de empresar dinheiro em papel em valores até dez vezes maiores do que a quantidade de ouro do cliente, uma transação básica de sistemas bancários existente até hoje.

Emprestar dinheiro com o propósito de obter lucro era proibido pela Igreja. Mas por volta de 1500, após a Reforma Protestante e depois do Rei

Henrique VIII tornar as leis de empréstimo mais flexíveis na Inglaterra, o poder do dinheiro passou a acompanhar a civilização em sua jornada rumo ao materialismo completo.

No século seguinte, o grande volume de empréstimos gerou uma crise econômica na Inglaterra. As pessoas emprestavam dinheiro livremente, mas em determinado momento os banqueiros disseram “basta”, reduziram os empréstimos e começaram a cobrar os devedores. Quem vinha emprestando durante o período de expansão econômica não teve condições de pagar durante a crise. Os banqueiros permitiram, então, que pagassem com seus bens (casas e outras propriedades) a um preço irrisório, para depois vender tudo com preços exorbitantes, obtendo grande lucro.

A guerra, condição promissora para os banqueiros, foi outro fator que levou a Coroa Britânica a se tornar a maior devedora do mundo por volta de 1600. Mas os banqueiros encontraram uma solução “real”: criaram o *Bank of England*, que, apesar do nome, não faz parte do governo britânico. É uma empresa privada e pertence aos próprios banqueiros.

O *Bank of England* tinha um Esquema Ponzi perfeito, forma de fraude em que se espalha no mercado a notícia do sucesso de uma empresa não existente. Os primeiros a investir ganham com o investimento daqueles que chegam depois. Os bancos pediram ao governo britânico para investir o primeiro milhão de libras e em seguida emprestaram dez vezes esta quantia (10 milhões de libras) a seus companheiros, que usaram o dinheiro para comprar ações do novo banco, que por sua vez emprestou o dinheiro à Inglaterra. E o pagamento foi feito por meio de altas taxas cobradas do povo!⁸

Enquanto isso, no Novo Mundo, a economia crescia a todo vapor. Como os metais preciosos eram escassos, os colonialistas foram forçados a imprimir notas, às quais chamaram “certificados monetários coloniais”. Esses certificados eram, basicamente, dinheiro decretado pelo governo, ou seja, moeda certificada por um acordo comum. E como não havia dívidas

envolvidas no processo e o valor da moeda representava bens e serviços sem juros ou ônus, todos se beneficiavam. No entanto, um comentário de Benjamin Franklin sobre a moeda do país antecipou a Revolução Americana.

Em uma visita à Inglaterra perguntaram a ele como fazia para controlar o crescimento das colônias. Ele explicou sobre os certificados coloniais e acrescentou: “Controlamos o poder de compra do dinheiro e não temos juros a pagar”. Era tudo que o Rei George III e o *Bank of England* precisavam ouvir.⁹

Em 1764, o Parlamento anunciou a Lei Monetária, que proibia as colônias de emitir qualquer forma de moeda própria. Sem os certificados monetários, a economia colonial entrou em uma severa depressão. Em 1766, Franklin foi a Londres pedir a revogação da lei, mas não obteve sucesso. A perda da autonomia monetária foi uma das principais causas da Guerra de Independência e o motivo pelo qual os Fundadores se recusaram terminantemente a ter em suas terras o *National Bank*.¹⁰

Apesar das boas intenções, uma verdadeira batalha ocorreu durante os primeiros 120 anos da história dos EUA sobre quem seria responsável por emitir a moeda: os bancos ou o governo. Como a humanidade se encaminhava cada vez mais para o materialismo, os bancos acabaram vencendo.

Temos de levar em consideração que os EUA atingiram um pico de desenvolvimento em 1873, apenas 13 anos após o evolucionista Thomas Huxley vencer o debate com o criacionista e bispo Samuel Wilberforce, elevando o materialismo científico ao nível de “provedor oficial” de verdades da civilização. Tanto na ciência quanto na economia a mudança de paradigma era visível. A Regra de Ouro fora substituída pela Regra do Ouro.

Enquanto isso, a jornada da civilização em direção ao materialismo começou a se manifestar também em outras áreas. Em 1886, a Suprema

Corte dos Estados Unidos tomou uma decisão que, supostamente, daria às corporações os mesmos direitos das pessoas. Na verdade, uma corporação é uma anomalia: uma entidade não viva com certidão de nascimento (seus artigos de incorporação) que lhe permite existir indefinidamente. Mas, no que diz respeito às funções da sociedade, não está sujeita às restrições morais que nos são impostas.

E o mais anômalo de tudo é que, na realidade, a Suprema Corte jamais tomara a decisão divulgada. A absurda sentença foi fruto da manipulação de J. C. Bancroft Davis, advogado, diplomata e ex-presidente da companhia das estradas de ferro que trabalhou como repórter da Corte durante o caso do Condado de Santa Clara contra a *Southern Pacific Railroad Company*, em 1886.¹¹

Uma das funções de um repórter da Corte é redigir o resumo dos processos da Suprema Corte. Esses resumos são os pontos-chave para tomar uma decisão quanto às questões em julgamento. Representam a interpretação do repórter sobre a ocorrência, mas não a interpretação oficial da Corte. Advogados as utilizam como base para rever o conteúdo dos casos e o julgamento das ações.

Antes do caso do Condado de Santa Clara contra a *Southern Pacific Railroad Company*, a Carta de Direitos e a Décima Quarta Emenda da Constituição declaravam que corporações, sindicatos, igrejas, comércio, associações e governos tinham *privilégios* enquanto pessoas tinham *direitos*. Mas Davis introduziu uma falsa declaração em seu resumo: “As Corporações acusadas são como pessoas e estão sujeitas ao Parágrafo 1º da Décima Quarta Emenda da Constituição dos Estados Unidos, que proíbe o Estado de negar a qualquer um dentro de sua jurisdição o direito à proteção da lei”. Ou seja, o resumo de Davis ampliou os privilégios das corporações e deu a elas os mesmos direitos dos seres humanos.¹²

O mais interessante é que a questão dos direitos corporativos nem fazia parte do julgamento. Segundo o Chefe do Tribunal Superior Morrison

Waite, a Suprema Corte “evitava utilizar questões da Constituição em decisões desse tipo”. No entanto, ninguém percebeu que o texto de Davis personificando as corporações alterava a essência da Décima Quarta Emenda. E o que é pior: o material foi utilizado em diversos outros casos depois e acabou adquirindo o status de precedente legal.¹³

Foi um passo gigantesco para dar vida à grande máquina monetária. O Presidente Grover Cleveland declarou, em 1888: “Observando-se o desenvolvimento do capital agregado, (...) o cidadão (...) acaba sendo esmagado por uma mão de ferro. As corporações (...) estão se tornando donas das pessoas”.¹⁴

Anos depois, os banqueiros acabaram por vencer a batalha pelo controle monetário dos EUA. Em 1913, durante o recesso de Natal, quando a maioria dos membros do Congresso estava em férias, o Presidente Woodrow Wilson assinou a Lei de Reserva Federal, decreto que permitia a empresas privadas emitir moeda corrente como débito. Mas da mesma forma que o *Bank of England* não era um banco do governo inglês, o Banco da Reserva Federal era tão federal quanto a empresa *Federal Express*.

Talvez Wilson tenha sido motivado pela situação da economia dos EUA, descrita em seu livro *A nova liberdade*, publicado no mesmo ano: “Acabamos nos tornando um dos governos mais severamente controlados e dominados do mundo civilizado. Deixamos de ser um governo de opinião livre, de convicção própria e de voto da maioria. Hoje, somos vítimas da opinião de um pequeno grupo de pessoas que controlam tudo”.¹⁵ Embora Wilson aparentemente acreditasse que estabilizava a economia do país assinando a Lei de Reserva Federal, colocar os banqueiros no comando das finanças da nação não evitaria a Grande Depressão, 16 anos depois.

A questão das dívidas no país têm sido debatida há mais de um século. Em 2008, o rombo era de 9,5 trilhões de dólares (mais de 31 mil dólares para cada cidadão, homem, mulher ou criança) e aumenta em uma proporção absurda de 1,85 milhão de dólares por dia. E a dívida total dos

EUA (incluindo unidades familiares, entidades financeiras, comércio e governo) ultrapassa os 53 trilhões de dólares.¹⁶

A FELICIDADE? ESTÁ UM POUCO MAIS LONGE DO QUE SE IMAGINAVA

O Índice de Felicidade do Planeta é um estudo que avalia não apenas a felicidade em si – mas também o custo para obtê-la em termos de impacto ecológico e qualidade de vida em geral. O cálculo é simples.

$$\frac{\text{Satisfação de Vida} \times \text{Expectativa de Vida}}{\text{Área Ecológica}} = \text{Índice de Felicidade}$$

Em outras palavras, o Índice de Felicidade do Planeta mede o nível de eficiência de um país em converter os recursos escassos de nosso planeta em felicidade e bem-estar de seus cidadãos. Os Estados Unidos está em 150º lugar entre as 178 nações, incluindo países como Etiópia, Nigéria e Paquistão.¹⁷

Por que uma classificação tão baixa? Bem, talvez porque sejamos muito “folgados”. Nossa área ecológica é uma das maiores do mundo. Para obter satisfação e expectativa de vida, um cidadão norte-americano utiliza *quatro vezes e meia* mais recursos escassos do planeta do que um cidadão da Costa Rica, a terceira do ranque! Isso é que é ineficiência! E, ainda assim, o sistema financeiro continua a agir alucinadamente, vendendo a expectativa irreal de que o consumo desenfreado pode mudar os resultados do país.

Esse cenário de suicídio econômico é reforçado pela fé em outro mito equivocados: a sobrevivência dos mais fortes. Em nossa afirmação coletiva de que somente o mundo material pode nos salvar depositamos todas as nossas esperanças na máquina mais insana, mais cara e mais nociva da história da humanidade. E ao fazer isso alimentamos o poder de uma força sinistra: o menor denominador comum.

O MENOR DENOMINADOR COMUM

Com a “troca de Deus” a lei da selva tomou o lugar da lei da Bíblia em termos de moral. Não aconteceu do dia para a noite, mesmo porque não se pode dizer que as pessoas obedeciam literalmente às leis da Bíblia. Apenas alguns detalhes mudaram, como “não matarás”, que passou a ser “não matarás, a não ser grandes grupos ou populações inteiras”.

Consequentemente, no decorrer do século 20 mais de 260 milhões de pessoas morreram em guerras.¹⁸

Isso para não mencionar o sofrimento daqueles que não morreram mas foram mutilados, deixados sem casa ou traumatizados para o resto de suas vidas. Considere também o medo e o trauma associados a esses conflitos, conscientes ou inconscientes, transmitidos às gerações que vivem no planeta agora.

Pagamos um preço absurdo pelas guerras no século 20, primeiro com as guerras mundiais e depois com a Guerra Fria. Tudo isso é, em boa parte, resultado da institucionalização da antiga crença em que poder é razão, ou melhor, a lei do menor denominador comum.

O poder da força bruta é usado há tanto tempo que já o consideramos algo natural. Analisando a história do ocidente, com poucas exceções que veremos adiante, percebemos quanta violência foi internalizada, externalizada e eternizada. A violência hoje é considerada uma característica inerente à natureza do ser humano.

NATUREZA HUMANA OU DESUMANA?

A primeira falha no mito da natureza maléfica do ser humano se revela quando os antropólogos estudam as culturas pré-históricas e descobrem que elas não tinham a característica da maldade. A macro-historiadora Riane Eisler menciona em seu livro *O cálice e a espada* uma série de descobertas da arqueóloga Marija Gimbutas sobre sociedades pré-históricas que deixaram centenas de artefatos após sua extinção, mas nenhum deles era utilizado como arma.¹⁹

O arqueólogo inglês James Mellaart descobriu em suas escavações do sítio Neolítico em Catal Huyuk, hoje conhecido como Turquia, sinais de sociedades agrárias aparentemente igualitárias. O tamanho das casas, os objetos dentro delas e os túmulos indicavam poucas diferenças em termos de hierarquia e classe social.²⁰

Eisler enfatiza que não eram sociedades matriarcais, porém culturas igualitárias. O título de seu livro, *O cálice e a espada*, vem da distinção entre o cálice, recipiente que representa o poder feminino gerador de vida e protetor, e a espada, que representa o domínio masculino.

A sabedoria convencional moderna nos levou a acreditar que, em um combate frente a frente entre cálice e espada, o dinheiro estaria ao lado da espada, pois, aparentemente, em algum momento os guerreiros e suas espadas dominaram as culturas em que o cálice se sustentava. Porém, aos poucos, descobrimos que a sobrevivência de nosso planeta pode depender de recuperarmos o paradigma do cálice.

Infelizmente, diante da corrida para o materialismo, nosso cálice se esvaziou. O poder da espada foi estimulado pelos paradigmas mais recentes (monoteísmo e materialismo científico), que pregavam o domínio do *yang* sobre o *yin*, do ativo sobre o passivo, do masculino sobre o feminino. O custo desse desequilíbrio é tão alto que ameaça a existência de nossa espécie.

Voltemos por um instante nossa atenção aos Fundadores dos EUA. Quando Franklin e seus companheiros adotaram a estrutura política das nações Iroquois, deixaram de fora um elemento que jamais seria aceito por sua própria sociedade. Ninguém jamais propôs que Betsy, Martha ou Dolly assumissem a posição de Grandes Avós no comando da sociedade. Por mais bem intencionados que fossem os Fundadores, a ponto de incluir os direitos femininos na Declaração de Independência ao propor respeito e obediência às “leis da Natureza e de Deus”, a ideia de que mulheres pudessem aprovar ou impedir a guerra ou comandar os chefes era inconcebível, uma

consequência direta da influência Europeia e dos quase cinco mil anos de desprezo e subjugação do aspecto feminino pela sociedade.

O CORDEIRO QUE VIROU RAMBO

Avaliemos as consequências de uma cultura desprovida de poder feminino. Lembra-se dos macacos bonobo mencionados no Capítulo 7? Ao contrário de outras sociedades de chimpanzés, em que os machos se unem em bandos para maltratar os machos menores e as fêmeas, nessa comunidade as fêmeas se uniram para eliminar totalmente o *bullying*. Não é que elas dominem os machos. Elas simplesmente usam a solidariedade coletiva para contrabalançar o poder masculino.

Em seu livro *A verdadeira riqueza das nações*, Riane Eisler cita uma frase de Elizabeth Cady Stanton, ativista social americana e figura de destaque no início do movimento pelos direitos da mulher: “O mundo jamais viu uma nação realmente virtuosa, pois, com a degradação da mulher, a verdadeira fonte da vida é totalmente envenenada”.²¹ O veneno pode ser visto e sentido até hoje na sociedade americana, em que a mesquinhez é não apenas tolerada, mas também cultivada, para que aqueles considerados mais frágeis não tenham direitos. Pobre Jesus. Se ele retornasse hoje não reconheceria a si mesmo. Nos últimos 175 séculos, a religião conseguiu transformar sua imagem de cordeiro na imagem de um verdadeiro Rambo. De acordo com a Bíblia, Jesus representava o equilíbrio entre o masculino e o feminino. Tinha força para derrubar as mesas dos mercadores do templo e para suportar uma crucificação, mas ao mesmo tempo pregava o amor e abençoava quem desejava a paz. Já os cristãos que adotaram a postura de “Deus, armas e nervos de aço” gastam mais energia e tempo em práticas de *bullying* espiritual sobre os mais fracos do que em deixar ensinamentos às gerações futuras.

O PODER DO DINHEIRO X O PODER DA FORÇA BRUTA

Sem o incômodo peso da lei do “amai vossos semelhantes”, o mundo materialista pode finalmente estabelecer a aliança mais ímpia de todas, entre o poder do dinheiro e o da força bruta.

Durante os anos que se seguiram após a Guerra Civil Norte-Americana e o século 20, muitas empresas começaram a contratar os próprios seguranças para manter a ordem entre os funcionários e evitar greves. A empresa *Pinkerton*, de segurança armada, entrou no mercado contratada pelas companhias de estrada de ferro para proteger seu interesse de criar linhas em todo o país.²² Mais tarde, essa mesma empresa foi utilizada para serviços de fura-greve em outras companhias. Até mesmo o famoso Henry Ford tinha uma milícia privada em suas linhas de montagem de automóveis, a *Bennett's Boys*, nome que fazia referência ao executivo da Ford, Herry Bennett, ex-boxeador e gângster. A ideia era garantir que os trabalhadores que desejassem se unir para reivindicar seus direitos não tivessem força ou incentivo para tal.²³

Embora os Fundadores dos EUA não vissem com bons olhos as Forças Armadas, um século depois de George Washington se rebelar contra a “Grande Aliança” (sua maneira predileta de se referir ao império), as Forças Armadas da América do Norte já estavam a serviço das corporações que desejavam controlar o destino do país.

O general Smedly Butler, herói americano e o marinheiro mais condecorado da história militar dos EUA, na época, falava com arrependimento sobre sua passagem pela guerra. Em um discurso à Legião Americana, em 1931, mais tarde publicado em formato de folheto com o título “A guerra é uma extorsão”, Butler declarou: “Extorsão é algo (...) que beneficia poucos às custas de muitos. A guerra é provavelmente a mais velha e mais lucrativa [forma de extorsão] que existe. É a única de âmbito internacional (...) em que os lucros são medidos em dólares e em perdas de vidas.”²⁴

Logo após o discurso do general Butler, o mundo entrava na segunda “guerra das guerras”. Embora os historiadores tentem nos induzir a ver esse conflito como uma batalha contra o horror do Nazismo, a verdade inconveniente é que o objetivo era meramente proteger o império americano no Oceano Pacífico.

E o mesmo império americano contribuiu para que o Nazismo chegasse ao poder. A máquina de guerra alemã era abastecida pela indústria e, em boa parte, pelos banqueiros norte-americanos, incluindo Averell Harriman e Prescott Bush, pai do Presidente George H. W. Bush e avô do Presidente George W. Bush.²⁶

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os EUA se tornaram o maior poder econômico do planeta. Ao contrário dos países europeus e nações do oriente, não tinham sofrido bombardeios, invasões, e sua infraestrutura continuava ileso. Mas a paz duraria pouco. Em 14 de julho de 1949, a União Soviética resolveu testar sua primeira bomba atômica. A resposta dos EUA a este evento iniciou a Guerra Fria e colocou o país em um ciclo de carma que o transformou no que é hoje: uma nação armada até os dentes, com uma dívida de 10 trilhões de dólares e se sentindo mais vulnerável do que nunca.

O teste atômico, aliado ao fato de que os EUA já haviam usado duas bombas atômicas para matar 220 mil civis japoneses, em Hiroshima e Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial, criou uma tensão jamais vista no mundo. Uma coisa é ver soldados combatendo soldados com lanças ou baionetas, outra é saber que a qualquer momento um líder ou general maluco pode apertar um botão e iniciar um holocausto nuclear global. Ou, como disse Albert Einstein, “não sei que armas a Terceira Guerra Mundial terá, mas a Quarta será com galhos e pedras”.

Analisemos, portanto, os fatores do pós-Segunda Guerra Mundial nos EUA, em que o presidente era Harry S. Truman. Os fabricantes de aviões escreveram cartas aos colegas do Departamento de Estado expressando preocupação em relação ao futuro financeiro em uma economia pós-guerra.

Os oficiais do Departamento sugeriram a Truman que investir na indústria militar poderia evitar outra Grande Depressão.²⁷ Não foi preciso muito esforço para convencê-lo. Segundo Noam Chomsky, “nem houve realmente um debate porque tudo já estava decidido, mas os rumores levantaram outra questão: o governo deveria investir na questão militar ou em ações sociais?”²⁸

Enquanto isso, Truman recebia conselhos conflitantes de dois conselheiros do Secretário de Estado, Dean Acheson. Um deles, George Kennan, diplomata anticomunista designado para estudar a estratégia da União Soviética, não via a nação como uma ameaça aos EUA. Sua opinião era de que, sob o comando de Joseph Stalin, o país lutava para se reconstruir após a guerra e não tinha objetivos de expansão, o que foi confirmado pela estimativa da CIA.²⁹

O outro conselheiro, Paul Nitze, que havia sido investidor e banqueiro de Wall Street, acreditava que a chave para a segurança econômica e política dos Estados Unidos estava na criação de um estado militar-industrial. Em 11 de outubro de 1949, menos de três meses depois de os soviéticos lançarem sua bomba, Kennan sugeriu que os EUA deveriam forjar um acordo com a União Soviética especificando que nenhum dos dois jamais usaria suas armas. No mesmo dia, Nitze apresentou suas ideias. Disse que para produzir armas seria “necessário baixar em vez de elevar o padrão de vida dos civis”.³⁰

No início de 1950, Truman pediu a Paul Nitze que desenvolvesse um esquema detalhado para uma economia de Guerra Fria. O documento foi chamado “NSC-68: Objetivos e Programas dos Estados Unidos para a Segurança Nacional”. E o resto é história. Uma triste história que apoia um precedente estabelecido por um documento considerado por Nitze “apropriado para a mente dos anos 1950”.³¹

Segundo a denúncia muito bem denominada “Dependentes da guerra”, escrita pelo professor universitário Joel Andreas, desde 1948 os EUA

gastaram mais de 15 trilhões de dólares em seu complexo militar-industrial, uma soma maior do que o valor de todas as fábricas, maquinário, estradas, pontes, rede de água e esgoto, aeroportos, estradas de ferro, estações elétricas, prédios comerciais, *shopping centers*, escolas, hospitais, hotéis e casas do país.³²

São muitos zeros em 15.000.000.000.000. Dá para comprar muita munição!

Não é de se surpreender que as coisas pareçam fora de controle.

A GLOBALIZAÇÃO VORAZ

Sem dúvida, há forças que lutam para destruir o poder norte-americano, mas aqueles que se beneficiam do poder agem às escuras. Combine o poder dos banqueiros àquele das corporações e à maior força militar da história e o resultado será uma máquina de força incalculável mais a ausência total de consciência a devorar os recursos do planeta em uma operação sem precedentes.

Os defensores de uma economia internacional propagam inocentemente os benefícios da globalização e do livre comércio, mas não podemos nos esquecer do aspecto voraz e perigoso desse tipo de operação. As mesmas táticas utilizadas pelo *Bank of England* e pelo *Federal Reserve Bank* (facilitar empréstimos e dificultar seu pagamento) geram grandes dividendos aos banqueiros do mundo todo.

E os dois maiores banqueiros do planeta hoje são o *World Bank* e o Fundo Monetário Internacional (FMI), fundados respectivamente em 1944 e 1945, em uma tentativa para restabelecer a ordem monetária e financeira após a Segunda Guerra Mundial, em um acordo de 45 Nações Aliadas.

O *World Bank* oferece, de maneira aparentemente benéfica, assistência técnica a países e nações que se encontram em situação de desastre, conflito ou emergência humanitária. O FMI monitora os sistemas financeiros globais, taxas de câmbio e balanço de pagamentos. Enquanto praticamente

todas as nações do planeta interagem com essas poderosas instituições, os críticos insistem em dizer que o propósito principal delas é defender os interesses dos EUA no mundo todo e que sua política contribui para a pobreza global mantendo as nações em desenvolvimento em déficit permanente.

Em seu livro *Confissões de um assassino econômico*, o ativista John Perkins descreve o próprio papel como banqueiro internacional ao conceder (de maneira mais do que explícita) crédito a países do terceiro mundo em um esquema no qual os bancos e suas empresas favorecidas faturam bilhões às custas dos mais pobres. Como? Empréstando muito mais do que eles podem pagar e depois tomando suas fontes econômicas quando eles se tornam inadimplentes. Lembra alguma coisa? Sim. E isso já era feito na Idade Média. A ganância não tem escrúpulos nem época.

Mas a aliança entre dinheiro e poder tem um lado ainda mais obscuro. Perkins explica: “Os matadores de aluguel econômicos são enviados à frente com muito dinheiro para untar a engrenagem”. Se os países em dificuldade rejeitam a chamada “oportunidade”, chegam os matadores-reserva, também conhecidos como os “chacais” da CIA, para “explicar melhor a situação”.³³

O que pensariam George Washington, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin da participação dos EUA nesse tipo de atividade? Conseguiriam entender como uma população de homens e mulheres livres pode deixar seus preciosos direitos de vida, liberdade e busca da felicidade nas mãos de chacais?

Bem, tudo isso aconteceu em um momento muito frágil da história dos EUA. Recuperando-se ainda dos horrores da Segunda Guerra Mundial, abalados pelo medo do comunismo e apavorados com as ameaças de ataque nuclear, os norte-americanos foram convencidos a participar de um pacto de negação mútua. Iniciou-se, então, a política militar norte-americana de “não pergunte, não explique”, que dizia respeito a tudo, inclusive à orientação

sexual dos soldados. O público não perguntava o que os militares estavam fazendo para protegê-los, e o governo também se comprometeu a não revelar qualquer informação sobre isso.

De nenhuma forma pretendemos sugerir que os regimes totalitários marxistas não fossem uma ameaça. As estimativas mais conservadoras são de que 20 milhões de russos tenham morrido por razões políticas durante o regime de Stalin e o dobro de chineses durante o reino de Mao Tse-Tung. Mas quem estava por trás das ameaças marxistas, tirando proveito do medo incutido na população era o mesmo tipo de aproveitador que se beneficia de todas as guerras.

Bem, mas qual é a boa notícia? A boa notícia é que nenhuma pessoa ou grupo jamais curou alguém ou resolveu um problema sem antes descobrir sua causa. O escritor espiritualista Eckhart Tolle menciona em seu livro *Um mundo novo: o despertar de uma nova consciência*, que “a maior conquista da humanidade não foi a arte, a ciência ou a tecnologia, mas o reconhecimento de suas fraquezas e de sua demência”.³⁴

Parabéns! Você já deu o primeiro passo, pequeno mas necessário, no sentido da cura: reconhecer que algo está errado. Agora veremos uma situação crítica em que a cura já se iniciou.

O INSALUBRE SISTEMA DE SAÚDE

A área em que o materialismo científico mais teve influência até hoje foi a da saúde. Não é de se surpreender, portanto, que esse sistema se encontre gravemente enfermo.

Claro, todos nós já nos beneficiamos, em algum momento, da medicina moderna. Você deve conhecer várias pessoas que não estariam mais no planeta não fosse por uma intervenção cirúrgica, por medicamentos ou exames realizados graças à tecnologia. Nossas próprias células nos ensinaram que a tecnologia é benéfica. No entanto, ao estudar cada um dos mitos do apocalipse, podemos ver que as mesmas crenças que se mostraram

benéficas e ajudaram a equilibrar os sistema acabaram se tornando malélicas e destruindo todo o benefício inicial. O mesmo materialismo científico que deu grandes poderes à medicina moderna acabou por transformá-la em um grande problema. As corporações farmacêuticas, cujo interesse é puramente monetário, deturparam o objetivo nobre da cura.

Nas últimas três décadas pudemos observar a ascensão de algo que o jornalista médico Jacky Law chama de “medicina arrasa-quarteirão”. Os medicamentos e tratamentos modernos literalmente duplicaram os custos da área da saúde nos EUA nos últimos 25 anos. Em 2004, foram gastos 1,9 trilhões de dólares com o sistema de saúde, o que representa 16% de seu produto interno (PIB)³⁵. Mas o que o público norte-americano compra que é tão caro? Por favor, não ria, não é engraçado. O maior índice de morte nos EUA não é causado pelo câncer ou por problemas cardíacos, mas pela medicina em si.

Como assim?

Usando estimativas conservadoras, um (raro) artigo muito lúcido do *Journal of the American Medical Association* reconheceu que, em 2000, a terceira causa principal de mortes nos EUA era a doença iatrogênica, que, ironicamente, é a “doença derivada de tratamento médico”.³⁶

E o *Nutrition Institute of America* realizou um estudo independente sobre as práticas médicas revelando que “o número total estimado de mortes iatrogênicas – aquelas induzidas sem intenção por médicos ou cirurgiões, ou mesmo por tratamento ou diagnóstico inadequados – chega a 783.936 anualmente nos Estados Unidos”. Essas estatísticas são apresentadas em um relatório apropriadamente intitulado *Morte por Medicina*, escrito por três médicos e dois PhDs.³⁷ A segunda causa principal de morte, doenças cardíacas, foi responsável por pouco menos de 700 mil óbitos. E a terceira causa mais comum, o câncer, matou 550 mil pessoas. Esses números mostram que a medicina pode ser considerada o inimigo público número um da saúde.

Mas seja ela a primeira ou a terceira não importa. Os tratamentos de saúde jamais poderiam estar na lista das principais causas de morte. E o mais alarmante é que os sistemas de saúde se referem a esses óbitos de maneira fria e impessoal, denominando-os simplesmente um ônus da prática da medicina.

Como nosso sistema de saúde se tornou tão insalubre e o que pode estar causando essa incontável hemorragia financeira? O primeiro lugar onde podemos procurar a resposta é no mito de que somente a matéria existe e naquilo que se pode chamar medicina newtoniana.

MEDICINA NEWTONIANA

A medicina newtoniana não se iniciou com Newton, mas com René Descartes. Com sua clara distinção entre corpo e mente, Descartes dividiu o ser humano em dois (deixando somente uma parte visível). Naquela época, início do século 17, a mente intocável, a alma e o espírito eram oficialmente domínio da Igreja, que deixou para a medicina os aspectos físicos, mecânicos e mensuráveis do mundo. Nos últimos quatro séculos, a medicina mantém a crença newtoniana de que a matéria controla nosso destino.

Não é de se surpreender, então, que a ciência procure exclusivamente as causas materiais das doenças. Na mesma época em que Darwin postulava sua teoria da evolução, o microbiologista francês Louis Pasteur estabeleceu a relação entre doenças e micróbios. A teoria dos germes não apenas se encaixou perfeitamente ao modelo de causas físicas discretas para os distúrbios como também à noção de que é preciso dominar para não ser dominado. Somos lembrados o tempo todo de que uma legião de organismos letais, os germes e parasitas, estão prontos para invadir o templo do corpo. A sobrevivência é uma questão de quem chega primeiro. São eles ou somos nós!

Assim como todos os paradigmas em ascensão, o materialismo científico trouxe grandes descobertas e benefícios para um mundo atacado pelos germes. A prova disso é que a medicina moderna conseguiu erradicar diversas formas de doenças infecciosas e desenvolveu drogas milagrosas, especialmente a penicilina e a insulina.

Durante o último século, diante de tantos avanços, a expectativa de vida dos norte-americanos aumentou 30 anos.

Toda essa evolução é atribuída aos milagres da medicina, mas pode ser que não seja bem assim. Segundo o pesquisador Thomas McKeown, especialista em saúde pública e medicina social, a melhoria do padrão de alimentação, das condições sanitárias e das condições de vida dos cidadãos foram fatores determinantes ao declínio da mortalidade durante os séculos 19 e 20.³⁸

A medicina materialista newtoniana atingiu seu ápice no fim da década de 1940 e início da de 1950, exatamente na época em que Watson e Crick afirmaram que o segredo da vida estava no DNA, como mencionamos no Capítulo 7.

Práticas tradicionais da medicina, como parto normal e amamentação, começaram a ser considerados ultrapassados entre a crescente classe média norte-americana, cada vez mais aficcionada à crença de que “os médicos é que sabem como se deve fazer”.

Dentro da perspectiva newtoniana, as causas e cura das doenças passaram a ser vistas como consequência de efeitos materiais que somente os médicos especialistas, aqueles com um grande número de títulos e números em seus diplomas, conseguiam entender. E mesmo quando a medicina alopática deixou a desejar em termos de resultados, tanto práticos quanto financeiros, sua influência continuou marcante. Por quê? Conforme explicaremos melhor, a indústria farmacêutica é um dos empreendimentos mais lucrativos do mundo.

Todos os dias, milhares de pessoas bem-intencionadas vão para o trabalho. Entre elas estão os médicos, as enfermeiras, os técnicos, assistentes e demais funcionários de hospitais. Isso sem contar as centenas que trabalham em laboratórios de pesquisa, buscando a cura, ou, ao menos, tratamentos mais eficazes para todos os males, de pequenas dores a doenças fatais. São pessoas sérias, sem qualquer intenção de fazer mal à humanidade, que já começam a perceber que o sistema médico mais caro não é necessariamente o mais eficiente.

Apesar de ser o país com as despesas médicas anuais mais altas do planeta, os EUA estão em último lugar, entre os países industrializados, quando se trata de qualidade do sistema de saúde. Os números são desconcertantes: os gastos por pessoa passaram de uma média de 114 dólares em 1960 a 2.738 dólares em 1980 e a 5.267 dólares em 2002.³⁹ E, sim, esses valores estão inclusos no custo de vida de cada cidadão. Se pensarmos em porcentagem, a parte de produto interno bruto destinado a saúde praticamente triplicou, indo de 5% em 1960 a 14,6% em 2002.⁴⁰ Em 2008, 47 milhões de norte-americanos não tinham qualquer tipo de assistência médica, o que significa que a situação da saúde no país é crítica.⁴¹

Como isso aconteceu? O fator que mais contribuiu para esta situação, destruindo o trabalho e as boas intenções de muitos, foi a lucratividade do sistema de saúde. Esse é um negócio lucrativo, e muito. Em um sistema que prega o valor do dinheiro acima de qualquer coisa, os lucros sempre acabam falando mais alto.

Um exemplo: alguns anos atrás, quando uma pesquisa revelou a discrepância entre os preços dos medicamentos vendidos nos EUA em relação ao valor dos mesmos medicamentos em outros países, os norte-americanos se indignaram, e com toda razão. E quando descobriram os motivos para tais discrepâncias se indignaram ainda mais. As empresas praticam preços menores em outros países por conhecer o mercado e saber

quanto o consumidor pode pagar. E acham que os norte-americanos devem se sentir orgulhosos de ter o privilégio de poder pagar mais.

Um caso interessante é o dos pacientes da Medicare, que passaram a ter medicamentos pagos pelo governo federal norte-americano. A Lei de Modernização da Medicare, aprovada em 2003, permite que pessoas acima de 65 anos de idade recebam medicamentos gratuitamente. Parece ótimo? Sim, até o momento em que a população que paga impostos recebeu a conta de 400 bilhões de dólares para pagar em mais de dez anos.

E se alguém acha que a história vai parar por aí, nos 400 bilhões, precisa ler melhor as entrelinhas. Um mês após o Congresso aprovar a lei e antes de o Presidente George W. Bush assiná-la, o governo adicionou 134 bilhões de dólares ao total aprovado.⁴² Enquanto a soma menor pareceu ser inicialmente aceita pelos conservadores republicanos, o valor de 534 bilhões de dólares, informado mais tarde, não passou despercebido. Ainda assim, no final foram 220 votos a favor e 215 votos contra, uma diferença de apenas cinco em uma sessão que durou a noite toda. Foi uma situação forjada pelo líder da *Republican House*, Tom DeLay, e pelo presidente da assembleia, Dennis Hastert.⁴³

Mas ainda há mais entrelinhas na história. Pouco mais de um ano após a lei ser aprovada, o orçamento da Casa Branca para a Lei da Modernização da Medicare dobrou o custo dos medicamentos supostamente gratuitos e o valor saltou para algo estimado em 1,2 trilhões de dólares.⁴⁴ É tão absurdo que poderia ser um daqueles filmes nos quais o matador de aluguel econômico vende um projeto suicida a uma nação de terceiro mundo. E agora, enquanto os cidadãos engolem a amarga pílula da dívida da saúde, Tio Sam assina cheques e mais cheques para a “Grande Farmáfia”.

Mas não é por acaso que a indústria farmacêutica é o empreendimento mais lucrativo do mundo. Em seu livro, *A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos*, a médica Marcia Angell, primeira mulher a trabalhar como editora-chefe do *New England Journal of Medicine*, afirma que em 2001 as

principais empresas farmacêuticas de uma lista publicada pela revista *Fortune 500* tiveram lucro líquido de 18,5% enquanto o resto da lista, de empresas de outras áreas, teve apenas 3,3%. Os bancos, com 13,5%, foram os únicos que se aproximaram do patamar da Grande Farmácia.⁴⁵

Outra informação surpreendente é a de que, em 2002, os 35,9 bilhões de dólares em lucros arrecadados pelas dez principais empresas farmacêuticas da lista da *Fortune 500* foram maiores do que o lucro de todas as 490 empresas do resto da lista juntas!⁴⁶

DIGA SIM ÀS DROGAS

O desafio da Grande Farmácia e de seus acionistas está nos custos de desenvolvimento, testes e divulgação de novos medicamentos. É muito mais lucrativo encontrar novos usuários para as drogas antigas, aumentar a liquidez daquelas que já existem no mercado ou fazer pequenas modificações nas fórmulas e vender os produtos como novidade. Consequentemente, o trabalho dessas empresas exige uma grande dose de criatividade para encontrar novas maneiras de expandir o uso das drogas já desenvolvidas sem ampliar custos.

Um bom exemplo é o das estatinas, família de medicamentos usados para regular os níveis de colesterol no sangue. Nas duas últimas décadas, as pessoas tem sofrido uma pressão cada vez maior por parte das autoridades de saúde para medir seus níveis de colesterol e controlá-los quando estão acima da média recomendada. Níveis elevados de colesterol representam sério risco em termos de doenças cardiovasculares e podem levar a efeitos indesejados e potencialmente fatais, como ataques cardíacos e angina.

No início, as estatinas foram introduzidas no mercado com nomes comerciais como Lipitor, Crestor e Zocor, e eram prescritas a pessoas com doenças cardíacas. Com o tempo, a indústria começou a divulgar informações na mídia e aos profissionais de saúde com a intenção de nos fazer acreditar que esse tipo de medicamento seria recomendado para todas

as pessoas. Resultado: as estatinas se tornaram um mercado de 20 bilhões de dólares ao ano. Muito rentável, mas será que as estatinas realmente merecem a reputação de salvadoras de vidas?

Um artigo da conceituada revista médica *The Lancet* apresentou resultados de oito estudos de prevenção de doenças cardíacas revelando que a estatina não é tão eficaz na redução dos riscos de morte quanto se imaginava. Segundo o relatório, o risco de eventos cardiovasculares diminui minimamente com o uso da droga. Os dados mostram que 67 indivíduos precisariam ser tratados durante cinco anos para que apenas um evento médico entre todo o grupo fosse evitado. Uma das descobertas mais alarmantes desses estudos é que não parece haver benefícios para mulheres de qualquer idade com o uso da estatina.⁴⁷

E, além de não ser eficaz, a estatina apresenta riscos. Por exemplo: a lista de riscos e efeitos indesejados do Zocor tem 19 páginas, e com letra bem pequena! As informações são tão extensas que a maioria dos usuários e mesmo os médicos quase nunca as leem.

Mas por que essa situação de uma droga não eficaz e perigosa continua sendo ignorada pelas autoridades de saúde? Pode ser uma questão política ou financeira? Em 2004, o NCEP – *National Cholesterol Education Program* (Programa Nacional de Educação sobre o Colesterol), de um grupo de médicos credenciados reunidos pelo Instituto Nacional de Saúde, recomendou a redução dos níveis aceitáveis de colesterol anteriormente instituídos.

Uma avaliação científica das recomendações do NCEP, publicada nos “Anais de Medicina Interna” em 2006, revelou: “Não encontramos evidência clínica que justifique os tratamentos atuais para o colesterol [LDL]”. O relatório também mostra que a prática recomendada de ajustar a dosagem de estatina para atingir os níveis de colesterol considerados ideais não tem comprovação científica e, portanto, não tem como ser considerada benéfica ou segura.⁴⁸

Pesquisas revelam que uma dieta equilibrada pode ser tão eficaz quanto as estatinas para reduzir o colesterol ruim. Segundo estudos divulgados pelo médico cardiovascular, Dr. Dean Ornish, mudanças no estilo de vida com exercícios, dieta, redução do estresse e atividades sociais podem reduzir o chamado colesterol ruim (LDL) em até 40%.⁴⁹ Um estilo saudável de vida pode até mesmo reduzir as placas de gordura nas artérias, algo que até hoje não se comprovou que as estatinas sejam capazes de fazer.

Insistimos então na pergunta: por que a estatina é tão utilizada? A verdade é que oito entre nove membros do NCEP estão vinculados a empresas fabricantes da droga. Portanto, cada vez que os níveis aceitáveis de colesterol são diminuídos, o número de receitas de estatina gera mais bilhões de dólares de lucro para a insaciável indústria farmacêutica. A editora do relatório do NCEP descreveu a omissão dos conflitos de interesse como “uma falha”.

Sem dúvida!

Ignorando o problema, a *American Academy of Pediatrics* (Academia Americana de Pediatras) estabeleceu recentemente um novo parâmetro de níveis de colesterol para crianças.⁵⁰ Crianças de oito anos de idade ou mais com altas concentrações de colesterol LDL no sangue são candidatas a um tratamento com estatinas durante toda a vida para tentar prevenir a ocorrência de doenças cardiovasculares na fase adulta. No entanto, sem uma comprovação científica de que a droga possa realmente prevenir doenças do coração, viciar crianças em seu uso é algo, no mínimo, questionável. Ah, já nos esquecíamos de que a indústria farmacêutica, assim como todas as outras, não tem obrigações ou restrições morais perante a lei.

E essa mesma indústria, quando decidiu aumentar sua margem de lucro vendendo mais medicamentos para controle de pressão arterial, simplesmente fez com que a indústria médica modificasse o padrão daquilo que é considerado pressão alta. Durante anos uma pessoa só era considerada hipertensa quando sua pressão arterial se mantinha acima de 140/90. Mas,

em 2003, foi instituída uma condição chamada pré-hipertensão aos pacientes cuja pressão arterial fica entre 120/80 e 14/90. *Voilà!* Agora o mundo tem uma nova doença que pode ser tratada com as mesmas drogas de antes, e a indústria farmacêutica tem um novo mercado, com muito mais consumidores.⁵¹

Quando o mercado ficou saturado com as drogas para idosos, a Grande Farmácia também utilizou o expediente de criar novas doenças. Uma das inovações mais recentes foi agrupar diversos componentes da vida diária normal das pessoas, identificá-los como sintomas e classificá-los como distúrbios.

A nova lista de doenças inclui o Transtorno Explosivo Intermitente, que diz respeito a ficar com raiva de vez em quando; a Síndrome Pré-Menstrual (TPM), disfunção associada a qualquer dos 150 sintomas que afetam a fisiologia e o comportamento feminino antes do período menstrual; a Síndrome das Pernas Inquietas, uma necessidade irresistível de mover as pernas a todo instante; o Transtorno de Ansiedade Social, quando a pessoa não se sente à vontade em novas situações. Bem, será que não são coisas que todos nós sentimos de tempos em tempos ou já tivemos um dia?

Se você sente-se vítima desses distúrbios personalizados, a indústria farmacêutica o aconselha a ficar tranquilo, pois eles têm o remédio certo para você. A mídia recomenda: “consulte seu médico”. Mas será que nossa ansiedade não é também resultado de toda a propaganda de televisão mostrando sintomas e doenças e apresentando novos remédios?

Não é difícil vender medicamentos nos Estados Unidos, onde a população está programada para acreditar que todo tipo de doença, de um simples mal-estar a um distúrbio crônico grave, pode ser eliminada engolindo-se uma pílula mágica.

EM BUSCA DE UMA SAÚDE MELHOR

Alem dos custos cada vez maiores do sistema de saúde, cada nova doença descoberta reforça mais nossa percepção de sermos vulneráveis e impotentes na luta pela sobrevivência. Por sorte, as pessoas começam a despertar para o mito da fragilidade.

Seja pelo risco de doenças iatrogênicas ou pelos absurdos aumentos com despesas médicas, cada vez mais pessoas retomam o controle do destino de sua saúde.

No início dos anos 1980, um livro inovador, *A conspiração aquariana*, de Marilyn Ferguson, investigou as consequências de se introduzir a ciência mais recente nas instituições sociais. Marilyn levantou questões do tipo “e se conseguíssemos entender as implicações de um Universo einsteineano em que a energia invisível governa a matéria?” e “como essa descoberta afetaria áreas como educação, economia, política, negócios e saúde?”⁵²

Ela previu mudanças radicais e um verdadeiro despertar evolucionário que resultaria em uma sociedade mais cooperativa e em um novo ser humano. Sua mensagem se baseia na antiga máxima espiritual segundo a qual manifestamos aquilo em que acreditamos. Crer para ver.

Quando o livro foi publicado, em 1980, a autora tinha esperança de que as instituições abraçariam os conceitos. Mas a maioria se mostrou resistente e disposta a manter os padrões materialistas. Porém, uma área em que as ideias holísticas fizeram sucesso foi a dos tratamentos de saúde.

Por quê? Bem, porque os problemas institucionais e governamentais da área médica acabaram se refletindo nos lares e nas famílias, onde a saúde é uma questão pessoal. Aqueles descartados pelo sistema tradicional, ou seja, aqueles que não têm convênio ou assistência médica do governo, ou mesmo os pacientes terminais, começaram a buscar alternativas e, com isso, acabaram recuperando o poder de decisão sobre seus corpos e sua saúde.

O resultado é que, atualmente, mais da metade da população dos EUA faz uso de terapias alternativas. O motivo é bem simples: em muitos casos,

o tratamento alternativo mostra-se muito eficaz, mais barato e mais seguro do que o alopático.

Mas as mudanças não ocorrem tão rápido. Precisamos ter a mente aberta e uma percepção aguçada para enfrentar o condicionamento que o poder do dinheiro e da matéria estabeleceu no território invisível de nossas mentes.

ARMAS DE DISTRAÇÃO EM MASSA

ESPAÇO INTERIOR: A ÚLTIMA FRONTEIRA

Antes da queda da União Soviética, um grupo de escritores russos, em viagem aos EUA, fez uma descoberta surpreendente. E não foram os arranha-céus, os carros mais modernos ou a imensa variedade de marcas de sabão em pó nos supermercados. O que eles descobriram, depois de ler os jornais e assistir à TV, foi que a opinião de quase todos os norte-americanos sobre os assuntos mais importantes era a mesma. Um dos russos comentou: “Em nosso país, para fazer a população concordar com tudo, temos uma ditadura. Prendemos as pessoas. Arrancamos sua unhas uma por uma. Aqui não é necessário fazer isso. Como funciona? Qual é o segredo?”⁵³

O segredo é o uso de armas de distração em massa e de decepção em massa, para dominar as pessoas sem deixar as marcas do domínio impressas em suas peles.

A última fronteira para o controle planetário não é o espaço sideral, é a mente.

Como já vimos, o poder evoluiu da força bruta para o domínio econômico e depois para uma combinação dos dois. Os mestres da Era da Informação descobriram como alcançar os recônditos de nossa consciência e moldar nossas vidas sem que nos déssemos conta.

Para entender como isso aconteceu, vamos conhecer a vida e a história de um dos maiores manipuladores da Era da Informação: Edward Bernays.

A MÁQUINA DE LAVAGEM CEREBRAL TRAVOU NA CENTRIFUGAÇÃO

Bem, você deve conhecer a profissão de Relações Públicas. Mas provavelmente jamais ouviu falar de Edward Bernays. Ele ficou conhecido como o “pai das relações públicas” e, sem dúvida, é uma das figuras mais influentes da atualidade.

Por quê? Utilizando os princípios teóricos de seu tio, Sigmund Freud, e do psicólogo russo Ivan Pavlov, famoso por seus cães salivadores, Bernays foi o primeiro a aplicar técnicas de programação subconsciente na arte e na ciência da comunicação em massa. E não é por coincidência que seu trabalho refletiu o credo do século 20, da Primeira Guerra Mundial à Guerra Fria, seguindo o princípio de que neste Universo de aleatoriedade no qual vivemos somente a matéria existe.

O primeiro emprego de Bernay foi durante a Primeira Guerra Mundial. Ele trabalhou para o *Committee of Public Information* (CPI) (Comitê de Informações Públicas), dirigido por George Creel. Ficou impressionado com a propaganda de guerra criada ali e com o crescente poder de persuasão e de influência da mídia dos meios de comunicação em massa. Além do *slogan* oficial, “fazer do mundo um lugar seguro para a democracia”, os propagandistas criaram o clássico cartaz de um soldado alemão com aspecto ameaçador e a frase: “Lute contra os alemães usando os grilhões da liberdade”.⁵⁴



“Lute contra os alemães usando os grilhões da liberdade”. Cartaz que ajudou a incitar os norte-americanos durante a Primeira Guerra Mundial.

Uma parte importante de toda guerra é desumanizar o inimigo de tal maneira que matá-lo passe a ser algo tão corriqueiro como pisar em uma barata.

O CPI inventava atrocidades e reciclava mentiras de guerras anteriores. Assim como os criadores da propaganda política de hoje, eles sabiam que histórias e imagens negativas têm o poder de instigar raiva nas pessoas e dirigi-las convenientemente contra uma pessoa ou nação. Foi assim que os EUA iniciaram a Guerra Fria contra os Comunistas Vermelhos e guerras quentes contra os alemães, japoneses, vietnamitas, asiáticos e árabes.

Com o fim da guerra, Bernays voltou sua atenção para os problemas da paz. Em seu livro *Propaganda*, ele afirma: “Obviamente, foi o grande sucesso da propaganda durante a guerra que abriu os olhos dos mais sagazes em todos os segmentos da sociedade para as possibilidades de domínio da mente pública”.⁵⁵ Bernays se considerava um progressista, porém considerava as massas “um rebanho que precisa de guia” e escreveu

abertamente sobre sua missão de “controlar as massas sem que elas percebessem”.⁵⁶

Já viu uma mulher fumando? Agradeça ao gênio Edward Bernays. Nos anos 1920, uma mulher que fumasse seria motivo de escândalo. Identificando um mercado ainda inexplorado naquela época de mudanças, a *American Tobacco Company*, fabricante dos cigarros *Lucky Strike*, contratou Bernays para desenvolver uma campanha. E como sua marca registrada era a autopromoção, ele considerou o resultado desta campanha um dos maiores fenômenos de Relações Públicas do século.

Em 1929, para os desfiles de Páscoa comuns em Nova Iorque e em outras partes do país, Bernays contratou jovens bonitas para desfilar como sufragistas e fumar durante o evento, transformando o moderno e, então, rebelde ato de fumar em um símbolo de moda e de liberdade. Os jornais divulgaram alucinadamente o fato, e a sociedade, chocada e ao mesmo tempo fascinada com a ideia, passou a aceitar que mulheres fumassem.

No entanto, quando os efeitos tóxicos do fumo ficaram conhecidos, Bernays até tentou, embora sem sucesso, convencer a *Public Relations Society of America* (Sociedade Norte-Americana de Relações Públicas) a não trabalhar mais com a indústria do tabaco.⁵⁷

Mas houve situações nas quais ele não se preocupou com o resultado de suas ações. Uma delas foi durante uma campanha a ser desenvolvida para a *United Fruit Company*. A empresa o contatou em 1951, para ajudar a resolver um problema na Guatemala. Qual era o problema? Democracia. O recém-eleito presidente Jacob Arbenz havia prometido iniciar uma reforma agrária e devolver aos cidadãos seus bens de direito. Mas a maior latifundiária do país, *United Fruit*, decidiu boicotar a reforma e contratou Bernays para influenciar o governo dos EUA a agir em seu favor.⁵⁸

Consciente de sua habilidade em fazer propaganda, ele insinuou publicamente que o novo governo da Guatemala era uma “ameaça comunista”. Mas o Presidente Arbenz não era comunista. Estava apenas

interessado em cumprir o que havia prometido em campanha: transformar a Guatemala em um “moderno país capitalista”.⁵⁹ Ainda assim, Bernays organizou excursões de jornalistas à Guatemala, pagas pela *United Fruit*, para que presenciassem manifestações comunistas nas ruas, organizadas por ele mesmo para beneficiar seu cliente.⁶⁰ Obviamente, o trabalho de Bernays para convencer os jornalistas e o público norte-americano foi facilitado pelo McCartheísmo dominante nos EUA na época.

O resultado da campanha? Em 1954, uma operação secreta da CIA, chamada Operação PBSuces, derrubou Arbenz e instaurou no país um regime ditatorial que condenou o povo a 28 anos de sofrimento. A reforma agrária não ocorreu e a *United Fruit* e outras corporações continuaram na privilegiada posição de latifundiárias.

Assim, em uma série de golpes, rebeliões e repressão resultantes da campanha de Bernay, centenas de pessoas morreram e mais de um milhão se tornou refugiada na Guatemala.⁶¹

É fácil admirar Bernays por sua mente brilhante e criativa. Ele não era um homem imoral ou inescrupuloso, apenas via a propaganda como método científico de influenciar as pessoas com um bom propósito. O problema é que se a matéria é a única coisa que interessa, a ciência acaba sendo utilizada por interesses pessoais. Dá para imaginar o que Edward Bernays diria sobre o Pentágono pagar 397 mil dólares a uma empresa de Relações Públicas, a *Rendon Group*, por um contrato de quatro meses, em 2001, para ajudar a vender o bombardeamento no Afeganistão.

Mais uma vez, a lei da selva, sem códigos morais, foi enaltecida e reverenciada: podeis mentir, roubar, trapacear e fazer tudo aquilo que vos agrada para obter felicidade.

MAS TENTAM DESVIAR NOSSA ATENÇÃO DO QUE, AFINAL?

Aqueles que trabalham com manipulação de massa sabem que para nos fazer aceitar e viver de acordo com seus preceitos é preciso desviar nossa

atenção de nós mesmos e de nossas qualidades inatas.

Apesar de convivemos com livros e propaganda que nos ensinam a “sermos o melhor” e a “nadar entre os tubarões”, a maioria de nós não está disposta a tratar aos outros como seres inferiores somente para se destacar. Maltratar pessoas não é algo inato nas pessoas, é algo que se aprende. E os manipuladores de mentes sabem disso. Nossa sociedade é silenciosamente (ou às vezes nem tão silenciosamente) programada para acreditar que dor na consciência é sinal de fraqueza.

Uma amiga nossa recebeu uma proposta de trabalho com salário muito bom. Quando descobriu que a empresa produzia e fazia circular propaganda falsa, recusou a oferta. Seus amigos a criticaram: “Alguém vai ser pago para fazer isso. E por que não você?” Essa repressão a pessoas que tomam decisões conscientes em nome de sua integridade e do bem comum é um sinal de que a sobrecarga de informações e o cinismo geral fizeram que muitos sufocassem dentro de si aquela voz interior que anseia por um mundo mais amistoso e sadio. Ela foi calada pelo diálogo manipulador de dogmas latindo um para o outro em lados opostos de uma linha divisória imaginária. Essa linha divisória imaginária não seria algo implantado em nossa consciência para nos distrair e nos impedir de nos conectarmos uns com os outros? Sim, seria perigoso para quem está no poder, se liberais e conservadores, fundamentalistas e ateus, *hippies* e operários se sentassem e conversassem ouvindo uns aos outros sem barreiras e de modo respeitoso. Apesar de se encontrarem em posições diferentes, poderiam se surpreender e se encantar com a diversidade e até mesmo com a igualdade de ideias e de sentimentos entre si, haja vista que são todos humanos vivendo no mesmo planeta!

Mas, além de nosso lado benevolente e de nosso desejo de nos conectarmos com as pessoas, somos distraídos para não perceber algo ainda mais importante: nosso poder. O poder de reprogramar crenças e hábitos que não nos servem mais. Pode ser fácil e conveniente culpar aqueles que

nos programaram assim, mas, se pensarmos bem, de quem é a responsabilidade? Nossa. O ruído, a falta de informações e o teatro de marionetes existem apenas para que não prestemos atenção em quem está atrás das cortinas. E quem está ali? Nós mesmos.

Inconscientemente, durante nosso período de desenvolvimento adquirimos paradigmas culturais. Hoje, porém, despertamos para o poder da programação subconsciente e temos liberdade para escolher outros tipos de programação que podem nos oferecer melhor qualidade de vida.

Quando nos despimos, individual e coletivamente, da crença de que dinheiro é sinônimo de poder e só a matéria existe, concedemos a *nós mesmos* o poder de levantar a cortina e nos livrarmos de toda essa mer... (ops), dessa mercadoria inútil que carregamos.

Como resultado desse processo emerge um novo paradigma que requer toda a nossa atenção, consciência e participação ativa, tanto dentro de nós quanto em nossa relação com as pessoas. É um processo que nos levará a uma iluminação coletiva.

Neste capítulo pudemos perceber melhor onde estamos, para onde vamos e onde iremos parar se continuarmos neste caminho. Esperamos que as informações oferecidas neste livro contribuam para a mudança nos padrões culturais contemporâneos, pois não podemos, em sã consciência, continuar a alimentar esse distorcido paradigma de hoje, que prega que o Universo é puramente material.

E também não podemos retornar ao paradigma totalmente animista dos povos indígenas ou à época dos Fundadores dos EUA, quando a Constituição foi criada.

A única direção a seguir é para frente. E é um caminho que exige que estejamos mentalmente sãos.

* Audácia. (N.T.)

Da loucura à sanidade

"Se você não aguenta mais tanta loucura, só resta uma coisa a fazer: interne-se em uma instituição de saúde mental."

SWAMI BEYONDANANDA

BEM-VINDO AO ASILO DA SANIDADE

Como em todo programa de recuperação, a estrada de volta à sanidade começa quando reconhecemos o problema. Chegamos de uma viagem corajosa pela terra inóspita da disfuncionalidade. Passamos por crenças falsas, obsoletas e antes julgadas inquestionáveis, como a da primazia da matéria, a sobrevivência dos mais fortes, o determinismo genético e a evolução aleatória. E já sabemos que nenhuma delas funciona de verdade.

Porém, saindo um pouco desse conglomerado de crenças invisíveis que até agora governaram e limitaram nossas vidas, reconhecemos que criamos um mundo que reflete a imagem distorcida de nossos maiores medos e hábitos inconscientes. Agora que enxergamos a verdade, o resto de *Evolução espontânea* se concentrará em outra verdade, a grande oportunidade de nos tornarmos cocriadores de nosso mundo.

Iniciaremos a segunda parte de nossa jornada destrinchando o conceito de sanidade.

Primeiro, ter sanidade e ser normal não são necessariamente a mesma coisa. Sanidade não é um estado que se pode medir e quantificar facilmente.

Segundo Erich Fromm, psicólogo e filósofo humanista, o simples fato de milhões de pessoas terem os mesmos vícios não significa que esses vícios tenham se transformado em virtudes.¹ A palavra sanidade deriva do latim

sanus, que quer dizer “saudável”. Por terem a mesma raiz, os vocábulos sanidade e saúde estão relacionados. Portanto, aquilo que nos torna mais saudáveis nos torna mais sãos. E vice-versa.

Uma característica da sanidade é representada pela capacidade de um indivíduo julgar ou raciocinar com clareza. É a chamada saúde mental. Indivíduos com dificuldade frequente de raciocinar com clareza são operacionalmente qualificados como insanos.

Em uma cultura coletiva, julgamento e raciocínio são considerados funções do paradigma em vigor. No entanto, se as crenças paradigmáticas de uma cultura são falsas, a população que opera dentro de suas leis não raciocina ou julga os fatos com clareza e discernimento reais. Nesse caso, a comunidade inteira pode ser considerada insana.

Por exemplo: digamos que você se apega a uma crença antiga segundo a qual está destinado a ter câncer de mama ou de próstata. Diante dos novos conhecimentos da epigenética ou da psiconeuroimunologia, o raciocínio que você usou para chegar a essa conclusão é totalmente insano. Por sorte, pode ser apenas uma insanidade temporária, pois, conhecendo a maneira como o ambiente, a percepção pessoal e os estilos de vida influenciam a atividade genética, você teria a oportunidade de influenciar e gerenciar sua saúde.

Como vemos, as percepções culturais distorcidas tiram o poder das pessoas e levam a uma insanidade coletiva que pode ter graves consequências. Neste momento, elas ameaçam nossa sobrevivência. Porém, conforme mencionamos no exemplo, esse estado de insanidade talvez seja uma condição provisória, baseada em condicionamento. À medida que a população se torna mais consciente das distorções e falhas dos quatro mitos do apocalipse, passa a ter oportunidade de utilizar um padrão de raciocínio e de julgamento mais harmonioso e condizente com a sobrevivência individual e coletiva.

A Física Quântica revela que, apesar de nossa crença newtoniana inconsciente de que as partículas são unidades separadas e independentes,

tudo no Universo está interligado de uma maneira que jamais imaginamos. Aquilo que consideramos sólido e tangível, como matéria e tempo, nada mais é do que uma conjunção de partículas que só têm aparência de realidade quando captadas por nossos sentidos.

Como analisaremos, os padrões da Natureza e do Universo se repetem em diferentes níveis de complexidade. Isso significa que nossa saúde não termina em nossa pele, ou, para quem gosta da linha metafísica, na última camada de aura. Da mesma forma que há 50 trilhões de células em nossos corpos, cada um de nós é uma célula no corpo da humanidade. Assim na terra como no céu. Células saudáveis, órgãos saudáveis, organismos saudáveis, organizações saudáveis, biosfera saudável. Estas são as consequências da sanidade.

A sanidade não existe onde se nega de modo conveniente a presença do resto do planeta. A verdadeira sanidade deve enfrentar e ser maior do que a insanidade ao redor e, no processo, oferecer àqueles temporariamente insanos uma nova consciência e um caminho para encontrar a harmonia.

À medida que encorajamos essa busca, ampliamos o poder de um campo morfogenético coerente que já começou a mudar a forma do mundo. Um novo princípio para um mundo são pode ser: a vida é uma jornada de cooperação entre indivíduos capazes de programar a si mesmos para tornar suas vidas cheias de alegria.

Aprofundando um pouco mais o conceito, sanidade envolve integração de opostos em vez da adoção de polos extremos. Imagine viver a vida somente pela metade! Não é de se espantar que nossas instituições sejam tão incompletas. Sanidade significa o todo, a união holística das duas partes que duelam entre si. Poderíamos, por exemplo, retomar o antigo conceito da religiosidade, algo que só faz sentido quando se entende a verdadeira origem da palavra *religião*.

David Edwards, um escritor político inglês, menciona em seu livro, *Queimando toda a ilusão* que a palavra *religião* deriva do latim *religare*, ou

seja, reunir. A palavra também remete aos termos “ligar”, “unir”. E embora o termo “religar” possa ser associado a uma obrigação de permanecer próximo, Edwards tem uma interpretação bastante sã. Para ele *religare* significa resgatar a união do indivíduo com a sociedade, com o mundo e com o cosmos. Esse sentido de religião não está associado a um deus, a uma teologia ou a um dogma específico. Refere-se, acima de tudo, a uma conexão coerente e que não necessita especificamente de um sacerdote mediador.²

Infelizmente, este sentido mais profundo foi enterrado sob uma pilha de dogmas. Todos os “ligamentos” de que a humanidade dispunha para se comunicar com o mundo e com o cosmos foram rompidos quando o materialismo científico se sobrepôs ao monoteísmo.

Em vez de absorver a sabedoria tanto das fontes terrenas quanto das celestes, acabamos deixando de lado tudo que o céu podia nos oferecer. Depositamos toda nossa fé no mundo material e nos permitimos acreditar que o poder seria um excelente substituto para o amor.

Mas hoje a humanidade reconhece que adorar a matéria é um grande erro. Já sabemos que o deus do dinheiro não traz felicidade e não impede o sofrimento.

Portanto, obter a sanidade significa nos libertarmos de uma religião ou de qualquer coisa que negue ou retire nossos poderes. Significa que já passamos da época de obedecer cegamente como crianças ou de nos rebelarmos como adolescentes. Significa que nós, crianças de Deus, devemos deixar de lado a criança e nos tornarmos adultos de Deus.

ADULTOS DE DEUS

O choque do Holocausto fez o mundo questionar seriamente as tradições religiosas. Os judeus, bem como os seguidores de todas as religiões do ocidente, se puseram a pensar: “Se Deus permite uma coisa dessas, quem

precisa Dele?” Os existencialistas foram ainda mais longe e proclamaram: “Deus está morto”.

Enquanto a religião antiga ainda sobrevivia no sul e nas áreas rurais dos EUA, a cultura geral se modificou. Com o fim da década de 1950 e início da de 1960, coisas surpreendentes começaram a acontecer. Mais donas de casa deixaram a rotina do lar para se juntar à força de trabalho. A televisão se tornou a babá oficial e, com frequência, o foco da vida doméstica. A refeição feita em casa e servida na mesa de jantar deu lugar aos pratos rápidos na sala de TV. Para muitos a sinagoga e a igreja se tornaram uma espécie de clube para eventos sociais, pois os valores do materialismo e da ascensão social estavam acima da iluminação espiritual e do desejo de ir para o paraíso.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, as primeiras consequências vieram. Os jovens saíam de casa, se transformavam em *hippies* e voltavam depois de alguns anos com rosários, mantras e um nome em sânscrito quase impronunciável dado por um guru indiano.

Outros voltavam dizendo ter nascido de novo, com a Bíblia sob o braço, gritando o nome de Jesus e colocando em situação embaraçosa até os pais mais religiosos, no afã e idealismo em relação à doutrina de Cristo, seu Salvador. Mas independente do caminho escolhido, neocristão ou neopagão, esses jovens haviam deixado para trás os valores materialistas da geração anterior e descoberto um vácuo espiritual que procuravam preencher.

Foi um momento de mudanças radicais nos EUA. Depois de conversar com centenas de pessoas, o rabino Michael Lerner concluiu que, em uma cultura regida pelo dinheiro e pelo mantra “domine ou serás dominado” no ambiente de trabalho, a população passava por uma modificação espiritual difícil de aceitar em termos sociais e políticos. Em seu livro, *A mão esquerda de Deus*, Lerner afirma que, nos anos 1970, as pessoas começaram a sentir a pressão do materialismo desenfreado, a perda da sensação de comunidade e da conexão umas com as outras.³

Buscando refúgio, corriam para as comunidades espirituais nas quais astutos pastores ofereciam uma combinação de duas coisas ausentes na época: o sentimento comunitário e uma experiência espiritual prática.

No cenário político, os liberais lutavam para entender o fenômeno dos democratas de Reagan, indivíduos cruéis que pregavam valores condizentes com seus interesses econômicos. Enquanto isso, grupos mais conservadores, como a Maioridade Moral e a Coalizão Cristã da América do Norte, procuravam preencher um vácuo espiritual que atribuíam ao humanismo secular e não ao materialismo em si.

Segundo Lerner, os liberais não entendiam a importância e as consequências do vazio existencial que avassalava o país. Como resultado, as soluções liberais se concentravam em aspectos socioeconômicos enquanto as necessidades mais profundas da população eram de natureza psíquicoespiritual.

Ao mesmo tempo, a ascensão do conservadorismo cristão intensificou a separação entre religião e os demais aspectos seculares. O movimento conservador apresentou um contraste benéfico em relação aos valores do mercado, mostrando a maneira como o mundo se encontrava e como ele deveria ser.

As más notícias se convertiam em boas notícias nos locais de adoração onde as pessoas podiam se reabastecer espiritualmente e fazer uma pausa para enfrentar mais uma semana no inferno social. Mas esse “reabastecimento” tinha um inconveniente. Assim como a medicina newtoniana trata os sintomas dos pacientes sem eliminar realmente o problema, milhões de adoradores encontravam nesses lugares um refúgio do mundo “ruim e perigoso” lá fora, sem, no entanto, fazer qualquer coisa para mudá-lo.

Nos anos 1980 e 1990, assistimos ao nascimento da Nova Era e de uma mentalidade espiritual focada no crescimento do indivíduo, mas assuntos mundanos, como justiça social e equilíbrio econômico, eram evitados. O

movimento de crescimento era algo estritamente pessoal. Em uma sociedade baseada na primazia do individualismo, as pessoas desejavam criar uma realidade personalizada. Política? Para que se envolver com isso? No entanto, muitos entre aqueles que procuravam a transcendência prematura das tribulações da vida cotidiana acabaram percebendo que não havia como evitá-la. Não se pode fugir de uma realidade que nós mesmos criamos coletivamente!

Bem, à medida que nos propomos a recuperar a sanidade, precisamos aceitar nosso papel de cocriadores do mundo. Precisamos parar de utilizar os ensinamentos religiosos que nos desabonam e deixar de bancar os frágeis e indefesos. Segundo o filósofo e estudioso de religião comparada Alan Watts, “o erro mais comum das religiões é trocar o real pelo simbólico; ver um dedo apontando na direção correta, mas se agarrar a ele em vez de seguir o caminho indicado”.⁴

Desta vez o dedo aponta para o próximo nível de evolução humana. Será que conseguiremos substituir os antigos dogmas por novas verdades? Temos quatro alternativas de sanidade a considerar:

Alternativa 1. Transformar a liturgia em sinergia. Conforme veremos com mais detalhes na Parte III, o amor universal é algo incondicional. Assim como o Sol, ilumina igualmente a tudo e a todos, sem distinção. Contudo, muitos no ocidente adoram a um Deus condicional, que só oferece amor e aprovação àqueles que seguem as normas religiosas ditadas pelo homem. Alguns, mais extremistas, preferem seitas que pregam a autoflagelação como forma de se manter longe do inferno. Costumamos nos referir a tais seitas como as “menos seguras”.

Uma noção persistente no cristianismo é a do pecado original, o preceito de que todas as pessoas nascem pecadoras e pecar é bastante grave.

Curiosamente, a palavra pecado era um termo utilizado em esportes de arco e flecha e significava errar o alvo. Com o passar do tempo começou a ser utilizada com o sentido de falhar, de não corresponder às expectativas ou

de não se utilizar totalmente o próprio potencial. Nesse caso, todos nós somos pecadores, pois erramos os alvos e deixamos de utilizar nosso potencial na maior parte do tempo, especialmente enquanto ainda aprendemos as lições da vida*. E até as bactérias mutantes podem ser consideradas pecadoras, pois erram o alvo genético várias vezes até encontrar finalmente a solução para seu problema. Sob o ponto de vista tradicional, o Paraíso é um lugar onde talvez chegaremos em um futuro distante. Sob o ponto de vista quântico, em que não existe tempo, apenas o momento presente, um paraíso em um futuro distante não faz o menor sentido. Se pararmos para pensar, tudo o que podemos fazer neste momento é sermos aquilo que somos, o que, por si só, já é um paraíso. Ou seja, Paraíso é um estado de espírito e não um lugar. Quem sabe daqui a algum tempo não iremos ler em um adesivo de carro: “Não sou perfeito. Só estou tentando ser eu mesmo”.

Portanto, se queremos atingir a sanidade precisamos mudar o foco, deixando de lado o conceito tradicional de religião e começando a praticar o conceito de que o Céu está aqui mesmo.

Alternativa 2. Trocar o modelo de punição por um modelo de aprendizado. Se pecado significa errar o alvo, com a prática deveríamos ter aprendido a acertar com mais frequência. Isso nos faz pensar sobre quão insana é nossa sociedade ao manter o foco na punição.

Punição não é algo natural. Não existe na Natureza. Imagine o estômago se recuperando de um vírus e o esôfago dizendo: “Que vírus coisa nenhuma! Você é que é preguiçoso. E, para aprender a não regurgitar mais, vou deixar você sem comida!”

Punição não existe na Natureza, mas as consequências existem e são bem reais. Para os 95% de nós que não somos psicopatas incorrigíveis é mais prático evoluir através de aprendizado do que de punição. Precisamos parar de nos punir ou de inconscientemente achar que merecemos punição. A lei do carma e a aceitação das consequências de nossos atos representam um

passo evolucionário que nos distancia da represália ou da autopunição. Em outras palavras: o que aconteceria se as bactérias, diante da necessidade de entrar em processo de mutação para não morrer, se autoflagelassem cada vez que uma tentativa desse errado? Isso ajudaria a apressar o processo ou a obter melhores resultados? Acreditamos que não.

Trocar o pecado pelo aprendizado nos ajuda a criar maior empatia por nós mesmos e pelos outros. E permite nos concentrarmos nas consequências de nossas lições e no desenvolvimento do senso de responsabilidade para atingirmos nossos alvos com mais facilidade.

A evolução da cultura humana, como a dos indivíduos, funciona mais ou menos como o processo de tentativa e erro das bactérias. Cada passo, seja ele considerado uma grande descoberta ou um grande erro, é uma mutação que faz parte da jornada evolucionária. Thomas Edison, por exemplo, só conseguiu inventar a lâmpada por meio de um processo de tentativa e erro. E todos nós deixamos de ser vítimas e passamos a atuar como participantes conscientes do processo quando aprendemos com nossos erros e colocamos em prática o conhecimento adquirido.

Alternativa 3. Deixar o papel de vítima e passar a atuar de forma participativa e consciente. O físico de Princeton, John Wheeler, colega de Albert Einstein, chegou à seguinte conclusão, depois de muito estudar o papel da humanidade neste mundo: “Tínhamos a ideia de que havia um Universo lá fora, mas nos colocávamos na posição de observadores confortavelmente protegidos por uma barreira de vidro. Agora, com o advento do mundo quântico, descobrimos que até para observar um objeto minúsculo como um elétron precisamos quebrar este vidro (...) para que a velha palavra *observador* seja substituída por *participante*”.⁵

Ao dizer isso, Wheeler mostra que as implicações da Física Quântica nos levam a criar a realidade através de nossa percepção.

Estudando a noção de Wheeler sob um ponto de vista lógico, chegamos à conclusão de que *nenhum futuro* é certo. Existe a probabilidade de que

determinadas coisas venham a acontecer, mas o resto é mera possibilidade. O grande campo criado com nossos pensamentos coletivos influencia todos os resultados possíveis. O que os teólogos chamam de livre-arbítrio é, na verdade, o nosso poder de participantes e cocriadores.

Nosso Universo não é regido por leis vindas do alto. Elas partem daqui mesmo, de nossos pensamentos coletivos que se unem, estabelecendo coerência e criando uma realidade (ou várias). Um exemplo disso é o Armagedon, que não é uma eventualidade ou mesmo uma obrigatoriedade, porém uma questão de escolha. Se uma quantidade suficiente de pessoas no planeta acreditar que ele ocorrerá, certamente irão encontrar uma maneira de fazê-lo se tornar realidade. E o mesmo pode ocorrer na realidade alternativa do “Desarmagedon”, desde que um número suficiente de pessoas escolha esse futuro para o mundo.

Mas será que Deus ou alguma Presença Divina tem influência sobre esse mundo? O teólogo David Ray Griffin afirma que sim. Segundo ele, existe uma influência divina, e ela emana de nossos corações. Quando escolhemos, através de nosso livre-arbítrio, expressar amor e seguir a Regra de Ouro, fazemos com que se manifeste no mundo um Deus de puro amor. Não precisamos nos preocupar com que aparência esse Deus tem ou se Ele ou Ela vive em algum lugar.

A manifestação diabólica do Holocausto, assim como os incontáveis modelos de compaixão coletiva que inspirou, são exemplos de possibilidades de escolha humana. O que chamamos de Messias – “o prometido salvador” – pode ser um projeto nosso, não necessariamente enviado dos céus. É uma escolha que fazemos coletivamente. O teólogo Griffin afirma que “Deus é persuasivo, não coercivo”.⁶

Alternativa 4. Mudar da separação para a conexão. Os budistas descrevem a participação do homem no mundo como compaixão, uma palavra normalmente mal interpretada no ocidente. Associamos o termo compaixão a um sentimento nobre que envolve se sentir mal ou culpado

porque existem pessoas passando fome em algum lugar. Mas dentro da tradição budista compaixão é algo bem mais complexo. E abrange conceitos que aparecem tanto na Física Quântica quanto na Biologia celular.

Em seu livro *Um chamado para a compaixão*, a autora Aura Glaser se refere à compaixão como “a prática da iluminação”. Dizendo de outro modo, iluminação é algo que podemos cultivar diariamente em uma vida baseada em compreensão saudável do espaço que nos cerca e de nossa relação com ele. Segundo a autora, um *Bodhisattva*, ser humano cuja vida é dedicada ao despertar do coração e da mente, cultiva o conceito de que amar a si mesmo e aos outros é a mesma coisa. Glaser define compaixão como “uma expressão da liberdade humana que emerge da consciência intuitiva da unicidade da vida e de todos os seres vivos”.⁷

Essa compreensão de que todas as coisas estão interligadas e o estilo de vida que emerge dessa compreensão configuram a chave da evolução espontânea. O escritor e palestrante Gregg Braden, autor de *A matriz divina*, viajou ao Tibet em busca do estabelecimento de uma conexão entre a Física Quântica e a sabedoria antiga. Com a ajuda de um tradutor, perguntou ao mestre de um monastério budista: “O que nos conecta uns aos outros, ao mundo e ao Universo? O que é essa força que se manifesta em nossos corpos e mantêm as partículas do mundo unidas?”⁸

O *geshe*, ou mestre, respondeu imediatamente: “Compaixão é o que conecta tudo”. No dia seguinte, outro monge explicou a resposta: “Compaixão é tanto uma força do Universo quanto uma experiência humana”.⁹ Em outras palavras, compaixão é tanto o campo de energia quanto a intenção que damos a ele.

Para os budistas, o uso do livre-arbítrio tem impacto direto sobre a humanidade como um todo. A reverberação de nossas ações no tempo e no espaço é chamada *carma*. A percepção da ausência do “eu”, normalmente associada ao significado de compaixão, é, na verdade, uma forma de egoísmo divino em que dois “eus” são servidos simultaneamente. Há o pequeno eu

do indivíduo e o grande Eu da existência coletiva. Essa antiga crença corresponde à nossa consciência evolutiva segundo a qual cada indivíduo é uma célula do grande corpo da humanidade e deve agir simultaneamente em seu próprio interesse e em benefício do sistema como um todo. Não é de se estranhar que Glaser se refira aos *Bodhisattvas* como “cidadãos do universo”.¹⁰

A ciência trouxe ao mundo incontáveis benefícios. O fato de que Gregg Braden e outros cidadãos da civilização ocidental tenham tomado um avião para visitar uma cultura no outro lado do mundo é apenas um exemplo dos benefícios da tecnologia. Enquanto muitos desdenham a tecnologia, nós a vemos como um elemento inerente e fundamental da evolução. Considere o fato de que as células, ao criar o corpo humano, desenvolveram uma tecnologia muito mais sofisticada do que aquela criada pela ciência moderna.

A sabedoria dos dias de hoje é a percepção cada vez maior de que a ciência, sem o espírito, é limitada. Devemos reconhecer e honrar as conquistas da tecnologia da humanidade. Porém, mais do que isso, devemos reconhecer nosso poder individual e coletivo de compaixão para utilizar essa tecnologia com mais sabedoria e a humildade devida. Esse conceito é ilustrado pela história do cientista que escala a Montanha do Conhecimento e, quando chega ao topo, encontra Buda sentado nele.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta o cientista.

– Por que você demorou tanto? – responde Buda, sorrindo.

RECONHEÇA O SEU PODER COM TODA A HUMILDADE

O segredo para manter a sanidade em um mundo insano é entender e manter o relacionamento com a realidade. E a realidade da qual estamos falando não é a realidade absurda da TV, porém aquela que conecta tudo e todos. Como humanos, não temos poderes divinos, mas poderes humanos. Entender a extensão e as limitações do próprio poder e agir de acordo com

ele é o segredo para manter a sanidade individual e contribuir para um mundo mais são.

Não somos vítimas de um Deus vingativo ou de um Universo aleatório. Assim como cada célula de nosso corpo possui informações genéticas, nós também temos a chave da humanidade como um todo. O programa para um futuro feliz está em nós. Precisamos apenas ativá-lo por meio de nossa consciência e de nossos atos. Os pecados de que nos arrependemos tanto são apenas erros (ou mutações, se você preferir). Assim como as bactérias, que enfrentam a terrível escolha entre a mutação e a morte, nós humanos não podemos mais aceitar essa maneira insensata de viver.

Temos o poder de escolher novas respostas. Enquanto algumas delas talvez sejam vistas como erros ou becos sem saída, elas nos levarão na direção de nosso “eu”.

Como adultos de Deus, hoje entendemos que curar o mundo é uma atitude que precisa partir de dentro para fora. Tudo que fazemos individualmente para ser mais coerentes e compassivos se reflete no campo de energia como ondas na superfície de uma lagoa.

Amor gera amor. Quem semeia colhe.

Pessoas coerentes e compassivas não têm necessidade de dominar as outras, muito pelo contrário. Estimulam a cooperação em vez da competição. Por quê? Porque um mundo harmonioso deveria ser o maior interesse de todos. Talvez tenha sido isso que Jesus quis dizer com “os mansos herdarão a terra”.

Para aqueles que já estão envolvidos em práticas de crescimento pessoal e espiritual ou saúde holística, é hora de aplicar esses conhecimentos e sabedoria para o bem do mundo como um todo. Chegou o momento de deixar para trás as limitações da busca individual da riqueza ou da felicidade. Não faz mais sentido ter uma vida equilibrada em um mundo desequilibrado. Está na hora do movimento de resgate do poder individual se expandir e testar os princípios espirituais em uma realidade coletiva.

Oitenta anos atrás, um executivo de 32 anos estava pronto a dar fim à própria vida. Estava falido, todos os seus projetos haviam fracassado, e ele chegou à conclusão de que sua família e o mundo viveriam melhor sem ele. Planejou se jogar no Lago Michigan, mas um pensamento lhe veio à mente. Percebeu que seria um desperdício jogar sua vida fora. Se pretendia se livrar dela, por que não doá-la à ciência? Por que não doar sua vida ao mundo e viver de experiências científicas?

Esse executivo era Buckminster Fuller, e viveu mais 55 anos depois de ter essa epifania. Tornou-se um grande inventor e filósofo, deu ao mundo a cúpula geodésica e o conceito de Espaçonave Terra. Talvez sua vida tenha sido uma mensagem para nós. Quem sabe não tenhamos recebido nossas vidas não apenas para vivê-las, mas para doá-las como uma grande experiência, descobrindo se conseguimos evoluir e crescer juntos? Assim como as bactérias, que vivem correndo contra o tempo, nós também corremos. A questão é: “Será que atingiremos um nível crítico de massa antes de atingir um nível crítico de massacre?”

Se os físicos estiverem certos, a única coisa de que temos certeza é a incerteza. A realidade não acontece se não a fazemos acontecer por meio de nossas crenças coletivas. Mas podemos ter certeza de nossas intenções positivas. Nosso grande experimento envolve aplicar esses propósitos positivos e de amor em nossa existência e ambiente que nos cerca. Em outras palavras, a melhor maneira de aceitar a incerteza do mundo é cultivando a certeza em nossos corações. Não sabemos qual será o resultado, mas sabemos quais são nossos intentos e só isso já basta para modificar tudo. Como Descartes *não afirmou*: “Amo, portanto existo”.

Segundo as tradições espirituais antigas, dos Vedas à Cabala, o mundo que acreditamos ver ao nosso redor é uma ilusão. A cada dia os estudos de Física Quântica confirmam que existe realmente um campo de energia projetando algo a que podemos chamar realidade sobre a matéria. A

separação entre nós e os outros ou entre nós e a Natureza é meramente uma fantasia criada por nossas crenças.

Recuperar a sanidade significa deixar de participar dessa grande alucinação coletiva. Significa que devemos parar de justificar a insanidade com racionalização, desculpas, desejos infundados ou depositando nossa esperança e nossas expectativas em algo ou alguém além de nós mesmos.

Recuperar a sanidade é uma questão de escolha. A boa notícia é que há esperança. Só precisamos ter boa vontade.

Com base na organização de um corpo humano saudável e em condições ideais, este modelo nos oferece uma maneira de renovar nosso Jardim do Éden. Muitas das coisas que tememos são baseadas em erros de percepção programados e em lembranças antigas.

Esperamos que nosso mundo esteja tão lúcido e sadio ao final da *Evolução espontânea* que a ponte que liga nossa realidade a outras, ou melhor, outras à nossa, fique livre e desimpedida.

* Se considerarmos o alvo como nosso objetivo de vida e o centro dele como ações que levam ao Criador, toda vez que erramos, ou seja, cometemos um pecado, nos afastamos desse propósito de aproximação de Deus. Neste caso, pecado é tudo o que te afasta do seu Deus.

PARTE III

Hora de renovar o jardim

“Por que não podemos criar o Céu na Terra
de uma vez por todas? Mas que Inferno!”

SWAMI BEYONDANANDA

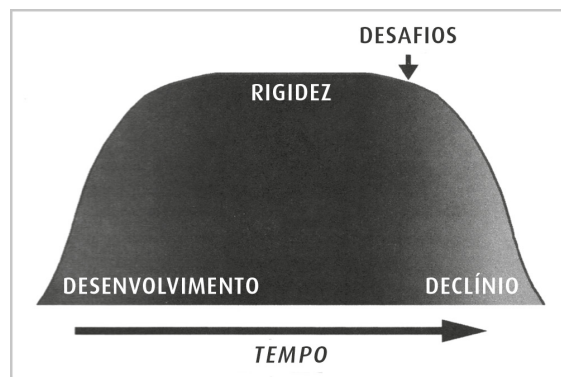
Temos uma boa e uma má notícia. A má: a civilização, da maneira como a conhecemos, está para acabar. A boa: a civilização, da maneira como a conhecemos, está para acabar.

Sim, as crises cada vez maiores que ameaçam nossa existência podem ser consideradas um sinal do fim iminente de nossa civilização. No entanto, por trás de todo esse tumulto na superfície há uma razão mais profunda para os acontecimentos.

As crenças sobre as quais nosso mundo se estabeleceu são as mesmas que nos levam atualmente à extinção. Essa é a má notícia. A boa é que a nova ciência tem colocado em perspectiva tudo aquilo em que acreditamos até hoje. Por definição, uma revisão de crenças paradigmáticas sempre causa uma profunda mudança, à medida que a população assimila uma consciência diferente e mais estruturada.

Outra boa notícia é que nossa cultura não é a primeira a se erguer e depois cair. Três delas (o animismo, o politeísmo e o monoteísmo) já passaram pelo processo e contribuíram para a atual: o materialismo científico. Portanto, o processo evolutivo tem muitos precedentes.

Assim como ocorre com qualquer organismo vivo, o nascimento de uma civilização caracteriza-se inicialmente por um período de desenvolvimento no qual ideias novas são apresentadas ao público. Conforme a sociedade amadurece, esses conceitos são canonizados e se transformam em lei social, levando a uma rigidez nos padrões de comportamento.



O ciclo de vida de uma cultura parte de um desenvolvimento e atinge o ápice quando se estabelece uma rigidez de comportamento, início de sua queda.

Com o passar do tempo, as crenças rígidas inevitavelmente levam a desafios ambientais insolúveis. Nesse estágio, a rigidez cultural inerente às massas se expressa na forma de uma grande resistência a mudanças, mesmo quando confrontadas com crises que ameaçam sua existência. A inflexibilidade em momentos de cataclismos precipita um rápido declínio da sociedade.

A situação do mundo atual revela que nos encontramos em uma fase de agonia diante dos desafios e ameaças globais, crise diretamente relacionada às nossas crenças distorcidas. Entramos em um período de transição de uma civilização agonizante àquela que luta para nascer. Das cinzas da sociedade morta surgirá outra, exatamente como na história da Fênix.

Todos os dias um número cada vez maior de pessoas desperta para essa realidade. A conclusão não é exatamente uma surpresa. O caos e os conflitos são sinais evidentes de um cataclismo. Agora que já sabemos o que vai acontecer, será que estamos preparados para lidar com uma modificação social tão grande? Talvez a pergunta mais importante seja: “Diante da transformação inevitável de nosso mundo, seremos capazes de evitar o trauma de uma mudança brusca e lutar pela cura por meio da evolução?”

A BIFURCAÇÃO NA ESTRADA

Seguimos para a terceira parte da trilha em direção ao ponto de equilíbrio entre o âmbito espiritual e o âmbito material. O que nos espera depende de nossa escolha entre dois caminhos alternativos. Podemos escolher, por exemplo, a permanência na conhecida região das dualidades em choque, na qual os fundamentalistas religiosos e os cientistas reducionistas continuam a polarizar o público. Esse percurso nos levará, obviamente, ao destino que hoje se mostra: o colapso generalizado.

Outra opção é retomar a temperança e assim resolver nossas diferenças, buscando a harmonia em vez da tensão entre extremos. Combinando elementos antes opostos com o objetivo de formar uma unidade funcional, podemos abrir portas, transcender dualidades históricas e evoluir de tal maneira que nos tornaremos uma versão muito mais eficaz e sustentável da humanidade.

O potencial de uma resolução como essa não diz respeito a algo fantasioso como o mundo de Polyana. A visão de um futuro positivo e provável se relaciona à sabedoria de um paradigma. No entanto, não estamos falando de nosso paradigma atual, distorcido e ultrapassado, que contribui para a confusão geral. O paradigma a que nos referimos é algo diverso, baseado na integração da nova ciência e da antiga sabedoria espiritual. Enquanto nenhum nome foi escolhido oficialmente para descrever o modo de existência da civilização emergente, vamos chamá-lo de *holismo*.

Assim como os paradigmas anteriores (animismo, politeísmo, monoteísmo e materialismo científico) o holismo precisa oferecer respostas aceitáveis para as três questões primordiais da existência:

1. Como chegamos aqui?
2. Por que estamos aqui?
3. Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?

COMO CHEGAMOS AQUI? A VISÃO HOLÍSTICA

Os cosmologistas concordam que antes do surgimento da matéria, o Universo era uma grande matriz de potencialidade invisível chamada campo de energia. Após o *Big Bang*, que se calcula ter ocorrido há 15 bilhões de anos, a matéria física foi precipitada para fora e se manteve ligada ao campo desde então.

Os princípios da Mecânica Quântica enfatizam a primazia dos campos de energia e sua influência sobre a matéria. Consequentemente, o Universo material é organizado por informações representadas como padrões de energia. Os princípios da Mecânica Quântica confirmam a teoria de Sócrates segundo a qual modelos invisíveis, ou almas, são responsáveis pelas formas existentes no espaço físico.

Como as informações para dar forma a cada ser existem antes do mundo material, podemos considerar a noção de *criacionismo* na qual a origem de um organismo precede o surgimento deste no planeta, porque é definida no interior do campo.

Durante um período de bilhões de anos a matéria física da Terra se tornando mais complexa como complemento aos padrões de informação invisíveis. Em um tempo linear, os primeiros organismos vivos do planeta foram as bactérias simples. Por meio de mecanismos de mutação e modificações epigenéticas, as células primitivas selecionaram e alteraram o próprio código genético para se adaptar melhor aos diferentes ambientes. Os processos de modificação hereditários forneceram aos organismos um mecanismo que lhes permitiu se adaptar continuamente aos novos ambientes que eram criados.

O mecanismo temporal de transformar matéria física em células e depois reunir essas células para criar organismos mais complexos, como os seres humanos, por exemplo, representa o histórico linear de evolução. Portanto, parece que a origem dos seres da biosfera deriva tanto dos processos criacionistas quanto dos processos evolucionários.

No paradigma do holismo, as polaridades se revelam partes integradas do sistema. Isso se aplica mais especificamente às polaridades ambivalentes da criação e da evolução, intrinsecamente ligadas à dança da vida. O holismo reconhece que tanto a noção criacionista de um padrão pré-existente quanto a teoria evolucionista de como esse padrão se manifesta com o passar do tempo são peças do quebra-cabeças cósmico, e, ao serem colocadas juntas, compõem a realidade.

Veremos, no Capítulo 11, que a Natureza utilizou uma fórmula geométrica para moldar a dinâmica das comunidades dos sistemas de vida. Ao contrário da teoria de Darwin, que sugere uma evolução aleatória, a nova ciência propõe que a evolução representa um método com propósito específico no qual os organismos sobrevivem por meio de adaptação e se associando a comunidades. Cada ser é um membro interdependente da comunidade, contribuindo para o benefício de todos e recebendo benefícios em troca.

POR QUE ESTAMOS AQUI? A VISÃO HOLÍSTICA

Como foi mencionado neste livro, James Lovelock apresentou, em 1972, a hipótese de Gaia. Segundo essa teoria, a Terra e a biosfera formam um complexo sistema integrado que pode ser visto como um único organismo. A hipótese propõe que a biosfera teria uma influência reguladora sobre o ambiente do planeta, equilibrando e mantendo as características físicas deste para garantir a vida.

Ao exercer atividades de sobrevivência como comer, respirar e excretar, organismos introduzidos em um ambiente modificam e alteram as condições originais do nicho ecológico. Para restaurar o equilíbrio, a Natureza se utiliza de mutações adaptativas e de mecanismos epigenéticos que moldam a evolução de novas espécies cujas ações possam colaborar com o ecossistema, compensando as diferenças.

A hipótese de Gaia enfatiza a tendência da Natureza de buscar sempre o equilíbrio e a harmonia. Um exemplo clássico dessa harmonia (tão óbvio que nem percebemos) é a relação entre as plantas e os animais. As plantas necessitam de dióxido de carbono para realizar a fotossíntese e excretam oxigênio, enquanto os animais respiram oxigênio e excretam dióxido de carbono. Um não sobreviveria sem o outro.

Os humanos, como todos os demais organismos da biosfera, existem para ajudar a manter o equilíbrio e a harmonia ambiental. De todos os animais no planeta, somos os únicos a ter consciência de nosso potencial e processo evolucionário. Estamos aqui para utilizar essa consciência e ajudar a manter o planeta saudável.

Podemos comparar o meio ambiente a uma balança de dois pratos. Quando um novo organismo é colocado em um dos pratos, o conjunto se desestabiliza. Para recuperar o equilíbrio, a Natureza elimina o organismo introduzido ou desenvolve outro para contrabalançar.

O impacto de uma espécie no equilíbrio do ambiente está diretamente relacionado à maneira como ele o afeta, pendendo a balança para um lado ou para o outro. A humanidade está baixando completamente um dos pratos. Devemos reconhecer que exercemos grande influência sobre o equilíbrio da Natureza. Ignorar nossa responsabilidade a respeito do bem-estar do planeta tem contribuído para gerar diversas crises que nos ameaçam. Diante desta constatação, é preciso nos conscientizarmos de nosso papel na redução dos danos causados, caminhando em direção à sustentabilidade.

Como Lovelock sugere, a biosfera representa um organismo gigante, vivo e consciente composto de todas as células, plantas e animais do planeta. Cada célula é uma parte integrante dele. Pela evolução das comunidades celulares, foi possível amplificar sua consciência a ponto de criar uma forma de inteligência tão avançada quanto a do ser humano. A história da evolução marca os avanços do desenvolvimento da consciência

por meio da expansão da comunidade. Talvez essa diretiva evolucionária nos ajude a encontrar o rumo para o desenvolvimento de nossa civilização.

AGORA QUE ESTAMOS AQUI, COMO TIRAR O MELHOR PROVEITO DISSO? A VISÃO HOLÍSTICA

Aproveitamos o melhor da vida quando temos a melhor vida que podemos ter. Isso se aplica tanto para nós quanto para os outros e para nosso planeta. Para entender como conseguir uma vida melhor, precisamos olhar para dentro de nosso corpo. Nele existe uma comunidade-modelo de 50 trilhões de células que aprenderam a conviver e a trabalhar em harmonia. E nós podemos aprender a fazer isso também para criar uma civilização saudável, harmoniosa e feliz.

Neste ponto da balança em que nos encontramos, nosso destino é usar a inteligência para criar tecnologias sustentáveis que garantam nossa sobrevivência e diminuam o impacto ambiental. No Capítulo 12, faremos uma jornada sob nossa pele e veremos como as sociedades de células estabeleceram suas comunidades bem-sucedidas. Nosso orgulho arrogante nos fez acreditar que somos as criaturas mais inteligentes da Terra e nenhum outro organismo se compara a nós. Na verdade, muitos cientistas podem afirmar que os organismos primitivos, como as células, são totalmente desprovidos de inteligência.

Porém é bom esclarecer: foi a tecnologia celular que nos criou! Ao projetar o corpo humano, as comunidades celulares desenvolveram uma incrível tecnologia necessária para manipular, regular e controlar minuciosamente seu meio ambiente. E o mais irônico é que a maioria dessas invenções ainda estão muito além de nossa compreensão. Portanto, ainda temos muito o que aprender com as células.

A tecnologia é um elemento essencial no processo evolutivo. Considerando que seguimos uma jornada evolucionária semelhante àquela das células, também estamos destinados a utilizar a tecnologia para manter a

vida. Isso vai contra os argumentos dos Luditas*, que preferiam ver a humanidade sacrificar a própria tecnologia e voltar ao Jardim do Éden como animais sem pelo.

Na verdade, nosso destino evolucionário é habitar outra vez o Jardim, porém em plena consciência do percurso. Da mesma maneira que os mecanismos celulares contribuíram para o sucesso das comunidades de células do corpo humano, precisamos reconhecer que a nossa tecnologia é capaz de contribuir para o sucesso das comunidades humanas no planeta.

O gráfico a seguir compara as crenças do paradigma vigente, do materialismo científico, com aquelas do paradigma do holismo. As respostas às questões primordiais da existência são, obviamente, muito diferentes, e a consequência disso é que a civilização, da forma como a conhecemos, deixará de existir.

Questão Primordial	Materialismo Científico	Holismo
Como chegamos aqui?	Por meio de ações aleatórias da hereditariedade.	Por meio de uma combinação de criação e evolução adaptativa.
Por que estamos aqui?	Para crescermos e nos multiplicarmos.	Para cuidar do Jardim e adquirir conhecimento para a evolução da humanidade.
Agora que estamos aqui, como tirar o melhor proveito disso?	Vivendo segundo as leis da selva.	Vivendo em equilíbrio com a Natureza e reconhecendo que tudo está conectado.

As questões primordiais respondidas pelo paradigma do materialismo científico e pelo paradigma do holismo.

Quando a civilização evoluir para o paradigma do holismo, teremos concluído um ciclo completo. Poderemos então readquirir a sabedoria de nossos ancestrais animistas, que honravam nossa ligação com a Terra e reconheciam a influência do que chamamos campo de força ou espírito, aquilo que molda nossa existência material a cada instante.

A população humana desperta rapidamente para o fato de que a chave para uma vida feliz e saudável em nosso Jardim é o reconhecimento de que somos células do grande corpo da humanidade e, por esse motivo, devemos regar e cultivar nosso meio ambiente de modo consciente.

O Universo parece estar em uma espiral de desenvolvimento evolucionário que se amplia cada vez mais. Depois de refletir sobre o passado e avaliar o presente, estamos prontos para estabelecer os parâmetros de um futuro mais saudável. Estamos prontos para deixar para trás a programação de medo que nos escravizou e inibiu nosso crescimento durante tanto tempo. Aprendemos que o caminho para a cura e a libertação está na união das polaridades que dividiram nossa cultura. Humanos de todas as partes do planeta estão prestes a aceitar seu “destino manifesto” de cocriadores.

UM ESTADO DE “VISÃO EMERGENTE”

Como já mencionamos, as crenças do antigo paradigma exercem sua influência invisível por meio de cada instituição da sociedade e também de conceitos firmemente enraizados em nossa psique. Para que a transformação ocorra é preciso que uma grande massa crítica de pessoas se desfaça dessas crenças obsoletas e invista em novas formas de consciência e em atividades em harmonia com o novo paradigma emergente.

Para colocar ordem no Jardim é preciso renovar tudo. As crenças do materialismo científico que montam guarda nas portas de nossa percepção devem ser aposentadas e postas definitivamente de lado. Precisamos de um paradigma que ajude a estabelecer a união da nova ciência com a antiga sabedoria espiritual e que transforme as velhas dualidades em um mundo integrado, de visão holística.

Na Parte III, saímos de nosso atual estado de emergência e declaramos a necessidade de uma “visão emergente”. Oferecemos uma história capaz de nos ajudar a ultrapassar nossa identidade limitada como células individuais e

reconhecer que somos, na verdade, um conjunto indivisível de células interdependentes no grande corpo da humanidade.

Complementando as informações dos Capítulos 11 e 12, a Parte III é feita de quatro capítulos descritivos que aplicam os conceitos de consciência fractal e sabedoria das células aos diversos aspectos de nossa sociedade, como economia, política, consciência individual e compreensão espiritual coletiva.

Cada um desses capítulos, baseado nas descobertas da Biologia e da Física Quântica recentes, sugere ideias e escolhas que aumentam as chances de nossa civilização entrar no caminho de uma evolução espontânea e sustentável.

Uma sugestão apenas. Talvez dez mandamentos sejam demais. Talvez, neste momento, a humanidade precise de apenas uma informação: “Estamos juntos nessa”. O Capítulo 13 explora a misteriosa e invisível força que molda e conecta a todos nós, partículas de um grande campo de sonhos. E mostra que a sobrevivência da civilização, em um paradigma holístico, depende de adotarmos a Lei de Ouro como sistema-padrão.

Uma comunidade saudável. Somos células do corpo da humanidade e cidadãos da biosfera. Logo, precisamos declarar nossa economia e nossa ecologia como algo uno e inseparável. As palavras *economia* e *ecologia* derivam do grego *oikos*, que significa “casa, unidade doméstica ou família”. Era a unidade básica da sociedade na maior parte das antigas cidades gregas, em termos de bem-estar financeiro e ambiental.

O Capítulo 14 trata da nova ciência e das tendências de sustentabilidade que podem ajudar a estabelecer uma economia em harmonia com o planeta e com as verdadeiras necessidades humanas. Ou seja, o verdadeiro *oikos*.

Curando o corpo político. O Capítulo 15 prescreve um tratamento holístico que se diferencia do método newtoniano convencional de mascarar temporariamente os sintomas usando práticas como a repressão política, por

exemplo. Propomos um sistema de justiça mais equilibrado, que poupa a energia e o trabalho de ocultar sintomas e usa essa energia para resolver de verdade os problemas. Se pararmos para ouvir a nossa voz, a voz da população, poderemos recuperar elementos vitais que hoje faltam em nossa comunicação política.

Uma história completamente nova. O Capítulo 16 descreve os processos necessários para o encerramento desta etapa da história do planeta e para o reinício. A nova história une extremos com a intenção de maximizar os benefícios de cada polo e modificar conceitos estáticos resolvendo os problemas sob uma perspectiva mais ampla.

À medida que nos libertamos dos programas limitadores e autodestrutivos tanto em nível individual quanto cultural, nos tornamos coautores dessa história. Como ficaria o mundo se declarássemos o fim de toda dominação, ganância, medo e ódio? E se nos livrássemos de todo ressentimento em uma cerimônia mundial e nos declarássemos curados? E se nossa história terminasse com “e eles viveram felizes para sempre”?

Bem... podemos começar vivendo felizes para sempre agora mesmo. As possibilidades são inúmeras e vão muito além do que se possa imaginar!

* Movimento social inglês do início do século 19 contrário à mecanização do trabalho. (N.T.)

Evolução Fractal

"Quando entendermos a matemática da evolução entenderemos o exponencial da vida".

SWAMI BEYONDANANDA

SERÁ QUE A FUTUROLOGIA TEM FUTURO?

Nas Partes I e II vimos um resumo da história da civilização ocidental pelas lentes de um paradigma em evolução. Sem sair do conforto de nossas poltronas pudemos rever tudo que já aconteceu. Nosso foco foi a maneira como as crenças pessoais influenciam nossa estrutura biológica e as crenças paradigmáticas moldam o destino de uma civilização. Na Parte III deixamos para trás as velhas histórias e começamos a compor os elementos de uma história que nos guiará pelo território inexplorado de um novo milênio.

Iniciamos aqui uma visão diferente, a visão do futuro. Oferecer informações sobre o que virá a acontecer é um desafio certamente maior do que fazer uma análise histórica de nossa civilização. Agora entramos no terreno da previsão, ou melhor, da *futurologia*: previsão sistemática do futuro baseada na análise das tendências sociais.

Previsão é algo que pode variar de um simples palpite a uma dedução lógica. Um palpite é normalmente algo baseado em informações insuficientes e, por consequência, tem poucas chances de estar correto. Já a dedução se baseia em evidências e raciocínio, e por isso tem maior probabilidade de acerto. Ainda assim, a precisão de uma dedução depende de como se interpretam as evidências e do método de raciocínio utilizado. E o mais importante: mesmo uma dedução totalmente lógica pode estar

completamente equivocada caso as crenças sobre as quais se baseia forem imprecisas ou distorcidas.

A *Ford Motor Company* é um bom exemplo do que acontece quando se tenta enxergar o futuro por lentes distorcidas. Em 1958, a empresa investiu 400 milhões de dólares em um projeto tentando chamar a atenção do público e arrecadar mais dinheiro. Utilizando as melhores empresas de pesquisa de mercado da *Madison Avenue*, a Ford criou uma linha de automóveis com a propaganda “ideias para você”. O *Ford Edsel* foi desenvolvido para acompanhar as tendências da época em termos de estilo, e a campanha foi minuciosa e cientificamente calculada para estimular o público-alvo.

O *Edsel*, porém, acabou se tornando o maior desastre da história em termos de marketing. Até mesmo o nome *Edsel* ficou associado a fiascos comerciais. Tudo que não vendesse ou tivesse má fama no mercado passou a ser chamado de *Edsel*. Os especialistas em marketing usam sempre este exemplo para demonstrar a falta de conhecimento das empresas norte-americanas sobre seu consumidor. Um dos principais motivos para o fracasso do *Edsel*, segundo a revista *TIME*, em seu artigo “Os 50 piores carros”, foi: “Os críticos culturais afirmaram que o carro não fez sucesso porque a grade frontal se assemelhava a uma vagina. Talvez. Os EUA dos anos 1950 tinham verdadeira fobia a produtos com aspecto assim”.

Os futuristas que utilizam crenças convencionais e lógica para fazer previsões muitas vezes erram. Assim como os arqueiros, acabam pecando. A gravidade do pecado do que profetiza pode ser medida pelo número de pessoas guiadas pela falsa informação. Imagine as ramificações do pecado de um futurista político, economista ou sociólogo responsável pelo futuro da civilização.

Um trágico exemplo de erro de informações: o Secretário de Defesa Norte-Americana, Ronald Rumsfeld, garantiu ao mundo uma rápida vitória no Iraque. Hoje sabemos que o pecado de Rumsfeld, baseado em evidências

distorcidas, custou e continua a custar para os EUA o preço de um *Edsel* das guerras!

Um bom futurista tem a habilidade de estudar as informações e identificar padrões. Aliás, identificar padrões é um requisito básico no processo de aprendizado.

Quer testar sua habilidade como futurista? Observe as quatro sequências de letras e números a seguir e preveja o número ou letra que viria em seguida.

(1) $13 - 26 - 39 - 52 - 65 - \underline{\hspace{1cm}}$

(2) $C - F - I - L - O - R - \underline{\hspace{1cm}}$

(3) $7 - 3 - B - 16 - 2 - 9 - C - 0 - 4 - H - 1 - 1 - \underline{\hspace{1cm}}$

(4) $3 - 1 - 4 - 1 - 5 - 9 - 2 - 6 - \underline{\hspace{1cm}}$

As respostas só ficam óbvias quando identificamos um padrão. Na linha (1) cada novo número é o resultado da soma do número anterior com o número 13. Na linha (2) a sequência é de um intervalo de três letras do alfabeto. Se sua resposta para (1) e (2) foram 78 e U, parabéns. Você conseguiu prever o futuro!

O problema realmente começa na linha (3), pois, aparentemente, não há qualquer relação ou lógica entre os itens. Consequentemente, qualquer resposta que se dê será, por definição, um palpite. E por se tratar de uma equação aleatória, qualquer palpite pode estar filosoficamente correto ou errado. Ao se utilizar o conceito de um Universo quântico, a precisão do palpite depende do observador.

Para a maioria dos leitores a linha (4) pode parecer mais uma sequência aleatória. Porém, curiosamente, a resposta é 5. Talvez você tenha feito os cálculos e percebido que se trata de uma sequência de números que representa a fórmula matemática de Pi (π). Já a equação (4) é um desafio para os futurologistas, pois alguns componentes da Natureza que parecem

aleatórios são, na verdade, *caóticos* e possuem um padrão subjacente mas ainda não identificável.

Este simples exercício ilustra três pontos fundamentais da futurologia. Primeiro: se um padrão pode ser reconhecido, a possibilidade de acerto da previsão é relativamente alta. Segundo: se os eventos se revelam aleatórios, todas as previsões passam a ser palpites, e as chances de acerto, meramente casuais. Terceiro: a aparente ausência de um padrão não significa que ele não exista. Algumas estruturas possuem um padrão óbvio, outras são facilmente identificáveis, e outras simplesmente não possuem um padrão específico!

A sobrevivência depende do reconhecimento de padrões. Um exemplo básico disso é que a humanidade percebeu, desde cedo, que alguns eventos se repetiam ciclicamente na Natureza, como o dia e a noite, as fases da lua e o ano sideral com quatro estações. A habilidade de observar e prever padrões celestiais foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura e para a evolução da civilização, pois forneceu aos humanos os meios e a motivação para planejar ações futuras como plantar na primavera e armazenar a colheita para o inverno.

Dessa maneira, as primeiras culturas foram capazes de perceber a conexão entre os padrões biológicos de nascimento, crescimento e morte e os padrões cíclicos e sazonais do planeta. Foi tão importante para a sobrevivência que as sociedades ergueram grandes construções e templos, como Stonehenge, na Irlanda, por exemplo, para observar e acompanhar os trânsitos do Sol, da Lua e das estrelas.

Até hoje o calendário nos permite acompanhar os padrões diários, mensais e anuais. Qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo pode saber, por exemplo, a época em que as tartarugas põem ovos na praia de Galápagos ou do retorno de andorinhas a Capistrano.

Quando nossos ancestrais conseguiram estabelecer uma conexão entre os padrões astronômicos e os padrões do comportamento humano,

perceberam que existe uma relação entre os ciclos da Terra e da fisiologia. O fato de tanto o ciclo lunar quanto o ciclo menstrual feminino terem 28 dias, por exemplo, não é coincidência.

Esse elo entre o céu, a estrutura biológica e o comportamento levou as sociedades a criar a ciência e a arte da astrologia. A prática de observar padrões fazer previsões provou ser tão útil que, dos primeiros anos da história até hoje, os governantes e líderes consultam astrólogos para ajudar a prever o destino de suas nações.

Com a introdução de outras verdades culturais pelos monoteístas e, mais tarde, pelos materialistas científicos, a consciência dos ciclos da Terra foi sendo relegada ao nível de mito e utopia. A ciência de hoje considera tais práticas como crendices em desacordo com as leis da Natureza, e a sociedade rejeita as artes divinatórias considerando-as meros rituais metafísicos primitivos.

Talvez a nova ciência mostre que tudo isso se encontra muito além da visão limitada dos cientistas convencionais, que ainda enxergam o mundo por lentes embaçadas e distorcidas dos mitos da história. Felizmente, temos entre nós descendentes de povos indígenas que ainda conseguem falar a língua do planeta, mas seu número diminui a cada dia e por isso precisamos agir rápido, para que sua sabedoria não se perca.

O caráter da civilização contemporânea é marcado pelo que o materialismo científico apresenta como verdades, os paradigmas adotados depois que Darwin apresentou sua teoria da evolução, na metade do século 19. Apesar de suas falhas, esses conceitos que foram aceitos como verdades científicas permitiram o desenvolvimento da tecnologia e o crescimento da civilização como um todo. Ainda assim, mesmo com todos os milagres do mundo moderno, nossa sobrevivência está ameaçada.

Os problemas críticos enfrentados pela humanidade são sintomas que refletem nossa incapacidade de fazer projeções do futuro. Como um foguete

descontrolado, enfrentamos um desastre atrás do outro. É um vetor sem direção específica ou intencional.

O saber convencional é um fator que contribuiu muito para esse curso errático e calamitoso. A forma de raciocínio empregada para estabelecer padrões e fazer projetos pode ser facilmente distorcida por percepções equivocadas, especialmente quando se trata de ter consciência do campo de energia, dos assuntos da genética e da natureza da evolução.

Mas, se queremos ver com clareza para onde vamos, precisamos, em primeiro lugar, entender como chegamos até aqui. Ao consultar a ciência convencional sobre os padrões inerentes à evolução, devemos reconhecer que as crenças darwinianas são limitadas pelo conceito de evolução aleatória e podem distorcer as respostas.

Como a ciência convencional explica como chegamos até aqui?

Ah, através de bilhões de anos de evolução gradual, de mutações aleatórias e de acidentes genéticos.

Bem, se foi assim, podemos imaginar aonde a evolução nos levará...

Sim, a uma viagem inesquecível... para o Inferno.

Falando sério, se a evolução ocorre por eventos aleatórios, como prever nosso destino? Qualquer prognóstico, neste caso, será mero palpite. Um exemplo: quando os computadores se transformaram em um objeto de consumo em massa, os futuristas previram que, nos séculos seguintes, os humanos teriam corpos menores e cabeças maiores em virtude do hábito de passar o dia em frente aos computadores. Porém, se observarmos a epidemia atual de obesidade e a inteligência cada vez menor das pessoas, veremos que essa previsão foi um “*Edsel*” da futurologia!

A NECESSIDADE REALMENTE É A MÃE DA INVENÇÃO

Diante da crise global, a nova ciência apresenta uma história e uma maneira diferentes de ver o mundo. Quando substituímos os mitos paradigmáticos da civilização pela consciência que a nova ciência tem a

oferecer, incontáveis possibilidades começam a surgir. Padrões antes não reconhecidos por conta da distorção nas lentes para enxergar se tornam mais claros.

Um exemplo disso é a questão da evolução da humanidade face às novas descobertas científicas. Ao contrário da afirmação de Darwin de que a evolução ocorre por meio de mutações aleatórias, Cairns descreve mutações benéficas e aparentemente intencionais. O processo de mutação hipersomática estimula um mecanismo evolutivo no qual os organismos possuem a capacidade inata de efetuar mudanças dinâmicas no ambiente modificando ativamente seu código genético.

Os teóricos e estudiosos sobre o tema recentemente retomaram um conceito do século 19 sobre *especiação ecológica*, segundo o qual a evolução de novas espécies se dá por pressão ecológica. Segundo esses teóricos, pequenas variações regionais no ambiente, como as de zonas microclimáticas, influenciam os organismos a se adaptar rapidamente e a modificar sua forma, seu comportamento e a utilizar suas habilidades para sobreviver e se desenvolver sob as novas condições. Vejamos uma experiência que serve de exemplo: dividir uma população de peixes ou de caracóis em dois grupos, colocá-los em ambientes separados (porém com condições idênticas) e introduzir predadores em apenas um deles. Pode-se observar, com o passar do tempo, que a presença dos predadores (alteração no ambiente) influencia drasticamente o curso de evolução da espécie. O mesmo se dá em ecossistemas naturais.¹

Os peixes ou caracóis do ambiente alterado amadurecem e se reproduzem mais cedo, e as modificações resultantes em sua estrutura e comportamento podem ser bastante diferentes daquelas do grupo que se encontra no ambiente seguro. As duas subpopulações de espécies podem diferir totalmente uma da outra se uma delas se vir forçada pelos predadores a viver e se alimentar em áreas que normalmente não frequentavam. Mas, independentemente de essas mudanças serem introduzidas por mecanismos

epigenéticos ou mutações adaptativas, qualquer alteração no ambiente pode levar a formas de desenvolvimento tão divergentes que os organismos não tenham mais como reconhecer ou se reproduzir com membros de sua espécie do período anterior à separação.²

A influência do ambiente foi recentemente demonstrada em estudos genéticos dos micróbios. Tentando determinar o papel do acaso no desenvolvimento evolucionário, os pesquisadores se questionaram: “Se a história da vida pudesse ser revista desde o início, será que se desenrolaria de maneira diferente?”. Para confirmar, introduziram bactérias geneticamente idênticas em tubos de ensaio diferentes, ambos com o mesmo tipo de ambiente estressante, e acompanharam sua evolução durante 24 mil gerações.

Descobriram que “esses miniorganismos se adaptaram da mesma maneira todas as vezes, de acordo com os nichos ambientais disponíveis”.³ Em algumas experiências, as adaptações em culturas diferentes foram surpreendentemente reproduzíveis, seguindo precisamente os padrões específicos de alterações das sequências ATCG do DNA. Independentemente do caminho utilizado, os micróbios em cada tubo acabaram se adaptando, seguindo praticamente os mesmos procedimentos. Isso indica que populações idênticas expostas a condições similares seguem cursos paralelos de evolução. Portanto, por meio desta experiência e das outras que descrevemos, a nova ciência revela que a evolução é diretamente influenciada por determinantes ambientais e que aparentemente não se trata de um processo aleatório.

Se a evolução é realmente moldada por condições ambientais, como sugerem esses experimentos, não será possível prever os processos, quando tivermos mais conhecimento sobre o assunto? A pergunta passa então a ser: “Será possível prever as condições ambientais em um mundo dinâmico?”

Enquanto os *sistemas dinâmicos* parecem funcionar aleatoriamente, Lorenz demonstrou que, obtendo-se informações suficientes, até mesmo

sistemas assim são previsíveis. Sistemas dinâmicos expressam um *caos determinista*, ou, simplesmente, *caos*. Ao contrário das estruturas que apresentam comportamento aleatório, o destino dos sistemas caóticos é previsível e, segundo as experiências de Lorenz, bastante sensível às influências iniciais.

DÉJA VU NOVAMENTE

Além da sensibilidade, sejam dinâmicos ou caóticos, os sistemas apresentam outra característica fundamental: *iteração*. Iteração significa simplesmente a repetição de um padrão, seja de uma estrutura física ou de um tipo de comportamento. Vejamos um exemplo: se alguém tirar fotos da costa de um país através de um satélite, de um avião, de um barco e de um ponto na própria costa e depois delinear a forma em cada imagem, perceberá que todas elas apresentam um padrão autossimilar. Da mesma maneira, em qualquer nível de organização, uma árvore é composta de padrões autossimilares repetidos em uma gama de diferentes tamanhos: a forma do tronco é similar à forma de um galho, que é similar à forma de um ramo.

Em matemática, iteração representa a aplicação repetida da mesma função ou fórmula na qual o resultado de cada passo é utilizado como informação para o próximo (ou iterado). Veja:

O comprimento de uma linha $\div 2 = \underline{\hspace{2cm}}$

Por exemplo:

$$12 \text{ centímetros} \div 2 = 6 \text{ centímetros}$$

Repetindo-se o processo:

$$6 \text{ centímetros} \div 2 = 3 \text{ centímetros}$$

$$3 \text{ centímetros} \div 2 = 1,5 \text{ centímetros}$$

$$1,5 \text{ centímetros} \div 2 = 0,75 \text{ de um centímetro}$$

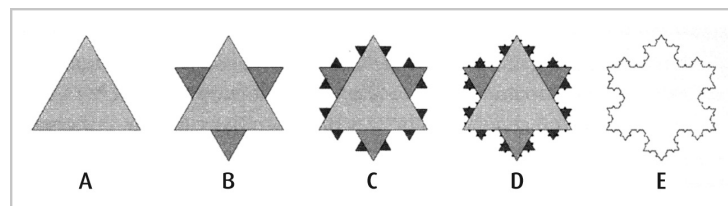
$$0,75 \text{ de um centímetro} \div 2 = 0,375 \text{ de um centímetro}$$

E o mesmo ocorre com cada linha, que terá metade do comprimento da anterior, até que a ponta do lápis seja grossa demais para desenhá-la. Mas a equação iterada continua. Pode-se usar um microscópio para ver as linhas menores. E com um computador pode-se iterar (repetir) a equação infinitamente, criando linhas menores ainda.

Nesta equação iterada, o uso de uma linha de apenas uma dimensão produz somente linhas de comprimento menor. Mas se aplicamos a equação iterada a objetos bidimensionais, como um triângulo, por exemplo, os resultados serão bem mais complexos.

A criação de uma estrutura semelhante ao floco de neve de Koch, que é bidimensional, se inicia com um triângulo equilátero simples e com a aplicação da seguinte equação iterada:

A cada superfície adicione um novo triângulo equilátero. O perímetro desse triângulo é igual ao comprimento da superfície sobre a qual ele se encontra.



O floco de neve de Koch mostra que uma forma geométrica simples, como um triângulo equilátero, se repetida múltiplas vezes, cria figuras de complexidade crescente.

Repetindo-se a fórmula indefinidamente, pode-se adicionar triângulos cada vez menores a cada nova superfície criada.

Na ilustração, o triângulo inicial A é cinza claro. Mas a sombra dos triângulos criados se torna cada vez mais escura em cada uma das três iterações (Figuras B, C e D). A complexidade do processo é revelada na Figura E, na qual todos os triângulos são convertidos em uma única imagem. Como se pode ver comparando o triângulo inicial com o resultado de cada repetição da equação, as iterações subsequentes vão ampliando a complexidade do formato.

O floco de neve de Koch expressa o padrão iterado criado pela utilização de um objeto bidimensional. Mas estruturas muito mais complexas são produzidas quando a fórmula iterada utiliza objetos tridimensionais. Considere o fato de que todas as variações de animais neste planeta, de vermes a baleias, representam sistemas multidimensionais construídos a partir de padrões iterados de células autossimilares. Esses complexos sistemas de organismos vivos, bem como o ambiente em que eles se desenvolvem, são caóticos. Ainda assim, em virtude da modelagem matemática, eles também são (preparado para a notícia?) previsíveis!

Esse conceito de caos previsível é provavelmente o que Galileu tinha em mente ao afirmar que “a matemática é a linguagem através da qual Deus escreveu o Universo”.

FRACTAIS – A MATEMÁTICA E SEUS RESULTADOS

Para sermos capazes de entender como chegamos aqui e para onde vamos, tudo o que precisamos é descobrir o tipo de cálculo utilizado na criação do Universo. E como tentamos entender os padrões do ambiente, mais especificamente aqueles relacionados à biosfera, precisamos descobrir a fórmula utilizada para estabelecer a estrutura física no espaço. É uma missão que envolve geometria, pois, por definição, esse é o ramo da matemática que abrange especificamente as propriedades, as medidas e o relacionamento da estrutura no espaço. A geometria é tão fundamental à organização do Universo, que, muito antes de Galileu, Platão concluiu que “a geometria já existia antes da criação”.

Até 1975, o público em geral só conhecia os princípios da geometria euclideana, descrita em um livro grego antigo, *Os elementos de Euclides*, escrito por volta do ano 300 a.C. Essa é a geometria que a maioria de nós aprendeu na escola e usou para desenvolver estruturas como cubos, esferas e cones em papel quadriculado. A geometria euclidiana nos permitiu

reproduzir o movimento de corpos celestes, construir grandes edifícios e jardins e até espaçonaves e armas sofisticadas.

No entanto, a geometria euclidiana não se aplica às formas da Natureza. Por exemplo: que tipo de árvore se pode criar usando as formas padronizadas e perfeitas da geometria euclideana? Tente se lembrar das árvores que você desenhava quando criança, um retângulo alongado com um círculo na ponta. Sua professora no jardim da infância reconhecia o desenho como sendo a representação de uma árvore, mas certamente não era algo tão parecido com uma árvore de verdade, assim como aqueles desenhos feitos com tracinhos não descreviam perfeitamente uma figura humana.

Com a geometria euclideana e um compasso pode-se desenhar um círculo perfeito, mas não uma árvore como ela realmente é. E o mesmo ocorre com a figura de um inseto, de uma montanha, de uma nuvem ou qualquer outro padrão encontrado na Natureza. A geometria euclideana não funciona quando se trata de descrever a estrutura da vida. Então onde está a matemática descrita por Platão e Galileu, que reproduz os princípios da Natureza?

Tivemos uma pista sobre o assunto há 90 anos, quando um matemático francês chamado Gaston Julia publicou um sua tese sobre funções iteradas. Ele criou uma equação relativamente simples que usava apenas multiplicação e adição repetidas *ad infinitum*. Para visualizar a imagem descrita por sua fórmula, Julia teria que resolver milhões de iterações, um processo que levaria décadas. Ele concebeu, então, o conceito de fractal em termos matemáticos, mas jamais chegou a ver um fractal de verdade.

As profundas implicações da fórmula de Julia só foram reveladas quando sua equação foi resolvida com a ajuda de computadores, em 1975. Benoit Mandelbrot, matemático franco-americano que analisava padrões em sistemas caóticos num laboratório de informática da IBM, foi o primeiro a ver o que Julia só conseguiu imaginar. Mandelbrot ficou extasiado com as

maravilhosas e infinitamente complexas imagens orgânicas geradas pela fórmula fractal. Percebeu que as imagens fractais possuíam padrões autossimilares e repetidos independentemente das escala sob a qual eram examinados. Quanto mais ampliava as imagens, mais similar a estrutura se mostrava.

Inerente à complexidade caótica das imagens fractais é a presença de padrões infinitamente repetidos, aninhados um dentro do outro. Um brinquedo internacionalmente popular, as bonecas russas pintadas à mão que se encaixam uma dentro da outra, servem como exemplo para se ter uma ideia da natureza repetitiva das imagens de um fractal. As bonecas menores são similares, mas não exatamente uma versão exata das maiores dentro das quais se encaixam. Mandelbrot introduziu o termo autossimilar para descrever os objetos observados naquela matemática recém-inaugurada, que ele chamou de *geometria fractal*.



As bonecas russas que se encaixam umas nas outras representam a imagem repetitiva dos fractais.

Dentro da complexidade das imagens fractais, Mandelbrot observou padrões vívidos que lembravam formas comuns na Natureza, como insetos, animais marinhos e árvores. Ao longo da história, a ciência vem documentando a presença de padrões organizacionais autossimilares em diferentes escalas da estrutura da Natureza. No entanto, antes de

Mandelbrot introduzir a geometria fractal, esses padrões autossimilares eram considerados meras e interessantes coincidências.

A geometria fractal enfatiza o relacionamento entre os padrões de uma estrutura inteira e de cada parte dela. Lembre-se dos exemplos da costa de um país e dos ramos, galhos e tronco da árvore mencionada anteriormente. Padrões autossimilares são encontrados em toda a parte, especialmente na estrutura do corpo humano. No pulmão humano, por exemplo, o padrão de ramos das passagens de ar dos brônquios maiores se repete nas passagens dos menores e até naquelas dos bronquíolos. Os vasos arteriais e venosos do sistema circulatório e a rede de nervos periféricos do corpo também apresentam um padrão repetitivo e autossimilar.

Em virtude do fato da geometria fractal ser o princípio das estruturas da Natureza, a biosfera apresenta padrões autossimilares em todos os níveis de sua organização. À medida que nos familiarizamos com os padrões dos níveis mais altos ou mais baixos da estrutura, podemos utilizar fractais da mesma maneira que utilizamos mapas. Eles podem nos ajudar a entender melhor toda a sua composição. Na biosfera, o padrão fractal da evolução humana pode apresentar um padrão autossimilar da evolução de outras estruturas em outros níveis da organização natural.

Ernst Haeckel, famoso embriologista e contemporâneo de Darwin, anunciou inadvertidamente a primeira suspeita de um padrão autossimilar semelhante ao de um fractal em evolução em 1868. E publicou uma sequência de imagens microscópicas, hoje famosas, que comparam os estágios de desenvolvimento embrionário de diversas espécies, entre elas a humana. Ele observou que todos os embriões vertebrados, incluindo os humanos, passam por uma série de estágios similares. E afirmou que, na primeira fase do desenvolvimento, os organismos reproduzem cada estágio de sua ancestralidade evolucionária.

A teoria de Haeckel afirma que *a ontogênese recapitula a filogenia*, ou: “o desenvolvimento é uma repetição da ancestralidade”. Infelizmente, ao

promover suas ideias, Haeckel, exaltado demais com a descoberta, modificou os desenhos para fazer os estágios iniciais dos embriões parecerem mais semelhantes do que realmente são.

Porém, independentemente do fracasso da apresentação das teorias de Haeckel, os embriões humanos adquirem uma série de formas antes de chegar ao formato que lembra realmente um ser humano. Nessa transição, o embrião humano assume uma série autossimilar de padrões estruturais cujo formato lembra os dos primeiros estágios da evolução vertebrada.

O embrião humano em desenvolvimento passa de um formato semelhante àquele de um peixe para outro que lembra o de um anfíbio. E continua a se modificar, passando por uma forma parecida com o embrião de um réptil e depois de um mamífero, até adquirir finalmente a forma humana. Esse processo de evolução do feto, que passa pelas formas de ancestrais biosféricos, é um exemplo de similaridade fractal.

A EVOLUÇÃO DECODIFICADA

A Natureza é realmente uma expressão da geometria fractal? Digitar equações matemáticas simples em um computador, usando um programa de fractais, e criar com isso paisagens realistas e imagens de organismos biológicos pode ser uma evidência mas não é necessariamente uma prova. A aparência de alguns padrões autossimilares na biosfera pode ser uma grande coincidência. A pergunta é: “existe alguma razão funcional para que a evolução da biosfera se baseie em geometria fractal?”

A Natureza é um sistema dinâmico, sujeito à sensibilidade, baseado em processos iterados e matemática do caos. O fato de que a geometria fractal seja a matemática específica a coordenar o sistema caótico indica que a Natureza muito provavelmente é fractal, mas não oferece uma explicação lógica para isso. No entanto, há outra razão para acreditar em mais do que mera coincidência, uma razão estritamente matemática.

Lamarck descreveu a evolução com uma *transformação*, processo linear que se inicia com organismos primitivos e se desenvolve até chegar a algo que ele descreve como “perfeição”. Em seu modelo, vê o processo evolutivo como uma escada ascendente. Os darwinistas também reconheciam uma progressão ascendente na evolução, mas comparavam o processo à imagem de uma árvore. Afirmavam que a maioria das variações aleatórias criadoras de novos organismos eram semelhante aos galhos laterais de uma árvore, pois não contribuíam necessariamente para a ascensão vertical da espécie.

Em uma avaliação mais atual, poderíamos sugerir que a jornada da evolução se assemelha mais à forma de um crisântemo em explosão. As espécies se desenvolvem em todas as direções com o objetivo de habitar todos os nichos disponíveis no ambiente. Os organismos se adaptaram para viver nos mais variados ambientes, do gelo glacial às chaminés vulcânicas; no fundo do oceano; nas rochas estratificadas quilômetros abaixo do solo e em todos os espaços entre elas.

Neste modelo de crisântemo, não faz sentido perguntar: “Para onde a evolução se encaminha?”. Ela segue em todas as direções ao mesmo tempo. Para acompanhar seu curso, precisamos estabelecer um parâmetro que possa ser usado como medida na avaliação dos avanços. Por exemplo: a jornada da evolução da vida marinha tem um significado diferente daquela que acontece na terra ou no ar. Os humanos não se encontram em uma posição tão alta na escala evolutiva em relação a organismos que respiram dentro da água, botam ovos ou voam. Mas em que os humanos se destacam em termos evolucionários, afinal?

Como observadores e participantes da evolução, escolhemos uma pétala do crisântemo como representante de uma característica que acreditamos nos distinguir de outros organismos: a consciência. É a mesma característica usada por Lamarck ao enfatizar o desenvolvimento do sistema nervoso como parâmetro evolucionário. Da mesma maneira, os darwinistas ilustram sua

árvore evolucionária como uma ascendência hierárquica do desenvolvimento do sistema nervoso.

Infelizmente, como apresentado de modo resumido no Capítulo 1 e com mais detalhes no livro *A biologia da crença**, o conhecimento da ciência convencional a respeito da evolução se tornou distorcido pela concepção equivocada de que o núcleo e os genes representariam o sistema nervoso das células.⁴ Daí a preocupação míope e excessiva com a identificação do genoma dos organismos em uma tentativa de mensurar seu avanço evolucionário.

Como já dissemos, o verdadeiro cérebro das células é a membrana. Em sua estrutura há proteínas receptoras que funcionam como dispositivos de percepção. Portanto, o nível de consciência de um organismo pode ser fisicamente mensurado calculando-se o número de proteínas de percepção que ele possui.

No Capítulo 12 apresentamos evidências de que, em virtude de restrições físicas, as proteínas de percepção formam apenas uma camada na membrana. Essa restrição significa que o aumento na população de proteínas está diretamente ligado ao aumento da superfície da membrana. Em outras palavras, para que um organismo possa ter sua consciência ampliada é preciso haver um aumento de capacidade das membranas de suas células.

Esses conceitos mostram que os matemáticos podem calcular o avanço evolucionário mapeando a área da superfície da membrana dos organismos.⁵

Como isso pode ser feito? Segundo William Allman, autor do artigo “A Matemática da vida humana”, publicado no *U.S. News & World Report*, “os estudos matemáticos dos fractais revelam que a estrutura de ramificação dentro da ramificação, uma característica típica dos fractais, é a melhor maneira de se medir a área de superfície de um espaço tridimensional...”⁶ Modelar o processo evolutivo exige o uso da geometria fractal porque ele não ocorreria sem esses processos matemáticos. Consequentemente, a

aparência de padrões autossimilares na Natureza não é mera coincidência. É um reflexo da matemática evolucionária.

As lindas figuras de padrões fractais geradas por computador, como aquelas que adornam as asas de uma borboleta ou a capa deste livro servem para nos lembrar que, apesar de toda nossa ansiedade moderna e do aparente caos no mundo, existe ordem na Natureza. E como essa ordem é composta de padrões autossimilares fractais, não há uma grande novidade esperando ser descoberta.

O mundo esotérico da geometria fractal oferece um modelo que sugere que a arbitrariedade, a aleatoriedade e os acidentes descritos pela teoria de Darwin estão equivocados. Acreditamos que considerar esses conceitos como verdade representa uma séria ameaça à sobrevivência da humanidade e, o mais rápido possível, eles deveriam ser considerados tão obsoletos quanto o de Copérnico, que afirmou que a Terra era o centro do Universo.

PONTUAÇÃO PROPOSITAL

O fato de a biosfera ser fractal não é mais a questão principal. O devemos nos perguntar agora é: “Os organismos biológicos desenvolveram esse caráter por acidente ou de modo intencional?” A teoria darwiniana sugere que a evolução se dá no percurso de mutações aleatórias e que a estrutura e a organização da Natureza são acidentais. No entanto, a recente descoberta dos mecanismos de hipermutação somáticos revela um processo pelo qual as células modificam deliberadamente seus genes para ativar o processo de evolução.

Os estudos de Cairns e de outros cientistas sobre evolução bacteriana demonstram, conforme foi visto, que os sistemas vivos possuem a habilidade inerente de induzir modificações evolucionárias e garantir a própria sobrevivência em ambientes de modificações dinâmicas. Esse mecanismo recém-descoberto de alteração de genes é chamado de *adaptativo, dirigido e*

também de *mutação benéfica*. Independente do termo, o mecanismo é o mesmo: mudanças evolucionárias parecem ser propositais, não aleatórias.

Existe um plano evolucionário no ambiente fractal da Natureza. A evolução foi marcada por extinções em massa cíclicas, aparentemente causadas por cataclismos ambientais, também conhecidos como pontuações, que interromperam períodos de imutabilidade. Seguindo essas alterações, a vida conseguiu permanecer, se desenvolver e prosperar em função dos mecanismos de mutação adaptativa. A habilidade de modificar os genes permitiu aos organismos melhorar sua genética e sobreviver complementando e se ajustando aos novos padrões.

Houve cinco extinções em massa, pontuações evolucionárias que alteraram radicalmente a existência neste planeta. E assim como formas de vida antigas desapareceram com as catástrofes, novas e incríveis variedades surgiram e se aperfeiçoaram.

A descoberta do equilíbrio pontuado coloca em dúvida outro conceito básico da teoria de Darwin: a crença de que a evolução de uma espécie para outra se dá por meio de uma série de transformações graduais que levam uma eternidade.

Conforme expusemos antes, os paleontólogos Stephen Jay Gould e Niles Eldredge concluíram que a evolução resulta de longos períodos de estabilidade periodicamente interrompidos por eventos catastróficos. Em sua teoria da evolução, chamada *Equilíbrio Pontuado*, os dois afirmam que cada catástrofe é seguida de um aumento súbito e significativo no número de novas espécies, o que contradiz a teoria de Darwin. Ou seja, a evolução ocorre em saltos rápidos, não por meio de transições graduais.⁷

As ideias de Gould e Eldredge são absolutamente pertinentes no que diz respeito ao momento atual, mesmo porque os cientistas descobriram que o processo da sexta extinção em massa já começou.⁸ E agora?

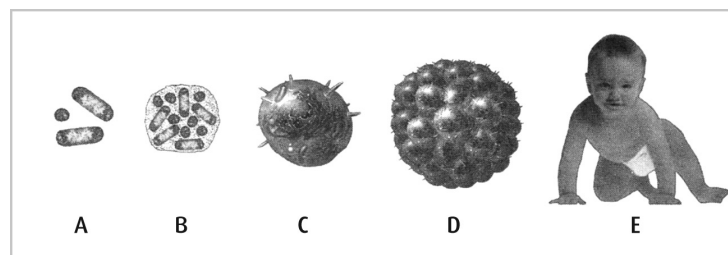
Será que vamos sobreviver? Torcemos para que a teoria da evolução seja atualizada e o público se conscientize das grandes descobertas referentes

ao equilíbrio pontuado, à mutação adaptativa e à epigenética, e assim a pontuação evolucionária da civilização se transforme em um grande e positivo ponto de exclamação!

Se as bactérias podem evoluir de maneira positiva, por que nós não poderíamos? Evoluir intencionalmente? Sim! Essa é a mensagem deste livro.

DE SERES HUMANOS A MEMBROS DA HUMANIDADE

Antes de pensar em onde a evolução fractal nos levará, voltemos um pouco no tempo para observar a história da evolução em termos de equilíbrio pontuado. Se pensarmos em evolução como uma série de períodos de estabilidade interrompidos por cataclismos e seguidos de explosões evolutivas, podemos identificar quatro pontuações principais que mudaram drasticamente o curso do aperfeiçoamento no planeta. O reconhecimento desses padrões oferece informações importantes e com potencial de nos ajudar a amenizar a crise atual.



Esta figura mostra os principais passos evolucionários que levaram à criação do ser humano. A: procariotos individuais livres. B: Comunidade de procariotos em um biofilme. C: Eucariotos desenvolvidos a partir de uma fonte de vida semelhante a um biofilme. D: Organismos coloniais primitivos. Uma comunidade simples de eucariotos. E: Comunidade multicelular diferenciada de eucariotos.

Período procarioto. O primeiro passo no primeiro meio bilhão de anos da origem incandescente da Terra. Foi quando os primeiros organismos celulares se desenvolveram e começaram a povoar os oceanos do planeta. Estas células bacterianas primárias, chamadas *procariotos*, são menores e mais simples, compostas do que se pode chamar uma pequena bolsa de membrana contendo um citoplasma denso. A maioria dos procariotos é

envolvida e protegida por uma cápsula mais rígida de um composto de açúcar. Essa cápsula externa comprime as células procariotas e limita sua habilidade de expandir a superfície de sua membrana.

Em teoria, essa impossibilidade de ampliar a área de superfície da membrana e de desenvolver mais proteínas para ampliar a consciência significa o fim da evolução de um ser vivo. No entanto, a Natureza tinha uma carta escondida em sua manga evolucionária. Em resposta à pressão ambiental gerada pela explosão demográfica das células, o imperativo biológico, que é o instinto de sobrevivência, serviu como força motriz para dar continuidade à evolução dos procariotos.

Em um determinado momento de evolução espontânea, os procariotos desenvolveram um mecanismo para garantir sua sobrevivência. Em vez de tentar aumentar o tamanho e a inteligência de cada célula individualmente, eles se uniram e estabeleceram comunidades para compartilhar e ampliar a superfície de sua membrana e, por conseguinte, sua consciência. Assim, na forma de comunidades, os procariotos se tornaram um grupo de espécies ocupando o mesmo ambiente.

Embora as bactérias sejam vistas como células independentes, hoje reconhece-se que os procariotos unicelulares vivem em comunidades funcionalmente integradas, porém altamente dispersas, onde as células aumentam sua consciência trocando informações químicas à distância.

Com o tempo diferentes espécies de bactérias desenvolveram a habilidade de se unir fisicamente para criar microambientes sustentáveis e controláveis envolvendo a comunidade inteira em uma única membrana protetora. Esse foi o resultado: uma comunidade confinada na qual o ambiente passou a ser mantido pela população de procariotos. Os habitantes dessas comunidades encapsuladas em membranas representavam um complexo funcional e uma sociedade cooperativa de diferentes espécies de bactérias.

Os cidadãos procariotos garantiram sua sobrevivência compartilhando suas funções específicas e seu DNA.

Dentro desses agrupamentos, chamados *biofilmes*, as bactérias se protegiam dos antibióticos e outros elementos tóxicos do ambiente externo que matavam todos os seus parentes que não tinham a sorte de viver em um biofilme.⁹ A natureza resistente e protetora dessas cápsulas permitiu às comunidades celulares se tornarem as primeiras formas de vida a deixar o oceano e viver na terra. Uma curiosidade: você sabia que as bactérias que formam as cáries são, na verdade, comunidades em biofilmes resistentes a nossos esforços de eliminá-las de nossos dentes?

Período eucarioto. A segunda pontuação que deu início a um salto evolucionário ocorreu quando, com o passar do tempo, as comunidades de biofilme de procariotos se desenvolveram e se tornaram uma forma mais avançada de vida chamada *eucarioto*. Para conseguir isso, os micróbios dos biofilmes se transformaram em organelas celulares como mitocôndrias e núcleos, que habitam o citoplasma nas células eucarióticas maiores. Muitos biólogos acreditam que esse avanço organizacional representou um dos eventos mais importantes da história da evolução. Foi uma mudança na estratégia evolutiva da Natureza. Antes disso a evolução era obtida pelo controle da quantidade de consciência em cada célula. A nova estratégia, por sua vez, era combinar a consciência de uma comunidade para formar um novo organismo.

Em seu livro, *Simbiose na evolução das células*, a bióloga norte-americana Lynn Margulis ampliou o conceito de que eucariotos maiores e mais avançados tiveram origem, inicialmente, em colônias de micróbios.¹⁰ Segundo ela, a *simbiose*, união de indivíduos baseada em relacionamentos mutuamente benéficos, é a força motriz da evolução.

Ela também sugere que a noção de evolução de Darwin, que prega a sobrevivência dos mais fortes e uma contínua competição entre indivíduos e espécies, está equivocada. Em seu modo de pensar, a cooperação, a

interação e a dependência mútua entre as formas de vida permitiu uma expressão global da vida. Segundo Margulis, “a vida não tomou conta do mundo através do combate, e sim da integração”.¹¹

Pare por um instante e pense na incrível quebra de paradigma que a evolução dos eucariotos representou e nas maravilhosas possibilidades que uma mudança de comportamento baseada em cooperação humana e simbiose poderia trazer para o mundo atual.

A evolução dos eucariotos seguiu duas linhas diferentes: protozoários animais móveis, como amebas e paramécios, e células de plantas, representadas por algas unicelulares.

As versões animais desenvolveram um citoesqueleto flexível para facilitar o suporte e a mobilidade. Diferente dos procariotos primitivos, cujo tamanho é limitado por uma cápsula constritora, os eucariotos, equipados com uma estrutura mecânica interna, podem crescer e expandir sua membrana de maneira similar a um balão que se enche de ar. Com seu citoesqueleto, as células eucarióticas têm uma área de superfície de membrana centenas de vezes mais ampla e um potencial de consciência muito maior do que as células procariotas individuais.

No entanto, mesmo o tamanho de um eucarioto é limitado. Se ele cresce muito, a pressão gerada pela massa de seu conteúdo citoplasmático causa uma ruptura na membrana, o que leva à morte da célula. Portanto, o eucarioto, assim como seu primitivo ancestral procarioto, atingiu um tamanho limite e não poderia expandir sua consciência sem ameaçar a própria sobrevivência. Esse entrave quanto à expansão da área de superfície da membrana criou uma situação que representou a prévia de mais uma transição evolucionária.

Período multicelular. Durante quase 3,5 bilhões de anos, os únicos organismos neste planeta eram os procariotos livres e as células eucarióticas mais avançadas. O terceiro salto evolucionário ocorreu cerca de 700 milhões de anos atrás, quando células eucarióticas individuais, assim como

seus predecessores procariotos, começaram a compartilhar consciência estabelecendo comunidades.

As primeiras comunidades multicelulares eram simples organismos coloniais; grupos de células idênticas que se reuniam para “economizar aluguel”. Porém, como cada célula representa uma unidade de consciência, quanto mais células tem a comunidade, mais potencial ela apresenta.

No entanto, à medida que a densidade populacional dessas comunidades eucarióticas aumentou, chegou um momento em que não era mais produtivo para o grupo que todas as células executassem a mesma tarefa. A carga de trabalho foi subdividida em grupos com funções específicas, como aquelas dos músculos, ossos e cérebro.

Com o passar do tempo a consciência coletiva das comunidades eucarióticas levou à evolução de organismos multicelulares altamente estruturados e altruístas, capazes de contribuir para a sobrevivência de comunidades de trilhões de células.

As variações nas características e funções dessas comunidades levaram à criação de organizações com estruturas diversas, nas quais cada organismo multicelular passou a ter anatomia própria. Os cientistas usam esses atributos anatômicos para classificar cada versão de agrupamento multicelular como uma espécie em particular. Quando observamos árvores, medusas, cães, gatos e humanos, devemos nos lembrar que eles também são complexas comunidades multicelulares, embora normalmente os vejamos como entidades individuais.

Período social. A versão atual da evolução se caracteriza por uma ordem ainda maior de estruturas comunitárias. Desta vez os membros individuais de certas espécies – formados por agrupamentos de células eucarióticas, que, por sua vez, são comunidades de células procarióticas – começaram a se unir e se organizar socialmente para aumentar suas chances de sobrevivência. Peixes se reúnem em cardumes, cães em matilhas, gado em rebanhos, gansos em bandos e humanos em tribos, nações e Estados. A

evolução social auxilia comunidades de espécies de superorganismos que vivem de maneira independente.

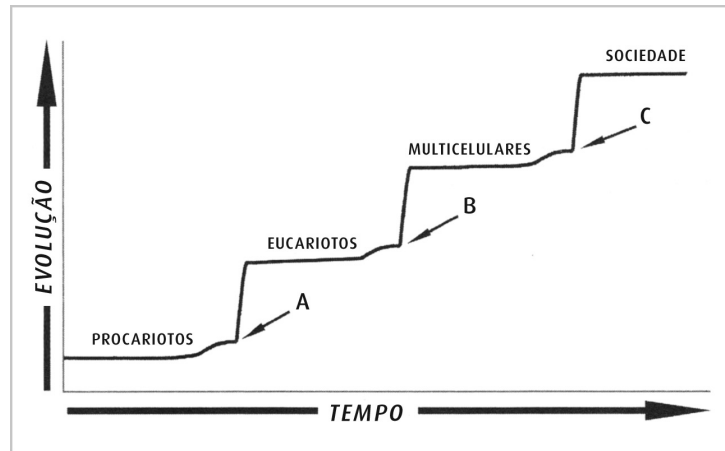
Nossa tendência é imaginar que os saltos evolucionários produzem novas espécies, mas o que presenciamos é um aumento do nível de complexidade nos inter-relacionamentos sociais. Esse padrão sugere que a nova fase da evolução humana trará não apenas mudanças em termos individuais, mas também na maneira como estabelecemos comunidades.

Os seres humanos surgiram há milhões de anos. Mas o que existe à nossa frente agora é a evolução para um novo e mais alto nível: o da comunidade humana ou humanidade.

Aparentemente, o percurso evolutivo não é uma rampa contínua de progresso gradual. A história é marcada por longos períodos de imutabilidade ou de avanço progressivo seguidos de saltos quantitativos em que padrões adormecidos despertam e estabelecem características que não poderiam se manifestar antes.

Isso, conforme foi dito, pode ser observado nos procariotos. Recapitulando, essas formas de vida básicas deram origem a comunidades individualizadas e envolvidas por membranas, os eucariotos. Das comunidades de eucariotos se originaram espécies multicelulares como plantas e animais. Essas plantas e animais se desenvolveram e estabeleceram comunidades que podemos chamar organização social. Para ilustrar tal perspectiva, visualizamos a seguir quatro linhas de progressão gradual, cada uma separada das outras por um salto quantitativo:

- A. Procariotos: Eucariotos (evolução das comunidades unicelulares)
- B. Eucariotos: Organismos multicelulares (evolução das plantas, animais e humanos)
- C. Organismos multicelulares: Organizações sociais (evolução da humanidade)



A evolução não é uma rampa estável, mas apresenta períodos de imutabilidade ou de progressão gradual seguidos de saltos quânticos.

Acreditamos que a civilização humana, como sociedade, está em luta contra a própria existência. O padrão evolutivo, como demonstra a ilustração, indica que estamos no limiar de uma nova realidade: a verdadeira expressão da humanidade.

DEIXEMOS DE HISTÓRIA. NOSSO FUTURO ATRAVÉS DE UM VIDRO FRACTAL

Baseado nas características fractais da Natureza, o padrão das estruturas dentro de qualquer linha de organização é autossimilar, repete aquele expresso pelas estruturas de outros níveis, mais altos ou mais baixos.

Como consequência, as estruturas, funções e comportamento de uma célula procariótica da Linha 1, de uma célula eucariótica da Linha 2, de um humano na Linha 3 e da sociedade na Linha 4 apresentam padrões autossimilares em sua evolução e organização. A natureza intrínseca de autossimilaridade fractal é a razão pela qual o conhecimento adquirido com o estudo da estrutura biológica das células pode ser aplicado na compreensão da estrutura biológica humana e da sociedade. E, principalmente, indica que a consciência da organização e da dinâmica empregadas pelas células da comunidade que compõe o corpo humano pode oferecer informações sobre os padrões necessários para se estabelecer uma

harmonia similar entre as células humanas que contribuem juntos para sustentar o arranjo da sociedade humana.

Nesses milhares de anos de evolução os cidadãos celulares que vivem dentro dos organismos multicelulares desenvolveram um plano eficiente de paz que lhes permitiu garantir a própria vida e também a de outros organismos na biosfera. Pense na harmonia entre os trilhões de células individuais que habitam um corpo humano saudável. Elas aparentemente resolveram todos os problemas ou obstáculos que impediam a cooperação e a interação, e o resultado é que todos os tecidos e órgãos, comparáveis às nossas nações, tendem a se ajudar em vez de competir e lutar entre si. Por exemplo: não existe na literatura médica documentação sobre o fígado invadindo o pâncreas para se apossar das Ilhotas de Langerhans*!

Mantendo a coerência com a autossimilaridade fractal, a estrutura multicelular expressa um padrão similar àquele utilizado pelas células para criar um corpo humano. A jornada evolutiva dos seres humanos é paralela à primeira parte da evolução animal, que progrediu em duas fases distintas: a fase primitiva, invertebrada, e a fase vertebrada.

Veremos que a diferença fundamental entre vertebrados e invertebrados é o mecanismo pelo qual se sustentam. Da modo semelhante, a diferença básica entre os seres humanos primitivos e os avançados é a habilidade que estes desenvolveram de manter a si mesmos e à sociedade.

Invertebrados. Organismos invertebrados multicelulares, como os crustáceos e os insetos, se parecem com os protozoários por não possuírem esqueleto interno e contarem apenas com uma estrutura externa chamada exoesqueleto, composta de conchas minerais ou de cápsulas rígidas de quitina.

Em termos de estrutura, as primeiras civilizações humanas eram semelhantes aos invertebrados: contavam somente com a proteção e o apoio da Mãe Natureza. Se Ela fornecia as condições, sobreviviam.

Vertebrados. Os organismos vertebrados, à semelhança das células eucarióticas em seus corpos, possuem uma espinha dorsal que lhes dá sustentação física.

A evolução da fase vertebrada em relação à estrutura social se associa à origem das tecnologias que permitiram aos humanos manter a si mesmos por meio da destreza de seus mecanismos de inteligência.

Quando a civilização evoluiu ao ponto de ter um suporte interno, os humanos deixaram de depender exclusivamente da ajuda da Natureza.

Também os animais vertebrados evoluíram em uma sequência cada vez mais complexa, passando de peixes a anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos, antes dos humanos existirem. Podemos concluir que, em um Universo fractal, a comunidade de seres humanos tende a evoluir por meio de estágios de desenvolvimento autossimilares que expressam características do peixes, anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos.

Peixes. A característica básica dos peixes é sua dependência de um ambiente onde exista água.

À semelhança desses animais, as primeiras comunidades humanas autossuficientes se restringiram a atividades em locais próximos da água. Essas sociedades *mariculturais* se desenvolveram extraindo alimentos dos oceanos e da água dos lagos e pantanais. Suas estradas eram os rios ou mares e suas civilizações se espalharam por meio de barcos ou navios que iam de uma costa a outra.

Anfíbios. Embora os anfíbios nasçam na água, conseguem se aventurar na terra por mecanismos que lhes permitem transportar água em seus corpos.

Da mesma maneira, a civilização humana entrou na fase anfíbia e começou a habitar áreas mais distantes da água quando as pessoas desenvolveram métodos para coletar e transportar a substância de rios e lagos ou extraí-la de lençóis subterrâneos. Com a criação da *agricultura*,

essas civilizações criaram e empregaram a tecnologia necessária para se manter e se desenvolver em seu novo ambiente.

Répteis. Dos anfíbios, seres relativamente lentos e vulneráveis na terra, vieram os répteis, que trocaram as habilidades aquáticas de seus ancestrais por uma fisiologia mais avançada e ajustada à vida fora da água. Por meio da adaptação os répteis desenvolveram corpos mais sólidos e de grande resistência, velocidade e destreza, necessários ao ambiente exclusivamente terrestre. As características de uma lagartixa, por exemplo, com seus olhos rápidos, sua língua e seus movimentos ágeis e repetitivos, atestam sua natureza mecanizada.

A evolução da civilização humana seguiu uma trajetória similar quando a Revolução Industrial promoveu a transição da fase agrária, comparável ao ambiente anfíbio, para a Era Industrial, mais sofisticada e mecanizada, semelhante ao corpo dos répteis.

Dinossauros. Uma das espécies de réptil se desenvolveu com muito sucesso quando a Natureza resolveu transformar um pequeno lagarto em um gigantesco dinossauro. Enquanto o lagarto é um organismo relativamente pequeno, o dinossauro foi uma máquina gigantesca de matar. Curiosamente, *dinossauro* é uma palavra de origem grega que significa “lagarto monstruoso e assustador”.

Porém, apesar de seu corpo ter se desenvolvido até atingir uma estatura gigante, o cérebro não o acompanhou. Se um simples lagarto necessita de dez células musculares para mover a perna em determinada direção, o imenso dinossauro precisaria de 10 mil delas para realizar o mesmo movimento. No entanto, o cérebro de cada criatura requer apenas *um* nervo para realizar esse tipo de movimento.

Enquanto os corpos dos dinossauros cresceram, seus cérebros se mantiveram pequenos. O fato de os lagartos ainda existirem e os dinossauros terem se extinguido sugere que seus cérebros diminutos, embora capazes de

coordenar comportamento e reflexos espantosos, não era adequado à manutenção da sobrevivência durante os cataclismos ambientais.

Transportando esta situação para um século mais próximo, o sucesso da Era Industrial ajudou a tecnologia da sociedade a evoluir das lojinhas de bairro para as enormes corporações internacionais. Mas assim como os dinossauros, as corporações possuem imensos corpos de burocracia administrativa comandados por executivos de minúsculos cérebros reptilianos responsáveis por tomar todas as decisões.

E não podemos nos esquecer: os padrões dos dinossauros corporativos da humanidade repetem as mesmas falhas que levaram à extinção dos dinossauros.

Assim como ocorreu com eles, os chamados “cérebros” das corporações convencionais são eficazes quando se trata de controlar comportamentos reflexos e o crescimento de suas organizações, mas somente enquanto o meio ambiente se mantém estável. Falta-lhes habilidade neurológica para controlar e adaptar sua estrutura quando há necessidade de enfrentar períodos de mudanças drásticas.

Um exemplo disso está na indústria automobilística norte-americana. Os executivos insistem em tentar convencer o público a adquirir carros SUV, beberões de gasolina, quando todos sabem que o mundo enfrenta uma crise mundial de petróleo. Um indicativo de sua provável extinção é a instabilidade dos títulos da General Motors no mercado.

Dá para imaginar os últimos dinossauros comendo tudo o que podiam ao ver os outros de sua espécie definhando e desaparecendo. E o mesmo se dá com as entidades colossais de hoje, que engordam às custas das outras, como ocorreu em outubro de 2008, quando uma instituição bancária dos EUA, um dinossauro fiscal, consumiu facilmente 700 bilhões de dólares dos cidadãos pagadores de impostos.

Outra semelhança interessante entre os dinossauros corporativos e aqueles extintos está no fato da civilização atual ser movida a petróleo,

substância chamada, na brincadeira dos cientistas, de sangue de dinossauro. À medida que as organizações industriais bebem o resto desse sangue, as corporações se veem à beira da extinção, e, se não tomarmos cuidado, elas causarão a extinção da sociedade como um todo.

Felizmente, há uma luz no fim desse túnel de paralelos fractais da evolução biológica.

Enquanto os dinossauros, primeiros descendentes de répteis, controlavam o mundo, duas outras facções da evolução, os pássaros e os mamíferos, surgiam das sombras.

Pássaros. Os pássaros evoluíram diretamente a partir dos dinossauros.

Um padrão de evolução autossimilar sucedeu na história humana quando os inventores e empresários, ainda na época dos lagartos da industrialização, abriram caminho para a “fase pássaro” da humanidade. O primeiro evento dessa fase foi o voo de Orville e Wilbur Wright sobre as areias da Carolina do Norte (USA), em 1903, à bordo do Kitty Hawk.

Mamíferos. Enquanto os pássaros evoluíam da linhagem dos dinossauros, uma nova espécie se desenvolveu a partir dos répteis menores. Essa nova espécie, denominada mamíferos, deu origem a outra classe de organismos neurologicamente sofisticados. Em virtude da maneira de tratar seus filhotes, os mamíferos são considerados cuidadores, que estimulam o crescimento e o desenvolvimento das crias.

Até 65 milhões de anos atrás, os pequenos répteis e os mamíferos mansos ficavam à mercê de violentos e monstruosos lagartos. Mas um cataclismo planetário levou ao desaparecimento desses adversários, e, durante algum tempo, os pássaros comandaram o mundo. Porém, na ausência das máquinas assassinas gigantescas, os mamíferos mais sofisticados aproveitaram a oportunidade para se desenvolver e tomar conta da biosfera.

A TERRA SOB O PONTO DE VISTA DE UM PÁSSARO

Assim como o surgimento dos pássaros teve um significado especial à biosfera, o advento da aviação alterou radicalmente o desenvolvimento da civilização humana.

Antes da aviação, o tamanho da Terra, com suas barreiras marítimas e terrestres, era um obstáculo que tornava a integração da população das diversas partes do mundo algo inimaginável. No entanto, em 1918, ao final da Primeira Guerra Mundial e uma década depois do voo dos irmãos Wright, as aeronaves eram capazes de voar acima das montanhas, desertos e oceanos. Os avanços tecnológicos continuaram, e, com os jatos de hoje, a distância física entre os continentes e as nações já não é mais impedimento para o comércio ou as viagens pessoais, seja em época de guerra ou de paz.

A “fase pássaro” da humanidade atingiu seu pico no fim dos anos 1960, quando a tecnologia da aviação ofereceu a todos uma nova perspectiva da Mãe Terra: a visão que só os pássaros tinham até então.

Em outubro de 1968, a tripulação da nave Apollo 7 enviou as primeiras fotos de nosso planeta, que apareceram na capa da revista *TIME* de janeiro de 1969. E outra, enviada pela Apollo 8, chamada *Earthrise*, é uma bela imagem da Terra “nascendo” sobre a superfície lunar.

Mas a criatividade humana em relação à tecnologia de aeronaves não parou por aí e teve um ápice ainda maior em julho de 1969, quando Neil Armstrong, Edwin “Buzz” Aldrin e Michael Collins pousaram a Apollo 11 na lua. E quando Armstrong, vestido com roupas espaciais, desceu da nave e colocou os pés sobre o solo lunar, sua frase “um pequeno passo para o homem, mas um passo gigante para a humanidade” foi uma declaração ao mesmo tempo profunda e profética sobre o destino da nossa evolução.

Esses eventos permitiram, pela primeira vez, que os cidadãos do mundo pudessem perceber a natureza finita de nosso belo planeta e seu isolamento no espaço.

Quando pássaros, aviadores e astronautas voam além da superfície da Terra, passam a ter uma perspectiva do planeta muito mais ampla que seus

predecessores, aqueles que viveram na água e na terra. Quando os astronautas transmitem a visão da Terra como uma pedra preciosa azul-esverdeada suspensa no vazio negro do espaço, dividem conosco essa perspectiva singular.

Essas imagens tiveram um efeito tão profundo sobre a civilização que mudaram a trajetória da cultura. Elas deram origem à onda *hippie*, professada por visionários como Buckminster Fuller, segundo o qual somos viajantes da galáxia em nossa pequena e frágil espaçonave chamada Terra.¹²

As imagens de nosso Ninho nas Estrelas elevou o nível de consciência e despertou nosso inato desejo mamífero de garantir a sobrevivência da espécie cuidando do meio ambiente, mantendo nossos corpos saudáveis, melhorando nossa alimentação e criando nossos filhos, estabelecendo famílias e comunidades em uma atmosfera de amor e de harmonia.

Inspirado pelas fotos do espaço, o visionário John McConnell criou a Bandeira da Terra, em 1969. Em 1970, os EUA celebraram o Dia da Terra, criaram a Agência de Proteção Ambiental Norte-Americana e estabeleceram cinco leis para a proteção do ar, da água e da terra do país.

Ou seja, a perspectiva dos astronautas fez que os humanos, ex-répteis, dessem um grande salto ao perceber que sua sobrevivência dependeria da maneira com que tratam o planeta, as outras espécies e a si mesmos. Essas pessoas, agora despertas, se tornaram as sementes de nosso próximo passo evolucionário, a fase mamífera da humanidade.

Nesse aspecto, o estado atual lembra a iteração fractal de um padrão autossimilar que apareceu milhões de anos atrás, na época em que dinossauros, pássaros e mamíferos primitivos coexistiam de maneira precária. É como uma cena do filme de Steven Spielberg, *Jurassic Park*, na qual pessoas fogem para se salvar de monstruosos dinossauros, muito parecidos com as corporações consumistas como a “Enron-ssaurus Rex”, que ameaçam a sobrevivência dos menores e mais mansos. Em algum ponto da

Era Pré-Histórica da Terra, um evento indeterminado levou à extinção dos lagartos colossais e deu aos mamíferos a chance de herdar a terra.

De modo parecido, a crise ecológica, econômica e populacional enfrentada hoje é um presságio do fim dos grupos *dinossáuricos* e do nascimento de gente disposta a defender e cuidar bem do mundo.

Projetando nosso padrão fractal no futuro, notamos que a tensão global provavelmente dará origem ao próximo salto evolutivo, transformando mamíferos conscientes em força de vida dominante.

OS FRACTAIS SOB A NOSSA PELE

Embora a autossimilaridade fractal do padrão evolutivo no grupo dos vertebrados nos ofereça pistas sobre o destino humano, ela não nos mostra como devemos proceder para garantir nossa sobrevivência.

Conseguir essa informação exige enxergar a imagem fractal sob uma perspectiva diferente: em vez de mapear seu desdobramento dinâmico, devemos nos concentrar em seus padrões estruturais inerentes.

Sob nossa pele vive uma comunidade de células em número 700 vezes maior do que a população da Terra. Se os humanos tivessem adotado um estilo de vida semelhante àquele dos agrupamentos celulares saudáveis em seu corpo, talvez não estivéssemos à beira da sexta extinção em massa. Portanto, o próximo passo é explorar o Universo existente dentro de nós sob as lentes da geometria fractal. Essa jornada de ampliação do conhecimento poderá revelar surpreendentes paralelos entre as sociedades humanas e as celulares e oferecer soluções para alcançarmos uma vida mais saudável e feliz e um mundo mais coeso.

* Obra publicada pela Butterfly Editora no Brasil (N.E.)

* Local do pâncreas onde estão as células que regulam a glicose do organismo. (N.T.)

Melhor consultar um bom psiquiatra

"Temos que admitir: nossas células podem ser bem mais inteligentes do que nós".

SWAMI BEYONDANANDA

A geometria fractal permite desenvolver estruturas complexas a partir de padrões autossimilares simples e repetidos. Quanto mais se olha para uma imagem fractal, mais detalhes se descobre. Uma célula e um corpo humano são imagens fractais autossimilares que compartilham funções autossimilares e necessidades básicas fundamentais à manutenção da vida. Portanto, a realidade de uma célula no corpo e a realidade de um ser humano em seu contexto social também são paralelas e autossimilares.

Tais semelhanças biológicas nos levam a perguntar: "Como 50 trilhões de células conseguem viver em paz e harmonia enquanto 7 bilhões de pessoas estão prestes a aniquilar umas às outras?". A resposta está na estrutura fractal da Natureza.

Sob o ponto de vista fractal, não há motivo para os princípios organizacionais responsáveis pela evolução de comunidades multicelulares serem obrigatoriamente similares àqueles que governam a sobrevivência da humanidade. Cabe a nós nos colocarmos no lugar das células e entrarmos em seu ambiente para descobrir como elas conseguem viver da maneira como vivem. O que funciona com elas pode funcionar conosco, e o que funcionar conosco só trará benefícios à humanidade.

Engenharia reversa é o processo utilizado para reproduzir o produto de outro fabricante estudando os detalhes de sua montagem ou composição.

Aplicando esse procedimento aos princípios e à dinâmica utilizados pelos 50 trilhões de cidadãos celulares na estruturação de um corpo humano, obteremos informações valiosas a serem utilizadas em nosso benefício.

A TECNOLOGIA DAS CÉLULAS

Enfatizamos que o corpo humano não é uma entidade solitária, mas um conglomerado de trilhões de células.

As células são as unidades da vida e nosso corpo é a expressão de sua comunidade. Portanto, nosso corpo e nossas células têm as mesmas necessidades: oxigênio, água, nutrientes, ambiente controlado para evitar elementos ou condições extremas e proteção contra formas de vida invasoras, como vírus, que drenam energia e recursos. Humanos e células também precisam trabalhar, ou seja, gastar energia para se manter. Há humanos que sustentam suas famílias. E as células trabalham em conjunto para conservar a saúde do corpo.

Por quê? O que leva todas as formas de vida, das bactérias aos seres humanos, a perpetuar seu ciclo de vida? Essa força misteriosa é o imperativo biológico, mecanismo inato que motiva os organismos, independente de seu tamanho, a sobreviver.

A habilidade de uma espécie de seguir esse impulso se baseia nos seguintes fatores: energia, crescimento, proteção, recursos, eficiência e consciência.

Se tivéssemos que criar uma equação do Índice de Sobrevivência para calcular as probabilidades resistência de um organismo, ela teria os seguintes componentes:

$$\text{Sobrevivência} = \left(\frac{\text{Energia Total}}{\left[\begin{array}{c} \text{Crescimento} \\ + \text{Despesas} \\ \text{com Proteção} \end{array} \right]} \right) \times \left(\frac{\text{Disponibilidade de Recursos}}{\text{de Recursos}} \right) \times (\text{Eficiência}) \times (\text{Consciência})$$

Energia total. Representa a quantidade total de energia disponível para manter o processo de vida do organismo. A energia gera o comportamento e

os movimentos do corpo. Um corpo sem energia é o que chamamos de cadáver.

Mecanismos de crescimento. Representa a energia utilizada pelos sistemas fisiológicos para manter a força, a saúde e o bem estar do corpo e ajudá-lo a crescer. Esses mecanismos contribuem para a habilidade do organismo de encontrar, ingerir e digerir alimentos, absorver nutrientes e eliminar resíduos. O crescimento ocorre quando a energia é utilizada para transformar os nutrientes nas moléculas necessárias à reconstituição ou substituição de células desgastadas.

Mecanismos de proteção. Mecanismos de proteção são indispensáveis à sobrevivência. No corpo humano eles são o sistema de reação supra-renal, que nos faz lutar ou fugir de ameaças externas, e o sistema imunológico, que responde a patogenias internas.

Ameaças do ambiente fazem com que o organismo retire uma quantidade significativa de energia de suas reservas e a utilize para proteger sua vida. Quanto maior a quantidade de estresse a que é submetido, mais energia ele usa para se proteger. Como os comportamentos de crescimento e proteção utilizam as maiores reservas de energia, a luta pela proteção diminui ou até mesmo inibe seu crescimento.

É por isso que, em nosso cálculo, os processos de crescimento e proteção consomem a energia do sistema. Em outras palavras, a sobrevivência de um organismo é comprometida pela quantidade de energia que ele precisa gastar para se proteger. Ele pode ficar, literalmente, “morrendo de medo”!

Recursos. Os organismos extraem energia de recursos naturais. Na verdade, a sobrevivência está vinculada à habilidade de garantir energia externa de valor maior ou igual ao que gasta internamente para adquirir e processar esses recursos. A ação de adquirir e processar recursos de fontes externas é chamada trabalho.

Os recursos básicos são ar, água e nutrientes que têm origem tanto em energia química quanto em energia não material, oriunda dos campos ambientais.

Antes da evolução dos seres humanos, os organismos dependiam de recursos renováveis para sobreviver. E não havia problemas: os recursos se renovavam e as espécies eram supridas por períodos indeterminados. Mesmo quando um indivíduo morria a reciclagem de seu corpo contribuía para aumentar a energia disponível aos demais.

Porém, o equilíbrio e a harmonia da biosfera foram alterados pela civilização tecnológica na qual a sobrevivência depende da extração dos recursos não renováveis do planeta. A crise atual de petróleo é um dos muitos exemplos de como nossa dependência de recursos cada vez mais escassos ameaça nossa existência. Tal situação sugou nossa energia e comprometeu o futuro da humanidade. Viver assim é uma péssima ideia.

Eficiência. A eficiência é a medida de trabalho efetuado comparada à quantidade de energia despendida para desempenhá-lo.

A eficiência de um organismo para utilizar seus recursos de energia é fator primordial para determinar sua capacidade de sobreviver.

Com o passar do tempo os organismos aprimoraram sua eficiência operacional por meio de avanços evolucionários de estrutura e funcionalidade. Utilizando a energia de maneira mais eficaz, puderam investir em desenvolvimento e evolução.

Consciência. A consciência representa a habilidade de um organismo de captar, interpretar e reagir às informações do ambiente. Sendo a base da inteligência, pode ir de um simples reflexo a uma ação consciente ou a uma manifestação mais avançada, que envolve conhecimento. As unidades celulares básicas da consciência são as proteínas receptoras da membrana e as proteínas ativas, que funcionam como interruptores de percepção, conforme já descrevemos. Como as proteínas de percepção conseguem estabelecer apenas uma camada na membrana, o aumento de consciência de

um organismo é o resultado direto de um aumento na área de superfície de sua membrana.

A consciência coletiva de um organismo, portanto, está diretamente relacionada à área de superfície da membrana, estrutura dedicada ao processamento da percepção do ambiente.

$$\text{Sobrevivência} = \left(\frac{\text{Energia Total}}{\left[\begin{array}{c} \text{Crescimento} \\ + \text{Despesas} \\ \text{com Proteção} \end{array} \right]} \right) \times \left(\frac{\text{Disponibilidade de Recursos}}{\text{de Recursos}} \right) \times (\text{Eficiência}) \times (\text{Consciência})$$

Diante da crise global, é impossível não questionar as habilidades de sobrevivência dos seres humanos. Como já mencionamos, a energia é necessária à manutenção da vida e qualquer perda nesse sentido se manifesta em fraqueza, doença e morte. Ao contrário dos humanos, todos os outros organismos são modelos de conservação de energia e de eficiência. Sabemos disso porque aqueles que não conseguiram administrar suas reservas de energia estão extintos.

E os humanos, que desperdiçam mais do que qualquer outra espécie, seguem o mesmo caminho. Infelizmente, a destruição que causamos à biosfera pode levar também à extinção organismos muito mais inteligentes e eficientes, que vivem em harmonia com o ambiente há milhões de anos.

O Índice de Sobrevivência nos mostra que somos indolentes, ineficientes e gastamos energia demais com sistemas de proteção que não funcionam. Um bom exemplo é o gasto mundial absurdo com segurança, tanto nos lares quanto fora deles.

Logo, é preciso reduzir nossos gastos com proteção, voltar nossa atenção para recursos renováveis, nos tornarmos mais eficientes e, principalmente, despertar para a realidade.

Ao criar emendas, fazer empréstimos e injetar moeda no mercado em uma tentativa de consertar o atual sistema global econômico, os governos e os líderes financeiros se comportam como a tripulação do Titanic, cuidando das cadeiras e mesas do convés enquanto o navio afunda.

Talvez, como sugeriu Einstein, seja hora de resolvermos nossos problemas usando um novo padrão de raciocínio. E quem sabe, em busca de mais conhecimento, não seja interessante ouvir o que diziam os antigos sábios: “As respostas que buscamos estão dentro de nós”. Einstein também escreveu: “Observe bem a Natureza e você entenderá tudo que está ao seu redor”.¹

À medida que trabalhamos mais intimamente com a Biologia, compreendemos melhor os fatores do Índice de Sobrevivência. Só esperamos que o fato de termos mais consciência dos padrões econômicos e sociais que regulam comunidades eucarióticas e organismos multicelulares como nossos corpos nos ajude a estabelecer uma organização capaz de nos transformar em uma versão mais saudável e eficiente da humanidade.

OS GRANDES ENSINAMENTOS DAS PEQUENAS CÉLULAS

A vida em comunidade aumenta as chances de sobrevivência estimulando a eficiência e a consciência. Por exemplo: se uma célula possui um *potencial de consciência* x, uma colônia de 30 células terá um potencial de pelo menos 30x. Isso significa que a informação coletiva dá a cada célula um potencial muito maior do que o de suas primas unicelulares que vivem sozinhas.

O impulso de ampliar a consciência levou os procariotos primitivos a se unir e estabelecer comunidades, os chamados biofilmes. Com o passar do tempo, os biofilmes evoluíram e se transformaram em células eucarióticas individuais, como amebas e células, versões aperfeiçoadas de comunidades procarióticas encapsuladas em uma membrana.

Cerca de 700 milhões de anos atrás, a Natureza repetiu uma velha estratégia para aumentar a consciência: unir células eucariotas individuais e formar comunidades multicelulares para compartilhar consciência e esforços e beneficiar a todos. Nessas colônias de eucariotos as células faziam basicamente o mesmo trabalho e compartilhavam sua produtividade.

Mas quando a população começou a exceder determinados limites o fato de todos fazerem o mesmo trabalho deixou de ser produtor. As células começaram, então, a dividir o trabalho, delegando tarefas específicas a cada grupo em um processo chamado diferenciação.

O mesmo padrão de desenvolvimento foi utilizado nas primeiras civilizações humanas, quando as famílias viviam e viajavam juntas, em clãs. Nesses pequenos grupos, todos os membros participavam desempenhando as mesmas tarefas, que se resumiam basicamente em obter alimento.

À medida que os clãs evoluíram e se transformaram em tribos, não fazia mais sentido que todos os membros fizessem o mesmo tipo de trabalho. Os indivíduos assumiram, então, diferentes responsabilidades: uns caçavam, outros se reuniam para dividir uma tarefa e outros protegiam e cuidavam das crianças e dos mais velhos. E quanto mais essas tribos cresciam, mais subdivisões de trabalho foram sendo estabelecidas, o que resultou em hierarquias de indivíduos especializados em determinados tipos de tarefa.

As células de uma comunidade são como artesãos. Da mesma maneira que os artesãos se associaram, as células criaram tecidos e órgãos cujos produtos e serviços são necessários à sobrevivência da comunidade. Por exemplo: a célula de um músculo cardíaco é especialista em contração. Em função dessa habilidade específica, um grupo de células cardíacas é o que constitui o coração. Em troca desses serviços cardiovasculares especializados, as células cardíacas recebem serviços complementares de outras, especializadas em tarefas diferentes: nutrientes do sistema digestivo, oxigênio do sistema respiratório, proteção do sistema imunológico, eliminação de resíduos através do sistema excretor e notícias do mundo exterior através do sistema nervoso.

O primeiro coração, o primeiro fígado e o primeiro rim foram as primeiras empresas da Terra. O coração é a indústria de energia e as células cardíacas são os funcionários. O sistema imunológico equivale à Agência de Proteção Ambiental e as células sanguíneas a seus representantes. O rim é

uma organização especializada no descarte de resíduos e possui um eficiente programa de reciclagem.

Aqui está, portanto, a importante lição a aprender com essas empresas: o sucesso desses sistemas não está na *competitividade* entre órgãos e tecidos, muito pelo contrário. Ele é medido pela maneira como cada órgão realiza a tarefa de *cooperar* com os outros.

O número de células eucarióticas não diferenciadas em organismos coloniais primitivos variava de um número pouco abaixo de 30 a centenas. E mesmo em comunidades pequenas os eucariotos desenvolveram estratégias de planejamento e administração que lhes permitiram criar organismos multicelulares fenomenais, com populações de mais de trilhões de indivíduos.

Cada célula, dentro de uma civilização multicelular, tem as mesmas funções fisiológicas, motivações e necessidades que os humanos na sociedade. Equivalem a pessoas em miniatura, cada qual com sua vida pessoal e também com a vida em comunidade (e não se trata de metáfora).

A incrível harmonia do mundo celular é o que o torna diferente das comunidades da sociedade humana. As sociedades celulares seguem à risca o lema dos Estados Unidos: *e pluribus unum*, “de muitos, um”. Cada célula é um indivíduo, mas todos se apoiam mutuamente.

União não significa uniformidade. A célula de um fígado não se parece física ou funcionalmente com a de um músculo ou de um nervo. Embora façam parte de um todo, elas se subdividem em comunidades exclusivas de tecidos ou órgãos. Cada comunidade contribui com uma tarefa, uma habilidade ou uma missão para sustentar e garantir a sobrevivência do corpo.

Cada nação e cultura do globo equivale a um tecido ou órgão em um superorganismo chamado humanidade. Cada órgão contribui, à sua maneira, para a economia do corpo, e cada nação contribui para a economia da humanidade.

As células que compõem um órgão podem ter aparência e hábitos diferentes daquelas dos órgãos ao seu redor. Seu trabalho é importante mais pelas diferenças do que pela semelhança!

No mundo todo países se veem como rivais e muitos estão preocupados em fazer outros simplesmente sumirem. Já imaginou se esse comportamento ocorresse dentro de nossos corpos? Nosso organismo tomando partido de determinados órgãos ou tecidos e querendo expulsar outros? Como nos desenvolveríamos ou mesmo sobreviveríamos?

Se a comparação entre órgãos e nações parece estranha, pense nesta imagem fractal: dentro da membrana da célula, que é a pele que a circunda cada eucarioto, existem perímetros de proteína delimitando os territórios. Dentro de cada território estão populações de proteínas que desempenham funções específicas. Os territórios da membrana são o equivalente funcional de nano-órgãos. Se déssemos a cada um desses territórios uma cor, a membrana se assemelharia às nações de um mapa-mundi.

NOSSAS CÉLULAS SÃO REALMENTE MAIS INTELIGENTES DO QUE NÓS?

Podemos aprender tudo sobre a natureza das comunidades bem-sucedidas quando estudamos em detalhe a vida das células.

Imagine o trabalho que elas têm para nos manter no mundo. E compare com o trabalho medíocre que os humanos fazem no sentido de “contribuir e interagir uns com os outros”. Ao fazer essa comparação somos obrigados a engolir a ideia de nossa tão celebrada inteligência e reconhecer que nossas células, nesse sentido, estão em um patamar bastante superior ao nosso.

Observar as atividades diárias de nossos cidadãos celulares é um choque para nosso ego coletivo, pois tudo o que fazemos, inclusive no sentido de criar novas tecnologias, as células já fizeram e continuam fazendo com muito mais sucesso.

As células têm, por exemplo:

- um *sistema monetário*, que paga a cada uma de acordo com a importância de seu trabalho e armazena os lucros em bancos comunitários.
- um *sistema de pesquisa e desenvolvimento*, que cria tecnologia e fabrica equivalentes bioquímicos correspondentes a cabos de aço, madeira compensada, concreto armado, circuitos eletrônicos e redes de computadores de alto desempenho e velocidade.
- um *sistema ambiental*, que oferece tratamento de água e de ar tecnologicamente muito mais avançado do que os humanos jamais imaginaram. E o mesmo vale para seu *sistema de aquecimento e refrigeração*.
- um *sistema de comunicação* extremamente rápido e complexo como a Internet, que envia mensagens para cada célula, individualmente.
- um *sistema judiciário*, que detém, aprisiona, reabilita, e até mesmo um *sistema Kevorkiano* de suicídio assistido para as células destrutivas.
- um *sistema de saúde* de cobertura completa para garantir a saúde de cada indivíduo da comunidade.
- um *sistema imunológico*, que protege as células e o corpo como uma Guarda Nacional.

TECNOLOGIA: AS CÉLULAS JÁ PASSARAM DA ERA INDUSTRIAL HÁ SÉCULOS

À medida que as inovações tecnológicas foram sendo introduzidas no mundo, os biólogos tentavam compará-las aos mecanismos do organismo. A máquina a vapor levou os fisiologistas a comparar os pneumáticos ao sistema mecânico do corpo. E quando os físicos entenderam e passaram a utilizar a eletricidade, os biólogos logo pensaram em uma maneira de equiparar a energia elétrica com aquela do sistema nervoso. Mais recentemente, os neurocientistas decidiram comparar os supercomputadores com o cérebro. E

os cientistas da computação estão tão empolgados com a tecnologia de processamento de informações das células que andam incubando células nervosas em chips de computador para unir as tecnologias.

É importante reconhecer que há muito mais nas maravilhas da tecnologia do corpo do que somente células. Da mesma maneira que os humanos utilizam material de engenharia para construir casas e prédios, elas têm seu material e sua engenharia de construção.

Seguem alguns exemplos.

Aproximadamente metade da massa corporal é composta de matrizes extracelulares conhecidas como colágeno, uma proteína de textura semelhante à de fios, secretada pelas células em seu ambiente. Do mesmo modo que uma aranha expelle o fio e constrói a teia, as células constroem uma estrutura extracelular ao seu redor. O formato de cada órgão, vaso sanguíneo, nervo, músculo e osso é constituído por essa matriz de fibras de proteína de colágeno. Na verdade, mesmo que todas as células fossem removidas de um corpo humano, o colágeno extracelular manteria a estrutura do intacta como uma escultura fibrosa e flexível.

As proteínas de colágeno são uma grande proeza: os filamentos orgânicos podem gerar um tecido de maciez semelhante à da seda, como um bumbum de bebê. Mas se a intenção é ter resistência, a trama pode ser algo equivalente a um colete à prova de bala. Para atender às necessidades do corpo, os filamentos em forma de corda, como aqueles que compõem tendões e ligamentos, por exemplo, têm mais força e flexibilidade do que filamentos de aço, e com um peso muito menor.

O colágeno produzido pelas células especializadas em projetos e desenvolvimento de ossos, chamadas osteoblastos, equivale às vigas de aço que dão sustentação aos arranha-céus. No processo de montagem os osteoblastos decoram suas vigas com proteínas que levam à formação espontânea de cálcio cristalizado, algo equivalente ao mármore. O resultado

está em redes extraordinariamente fortes e leves de colágeno calcificado que compõem os ossos.

Para ter ideia da habilidade necessária para se desempenhar esse tipo de tarefa, podemos imaginar que um corpo humano adulto equivale a um edifício de mármore de 10 mil andares, incluindo mezanino e cobertura.

Condrócitos são células fabricantes de cartilagem, o equivalente do concreto. Despejando cartilagem em moldes pré-desenhados de matrizes de colágeno, essas células criam esculturas independentes, como o nariz e o lóbulo da orelha. Assim como o concreto, cartilagem é matéria frágil. Um bom golpe no nariz pode parti-lo em pedaços.

Mas a fragilidade é um aspecto crítico aos discos de cartilagem usados pelo corpo como amortecedores entre os ossos das vértebras da coluna vertebral. Por esse motivo, os pedreiros-livres eucariotos aprenderam a reforçar essas cartilagens com filamentos de colágeno resistentes como aço, criando a fibrocartilagem, o paralelo orgânico de barras de esforço de concreto armado. A importância desse composto material tão leve normalmente só é sentida quando um dos discos entre as vértebras é lesado.

Dentro do ambiente do corpo, cercado pela pele, as células equivalem a organismos marinhos que vivem e respiram em um ambiente aquático. Mecanismos engenhosos de bombeamento e filtração, que são o sistema linfático e os vasos circulatórios, purificam e reciclam constantemente a água que mantém a vida. A tecnologia celular do fígado, dos rins, dos pulmões, dos linfonodos e do baço é a forma mais avançada e eficaz de filtração do planeta. Esses órgãos eliminam resíduos, detritos, desintoxicam, repõem componentes vitais e defendem o organismo de invasores com uma eficiência infinitamente maior do que os sistemas da civilização.

Algumas conquistas humanas sofisticadas na área de engenharia de implantes cirúrgicos e reposições já eram utilizadas no corpo desde sua criação, como válvulas hidráulicas e mecânicas, bombas de pressão osmótica, sistemas de troca contracorrente, sistemas de manobra que

utilizam juntas e ligações universais e sistemas de ciclos de informações autorreguladoras de avanço e retrocesso.

Uma inovação técnica mais conhecida do público é a televisão em cores. Os olhos humanos possuem o mesmo sistema básico de cores (vermelho-verde-azul) que criam as imagens coloridas dos aparelhos de TV.

Na recente história da ciência da computação, os engenheiros elétricos criaram transistores, capacitores e baterias para aumentar a velocidade dos aparelhos, redes de processamento paralelo de informação, visão estereoscópica 3D e imagens geradas por computador. E embora se trate de um grande avanço, devemos reconhecer que os eucariotos já utilizavam tudo isso há milhões de anos.

Talvez a maior conquista dos cidadãos celulares tenha sido o cérebro humano, o mais potente sistema computadorizado já criado e desenvolvido! Em nossa busca incansável de adaptar a fisiologia humana ao ambiente social, construir um processador que se equipare ao nosso cérebro pode vir a ser o maior passo já dado pela engenharia da computação.

Na verdade, os cientistas de uma nova área chamada *biônica*, que envolve a engenharia reversa da Biologia, vêm estudando antigos sistemas tecnológicos para criar outros que ajudem a manter a vida no planeta.

A ECONOMIA CELULAR: UM MUNDO ONDE NINGUÉM PERDE

Os movimentos das moléculas de proteína responsáveis pelas funções do corpo requerem energia. Sabemos que o corpo gasta energia gerando e conservando calor para manter o sistema em uma temperatura ideal ao seu funcionamento.

As células mantêm seus níveis energéticos manipulando moléculas de trifosfato de adenosina (ATP), cada uma com três grupos químicos de fosfato atrelados. A ATP é o equivalente molecular de uma bateria recarregável semelhante à dos celulares. As células utilizam ATP para auxiliar em suas funções.

Essas moléculas liberam uma unidade de energia quando um de seus fosfatos é retirado. E essa descarga faz com que se transformem em difosfato de adenosina (ADP), molécula com apenas dois fosfatos. Mas as células podem recarregar ADP conectando a ela outro fosfato, transformando-a novamente em ATP. Assim, as células trabalham para fabricar ATP e gastam ATP para trabalhar.

Essa troca funciona como moeda corrente entre as células do corpo. Os livros de Biologia normalmente se referem à ATP como “moeda energética”, referindo-se ao fato de que a energia na sociedade humana é medida em espécie. Quanto mais dinheiro alguém tem, maior sua habilidade de gerar e manter a vida.

Nossa economia pode se equilibrar se os economistas começarem a “seguir o modelo ATP”. Em troca de salários ATP, as células trabalham para o sistema e mantêm sua produtividade. E podem armazenar carga extra de energia no citoplasma. Tais salários são distribuídos de acordo com a contribuição de cada célula para o corpo. Aquelas que exercem funções vitais para a comunidade recebem mais ATP e até bônus para manter suas atividades. E embora haja diferentes níveis salariais, todas têm condições adequadas de vida: alimento, abrigo, assistência médica e proteção.

O excesso de energia, que poderíamos chamar de lucro, é armazenado naquilo que podemos chamar bancos nacionais e regionais representados por reservas adiposas (células de gordura). São verdadeiros depósitos. A diferença é que essas economias não são depositadas em contas individuais. Ficam disponíveis para todos na comunidade. E, a critério do governo do corpo (que descreveremos mais adiante), podem ser enviadas a qualquer parte do organismo que necessite de reparos, melhorias ou desenvolvimento. Com esse sistema de distribuição igualitária, as células podem contribuir livremente com seus esforços para a comunidade sem precisar se preocupar com problemas ou atraso no pagamento de seus cheques de ATP.

Quanto à troca de ATP/ADP, o corpo é um sistema fechado, o que significa que não há mecanismos que permitam ao corpo emprestar energia de fora. E como não há um Banco Central para controlar a moeda ATP, sempre que o sistema necessita de fundos de emergência a energia é retirada dos recursos guardados pela comunidade. Isso significa que as células não podem pagar com cartão de crédito ou em parcelas, com ou sem juros. Mas a boa notícia é que o orçamento está sempre equilibrado.

A VOZ INTERIOR SAUDÁVEL: A AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA CELULAR

Cada célula que compõe o corpo humano é um ser independente, inteligente, consciente e, estando em local apropriado, é autossuficiente. No entanto, um organismo multicelular não é apenas um grupo de células eucarióticas egoístas amontoadas sob a pele. Elas têm funções específicas e vivem de modo comunitário.

Uma comunidade é, por natureza, uma organização de indivíduos com interesses, atitudes ou objetivos em comum. Sua palavra de ordem é compartilhar.

Como membro de uma comunidade, a célula procura suprir seus interesses pessoais e também contribui para o bem-estar de todos. Em troca, sua sobrevivência e qualidade de vida são garantidas pelo aumento de consciência e dos níveis de energia do trabalho cooperativo.

A sobrevivência depende da habilidade de um indivíduo de captar e reagir às informações do ambiente. Os procariotos primitivos, no primeiro nível da evolução da biosfera, enviavam informações à distância, lançando sinais, e os outros procariotos recebiam e respondiam a esses sinais.

A troca de informações foi se desenvolvendo no nível evolutivo seguinte, quando os eucariotos começaram a se unir e ter membranas em comum, o que permitia a conexão física. As junções celulares, em termos

funcionais, são análogas aos cabos dos computadores usados para estabelecer uma rede.

O aumento da densidade populacional em organismos multicelulares fez com que muitas células passassem a viver em regiões internas do organismo, sem acesso direto a informações do ambiente externo. As células das regiões mais externas passaram a transmitir, então, mensagens a elas.

Como resultado, uma nova espécie de células eucarióticas (as células nervosas) formou-se na epiderme para captar informações sobre as condições do ambiente e transmiti-las às outras. Assim foi criado o sistema nervoso, uma rede que interconecta as células da comunidade, independentemente de sua localização, e permite a comunicação dos órgãos internos com a pele e da pele com os órgãos.

Esse fluxo de informações entre o ambiente externo e as células internas faz com que o sistema nervoso seja o governante do corpo.

Mas o sistema nervoso governante não diz às células do corpo como elas devem fazer seu trabalho. As células do coração e as do trato digestivo, como todas as outras, processam os alimentos em virtude da própria inteligência. Dentro de cada órgão há grupos de células nervosas chamados gânglios. Os gânglios são como governos de Estado que processam as informações relacionadas ao órgão onde se encontram, diferente do cérebro, que funciona como um governo central e controla o que se pode chamar de assuntos da “Federação de Órgãos”.

Se removermos completamente o sistema digestivo de um corpo, por exemplo, da boca ao ânus, e depositarmos os alimentos diretamente dentro do esôfago, os gânglios nervosos locais executariam todo o processo digestivo, até a eliminação, sem qualquer intervenção do sistema nervoso central.

Além de coordenar as funções dentro do sistema dos órgãos, os gânglios trocam informações com o cérebro, que integra e coordena os dados oriundos dos demais sistemas do corpo. Por ser o centro de processamento

de dados, o cérebro sabe que os órgãos e sistemas do corpo são capazes de regular as próprias funções e trabalhar dentro do protocolo sem modificar sua rotina, a menos que recebam informações específicas de que seu trabalho não está sendo feito corretamente.

A distribuição de responsabilidades é similar àquela originalmente sugerida pela Constituição dos Estados Unidos, segundo a qual tudo que não está diretamente sob o comando do governo federal fica a cargo das autoridades regionais.

O sistema nervoso não apenas capta e organiza as respostas do corpo aos estímulos ambientais; ele também aprende e se lembra das informações adquiridas em experiências anteriores. A eficiência desenvolvida com o trabalho em comunidade permitiu ao corpo investir boa parte de sua energia no sustento de uma grande população de células nervosas dedicadas exclusivamente ao processamento e à memorização de percepções aprendidas. A capacidade ampliada desses trilhões de células do cérebro de lidar com informações fez com que os humanos conseguissem chegar à ideia de esfregar dois pedaços de madeira para criar fogo e, mais tarde, de usar fogo para enviar um foguete à lua.

É importante enfatizar que o sistema nervoso não exerce um controle autoritário, e sim um sistema de comunicação interativo. Da mesma maneira que o governo de uma nação pode estabelecer regras e leis para as massas, o cérebro pode controlar algumas funções do corpo. E da mesma maneira que as redes de mídia, o cérebro transmite tudo o que acontece durante o dia aos 50 trilhões de cidadãos celulares.

Bons governos e corpos saudáveis trabalham com uma troca constante de informações. Os cidadãos podem expressar sua opinião telefonando, enviando cartas a seus legisladores, votando ou protestando nas ruas. No caso do organismo, as células cidadãs reagem aos estímulos das informações expressando sua opinião ao sistema nervoso central. Isso é feito por meio de emoções e sintomas, algumas suaves e outras nem tanto.

Se o cérebro exerce um governo equilibrado, que apoia os cidadãos, responderá aos apelos e sugestões da comunidade de maneira a tranquilizar e garantir as melhores condições de vida a todos. Se a situação for como a de muitos governos em nosso mundo, e o cérebro que comanda for desinformado, inacessível e ignorar as necessidades do povo, a comunidade pode viver constantemente sob estresse, o que leva a crises, doenças e morte, o equivalente ao motim, destruição e um estado de guerra em que muitos de nós vivemos.

CRESCIMENTO, PROTEÇÃO E EQUILÍBRIO DA VIDA

Nos últimos 150 anos, a civilização ocidental escolheu a ciência materialista como fonte de verdade e conhecimento sobre os mistérios da vida. Podemos, de maneira alegórica, imaginar a sabedoria do Universo como uma grande montanha. Escalamos a montanha para adquirir o saber e nossa vontade de alcançar o cume é abastecida pela noção de que, obtendo isso, poderemos nos tornar mestres universais.

Essa imagem de mestre todo poderoso pode lembrar a imagem de um guru sentado em posição de lótus no topo da montanha da sabedoria.

Os cientistas são pesquisadores profissionais que desbravam o caminho ao topo da montanha. Sua busca os leva a locais desconhecidos e inexplorados. A cada descoberta científica a humanidade ganha mais um degrau para ajudar na escalada. E assim vamos subindo. De vez em quando os cientistas encontram uma bifurcação e se perguntam: “Para que lado seguir?”. Diante desses impasses a decisão é tomada de acordo com o consenso de todos que trabalham no projeto e de sua maneira de ver a questão.

Muitas vezes a direção escolhida termina em algo semelhante a uma via sem saída. Quando isso ocorre, os cientistas têm duas opções: continuar as pesquisas e tentar contornar os obstáculos ou retornar ao ponto da bifurcação e seguir o outro caminho. Infelizmente, quanto mais a ciência e a

humanidade investem em um caminho, mais difícil se torna deixar para trás as crenças associadas a ele, mesmo que seja um caminho que leve ao esquecimento.

Em *Um estudo da História*, obra de 12 volumes que analisa a ascensão e a queda das civilizações, o historiador inglês Arnold Toynbee apresenta o conceito de que as correntes culturais fixam ideias e padrões rígidos mantidos mesmo diante de desafios ambientais. E esses desafios acabam sendo resolvidos pelo que ele chama de *minorias criativas*. Hoje conhecidos como *criativos culturais*, esses agentes da mudança transformam as verdades filosóficas velhas e ultrapassadas em crenças culturais novas e sustentáveis.²

Uma pesquisa no Google mostra que, atualmente, centenas de milhares de criativos culturais trabalham em todo o mundo, em um esforço comum para transformar a humanidade. Muito provavelmente esses portadores de informações serão aqueles que nos levarão à evolução espontânea.

Os fatores básicos a serem levados em consideração pelos criativos culturais ao avaliar as chances de sobrevivência de qualquer tipo de organismo estão descritos no Índice de Sobrevivência apresentado. Se usarmos os determinantes básicos da fórmula para calcular as chances da civilização, veremos muitos pontos falhos.

$$\text{Sobrevivência} = \left(\frac{\text{Energia Total}}{\left[\begin{array}{c} \text{Crescimento} \\ + \text{Despesas} \\ \text{com Proteção} \end{array} \right]} \right) \times \left(\frac{\text{Disponibilidade de Recursos}}{\text{de Recursos}} \right) \times (\text{Eficiência}) \times (\text{Consciência})$$

Em relação aos recursos globais, a civilização enfrenta hoje a possibilidade de extinção dos recursos não renováveis e, conseqüentemente, da vida humana. Aos poucos, desenvolvemos a consciência das ameaças que nosso comportamento de transformar o ambiente em um depósito de lixo acarretou. Com ela, surgem livros, vídeos, *websites* e movimentos ativistas que propõem alternativas verdes e sustentáveis. Todos os dias mais e mais criativos culturais despertam e passam a contribuir para o desenvolvimento

de recursos energéticos renováveis, produtos recicláveis e o retorno à cultura de alimentos orgânicos.

E quanto à questão da eficiência, a civilização humana é a menos qualificada de todos os organismos na Terra. Os Estados Unidos e, em menor escala, outras culturas do ocidente, estão deixando uma imensa e negativa marca na biosfera e tornando cada vez maiores os custos para manter nossa existência. A ineficácia de uma civilização movida a fósseis e seus custos em termos de profanação do planeta são óbvios.

O fato de poluirmos indiscriminadamente os oceanos e rios do planeta e depois pagarmos caro por cada garrafa de água (supostamente) potável que bebemos é o cúmulo da ineficiência e nosso grande *Edsel*. A boa notícia é que os criativos culturais agem a todo vapor, trazendo novas ideias e conceitos para ajudar a humanidade a superar sua crise letal.

O fator proteção influencia diretamente os recursos da equação e as categorias de eficiência. O fato de termos gasto 15 trilhões de dólares em energia e recursos ambientais no desenvolvimento do complexo industrial militar para lutar uns contra os outros é o exemplo mais grave de ineficácia da história da biosfera. A humanidade não sobreviverá se continuar desperdiçando pessoas, dinheiro e recursos em tecnologias de autodestruição. O processo de cura e de transformar armas em arados começa com a conscientização.

O fator consciência não é apenas importante à nossa sobrevivência. É a alavanca da evolução. Ao longo da história da humanidade a civilização tem seguido um tortuoso caminho, porém é guiada, em cada curva, por uma crescente consciência coletiva autocorretiva. Essa consciência radicalmente revisada do Universo e de seus princípios operacionais oferecida diariamente pela nova ciência é uma indicação de que a humanidade está prestes a fazer uma drástica correção de rota.

A Internet, um dos avanços técnicos mais importantes da civilização, tem um papel fundamental em nosso processo evolutivo. Oferece a cada

célula das pessoas que têm acesso a ela a oportunidade de receber e disseminar mais consciência e vida por meio da comunidade. Nesse sentido, a Internet funciona como um sistema nervoso periférico que nos conecta com todo o globo e integra sua consciência.

A energia é o último (porém não menos importante) fator decisivo. Como mostra o Índice de Sobrevivência, energia é vida. Consequentemente, o uso criterioso dela é o que determina o destino de um organismo. O fator energia se relaciona ao diferencial entre a energia e aquela produzida nos processos vitais. A progressão aritmética de segunda ordem mostra claramente as consequências de se gastar mais do que se ganha.

ELES QUE GUARDEM AS ARMAS

Crescimento e proteção são formas de dispêndio de energia necessárias à sobrevivência. Ao longo da história, tem havido um desequilíbrio gradual e crescente entre a quantidade de energia utilizada para crescimento e para proteção. Os fisiologistas reconhecem que, no corpo, desequilíbrios dessa natureza são a principal causa de doenças e morte. A reverberação fractal desse desequilíbrio também tem um efeito negativo na vitalidade da civilização.

As funções de manutenção da vida podem ser divididas entre aquelas que promovem o crescimento (que inclui a reprodução) e aquelas que oferecem proteção. Quando estudamos células em culturas de laboratório, observamos a existência de um permanente conflito entre os comportamentos de busca de expansão e busca de segurança.

Se colocamos nutrientes em frente a uma célula, ela se move em direção a eles aberta e pronta para assimilá-los. Se colocamos toxinas, por outro lado, sua reação é se fechar e se afastar da fonte de ameaça. O comportamento de crescimento, expresso pela abertura da célula e por seu movimento de avanço é oposto ao de se fechar se afastar para se proteger. É

impossível para a célula estar aberta e fechada e se aproximar e se afastar ao mesmo tempo. Portanto, esses atos não ocorrem simultaneamente.³

Os primeiros organismos a surgir na Terra eram livres para se alimentar, se reproduzir e viver porque não existiam predadores. Logo, os processos psicológicos básicos de evolução foram desenvolvidos para garantir o crescimento. Mais tarde, com o advento das espécies que se alimentavam de outros organismos, surgiu a necessidade de desenvolver os comportamentos de proteção antes utilizados apenas em situações de emergência.

A situação ideal é aquela em que o organismo utiliza a maior parte de sua energia para o crescimento e a reprodução, deixando o mínimo para ser gasto em mecanismos de defesa. O diferencial em termos de uso está no fato de que a energia usada para o crescimento gera mais energia para o sistema enquanto aquela utilizada para proteção não oferece retorno.

Por esse motivo, a Natureza desenvolveu sistemas de proteção com a esperança de que eles nunca fossem utilizados, ou, no máximo, ajudassem esporadicamente o escape de eventuais perigos, como predadores. Eles não foram projetados para funcionar em um esquema 24/7, como são utilizados em boa parte da humanidade nos dias de hoje.

Se as necessidades de proteção de um organismo são grandes e ele é submetido a medo e pressão com muita frequência pode haver comprometimento da quantidade de reserva de energia necessária à manutenção de sua saúde.

Quando se trata de responsabilidades funcionais as células que compõem o corpo podem ser divididas em duas categorias: as das vísceras e as do sistema somático. As vísceras são os órgãos principais do corpo, responsáveis pelo crescimento e pela manutenção. São os sistemas digestivo, respiratório, nervoso e reprodutivo. O sistema somático, representado pelos braços, pernas e área externa do corpo, oferece proteção, apoio e mobilidade.

Quando o corpo está em crescimento o sistema envia energia aos órgãos viscerais enquanto o sistema somático desempenha um papel secundário. Mas quando o organismo sente uma ameaça externa o corpo envia mais sangue para o sistema somático de modo a fornecer energia para situações de luta ou fuga enquanto os órgãos viscerais se colocam em posição secundária.

Quando o sistema de inteligência central do corpo identifica sinais de ameaça do ambiente externo, ele ativa um mecanismo específico chamado eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA). Os sinais emitidos pelo eixo HPA contêm hormônios de estresse como adrenalina e cortisol, que contraem os vasos sanguíneos das vísceras, que, por sua vez, redirecionam o fluxo sanguíneo ao sistema somático. Uma vez ali, a quantidade extra de sangue aumenta a quantidade de energia, alimentando os músculos e ossos para proteger o corpo das ameaças externas. Quando o eixo HPA é ativado, a supressão do sangue visceral reduz significativamente o suprimento de energia normalmente utilizado para o crescimento.⁴

Em situações extremas, o organismo lutará ou fugirá até que suas reservas de energia se esgotem ou ele se torne vítima do predador. Porém, com sorte, ele poderá escapar e, percebendo que está em segurança, sua guarda HPA de proteção irá se retrair. Com a interrupção da secreção de hormônio de estresse, uma grande quantidade de sangue volta a circular pelas veias viscerais, permitindo a continuidade do crescimento do organismo e repondo a energia gasta.

O mesmo processo fisiológico aplica-se às células da humanidade quando o governo de uma nação dá ordem de ataque. Diante do perigo iminente, a ativação do eixo HPA sobre a nação tem o mesmo efeito sobre cada cidadão. Sob tais circunstâncias, o país converge todas as suas reservas de energia de crescimento para a defesa.

Isso ficou muito claro nos Estados Unidos, nos dias seguintes ao 11 de setembro de 2001, quando o medo de mais ataques interrompeu o processo

de crescimento do país de tal modo que a economia parou. Desconhecendo a dinâmica de crescimento-proteção, o Presidente George W. Bush, para tentar estimular o crescimento, desafiou a inteligência inata do país ao anunciar em rede nacional de TV: “Os EUA estão abertos a negociação”.

O Departamento de Defesa Norte-Americano é o equivalente funcional do sistema suprarrenal de proteção, que emite adrenalina e cortisol para estimular e mobilizar o instinto de luta ou fuga. Ao se sentir ameaçado, o país tende a dirigir suas reservas ao diretório militar.

Claro, isso significa redirecionar os fundos das agências de crescimento, como o Departamento de Saúde e a Agência de Proteção Ambiental, equivalentes ao sistema imunológico do corpo. Cortes de orçamento nessas áreas comprometem inevitavelmente o crescimento e a manutenção da infraestrutura do país. Como qualquer organismo vivo, um país que drena seus recursos mantendo um estado de tensão por períodos prolongados se torna suscetível a tumultos e colapso.

Outro exemplo de como um crescimento regulado e reações de medo afetam uma nação foi período entre os anos 1950 e 1960 nos EUA, quando o governo levou a população a acreditar que a Rússia representava uma ameaça. Simulações de ataques aéreos eram feitas com frequência, e, ao ouvir as sirenes estridentes, as pessoas precisavam correr para abrigos subterrâneos. Nos intervalos das simulações, as comunidades se engajavam em seus processos rotineiros, agradáveis e produtivos. Mas com o soar das sirenes seu instinto de proteção as levava a procurar os abrigos.

Quando a simulação acabava, todos retornavam a seus postos de trabalho e retomavam suas atividades. Mas imagine as consequências de alertas reais sem um aviso de término de simulação. Todo seriam obrigados a se manter em postura de defesa. Quanto tempo conseguiriam sobreviver? Somente enquanto durassem os estoques de alimentos, água e suprimentos. Depois disso morreriam.

Enquanto estão no abrigo, as pessoas estão longe do comércio e de outras atividades construtivas. Interromper a rotina só torna as coisas piores, pois enquanto em estado defensivo não há meios de restabelecer as forças de manutenção da vida.

Esse tipo de acontecimento em sociedade é semelhante ao experimento de laboratório em que se apresentam alimentos e depois toxinas às células. Comportamentos de crescimento e de proteção não acontecem ao mesmo tempo. Outro exemplo que ilustra bem a situação é o longo terror de guerra praticado até pouco tempo pelo governo sobre os cidadãos estadunidenses, que levou à falência de suas reservas e comprometeu a subsistência. O medo induzido fez o país priorizar as armas em detrimento do resto. O resultado é que não há mais recursos disponíveis.

Associamos o sistema suprarrenal da nação ao papel do Departamento de Defesa. Mas talvez o nome e a função desse departamento não sejam os mais apropriados quando se trata de representar o sistema supra-renal do corpo. O sistema suprarrenal é usado em reações de proteção. É o primeiro a ser ativado nos casos em que o corpo precisa entrar em um prédio em chamas para salvar uma criança ou pular na água para salvar pessoas que estão se afogando. O Departamento de Defesa entra em ação ocasionalmente para ajudar em grandes desastres ou para levar alimentos e medicamento aos sobreviventes, mas, diferente do sistema suprarrenal, está frequentemente engajado em atividades de guerra.

Talvez um nome mais apropriado ao órgão do governo comparável ao sistema suprarrenal fosse Departamento de Mobilidade. Com esse nome ele ainda poderia ter a função militar, porém sem expressar nossa crença coletiva da perpétua necessidade de adrenalina e de guerra.

OS HOMENS SÃO DE PROTEÍNA E AS MULHERES SÃO DE LIPÍDIOS

Ao estudarmos mais profundamente os padrões fractais de vida e de cultura, percebemos não ser coincidência o fato de uma civilização

dominada pelo autoritarismo patriarcal estar mais preocupada com a segurança enquanto as civilizações matriarcais se concentravam em crescimento e fertilidade.

Nas últimas centenas de anos a natureza humana classificou e dividiu o mundo utilizando um critério de polaridade: bom-mau, certo-errado, negro-branco, macho-fêmea, espiritual-mecânico são alguns exemplos. Mas existe uma dualidade que realmente reflete as propriedades básicas da química.

Duas classes fundamentais de moléculas criadas a partir dos elementos da tabela periódica apresentam propriedades psicoquímicas diferentes. São as chamadas moléculas polares e não polares, e o melhor exemplo para entender suas diferenças é pensar em termos de água e óleo.

As moléculas de água são polares, o que significa que elas possuem regiões de carga positiva e de carga negativa. São como ímãs, que também se distinguem por suas polaridades norte e sul. Como as cargas opostas se atraem e estabelecem vínculos, as moléculas polares se apresentam na forma de estruturas grandes e rígidas.

Embora os elos que mantêm unidos os átomos de uma molécula de óleo tenham energia, as moléculas lipídicas são de natureza não polar, pois suas cargas são uniformemente distribuídas por toda a estrutura, não havendo, portanto, regiões específicas de carga positiva ou negativa.

As ligações químicas que mantêm os átomos unidos em uma molécula lipídica não polar possuem de seis a dez vezes mais energia do que as ligações das moléculas de proteína polarizada e de carboidrato. Isso significa que a Natureza utiliza moléculas de lipídio não polares para armazenar energia biológica, fato que se reflete no acúmulo de gordura do corpo. A relativa ausência de regiões específicas de atração ou repulsão nas moléculas não polares permite que elas formem comunidades líquidas. E o mesmo princípio as impede de formar estruturas rígidas.

Encher uma proveta com moléculas não polares é como enchê-la com bolas de pingue-pongue do tamanho de átomos. Como elas não se

aglomeram, ficam livres para se movimentar e estabelecer associações fluídicas. Já as moléculas polarizadas se comportam na pipeta como nanoimãs e formam, automaticamente, uma massa sólida e compactada na qual as moléculas se alinham de maneira uniforme de acordo com sua carga polar.

Se jogarmos uma mistura dessas bolas de pingue-pongue e imãs em uma única proveta, os ímãs irão se unir e ficar separados das bolinhas, que se aglomerarão de forma desigual. Essa imagem molecular revela porque as moléculas polarizadas da água se separam fisicamente das moléculas não polares do óleo e porque gotas de água tem forma arredondada enquanto as de óleo são achatadas.

Curiosamente, a diferença básica entre as características masculinas e femininas lembra a das moléculas polares e não polares.

Moléculas não polares apresentam uma característica semelhante àquelas das fêmeas: quando se reúnem, formam uma comunidade harmônica e fluida. Já os machos, quando reunidos em grupos, estabelecem lutas de poder exatamente como as moléculas polarizadas, que se organizam em hierarquias que vão do mais forte ao mais fraco.

Essa interação entre moléculas polares e não polares estabeleceu, com o passar do tempo, quatro tipos principais de macromoléculas, complexos compostos por um grande número de átomos. O material básico das células é a macromolécula, composta de proteínas, gorduras, açúcares e ácidos nucleicos.

As proteínas são moléculas polares; as gorduras são lipídios não polares, e, curiosamente, os ácidos nucleicos associados à reprodução (DNA e RNA) representam a união de grupos amina polares e açúcares derivados de lipídios não polares.

A origem da vida dependeu totalmente das interações cooperativas da química polar e não polar, pois, juntas, elas criaram a primeira organela, ou seja, a primeira membrana celular. O material básico da membrana celular é

o fosfolipídio, molécula constituída de um grupo químico de fosfato polar e um lipídio não polar. Os fosfolipídios apresentam características polares e também não polares, e por isso são capazes de interagir fisicamente com as duas áreas.

Ao estabelecer um limite impermeável à água, os lipídios femininos criaram um ambiente interno controlável, o útero primário, que, por definição, representa um local de origem e de desenvolvimento. Portanto, a vida somente surge nesse útero pela ação conjunta de proteínas polarizadas masculinas, que sustentam fisicamente a membrana da célula e, mais importante, geram movimento (o trabalho que cria a fisiologia e a vida).

As organelas citoplasmáticas criadas no útero celular podem ser divididas em duas categorias: as de funções viscerais e as de funções somáticas da célula. Os elementos citoplasmáticos viscerais são organelas da membrana associadas ao crescimento e à manutenção. Os elementos somáticos são representados basicamente por uma matriz de proteínas polares fibrosas que oferecem apoio e mobilidade. As organelas viscerais da membrana apresentam características femininas: crescimento e reprodução. A matriz do sistema somático apresenta características masculinas: suporte físico, proteção e movimento.

As funções somática e visceral se complementam. Em estado de crescimento as organelas viscerais femininas exercem as funções principais e as funções da matriz masculina oferecem suporte. Quando a célula está em perigo os papéis se invertem. Em estado de defesa, as proteínas masculinas passam a proteger e a receber energia das vísceras.



V = Área visceral: organelas da membrana responsáveis pelo crescimento e pela reprodução. S = Área somática: filamentos de proteína responsáveis por suporte, proteção e movimento.

A estrutura e as funções do corpo humano refletem um padrão fractal autossimilar ao da célula. Nossos órgãos de crescimento e reprodução ficam em nossas vísceras enquanto nossos braços, pernas e corpo constituem o sistema somático.

O corpo humano masculino é definido fisicamente por proteínas polarizadas, as macromoléculas básicas que caracterizam os músculos. A musculatura é uma característica física que reflete o papel básico do macho, prover apoio e proteção. Em contraste, a forma do corpo feminino é definida por lipídios não polares, que são os depósitos de energia na forma de gordura que distinguem as formas femininas das masculinas.

A evolução do superorganismo que é a humanidade também revela uma dualidade masculina-feminina. O foco da civilização ocidental no âmbito físico e material e na tecnologia reflete traços masculinos, que enfatizam estrutura, proteção e polaridade. Já as culturas orientais foram construídas com base em características femininas associadas à espiritualidade, energia, crescimento e harmonia. Portanto, o potencial derivado da cooperação macho-fêmea ocorre no momento em que “o leste se encontra com o oeste”.

No livro *O cálice e a espada*, Riane Eisler mostra, por meio de suas impressionantes pesquisas, que as primeiras civilizações europeias tinham características essencialmente femininas: o regime era igualitário, todos

adoravam a uma Mãe Deusa e o foco da economia era agrário. Segundo a tese de Eisler, essas culturas foram sistematicamente destruídas cerca de 5 mil anos atrás pelos invasores Kurgans, nômades criadores de gado dos estepes da Rússia central. Essas tribos eram mais avançadas tecnologicamente e tinham guerreiros violentos que destruíram as civilizações pacíficas e igualitárias da Europa.

Diante da invasão dos Kurgans, a civilização adotou características masculinas, ou seja, passou a adorar deuses masculinos e guerreiros e a ter como líderes uma hierarquia de homens obcecados por controle, proteção e tecnologia.⁵

A sobrevivência da civilização humana vem sendo ameaçada há praticamente cinco milênios de domínio patriarcal e autoritário movido a testosterona. Essa distorção do conceito de liderança nos levou a um mundo totalmente desequilibrado que exacerba a característica masculina da proteção às custas da contribuição feminina responsável pelo crescimento.

Para restaurar a vida e a vitalidade de nosso mundo, precisamos resgatar os valores complementares do aspecto sagrado feminino. Seja a união do leste com o oeste ou uma reunião de hemisférios (como a mitologia sul-americana do condor e da águia), estabelecer um campo de equilíbrio masculino-feminino é o primeiro passo para recuperarmos a saúde, o amor e a harmonia planetária.

Como veremos adiante, estudando a maneira pela qual o organismo político pode levar ao sucesso do corpo humano, um aspecto importante à continuidade de nossa evolução é a conciliação daquilo que hoje vemos como extremos opostos. É somente pela integração dos aspectos da dualidade que conseguiremos moldar uma unidade capaz de nos dar um futuro real e positivo.

No próximo capítulo, veremos como esta integração pode acontecer.

Uma sugestão

"Somos todos Um, a inevitável Unidade. O Universo avisa: estamos cercados! Talvez seja melhor nos rendermos."

SWAMI BEYONDANANDA

Depois de estudar o mundo micro (a fascinante civilização funcional de nossas células), chegou a hora de nos concentrarmos no macro e estudar o ambiente que existe para além de nossa pele. A ciência epigenética revela que a história da vida se encerra nos limites de nosso corpo. Ao contrário, este é somente o início dela. Isso ocorre porque o destino de um organismo é diretamente influenciado pela informação que ele capta do espaço ao redor.

O comportamento biológico e a atividade genética são programados para complementar a percepção que um organismo tem daquilo que o cerca. Na estrutura biológica humana o estímulo ambiental que controla as células é captado e processado pelo cérebro e em seguida interpretado pelo mecanismo da mente. A consciência mental é então convertida pelos mecanismos epigenéticos, transformando-se no componente fisiológico que controla a saúde e o destino das células do corpo.

Como Einstein enfatizou, "o campo é o mecanismo que controla a partícula". Na estrutura biológica humana o campo é representado pela mente e pelas partículas do corpo. Enquanto o cérebro é um mecanismo físico, a mente representa um processo cerebral e é um campo não físico de informações. As propriedades da matéria física, como o cérebro, obedecem os princípios da física clássica ou newtoniana, mas os campos de energia da mente utilizam a mecânica da Física Quântica.

A mente é um fator crucial quando se trata de moldar as características de nossas vidas. E como os espiritualistas afirmam há muito tempo e os físicos agora descobriram, boa parte do que chamamos de realidade pode ser mero fruto de nossa imaginação.

QUAL A EXTENSÃO DA REALIDADE?

O fato de que a mente do observador influencia o resultado dos experimentos é uma das maiores revelações da Mecânica Quântica. Esse novo conceito da física nos mostra que não somos meros observadores do mundo ao nosso redor, mas participantes ativos de tudo o que acontece. Acreditamos que o mundo físico que habitamos é real, mas a Física Quântica nos mostra que não é bem assim. Os astrofísicos Arthur Eddington e James Jeans reconheceram isso imediatamente quando os físicos adotaram os princípios da Mecânica Quântica, em 1925.

James Jeans escreveu: “O fluxo de conhecimento aponta para uma realidade nova e não mecânica; percebemos agora que o Universo se parece mais com um grande pensamento do que com uma grande máquina. A mente não é um invasor accidental no reino da matéria (...) podemos começar a pensar nela como a grande criadora e governante da matéria”.¹

Curiosamente, Einstein chegou à mesma conclusão. Como não podia aceitar tal conceito como verdade, passou o resto de sua vida tentando (sem sucesso) negar essa implicação desconcertante da Mecânica Quântica.

A Física Quântica mostra inequivocamente que as informações processadas por nossas mentes influenciam a forma do mundo em que vivemos. Como uma informação tão importante e profunda não faz parte de nosso cotidiano? Conforme Eddington descreveu, “é difícil para um físico acostumado com conceitos mecânicos aceitar o conceito de que a matéria, base de tudo que conhecemos, tem origem mental”.² Os físicos evitam essa verdade simplesmente porque ela é estranha a todas as suas concepções de vida.

Os cursos de física convencional ensinam que os princípios da Mecânica Quântica que governam as interações de partículas de onda se aplicam somente em nível atômico. Com essa restrição, todos passaram a crer que a Mecânica Quântica não se aplica à nossa vida ou aos assuntos do dia a dia. Por esse motivo, os físicos de hoje deixam de informar ao público que o Universo é de natureza puramente mental.

Felizmente, os líderes dessa área de estudos, como o físico Richard Conn Henry, da Johns Hopkins University, tentam eliminar as distorções no conceito de primazia da matéria. Henry apresenta uma definição simples e distinta da verdadeira natureza do Universo: “O Universo não é material. É mental e espiritual. Portanto, viva e aproveite”.³

Nossas mentes são cocriadoras do mundo em que vivemos. Sendo assim, ao modificar nossas crenças, temos a oportunidade de alterar o que vemos ao nosso redor.

Embora seja um princípio embasado em estudos e conclusões científicas, algumas perguntas continuam no ar: “Isso funciona na prática? Há estudos ou experiências que comprovem que os princípios da Mecânica Quântica se aplicam à sociedade? O campo de energia da mente humana realmente influencia as características físicas de nosso mundo?”

O teórico físico Amit Goswami procurou respostas a essas perguntas fazendo uma experiência para ver se o comportamento humano seria realmente influenciado por atividades de Mecânica Quântica. E escolheu o princípio quântico da não localidade para trabalhar em seu experimento, propriedade básica das partículas subatômicas como fótons e elétrons. Segundo esse princípio, as características físicas das partículas se tornam intimamente conectadas à medida que elas interagem umas com as outras. Se uma característica de uma das partículas é alterada, como a mudança de sua direção de rotação do sentido horário para o anti-horário, por exemplo, aquela que interage com ela responde imediatamente modificando também

sua direção de rotação, mesmo que haja uma grande distância entre elas. Einstein se referia a esse fenômeno como “ação fantasmagórica à distância”.

O experimento de Goswami tinha como objetivo verificar se a mente humana seguia o princípio da não localidade. Ele desejava saber se nossos cérebros se comportavam como as partículas, ou seja, se a mudança na atividade cerebral de uma pessoa poderia induzir a uma mudança naquela com quem ela mantinha maior intimidade. Pediu então que alguns voluntários procedessem a um tipo de interação meditativa por meio da qual manteriam contato sentindo a presença uns dos outros à distância.

Os voluntários foram separados cerca de 15 metros uns dos outros e colocados em câmaras Faraday, isoladas eletromagneticamente, e sua atividade EEG foi monitorada. Goswami utilizou um estroboscópio nos olhos de um deles, induzindo um *potencial evocado*, padrão elétrico característico que revela a resposta do cérebro a um estímulo sensorial.

Quando os indivíduos se encontravam mentalmente conectados pela meditação, induzir o potencial evocado em um deles provocava o mesmo efeito no cérebro do outro, muito embora ele não estivesse sendo exposto ao estímulo físico. A experiência demonstra que a atividade no cérebro de uma pessoa pode influenciar a atividade no cérebro de outra, mesmo que a distância. A transferência não local de informações de um cérebro para o outro revela que esse órgão possui uma natureza quântica que opera em nível macro.⁴

Diversas pesquisas mostram que as mentes de pessoas aparentemente frágeis e impotentes influenciam de maneira consciente e mensurável o campo de energia, que, por sua vez, molda e influencia o mundo. Neste capítulo apresentaremos mais evidências de que, também no mundo das ações e acontecimentos, existe um campo invisível de energia em movimento, e nossos pensamentos, emoções e atitudes ajudam a moldá-lo. Também mostraremos como pensamentos e sentimentos podem ser utilizados para trazer paz e harmonia ao mundo.

Terminamos o capítulo com uma sugestão de ações (sistema operacional humano, se quiser chamar assim) que podem garantir o sucesso de nossa espécie. A sugestão se baseia em informações que vêm sendo transmitidas por mentores espirituais ao longo dos séculos e hoje são confirmadas pela nova ciência.

AS EXPERIÊNCIAS COM O CAMPO DE ENERGIA

A história confirma que, em 1903, os irmãos Wright voaram em uma aeronave mais pesada do que o ar. Mas foi somente sete anos depois, quando viram uma fotografia do presidente Theodore Roosevelt em um avião, que as pessoas realmente se convenceram de que voar era possível. Se tivéssemos como perguntar a alguém na rua antes dos jornais divulgarem aquela foto: “Quando o homem irá voar?”, a resposta seria algo do tipo “quando os porcos e as vacas voarem também!”. Da mesma maneira, a maioria da população não conhece a ciência mais recente e não tem acesso às evidências irrefutáveis da existência de um campo de energia invisível que influencia a vida.

Desde a fundação da ciência moderna os pesquisadores tentam entender o Universo em sua forma observável e mensurável. Tudo que não podia ser visto (e, portanto, não podia ser medido) estava, por definição, fora dos limites científicos. Embora os místicos e as religiões sempre tenham acreditado naquilo que os físicos chamam de *campo*, foi somente no século passado que a ciência desenvolveu instrumentos capazes de captar sua existência e influência.

Os cientistas biomédicos que se interessam em explorar o mundo para além dos limites das explicações newtonianas descobrem agora esse território vasto e inexplorado que parece desafiar as leis convencionais do Universo físico. E o fato desse campo também estar vinculado à força da mente e até das preces indica que a experiência e o conhecimento nos

conduzem a uma área em que a ciência e o espiritual se unem para estabelecer uma força evolucionária cooperativa.

Assim como temos certeza de estarmos diante de um campo invisível quando aproximamos um ímã da limalha de ferro e ela é atraída, podemos ver a presença de uma energia invisível que influencia a vida através de tecnologias médicas avançadas como o CAT scan (tomografia computadorizada), a ressonância magnética (MRI) e o *Positron Emission Tomography* (PET), além dos ultrassons.

As imagens mapeadas podem revelar a presença de câncer e de sintomas de diversas doenças, porém é importante lembrar que não se trata de fotografias de tecidos físicos e de órgãos internos. Se fosse assim elas mostrariam apenas a parte exterior. As imagens escaneadas são visualizações de campos de energia radiante, e a característica do campo de energia é ser um complemento da realidade física do corpo.

Boa parte da tecnologia de mapeamento é empregada para ler os campos de energia dentro do corpo. Mas já existem também aparelhos que leem os campos irradiados do corpo para o meio ambiente. Hoje temos instrumentos que detectam os campos magnético e elétrico de batimentos cardíacos. E já se descobriu que o coração pode emitir mensagens eletromagnéticas que influenciam o campo de energia e são captadas por outros corações. Um novo sistema, chamado magnetoencefalografia (MEG), consegue ler os padrões de energia neurais do cérebro a alguma distância. A tecnologia MEG é a prova física de que a atividade cerebral é transmitida para o ambiente da mesma maneira que um diapasão irradia som.

O TEMPO NÃO É MAIS COMO ERA ANTES

Assim como as pessoas tinham certeza, há um século, de que o homem jamais conseguiria voar, estamos todos programados para acreditar que o tempo é absoluto e se move em uma única direção. Bem, talvez sim, talvez não.

Por mais absurdo que pareça, o pesquisador Dean Radin, autor de *Mentes interligadas*, e a jornalista Lynne McTaggart, autora de *O campo* e de *O experimento da intenção*, oferecem provas de que muitas vezes reagimos a eventos futuros. Em uma das experiências dois voluntários foram ligados a um equipamento biométrico que registra reações emocionais. À sua frente, uma tela mostrou uma sucessão de imagens, a maioria bela e agradável. Mas cerca de 3% delas, mostradas aleatoriamente, eram de cenas chocantes de sexo ou violência. Os voluntários demonstraram uma resposta emocional às imagens chocantes alguns segundos *antes* de elas aparecerem na tela. Como isso pode acontecer dentro do conceito de tempo linear e progressivo?⁵

Outro estudo interessante foi feito pelo Dr. Radin com computadores geradores de números aleatórios. Quando programado, o computador mostra em seu *display* números em sequência aleatória, exceto em raras ocasiões. As exceções surgem quando os números não são realmente aleatórios, não apresentam padrão e coerência.

A parte interessante é que essa perda da aleatoriedade normalmente ocorre quando há um evento global que chama a atenção de um grande número de pessoas. Aparentemente, não importa o que elas pensam ou sentem a respeito do evento. O que parece ser levado em conta é que a atenção de todos se concentra especificamente no mesmo acontecimento. Isso costuma ocorrer em épocas de campeonatos esportivos e também foi observado durante o julgamento de pessoas famosas, no funeral da Princesa Diana e durante o ataque ao *World Trade Center*.⁶

E é aqui que o conceito de Einstein, “ação fantasmagórica a distância”, se torna ainda mais fantasmagórico. Quando o padrão de aumento de coerência global é mapeado em um gráfico, ele é registrado como uma curva em forma de sino. Até aí nada de estranho, exceto que, nesse caso, os dispositivos que criam o gráfico revelam que os números se tornam mais coerentes *antes* do evento. Duas horas antes de o primeiro avião atingir o

World Trade Center, em 11 de setembro, os geradores de números já estavam reagindo a *verberações* anteriores ao momento do choque!⁷

Helmut Schmidt, físico alemão e pesquisador de habilidades psíquicas, sempre se interessou pelo relacionamento entre o observador e o fenômeno observado. Ao presumir que o observador pode influenciar eventos aleatórios por meio da intenção, propôs uma intrigante questão: o observador pode influenciar o resultado de um evento que já ocorreu?⁸

Schmidt conectou seu gerador de números aleatórios a um aparelho de áudio que podia gravar sons de clique no lado direito ou esquerdo de um fone de ouvido. Gravou então algumas sequências, tendo o cuidado de que ninguém, nem mesmo ele próprio, soubesse os resultados. No dia seguinte chamou voluntários, deu a eles algumas fitas gravadas e lhes pediu para tentar influenciar mentalmente o resultado para que os cliques ocorressem mais em um lado do que no outro.

Comparou então a distribuição dos cliques no lado direito e no esquerdo nas fitas que os voluntários influenciaram e naquelas que não foram influenciadas. Enquanto as fitas não influenciadas mostraram resultados puramente aleatórios, o pesquisador se surpreendeu ao descobrir que os voluntários haviam influenciado a distribuição dos cliques nas fitas gravadas dois dias antes!

Curiosamente, a experiência do tempo só funcionava se os cliques gravados não fossem verificados até o voluntário influenciar a gravação. Se alguém tentasse verificar os resultados na fita antes da experiência, o voluntário não conseguia mais influenciá-los.

As implicações desse experimento são desconcertantes. Muitos curadores holísticos dizem já ter efetuado curas voltando no tempo para atuar antes de a doença se estabelecer. Pode parecer loucura ou ficção, mas as leis da Mecânica Quântica sugerem que é possível. Os experimentos de Radin e Schmidt nos fazem questionar seriamente o conceito de tempo linear. Mas o que pode existir além do tempo? O campo de energia.

O CAMPO DE ENERGIA E AS PRECES

Esses estudos não apenas nos fazem questionar o conceito de tempo mas também a noção de tempo e espaço. O que pouca gente sabe é que algumas instituições tradicionais, como departamentos de defesa, já utilizaram alguns desses experimentos. Em seu livro *Os milagres da mente*, o físico Russell Targ descreve sua participação em experiências de *visão remota* patrocinadas pela CIA no Instituto de Pesquisas de Stanford.

Visão remota é uma variante de clarividência desenvolvida pelos militares para inspecionar instalações inimigas em diversas partes do globo. Os “videntes” recebem coordenadas de latitude e longitude e depois entram em meditação profunda. Enquanto se encontram nesse nível de consciência conseguem descrever os locais e a estrutura das bases inimigas sem nunca haver estado nelas.

Segundo Targ, um dos videntes mais conhecidos nessa área foi Pat Price, comissário de polícia de Burbank, na Califórnia. Em uma experiência da qual participou, patrocinada pela CIA, recebeu as informações de latitude e longitude daquilo que descobriu ser um laboratório de armas nucleares soviéticas na Sibéria. Utilizando apenas as coordenadas ele conseguiu desenhar a planta com uma precisão espantosa. Fotos de satélite confirmaram, mais tarde, todas as informações que ele forneceu.⁹

Este e outros experimentos de visão remota demonstram que o campo também transcende a distância. As implicações são profundas, não apenas pela possibilidade de poder espionar os inimigos, mas também por permitir a cura a distância.

Se podemos aplicar o determinismo genético, a vontade de Russell Targ de aplicar a ciência aos mistérios da vida foi transmitida à sua filha, Elizabeth Targ.

Elizabeth é uma conceituada médica, cientista e psiquiatra que demonstrou grande curiosidade pela nova ciência da psiconeuroimunologia,

o estudo de como o estado psicológico dos indivíduos influencia a atividade de seu sistema imunológico.

Em 1995, o Instituto de Ciências Noéticas convidou Elizabeth a fazer experiências sobre a eficácia de preces a distância na cura de doenças. Como cresceu em uma família em que a ciência era praticamente uma religião, a doutora era naturalmente cética quanto ao valor de preces em geral. No entanto, conhecendo o trabalho de seu pai, sabia que em muitos casos a mente poderia influenciar, de maneira misteriosa, o campo de energia ao nosso redor.

Sua diretriz era conduzir um experimento impecável para determinar se pensamentos positivos ou negativos realmente influenciariam eventos. Para responder a esta questão, ela e seu parceiro de pesquisas, Fred Sicher, decidiram estudar a possibilidade de preces deterem ou influenciarem o desenvolvimento da aids em um organismo. Escolheram uma população homogênea de pacientes de aids que apresentavam o mesmo grau da doença.

Convidaram 40 curadores religiosos e espiritualistas de diferentes áreas, de cristãos a xamãs, a conduzir um estudo do tipo *double-blind*, em que ninguém além dos curadores sabia quais pacientes recebiam as preces de cura. Todos os curadores tinham uma coisa em comum: haviam conseguido curar pessoas desenganadas pela medicina tradicional.

Vinte pacientes foram divididos em dois grupos. Cada grupo recebeu o mesmo tratamento médico, mas apenas um recebeu as preces. Os curadores não tinham acesso aos pacientes. Receberam apenas um nome, uma foto e um exame com contagem de linfócitos. Sua tarefa era “emitir intenções de cura e bem-estar” para um paciente durante uma hora por dia, seis dias por semana, durante dez semanas. Como eram 40 curadores, cada paciente receberia, então, preces de quatro curadores diferentes durante o período.

O resultado do estudo foi tão surpreendente que Targ quase não acreditou. Depois de seis meses, quatro dos dez pacientes no grupo

controlado que não recebera as preces tinha morrido. Já os dez do outro grupo, que receberam preces, não apenas estavam vivos como diziam se sentir muito melhor, fato confirmado pelos médicos que os acompanhavam e pelos exames. Targ e Sicher repetiram o experimento com 50 fatores de controle diferentes que poderiam influenciar o resultado. Mais uma vez, os pacientes que receberam preces apresentavam um índice de saúde significativamente maior em todos os parâmetros utilizados.¹⁰

Essas experiências comprovam diversos estudos similares já realizados sobre os efeitos das preces sobre a cura. Observa-se em todos eles que a religião e o método de orações utilizado não faz diferença. Basta haver intenção de cura. E os curadores que mais obtêm sucesso sempre expressam humildade e afirmam haver forças superiores agindo por meio deles.

A CIÊNCIA DA ORAÇÃO

Uma coisa precisa ficar clara: embora não saibamos exatamente como o campo de energia funciona, sabemos que ele existe. E embora não possamos desmontá-lo como um relógio suíço para ver como ele funciona, podemos utilizá-lo para influenciar nossa realidade. Afinal, já faz muito tempo que Newton descobriu a gravidade e, embora não possamos explicá-la, utilizamos seus princípios todos os dias para impedir que nossos objetos caiam da mesa.

Além dos estudos publicados por Elisabeth Targ, há várias matérias científicas a respeito do poder da prece. O médico Larry Dossey, autor de *As palavras curam* e *A prece é um bom remédio* estudou mais de 60 pesquisas científicas que comprovam o impacto das preces sobre o processo de cura. Esses estudos revelam que, independentemente da religião ou do tipo de orações utilizado, sem amor e compaixão elas praticamente não tem valor. Dossey concluiu que a melhor atitude de cura é expressa pela frase budista “tenha um bom coração!”. Segundo o médico, o significado dessa frase é

“importar-se de verdade com alguém, sem intenções secundárias ou escusas”.¹¹

Dossey afirma que a prece não é simplesmente algo que fazemos. É algo que somos. Gregg Braden chegou à mesma conclusão. Em visita ao Himalaia, pediu a um abade budista que lhes explicasse a intenção dos monges que recitavam salmos 14 a 16 horas por dia. Sua pergunta foi, especificamente: “Vemos suas preces, mas o que vocês fazem na realidade?”. O monge respondeu: “Vocês não veem nossas preces, pois elas não podem ser vistas. O que vocês veem é o que fazemos para estimular o sentimento em nossos corações. *O sentimento é que é a prece!*”¹²

Braden perguntou também a um índio nativo dos Estados Unidos que orava para trazer chuva o que exatamente ele fazia. “Eu não oro *pedindo* chuva”, informou o xamã. “Eu oro *chuva*”. Em outras palavras, o xamã incorporava a experiência da chuva. Ele simplesmente se concentrava na sensação da chuva caindo sobre seu corpo e de seus pés na terra molhada. Sentia o cheiro da chuva e se imaginava andando pela plantação de milho viçosa, nutrida pela água. Depois de muitas pesquisas sobre a natureza da prece, Braden concluiu que nos comunicamos com o campo de energia através da linguagem de emoção, sentindo o resultado da prece como se ele já tivesse ocorrido.¹³

Sentir mental e emocionalmente o resultado desejado durante a prece antes mesmo de ele acontecer faz todo sentido no mundo da Mecânica Quântica. Os físicos reconhecem que a mente exerce grande influência quando se trata de criar uma realidade. Analisemos o que ocorre na mente de um indivíduo no momento em que ele ora pedindo alguma coisa. Ele emite um campo mental caracterizado pela falta ou pela necessidade. Como o campo influencia a forma no mundo real, um campo que enfatize a falta ou a necessidade de algo concretizará essa falta. Por outro lado, se a mente do indivíduo manifestar a sensação mental e emocional de já ter realizado

seu desejo, o campo mental transformará a prece em uma realidade condizente com o que foi pedido.

Dossey e Braden concordam em um aspecto, a importância de não haver apego na prece. O aparente paradoxo que parece conter a chave do sucesso nas orações é desejar que algo se concretize mas não se fixar ou se ater demais ao resultado. Em seu livro *Segredos de um modo antigo de rezar* Braden mostra uma discrepância entre a designação bíblica clássica da natureza da oração (“peça e receberas”) e a tradução do aramaico original (“peça sem intenções ocultas e deixe-se envolver por sua resposta. Sinta-a em você e sua felicidade será completa”).¹⁴

A instrução bíblica original sobre como orar é, originalmente, “peça sem motivos escusos”. É a mesma instrução que Dossey afirma haver na intenção das orações budistas, ou seja, sem segundas intenções.

Isso significa que aquele que ora não deve se ater demais ao resultado, ou seja, não tentar prever ou controlar a maneira pela qual ele irá ocorrer. Porém, o mistério de efetuar preces com sucesso nos leva a um grande paradoxo: “Para ter algo, você precisa desejá-lo, mas não deve se apegar demais à ideia de obtê-lo”.¹⁵

Braden oferece uma razão plausível para essa necessidade de desprendimento. Segundo ele, as preces estão normalmente vinculadas a desejos individualistas e raramente aquele que pede pensa nas consequências que a realização de seus pedidos pode ter sobre outros indivíduos ou mesmo que contribuição ela terá para o bem maior da humanidade. A inteligência do campo de força, biblicamente expressa pela frase “seja feita vossa vontade”, tem uma carta bem maior escondida na manga.

A segunda condição estabelecida pela forma bíblica original, que estabelece o sistema criativo de oração, é “deixar-se envolver por sua resposta”.¹⁶ Isso significa, simplesmente, que devemos vivenciar fisiológica e emocionalmente a intenção do que desejamos como se já houvesse

acontecido. Essa é a atitude dos monges budistas e dos xamãs estadunidenses, ou seja, eles vivem antecipadamente, dentro de si, a experiência de obter aquilo que desejam em vez de simplesmente pedir. Os físicos modernos confirmam esse método de prece e manifestação embora prefiram se referir a ele em termos de um campo de energia que influencia a matéria.

A experiência de vivenciar emocionalmente um desejo ou uma realização tem um importante papel fisiológico na manifestação da prece. As emoções estabelecem uma conexão consciente com o âmbito físico porque representam a ponte entre os pensamentos e a química dos sentimentos. E aí chegamos ao aspecto principal da questão: o coração é a usina geradora da mente, que amplifica e irradia nossas informações emocionais por todo o Universo.

O CORAÇÃO SAGRADO E A SINTONIA

No mundo do materialismo científico, o coração é um mero músculo, muito importante, mas apenas um músculo. Já na medicina chinesa ele é considerado o centro da sabedoria. E, segundo a tradição védica, o coração é o mediador entre Céu e Terra.

A milenar filosofia Ayurveda afirma que o corpo possui sete *chakras*, que são centros de força responsáveis pela recepção e transmissão das energias vitais. O *chakra* cardíaco fica no centro, entre os três do alto e os três de baixo. O *chakra* coronário (no alto da cabeça), o do terceiro olho, ou frontal (na testa, entre as sobrancelhas) e o laríngeo (na garganta) são os centros de energia da consciência e da comunicação. O do plexo solar, o esplênico e o *chakra* básico (na região do períneo) representam o aspecto físico e as emoções corpóreas. Se há um mediador entre o que está *acima* e o que está *abaixo*, sem dúvida é o *chakra* do coração.

A ciência moderna mais uma vez confirma os ensinamentos da sabedoria antiga, desta vez em relação ao papel crucial do coração. Em

1992, o pesquisador e especialista em estresse, Doc Childre, fundou o Instituto da Ciência do Coração, um centro de pesquisas científicas dedicado à investigação da noção de que o coração possui grande força e sabedoria e pode conter a chave da evolução espontânea de nossa espécie.

Childre e um grupo de pesquisadores do HeartMath reuniram dados de uma série de novas tecnologias que revelam que os sábios antigos tinham razão quanto à influência do coração sobre a vida. Em seu livro, *A solução HeartMath*, Doc Childre e o coautor, Howard Martin, concluíram que “a inteligência do coração é o fluxo de inteligência e de consciência que vivenciamos quando a mente e as emoções corporais são alinhadas e harmonizadas, vibrando em um ritmo coerente”.¹⁷

Parafraseando uma antiga canção de Connie Frances, o coração tem mente própria. Nos anos 1970, os fisiologistas John e Beatrice Lacey, do *Fels Research Institute*, descobriram que o coração possui um sistema nervoso independente ao qual se referiam como “o cérebro do coração”.

Mais de 40 mil neurônios do coração são usados para a comunicação com os centros cerebrais relacionados à consciência, incluindo as amígdalas, o tálamo e o córtex cerebral. Quando descobriram os neurônios cardíacos, os cientistas achavam que eles serviam apenas para processar os sinais enviados pelo cérebro.¹⁸

Mas as pesquisas do casal Lacey revelaram algo totalmente diferente. Seus estudos mostram que o coração não obedece automaticamente as mensagens do cérebro. Ele interpreta os sinais neurais e cria uma resposta de acordo com o estado emocional do indivíduo. Os Lacey concluíram que o coração possui uma lógica distinta e que os batimentos não são um ritmo mecânico da vida. Eles são uma linguagem inteligente.¹⁹ Análises de ECG mostram que o coração está muito mais ligado à percepção e a reações de comportamento do que a ciência ocidental jamais imaginou.

Os pesquisadores da *HeartMath* confirmam o que a religião, a poesia e nossa intuição já nos dizem desde que o homem passou a ter consciência. O

coração é a ligação entre a consciência e as respostas fisiológicas geradoras de emoções. E mais: descobriram também que o impacto do amor sobre o corpo é algo real e bioquimicamente mensurável.

As pesquisas de Childre e Martin levaram ao desenvolvimento de técnicas para acessar aquilo a que eles chamam *inteligência coerente do coração*. Quando os voluntários das pesquisas concentravam sua atenção no coração e demonstravam emoções como amor, compreensão ou carinho, seus batimentos cardíacos apresentavam um padrão mais coerente. E essa coerência, quando ocorre com frequência, ativa uma série de eventos neurais e bioquímicos que influenciam cada órgão do corpo.

Estudos mostram que a coerência cardíaca aumenta o nível de inteligência reduzindo a atividade do sistema nervoso simpático, que controla o mecanismo de luta ou fuga, promovendo simultaneamente a atividade de crescimento do sistema nervoso parassimpático. O relaxamento produzido pela coerência cardíaca reduz a produção do hormônio de estresse cortisol e redireciona seus precursores químicos para produzir o hormônio antienvelhecimento dehidroepiandrosterona (DHEA). Cultivar sentimentos de amor, compaixão, interesse e reconhecimento influencia nossa fisiologia e nos dá mais saúde, alegria e uma vida longa.²⁰

A ciência já descobriu como o amor cura! Ao concentrar a atenção em nosso coração aumentamos a sincronização coração-cérebro, o que acalma o sistema nervoso e desativa a reação de estresse. E se o coração se encontra em estado de coerência, o corpo conserva a energia vital para o crescimento e a manutenção.

A influência do coração no campo de energia ocorre em virtude de sua atividade eletromagnética, 5 mil vezes mais forte que a do campo eletromagnético do cérebro. A tecnologia atual tem aparelhos capazes de medir o campo de energia do coração a três metros de distância. Sentimentos como amor geram uma coerência mensurável no campo do coração enquanto as emoções negativas criam incoerência e desarmonia.

O coração pode tanto externalizar nossas emoções quanto ser influenciado pelas emoções alheias. Quando um indivíduo se conecta a outro pelo toque físico ou simplesmente pela empatia, a atividade elétrica dos corações e cérebros dos dois se interliga e passa a se comunicar. Essa relação tem implicações profundas, pois ativa um campo de cura. A coerência do amor é contagiosa e pode se espalhar rapidamente em uma população.

Essas observações sugerem que a coerência ou a incoerência emocional em grandes grupos pode influenciar diretamente o campo de energia maior.

O *Institute of HeartMath* iniciou um experimento para testar essa hipótese recrutando os esforços de grandes grupos de participantes em todo o planeta. A Iniciativa de Coerência Global é um projeto científico desenvolvido para mensurar a influência coordenada de milhões de pessoas que praticam conscientemente algo chamado “foco e intenção de transmutar a consciência global, transformando a instabilidade e a discórdia em equilíbrio, cooperação e paz duradoura”.²¹

Mas será que nossas intenções podem modificar conscientemente o campo da Terra? Continue lendo.

AS RODAS QUE NOS CONDUZEM AO PRÓXIMO CICLO

A Iniciativa de Coerência Global da *HeartMath* não é o primeiro estudo a medir o impacto da concentração coerente de grandes grupos de pessoas no mundo físico. Praticantes da Meditação Transcendental (MT), uma técnica introduzida no ocidente por Maharishi Maresh Yogi, fizeram um experimento em 24 cidades dos EUA, no início dos anos 1970. Maharishi afirmava que quando a raiz quadrada de 1% da população de um local pratica esse tipo de meditação ocorre uma redução dos níveis de criminalidade na área ao redor.²²

Embora pareça uma afirmação absurda vindo de alguém que dizem ter sido alvo de sátira dos Beatles em sua canção “*Fool on the hill*” (O bobo na

montanha), o efeito Maharishi é real. Não apenas os níveis de criminalidade caíram durante os experimentos do grupo, como também o número de emergências em hospitais.

Em um estudo realizado em 1993 e fielmente documentado, praticantes de MT se reuniram em Washington, D.C., durante os meses de junho e julho. E apesar das altas temperaturas de verão, normalmente associadas a um aumento nas taxas de criminalidade, observou-se uma diminuição cada vez maior no número de crimes. Curiosamente, quando o experimento terminou e os meditantes deixaram a cidade, as taxas de criminalidade imediatamente começaram a subir novamente! A diminuição do número de crimes durante aquele período, segundo informações do departamento de estatísticas regulares do FBI, não pôde ser associada a quaisquer outras variáveis. Estatisticamente, as chances desses resultados serem atribuídos a coincidência seria menos de duas em um bilhão.²³

Mas esses resultados são algo que pode ser obtido somente pela Meditação Transcendental ou há outras técnicas para obter a coerência no campo de energia?

Dois projetos de criação de coerência, o *Intention Experiment*, de Lynne McTaggart²⁴, e o *Common Passion* procuram respostas para esta questão.

Joe Giove, diretor executivo do *Common Passion*, diz: “Imagine que existem grupos de esforços globais para o estabelecimento da paz cujo propósito é a harmonia social. Esses grupos seriam compostos por membros de todas as religiões, praticantes de meditação e indígenas. Eles se reuniriam local e globalmente, aprenderiam a aplicar descobertas de estudos e desenvolveriam tecnologias que ampliassem os efeitos de harmonização social resultantes de seus esforços conjuntos”.²⁶

A proposta de Giove é uma iniciativa ambiciosa mas de grande valor, que oferece aos indivíduos a oportunidade de se unir e praticar o amor humano de maneira consciente. Como sempre sucede quando um novo

conceito é criado, evidências do fenômeno já começaram a surgir em toda parte.

Arjuna Argagh mostra em seu livro *Despertando para a unidade* uma prática indiana chamada Bênção da Unidade ou *deeksha*. Segundo Ardagh, a bênção é uma forma de coerência que pode ser transferida de um indivíduo para outro. Ele afirma que a Bênção da Unidade, baseada no trabalho de Sri Bhagavan e sua esposa, Sri Amma, fundadores da Universidade da Unidade na Índia, causaram uma profunda transformação nos arredores, algo muito similar ao Efeito Maharishi.

Quando Sri Bhagavan mudou seu escritório para Varadaiahpalem, verificou que o lugarejo era como qualquer outro local pobre da Índia. A maior parte das famílias morava em choupanas de um único cômodo sem água, rede de esgoto ou eletricidade. Os problemas sociais eram cada vez maiores e envolviam alcoolismo, violência política e abuso das esposas por parte dos maridos.

Bhagavan se ofereceu para ensinar às pessoas do vilarejo e da região as técnicas de Bênção, para que eles pudessem se sentir melhor.

No início, apenas 30 ou 40 pessoas aceitaram o convite. Mas a coerência é contagiosa. Logo, mais pessoas foram se interessando, e, em cinco anos, já havia 6 mil participantes nas aulas. Segundo Ardagh, que passou a visitar as aldeias e fazer enquetes, o consumo de álcool foi reduzido em mais de 80% em comparação aos cinco anos anteriores, e quase já não se via bêbados pelas ruas. Diversos projetos de trabalho em comunidade foram criados e havia emprego para todos que quisessem trabalhar.²⁷

Assim como a maioria dos estudos sobre o poder curativo do amor, da prece e da coerência, o trabalho de Ardagh é considerado mais como resultado de observação do que uma tese com base científica. Mas a comprovação científica se torna desnecessária para quem já teve uma experiência dessas. Contudo, uma profunda mudança ocorre quando a

ciência decide explorar os limites entre o visível e o invisível, especialmente quando se trata de mensurar algo tão imensurável quanto o amor.

MAS O QUE O AMOR TEM A VER COM ISSO?

Dois outros notáveis experimentos oferecem evidências de como algo supostamente não científico como as emoções pode ter um impacto físico mensurável sobre a matéria (e a distância!)

Vamos começar com a interessante pesquisa de Bernard Grad, biólogo canadense que realizou diversas experiências no campo da cura paranormal. Em vez de estudar pacientes humanos, Grad concentrou seus estudos nas plantas. Descobriu que quando um curador paranormal transmitia energia a um béquer com água, as sementes colocadas nele cresciam bem mais e com maior velocidade do que outras sem o tratamento energético. Em outro desses estudos, Grad pediu a pacientes psiquiátricos, incluindo um homem com depressão profunda, que segurassem béqueres com água e depois colocou sementes neles. As plantas nestes béqueres tiveram seu crescimento inibido, principalmente as do béquer que o paciente em depressão segurou.²⁸ Análises mostraram que os curadores realmente produziram uma mudança física na estrutura da água, que foi submetida a exame de absorção espectroscópica de luz infravermelha.²⁹ Essas mudanças indicaram haver maior coerência estrutural das moléculas da água após ela ter sido exposta às mãos do curador, e menor coerência após exposição às mãos do paciente com depressão. Grad aprofundou os estudos e descobriu que os curadores também conseguiam diminuir a velocidade do crescimento de tumores em ratos de laboratório.

O trabalho do físico e curador Leonard Laskow apresenta ainda mais evidências de que os pensamentos e emoções podem alterar a realidade das células. Assim como muitos cientistas que se encontram a caminho desse novo paradigma, Laskow iniciou sua carreira na medicina tradicional. Mas uma virada do destino o levou a uma experiência de cura tão profunda que

sua vida seguiu um rumo totalmente diferente. Em 1971, Laskow era um bem-sucedido cirurgião obstetra e ginecologista e clinicava na Califórnia. Começou então a sentir muitas dores no ombro. O raio-x revelou uma lesão que poderia indicar um câncer no osso.

Como médico, Laskow sabia que o protocolo, nesses casos, é a amputação. E embora muitas pessoas exerçam atividades regulares e até esportivas sem um braço, é quase impossível realizar cirurgias nessas condições. Enquanto aguardava os resultados dos exames o médico considerou a possibilidade de trabalhar como orientador ou lecionar em sua área.

Algumas semanas depois os exames revelaram que se tratava de um simples cisto benigno. Mas Laskow já havia passado por um grande processo interior de mudança. Abandonou a prática estressante da medicina e se dedicou ao estudo dos aspectos emocionais e mentais da cura.

Algum tempo depois, recebeu a seguinte mensagem enquanto praticava meditação: “Seu trabalho é curar com amor”. Ficou surpreso. Concluiu então que sua decisão de ser médico tinha como fundamento o desejo de curar e que a medicina era o único caminho que conhecia na época. A meditação o levou a uma nova perspectiva de cura: “Acredito que todos temos que aprender, em algum ponto de nossa evolução, a curar com amor”.³⁰

Alguns anos mais tarde, Laskow estava em um retiro e seu colega de quarto era um jovem com câncer em estado de metástase. No meio da noite, o rapaz acordou com dores e dificuldade para respirar. Laskow queria ajudar mas ficou indeciso sobre o que fazer. “Algo me dizia para usar minha intuição. Coloquei minhas mãos sobre seu peito e visualizei uma bola radiante de luz descendo pelo centro de minha cabeça, passando por meu coração, descendo pelos braços e passando por minhas mãos”.³¹

O jovem foi se acalmando, a dor passou e ele dormiu o resto da noite. Onze anos depois, Leonard Laskow estava em uma conferência, e, para sua

surpresa, o mesmo rapaz cantava no palco. Foi conversar com Laskow e contou a ele que tivera uma cura espontânea, milagrosa, um mês e meio depois daquele retiro em que os dois estiveram. Laskow auxiliou no processo de cura? Ou foi apenas uma prévia do que aconteceria seis semanas depois? Obviamente havia uma relação entre os dois acontecimentos, e isso levou Laskow a iniciar uma série de experimentos sobre cura com amor.

Embora tenha obtido resultados surpreendentes com seu trabalho, seu experimento mais científico foi um trabalho com células cancerosas em uma placa de Petri. Escolheu esse protocolo porque as células poderiam ser bioquimicamente monitoradas em laboratório. Ele segurou três placas de Petri com células de um tumor em suas mãos, mantendo a mente focada em cura. Simultaneamente, em outra sala, uma pessoa que não era curadora segurava três outras placas inoculadas com células do mesmo tumor. Laskow pediu a ela que lesse um texto enquanto segurava as placas, para que sua mente se mantivesse distraída e não influenciasse as culturas de células.

Durante as experiências Laskow usou diversas intenções emocionais enquanto segurava as placas, todas com o objetivo de ativar a força natural de coerência do Universo. A que mais surtiu efeito e fez diminuir em 39% o crescimento das células cancerosas foi: “Retornem à ordem natural e à harmonia da vida celular”. E quando adicionava imagens mentais à intenção, o efeito duplicava.³²

O que o amor tem a ver com isso, então? Como Laskow afirma em seu livro *Curando com amor*, sua intenção não era destruir as células cancerígenas, porém permitir a elas existir como parte da criação universal. Segundo ele, trata-se de um “impulso para a unidade, para a não separação e para a integração. O amor pode existir sob várias formas. Sua essência é o relacionamento”.³³ Laskow acredita que o oposto do amor não é o ódio, porém a separação. Embora haja diversas maneiras de acessar e utilizar a energia de cura o protocolo de Laskow, envolve a conexão com a situação em vez de tentar o isolamento.

Quando passamos por doenças ou dificuldades, nosso primeiro impulso é tentar repeli-las. Vemos a doença como um invasor que nos ataca em vez de algo que cocriamos. Quando assumimos nossa participação na situação, ainda que não entendamos o motivo dela existir, nos tornamos responsáveis por redirecionar nosso futuro.

Se nos conscientizamos de que a nossa mente é quem molda nossa estrutura biológica, passamos a reconhecer que temos a oportunidade de modificar nossa maneira de pensar para ter um organismo mais saudável. Diante do que sabemos agora sobre a inteligência e a funcionalidade de nossas células, podemos começar a reparar os danos nos desculpando humildemente perante nossos cidadãos interiores e agradecendo a eles por suportarem tudo a que foram submetidos! Quando nos dispomos a amar conscientemente nossas células agimos como parceiros e não como vítimas da vida.

Uma doença ou uma situação desagradável só acontece quando algo é *mal construído* ou *deformado*. A cura, portanto, envolve uma **transformação** para modificar o que está deformado. Laskow propõe um processo de transformação e cura em quatro passos:³⁴

- ➔ **Passo um:** *informe a si mesmo* tudo o que já foi materializado. Admitir a verdade é o primeiro passo para a responsabilidade.
- ➔ **Passo dois:** *aceite* a situação com carinho e transmita amor a ela em vez de tentar afastá-la de você. Estabelecer sintonia com as coisas nos permite ter mais influência sobre sua estrutura.
- ➔ **Passo três:** *desfaça* a situação libertando-a, ou seja, deixando que ela se desvaneça. Laskow afirma: “É a intenção do observador que converte as partículas de matéria em onda e de onda em matéria novamente”.
- ➔ **Passo quatro:** *dê nova forma* à energia liberada para que ela se adapte aos seus propósitos e desejos. Quando nos desligamos de algo

e o libertamos, enviamos ao Universo a mensagem de que temos uma intenção, porém sem apego excessivo ou desespero.

Mesmo quando liberamos uma condição de doença ou um problema, há conexão e não separação. Segundo Laskow, “quando você aceita e passa a amar as partes de si mesmo que rejeita ou deseja modificar, dá a si mesmo a oportunidade de descobrir a força positiva de vida que existe nelas”. A velha frase bíblica “reparação das faltas” pode ser reinterpretada como uma *modificação* das situações, ou seja, podemos modificar tudo que rejeitamos em nossa vida.

No Universo quântico em que tudo está interligado, o amor é a argamassa que une todas as coisas. Laskow diz: “O amor é o padrão universal de energia ressonante”.³⁶ Segundo a mesma linha de raciocínio, diapasões que vibrem juntos trocam vibrações de amor. E duas ou mais pessoas podem fazer sua energia ressoar em um campo palpável de conectividade, alegria e êxtase. Amor é “a nota harmônica universal”.

O trabalho de Leonard Laskow levanta uma questão instigante e transformadora. Se podemos “amar uma célula cancerosa” ou pelo menos nos harmonizar com ela ao ponto de torná-la inofensiva, será que também podemos amar terroristas ou sociopatas e torná-los inofensivos também? Será que aceitar esses indivíduos, grupos e até nações como uma manifestação de nossa necessidade de curar não é o segredo para uma nova política quântica?

A GRANDE SUGESTÃO

A ciência sugere que o próximo estágio da evolução humana será marcado pela consciência de que somos células interdependentes de um superorganismo chamado humanidade. E assim como o explorador que sobe a Montanha da Consciência e encontra Buda esperando pacientemente no topo, pronto a dizer palavras de sabedoria, existe uma sugestão valiosa nos esperando no momento em que decidirmos fundir toda a noção religiosa e

reencontrar sua essência de ouro. A sugestão quase universal oferecida pela maioria dos sistemas espirituais é seguir a Regra de Ouro.

Alguns exemplos de como a Regra de Ouro foi incorporada à maioria das religiões:³⁷

- **Budismo:** Não trates os outros como não gostarias que te tratassem. (Udanavarga, 5,1)
- **Cristianismo:** Em tudo, trata os outros como gostarias que te tratassem; porque esta é a Lei dos Profetas. (Mateus 7:1)
- **Confucionismo:** Não faças aos outros o que não queres que façam a ti. Assim não haverá ressentimentos contra ti, seja na família ou no Estado. (Anacleto 12:2)
- **Hinduísmo:** Este é o resumo de qualquer dever: não faças aos outros nada que te magoasse se o fizessem a ti. (Mahabharata 5:1.517)
- **Islamismo:** Nenhum de vocês crê, verdadeiramente, até que deseje aos outros o que deseja para si mesmo. (Sunnah)
- **Judaísmo:** O que é odioso para ti não o faças a outrem. Isto é a Torá; tudo o mais é comentário. Vai e aprende-a. (Talmud, Shabbat 3id)
- **Taoísmo:** Considera os ganhos e as perdas de outrem como se fossem os teus próprios (Tai Shang Kan Yin P'ien)
- **Zoroastrismo:** A Natureza pede que não faças aos outros o que é injurioso para ti. (Dadisten-I Dinik, 94:5)

Será que essas práticas espirituais não tentam nos dizer algo? Talvez a diferença mais profunda entre as crianças de Deus e os adultos de Deus seja que as crianças de Deus adoram o legislador enquanto os adultos de Deus tentam viver de acordo com as leis.

A Regra de Ouro pode ser apenas uma sugestão, mas é baseada em experiência. Robert Thurman, professor de estudos budistas na

Universidade de Colúmbia, afirma que “o Budismo não é uma religião, porém uma prática”.³⁸ O que faz a prática ser prática, segundo ele, é que a prática funciona.

Thurman também afirma que o Budismo se baseia em racionalismo porque os budistas creem que o destino humano não é determinado por Deus, e sim por um sistema causal denominado carma. “No sistema cármico um tipo específico de ação é sistematicamente mais eficaz para se melhorar a existência de um ser”.³⁹

Já que tudo no Universo é interligado nada mais natural que as ações estejam ligadas às consequências. O conceito budista de carma está de acordo tanto com a mensagem de Jesus para amarmos nosso próximo quanto com o conceito judaico de *tikkun olam*, “a cura do mundo”.

Embora a grande sugestão tenha sido passada de geração a geração pelos mentores religiosos, até o momento podemos observar que, seja por medo, pelo anseio de manipular ou pela programação social que faz com que as pessoas se sintam incapazes, os humanos têm feito tudo que é possível para evitar colocá-la em prática. Mas agora que a sobrevivência da espécie está em jogo precisamos reconhecer de uma vez por todas que o velho argumento de que religião e ciência não se entendem já não serve mais como desculpa para continuarmos fugindo da responsabilidade de sermos cocriadores de nossa realidade.

Os cidadãos entre nós infectados com o vírus dominante conseguiram convencer o resto da população de que a natureza desumana é a única forma de natureza. Mas agora que finalmente temos acesso ao conteúdo de nossa programação e já vimos tudo que o ser humano é capaz de fazer é necessário reconhecer que podemos escolher nossa natureza.

Isso lembra uma conhecida história de um índio norte-americano conversando com o neto.

– Tenho dois lobos lutando dentro de mim. Um é o lobo do amor e da paz, e o outro é o do ódio e da guerra.

– E qual deles vence? – pergunta o neto.

– Aquele que eu alimento.

Podemos dizer que toda a complexidade da filosofia e da história humana que descrevemos até agora neste livro se resume a esta simples escolha. Podemos nos iludir esperando por um messias com uma varinha mágica ou nos resignarmos com o mal caótico que reina.

Mas também podemos tomar o exemplo dos budistas, que fazem como os *bodhisattvas*, pessoas prontas para atingir o nirvana que não o fazem por compaixão e para ajudar aqueles que sofrem. Segundo Robert Thurman, esses “messias trabalhadores vivem para trazer bem-estar, liberdade e felicidade a todos os seres vivos”. Os *bodhisattvas* escolheram o Paraíso como prática, não como destino.

Entre suas tradições há uma prática de meditação a que eles chamam *tonglen*, que significa, em tibetano, “receber e doar”. Com essa prática eles digerem internamente as toxinas do mundo e as usam para alimentar o lobo do amor e da paz que reside em cada um de nós. A técnica envolve visualização, e uma das pessoas toma o sofrimento das outras e devolve ao mundo paz, amor e felicidade.

Mas essa sugestão não tem a intenção de promover o budismo como religião. O próprio Dalai Lama insiste que se trata de prática, não de religião. A prática espiritual deve ser algo íntimo e pessoal e não uma forma de imposição ou de autoafirmação perante o mundo.

A prática de amar ao próximo deve ser apenas uma das ferramentas de nosso kit-Messias e parte de nossa herança, que aparentemente também envolve nossa propensão ao mal. Tudo que precisamos é aceitar o desafio de deixar de lado o conveniente desconforto de sermos vítimas e adotar um desconforto mais produtivo, o papel de cocriadores.

Nos capítulos a seguir, abordaremos a maneira mais prática de viver neste mundo físico adotando a grande sugestão como sistema operacional. Veremos como a economia pode utilizar a sabedoria celular do corpo e

imitar a eficiência da Natureza. E como os relacionamentos políticos e sociais refletem a verdade do Universo quântico em que todos vivemos. Mostraremos como é possível acessar o campo universal da sabedoria e da compaixão para processar e eliminar as crenças tóxicas de dominação, exploração, medo, manipulação, injustiça e ignorância programada que vêm passando de geração em geração há milênios.

Ao final, teremos uma visão do futuro, um tempo em que teremos deixado para trás a velha história e escreveremos novas histórias para nós mesmos, para nossos filhos e para o mundo. Um tempo em que teremos uma autoridade espiritual mundial que refletirá a voz mais saudável e coerente da humanidade, aquela já prevista por nossos ancestrais.

Está pronto para aceitar a grande sugestão? Para aceitar que somos parte de um todo? Pois se estiver, prepare-se, porque o Paraíso vem aí.

Uma economia saudável

"Na economia da Natureza, a Regra de Ouro
é mais forte que a Regra do Ouro."

SWAMI BEYONDANANDA

O rascunho deste capítulo era sobre incertezas no mercado financeiro e o potencial de um colapso econômico global. No primeiro semestre de 2008, antes de o manuscrito ficar pronto, esse potencial se tornou realidade na economia norte-americana em virtude dos empréstimos ilimitados e da diluição do dólar.

Embora uma crise financeira possa parecer o fim do mundo, veremos que é um ajuste necessário, um parto difícil que nos fará nascer para uma nova versão evolucionária da humanidade, e nos mostrará, mais uma vez, a grande sugestão de que estamos todos juntos neste barco.

Este capítulo aborda o instigante domínio de uma economia natural e o contraste com a estrutura econômica atual, baseada em paradigmas ultrapassados e irrelevantes segundo os quais apenas a matéria importa e só os mais fortes sobrevivem.

Mas, para começar a transformar nossa crise em oportunidade, precisamos deixar de lado alguns conceitos distorcidos sobre economia.

A simples palavra economia pode causar arrepios em quem nunca estudou o assunto ou teve de estudar na escola mas não gostava. Para outros, as complexidades econômicas podem ser resumidas pela descrição do comediante que interpreta o papel de um suposto Padre Guido Sarducci: "Você compra por menos e vende por mais".

Aristóteles definiu economia como a ciência da administração doméstica, ou seja, o estudo da dinâmica necessária à sobrevivência individual ou familiar. À medida que as famílias começaram a se unir para aumentar as chances coletivas de sobrevivência e de prosperidade, os princípios econômicos familiares se estenderam e se aplicaram a vilas inteiras. Aquelas mais bem-sucedidas cresceram, se tornaram cidades e, mais tarde, Estados e nações com princípios econômicos similares. À medida que as nações-estado se desenvolvem e se tornam um novo organismo chamado humanidade global, onde todos dividem os recursos finitos do planeta, é preciso revisar e expandir nossos conhecimentos de economia.

Historicamente o campo da economia tem sido associado à dinâmica de intercâmbio de propriedade entre membros de comunidades humanas. Mas em um Universo fractal os mesmos princípios econômicos se aplicam a todos os sistemas vivos, sejam eles lares, nações, empresas ou células que compõem um corpo humano.

A ECONOMIA NATURAL: O QUE AS NOSSAS CÉLULAS FARIAM?

Nos últimos três milênios a civilização humana tem vivido altos e baixos em seu sistema econômico. O padrão sempre se repete: crescimento, morte e renovação. A crise econômica global indica o final de mais um ciclo, mais uma morte, e está muito claro que a civilização ainda não se conscientizou do que é realmente uma economia sustentável e estável que possa servir de base para uma renovação.

Por sorte a sabedoria antiga e a ciência moderna conspiram para nos mostrar a solução de nossos problemas. Um grande ensinamento está na milenar frase “as respostas que buscamos estão dentro de nós”. Curiosamente, a nova ciência da geometria fractal nos diz exatamente isso ao mostrar que os elementos básicos da bem-sucedida comunidade de 50 trilhões de células que compõem o corpo humano podem nos ensinar a ter uma economia bem-sucedida também.

A eficiência da economia celular resistiu ao teste do tempo, garantindo a sobrevivência do ser humano desde sua criação. E também se mostrou resistente e flexível o suficiente para suportar as adaptações a toda sorte de desafio ambiental. Por esse motivo, entender o mecanismo econômico da comunidade celular pode nos ajudar muito a desenvolver um modelo mais eficiente de administração econômica.

A economia celular, basicamente falando, é meramente o gerenciamento de como os sistemas vivos distribuem e utilizam a energia para trabalhar e produzir.

Independentemente da moeda utilizada, todas as economias se baseiam em troca de trabalho, o que naturalmente equivale a energia.

Para se manter e ampliar suas funções, o corpo despende energia na busca e no processamento de alimentos, como vimos no Capítulo 12. As células extraem energia dos alimentos e a armazenam na forma de moléculas de ATP, o equivalente celular do dinheiro. As moedas de ATP são trocadas entre a comunidade de células como um salário para cobrir os custos da energia gasta em operações como digestão, respiração, processamento neural, movimentos, reprodução e eliminação de resíduos. A energia produzida além das necessidades do corpo equivale a riqueza. O corpo transforma esse excesso em moléculas de óleo, ricas em energia, que são retidas em depósitos de gordura, o equivalente a uma conta poupança. Para manter o ATP circulando e as funções da comunidade celular, como crescimento e manutenção, o corpo deposita e saca moléculas de gordura.

Uma economia saudável só existe quando uma comunidade de indivíduos gera saúde e cria mais energia do que consome. Por exemplo: antes de contribuir para a economia de uma cidade, um fazendeiro precisa plantar e colher alimento suficiente para manter sua família. Ao produzir quantidades maiores do que o necessário para seu sustento, ele gera um excedente de capital, o que, por definição, representa riqueza. A circulação

da riqueza do fazendeiro facilita a produção, o consumo e a troca de energia entre os cidadãos que desempenham outros tipos de tarefa.

Considerando nossa cultura de preocupação excessiva com o aspecto material, não é de se surpreender que nossa medida de riqueza se baseie em termos de posses, especialmente de dinheiro. Aristóteles já havia identificado um problema sério na equação monetária, há mais de 2.500 anos, ao escrever: “Os ricos de moedas podem carecer de alimento”. Ele queria dizer que as pessoas que se tornam gananciosas e desejam dinheiro pelo simples fato de tê-lo não compreendem realmente o instrumento de riqueza.

Mas o que é riqueza, afinal? O termo tem sinônimos como abundância, exuberância e fortuna. Os Fundadores dos Estados Unidos tinham consciência do significado da riqueza ao criar a Declaração da Independência, segundo a qual “os indivíduos são dotados pelo Criador com determinados direitos inalienáveis, entre eles a Vida, a Liberdade e direito à busca da Felicidade”.

Quando comparamos a bem-sucedida economia celular com a economia global em crise podemos identificar quatro diferenças fundamentais. Essas diferenças ocorrem em virtude da nossa percepção de riqueza e de como a relacionamos com conceitos como bem-estar, ecologia, eficiência e estabilidade.

PRINCÍPIO UM: RIQUEZA É SINÔNIMO DE BEM-ESTAR

Em seu tratado sobre a economia humana, Aristóteles escreveu que uma cidade *produz* pela necessidade básica de sobrevivência, mas *existe* pela busca de bem-estar.

A mesma regra se aplica ao corpo humano. A comunidade celular que abrange nossa pele, ossos, sangue, etc., criada para manter a sobrevivência das células individuais, também existe para garantir a sobrevivência e o bem-estar de todo o corpo.

Uma diferença fundamental entre a bem-sucedida economia celular e a falha economia humana é o conceito de bem-estar que cada uma apresenta. Quando as células passaram a viver em comunidade, a ênfase econômica não estava na riqueza de cada indivíduo e sim no bem-estar da coletividade, ou seja, na riqueza de todos.

Embora os Fundadores dos EUA valorizassem a liberdade individual, compreendiam que uma comunidade forte e saudável (e uma forma de governo em que o povo detivesse o poder) era essencial para que cada um pudesse se desenvolver. Infelizmente, após um século e meio de materialismo científico e de darwinismo, o conceito de comunidade foi substituído pela competição de pessoas preocupados somente com o próprio benefício.

A riqueza de uma economia saudável pode ser medida em termos de abundância, a habilidade de uma comunidade produzir além de suas necessidades mínimas. Em uma economia natural as comunidades celulares acumulam riquezas apenas quando as necessidades de cada cidadão estão satisfeitas. Portanto, as células de uma parte do corpo não se apropriam de energia a mais se ainda há indivíduos em outra parte da comunidade precisando dela.

Já a economia humana peca justamente por deixar de seguir esse princípio básico da economia celular. Nossas leis deturpadas estão vinculadas ao conceito darwiniano de que a vida é uma eterna batalha. Esse princípio agressivo prega a competição entre os indivíduos como força-motriz da evolução.

Quando inculcada em nossa programação de crenças, essa distorção incentiva o egoísmo em vez de uma ideia de cooperação. Uma economia baseada na sobrevivência dos mais fortes faz com que se desenvolvam determinados tipos de indivíduo, como o industrialista indiano Lakshmi Mittal e o magnata mexicano das telecomunicações Carlos Slim Helu, que acumularam fortunas pessoais da casa dos 50 bilhões de dólares enquanto

80% da população mundial luta para sobreviver com menos de 10 dólares por dia.¹

A situação atual da nossa economia é totalmente oposta ao princípio celular de que o investimento básico deve garantir a saúde e o bem-estar de seus cidadãos. A lógica celular é bastante simples: uma população saudável e feliz produz mais riqueza e prosperidade porque todos passam a consumir menos para sobreviver. Relegar a segundo plano a condição da comunidade é o que tem colocado em risco nossa subsistência.

Guerras, crise na saúde pública e o número desproporcional de cidadãos em presídios são sinais de problemas em relação à qualidade de vida social. A perda de produtividade em razão de uma força de trabalho ineficaz combinada a gastos excessivos com segurança, hospitais cheios de pessoas doentes por falta de cuidados adequados e controle dos presos vem drenando as riquezas dos EUA.

E o colapso econômico se torna ainda mais sério quando se leva em consideração uma programação mental que associa bem-estar a prosperidade econômica e autoestima a riqueza.

Esse tipo de programação vem sendo profundamente questionado diante dos resultados surpreendentes de uma pesquisa realizada em 2003, a *World Value Survey*, com pessoas de 65 nações, publicada pela revista inglesa *New Scientist*. Os dados revelam que Porto Rico e México, embora em situação econômica difícil, são os países em que os cidadãos são mais felizes e satisfeitos. Já os prósperos norte-americanos ficaram em vergonhoso 16º lugar da lista! Fica claro, então, que a prosperidade econômica não quer dizer necessariamente bem-estar.²

Uma característica comum às nações mais felizes é o forte senso de coletividade, uma demonstração do que é realmente viver em conjunto. A pesquisa também sugere que quando as necessidades básicas de um indivíduo – como segurança, estabilidade e saúde – são satisfeitas, sua felicidade e satisfação em relação à vida se refletem na qualidade de seus

relacionamentos pessoais (consigo mesmo, com seus parceiros, com sua família, com seus amigos e com a comunidade em geral).

Mas a pesquisa não trouxe boas notícias aos ocidentais, viciados em consumo, pois revelou que essa prática, em vez de facilitar a busca da felicidade, só a distancia. As culturas que buscam prosperidade a todo custo trabalham hoje muito mais do que antes para ganhar mais e comprar tudo o que julgam necessário à felicidade. Mas ficam tão ocupados correndo atrás do dinheiro que não têm tempo de investir em relacionamentos pessoais que lhes trariam o verdadeiro conforto.

PRINCÍPIO DOIS: ECOLOGIA E ECONOMIA SÃO A MESMA COISA

Nos últimos 1.200 anos a civilização ocidental tem sido condicionada a acreditar que seres humanos são entidades separadas e distintas do ambiente em que vivem. Isso ocorre porque, segundo as verdades oferecidas por nosso paradigma monoteísta anterior, a humanidade chegou ao planeta através de um ato de intervenção divina, depois da criação de todos os animais e plantas.

E quando o materialismo científico passou a ser o paradigma dominante, o darwinismo ofereceu uma história completamente diferente, porém com a mesma conclusão: chegamos ao planeta por mero acaso, como resultado de uma linhagem de mutações aleatórias.

As percepções distorcidas de nossa origem, segundo a criação monoteísta e também segundo a evolução científica, são de que os seres humanos vivem à parte do ambiente no qual estão imersos.

Enquanto o monoteísmo prega que a raça humana tem domínio sobre a biosfera, o materialismo científico contribui para nosso distanciamento do espaço ao redor ao sugerir que a missão da ciência é governar e controlar a Natureza.

Essa noção distorcida acabou causando falhas em nossa maneira de administrar a economia. Passamos a nos comportar como se o ambiente não

fosse nossa fonte primária de riqueza. Nossa riqueza monetária tem origem nos recursos finitos da Terra e em processos que se encontram fora do mercado econômico ou são considerados fatores externos a ele.

Segundo o cientista Frederick Soddy, que se tornou economista, “a clorofila é o capitalista original”.³ As moléculas de clorofila são responsáveis pela *fotossíntese*, processo por meio do qual a energia do Sol transforma água e dióxido de carbono em moléculas nutricionais de açúcar. As células de plantas utilizam suas moléculas de açúcar de energia solar tanto para estabelecer processos metabólicos quanto para obter energia e se manter.

O crescimento de um pé de milho, do broto à planta adulta, só é possível em virtude da riqueza nutricional gerada pela clorofila. Praticamente toda a vida no planeta, incluindo a nossa, depende das moléculas de açúcar criadas na fotossíntese.

Os economistas Carl H. Wilken e Charles Walters demonstraram como a riqueza se desenvolve em uma economia tendo como matéria-prima o material oferecido pela Natureza. Wilken afirma que “toda nova riqueza provém do solo”.⁴ De frutas a árvores, de plantações à criação de animais (inclusive animais selvagens), até a extração de minerais, tudo o que tem valor tangível pode ser encontrado na terra ou tem origem nela. Mesmo hoje, em nossa economia cibernética, a vida não se manteria sem os produtos vindos do solo.

Charles Walters oferece um excelente exemplo de como a Natureza produz riquezas em seu livro *O imperdoável*. Imagine que você plantou um grão de milho na primavera. Com o Sol e a chuva, em alguns meses a planta está adulta e começam a surgir várias espigas com centenas de grãos com potencial de produzir outros pés de milho. Qual investimento renderia tanto em um período tão curto? Onde mais se consegue tal façanha? O meio ambiente pode ser uma fonte eterna de riqueza.⁵

Walters, editor da revista *Acre*, distribuída a pequenos fazendeiros, é testemunha do desaparecimento virtual dessas fazendas. Em seu lugar

surgem a cada dia mais fazendas monoculturais totalmente mecanizadas e industrializadas, distantes do ritmo da Natureza, produtoras de alimentos de baixo valor nutritivo e lixo tóxico. A ciência e a tecnologia incentivaram a civilização a explorar de maneira desenfreada as riquezas de Gaia para sustentar os excessos da economia monetária humana.

No entanto, nossa ignorância quanto à frágil teia da vida no planeta nos impediu de ver os danos que causamos usurpando todos os recursos do meio ambiente e, como se isso não bastasse, insultando o planeta ao contaminá-lo com lixo e resíduos.

A riqueza da ecosfera, como a de qualquer organismo, está diretamente relacionada à sua saúde. Florestas dizimadas, minas esvaziadas, espécies condenadas à extinção pela fome, poluição, água contaminada por pesticidas, lixo radioativo e muitas outras catástrofes comprometeram o bem-estar do meio ambiente e desvalorizaram sua capacidade de produzir saúde e riqueza. Nossos inúteis esforços para dominar e controlar a Natureza causaram um desequilíbrio na ecosfera e levaram à crise ambiental que agora nos ameaça.

No paradigma holístico para o qual nos encaminhamos não há como separar o jogo financeiro a que chamamos de economia do jogo das consequências planetárias, especialmente quando elas desequilibram e ameaçam o meio ambiente.

A Natureza ofereceu à sociedade uma grande diversidade de benefícios sustentáveis que os economistas chamariam de *bens e serviços*. Os bens básicos são alimentos para o sustento e material de construção para abrigo. Os serviços são a purificação da água, o armazenamento e a entrega de produtos, a assimilação de resíduos, o equilíbrio entre oxigênio e dióxido de carbono e o controle das forças climáticas, entre outros. Os bens e serviços fornecido pelo meio ambiente são chamados *serviços do ecossistema*. E, creia você ou não, o bem-estar da humanidade depende exclusivamente desse fluxo contínuo dos serviços do ecossistema.

A produção de bens e serviços derivados do ambiente tem sido custeada, até agora, pela Mãe Terra. Se tivéssemos que pagar por tudo isso, o preço seria absurdamente alto. No entanto, como esses gastos não são contabilizados no sistema de preços globais, o assunto não é sequer levado em consideração no momento da tomada de decisões econômicas.

Porém, gostemos ou não, a crise global nos força a rever nossas prioridades. A humanidade começa a entender que negligenciar os serviços que a Natureza nos presta pode comprometer a sustentabilidade e a vida da espécie.

Em 1997, a revista *Nature* publicou um estudo que envolvia o trabalho de biólogos, climatologistas, economistas e ecologistas de várias universidades dos EUA. O estudo propõe algo que ninguém havia feito até agora: estabelecer um preço para a contribuição da Natureza à economia. Após uma pesquisa de 17 serviços básicos do ecossistema, o grupo concluiu que o valor monetário atual da contribuição do meio ambiente para nosso bem estar é algo, no mínimo, da ordem de 33 trilhões de dólares por ano. É praticamente o dobro do produto interno bruto (PIB) da economia do mundo todo. Para determinar esse número astronômico, o grupo calculou a contribuição de dez subecossistemas, de oceanos a florestas, de pântanos a desertos, e até mesmo o ambiente urbano. O valor desses sistemas baseia-se em serviços naturais que normalmente não levamos em consideração: tudo que o ecossistema faz para limpar nosso ar, suprir e distribuir nossa água, produzir nosso alimento e nos proporcionar recreação natural.⁶

Como todas as economias da Terra pereceriam sem esses serviços, o valor do meio ambiente para a economia pode ser considerado infinito. Parafraseando a propaganda de um conhecido cartão de crédito, “sistemas de apoio à biosfera: 33 trilhões de dólares; contribuição da Natureza para a nossa existência: não tem preço”.

O estabelecimento de um valor monetário aos serviços ecológicos é importante para termos em mente o valor dos serviços do ecossistema que já

perdemos em contraposição aos ganhos em potencial.

Para ter uma economia sustentável, a civilização precisará retomar os passos de seus ancestrais animistas e honrar a Mãe Terra cuidando de seu Jardim. Se quisermos sobreviver, será necessário desenvolver estratégias econômicas que levem em conta as contribuições do ambiente e também medidas que aumentem o bem-estar tanto da Natureza quanto da civilização.

PRINCÍPIO TRÊS: A EFICIÊNCIA É A CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO

Sistemas vivos, sejam eles células, humanos ou qualquer organismo criado por eles, devem administrar de maneira adequada suas reservas de energia para garantir a própria manutenção e para se desenvolver. Parafraseando Sarducci, a riqueza de um organismo depende de sua habilidade de gerar mais energia do que consumir.

Conforme mencionamos em nosso Índice de Sobrevivência, apresentado no Capítulo 12, o sucesso de um organismo (e isso inclui a humanidade) depende da maneira pela qual ele utiliza seus recursos energéticos. Para pessoas condicionadas a acreditar que os recursos ambientais são ilimitados, a noção de eficiência é irrelevante (há sempre mais, não é necessário se preocupar). Dentro da noção de economia baseada na Regra do Ouro e no paradigma do materialismo, a população considera normal extrair e gastar material insubstituível e ainda define a prática como um símbolo de sucesso econômico. Essa falta de noção acabou afastando nosso sistema econômico do mundo natural que o sustenta.

Como somos parte de Gaia, a Terra viva, devemos prestar contas de tudo que extraímos do planeta e lançamos na biosfera. Durante milênios essa responsabilidade foi ignorada porque nossa espécie não tinha tecnologia para extrair o suficiente para causar danos ao mundo.

Mas hoje isso mudou. Segundo um relatório emitido em 2006 pelas instituições *World Wildlife Fund* (WWF) e *Global Footprint Network*, os humanos causaram à Natureza estragos “sem precedentes”. Se continuarmos nesse ritmo, em 2050 precisaremos dos recursos de duas Terras para garantir nosso sustento.

O diretor geral da WWF, James Leape, vai além e diz que “se todos no mundo vivessem como os norte-americanos, precisaríamos de *cinco* planetas para sobreviver”.⁷

O limite natural para esse crescimento não natural ocorre quando um organismo descobre que sua fonte de alimento se esgotou. O termo científico para tal situação é *extinção*.

Os seres humanos são os aqueles que mais consomem no planeta. Em vez de buscar um relacionamento mais harmonioso com o ambiente, as corporações, voltadas exclusivamente para o lucro, encorajam a extração desenfreada para obter sempre mais. Um bom exemplo é o dos piratas da indústria do petróleo que saqueiam reservas naturais e ao mesmo tempo incentivam a indústria automobilística a produzir SUVs que consomem mais. Bom para os lucros, péssimo para a vida.

Podemos diminuir o déficit e até equilibrar nossa balança com o desenvolvimento de tecnologias que estimulem o consumo eficiente. Para isso é preciso olhar para trás, para um tempo em que não havia computadores, Internet, celulares e secretárias eletrônicas, e observar em quais áreas a tecnologia conseguiu aumentar a eficiência no ambiente de trabalho sem exigir demais do meio ambiente.

Um dos principais motivos para estabelecer uma sociedade é o bem-estar de seus indivíduos, ou o que os Fundadores dos EUA definiam como “a busca da Felicidade”. Mas, em vez de praticar esses princípios, as corporações, visando só o próprio lucro, incentivaram a crença de que uma boa qualidade de vida depende de posses e acúmulo de bens materiais. Tudo que alguém precisa para ser feliz é ter uma Ferrari, um Rolex, um abridor de

latas de ouro de 18 quilates e muitos diamantes. Mas nada disso garante ou representa bem-estar. E ao gastar dinheiro comprando tudo isso uma pessoa não fica mais rica.

Os comerciais não se cansam de afirmar: “Que maneira melhor de expressar seu amor por ela do que um anel de diamantes?” Mas todos concordam que, no fim das contas, as cartas e os poemas podem ser bem mais românticos e sustentáveis do que anéis de diamantes. Na prática, só uma ferramenta para cortar vidro ou tocar velhos discos em vitrolas.

Talvez aquilo que buscamos não seja exatamente os produtos, mas a alegria que imaginamos que eles irão nos proporcionar. Uma vez que desenvolvemos essa consciência, a economia mais eficiente passará a ser aquela que nos trazer mais felicidade do que perdas.

PRINCÍPIO QUATRO: O DINHEIRO PRECISA REPRESENTAR RIQUEZA DE VERDADE

Desde que a vida se desenvolveu no planeta, os organismos precisam garantir a existência investindo em comportamentos que produzam mais energia. Quando as comunidades alcançaram tamanho suficiente para estabelecer uma divisão de tarefas, foi necessário desenvolver um sistema de troca para que um indivíduo pudesse adquirir produtos e serviços de outros indivíduos na comunidade.

Como se costuma dizer, a necessidade é a mãe da invenção. Nesse caso, a invenção foi o dinheiro. Dinheiro ou moeda corrente é qualquer instrumento utilizado para o pagamento de produtos e serviços ou liquidação de dívidas. Possui três funções: meio de troca, unidade de valor e garantia de valor.

Podemos compará-lo às moléculas de ATP, as quais, conforme já mencionamos, são moedas de energia utilizadas entre as células de um organismo. Essa comparação permite perceber que as moléculas de ATP

foram a primeira forma de dinheiro do planeta e possuem as três funções que o caracterizam.

Função 1: meio de troca. A ATP é um meio de troca que pode ser transportado tanto através do tempo quanto do espaço. E assim como o dinheiro, é um item intercambiável que evita os inconvenientes do sistema de permuta dentro da sociedade. Imagine a dificuldade: “Promoção do Dia: troca de óleo e regulagem do motor. Pagamento: três galinhas e meia truta!” ou “Troco três moléculas de gordura por oito enzimas digestivas”.

Função 2: unidade de valor. Cada molécula de ATP representa uma quantidade específica de energia consumível. Consequentemente, é uma unidade de valor por corresponder a uma unidade numérica padrão aplicável ao valor de mercado de produtos, serviços ou quaisquer transações. Unidades de valor simplificam o processo de câmbio. “Troca de óleo: 15 ATPs. Regulagem: 35 ATPs. Oferta do Dia: Economize 10% na troca e na tegulagem: apenas 45 ATPs”. Muito mais fácil do que ter que calcular o valor numérico padrão de meia truta.

Função 3: garantia de valor. A ATP também funciona como garantia de valor, ou seja, como um bem ou forma de moeda confiável, segura, resgatável e previsível. O valor energético de uma molécula de ATP armazenada durante um milhão de anos é exatamente o mesmo do dia em que foi criada. Já o valor do dólar, do franco, do euro e do yen mudam a cada minuto.

A ATP representa um *commodity*, ou seja, uma moeda baseada no valor do bem do qual ela é feita. Já na civilização humana o dinheiro é *representativo*. Está relacionado aos bens que o representam e não ao material do qual é fabricado. Um exemplo é o do dólar americano, que já foi conhecido como certificado de prata porque representava o valor de uma moeda de prata, embora as notas sejam feitas de papel.

Hoje, o dólar, como a maioria das moedas, é dinheiro por decreto; uma forma de papel ou moeda cujo valor é determinado pelo governo. A

utilidade desse dinheiro vem não de um valor natural ou de uma garantia de que ele possa ser convertido em prata, ouro ou outro metal precioso, mas sim do fato de ser derivado de um decreto de governo segundo o qual ele deve ser aceito como forma de pagamento.

Na maioria dos países as moedas não são mais feitas de prata ou ouro e se tornaram meio de troca sem um valor intrínseco. Se você não acredita, tente mastigar uma nota. Ela pode ser rica em fibras, mas é muito pobre em nível nutricional. E o mais surpreendente: a nota de um dólar é tão nutritiva quanto a de cem!

Thomas Jefferson se preocupava com o valor da moeda de representação e escreveu: “O papel é pobre (...) é apenas uma vaga lembrança do dinheiro, e não dinheiro de verdade”.⁸ Jefferson dizia que o futuro da nação seria obscuro caso a moeda de representação fosse adotada, pois quem emite o dinheiro é quem controla sua disponibilidade e determina seu valor.

É importante lembrar que o dinheiro mencionado no Capítulo 9 era de papel e esta moeda (de matéria-prima praticamente sem valor) foi vital ao desenvolvimento e a prosperidade das colônias. Por quê? O dinheiro de papel podia não ter o valor físico da prata ou do ouro, mas tinha algo bem mais poderoso: o valor dos produtos naturais e dos serviços que as colônias dos EUA estavam prontas para oferecer. Para entender a diferença entre a prosperidade natural daquela época e a situação econômica em que nos encontramos atualmente precisamos seguir o rastro do dinheiro.

SIGA O RASTRO DO DINHEIRO

Mas de onde vem o dinheiro, seja ele em dólares, libras, francos ou euros? E por que é emitido no *Federal Reserve Bank*, no *Bank of England*, no *Swiss National Bank* ou no *European Central Bank*?

Os nomes pomposos desses bancos sugerem que se trata de instituições governamentais cuja missão é prover o bem-estar social. Mas não é bem

assim. Cada um deles é uma corporação privada imbuída da missão básica de dar muito lucro a seus acionistas!

Para entender como um banco cria dinheiro, pense no que acontece quando você vai falar com o gerente para pedir um empréstimo. Você imagina que está emprestando as economias que outra pessoa depositou com a intenção de obter rendimento. Mas não é o que acontece. Bancos que emitem moeda trabalham com um *sistema de reservas fracionárias*, o que significa que podem imprimir uma quantidade de notas de até nove vezes o valor dos depósitos de seus clientes. Eles literalmente criam 90% do dinheiro a partir do vento!

Como que esses bancos privados cumprem a missão corporativa de fazer lucro? Empréstam dinheiro pelo qual cobram juros: juros de 10% equivalem a lucros de 10%.

Digamos que você pega emprestado 1.000 dólares, um privilégio pelo qual irá pagar ao banco 1.100 dólares. De onde surgem os teus 100 dólares? Da venda de produtos ou serviços prestados a outras pessoas. E de onde eles tiram dinheiro para emprestar a clientes como você? Bem, emprestam do mesmo banco, que, naturalmente, cobra juros deles também.

Digamos que um país tenha uma população de 1 milhão de pessoas e que cada cidadão empreste 1.000 dólares do banco para criar uma economia baseada em permuta de moeda. O resultado será um empréstimo à população de 1 bilhão de dólares em notas. O país deverá, então, 1 bilhão de dólares pelo empréstimo *mais* 100 milhões de dólares em juros. Mas de onde o país irá tirar esses 100 milhões a mais para pagar o banco? Não irá. Não tem de onde tirar.

Isso ocorre porque o país só pode pegar emprestado e pagar os empréstimos. Não pode criar dinheiro. Só os bancos têm esse poder.

O resultado dessa concentração de poder dos bancos é uma economia baseada em dívidas na qual nunca há dinheiro suficiente em circulação para pagá-las. Somente por meio de um *crescimento econômico contínuo* (e

demanda por novos empréstimos) pode-se criar dinheiro suficiente para pagar os empréstimos iniciais. Em outras palavras, empréstimos geram mais empréstimos.

Dívidas levam, inevitavelmente, a uma situação em que a falência dos credores motiva os bancos a criar hipotecas. Os bens do devedor, usados como garantia, são confiscados e distribuídos entre os acionistas do banco. E como o dinheiro emprestado pelo banco nunca é igual ao valor dos bens oferecidos como garantia, os acionistas ficam muito felizes em aceitá-los.

Esse padrão persistente do jogo financeiro vem dos tempos da Babilônia. Séculos antes de Jesus expulsar os vendilhões do templo, os sacerdotes de Baal já tinham seus truques para ganhar dinheiro. A cada primavera eles concediam crédito aos fazendeiros, emprestando dinheiro para que fizessem suas plantações. No momento da colheita esperavam o pagamento. E como tinham total controle sobre o suprimento de moeda no mercado, faziam com que nunca houvesse dinheiro suficiente em circulação para que os fazendeiros pudessem pagar os empréstimos.⁹ Isso fazia com que o crédito se expandisse, e, nas colheitas seguintes, a dívida fosse ainda maior. Depois de alguns anos, os fazendeiros estavam tão endividados que acabavam se tornando serviçais dos sacerdotes, que nada produziam. A civilização babilônica acabou entrando em colapso quando os elementos produtivos de sua sociedade foram praticamente reduzidos a escravos.

Segundo o economista e visionário Richard Kotlarz, o mesmo padrão de exploração, “emprestar dinheiro para que circule no mercado e depois retê-lo para impossibilitar o pagamento das dívidas”, era algo comum nas sociedades antigas da Pérsia, da Grécia e de Roma.¹⁰ E ressurgiu na era do colonialismo e dos impérios. Hoje é a prática utilizada pelo *World Bank*, pelo Fundo Monetário Internacional e pelas demais instituições financeiras. O dinheiro na era da globalização é emprestado às nações subdesenvolvidas com a promessa de liberdade por meio do crédito, mas o preço é a dívida e a

escravidão. A consequência desse tipo de economia de abuso é que ela sempre acaba destruindo os valores originais dos bens e dos serviços.

E vemos esse mesmo cenário neste momento, com os executivos abandonando empresas antes produtivas, fechando fábricas e deixando centenas de pessoas desempregadas. Embora a verdadeira riqueza (o potencial produtivo dos recursos disponíveis e pessoas dispostas a trabalhar) exista, a moeda de troca foi retirada do sistema. Não há dinheiro suficiente para adquirir bens ou pagar os trabalhadores por seu serviço.

Não é à toa que visionários como Thomas Jefferson e James Maddison lutaram contra a criação de um banco nacional nos Estados Unidos. Eles sabiam que não existiria liberdade política em um sistema de exploração econômica. Sem ter como manter a economia livre de dívidas ou o valor real dos produtos e serviços, a sociedade acabaria exatamente na mesma situação dos fazendeiros da antiga Babilônia. Jefferson foi quase profético ao escrever: “Se o povo americano permitir que os bancos controlem a emissão de moeda, primeiro com inflação e depois com deflação, os bancos e corporações que crescerem com os lucros dessas atividades usurparão das pessoas todos os seus bens e propriedades até que as crianças acordem um dia sem casa para morar no continente que seus pais conquistaram. O poder de emitir dinheiro deve ser retirado dos bancos e restituído ao Congresso e ao povo a quem ele pertence por direito. Sinceramente, acredito que as instituições bancárias, tendo o poder de emitir dinheiro, ameaçam mais nossa liberdade do que as Forças Armadas”.¹¹

Como mostra a atual crise econômica, a quantidade de dinheiro em circulação não representa necessariamente a riqueza de uma sociedade. Consideremos que a produção agrária dos EUA durante a Depressão, em 1933, era praticamente a mesma que em 1929, antes da quebra do mercado. Ainda assim, o valor monetário da renda total das fazendas em 1933 era metade do que tinha sido quatro anos antes! Segundo o economista Carl H. Wilken, a colheita de 1933 tinha o mesmo número de calorias daquela

obtida quatro anos antes. Se nossa moeda fosse um ícone real, o valor da produção não se reduziria pela metade.¹²

A natureza variável de nosso dinheiro desgastou profundamente a economia e criou um ambiente de mercado totalmente artificial. David Korten, autor de *Planejamento de uma nova economia*, descreve o sistema financeiro atual como um “jogo monetário em que os jogadores usam dinheiro para dar mais dinheiro às pessoas que têm dinheiro sem produzir nada de valor”¹³

Em seu livro, *Dinheiro tóxico*, Kevin Phillips compara a economia dos EUA em seu ápice de poder mundial, em 1950, com a de hoje. Em 1950, o setor industrial representava 29,3% do produto interno bruto (PIB) do país. Em 2005 esse número caiu para meros 12% enquanto os chamados serviços financeiros (dinheiro investido no mercado) representava mais de 20% do PIB.¹⁴

Os fundos Hedge, por exemplo, serviço financeiro básico 20 anos atrás, cresceram e hoje representam um ativo de mais de 1,8 trilhões de dólares. Esses investimentos arriscados, que usam dinheiro emprestado para emprestar ainda mais, somavam cerca de 14 trilhões, em 2006.¹⁵

A nova palavra de ordem para empréstimos é alavancagem financeira, e a extinta Lehman Brothers foi alavancada em 35 para 1, o que significa que pegou emprestado 35 dólares para cada dólar de seu patrimônio! A quebra da Lehman deixou para seus credores, não segurados, um valor de 200 bilhões de dólares em perdas.¹⁶

No mundo do mercado financeiro, os ganhos a curto prazo da *Wall Street* se equiparam às perdas de longo prazo da *Main Street*. Segundo Korten, em menos de três décadas “os benefícios dos ganhos de produtividade na economia da *Main Street* foram transformados pelos jogadores de *Wall Street* em juros, dividendos e taxas de serviços financeiros.”¹⁷

Tentando fazer o salário chegar ao final do mês em uma economia em que o valor real do dólar começava a despencar, o consumidor norte-americano começou a fazer empréstimos para pagar pelos bens de consumo. Passou a comprar *fast food* com cartão de crédito, ganhando calorias e dívidas.

As instituições financeiras estavam mais do que dispostas a expandir o crédito, e, por volta de 2007, as dívidas com hipotecas e cartões de crédito já ultrapassavam os 13,8 trilhões de dólares, o equivalente ao PIB daquele ano! Hora de mais uma execução hipotecária!

MUITO ALÉM DA VELHA GANÂNCIA

DINHEIRO REAL BASEADO EM RIQUEZA REAL

Na situação em que nos encontramos, é natural perguntar quem é o responsável. Devemos culpar os banqueiros, os capitalistas, as corporações, os políticos? Claro, as máquinas de dinheiro chamadas corporações têm certa responsabilidade, pois isolaram convenientemente os lucros de seu custo ambiental. Mas se ficarmos jogando a culpa nos vilões deixaremos de aprender a grande lição: nós somos todos responsáveis pelas condições atuais, pois concordamos com elas.

Isso é muito sério em uma sociedade em que os pobres sonham em ganhar na loteria, a classe média usa cartões de crédito para comprar gratificação instantânea e os ricos acumulam muito mais riquezas do que jamais irão precisar.

Graças à programação da sobrevivência dos mais fortes, o medo de não ter o suficiente é tão intenso que é difícil às pessoas imaginar outro estilo de vida. A crença na escassez e a automatização se infiltraram nas mentes das pessoas como juro sobre dívidas. A ciência materialista e o darwinismo conseguiram convencer a todos de que a necessidade e a avareza são parte da natureza humana.

A civilização segue o rastro do dinheiro há 3 mil anos. Mas e se o dinheiro seguisse um pouco a vida só para variar? Como seria se não tivéssemos que nos preocupar com a ganância o tempo todo? Felizmente, um grande número de economistas, as verdadeiras *células imaginais*, pode nos ajudar a enxergar além da matriz do dinheiro e criar algo novo.

Um exemplo é o de Stephen Zarlenga, do *American Monetary Institute*, cuja proposta de reforma monetária daria o que falar entre os conservadores, libertaristas e Fundadores dos Estados Unidos:¹⁸

- ➔ Retirar do *Federal Reserve Bank* a função de emitir dinheiro e substituir a moeda atual por dinheiro sem dívidas que reflita o valor real da riqueza geral da nação.
- ➔ Eliminar o sistema de reserva fracionária dos bancos e exigir deles que só emprestem o dinheiro que tiverem em mãos.
- ➔ Injetar dinheiro no sistema, não na forma de dívidas, mas de concessão nacional para restaurar a infraestrutura e gerar empregos que adicionem valor real ao mercado.

O plano de Zarlenga parece radical. E é mesmo. Mas a situação que enfrentamos no momento é tão grave que todas as opções são válidas. Haja vista que finalmente despertamos e nos livramos dos inúteis paradigmas e programações, podemos muito bem colocar de lado os conceitos obsoletos sobre o que é o dinheiro e sobre o que ele pode fazer.

Quando se trata de grandes mudanças, Richard Kotlarz sugere a restituição do Jubileu. No *Antigo Testamento*, a cada 50 anos havia um *Ano de Jubileu* no qual todas as dívidas eram perdoadas e os escravos eram libertados. Isso era feito para que a estrutura da sociedade não perecesse diante das discrepâncias de níveis de riqueza.

A celebração do jubileu é algo necessário hoje. Imagine o potencial e o desenvolvimento da criatividade e do empreendedorismo que o mundo teria

sem o peso das dívidas. Poderíamos começar a cuidar melhor de nosso Jardim.

Além das reformas monetárias, podemos adotar três estratégias para estabelecer uma sociedade mais saudável; criar e utilizar moedas alternativas; aumentar a sustentabilidade local e promover uma economia baseada em felicidade.

Moedas alternativas. A moeda de representação, sem valor próprio e utilizada em uma economia baseada em dívidas, é uma das principais causas da crise econômica global que enfrentamos. Parafraseando Einstein, não podemos resolver os problemas econômicos utilizando o mesmo dinheiro que os criou. É preciso criar uma moeda mais funcional se quisermos desenvolver uma economia mais sustentável. Para isso alguns economistas criativos propõem ideias revolucionárias sobre moeda corrente que podem pôr um fim no dilema mundial.

Bernard Lietaer, economista belga que ajudou a criar o euro, propõe uma solução em curto prazo para os problemas econômicos na forma de *moeda yin*. *Yin* seria uma unidade monetária criada para complementar a moeda dominante, ou seja, a *moeda yang*, hoje representada pelo dólar, pelo yen, pelo franco, pelo euro etc.¹⁹

Lietaer firma que a natureza do dinheiro funcional e benéfico é definida como um todo pela comunidade. Portanto, as pessoas devem ser livres para criar a própria moeda de troca e complementar o sistema monetário *yang*. Muitas vezes acabamos fazendo uso de moedas complementares sem perceber. Milhagens de voo são um exemplo. Às vezes, nem é preciso viajar de avião para tê-las.

A *moeda yin* representa uma forma de moeda que permite a comunidades pobres de dinheiro porém ricas de tempo contratar serviços daqueles dispostos a oferecê-los. Cerca de 4 mil comunidades hoje, ao redor do mundo, utilizam *moedas yin*, normalmente como pagamento de cuidados

de crianças ou idosos quando não há dinheiro *yang* suficiente para pagar prestadores de serviços especialistas.

Um exemplo específico dessa moeda é o *fureai kippu* no Japão, que significa “vale-cuidador”. Em vez de utilizar casas de repouso, extremamente caras, os japoneses criaram a moeda *fureai kippu* para pagar serviços de cuidadores de idosos não cobertos pelos planos de saúde.²⁰

Como funciona? Digamos que um homem idoso que mora em sua rua não possa sair para fazer compras sozinho. Você faz as compras para ele, o ajuda a preparar os alimentos e a se preparar para o banho ritualístico, item importante dentro da cultura japonesa. Em troca, recebe créditos que podem ser acumulados como uma poupança *fureai kippu*. Você poderá utilizá-los quando for idoso ou transferi-los a sua mãe idosa que mora em uma cidade distante de onde vive, para que ela possa pagar alguém para tomar conta dela. Pesquisas realizadas no Japão indicam que os idosos preferem os serviços do *fureai kippu* àqueles pagos com o yen, porque expressam o verdadeiro sentido da comunidade.

A palavra comunidade, aliás, deriva do termo em latim *cum munere*. *Munere* significa “dar” e *cum* significa “entre as pessoas”. Comunidade e *fureai kippu* também possuem sentido similar (“dar entre pessoas”).²¹

Outra versão funcional do dinheiro orgânico é o *Local Exchange Trading System*, ou LETS (Sistema Local de Comércio de Troca), desenvolvido pelo australiano James Taris. Assim como outras *moedas yin*, o LETS oferece oportunidade aos indivíduos de melhorar a qualidade de vida por meio da troca de serviços, habilidades e talento. Um mecânico ou uma babá podem receber uma sessão de massagem ou ter um *chef* preparando um jantar para um evento especial em sua casa, coisas que normalmente não teriam como pagar com o que recebem em moeda comum.

Enquanto você lê esta página, contamos mais de 1.500 LETS e grupos de moeda alternativa em mais de 39 países, e o número provavelmente terá aumentado quando você tiver lido a página até o fim!²²

Autossuficiência local. O movimento de compras locais é indicativo de outra promissora tendência econômica. Não, não se trata de uma campanha contra estrangeiros. É apenas o reconhecimento de dois princípios eficazes.

Primeiro, produtos locais são econômica e energeticamente mais eficientes simplesmente porque não envolvem custos de transporte. Segundo, e igualmente importante, produtos e serviços locais colaboram para a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento de uma região, multiplicando suas riquezas.

Dois estudos comprovam essa teoria. O primeiro abrange quatro tipos de negócios da cidade de São Francisco: livros, material para esportes, brinquedos, presentes em geral e serviços de refeição. Os resultados mostram que a troca de apenas 10% dos grandes distribuidores pelas lojas locais resultou em um aumento de riquezas da cidade da ordem de 192 milhões de dólares, em uma renda direta aos trabalhadores de 72 milhões de dólares e de novas atividades de varejo que resultaram em lucros de 15 milhões.²³ Outro estudo, realizado em Austin, no Texas, mostra que se cada residência da cidade passasse a comprar produtos para as festas e feriados nacionais em lojas locais em das grandes redes, o resultado seria um impacto positivo na economia local da ordem de 10 milhões de dólares.²⁴

Como é possível? Simples. As grandes cadeias de lojas usurpam o lucro da comunidade. Já o comércio local faz com que o dinheiro circule dentro do perímetro da cidade. Ele gera empregos, adquire produtos e serviços de distribuidores locais, pode contribuir com os projetos sociais da região e, tendo lucro, se expande e oferece produtos e serviços cada vez melhores.

Segundo um estudo da organização *Go Local* (Compre em sua cidade), do Condado de Sonoma, na Califórnia, quando os cidadãos compram produtos em lojas da própria cidade, o dinheiro permanece por um tempo três vezes maior dentro dela.²⁵

Para ajudar a amenizar o desafio de prover alimentos a uma população de 6,5 milhões de habitantes, o movimento *Go Local* estabeleceu um

projeto que oferece uma solução simples e natural: cada comunidade tem como objetivo se tornar sustentável e autossuficiente em termos de alimentos e de energia. E como o Sol e o solo são as fontes de toda riqueza, uma comunidade bem-sucedida é aquela que tem acesso e desfruta dessa abundância.

Até mesmo nas áreas mais urbanizadas e subdivididas dos EUA é possível gerar alimentos e oportunidades de negócios. Quando os moradores de uma cidade têm acesso a espaço e moradia, desenvolvem a possibilidade de crescer e de produzir e vender alimentos à cadeia econômica local.

Mais felicidade. Para ampliar um pouco mais o conceito de Jardim que abordamos, cada bairro, comunidade, cidade, Estado e nação é um jardim com potencial de produção não apenas de alimentos, mas de outras formas de riqueza renovável e até mesmo de felicidade. Talvez tenhamos que seguir o exemplo do reino budista do Butão. Em 1970, o rei Jigme Singye Wangchuck instituiu que a verdadeira medida de riqueza do país seria o Nível Nacional de Felicidade (NNF), em vez do PIB.

Mas o que é felicidade? Para os butaneses é a mudança de perspectiva. Segundo um artigo da revista *Developments Magazine*, “o país não deve sacrificar elementos importantes para a felicidade das pessoas em troca de desenvolvimento material”. Portanto, o NNF leva em conta não apenas o fluxo monetário, mas também o acesso aos serviços de saúde, o tempo livre com a família, a preservação dos recursos naturais e outros fatores não econômicos.²⁶

Para manter o conceito budista de que o propósito da vida é a felicidade, a sociedade butanesa decidiu diminuir as corporações, o consumo excessivo de produtos dispensáveis, e passar a cultivar o maior bem de consumo da humanidade: a felicidade. Os líderes do Butão fazem ao mundo uma pergunta intrigante: e se cada nação, cada país e cada comunidade resolvesse maximizar a felicidade mundial, cada uma a seu modo? O que aconteceria?

Não se pode subestimar o impacto econômico de bens como amor, felicidade, imaginação e consciência. Em uma economia em desenvolvimento, esses são os multiplicadores que nos ajudam a conquistar aquilo que Buckminster Fuller chamaria de *economia dymaxion*, ou seja, economia baseada em “obtenção de benefícios máximos utilizando o mínimo de material e energia”.

Como vimos no capítulo anterior, os índices de bem-estar (amor, felicidade, paz e tranquilidade) são contagiosos. Uma pessoa pode entrar em uma sala transmitindo amor e todas aquelas que estiverem nela podem ser tocadas pelo sentimento e levá-lo consigo ao sair. O amor daquela que entrou não diminui, apenas aumenta. Essa é, sem dúvida, a fórmula do milagre da multiplicação do pão e dos peixes!

Como todos os aspectos do paradigma holístico emergente, a solução de nossos problemas econômicos envolve, inevitavelmente, uma decisão global. E como se toma uma decisão coletiva? Será confiável? Ou lembra algo sugerido no livro de George Orwell, *1984* (nova ordem mundial em que os humanos se tornam meras máquinas de voto eleitoral pré-programadas)? Ou será algo muito mais inteligente que envolve consciência comunitária e gera simultaneamente níveis máximos de liberdade e conexão?

Veremos no próximo capítulo as respostas a essas questões, fornecidas pela ciência moderna e pelos Fundadores dos Estados Unidos.

A política tem cura

“Imagine... ir à urna e poder eleger um dos dois maiores poderes que existem.”

SWAMI BEYONDANANDA

Assim como nossas crenças sobre dinheiro e economia, nossa noção inconsciente sobre política precisa ser revista se quisermos nos participar do novo organismo emergente.

Para entender como essa mudança é fundamental, basta ir ao um dicionário. A maioria define *política* como “obter e manter o controle sobre um governo” e “competição entre grupos de interesse e disputa por poder e liderança (...) caracterizada por artimanhas e práticas desonestas”. Em um mundo que acredita em disputas, jogos de interesse e no qual todos devem viver “cada um por si”, é compreensível que o significado de política envolva competição, controle e meios ilícitos para atingir metas egoístas.

As consequências desse tipo de política são desastrosas. O cientista ambiental Donella Meadows escreveu um artigo intitulado “O sistema industrial não é programado para fazer aflorar o melhor de cada cidadão”. Segundo ele, “todos os dias pessoas decentes cortam árvores, devastando florestas, pescam até causar a extinção de espécies de peixes, espalham toxinas no ambiente, chantageiam políticos, criam mais impostos e taxas, colocam em risco a saúde de seus funcionários, vizinhos ou clientes, aumentam abusivamente o preço de seus produtos, pagam a seus funcionários um salário muito menor do que eles merecem, demitem pessoas

honestas e trabalhadoras. ‘Se você não fizer, seu concorrente fará’, é o que eles dizem. E estão certos”.¹

Esse tipo de atitude justifica a definição de *política* como uma prática egoísta moldada pelas filosofias newtoniana e darwiniana.

Mas os dicionários normalmente apresentam mais de uma definição do mesmo termo. Um deles, menos utilizado, é o que mais se encaixa no paradigma holístico: “política é o complexo de relações entre as pessoas que vivem em sociedade”. É uma definição que mostra que nossos 50 trilhões de células são um modelo de comunidade. E a sabedoria de nossas células para criar uma política saudável pode ser aplicada às novas regras à medida que criamos um novo corpo político equilibrado no qual todos podemos nos organizar, nos relacionar e agir em conjunto.

Como vimos nos Capítulos 11 e 12, a política celular se caracteriza por:

- ➔ Unidade criada por meio da diversidade em que cada um dos 200 tipos de célula desempenha diferentes funções para o bem da coletividade.
- ➔ Um sistema de inteligência central que coordena todas as operações fisiológicas do corpo e as sincroniza com as necessidades de cada célula.
- ➔ Equilíbrio saudável entre sistemas de crescimento e sistemas de proteção ocasionalmente necessários, sendo que ambos consomem as fontes de energia.

Esses princípios de unidade e diversidade, de inteligência central e de equilíbrio entre crescimento e proteção podem ser aplicados à política para criar uma nova definição, mais holística: política é a maneira como nos organizamos, nos relacionamos e agimos para promover a saúde de toda a humanidade e de *cada* indivíduo que a compõe.

Se comparamos a organização e a harmonia da política celular com a crise gerada pelas formas disfuncionais das nossas organizações políticas fica

claro que uma evolução se torna imprescindível.

Porém, como se evolui politicamente? Para explorar essa questão, devemos, em primeiro lugar, considerar as consequências nocivas da política obsoleta newtoniana-darwinista atualmente praticada. E relembrar a sabedoria dos Fundadores dos Estados Unidos, que nos deixaram seu exemplo.

A POLÍTICA NEWTONIANA-DARWINISTA

A medicina moderna, baseada na filosofia newtoniana-darwinista, considera que o corpo é pouco mais do que uma máquina na qual forças iguais e opostas lutam umas contra as outras e cada ação provoca uma reação. Quando descobrimos em nosso corpo um sintoma desagradável, os médicos simplesmente utilizam uma forma de energia farmacêutica oposta para neutralizá-lo. No entanto, a energia liberada pode acabar desencadeando, não intencionalmente, outras forças que produzem consequências negativas conhecidas como efeitos colaterais. A mecânica da política newtoniana-darwinista funciona mais ou menos da mesma maneira. Se aparece um sintoma indesejado, como a revolta de uma comunidade economicamente desfavorecida ou uma ameaça terrorista, a reação é aplicar uma força oposta. E se ela não for suficiente aplica-se uma força maior ainda.

Normalmente, em combate, a força contrária acarreta resultados ou efeitos negativos denominados *danos colaterais*, como baixa de civis e *disparos unilaterais*, que são balas e morteiros que atingem e matam soldados da própria tropa em ataque.

O processo de utilização de forças adversárias e seus efeitos colaterais causam destruição mútua. Uma representação hilária desse comportamento absurdo (embora não se possa dizer que esse tipo de coisa seja engraçada) é uma cena de um filme de Stan Laurel e Oliver Hardy, *O gordo e o magro*, em

que os dois pobres heróis batem o carro no para-choque de outro veículo. Oliver, em seu estilo típico, ajeita a gravata no pescoço e diz:

– Deixe que eu cuido disso.

Mas Ollie sai do carro para enfrentar o outro motorista. Os dois conversam de maneira agressiva, apontando o dedo um para o outro. O motorista se exalta e destrói o espelho retrovisor do carro de Ollie. Cada ação provoca uma reação e os dois acabam destruindo totalmente o carro um do outro.

A cena lembra outra, que não lembra em nada uma comédia: o show de horrores no Iraque, que tem provocado uma grande reação no Oriente Médio. É a história de cada guerra da história. E a pior parte dela é o efeito colateral do desenvolvimento da tecnologia: a baixa de civis.

Segundo Norman Solomon, autor de *Como organizar facilmente uma guerra*, os civis representaram 15% das mortes na Primeira Guerra Mundial, 65% na Segunda Guerra Mundial e mais de 90% no Iraque.² Se tudo continuar assim, a única maneira segura de viver será se alistar nas Forças Armadas.

A política convencional segue a filosofia do Universo newtoniano-darwiniano (a comédia de *O gordo e o magro*), estimulando uma série de respostas cíclicas de ação e reação a distúrbios sociais.

Sob uma perspectiva reducionista, temos a tendência de considerar cada agitação popular como um acontecimento separado e único e como uma consequência natural da eterna luta pela sobrevivência. Mas em um mundo holístico, em que nos vemos como parte de um Todo, isso não é verdade.

Imagine como a política destrutiva do governo dos EUA, chamada de *guerra do terror*, agiria dentro do organismo humano: “identificou células terroristas no fígado? Bomba nelas! Estão muito bem entrincheiradas e escondidas? Bem, então o melhor é usar armas nucleares! Isso vai ensinar o fígado a não abrigar mais células terroristas. Oh, a vesícula e o pâncreas são

aliados do fígado? Bombas nucleares neles também”. E assim continuaria, até que cada célula terrorista fosse erradicada. O efeito colateral dessa estratégia é que no processo ela mataria 90% de células civis inocentes e destruiria o corpo. Precisa de mais alguma coisa?

O Universo newtoniano-darwiniano se baseia em um mecanismo de independência entre os elementos físicos. Já o Universo da Mecânica Quântica, ao contrário, demonstra que tudo está conectado e que a separação é mera ilusão.

No Universo newtoniano-darwiniano o câncer é visto como um enclave de células desafiadoras vivendo irresponsavelmente entre as células normais do corpo.

Para lutar contra ele, a medicina tradicional emprega radiação nuclear, uma resposta de choque ao estilo militar que espalha veneno quimioterápico entre a população de células, ignorando o fato de que aquelas que estão saudáveis entrarão no quadro de danos colaterais, em virtude da hostilidade do tratamento, somente para matar as chamadas células irresponsáveis.

Como a medicina ocidental considera o corpo uma máquina, sua preocupação é dominar e controlar esse corpo. Mas a medicina oriental funciona de maneira totalmente diferente. O Ayurveda e a medicina tradicional chinesa veem o corpo como um sistema holístico quântico. Em vez de atacar o câncer com a intenção de destruí-lo, a medicina milenar tenta, em primeiro lugar, restaurar o equilíbrio e a harmonia. Quando o ambiente interno de um indivíduo se encontra bem e equilibrado, não há estímulo à produção de doenças.

Se os Estados Unidos tivessem respondido ao ataque ao *World Trade Center* utilizando o sistema celular de isolar os sociopatas e estimular mais saúde e harmonia no ambiente mundial, a humanidade teria dado um grande passo em sua evolução.

Seguindo a linha dos praticantes holísticos, os políticos poderiam tentar primeiro identificar as causas do desequilíbrio que inevitavelmente levaram

ao sintoma (o ataque). Resgatariam a harmonia lidando com as desavenças antes que elas chegassem ao ponto de uma retaliação.

É importante observar que um *sintoma*, seja ele na sociedade civil ou na civilização celular, não é a *causa*, mas uma *consequência*. A falha da medicina e da política atuais está em não identificar esse detalhe e em se concentrar tão somente em eliminar, encobrir ou mascarar as consequências ignorando a causa. Reagir ao resultado sem entender a origem é o primeiro passo para uma inevitável e interminável escalada de impulsos newtonianos-darwinianos de ação e reação.

A violência terrorista é o sintoma de um problema social muito mais profundo. No caso do *show* de horrores do Iraque, a manipulação e a interferência da civilização ocidental na cultura do oriente médio geraram um imenso desequilíbrio social. A atitude imperialista do ocidente de julgar que *aquelas pessoas* vivem sobre a areia que cobre *nosso petróleo* criou um sentimento de humilhação entre os árabes e um grande desrespeito pelos invasores. A tentativa ingênua de erradicar os terroristas acabou causando ainda mais terror, algo que os líderes políticos devem aprender a administrar se quiserem encontrar uma solução.

E no que tange aos dois países conflitantes, o Iraque e o Irã, os EUA parecem sofrer de um caso típico de Alzheimer político ao se esquecer, convenientemente, de que a CIA foi responsável ao manipular a política e as lideranças em ambos. Sua influência foi dominante na mudança de regime no Iraque em 1963, que levou ao poder o Partido Ba'ath, de Saddam Hussein, e o tornou chefe do serviço secreto iraquiano.³ A CIA estruturou a situação até que não houvesse mais interesse de sua parte, quando convenceu o Presidente George W. Bush e seus ajudantes a planejar uma invasão ilegal para resolver o problema.

A CIA também ajudou a depor o líder popular e democrático eleito, o General Mohammad Fazlollah Zahedi, e a reinstaurar a monarquia de Mohammed Reza Pahlavi como governante do Irã.⁴

O Xá, que era a favor do ocidente, ficou no poder até 1979, quando foi deposto pelo povo. Os cidadãos queriam recuperar o poder sobre seu país! Mas em um mundo politicamente newtoniano-darwiniano construído sobre forças adversárias, não é surpreendente que o novo líder, Sayyid Ruhollah Musavi Khomeini, o Aiatolá, tenha se mostrado mais um opressivo déspota político.

Além de desestabilizar o Irã, o Iraque e outras nações do oriente médio, os interesses da política do ocidente afetaram o sistema social da América Central, da América do Sul, do Sudeste da Ásia e da África. Um século de polaridades newtonianas-darwinianas criaram tensões globais tão intensas que a civilização está hoje à beira de uma combustão.

Para nossa sorte, diante do despertar de uma nova consciência, temos a oportunidade de dissipar toda essa tensão política e direcionar forças a uma evolução espontânea. A chave para nos ajudar a estabelecer uma ordem saudável e uma política equilibrada está na filosofia da fundação dos EUA.

OS NORTE-AMERICANOS EVOLUCIONÁRIOS E A MAIS NOVA ORDEM MUNDIAL

Os Fundadores dos EUA, como bons evolucionários, reconheciam intuitivamente a visão animística, ou seja, a relação benéfica entre os indivíduos, o comunitário e o campo de energia, algo que a nova ciência começa a perceber e a confirmar. Se nós, como membros da sociedade moderna, deixarmos de lado as práticas negativas da política newtoniana-darwinista em favor de uma versão renovada das crenças nativas norte-americanas, poderemos dar continuidade à evolução engendrada pelos homens e mulheres que transformaram 13 colônias em uma nação constitucional estabelecida para gerar e salvaguardar o bem de todos.

Influenciados pela elevada filosofia de John Locke e Jean-Jacques Rousseau, pela sabedoria perene das tradições espirituais herméticas e pelas

interações com os nativos norte-americanos, os Fundadores deísticos buscavam viver em harmonia com a Natureza.

Eles viam a tirania como um desequilíbrio e buscavam desenvolver uma estrutura política que garantisse a liberdade individual e uma sociedade saudável e em constante crescimento. Nos documentos da fundação do país, os Fundadores enfatizavam quatro pilares que julgavam necessários para atingir sua meta: liberdade, justiça, verdade e igualdade.

- **Liberdade:** como deístas, os Fundadores dos EUA consideravam a liberdade correspondente ao livre-arbítrio, estimulando o crescimento e a evolução. No entanto, para que se mantenha constante, a liberdade deveria ser permeada pela justiça.
- **Justiça:** a Justiça equilibra a liberdade porque inibe a sede de domínio e estabelece que cada indivíduo tem direito a ser livre, tratado com igualdade e digno de tratamento justo, situação que garante a liberdade de todos. Em suma, a Justiça é a Regra de Ouro codificada pela lei.
- **Verdade:** a verdade mantém e estimula a Justiça tanto dentro do corpo quanto na política. Assim como as células imunes devem interpretar corretamente os sinais internos e distinguir falsas ameaças de perigo real, nós, o povo, precisamos de informações claras e não manipuladas para compreender a situação global e tomar decisões que auxiliem a preservar a vida, e não a colocá-la em risco.
- **Igualdade:** igualdade é o equilíbrio entre cada indivíduo e o coletivo combinado às mudanças que emergem de uma massa crítica de indivíduos iluminados.

Nossos ancestrais reconheciam o valor dos *comuns*, área dentro das comunidades reservada para discussões na qual a voz de cada indivíduo contaria de forma igualitária e onde a riqueza e o status social não seriam

referência ou valor para se julgar alguém. Por meio da observação e da participação nessas discussões, eles sabiam que criar uma nação na qual os cidadãos se respeitassem como iguais aumentaria as chances de que os indivíduos saudáveis trabalhassem voluntariamente em conjunto para beneficiar toda a comunidade.

O lema dos EUA, *e pluribus unum*, “entre muitos, um”, serve para lembrar que não fomos criados para sofrer imposições ou viver em uma hierarquia desequilibrada de poder, mas sim em uma união de indivíduos saudáveis, cooperadores e soberanos. Devemos viver em uma organização voluntária, não coerciva.

A VOZ CENTRAL DA DEMOCRACIA: A INCOMUM SABEDORIA EM COMUM

Além de possuir uma visão animística do mundo, os Fundadores dos EUA, conforme descrevemos em páginas anteriores, acreditavam no poder da liberdade individual para estabelecer uma ordem coerente. Hoje, cada vez mais pessoas reconhecem os benefícios combinados da liberdade individual e dos acordos.

Veja alguns exemplos de como alguns profissionais, de jornalistas a desenvolvedores de *software*, de executivos e consultores a terapeutas e curadores, aplicam uma filosofia que pode mudar a perspectiva mundial.

O jornalista James Surowiecki inicia seu livro, *A sabedoria das multidões*, com um conto sobre o antropólogo inglês Francis Galton, fundador da *eugenia*, ciência que estuda defeitos genéticos e características hereditárias indesejáveis. Após passar a vida avaliando a capacidade humana, Galton revelou uma grande frustração: “a burrice e a teimosia da maioria das pessoas é tão grande que mal se pode acreditar”.⁵

Em 1906, aos 84 anos de idade, Galton visitava uma feira agrícola perto de sua cidade natal, Plymouth, na Inglaterra, quando se deparou com um grande grupo de pessoas participando de um concurso no qual fariam

apostas sobre o peso de um boi depois de abatido e cortado. Além de açougueiros e fazendeiros, havia no grupo cidadãos comuns, não familiarizados com a prática de cortar e pesar carne. Galton os descreveu, sarcasticamente, como um grupo de perfil típico daquele que vai às urnas nas eleições.

Decidiu então acompanhar as apostas, tendo certeza de que provaria a incompetência dos indivíduos comuns, incapazes, em tese, de calcular o peso do boi. Quando o concurso terminou, Galton somou as 787 apostas, calculou as estimativas e a média de peso sugerido por todos. Ficou surpreso com o resultado. A média das apostas era de 542 quilos, pouco menos do que o peso real, medido ao final, de 543 quilos!

Embora nem o vencedor tenha acertado em cheio, algo de estranho ocorreu na aposta coletiva. O fato de estarem todos concentrados no mesmo assunto ao mesmo tempo fez com que obtivessem uma consciência que nenhum especialista poderia explicar. Ao tentar esclarecer o fenômeno, Surowiecki sugeriu que cada indivíduo tem um conhecimento limitado, porém quando “agregada à inteligência de outros de maneira correta, nossa inteligência [coletiva] se supera”.⁶

Certas estatísticas, quando colocadas em um gráfico, tendem a apresentar uma curva em forma de sino. Da mesma forma, quando a avaliação e a perspectiva de um grande número de indivíduos são associadas e combinadas, a estimativa é que se encontre a resposta ou a melhor solução para qualquer problema.

Outro exemplo de sabedoria de massas aconteceu depois da trágica explosão da nave espacial Challenger, em 1986. Como o lançamento foi televisionado, as pessoas assistiram a tudo, e a notícia do desastre se espalhou imediatamente. Quando chegou ao jornal online da Dow Jones, os investidores começaram imediatamente a se desfazer das ações das quatro empresas responsáveis pela construção do *Challenger*: *Lockheed*, *Martin Marietta*, *Rockwell* e *Morton Thiokol*. No entanto, ao final do dia, todas se

recuperavam, com exceção da *Morton Thiokol*, que permaneceu 12 pontos abaixo da média.⁷

Essa reação de mercado indica que os negociadores intuíram, de alguma forma, que a *Morton Thiokol* era responsável pelo acidente, embora ninguém soubesse onde estava o problema. Seis meses depois, a equipe responsável pela investigação revelou que um problema na vedação dos anéis (em O) do impulsor do foguete causara o desastre. A *Morton Thiokol* era a fabricante do material de vedação. Como os investidores poderiam saber disso meses antes de os especialistas descobrirem?

A pesquisa de Surowiecki o levou a concluir que três fatores poderiam influenciar a precisão da sabedoria de um grupo de pessoas: diversidade, independência e descentralização.

Diversidade. Segundo o pensamento newtoniano-darwiniano, a limpeza étnica, verdadeira atrocidade política, é considerada positiva porque livra a nação das pessoas (*os outros*) diferentes ou que discordam de *nossa maneira de pensar*. Já a visão holística enfatiza os benefícios da diversidade.

Quando se trata de momentos de tomada de decisão ou de solução de problemas, as perspectivas de um grupo diverso oferecem mais precisão do que aquelas de um grupo homogêneo de especialistas. Isso ocorre porque pessoas cuja inteligência é desenvolvida ou voltada para determinado assunto ou área tendem a pensar de maneira semelhante enquanto um grupo de perspectivas diferentes apresenta uma gama mais ampla de conhecimento.

Surowiecki conclui: “Adicionar pessoas que sabem menos porém têm habilidades diferentes pode contribuir em muito para o desempenho de um grupo”.⁸ Em outras palavras, um grande grupo que englobe indivíduos com diferentes experiências de vida pode gerar previsões mais precisas e claras e tomar decisões mais inteligentes do que outro composto exclusivamente de pessoas especialistas em tomar decisões.

Independência. O segundo fator que influencia a precisão de um grupo é a independência. Quando grupos conversam entre si tentam a chegar a um consenso prematuro e a se conformar com as normas. Mas aceitar regras preestabelecidas não significa, necessariamente, tomar uma decisão correta, apropriada ou benéfica. Nas situações em que um indivíduo ou mais têm influência dentro do grupo, os membros tendem a seguir suas opiniões. E quanto mais pessoas se conformam com a opinião, mais difícil é para as minorias ter suas ideias levadas em conta.

Mas veja o exemplo das pessoas que acertaram o peso do boi. Cada um escreveu em um papel o número que julgava correto sem que ninguém o visse e sem a ajuda de um especialista familiarizado com o processo de pesar carne. E o resultado foi o uso da sabedoria coletiva, gerada pelo pensamento independente, que pode ser descrito como um processo semelhante ao de uma eleição.

Descentralização. O padrão convencional de pensamento sugere que o controle das situações e das soluções é algo positivo. Isso se aplica a empresas que buscam mais lucros ou a indivíduos que desejam ter mais status, reconhecimento no trabalho, na família ou entre os amigos. Para esse fim, as corporações, por exemplo, costumam contratar especialistas para resolver um problema específico e se concentram apenas nisso, excluindo quaisquer outras ideias e pontos de vista. E os indivíduos que trabalham nessas empresas podem ter acesso a segredos e acreditar que a posse dessas informações é capaz de lhes dar prestígio ou poder.

A descentralização, ao contrário, demonstra que a solução dos problemas em coletividade é um processo melhor à saúde e prosperidade individual e da comunidade como um todo.

Os três fatores (diversidade, independência e descentralização) se encontram no conceito de *consciência compartilhada* que inspirou o eficiente *software Wiki Internet*, extremamente popular, que permite a qualquer

colaborador editar o conteúdo de suas páginas. O site *wiki* mais conhecido é a *Wikipedia*, enciclopédia em constante expansão.

Em *Wikinomics: como a colaboração em massa pode transformar tudo*, o executivo canadense Don Tapscott e o consultor Anthony D. Williams descrevem os *wikis* como “comunidades autoorganizadas e igualitárias de indivíduos que se unem voluntariamente para produzir um resultado compartilhado”.⁹ Graças ao poder dos computadores e ao alcance da *Web* Mundial, os problemas hoje podem ser apresentados e avaliados pela sabedoria de mentes independentes do mundo todo.

Tapscott e Williams contam a história de *Goldcorp*, pequena companhia de mineração de ouro de Toronto que desafiou seus precedentes ao tornar públicas suas informações confidenciais e oferecer 575 mil dólares em prêmios para quem os ajudasse a encontrar “6 milhões de onças de ouro”. Essa estratégia *open source* (aberta a todos) funcionou tão bem que a *Goldcorp* passou de uma empresa de 100 milhões para um negócio de 9 bilhões de dólares.¹⁰

Surowiecki cita outro sucesso *wiki*, a história da *Linux*, um *software open source* altamente eficaz desenvolvido pelo *designer* Linus Torvalds, da empresa *Finnish*, em 1991. Em vez de manter a exclusividade dos direitos do sistema, Torvalds revelou seu código ao mundo todo e pediu sugestões dos cientistas da área de computação. Recebeu imediatamente sugestões de programadores de todo o planeta. Graças à sabedoria coletiva dos indivíduos de diferentes áreas de interesse, o *Linux* se tornou um sistema extremamente eficaz e se desenvolve mais a cada dia.¹¹

A sabedoria *open source* das *wikis* pode ser uma forma de resolver grandes problemas que têm sido agravados pela ânsia de lucros quando seria bem mais eficaz adotar uma mentalidade que promovesse o bem comum. E que melhor maneira de se pensar e agir globalmente do que experimentar ideias de uma localidade em outras e dividir com todos os resultados, os acertos e os erros? Afinal, a vida também é *open source*.

COMO OS SISTEMAS OPEN SOURCE PODEM INFLUENCIAR NOSSA SABEDORIA POLÍTICA COLETIVA?

Tom Atlee, fundador do Instituto da Cointeligência e autor de *O Tao da Democracia*, confirma e complementa as descobertas de Surowieck, afirmando que as massas tendem a ser mais inteligentes do que indivíduos isolados. Atlee também afirma que determinadas habilidades, quando cultivadas, ajudam a extrair a sabedoria da população. Essas habilidades envolvem abertura e inibem a dominação por parte de um indivíduo ou de uma ideia.

Atlee menciona um experimento descrito pela consultora administrativa Marilyn Loden em seu livro *Liderança feminina*. Os pesquisadores deram a grupos de executivos alguns problemas simulados para que resolvessem. As equipes compostas apenas de mulheres obtiveram soluções melhores do que aquelas compostas apenas por homens, não em razão da inteligência individual em si, mas pelo fato de mulheres serem naturalmente colaboradoras, o que as torna coletivamente mais inteligentes. Nos grupos de homens, por outro lado, os indivíduos tendem a impor soluções individuais, o que prejudica o acesso de todos à sabedoria coletiva.¹²

E o que é sabedoria quando se trata de situações políticas e tomada de decisões em coletividade? Atlee define essa sabedoria como “ver além das aparências imediatas e agir com mais entendimento para estimular a vida e o desenvolvimento de todos”.¹³ Perspectiva favorece o conhecimento. Portanto, grupos têm mais potencial de sabedoria do que indivíduos isolados. “As comunidades possuem sabedoria intrínseca e podem utilizá-la estabelecendo uma interrelação criativa de pontos de vista para permitir que as verdades mais amplas e reais possam emergir”.¹⁴

Atlee também afirma que ferramentas para acessar a sabedoria estão na *cointeligência*, que ele define como “a integração de diferentes dons para o benefício de todos”.¹⁵ Nosso corpo, nossos órgãos e nossas células são cointeligentes, característica que lhes permite coevoluir com o ambiente. Da

mesma maneira, quando aplicada, a cointeligência permite a pessoas comuns acessar um nível extraordinário de saber, praticar a evolução e obter soluções para além da visão individual.

SOLUÇÕES TRANSCENDENTES: A PRÁTICA DA EVOLUÇÃO

A função básica da política é desenvolver práticas que previnam conflitos. O conflito faz parte da vida humana e da interação social. Não deve ser confundido com violência, que é a maneira mais deficiente de se lidar com conflitos. O conflito deriva da incompatibilidade entre duas ou mais opiniões, princípios ou interesses. E como normalmente envolve objetivos contraditórios a solução só ocorre quando os objetivos ou as expectativas em relação a eles se modificam.

Em um clássico sobre negociações, *Como chegar ao sim*, os autores Roger Fisher e William Ury sugerem que os conflitos se esclarecem quando as posições se modificam e se transformam em expressões de interesse real. Quando as partes opostas de um conflito esclarecem seus objetivos, passam a ver o assunto como um problema em comum, o que lhes permite agir como colegas trabalhando em conjunto.¹⁶

Para que esse processo aconteça e se desenvolva com sucesso, é necessário ouvir todos os participantes da questão. Quando um dos lados demonstra determinada emoção ou faz uma objeção, é preciso perguntar: “O que o preocupa?”. A resposta pode ser racional ou irracional, mas deve ser ouvida e levada em consideração, pois pode ajudar a esclarecer o problema.

O resultado desse processo, seja para resolver um conflito ou desenvolver uma política de prevenção de conflito, é quase sempre uma solução nova que não poderia ser prevista no início. Buscar uma solução em um nível de consciência mais alto do que aquele que gerou o problema facilita o acesso a essa sabedoria superior.

Tom Atlee conta a história de um fazendeiro do Estado norte-americano de Indiana que presenciou os cachorros do vizinho matando suas

ovelhas. A maneira mais comum de resolver um problema como esse é através de confrontos, ameaças, processos, cercas de arame farpado e eventualmente tiros. Mas esse fazendeiro teve uma ideia melhor. Deu aos filhos do vizinho alguns filhotes de ovelhas para serem animais de estimação. Esta solução diferente estabeleceu um equilíbrio: para proteger as ovelhas das crianças, a família não permitiu mais que os cães ficassem soltos, e os vizinhos se tornaram amigos.¹⁷

Johan Galtung, pioneiro norueguês no estudo da resolução de conflitos e restabelecimento da paz, estabeleceu, após uma longa carreira e muita pesquisa, algo a que chama *as cinco possibilidades*. Segundo ele, todo conflito tem cinco soluções em potencial:

1. Eu ganho. Você perde.
2. Você ganha. Eu perco.
3. Transcendência negativa, na qual se tenta resolver o problema evitando pensar nele.
4. Comprometimento. Os dois lados ganham concordando em ceder (e perder) um pouco.
5. Transcendência, que produz uma solução acima e além do problema.

A política convencional busca resolver o conflito sem comprometimento, o que deixa as pessoas, no mínimo, insatisfeitas. Já a quinta solução, realmente transcendental, gera um estímulo positivo em todos aqueles envolvidos na questão. O primeiro quesito para estabelecer esse tipo de política é que a intenção dos envolvidos não seja meramente encontrar um meio-termo mas sim unir forças e caminhar juntos para obter a melhor solução.

Um exemplo da eficácia da quinta solução de Galtung foi a negociação mediada por ele durante uma disputa de 55 anos por um território entre o Peru e o Equador. Qual foi a solução para a acirrada disputa? O território

pelo qual os dois países se debatiam se tornou uma área bi-nacional governada por ambos, inclusive o grande parque natural que ela engloba.¹⁸

Trata-se de um exemplo da mais pura política holística, pois envolve a prática da evolução e da busca de uma situação satisfatória para todos, que se encontra acima do conflito dualístico.

Atlee defende o poder da experiência conjunta e da cooperação. E afirma que, como sociedade, “já estamos no limite da versão atomística da cidadania na qual a perspectiva individual só é levada em consideração quando há entendimento e é utilizada para estabelecer verdadeiros combates quando não há”.¹⁹

ONDE ESTÁ O POVO?

O objetivo do sistema atual de política de opostos é manipular a opinião pública em vez de cultivar a sabedoria coletiva. O resultado é que o público normalmente é obrigado a escolher entre duas alternativas nem sempre satisfatórias.

Portanto, se em algum momento o mundo precisou de uma *quinta solução*, esse momento é agora.

Mas o que nos impede? Se as massas possuem uma sabedoria tão grande, por que seu poder se encontra tão fraco e é manipulado com tanta facilidade?

Um dos motivos é a mídia corporativa, principal ferramenta da estrutura política newtoniana-darwiniana que cala a voz da democracia.

Na atual atmosfera de falsidade privatizada, disfarçada de verdade e distorcida para explorar e dominar o público, é fácil esquecer que a intenção dos Fundadores dos Estados Unidos ao defender a liberdade de expressão e de imprensa não era que a população fosse manipulada pelos meios de comunicação, muito pelo contrário. A verdadeira razão para estabelecer essa liberdade era garantir que os cidadãos tivessem acesso a todas as

informações e pontos de vista necessários para tomar decisões e resolver problemas utilizando coletivamente a *quinta solução*.

Outro obstáculo é a crença no *realismo cético* segundo o qual não existe verdade. Os partidários dessa filosofia insistem que “a vida é uma batalha de todos contra todos”, conceito que tem origem na crença darwinista de sobrevivência do mais forte e também é um exemplo da transcendência negativa de Galtung, que evita o problema da verdade ou não verdade.

No fundo, até mesmo aqueles que se encontram viciados em notícias da mídia sabem que estão sendo enganados. A onda de ceticismo gerada por essa sensação (não se pode confiar em *coisa alguma*) cria uma escalada de baixa autoestima e de perda de poder entre as pessoas. Como nada é verdade, para que perder tempo tentando crescer como pessoa ou manter a integridade? O filósofo Aldous Huxley transmitiu uma mensagem importante sobre as consequências dessa ideologia ao escrever: “O realismo cético é a melhor desculpa do homem inteligente para nada fazer mesmo diante de uma situação intolerável”²⁰

Percebe-se que a política atual é mantida por nossa própria programação, que nos faz acreditar que não temos poder algum, e pelos políticos, pelas corporações e pelos magnatas da mídia que se beneficiam disso.

Enquanto nós, o povo, podemos ser condenados por nossa apatia, a verdade é que a maioria dos adultos de hoje é muito mais ocupada do que seus antepassados de um século atrás. É irônico pensar que nos anos 1950 as pessoas imaginavam que estaríamos vivendo em um paraíso e trabalhando no máximo três vezes por semana. Na média das famílias norte-americanas, tanto o marido quanto a esposa precisam trabalhar em tempo integral... e mal conseguem sustentar os filhos. Tempo livre? Quase ninguém sabe o que é isso hoje em dia. Na transição dos vilarejos para as grandes cidades, nossa voz, a do povo, se tornou inaudível diante da voz da mídia e de alguns poucos indivíduos privilegiados.

O PROBLEMA É O SISTEMA

Para retomar a visão dos Fundadores dos Estados Unidos precisamos despertar nossas mentes e reconhecer a necessidade de uma voz central inteligente recuperando a sabedoria inerente à população.

Jim Rough, consultor comercial e autor de *A libertação da sociedade! O resgate da virtude e da sabedoria inerente às pessoas*, utiliza uma técnica que ele denomina “facilitação dinâmica” para substituir a visão individual e comum pela sabedoria das massas. Com a intenção de demonstrar como se pode transcender a estrutura política atual, desenvolvida para estimular a competição, Rough fez uma apresentação e pediu à plateia que escolhesse um assunto polêmico garantindo que o debate resolveria a questão em 30 minutos. O grupo escolheu o aborto como tópico.

Iniciado o debate, os participantes expressaram opiniões dentro da clássica posição binária de defesa da vida *versus* defesa da liberdade de escolha, algo que normalmente exige uma resolução divisória e uma postura radical. Quando todas as opiniões foram apresentadas e registradas em um quadro branco para que todos pudessem ver, Rough pediu que as pessoas sugerissem possibilidades diferentes. Houve um silêncio na plateia enquanto o grupo sentia que precisaria adentrar o desconhecido território do pensamento não convencional.

Rough pediu então que todos se concentrassem na questão além dos sintomas, isto é, o aborto em si, e buscassem as causas reais da polêmica. Ao final dos 30 minutos e mesmo com algumas opiniões completamente diferentes, o grupo chegou a uma questão que define o problema real: “Como chegar a uma sociedade em que as crianças sejam concebidas em famílias que as queiram e amem?”. Rough afirma: “É sempre possível chegar a esse tipo de consenso reunindo as ideias de todos”.

Mas para compreender realmente a proposta de Rough e como ela pode ser aplicada para transformar a política no mundo, vejamos uma conclusão

universal a que chegam todos aqueles que participam de seus *workshops*: o problema está no sistema.

A intenção não é nos eximir da responsabilidade pessoal, mas nos levar a compreender que, na ausência de uma voz que represente a todos, o sistema cruel e massificador tende a se perpetuar.

Para entender como a América do Norte chegou a esse ponto é preciso analisar os conceitos dos Fundadores dos Estados Unidos. Embora eles acreditassem que o governo deveria sempre servir ao povo, o sistema estabelecido não dava poderes à população. Em vez de uma democracia criou-se uma República.

A diferença entre os dois termos pode ser melhor compreendida quando observamos sua origem etimológica. A palavra democracia vem do grego *demos*, que significa “o povo”, e *kratia*, que significa “poder”. E a palavra República vem do latim *res*, que significa “coisa” e *publica*, que significa “do povo”. A diferença é que na democracia o país é regido pelo poder do povo enquanto na República o povo dá poderes a alguém para governá-lo.

Democracia participativa é o estilo de governo em que o povo atua diretamente tomando decisões, como o início ou o fim de uma guerra ou mesmo o aumento ou a diminuição de taxas. E cada decisão exige um voto. A sutil diferença está no fato de que a República é uma *democracia indireta*, na qual as decisões são tomadas pelos representantes eleitos. A intenção dos Fundadores dos EUA era estabelecer um equilíbrio de poder que não apenas nos protegesse daqueles que poderiam nos controlar como também proteger estes de rebeliões em massa.

Até aí tudo certo, mas o problema é que o sistema atual, desenvolvido a partir do raciocínio newtoniano-darwiniano, não obriga mais os representantes eleitos a serem responsáveis pelo povo. Consequentemente, eles não são obrigados a governar e votar em favor daqueles que os

elegeram, ficando livres para representar os interesses de pequenos grupos, de grandes corporações ou de si mesmos.

Por isso é que a Constituição dos EUA, modificada e interpretada durante décadas, não define mais o país como democrata ou republicano. Permite que os representantes nos governem e tomem decisões em detrimento do bem comum.

Felizmente, graças ao advento da comunicação global via Internet, mais ideias funcionais estão surgindo e mais indivíduos se manifestam e conseguem apoio.

COMO SERÁ A POLÍTICA DO FUTURO?

No início deste capítulo apresentamos uma pergunta: “Como se evolui politicamente?”. Para responder, comparamos a política newtoniana-darwiniana à fórmula criada pelos Fundadores dos Estados Unidos. Apresentamos também uma comparação entre as intenções dos Fundadores e o rumo que suas intenções tomaram.

Outra comparação capaz de nos ajudar a responder à pergunta e entender a forma que a política tomará é sugerida por Jim Rough. Ele afirma que, ao longo da história, as civilizações empregaram uma forma de governo que pode ser representada por formas geométricas (triângulos, quadrados e círculos).²²

Triângulo. A primeira forma de governo ocorre de cima para baixo. É o domínio dos chefes tribais, dos reis e dos imperadores. Rough utiliza o símbolo do triângulo para definir esse tipo de governo, que representa dependência.

Como forma de liderança, o triângulo é algo elementar e até mesmo pueril.

Assim como as crianças, que dependem dos pais para sobreviver, se organizar e manter a disciplina, as massas desinformadas dependem de um líder para fazer tudo isso por elas.

Essa é a forma de governo imposta pelos reis e rainhas ingleses a todos em seu reino e nas colônias ao redor do mundo.

Caixa ou cubo. A segunda forma de governo envolve uma série de regras e acordos estabelecidos pela população em vez de leis arbitrárias impostas por uma hierarquia absoluta. Rough compara esse tipo de governo a um cubo ou a uma caixa, que representa metaforicamente o recipiente onde as regras, como a Constituição dos EUA, por exemplo, são armazenadas e mantidas em segurança. Esse tipo de regime se baseia no desejo da população e representa independência.

Assim como os adolescentes se libertam da autoridade paterna para conhecer a autonomia e as próprias habilidades, os Fundadores ofereceram a seus colonos a oportunidade de se tornar indivíduos independentes, oportunidade que acabou gerando a Revolução Americana.

Embora a República que os Fundadores criaram fosse um grande avanço comparado à monarquia do Rei George, ainda era apenas uma máquina. Sim, foi criada por cidadãos independentes e soberanos e regida pela Constituição e pela mão da Justiça, mas ainda assim era uma máquina sem qualquer autoridade moral. E, como toda máquina, pode ser dirigida por aqueles que se sentam no banco do motorista. Nos dois últimos séculos estivemos tão longe do banco do motorista que mal nos sentamos no banco de trás. Na maioria das vezes, acabamos mesmo é trancados no porta-malas. Tudo o que inventamos é guiado pelos interesses daqueles que são politicamente mais fortes e, portanto, se consideram mais aptos a sobreviver.

E mais desanimador ainda é o fato de que a máquina chamada governo agora governa a si mesma e seu objetivo é se manter assim. É uma situação sinistramente parecida com aquela do filme *2001: Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick, em que o computador de bordo, HAL, assume o controle da nave e deixa a tripulação de fora. Nossa própria criação de formato quadrado, o nosso governo, nos trancou para fora e tirou nosso poder. As coisas parecem estar fora de controle justamente porque os valores morais

de 95% dos norte-americanos são oprimidos pelos valores sociopatas de meros 5%. Duzentos anos atrás, quando os Fundadores desenvolveram o sistema de governo, seu medo era de que um monarca viesse a governar o país. E, graças à ausência de uma voz central, a nova ameaça é justamente o exercício despota de um pequeno grupo.

Círculo. Por sorte existe outro formato de governo, o círculo, que pode ajudar nossa espécie a atingir seu “destino humanifesto”. Cada ponto em um círculo é equidistante do centro e importante para manter sua forma. Portanto, o círculo representa interdependência. Não confundir com a codependência. Interdependência significa uma comunidade de indivíduos distintos e perfeitamente capazes porém com características similares, conscientes de que seus interesses pessoais e em comum são os mesmos.

James Surowiecki e Jim Rough consideram independência algo positivo, mas precisamos reconhecer que ela é apenas uma ferramenta em nossa jornada evolutiva, que nos ajudou a passar da infância (triângulo) para a adolescência (quadrado) e hoje adentrar a esfera da política adulta.

Os primeiros a reconhecer poder do círculo como porta de acesso a um nível mais alto de sabedoria foram os índios. Oren Lyons, guardião da tradição do clã *Turtle*, dos Onodanga Iroquois, descreve as sessões do conselho tribal, em que todos se sentam em um círculo, da seguinte maneira: “Nos reunimos e discutimos o assunto até que o resultado seja a mais perfeita e óbvia verdade”.²³

Um nativo americano idoso, contador de histórias e autor chamado Manitonquat (seu nome significa história da medicina), utiliza o mesmo círculo para modificar a vida de criminosos. Manitonquat administra um programa bem-sucedido de recuperação de presidiários no Estado de *New England*. Ele escreveu: “Nosso povo percebeu, muito tempo atrás, que o círculo é a forma básica da Criação. No círculo todos são iguais e não há dominadores ou dominados, primeiros e últimos, melhores ou piores”.²⁴

Manitonquat afirma que o segredo desse processo é o respeito. “A maior parte desses presidiários jamais foi ouvida ou tratada com respeito por qualquer pessoa ao longo de suas vidas”.

Para organizar os grupos e estabelecer o conceito de respeito, ele utiliza algo que chama de “varinha da fala”. A pessoa que estiver segurando a varinha tem o direito de falar livremente e os demais devem ouvir com atenção. Ele sempre lembra a todos: “Ninguém no Universo é igual a você e jamais haverá outro igual no futuro. Portanto, só você possui seu dom especial e só você pode compartilhá-lo com alguém... Ao restante de nós cabe receber o que você tem a oferecer e ouvir sua história”.²⁵

Somente 5 a 10% dos presos que completam o programa de Manitonquat tornam a ser presos. É uma taxa impressionante se comparada aos 65 a 85% da população carcerária geral que reincide no crime. E os custos de manutenção do programa são incrivelmente baixos. Manitonquat é voluntário e ajuda de 120 a 150 presos em sete presídios estaduais recebendo apenas 100 dólares por mês para cobrir as despesas de transporte.

Muitos presidiários que completam o programa retornam a seus lares com um único desejo, segundo Manitonquat: “substituir a pirâmide de domínio pelo círculo da igualdade e do respeito”.²⁶

Caixa no círculo. Outra forma evolucionária de governo pode ser representada por uma caixa dentro de um círculo. Neste plano, os paradigmas governamentais de dentro da caixa ainda teriam eleições, criariam e manteriam as leis. Mas a caixa, que contém a independência constitucional, existiria dentro da interdependência do círculo, forma que representa a todos.

Para manter a caixa de governo dentro do círculo da sabedoria coletiva e da cointeligência, Tom Atlee, Jim Rough e outros propuseram a existência de conselhos deliberativos de cidadãos. Esses grupos de pessoas selecionadas aleatoriamente tratariam de assuntos e normas que causam conflito

utilizando o conhecimento compartilhado, e toda a comunidade ou nação teriam acesso às informações.

Esses conselhos são holísticos por dois motivos: primeiro porque buscam informações de uma vasta gama de fontes e pontos de vista, mesmo aqueles não convencionais. Segundo, porque buscam soluções em função do bem-estar de todos e não apenas de grupos específicos. Ao contrário da posição estática típica da política binária na qual um partido vai contra o outro, os conselhos deliberativos de cidadãos oferecem soluções emergentes e dinâmicas.

Um exemplo ocorreu em 1997, quando 15 cidadãos que representavam a população da cidade norte-americana de Boston se reuniram para discutir a política de telecomunicações vigente. O grupo incluía um gerente de negócios de alta tecnologia, um morador de rua e pessoas de diversas classes sociais e financeiras. As reuniões ocorreram em dois finais de semana, em que todos puderam se familiarizar com os assuntos a serem tratados, e mais dois dias nos quais especialistas apresentaram suas opiniões.

Após ponderar e discutir, o grupo chegou a um impressionante consenso apresentado ao público. Embora nenhum dos membros fosse especialista no assunto (e talvez por isso mesmo) todos foram capazes de processar as informações de maneira prática e direta. Dick Sclove, o organizador do trabalho, observou que ao final do processo os cidadãos comuns entendiam mais de telecomunicações do que os representantes eleitos que votaram neles.²⁷

Jim Rough afirma que os conselhos comunitários que empregam os princípios da “facilitação dinâmica” promovem um “processo criativo de pensamento isento de julgamentos, honesto e eficiente no qual as pessoas tendem a criar novas opções que favoreçam a todos. Em vez de tentar negociar ou ficar discutindo pontos de vista pessoais, o grupo busca soluções acessíveis a qualquer cidadão”.²⁸

Embora esses conselhos tenham o poder da autoridade moral e possam apresentar novas soluções, não possuem a força coerciva normalmente associada ao tipo de autoridade que passa por cima das leis. Segundo Tom Atlee, os conselhos deliberativos já foram usados pelo governo canadense e pelo Parlamento Dinamarquês para obter recomendações de novas leis e normas.²⁹

Independente do nível de governo ou comunidade na qual sejam utilizados, os conselhos e seus princípios evolucionários oferecem à sociedade uma perspectiva de como seria uma forma de política saudável. Dentro dessa visão, todos poderiam enxergar uma nova forma de governo: a caixa de leis dentro da voz central, coerente e circular: a voz da população em geral. As perguntas seguintes seriam: Como chegar a essa forma de política saudável? Como unir os extremos antagônicos? Como nos livrarmos dos hábitos de separação, desconfiança, ódio e retaliação? E qual seria o princípio organizador de tudo isso?

A VERDADEIRA SEGURANÇA

Nos capítulos finais deste livro, e mais especificamente neste capítulo, usamos nossa comunidade celular para refletir sobre a política do corpo inteiro. No entanto, há uma parte do corpo que não mencionamos na Parte III. Chegou a hora de abordarmos o cerne (ou melhor, o coração) da questão.

Vimos até agora como a política se distanciou de seus princípios básicos e de sua verdadeira alma. Para fazer surgir uma nova ordem na qual cada indivíduo seja visto como uma célula de valor igual ao de qualquer outra no corpo da humanidade, precisamos mudar o foco, para que a segurança de um mundo inteiro pleno de amor substitua a busca da proteção de um lugar violento e cruel.

Em seu muito bem intitulado livro *O despertar do coração global: o rito de passagem do amor pelo poder para o poder do amor*, a autora e terapeuta

Anodea Judith afirma que o “rito de passagem para o futuro” é o despertar do coração global. Se as gerações futuras viverem para contar a história, “será somente porque a melhor parte da humanidade prevaleceu e se uniu em uma corrente de amor tão profunda que o impossível se concretizou”.³⁰

O melhor da humanidade a que ela se refere não é uma elite, mas o potencial de cada um de nós. Talvez o amor (força invisível que pode até mesmo induzir um câncer a diminuir sua velocidade de crescimento) seja a arma secreta e pacífica que nos levará a transcender a questão da sobrevivência e atingir um nível de desenvolvimento ideal. Se for assim, ele é o instrumento menos utilizado de nossa caixa de ferramentas políticas e o mais adequado ao nosso processo evolutivo. Segundo os pesquisadores do HeartMath, corações coerentes se comunicam. Então é possível concentrar nossos corações coletivamente para que a energia amorosa de todos se transforme em força de cura.

Culturas indígenas e vilarejos medievais costumavam ter uma lareira central na rua ou local principal de tráfego dos moradores. No início, isso era feito para manter afastados possíveis predadores. Com o passar do tempo a lareira central se tornou um símbolo do reino do espírito guardando e protegendo a comunidade. Na cultura ocidental, em que manter aceso esse fogo é uma tarefa relegada aos líderes religiosos, as pessoas se afastaram de sua conexão espiritual. Os únicos momentos em que as massas se conectam são aqueles de eventos extraordinários, como a data em que o homem pousou na Lua ou em grandes tragédias, como a de 11 de setembro de 2001.

Como seria, então, ter uma conexão preventiva (e espiritual) em cada bairro, cidade ou nação para reforçar os valores que a grande maioria das pessoas tem em comum?

Já existe uma rede desse tipo se desenvolvendo silenciosamente em Reno, no Estado norte-americano de Nevada. Criada em 2003, uma organização chamada *Conscious Community Network* – CCN (Rede da Comunidade Consciente) reúne diversos elementos da cidade e da região

para melhorar a qualidade de vida comunitária, econômica e espiritual dos cidadãos locais. Sem alarde, porém com muitos fãs, a CCN baseia seu trabalho naquilo que chama de “virtudes espirituais universais do amor, da integridade, da coragem, do servir e do respeito”.³¹

A organização e suas lideranças mobilizaram o governo local e o Estado a estabelecer o Dia dos Independentes, campanha de conscientização para incentivar as pessoas a adquirir produtos e serviços da própria região. Criaram a Rede Local de Alimentação, que reúne produtores e consumidores de diferentes crenças religiosas que prezam produtos orgânicos.

Ao unir valores tradicionais a uma consciência global, o *Conscious Community Newtork* cunhou a expressão “terceira força”, entidade política que se assemelha mais ao círculo do que ao quadrado convencional dos EUA. O trabalho da CCN valoriza a parceria múltipla, que valida uma série de verdades e perspectivas políticas buscando sintetizá-las e transformá-las em uma unidade inclusiva e prática, bem diferente da dualidade habitual.

A CCN conta com voluntários que trabalham diretamente com o público para evitar a influência do governo ou de instituições. O projeto, de natureza independente, completamente orgânica, não coerciva e autogerenciável, oferece um modelo evolucionário de liderança não governamental que amplia a consciência ao estabelecer e reforçar o conceito de comunidade.

O empresário Richard Flyer, visionário e fundador da organização, descreve essa nova consciência como “comunidade intencional sem preconceitos que visa unir corações e construir pontes entre pessoas das mais diversas crenças e origens”.³² Flyer considera a si mesmo e sua organização como elementos capazes de estimular a saúde, o prazer de viver e a alegria.

A estrutura oferecida pela organização oferece uma imensa infraestrutura invisível de relacionamentos que colaboram para o bem-estar

dos indivíduos, da sociedade e do planeta.

Flyer sugere que “ao unirmos pessoas de ‘coração semelhante’ que desejem contribuir para o crescimento da humanidade (daquelas que encontramos em toda comunidade e em grupos sociais) ajudamos a liberar a ‘inteligência criativa’ para que uma nova sociedade se desenvolva no interior daquela que temos atualmente”.³³

As pessoas da cidade de Reno e de outras dezenas em que os conselhos de sabedoria, cafés internacionais e demais grupos ativos se reúnem, estão descobrindo duas verdades profundas. Primeiro: que a conexão do coração é muito mais poderosa do que as crenças dicotômicas comuns. Segundo: que o círculo da inclusão é muito mais benéfico do que o quadrado da separação.

O coração da humanidade necessita urgentemente de um ambiente seguro e produtivo de comunicação e respeito; quesitos essenciais ao estabelecimento de uma estrutura política saudável e equilibrada. Assim como em outros aspectos dessa nova e transformadora história, estamos sendo chamados a abandonar nossa posição polar (positiva ou negativa) e abraçar as oportunidades que surgem de todas as direções.

A VIDA É PROGRESSISTA... E CONSERVADORA

Há ainda outro motivo pelo qual a verdadeira segurança vem do coração. À medida que a vida moderna se torna estressante e agitada, as pessoas tendem a se identificar cada vez mais com suas crenças. Quando essas crenças são ambíguas, imprecisas ou mesmo falsas, os problemas se agravam ainda mais, porque tudo se torna uma ameaça à vida.

Se observarmos os conceitos dos progressistas e dos conservadores, chegaremos à conclusão de que ambos representam impulsos naturais e componentes básicos da vida. No entanto, quando se tornam crenças (e normalmente se tornam crenças bastante rígidas) podem se tornar polaridades opostas e impedir que o sistema social se desenvolva.

Desde o crescimento cultural posterior à Guerra do Vietnã, os norte-americanos se dividiram em duas facções adversárias: a tribo azul dos progressistas democratas e a tribo vermelha dos conservadores republicanos. Enredados em um conflito, os dois grupos passaram a gastar toda sua energia e vitalidade discutindo se seria mais errado matar aqueles que já nasceram ou aqueles que ainda estão no ventre materno. Mas se esqueceram de que a sobrevivência de ambos já se encontra ameaçada em razão da maneira que o planeta é tratado.

Se tentarmos enxergar além dessa dualidade partidária, veremos que tanto as crenças progressistas quanto as conservadoras estão em harmonia com as forças naturais de crescimento e proteção. A vida, em virtude de suas características de crescimento e desenvolvimento constantes, é fundamentalmente progressiva. Mas também é conservadora. Basta observar como as sementes são envoltas por uma casca protetora. As sementes, e também os ovos dentro de suas cascas, representam a integração harmoniosa entre as funções progressista e conservadora. Ambas são necessárias ao progresso da vida.

Em nossa sociedade, contudo, os fatores progressistas e conservadores se encontram em profundo desequilíbrio. A velha história de dominação está tão arraigada em nossa cultura que as estruturas de defesa que construímos ameaçam o desenvolvimento da vida. O desequilíbrio social que impera pode ser diagnosticado como CMI (Complexo Militar-Industrial). É um distúrbio autoimune e autodestrutivo que ameaça o bem-estar da civilização.

Como já mencionamos, a intenção da Natureza é fazer com que suas criaturas necessitem utilizar o mínimo possível o comportamento defensivo. Embora esse comportamento muitas vezes seja necessário à conservação da vida, consome grandes quantidades de energia e compromete o processo de crescimento e de autossustentação do sistema.

Por esse motivo, quando aprendermos a ir além das polaridades e atingirmos o estado de “visão emergente”, seremos capazes de reconhecer que, ao ampliar a consciência da comunidade, precisaremos cada vez menos de proteção. Foi isso que levou seis tribos de nativos norte-americanos a estabelecer a Confederação Iroquois e a formar as 13 colônias dos EUA. As palavras que descrevem essas entidades também são bastante relevantes: *confederação* significa “uma aliança com propósito comum”, reforçando o conceito de “entidade única e em harmonia”.

Assim como a vida e a evolução buscam o progresso estabelecendo objetivos em comum (harmonia e comunidade), a Revolução Americana veio para garantir que a liberdade dos indivíduos não entrasse em choque com as necessidades do coletivo. No século passado, os conservadores demonstraram grande preocupação com as utopias do comunismo soviético e chinês que se transformaram em pesadelos de totalitarismo absolutista. Hoje, diante do poder financeiro e militar mundial, os eles se preocupam com a terrível possibilidade de um mundo ainda mais catastrófico em que a elite continue a dominar impiedosamente o resto da humanidade.

Mas a nova ordem mundial holística pode ser circular e profundamente diferente, pois surge das massas e estabelece um sistema equilibrado de benefícios mútuos, de conexão entre as pessoas e de uma comunidade saudável. Ela oferece uma perspectiva altamente desenvolvida que estimula a liberdade individual. Quanto menos precisarmos nos proteger uns dos outros mais liberdade e riqueza de espírito teremos para seguir em busca de nossa felicidade. E o efeito colateral será mais paz no planeta, o que diminuirá de maneira progressiva a necessidade de proteção.

Para construir uma realidade semelhante àquela sugerida por filósofos e ativistas como Tom Atlee, Jim Rough, Richard Flyer e outros curadores da estrutura política, precisamos nos conscientizar de uma nova autoridade moral: *estamos todos juntos nisso*. A partir dessa perspectiva, as facções progressista e conservadora deixarão de ser núcleos opostos que tentam a

todo custo dominar, para abraçar uma à outra e trabalhar em conjunto. Imagine como seria se todos, em acordo, resolvessem perguntar e responder às questões: “Como desejamos progredir?” e “O que desejamos conservar?”

Graças à habilidade da Internet de conectar, estas perguntas estão no ar. A política está prestes a atingir seu propósito mais sublime: promover e manter uma humanidade saudável em um planeta rico em que cada alma celular pode se desenvolver plenamente. Tudo que precisamos agora é de força de vontade para nos unirmos como uma grande massa crítica e mudar nossa história.

Uma história completamente nova

“É hora de concentrarmos nossa energia
para recuperar nosso Jardim em vez de remexer
inutilmente a sucata acumulada nele.”

SWAMI BEYONDANANDA

Fechamos mais um ciclo. Nossa jornada se iniciou com uma história sobre o poder das histórias, especialmente aquelas invisíveis que permeiam nossa consciência e filtram nossas experiências sem sequer notarmos sua existência. A distorção da realidade nos levou para o caminho da disfunção social e da destruição de nosso sagrado habitat.

Agora que já estudamos as diferentes possibilidades de aproveitar a ciência mais recente e a sabedoria milenar, temos à nossa frente um desafio: como mudar a velha história e escrever outra? Como trocar um estilo de vida baseado em conceitos obsoletos por outro baseado em algo mais próximo da realidade? Como participar da evolução consciente da humanidade que se transformará em um superorganismo?

Como o próprio nome diz, humanidade é uma forma de vida definida pela característica de ser *humana*. Ao longo da história houve diversas pessoas exemplares que viveram de acordo com os valores da compaixão, da filantropia, da gentileza, da tolerância, da benevolência, da caridade e da generosidade. No entanto, em virtude da programação comportamental, influenciados pela distorção da verdade, muitos passam a vida em um estado de indiferença, de intolerância, de crueldade, de perversidade,

demonstrando até mesmo um comportamento hediondo e totalmente distante dessa natureza humanitária.

Sob o ponto de vista evolucionário, não podemos mais tolerar o fato de que apenas alguns de nós têm uma vida pautada em valores dignos. Agora estamos na lista das espécies em extinção, e nosso imperativo biológico nos impele inconscientemente a adotar características que nos ajudem a evoluir e a nos tornarmos um organismo autossustentável.

A IDEIA É BOA, PORÉM COMO COLOCÁ-LA EM PRÁTICA?

É evidente que as crenças basais contemporâneas, sugeridas pelo materialismo científico e desbancadas pela nova ciência, não nos ajudam a enfrentar nossos desafios. Cientes disso, o primeiro passo é nos livrarmos coletivamente das crenças limitadoras que nos impedem de desenvolver plenamente nosso potencial.

Mas o que acontecerá se modificarmos nossas crenças? Como vimos até agora, vivemos em um mundo de faz de conta, onde realizamos aquilo em que acreditamos. Para fazer algo diferente é necessário acreditar em algo diferente. Pense nas realidades alternativas que podem surgir se concordarmos em deixar para trás as crenças convencionais de que somente a matéria existe, de que a lei da selva é a única que impera, de que somos pobres e impotentes escravos de nossos genes e de que viemos parar aqui por mero acaso.

É preciso não apenas apagar a história obsoleta e substituí-la por outra mais viável como também curar as feridas que ela criou com o passar do tempo. Mas a reprogramação e a cura devem ocorrer em nível tanto individual quanto coletivo. Em uma realidade fractal (assim na Terra como no Céu) não pode haver organismos desenvolvidos sem a existência de células evoluídas.

A intenção deste capítulo final não é mostrar uma versão detalhada da nova história, muito pelo contrário. O que apresentamos é meramente um

esboço baseado nas descobertas da ciência recente com a esperança que sirva de base para um *wiki* na evolução humana. Esse *wiki* será inevitavelmente escrito e reescrito inúmeras vezes na próxima década, à medida que trilharmos pelo novo milênio. A nova história não será apenas sobre nós, sobre nossa tribo ou nossa nação. Não será sequer sobre a humanidade, porém sobre toda a existência. Antes de nos adiantarmos, vamos estudar as implicações desse conhecimento.

TUDO BEM, MAS E DAÍ?

Um amigo me visitou uma vez enquanto viajava de Los Angeles para São Francisco. Estava com mais seis pessoas a caminho de uma megaconferência *New Age* que teria a presença de grandes personalidades como Deepak Chopra, Wayne Dyear e Louise Hay, entre outros. Como de costume, cumprimentamos e abraçamos nosso amigo e todos os que estavam com ele quando saíram da van. Uma das mulheres no grupo, de cenho franzido, parecia tão tensa que, quando a abraçamos, não pudemos deixar de notar e aconselhá-la a relaxar um pouco. Ela respondeu, imediatamente: “Estou relaxada!”, e pareceu irritada com nosso comentário.

Então, lembramos a ela, delicadamente, os efeitos fisiológicos negativos da tensão, e ela completou com uma pequena aula sobre estresse, tensão e saúde. Se estivesse em um curso *New Age*, a mulher receberia nota 10. Porém, como o discurso de defesa acentuou ainda mais sua tensão, ela teria sido reprovada nos exames práticos.

E como nem sempre a prática reflete a teoria, já participamos de várias conferências de sustentabilidade e defesa do meio ambiente em que as latas de lixo ficaram cheias de garrafas plásticas vazias.

O problema é que, embora nossa mente consciente possa captar facilmente novas informações sobre a manutenção da vida, essas informações podem jamais se transformar em ações. Isso é facilmente

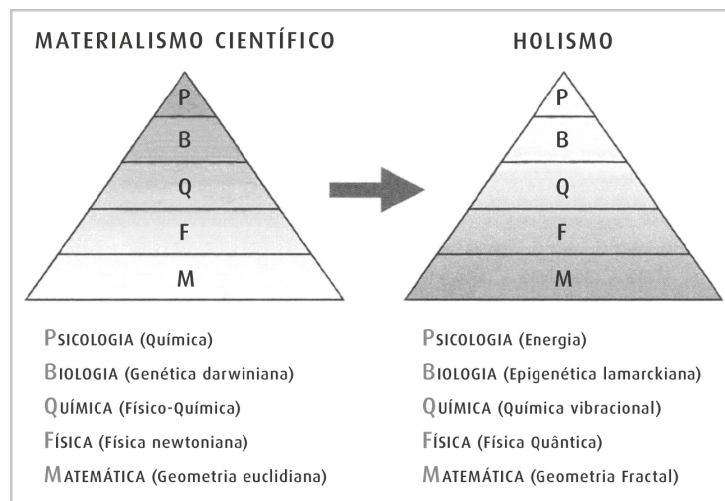
explicável: a programação do subconsciente controla 95% de nosso comportamento.

Se este livro fizesse parte da bibliografia de um curso acadêmico em uma escola e alguém dissesse: “Agora feche o livro, pegue caneta e papel e vamos fazer um teste”, a maioria dos leitores certamente tiraria 10 e seria capaz de escrever sobre tudo o que explicamos até agora. Porém, embora este livro ofereça informações interessantes para a reflexão, a relevância de seu conteúdo, na prática, depende da resposta do leitor à seguinte questão: “O que mudaria em minha vida se eu incorporasse esta consciência à minha programação comportamental?”

A civilização se depara hoje com grandes descobertas científicas com profundo impacto sobre a história de nossas vidas. E não se trata de mera teoria ou suposição; são fatos reais. Resultado: a história da ciência contemporânea não sugere que modifiquemos nosso comportamento coletivo, ela exige!

Os princípios científicos que requerem mudança comportamental têm origem em diversas disciplinas. A ciência do holismo explica que, para transcendermos as partes e enxergarmos o todo, devemos adquirir compreensão da Natureza e da experiência humana.

Já os conceitos atuais da biologia, da física e da matemática representam campos de conhecimento completamente diferentes e distorcidos, que acabam limitando nossa percepção. Todos os estudos sistemáticos da estrutura e do comportamento do mundo natural estão intrinsecamente vinculados e caem na categoria de ciência. O conhecimento acumulado nesta categoria pode ser comparado a um prédio, no qual cada andar construído sobre fundações científicas conta com o suporte do andar de baixo para existir.



Cada nível da ciência depende de outros níveis previamente estabelecidos.

Os andares do prédio, como mostra a figura, representam as disciplinas científicas básicas. A base da física é a química. E a química é a plataforma da biologia, que é a base da psicologia, o quinto e último andar do prédio até o momento.

Esta estrutura hierárquica ilustra que as ciências na base da pirâmide são mais fundamentais do que as do topo. Newton somente criou a ciência da física depois que desenvolveu um ramo da matemática conhecido como cálculo diferencial.

Essa organização estrutural revela um dado importante: se o sistema de crenças de um nível de ciência mais básico se modifica, os outros níveis também se modificam automaticamente. No entanto, quando o sistema de crenças de uma ciência do nível mais alto se modifica, as mudanças nem sempre se aplicam aos níveis mais básicos.

O nível de consciência atual da civilização e, conseqüentemente, seu comportamento, são moldados pelas verdades postuladas pelos conceitos do materialismo científico. A insuficiência dessas verdades contribui e, em muitos casos, é a principal responsável pela crise que ameaça a sobrevivência da espécie humana.

No declínio de nossa civilização, a emergência da revisão do que foi feito nos leva a uma ciência mais desenvolvida: o holismo, estrutura assentada sobre uma fundação mais firme.

Na educação infantil os alunos são submetidos a um currículo que leva a aceitar o conteúdo recebido como “é assim que funcionam as coisas e ponto final”. E são obrigados a memorizar as informações. Porém, à medida que amadurecem, eles aprendem a fazer uma pergunta importante: “E daí?”. Começam a se questionar. “Se as coisas são assim, quais as implicações desse conhecimento em minha vida prática?”

Da mesma maneira, a nova pergunta da civilização é: “O que as mudanças científicas representam para a humanidade na Terra?”. A seguir apresentamos diversos fatos relevantes da nova ciência sob os prismas “é assim que funciona” e a questão “e daí?”.

Matemática. *É assim:* os princípios da geometria fractal descrevem a estrutura da Natureza. *E daí?* A geometria fractal, fundamento científico dos fractais (assim na Terra como no Céu) explica que os padrões autossimilares da organização se encontram em todos os níveis da estrutura do Universo.

Como a Natureza é uma estrutura perfeita e funcional, a sobrevivência e o desenvolvimento da civilização humana estarão garantidos se seguirmos conscientemente seus sinais e indicações.

Física. *É assim:* matéria e energia, ou melhor, matéria e espírito são inseparáveis. *E daí?* Tudo no Universo quântico, seja físico ou não (como ondas de energia ou pensamentos, por exemplo) está interligado e faz parte de uma grande matriz invisível chamada *campo de energia*. As forças do campo influenciam a forma do Universo físico da mesma maneira que um ímã organiza limalhas de ferro. Nenhuma estrutura, seja uma gota de água ou um ser humano, está fora dessa Fonte, desta Origem de Tudo que Existe (que muitos chamam de Deus). É assim que funciona: A Mecânica Quântica explica que o observador é quem cria a realidade. *E daí?* Nós

cocriamos a realidade por meio de nossas crenças, nossa percepção, nossos pensamentos e nossos sentimentos.

Biologia. *É assim:* a epigenética controla a genética. *E daí?* Os mecanismos moleculares epigenéticos representam uma trilha física através da qual a consciência nos permite controlar nossa saúde e bem-estar. Nosso campo de crenças e percepções, individual e coletivamente, determina nossa estrutura biológica e nossa realidade. *É assim:* a evolução deriva da adaptação, que fornece à Terra uma comunidade ecológica integrada, equilibrada e harmoniosa. *E daí?* A evolução humana não ocorre por acidente. Estamos aqui para cuidar de nosso grande Jardim por meio da cooperação uns com os outros e com o meio ambiente.

Psicologia. *É assim:* a mente subconsciente controla 95% de nosso comportamento e de nossa atividade cognitiva através de programas obtidos basicamente de nosso conjunto de crenças. *E daí?* Quando assumimos o controle de nossas crenças subconscientes e de nossas emoções, tanto em nível individual quanto coletivo, passamos a governar de verdade nossas vidas.

Em resumo, a história que contamos a nós mesmos e aos outros sobre a realidade e nosso lugar nela tem um profundo impacto não apenas na civilização humana mas no planeta como um todo. Embora nos vejamos como seres pequenos e insignificantes, nossa consciência coletiva e nossas crenças inconscientes organizam as partículas da matéria daquilo a que chamamos realidade.

Demonstramos a influência do campo de energia sobre a matéria com o exemplo dos campos magnéticos invisíveis que organizam a distribuição de limalhas de ferro. Mas a influência do campo sobre as partículas não é tudo. As partículas de ferro também alteram a forma do campo magnético de um ímã. Embora a influência de cada minúscula partícula pareça irrisória, se um grupo de limalhas de ferro for unido e comprimido para se tornar uma barra, sem dúvida afetará significativamente o campo de energia.

Da mesma maneira, ao longo da evolução, os campos de energia da Terra vêm moldando a estrutura de organismos primitivos e influenciando o destino dos humanos. E as pessoas, assim como as limalhas de ferro, têm um impacto irrisório sobre o campo com suas pequenas esferas de influência individual.

No entanto, a origem da consciência humana sempre causou profundas modificações na história da evolução. A consciência é o mecanismo neurológico que permite aos indivíduos escolher se desejam responder ou não aos campos ambientais. Liberdade de escolha é o mesmo que livre-arbítrio. As limalhas podem não ter capacidade de se unir e formar uma barra de ferro, mas os seres humanos podem desenvolver conscientemente a coerência e criar uma unidade de impacto chamada humanidade.

A influência de uma barra de ferro sobre um campo magnético é estática. Mas os humanos possuem a habilidade de modificar o campo da Terra de maneira dinâmica e criativa usando intenção consciente. Por meio da consciência coletiva a civilização pode transformar as crises em uma realidade diferente e sustentável. Podemos replantar nosso Jardim e criar o Paraíso na Terra.

Como gerar essa coerência que pode nos ajudar a cumprir nosso “destino humanifesto”? Como podemos nos tornar participantes da evolução e deixar de ser meros expectadores?

O primeiro passo é reescrever a história básica que a civilização vem contando para criar a realidade. Mas não adianta termos mais uma história imposta ao povo pela elite. A nova história precisa surgir das massas. Só assim poderemos olhar em outra direção e cumprir nossa missão evolucionária.

A CURA DA VELHA HISTÓRIA

Padrões autossimilares de organização reverberam em todo o Universo. E por fazer parte da Natureza, a cultura humana também foi construída por

meio de padrões repetitivos. Alguns deles são o domínio pela violência, a exploração e a guerra. Quase todos os grupos étnicos já foram vítimas e vilões de tragédias de algum tipo.

Podemos enumerar uma série de exemplos de coragem e abnegação em episódios de guerra, mas os padrões de sofrimento impressos tanto em nossa história consciente quanto em nossa memória inconsciente parecem ter influenciado sobremaneira nossa cultura. O pesquisador da área de desenvolvimento humano Joseph Chilton Pearce define cultura como “um conjunto de crenças e práticas voltadas à sobrevivência física”, algo que ele chama “um estado de ansiedade compartilhado”.¹

Graças a centenas de anos de dominação programada (e muitas evidências históricas), acreditamos visceralmente que há sempre alguém contra nós. Assim, a cada suspeita de ameaça reagimos com violência. E apesar de afirmar categoricamente que seguimos a Regra de Ouro em nossa mente consciente, a Regra do Ouro é a que realmente impera em nosso subconsciente dominante, especialmente em situações de medo e coerção. Como nos livrar dessa programação perniciosa?

Trazendo o inconsciente para o nível consciente. Quando reconhecemos que podemos ser programados pelo medo nos tornamos menos suscetíveis à manipulação daqueles que se beneficiam dos conflitos em massa. O líder nazista Herman Goering mostrou isso claramente nos julgamentos de Nuremberg, ao afirmar: “Obviamente, as pessoas comuns não querem a guerra (...) No entanto, como são os líderes de um país que determinam as leis, trata-se de uma mera questão de conduzir o povo para aquilo que for mais conveniente, seja uma democracia, uma ditadura fascista, um parlamento ou o comunismo (...) Basta anunciar que o país está sendo atacado e denunciar aqueles que tentam reaver a paz, acusando-os de falta de patriotismo e de expor a nação ao perigo. É assim que funciona em qualquer país”.²

Essas palavras se aplicam muito bem aos EUA, depois que a guerra no Iraque falhou em seu objetivo de encontrar armas de destruição em massa e levou o país à beira de um colapso financeiro e moral. Podemos classificar os oito anos de administração Bush-Cheney como um intenso período de condicionamento ao medo pelo qual tanto os EUA quanto o resto do mundo pagaram um preço muito alto.

Evolução é sinônimo de aprendizado, e aprendizado ocorre através de reconhecimento de padrões. Por isso nos tornamos conscientes ao reconhecer padrões e entender seu significado. Situações consideradas problemáticas só existem até que seus padrões sejam identificados e compreendidos.

E uma vez que tenhamos adquirido informações de uma experiência de aprendizado podemos memorizá-las e armazená-las em nossa consciência para que problemas anteriores ou similares não tenham que ser revividos. Se conseguirmos fazer isso de verdade poderemos nos libertar de nossa velha história.

Um motivo pelo qual a história se repete é que os seres humanos insistem em não aprender a lição. Escolhemos sempre o caminho da culpa e da vingança, e isso nos impede de substituir conceitos destrutivos e limitadores por novas formas de aprendizado. Também precisamos compreender que tanto as vítimas quanto os vilões que participam desse drama são condicionados a agir de acordo com a programação que lhes foi inculcada. O culpado não é necessariamente o indivíduo, mas o padrão de comportamento repetitivo que o impulsiona.

A mera sugestão de libertarmos os atores desse drama soa, para muitos, como algo impossível e provoca até revolta. Isso acontece porque essas histórias, embora intelectualmente absorvidas, estão carregadas de emoções e sensações físicas. Joseph Chilton Pearce afirma que as emoções ligadas às histórias devem ser tratadas antes que as histórias sejam esquecidas. A

solução nesses casos requer a cura das feridas espirituais, psicológicas e emocionais.

A história também revela que o perdão não ocorre facilmente. É como se um verso do poeta Alexandre Pope, do século 18, tivesse sido profundamente implantado em nossas mentes: “Errar é humano; perdoar é divino”.

Como não temos mais percepção de nosso aspecto divino, a maioria de nós deixa, convenientemente, o perdão nas mãos de Deus e das divindades. As poucas pessoas que o praticaram seriamente até hoje foram canonizadas ou consideradas líderes espirituais!

No entanto, a nova ciência revela que estamos intimamente ligados a tudo o que existe. Como criaturas do Divino, o perdão é uma qualidade inata em nós. A frase bíblica “perdoe-os, pois não sabem o que fazem” é confirmada pela nova ciência, pois 95% de nosso comportamento é fruto do inconsciente. Pense nisto: se tivéssemos plena consciência de todos os fatores que nos levam a entrar em conflito com alguém, o conflito jamais existiria. Quando realmente nos conscientizamos de que a maior parte de nosso comportamento é imperceptível a nossos olhos e nossos sentidos e normalmente motivado e distorcido por nossas crenças, começamos a entender e perdoar aos outros, pois eles, assim como nós, não sabem mesmo o que estão fazendo. O perdão se baseia em lógica e verdade, e a cura tem origem no amor.

Mencionamos anteriormente alguns fatos extraordinários de pessoas comuns que levantaram carros e helicópteros para salvar a vida de um ser amado. E no Capítulo 13 descrevemos os experimentos de Leonard Laskow, em que vibrações de amor fizeram com que tumores cancerígenos regredissem. Diante de nossa necessidade de metabolizar as toxinas políticas acumuladas ao longo de nossa história de agressões mútuas, será que ainda conseguiremos deixar o amor fazer o trabalho de remover os obstáculos em nossa vida?

Um dos experimentos mais ousados das duas últimas décadas foi usar o amor, a verdade e o perdão para curar séculos de colonialismo na África do Sul. Em 1989, Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano, criado para pôr fim ao *apartheid* no país, foi libertado após passar 27 anos na prisão. Embora a ideia de passar mais de um terço da vida atrás das grades possa causar angústia e revolta à maioria das pessoas, Mandela transformou sua experiência em sabedoria espiritual e compaixão. Após ser libertado, lutou para estabelecer uma transição pacífica do regime de *apartheid* para a lei de direitos multirraciais.

Como presidente da África do Sul, em 1994, Mandela criou a TRC – *Truth and Reconciliation Commission* (Comissão de Verdade e Reconciliação). Segundo ele, “somente a verdade pode nos ajudar a esquecer o passado”. O objetivo da comissão era reconhecer crimes políticos cometidos pelo governo e pelas forças revolucionárias, permitir aos culpados confessar seus crimes e oferecer anistia em troca de testemunhos reais. O arcebispo anglicano Desmond Tutu, o maior líder espiritual africano e defensor da tradicional filosofia tribal *ubuntu*, foi escolhido como presidente do TRC.

Ubuntu, na linguagem Bantu, representa a conexão entre o individual, a humanidade e o mundo, um reminiscência da interpretação de *religare*, como descrevemos no Capítulo 10. O historiador e jornalista africano Stanlake J. W. T. Samkange lista três máximas que caracterizam o *ubuntu*:³

- a. Afirmamos nossa condição humana reconhecendo a condição humana dos outros.
- b. Diante da escolha entre a vida humana e a riqueza, escolhemos a vida humana.
- c. O rei deve sua posição à vontade do povo a quem rege.

Hummm. Isso lembra a Lei de Ouro, Jesus destruindo as bancas dos vendilhões no templo ou mesmo um governo regido por cidadãos

soberanos. A filosofia tradicional *ubuntu* contribuiu para a criação do movimento de reconciliação africana e seu projeto de estabelecer harmonia na comunidade.

Embora cite o Estado sul-africano como principal culpado pelo *apartheid*, o relatório final do TRC reconhece e condena atrocidades de ambos os lados. A missão evolucionária da comissão, liderada pelas intenções positivas de Mandela e Tutu, promoveram uma pacífica transferência de poder na África do Sul. O amor e o perdão advogados pela comissão não eram apenas sentimentalismo piegas. Eram reais e exigiram de todos muita coragem e força espiritual.

A intenção de reconciliação foi duramente testada mesmo antes de Mandela se eleger presidente, quando seu assistente no Congresso, Cris Hani, foi assassinado, em 1993. Diante da nação à beira de uma onda de violência, Mandela fez um discurso: “Hoje quero falar com cada cidadão da África do Sul, branco ou negro, do fundo de meu coração. Um homem branco, cheio de ódio e preconceito, veio ao nosso país e cometeu um ato tão grave que a nação se encontra agora à beira de um desastre. E uma mulher branca de origem africana arriscou sua vida para que possamos levar este assassino à justiça (...) Agora é hora de todos os sul-africanos se unirem para lutar contra aqueles que desejam destruir a causa pela qual Chris Hani viveu e morreu: nossa liberdade”.⁴

Imagine como o mundo seria hoje se um presidente norte-americano tivesse feito o mesmo tipo de discurso em 11 de setembro de 2001, diante do ataque ao *World Trade Center*, estimulando o amor e a união entre os cidadãos justamente no momento em que o mundo todo se voltava para os EUA com um sentimento de sincera compaixão. A história poderia ser bem diferente.

A liderança espiritual de Mandela evitou que uma nova nação morresse mesmo antes de nascer. Apesar de todas as dificuldades, a verdade e o processo de reconciliação permitiram ao país inteiro desfrutar de um

sentimento de perdão. O TRC também inspirou outros projetos para adicionar um pouco mais de amor à esfera política.

Em 2000, Dr. Fred Luskin, diretor do *Stanford Forgiveness Project* (Projeto Stanford de Perdão) e autor de *O poder do perdão*, reuniu na Califórnia um pequeno grupo de protestantes e católicos que haviam perdido entes queridos na guerra do norte da Irlanda em um projeto que ele chamou de HOPE – *Healing Our Past Experience* (A Cura das Experiências Passadas).

Embora a perda tivesse ocorrido vinte anos antes, a dor daquelas pessoas ainda não havia diminuído. A primeira surpresa para o grupo foi descobrir que a tristeza que tinham em comum transcendia o fato de serem de religiões opostas.

Ao final do projeto todos preencheram um questionário para avaliar suas mudanças fisiológicas e emocionais. Seus níveis de tristeza, raiva e depressão haviam diminuído, e os resultados mostravam uma redução de 35% dos sintomas físicos de estresse, como problemas de sono, de apetite, falta de energia e dores no corpo.⁵

Embora sejam resultados animadores, a questão ainda persiste: o amor pode mesmo curar emoções negativas, especialmente a do ódio, que nos faz tão mal?

Uma coisa é observar as células cancerígenas da experiência de Leonard Laskow em uma placa de Petri sendo transmutadas. Outra é observar os efeitos do ódio em nosso mundo real.

Kathryn Watterson conta em seu livro *Not by the sword*, a história de Michael Weissner, um cantor judeu, e sua esposa, Julie.⁶ Os dois tinham acabado de se mudar para sua nova casa em Lincoln, Estado norte-americano de Nebraska, em junho de 1991, e ainda desempacotavam suas coisas quando receberam um telefonema com ameaças.

Nos dias seguintes havia em sua porta folhetos de conteúdo racista e um cartão com a frase: “A KKK está de olho em vocês, escória”. A polícia

informou ao casal que provavelmente se tratava de uma ação de Larry Trapp, homem assumidamente nazista e dragão da Ku Klux Klan na cidade. Seu nome já fora associado a bombardeamentos de casas de afro-americanos e de refugiados vietnamitas na região. Líder do movimento de defesa da supremacia branca, Trapp tinha 44 anos, vivia em cadeira de rodas e era diabético. Seu próximo plano era bombardear B'nai Jeshuran, a sinagoga onde Weisser cantava.

Embora assustada e furiosa com as ameaças, Julie Weisser sentiu pena de Trapp, que vivia sozinho em um pequeno apartamento. Passou a enviar cartas a ele todos os dias, com trechos de leituras sagradas e provérbios. E quando Michael descobriu que Trapp lançara uma série local de TV incitando o racismo, começou a telefonar para a emissora e deixar mensagens do tipo “Larry, por que você me odeia? Nem ao menos me conhece”.

Certo dia, Trapp atendeu o telefone, e Michael, após se identificar, perguntou se ele queria ajuda para fazer compras no supermercado. Trapp recusou, mas algo na conversa o tocou. Durante um bom tempo passou a ser duas pessoas: uma que ainda incitava o ódio pela TV e outra que conversava com Michael Weisser no telefone, dizendo coisas do tipo: “Não consigo mudar. Fui assim a vida toda”.

Uma noite, Michael pediu à sua congregação que orasse por uma pessoa “que sofria de ódio e intolerância”. Naquela noite, Trapp fez algo que jamais havia feito. Os anéis de suástica que usava nos dedos começaram a causar coceira em suas mãos e a incomodar e ele os tirou. No dia seguinte telefonou para Weissers e disse: “Quero sair disso, mas não sei como”. Michael perguntou se ele e Julie poderiam ir à sua casa para comer alguma coisa. Trapp ficou sem saber o que dizer mas acabou aceitando.

Quando eles chegaram, o nazista caiu em pranto e entregou ao casal seus anéis de suástica. Em novembro de 1991, ele se desligou da Klan e escreveu cartas pedindo desculpas a todos os grupos que havia ofendido ou

maltratado. Na noite de Ano-Novo, Larry Trapp descobriu que tinha menos de um ano de vida, e os Weiress o convidaram imediatamente a ir morar com eles. A sala de visitas da casa se transformou em quarto, e, ao se mudar, Trapp comentou: “Vocês estão fazendo por mim o que meus pais deveriam ter feito”.

Algum tempo depois, já sem poder sair da cama, Trapp começou a ler sobre Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e a estudar sobre o judaísmo. Em 5 de junho de 1992, converteu-se na mesma sinagoga que planejava explodir. Julie parou de trabalhar para cuidar dele em seus últimos dias. No momento de sua morte, em 6 de setembro, o casal estava ao seu lado, segurando suas mãos.

Levantar carros, eliminar carma. Com amor, tudo é possível.

São exemplos extraordinários que nos mostram o caminho da evolução espontânea. Nós (e o poder que temos) somos maiores do que nossas histórias.

Ainda assim é preciso mais do que boas intenções para ativar o poder do amor.

Poderíamos até realizar uma cerimônia de libertação para metabolizar todas as toxinas acumuladas ao longo da história da humanidade, mas cada um de nós, como uma pequena limalha de ferro, deve antes confrontar a própria programação para transformar a evolução em realidade.

A MUDANÇA COMEÇA EM NOSSO INTERIOR

A busca da civilização pela liberdade permeia a história do mundo (e especialmente a da América do Norte) nos dois últimos séculos. Os cidadãos conquistaram a liberdade de ir e vir, de explorar novos horizontes e de aprender.

Mas outro tipo de liberdade está se desenvolvendo, mais interna do que externa, e mais condizente com a evolução humana. É a libertação da programação subconsciente indesejada e limitadora.

A nova ciência reconhece a verdade secular de que a mente é a maior das prisões. O campo de informações de nossa mente está repleto de comportamentos que nos limitam e restringem como algemas e correntes. Assim como o filhote de elefante, condicionado desde cedo a não romper a corda que o prende, somos “atados” a uma matriz de crenças negativas que nos condicionam a pensar que somos incapazes de realizar nossos sonhos e cumprir nosso destino.

Muitos buscam a liberdade conscientemente devorando livros de autoajuda um atrás do outro, mas acabam ainda mais frustrados e perdidos. As grandes ideias impressas no papel dificilmente se materializam na vida prática. Isso ocorre porque, embora a mente consciente compreenda e assimile o conteúdo dos livros, a informação raramente se integra ou modifica a programação de controle de comportamento impregnada no subconsciente. O que fazer então?

O primeiro passo é nos conscientizarmos de que cada um de nós, por mais espiritualmente evoluídos que se considere, acaba sempre repetindo comportamentos controlados pelo subconsciente. Pense em quantos gurus, políticos e ditos guardiões da moral, já foram pegos com as calças na mão ao longo da história. Nossa missão não é classificar essas pessoas como vilões ou vítimas, porém aprender com a experiência delas a cultivar a humildade e o perdão. Uma vez que compreendermos o quanto nosso comportamento é controlado inconscientemente pelas crenças dos outros, poderemos nos libertar dos grilhões da culpa e da vergonha.

O passo seguinte é assumir a responsabilidade pela história de nossas vidas.

Negar nossa responsabilidade e participação é o mesmo que admitir a vitimização, o que transforma nossos problemas em questões sem solução. Somente quando tivermos responsabilidade poderemos desenvolver os processos e práticas que nos permitirão reagir de maneira diferente quando nos depararmos com situações de estresse semelhantes às aquelas que já

vivemos. O sucesso na vida depende de conseguirmos agir tomando decisões conscientes em vez de reagir automaticamente, repetindo os comportamentos programados em nosso subconsciente.

Aqueles que buscam obter controle consciente sobre suas vidas vêm encontrando apoio tanto nas técnicas antigas quanto nas modernas. O foco deste livro não é o processo de controle consciente da vida, mas podemos dizer que o caminho para a mudança envolve basicamente três elementos fundamentais: intenção, escolha e prática.

Intenção. A intenção é a base do objetivo e da direção. Como diz o velho ditado, “se você não sabe para onde está indo, acabará chegando a lugar nenhum”. E no caso de nossa evolução pessoal, um objetivo claro pode nos ajudar a reunir nossas habilidades, nossa paixão e nossa missão para fazer nascer da crisálida uma linda borboleta. Os mestres espirituais antigos e modernos reconhecem que demonstrar uma intenção atrai novas experiências com a força de um ímã. Se a necessidade é a mãe da invenção, a intenção provavelmente é o pai.

Escolha. Demonstrar intenções pode colocar as coisas para funcionar no âmbito subconsciente, porém, para que se realizem, devem se refletir em nossas escolhas diárias. Ao aceitarmos as implicações da *Evolução espontânea*, segundo a qual somos almas celulares de um superorganismo em desenvolvimento chamado humanidade, precisamos nos perguntar: “Que escolhas diárias devo fazer para auxiliar a evolução?” Para alguns a resposta pode ser uma mudança de profissão. Para outros, cultivar um jardim ou fazer uma pequena gentileza todos os dias. A escolha de cada um é única e representa a expressão máxima da transformação da espécie humana.

Prática. Como já mencionamos, o Paraíso não é um destino; é uma prática. Para facilitar nosso processo de maturação e transformação de crianças filhas de Deus em adultos de Deus, podemos desenvolver práticas e exercícios que estabeleçam congruência entre nosso ser interior e nossa

expressão diante do mundo. Podemos auxiliar nosso processo de evolução escolhendo o meio ou a prática que equilibre o mundo exterior com nosso bem-estar interior.

Existem diversas técnicas milenares e também novos recursos auxiliares à transformação consciente. Cada um pode escolher o que mais lhe agrada para maximizar seu potencial. É uma questão de preferência.

Uma das práticas mais antigas de readquirir controle sobre a própria vida é a técnica budista da atenção plena. Consiste, basicamente, de exercícios de treinamento para evitar que a mente fique vagando por lembranças do passado ou preocupações com o futuro e fazer com que ela se concentre no presente e ajude o indivíduo a fazer escolhas conscientes. A técnica desabilita programas automáticos do subconsciente deixando que a mente consciente, centro de nossos desejos e aspirações, possa desencadear comportamentos coerentes com as nossas intenções.

Além da técnica de atenção plena, que gera harmonia por meio de exercícios mentais, existem outras práticas cujo foco são as sensações físicas e o movimento. Meditação, ioga, exercícios de respiração, relaxamento, tai chi e qigong promovem equilíbrio interior e coerência.

Outra técnica clássica, porém nem sempre eficaz, de modificar comportamentos inconscientes de autossabotagem é a terapia cognitiva, que funciona como um espelho para que o paciente observe, compreenda e modifique programas limitadores de seu subconsciente. Outra prática, mais recente e com bons resultados, é Psicoterapia Corporal (*Body Centered Therapy*), fusão da psicoterapia com técnicas de meditação.

Outras modalidades que também facilitam a modificação da programação do subconsciente são a afirmação, a hipnoterapia e a psicologia energética, excelente técnica que ajuda a administrar crenças limitadoras. Baseia-se no reconhecimento e na manipulação dos campos vibracionais humanos oriundos da interação dos campos neurológico e cardíaco, dos *chakras* (ou centros de energia) e das vias de energia do corpo

que são a base dos meridianos de acupuntura. Tais práticas, incluindo a *Holographic Repatterning*, o Sistema *Body Talk* e uma com a qual estamos bastante familiarizados, a PSYCH-K, demonstraram, em questão de minutos, grande eficácia e efeitos duradouros na modificação de comportamento. Apresentamos ao final do livro uma lista com algumas delas.

Institutos como o *HeartMath* vêm desenvolvendo novas técnicas que trabalham os sistemas cardíaco e cerebral para reduzir o estresse e estimular positivamente os processos neurológicos. O *Oneness Blessing*, de Arjuna Ardagh, é um protótipo de práticas em grupo que estabelece campos humanos mais saudáveis e coerentes no mundo todo.

O poder da conexão de um grupo foi demonstrado em 20 de maio de 2007, data escolhida como Dia Global da Meditação pela Paz e da Oração.⁷ Mais de um milhão de pessoas em 65 países meditaram e oraram pela paz no mesmo instante, sincronizando os horários de cada local. O resultado foi semelhante ao dos geradores de números aleatórios que entraram em sintonia durante eventos como o funeral da princesa Diana ou o ataque ao *World Trade Center*. O pesquisador Roger Nelson, da Global Coherence Initiative, informou que os monitores ao redor do mundo registraram aumento mensurável na integração dos geradores durante a meditação. Sim, a consciência harmônica tem impacto sobre o campo de energia da Terra!

As implicações dessas descobertas são muito profundas. Será que as meditações e intenções de um grupo concentrado podem gerar uma consciência humana tão forte a ponto de influenciar o campo do planeta como as limalhas de ferro que, comprimidas e transformadas em uma barra, conseguem alterar o campo magnético de um ímã? E será que a visão de uma civilização coerente cuja consciência coletiva está voltada para o amor, a saúde, a harmonia e a felicidade pode criar um campo de força suficiente para transformar a Terra em Paraíso?

Acreditamos que sim. Pode mesmo.

Mas é importante lembrar que essas mudanças não ocorrem somente em nível de consciência cósmica. A conexão e a coerência se manifestam diariamente como atos aleatórios e não tão aleatórios de gentileza e funcionalidade. Assim como a multiplicação dos pães e dos peixes, cada ato benéfico reverbera e gera mais ações similares.

E quem não tem interesse em meditação ou práticas espirituais, acredita que terapia só é boa para músculos fatigados e não vê motivo para ficar revirando o subconsciente em busca de crenças para modificar? Pesquisas revelam que essas pessoas também podem manifestar resultados positivos simplesmente modificando sua história.

A história que contamos a nós mesmos pode ter efeito direto sobre a qualidade de nossas vidas e da nossa saúde. O Dr. Gail Ironson, que leciona psicologia e psiquiatria na Universidade de Miami, descobriu que pacientes de HIV que acreditam em um poder universal de amor conseguem manter a saúde com mais facilidade do que aqueles que acreditam que estão sendo punidos.⁸ Parece que temos diante de nós uma receita para criar placebos e combater os nocebos gerados pelas histórias negativas de nossa cultura.

Na verdade, nessa história de liberdade intelectual, os problemas começam quando as coisas vão mal. Fica difícil, em períodos de dificuldade, ver o mundo como um bom lugar. Como alguém pode ter pensamentos e sentimentos positivos se não tem motivo algum para estar feliz?

A autora Marci Shimoff tem um livro de título instigante: *Feliz sem motivo*. E explica: “Quando estamos felizes mesmo sem um motivo específico, *externalizamos* a felicidade para nossas experiências em vez de tentar *extrair* felicidade delas”.⁹

Se isso parece simplista demais, considere esta verdade científica: a expressão facial de um indivíduo estimula a produção de substâncias químicas em seu corpo relacionadas à felicidade ou à infelicidade. As emoções moldam as respostas fisiológicas e físicas que acompanham nosso

comportamento. Podemos sentir que elas são a força que o gera. Mas a nova ciência revela uma grande descoberta: nossas expressões físicas podem estimular respostas emocionais.

O fisiologista francês Dr. Israel Waynbaum descobriu que franzir as sobrancelhas aciona a secreção dos hormônios de estresse cortisol, adrenalina e noradrenalina, substâncias neuroquímicas inibidoras do sistema imunológico que aumentam a pressão sanguínea e a suscetibilidade a ansiedade e depressão. Sorrir, ao contrário, reduz a secreção de hormônios de estresse e aumenta a produção de endorfinas, os hormônios do corpo responsáveis pelo bem-estar, além de estimular o sistema imunológico através do aumento da produção das células T.¹⁰

Ao armazenar experiências de aprendizado na memória, o cérebro associa emoções a respostas de comportamento. As reações biológicas envolvidas nesse processo podem fluir tanto para frente quanto para trás, o que significa que uma emoção pode levar a uma experiência e uma experiência pode provocar uma emoção. É uma característica importante relativa à captação de memória.

Os cientistas identificaram recentemente uma classe específica de células nervosas visuomotoras chamadas neurônios-espelho. Pesquisas com macacos mostram que essas células nervosas entram em ação quando o animal desenvolve alguma atividade ou observa outro indivíduo, macaco ou animal, desenvolver uma atividade similar. Neurônios-espelho também são encontrados em cérebros humanos. Você nunca se contorceu assistindo a um filme em que uma aranha gigante agarra um ator? Nunca se emocionou ou riu diante de alguém que ria ou chorava? Você estava reagindo à função dos neurônios-espelho, que repetem respostas pessoais aprendidas e derivadas de experiências próprias toda vez que você vê alguém tendo experiências similares.¹¹

Quando agimos temos sempre um objetivo. Da mesma maneira, quando observamos alguém em ação os neurônios-espelho traduzem o

comportamento dessa pessoa de maneira que possamos perceber quais as suas intenções. Os neurocientistas que estudam as células do cérebro afirmam que os neurônios-espelho são a base da empatia, ou seja, da habilidade de discernir os pensamentos e as intenções das pessoas.

Os neurônios-espelho têm um papel crucial na criação da harmonia em uma população humana em evolução. Imagine o que pode ocorrer se inserirmos em uma população indivíduos que expressam alegria, amor, felicidade ou gratidão. Os neurônios-espelho dos cérebros dos demais indivíduos os estimulariam a ter as mesmas emoções. Seria uma reação neurológica em cadeia na qual toda a população captaria vibrações positivas. É por isso que líderes carismáticos como Nelson Mandela, John F. Kennedy e Martin Luther King Jr. têm um efeito tão profundo nas emoções e atitudes das massas. O componente “e daí?”, nesses casos, é que nossa atitude e nossa interpretação das circunstâncias influenciam profundamente o resultado de nossas experiências. Segundo Dr. Martin Seligman, do Centro de Psicologia Positiva da Universidade da Pensilvânia, reações otimistas podem ser aprendidas. Pessimista assumido, Seligman afirma que a sociedade moderna reforça em todos os conceitos que somos vítimas impotentes. E sugere que essa condição pode ser reprogramada se escolhermos uma perspectiva mais saudável diante dos desafios. Ele recomenda, por exemplo, que se faça sempre um esforço para considerar os acontecimentos negativos como eventos temporários, relacionados a circunstâncias específicas e que podem ser superados por nossas habilidades e esforços.¹²

Marci Shimoff também tem uma receita. Segundo ela, quando uma situação causa um pensamento negativo, devemos buscar nela algo de positivo também. Para equilibrar as polaridades ela sugere repetir uma oração muito comum entre mestres Zen: “Obrigado por tudo. Não tenho reclamações”.

Preferimos não tratar, neste capítulo, de muitas técnicas de desenvolvimento interior, porque se trata de um campo em constante evolução, que necessitaria de revisões frequentes. Assim como as bactérias mutantes, que se adaptam aos desafios do ambiente, as células do grande e novo organismo chamado humanidade estão constantemente engajadas em práticas que possam libertá-las das crenças limitadoras. Tais práticas são cada vez mais divulgadas em nosso dinâmico mundo *wiki*. A plataforma *Web* oferece ao público acesso às melhores, mais novas e mais úteis práticas transformadoras e faz com que elas sejam continuamente testadas e revistas.

DA DUALIDADE AO DINAMISMO EM PARCERIA

Além de uma reprogramação individual e social, a evolução espontânea requer mais um salto cognitivo de nossa parte.

Fomos programados com percepções distorcidas do mundo e acreditamos que a vida nele é uma eterna batalha entre polaridades opostas: progressistas *versus* conservadores, competição *versus* cooperação, ciência *versus* religião, criação *versus* evolução, crescimento *versus* proteção, espírito *versus* matéria, onda *versus* partícula, águia *versus* condor, e por aí vai.

Durante milênios a polarização da vida fez com que a civilização se dividisse, forçando os indivíduos a adotar posturas radicais e a escolher facções. Poderíamos estender esta lista de polaridades por várias páginas, mas os poucos exemplos já mostram que o mundo deriva da integração de tendências opostas.

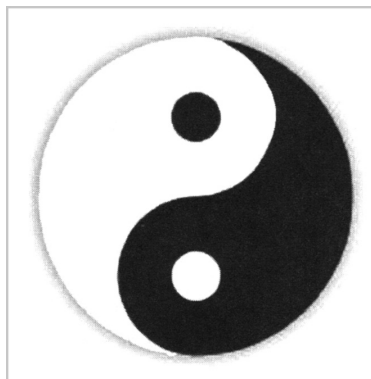
A unidade evolucionária necessita que tenhamos consciência de que os opostos são, na verdade, parceiros na dança dinâmica da vida. E, principalmente, que possamos perceber que masculino e feminino não representam forças opostas. Após 5 mil anos de programação, a guerra dos sexos ainda existe, e, claro, o homem continua levando vantagem.

A Biologia convencional ainda vê a Natureza como um pesadelo darwiniano no qual o mundo vive em eterna competição de ameaça à vida.

Os geneticistas utilizam essa percepção e se referem constantemente a batalhas por domínio travadas entre genes masculinos e femininos. Mas essa história de domínio não tem o menor sentido biológico. Quando espermatozoide e óvulo se unem para criar uma nova vida, os dois se debatem? Em seu livro surpreendente, *O talento secreto de Eva: o papel da mulher no desenvolvimento da consciência*, Glynda-Lee Hoffmann afirma: “Não há hierarquia entre a semente e a casca. Ou as duas trabalham juntas ou não”.¹⁴

Estudos nas áreas de física e biologia sobre a natureza de características polarizadas revelam que, embora elas pareçam ser entidades distintas e opostas, compartilham da mesma origem e unidade. Curiosamente, os filósofos do oriente descobriram isso há cerca de 4 mil anos atrás, ao definir o relacionamento entre *yin* e *yang*.

O símbolo *yin-yang* contém duas formas separadas mas ao mesmo tempo unidas: uma branca e uma preta. No entanto, a parte branca contém um círculo preto e a parte preta contém um círculo branco, uma indicação de que ambas são compostas dos mesmos elementos. Na aparência, machos e fêmeas, independente da espécie, podem parecer fisicamente diferentes, mas internamente ambos possuem hormônios masculinos e femininos.



O símbolo yin e yang consiste de duas partes distintas, uma branca e outra preta, porém ambas contendo a semente uma da outra.

Diante desta qualidade de *yin* e *yang*, a noção de primazia masculina não faz o menor sentido. Portanto, o conceito de uma guerra dos sexos é tão plausível quanto uma guerra entre ondas e partículas. Uma visão de mundo em que os princípios masculinos e femininos se encontrem em perfeito equilíbrio é a chave para o nascimento de uma nova humanidade.

SERÁ QUE OS HUMANOS ALCANÇARÃO A HUMANIDADE?

Muitos dizem que a consciência humana não está apta a realizar uma tarefa evolucionária desse porte. Os deterministas espirituais, por exemplo, insistem em afirmar que somos meros pecadores e que somente podemos ser salvos por intervenção Divina. Já os elitistas intelectuais apontam a ignorância das massas como causa da óbvia falha de nossa espécie.

Mas tudo indica que subestimamos a extensão do despertar humano. Segundo os responsáveis pelo projeto de pesquisa “*In our own words*” (Em nossas próprias palavras), de 2000, publicado pelo *Fund for Global Awakening* (Fundação do Despertar Global), em 2007, 85% dos norte-americanos acredita que “estamos todos conectados”. E 93% concordam que “é importante ensinar às crianças a se sentirem conectadas com a Terra, com as pessoas e com a vida”.¹⁵

Talvez o maior sinal de que estamos realmente evoluindo seja a eleição de Barack Hussein Obama como presidente dos Estados Unidos. A campanha se elevou acima de qualquer dualidade ou controvérsia e movimentou os cidadãos do mundo todo. Sua proposta gerou esperanças, desejo de mudança e de cooperação global, elementos fundamentais à criação de um paradigma holístico sustentável. A eleição de Obama, assim como a voz das células imaginais, é um sinal de que utilizamos todo o nosso investimento de tempo, energia, atenção e intenção de nossa fase de crisálida para finalmente cumprir nosso destino como borboletas. Como líder, a voz de Obama ecoa em uníssono com a conclusão do Capítulo 13 deste livro: “Estamos todos juntos nessa”.

Há ainda outro fator de grande significado evolutivo na eleição de Obama: todo o seu histórico como líder de comunidades. Ele pode ser alvo de críticas daqueles que ainda se apegam a um paradigma obsoleto, mas seu perfil ainda é o mais adequado se pensarmos em termos de evolução espontânea. Lembre-se: toda evolução caminha sempre em frente, à medida que a comunidade se amplia e a consciência se expande.

Se esse passo evolucionário em direção à coerência planetária parece grande demais, talvez precisemos de uma perspectiva ainda maior: a evolução da humanidade não está acabando, mas se iniciando. Esse estágio do desenvolvimento completa a evolução de nosso planeta. À medida que humanidade evolui passamos a ver a Terra não como um planeta físico mas como uma célula viva.

O que acontece quando uma célula completa seu ciclo de evolução? Ela se une a outras células evoluídas e forma colônias para dividir sua consciência.

Ao completar sua evolução, a Terra se conectará com outros planetas que estejam em nível similar de consciência para continuar o processo de expansão e de ampliação de conhecimento sobre quem somos, o que somos e sobre a natureza do Universo em que vivemos. Enquanto isso, de volta ao aqui e agora, temos que nos lembrar de que somos, nós mesmos, os líderes que tanto aguardávamos. Embora estejamos entusiasmados com a eleição de Obama e esperançosos apesar de todas as mudanças econômicas e políticas, é importante ter em mente que a ênfase não está nos líderes que governam de cima para baixo, mas no despertar de todas as almas celulares que geram um campo coeso de amor para que os líderes eleitos se mantenham conectados com a saudável voz central do superorganismo chamado humanidade.

Portanto, o verdadeiro desafio para nós, indivíduos, é praticar evolução, aprender as lições da velha história para não precisar repeti-las, e nos lembrarmos de que a massa crítica da humanidade envolvida nesse

processo evolucionário mudará este mundo de uma maneira que jamais se imaginou. Estamos a caminho de um futuro positivo, praticando o Paraíso e construindo uma ponte pela qual poderemos cruzar o horizonte.

Esta é nossa história de amor. Uma história de amor para todo o Universo: você, eu, todas as pessoas e todos os organismos vivos. Agora, que se inicie o Quinto Ato da grande peça!

Técnicas e instituições para auxiliar na modificação de crenças

Esta é uma lista parcial de diferentes técnicas e instituições que podem auxiliar na modificação de crenças. Para ver a lista completa e a descrição de cada uma, consulte a Internet.

PSYCH-K

www.psych-k.com

Suas crenças inconscientes estabelecem um limite para suas conquistas! Aprenda a reprogramar seu subconsciente e mude sua vida!

De Bruce Lipton: “Eu leciono com Rob Williams, o criador do PSYCH-K. É a modalidade que utilizamos e aquela que nós conhecemos melhor”.

O site brasileiro é: www.psychbrasil.com.br

THE HENDERICKS INSTITUTE

www.hendricks.com

Técnicas para uma vida consciente e harmoniosa. Um Centro de Aprendizagem Internacional que ensina técnicas e ajuda as pessoas a desenvolver criatividade, amor e vitalidade através do poder dos relacionamentos conscientes e do autoconhecimento.

CORE HEALTH

www.corehealth.us

Com estudos que abrangem desde doenças até a verdadeira compreensão da Saúde, este processo inovador vai além do simples tratamento dos sintomas para libertar os indivíduos através de decisões enérgicas internas.

BODY TALK SYSTEMS

www.thebodytalkcenter.com

Body Talk é uma técnica incrivelmente simples e eficaz que permite que o sistema de energia do corpo seja sincronizado novamente para operar da maneira como foi programado pela Natureza.

O site brasileiro é: <http://bodytalkbrasil.com/bodytalk/index.php>

HOLOGRAPHIC REPATTERNING

www.repatterning.org

Mudança quântica de maneira fácil. *Resonance Repatterning System* é um processo de energia que ajuda a identificar e liberar os padrões de energia relacionados a qualquer tipo de dificuldade, problema ou dor.

CLINICAL HYPNOSIS

www.asch.net e www.bsch.org.uk

A hipnoterapia é uma técnica de excelentes resultados quando se trata de eliminar traumas e hábitos arraigados. Os sites acima são das instituições profissionais dos EUA e do Reino Unido que garantem um alto padrão e profissionalismo na prática de hipnoterapia.

INNER RESONANCE TECHNOLOGIES

www.innerresonance.com

IRT tem 7 passos simples que permitem estabelecer acordos com nossa programação interna e nosso sistema de comportamento automático para reequilibrá-los e nos harmonizarmos física, emocional, mental e espiritualmente, renovando todos os aspectos de nossa vida.

INSTANT EMOTIONAL HEALING

www.instantemotionalhealing.com

Os Drs. Peter T. Lambrou, PhD. e George J. Pratt, PhD, escreveram o livro *Cura emocional imediata: acupressão para as emoções*, que explica os fundamentos de uma nova forma de terapia chamada psicologia energética.

NEUROLINK'S NEUROLOGICAL INTEGRATION SYSTEM (NIS)

www.neurolinkglobal.com

NIS se baseia no princípio neurofisiológico de que o cérebro governa e promove o ótimo desempenho de todos os sistemas do corpo. Aprenda a utilizá-lo para restaurar todo o seu potencial.

SILVA ULTRAMIND SYSTEM

www.silvaultramindsystems.com

Aprenda a identificar sua missão de vida e a utilizar o poder de sua mente criativa para atingir suas metas.

EMOTIONAL FREEDOM TECHNIQUE

www.emofree.com

Baseadas em descobertas sobre as energias sutis do corpo, *Emotional Freedom Techniques* (EFT) já se mostraram eficazes em centenas de casos clínicos.

O site brasileiro é: <http://www.emofree.com.br>

THE HEALING CODES

www.thehealingcode.com

Descubra como: dar carga máxima a seu sistema imunológico e ajudar seu corpo a se curar e a utilizar o próprio sistema natural para eliminar dores, estresse, medo, depressão e doenças.

Referências

PRÓLOGO: REMISSÃO ESPONTÂNEA

1. Lorde Martin Rees, “*Martin Rees comment on doomsday clock*,” [Comentários de Martin Rees sobre o relógio do juízo final]. *The Royal Society Science News* (17 January 2007): comunicado à imprensa.
2. Margaret Mead, *International Earth Day speech delivered at the United Nations March 20, 1977* [discurso do Dia Internacional da Terra nas Nações Unidas em 20 de março de 1977], reimpresso no *Earth Trustees Program Newsletter*, 1978, 1.

PARTE I: E SE TUDO QUE SABEMOS ATÉ HOJE ESTIVER ERRADO?

1. Robert Watson, A.H. Zakri, (eds), *Ecosystems and Human Well-Being: Current State and Trends, Findings of the Condition and Trends Working Group, Millennium Ecosystem Assessment*, [Ecosistemas e o Bem-Estar Humano: Estado Atual e Tendências, Descobertas sobre as Condições e Tendências do Grupo de Trabalho, Avaliação do Ecossistema do Milênio] 1ª edição (Washington DC: Island Press, 2005).

CAPÍTULO 1: CRER PARA VER

1. Mateus 17:2, *Bible: New International Version* (A Bíblia: Nova Versão Internacional).
2. W. A. Brown, “*The placebo effect: should doctors be prescribing sugarpills?*” [Efeito placebo: os médicos devem prescrever pílulas de açúcar?] *Scientific American*, no. 278 (1998): 90–95; Discovery Channel, “*Placebo: Mind Over Medicine?*” [Placebo: O Poder da Mente sobre a Medicina?] *Medical Mysteries Series, Discovery Health Channel*, 2003, Silver Spring, MD; Maj-Britt Niemi, “*Placebo Effect: A Cure in the Mind*,” [Efeito Placebo: A Cura está na Mente] *Scientific American Mind* (Feb-March 2009): 42–49.
3. Alfred Lord Tennyson, *In Memoriam*, (London, UK: E. Moxon, 1850), Canto 56.

4. Kevin Crush, "Hotfoot It: Walking on red-hot coals is all about the energy" [Pés Ardentes: Caminhar sobre brasas é uma questão de energia], *Grande Prairie Daily Herald Tribune*, June 17, 2005, 4. Artigo disponível gratuitamente em http://www.firewalks.ca/Press_Release.html (acessado em 17/3/2009).
5. Cecil Adams, "SuperMom: Could a mother actually lift a car to save her child?" [Super Mãe? Será que uma mulher consegue levantar um carro para salvar seu filho?] Entrevista e história de Angela Cavallo, *The Straight Dope*, January 20, 2006, <http://www.straightdope.com/columns/read/2636/supermom> (acessado em 2/3/2009).
6. V. J. DiRita, "Genomics Happens," [O Advento da Genômica] *Science*, no. 289 (2000): 1488–1489.
7. B. E. Schwarz, "Ordeal by serpents, fire and strychnine," [Tortura com serpents, fogo e estriquinina] *Psychiatric Quarterly*, no. 34 (1960): 405–429.
8. Lewis Mehl-Madrona, *Coyote Wisdom: The Power of Story in Healing*, [Sabedoria do Coiote: o Poder da História sobre o Processo de Cura] (Rochester, VT: Inner Traditions/Bear & Company, 2005), 37.
9. Michael Talbot, *The Holographic Universe*, [O Universo Holográfico] (New York, NY: Harper Perennial, 1992), 72–78.
10. Suzanne C. Segerstrom, Gregory E. Miller, "Psychological stress and the human immune system: A meta-analytic Study of 30 years of inquiry," [Estresse Psicológico e o sistema imunológico humano: Um Estudo Meta-Analítico de 30 Anos de Pesquisa] *Psychological Bulletin* 130, no. 4 (2004): 601–30.
11. E. Pennisi, "Gene Counters Struggle to Get the Right Answer," [Contadores de Genes Lutam para Ter a Resposta Correta] *Science*, no. 301 (2003): 1040–1041; M. Blaxter, "Two worms are better than one," [Dois vermes são melhores que um] *Nature*, no. 426 (2003): 395–396.
12. B. H. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles*, [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres] (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2005), 161. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).

13. E. B. Harvey, “A comparison of the development of nucleate and nonnucleate eggs of *Arbacia punctulata*” [Uma comparação entre o desenvolvimento dos ovos nucleados e não-nucleados da *Arbacia punctulata*], *Biology Bulletin*, no. 79 (1940):166–187; M.K. Kojima, “Effects of D2O on Parthenogenetic Activation and Cleavage in the Sea Urchin Egg,” [Efeitos de D2O sobre a Ativação Partenogenética e a Segmentação do Ovo do Ouriço do Mar] *Development, Growth and Differentiation* 1 [Desenvolvimento, Crescimento e Diferenciação], no. 26 (1984): 61–71; B. H Lipton, K. G. Bensch and M. A. Karasek, “Microvessel Endothelial Cell Transdifferentiation: Phenotypic Characterization,” *Differentiation*, no. 46 (1991): 117–133.
14. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], 87. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
15. W. C. Willett, “Balancing Life-Style and Genomics Research for Disease Prevention,” [O Equilíbrio entre Estilo de Vida e Pesquisa Genômica para a Prevenção de Doenças] *Science*, no. 296 (2002): 695–698.
16. Y. Ikemi, S. Nakagawa, “A psychosomatic study of contagious dermatitis,” [Um estudo psicossomático da dermatite contagiosa] *Kyoshu Journal of Medical Science* 13, (1962): 335–350.
17. Daniel Goleman, Gregg Braden e outros, *Measuring the Immeasurable: The Scientific Case for Spirituality* [Como Medir o Imensurável: um Caso Científico de Espiritualidade], (Boulder, CO: Sounds True, 2008), 196.
18. P. D. Gluckman, M. A. Hanson, “Living with the Past: Evolution, Development, and Patterns of Disease” [Vivendo com o Passado: Evolução, Desenvolvimento e Padrões da Doença], *Science*, no. 305 (2004): 1733–1736; Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], 177. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).

CAPÍTULO 2: CRESÇA SOZINHO... EVOLUA GLOBALMENTE

1. E. Watters, “DNA is Not Destiny,” [DNA Não é Destino] *Discover* (Novembro, 2006): 32.
2. D. Schmucker, J. C. Clemens, et al, “*Drosophila DSCAM Is an Axon Guidance Receptor Exhibiting Extraordinary Molecular Diversity*” [DSCAM da Drosófila é um Receptor de Guia de Axônio de Extraordinária Diversidade Molecular], *Cell*, no. 101 (2000): 671–684.
3. R. A. Waterland, R. L. Jirtle, “*Transposable Elements: Targets for Early Nutritional Effects on Epigenetic Gene Regulation*” [Elementos Transportáveis: Alvos de Efeito Nutricional Precoce sobre as Regras de Gene Epigenético], *Molecular and Cell Biology* 15, no. 23 (2003): 5293–5300.
4. Mario F. Fraga, et al, “*Epigenetic differences arise during the lifetime of monozygotic twins*” [Diferenças epigenéticas que surgem durante o período de vida dos gêmeos monozigóticos], *Procedimentos da National Academy of Sciences* 102, no. 30 (July 26, 2005): 1064–1069.
5. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], 178. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
6. Gordon G. Gallup Jr., “*Chimpanzees: Self-Recognition*” [Chimpanzés: Autorreconhecimento], *Science* 167, no. 3914 (2 January 1970): 86–87.
7. T. Nørretranders, *The User Illusion: Cutting Consciousness Down to Size* [A Ilusão do Usuário: Adaptando o Tamanho da Consciência], (New York: Penguin Books, 1998), 126, 161.
8. Marianne Szegedy-Maszak, “*Mysteries of the Mind: Your unconscious is making your everyday decisions*” [Mistérios da Mente: Seu inconsciente está tomando as decisões por você], *U.S. News & World Report*, 28 de fevereiro de 2005, <http://health.usnews.com/usnews/health/articles/050228/28think.htm> (acessado em 13/3/2009).
9. Sue Gerhardt, *Why Love Matters: How Affection Shapes a Baby's Brain* [Porque o Amor é Importante: Como as Emoções Moldam o Cérebro do Bebê], (London, UK: Brunner-Routledge, 2004), 32–55.

10. R. Laibow, “*Clinical Applications: Medical applications of neurofeedback*” [Aplicações Clínicas: Aplicações médicas do *neurofeedback*], In J. R. Evans, A. Abarbanel, *Introduction to Quantitative EEG and Neurofeedback* [Introdução ao EEG Quantitativo e Neurofeedback], (Burlington, MA: Academic Press Elsevier, 1999).
11. Dr. Fred Luskin, *Forgive For Good: A Proven Prescription for Health and Happiness* [Perdoar: Uma Receita Comprovada de Saúde e Felicidade] (New York: HarperSanFrancisco, 2002), p viii.
12. Colin C. Tipping, *Radical Forgiveness: Making Room for the Miracle* [Perdão Radical: Abrindo Espaço para o Milagre], (Marietta, GA: Global Thirteen, 2002), 123–27.

CAPÍTULO 3: UMA NOVA VERSÃO DA VELHA HISTÓRIA

1. “*Radio Listeners in Panic, Taking War Drama as Fact*” [Ouvintes de Rádio em Pânico; o Drama de Guerra Considerado como um Fato Real], *The New York Times*, 31 de outubro de 1938, 1–2.
2. Joseph Campbell, *Thou Art That: Transforming Religious Metaphor* [Transformareis Tudo em Arte: A Transformação da Metáfora Religiosa], (Novato, CA: New World Library, 2001), 49–54; Laura Westra, T.M. Robinson, *The Greeks And The Environment* [Os Gregos e o Meio Ambiente], (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1997), 11.
3. Susan Jane Gilman, “*Five Star Mystic*” *Washington City Paper* [Místico Cinco Estrelas], (2-8 de agosto de 1996), <http://www.washingtoncitypaper.com/display.php?id=10843> (acessado em 12/3/2009).
4. P. H. Silverman, “*Rethinking Genetic Determinism: With only 30,000 genes, what is it that makes humans human?*” [O Repensar do Determinismo Genético: com apenas 30 mil genes, o que é que torna os humanos humanos?], *The Scientist* (2004): 32–33.

CAPÍTULO 4: O REDESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

1. Thom Hartmann, *Screwed: The Undeclared War Against the Middle Class—And What We Can Do About It* [Problemas: a Guerra Não-Declarada contra a Classe Média e o que Podemos Fazer a Respeito], (San Francisco, CA: Berrett-Koehler, 2006), 74–75.

2. Thom Hartmann, *What Would Jefferson Do? A Return to Democracy* [O que Jefferson Faria? O Retorno à Democracia], (New York: Harmony Books, 2004), 53.
3. *Ibid.*, 52.
4. *Ibid.*, 53.
5. *Ibid.*, 67.
6. Sharon A. Lloyd, Susanne Sreedhar (eds), “Hobbes’s Moral and Political Philosophy” [A Filosofia Moral e Política de Hobbes], *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford University, primeira edição em 12/2/2002, revisão em 23/8/2008, <http://plato.stanford.edu/entries/hobbes-moral/> (acessado em 19/3/2009).
7. John Locke, “Two Treatises of Government (1680–1690)” [Duas Ameaças ao Governo], Lonang Library, <http://www.lonang.com/exlibris/locke/> (acessado em 19/3/2009).
8. Robert Hieronimus, *America’s Secret Destiny: Spiritual Vision & the Founding of a Nation* [O Destino Secreto da América: Visão Espiritual e a Fundação de uma Nação], (Rochester, VT: Destiny Books, 1989), 6–9.
9. *Ibid.*, 8.
10. Carol Hiltner, “The Iroquois Confederacy: Our Forgotten National Heritage” [A Confederação Iroquois: Nossa Herança Nacional Esquecida] *Freedom and National Security* 2, (May 2002), *Spirit of Ma’at* www.spiritofmaat.com/archive/may2/iroquois.htm (acessado em 12/3/2009).
11. Hieronimus, *America’s Secret Destiny: Spiritual Vision & the Founding of a Nation* [O Destino Secreto da América: a Visão Espiritual e a Fundação de uma Nação], 9.
12. Hartmann, *What Would Jefferson Do? A Return to Democracy* [O que Jefferson Faria? Um Retorno à Democracia], 25.
13. Nancy Shoemaker, ed., *American Indians* [Índios Americanos], (Malden, MA: Blackwell Publishers, Ltd., 2001), 112.
14. Hieronimus, *America’s Secret Destiny: Spiritual Vision & the Founding of a Nation* [O Destino Secreto da América: a Visão Espiritual e a Fundação de uma Nação], 12.

15. *Ibid.*, 11.
16. *Ibid.*, 11–12.
17. *Ibid.*, 17.
18. *Ibid.*, 18.
19. *Ibid.*, 16.
20. *Ibid.*, 29–36.
21. *Ibid.*, 23.
22. *Ibid.*, 26.
23. *Ibid.*, 41–42.
24. *Ibid.*, 42.
25. *Ibid.*, 93–99.
26. Hiltner, “*The Iroquois Confederacy: Our Forgotten National Heritage*” [A Confederação Iroquois: Nossa Herança Nacional Esquecida] 2.
27. *Ibid.*
28. *Ibid.*
29. *Ibid.*
30. *Ibid.*
31. *Ibid.*
32. *Ibid.*; *Original Source for this reference in Hiltner article: Sally Roesch Wagner, Sisters in Spirit: Iroquois Influence on Early Feminists* [Fonte original desta referência no artigo: Hiltner Sally Roesch Wagner, Irmãs em Espírito: Influência Iroquois sobre as Primeiras Feministas], (Summertown, TN: Native Voices, 2001).
33. *Ibid.*

34. Alverto Taxo, *Friendship with the Elements* [Amizade com os Elementos], (LittleLight Publishing, 2005), 3.
35. Melissa McNamara, “Diet Industry is Big Business” [A Indústria da Dieta é um Grande Negócio], CBS Evening News, 1º/12/2006, <http://www.cbsnews.com/stories/2006/12/01/eveningnews/main2222867.shtml>, (acessado em 12/3/2009).
36. Aura Glaser, *A Call to Compassion: Bringing Buddhist Practices of the Heart into the Soul of Psychology* [Um Apelo à Compaixão: A Inserção de Práticas Budistas na Base da Psicologia], (Berwick, ME: Nicholas-Hays, 2005), 116.
37. John Perkins, *Confessions of An Economic Hit Man* [Confissões de um Assassino Econômico], (San Francisco, CA: Berrett-Koehler, 2004), 210.

PARTE II: OS QUATRO MITOS DO APOCALIPSE

1. Eckhart Tolle, *The Power of Now* [O Poder do Agora], (Novato, CA: New World Library, 1999), 1–2.

CAPÍTULO 5: MITO UM: SÓ A MATÉRIA EXISTE

1. MSNBC.com, “What are mothers’ rights during childbirth?” [Quais são os direitos da mãe durante a gravidez?] Debate sobre a escolha de uma mulher grávida ter ou não a criança, *The Associated Press*, 19/5/2004, <http://www.msnbc.msn.com/id/5012918/> (acessado em 9/3/2009).
2. Eric Weisstein’s *World of Scientific Biography* [O Mundo da Biografia de Eric Weisstein], “Kelvin, Lord William Thomson (1824-1907)”, 1996–2007, <http://scienceworld.wolfram.com/biography/Kelvin.html> (acessado em 5/3/2009).
3. Faye Flam, “The Quest for a Theory of Everything Hits Some Snags” [Em Busca de uma Teoria de Solução de Problemas], *Science*, no. 256 (1992): 1518–1519.
4. Adam Crane, Richard Soutar, *MindFitness Training: The Process of Enhancing Profound Attention Using Neurofeedback* [MindFitness Training: O Processo de Desenvolvimento de Atenção

- Profunda através do Neurofeedback], primeira edição, (Lincoln, NE: AuthorHouse, 2000), 354.
5. Milič Čapek, *The Philosophical Impact of Contemporary Physics* [O Impacto Filosófico da Física Contemporânea], (New York, NY: Van Nostrand, 1961), 319.
 6. Lynne McTaggart, *The Field: The Quest for the Secret Force of the Universe* [O Campo: Em Busca da Força Secreta do Universo], (New York: Harper Perennial, 2002), 23–24.
 7. *Ibid.*, xvi–xvii.
 8. David Brown, Rupert Sheldrake, “Perceptive Pets: A Survey in North-West California” [Animais de Estimação Sensitivos: uma Pesquisa no Noroeste da Califórnia] *Journal of the Society for Psychical Research* 62 (July 1998): 396–406.
 9. Rupert Sheldrake, *Dogs That Know When Their Owners Are Coming Home: And Other Unexplained Powers of Animals* [Cães que Sabem Quando seus Donos estão Chegando em Casa e Outros Poderes Inexplicáveis dos Animais], (New York: Harper Perennial, 2002), 23–24.
 10. McTaggart, *The Field: The Quest for the Secret Force of the Universe* [O Campo: Em Busca da Força Secreta do Universo], 54–63.
 11. Gregg Braden, *The Divine Matrix: Bridging Time, Space, Miracles, and Belief* [A Matriz Divina: a União do Tempo, do Espaço, dos Milagres e das Crenças], (Carlsbad, CA: Hay House, 2007), 116-117.

CAPÍTULO 6: MITO DOIS: SÓ OS MAIS FORTES SOBREVIVEM

1. J. B. de Lamarck, *Philosophie zoologique, ou exposition des considerations relatives à l'histoire naturelle des animaux* [Filosofia zoológica ou a exposição das considerações relativas à história natural dos animais], (Paris, France: J.B. Baillière, Libraire, 1809).
2. Thomas R. Malthus, *An Essay on the Principle of Population* [Um Ensaio sobre o Princípio da População], (Whitefish, MT: Kessinger, 2004), 44–45.

3. Doug Linder, “*Bishop James Ussher Sets the Date for Creation*” [O Bispo James Ussher Estabelece a Data da Criação], *University of Missouri-Kansas City School of Law*, 2004, <http://www.law.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/scopes/ussher.html> (acessado 10/3/2009).
4. E. Bailey, *Charles Lyell*, (Garden City, NY: Doubleday, 1963), 86.
5. *Ibid.*, 117.
6. J. B. de Lamarck, *Philosophie zoologique, ou exposition des considerations relatives à l'histoire naturelle des animaux* [Filosofia zoológica ou a exposição das considerações relativas à história natural dos animais].
7. Leonard Dalton Abbott, ed., *Masterworks of Economics – Digests of 10 Great Classics* [Obras Magistrais da Economia – Sinopses de 10 Grandes Clásicos], (Garden City, NY: Doubleday, 1946), 195.
8. Charles Darwin, *The Autobiography of Charles Darwin* [A Autobiografia de Charles Darwin], (New York: Barnes & Noble, 2005), 196.
9. Charles Darwin, “Letter 729 – Darwin, C.R. to Hooker, J.,” *Darwin Correspondence Project* [O Projeto de Correspondência de Darwin], 11/1/1844, <http://www.darwinproject.ac.uk/darwinletters/calendar/entry-729.html> (acessado em 15/3/2009).
10. Arnold Brackman, *The Strange Case of Charles Darwin and Alfred Russel Wallace* [O Estranho Caso de Charles Darwin e Alfred Russel Wallace], (New York: Times Books; 1ª edição, 1980), 22.
11. Bailey, *Charles Lyell*, (Garden City, NY: Doubleday, 1963), 61.
12. Brackman, *The Strange Case of Charles Darwin and Alfred Russel Wallace* [O Estranho Caso de Charles Darwin e Alfred Russel Wallace], 64.
13. *Ibid.*
14. Francis Hitching, *The Neck of the Giraffe – Darwin, Evolution, and the New Biology* [O Pescoço da Girafa; A Evolução de Darwin e a Nova Biologia], (New York: Meridian, 1982), 172.

15. T. M. Lenton, “*Gaia and natural selection*” [Gaia e a seleção natural]. *Nature*, no. 394 (1998): 439–447.
16. James Greenberg, “*Enron: The Smartest Guys in the Room*” [Enron: Os Mais Inteligentes da Sala] *The Hollywood Reporter*, 20/4/2005, http://www.hollywoodreporter.com/hr/search/article_display.jsp?vnu_content_id=1000789841 (acessado em 12/3/2009).
17. Fritjof Capra, *The Turning Point: Science, Society and the Rising Culture* [O Ponto Crítico: Ciência, Sociedade e a Cultura em Ascensão] (New York: Bantam Books, 1982), 43.

CAPÍTULO 7: MITO TRÊS: SOMOS O PRODUTO DOS NOSSOS GENES

1. O. T. Avery, C. M. MacLeod, M. McCarty, “*Studies on the Chemical Nature of the Substance Inducing Transformation of Pneumococcal Types: Induction of Transformation by a Desoxyribonucleic Acid Fraction Isolated from Pneumococcus Type III*” [Estudos sobre a Natureza Química da Substância que Induz a Transformação de Tipos Pneumococos; Indução da Transformação por uma Fração de Ácido Desoxiribonucleico Isolada do Pneumococo Tipo III] *The Journal of Experimental Medicine*, no. 79 (1944): 137–156.
2. Erwin Schrodinger, *What is Life?* [O que é a Vida?], (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1945), 76–85.
3. F. H. C. Crick, “*On Protein Synthesis*” [A Síntese da Proteína] *Symposia of the Society for Experimental Biology: The Biological Replication of Macromolecules* [Simpósio da Sociedade de Biologia Experimental: a Réplica Biológica das Macromoléculas] 12, (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1958), 138–162.
4. Howard M. Temin, “*Homology between RNA From Rous Sarcoma Virus and DNA from Rous Sarcoma Virus-infected Cells*” [Homologia entre ARN do Vírus Rous Sarcoma e DNA de células infectadas com o Vírus Sarcoma] *Proceedings of the National Academy of Sciences* 52, (1964): 323–329.
5. H. F. Nijhout, “*Metaphors and the Role of Genes in Development*” [Metáforas e o Papel dos Genes no Desenvolvimento], *BioEssays* 12, no. 9 (1990): 441–446.

6. Richard Dawkins, *The Selfish Gene* [O Gene Egoísta], (New York: Oxford University Press, 1976).
7. *Ibid.*, 2–3.
8. Svante Pääbo, “Genomics and Society: The Human Genome and Our View of Ourselves” [Genômica e Sociedade: o Genoma Humano e Nossa Visão de Nós Mesmos], *Science* 291, no. 5507 (16 February 2001): 1219–1220.
9. E. Pennisi, “Gene Counters Struggle to Get the Right Answer” [Contadores de Genes Lutam para Ter a Resposta Correta] *Science*, no. 301 (2003): 1040–1041.
10. Silverman, “Rethinking Genetic Determinism: With only 30,000 genes, what is it that makes humans human?” [O Repensar do Determinismo Genético: com apenas 30 mil genes, o que é que torna os humanos humanos?] 32–33.
11. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2005), 49; K. Powell, “Stemcell niches: It’s the ecology, stupid!” [Nichos de Células Tronco: É a ecologia, sua besta!], *Nature*, no. 435 (2005): 268–270. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
12. Robert Sapolsky, “Emergence of a Peaceful Culture in Wild Baboons” [Emergência de uma Cultura Pacífica entre Babuínos Selvagens], *PloS Biology*, April 13, 2004, <http://biology.plosjournals.org/perlserv/?request=get-document&doi=10.1371/journal.pbio.0020124&ct=1> (acessado em 12/3/2009).
13. *Ibid.*
14. Frans B. M. de Waal, “Bonobo Sex and Society” [O Sexo dos Bonobos e a Sociedade], *Scientific America* (março, 1995): 82–88.
15. Matt Kaplan, “Why Bonobos Make Love, Not War” [Porque os Bonobos Fazem Amor e Não Guerra], *New Scientist* 192, no. 2580 (2/12/2006): 40–43.
16. American Cancer Society, *Cancer Prevention & Early Detection Facts & Figures 2005* [Sociedade Norte-Americana do Câncer, *Prevenção e Detecção Precoce*], (Atlanta: American

- Cancer Society, 2005), 1, <http://www.cancer.org/downloads/STT/CPED2005v5PWSecured.pdf> (acessado em 10/3/2009).
17. Capra, *The Turning Point: Science, Society and the Rising Culture* [O Ponto de Mutação: Ciência, Sociedade e a Cultura Emergente], 146.
 18. *Ibid.*, 108; *Ibid.*, 115.
 19. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2005), 75–89. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
 20. *Ibid.*, 123–124.
 21. A. A. Mason, “A Case of Congenital Ichthyosiform Erythrodermia of Brocq Treated by Hypnosis” [Um Caso de Eritrodermia Ictiosiforme de Brocq Tratada com Hipnose], *British Medical Journal* 30, (1952): 442–443.
 22. Discovery Channel Production, “Placebo: Mind Over Medicine?” [Placebo: O Poder da Mente sobre a Medicina?]

CAPÍTULO 8: MITO QUATRO: A EVOLUÇÃO É ALEATÓRIA

1. Ben Waggoner, “Jean-Baptiste Lamarck (1744–1829),” *University of California Museum of Paleontology*, 25 de fevereiro de 1996, www.ucmp.berkeley.edu/history/lamarck.html (acessado em 5/3/2009).
2. Freeman G. Henry, “Rue Cuvier, rue Geoffroy-Saint-Hilaire, rue Lamarck: Politics and Science in the Streets of Paris” [Rue Cuvier, rue Geoffroy-Saint-Hilaire, rue Lamarck: Política e Ciência nas Ruas de Paris], *Nineteenth Century French Studies* 35, no. 3&4 (2007), http://muse.jhu.edu/journals/nineteenth_century_french_studies/v035/35.3henry.html (acessado em 3/3/2009).
3. H. Graham Cannon, *Lamarck and Modern Genetics* [Lamarck e a Genética Moderna], (Westport, CT: Greenwood Press, 1975), 10–11.

4. Isaac Asimov, *Biographical Encyclopedia of Science and Technology* [Enciclopédia Biográfica de Ciência e Tecnologia], (Garden City, NY: Doubleday, 1964), 328.
5. S. E. Luria, M. Delbrück, “Mutations of Bacteria from Virus Sensitivity to Virus Resistance” [Mutações de Bactéria de Sensibilidade a Resistência ao Vírus], *Genetics* 28, no. 6 (1943): 491–511.
6. John Cairns, J. Overbaugh, S. Miller, “The Origin of Mutants” [A Origem dos Mutantes], *Nature*, no. 335 (1988): 142–145.
7. R. Lewin, “A Heresy in Evolutionary Biology” [Uma Heresia na Biologia Evolucionária], *Science*, no. 241 (1988): 1431.
8. Pierre Simon Laplace, *Théorie Analytique des Probabilités* [Teoria Analítica das Probabilidades], primeira edição, (Paris, France: Mme. Ve Courcier, 1812).
9. Tim Appenzeller, “Evolution: Test Tube Evolution Catches Time in a Bottle” [A Evolução no Tubo de Ensaio Prende o Tempo em uma Garrafa], *Science* 284, no. 5423 (25 de junho 1999): 2108.
10. E. N. Lorenz, “Three Approaches to Atmospheric Predictability” [Três Métodos de Previsão Atmosférica] *Bulletin of the American Meteorological Society* 50, no. 5 (1969): 345–351.
11. E. N. Lorenz, “Deterministic Nonperiodic Flow” [Fluxo Não Periódico Determinista], *Journal of Atmospheric Sciences*, no. 20 (1963): 130–141.
12. T. Dantzig, J. Mazur, *Number: The Language of Science* [Números: a Linguagem da Ciência], (New York, NY: Plume, 2007), 141.
13. Iain Couzin, Erica Klarreich, “The Mind of the Swarm” [A Mente do Enxame], *Science News Online* 170, no. 22, 25/11/2006, 347-49, quoted in *The Free Library*, <http://www.thefreelibrary.com/The+mind+of+the+swarm:+math+explains+how+group+behavior+is+more+than...-a0155569993> (acessado em 12/3/2009).
14. *Ibid.*

CAPÍTULO 9: A DISJUNÇÃO NA JUNÇÃO

1. Donald L. Bartlett, James Steele, “Monsanto’s Harvest of Fear” [A Colheita de Medo da Monsanto], *Vanity Fair*, maio de 2008, <http://www.vanityfair.com/politics/features/2008/05/monsanto200805> (acessado em 12/3/2009).
2. Percy Schmeiser, “Monsanto vs Schmeiser,” <http://www.percyschmeiser.com/> (acessado em 19/3/2009).
3. Bartlett, Steele, “Monsanto’s Harvest of Fear” [A Colheita de Medo da Monsanto], *Vanity Fair*, maio de 2008.
4. Jeffrey M. Smith, *Seeds of Deception: Exposing Industry and Government Lies About the Safety of the Genetically Engineered Foods You’re Eating* [Sementes da Decepção: a Exposição das Mentiras da Indústria e do Governo sobre os Alimentos Geneticamente Modificados que Você Ingere], (Fairfield, IA: Yes! Books, 2003), 1.
5. Bartlett, Steele, “Monsanto’s Harvest of Fear” [A Colheita de Medo da Monsanto], *Vanity Fair*, May 2008.
6. *Ibid.*
7. Morgan Adams, “LaDuke Sows Seeds of Reclamation” [LaDuke Espalha as Sementes da Recuperação], *Berea College, BC Now*, March 21, 2007, <http://www.berea.edu/BCNow/story.asp?ArticleID=981> (acessado em 15/3/2009).
8. A. Andreades, *History of the Bank of England* [História do Banco da Inglaterra], (London, UK: P.S. King & Son, 1909), 157, 177, 184. Leia online em The Open Library, <http://openlibrary.org/b/OL7098867M/History-of-the-Bank-of-England> (acessado em 19/3/2009).
9. Benjamin Franklin, *Liberty-Tree.ca*, http://quotes.liberty-tree.ca/quote/benjamin_franklin_quote_8fb0 (acessado em 10/3/2009).
10. Stephen Zarlenga, *The Lost Science of Money* [A Ciência Perdida do Dinheiro], (Chicago, IL: The American Monetary Institute, 2002). 372–375.
11. Hartmann, *Screwed: The Undeclared War Against the Middle Class – And What We Can Do About It* [Screwed: a Guerra Não-Declarada Contra a Classe Média], 100-102.

12. *Ibid.*, 101.
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*, 102.
15. Woodrow Wilson, *The New Freedom: A Call for the Emancipation of the Generous Energies of a People* [A Nova Liberdade: um Apelo pela Emancipação das Energias Generosas de um Povo], (New York: Doubleday, Page & Company, 1918), 201.
16. Michael Hodges, "America's Total Debt Report," *Grandfather Economic Reports* [O Relatório Total de Débito da América], março de 2008, <http://www.opednews.com/populum/linkframe.php?linkid=70454> (acessado em 12/3/2009).
17. *The New Economics Foundation*, "Happy Planet Index" [O Índice de um Planeta Feliz], *The New Economics Foundation*, <http://www.happyplanetindex.org/index.htm> (acessado em 12/3/2009).
18. Matthew White, "Source List and Detailed Death Tolls for the Twentieth Century Hemoclysm" [Bibliografia e Relatório Detalhado de Número de Mortos do Hemocismo do Século 20] 1999, <http://users.erols.com/mwhite28/warstat1.htm> (acessado em 12/3/2009).
19. Riane Eisler, *The Chalice and the Blade: Our History, Our Future* [O Cálice e a Espada: Nossa História, Nosso Futuro], (New York, NY: Harper Collins, 1987, 1995), 17–18.
20. *Ibid.*, 25.
21. Riane Eisler, *The Real Wealth of Nations: Creating a Caring Economics* [A Verdadeira Riqueza das Nações: a Criação de uma Economia Compassiva], (San Francisco, CA: Berrett-Koehler, 2007), 73.
22. *The Library of Congress*, "The Pinkertons," *Today in History: August 25*, <http://www.memory.loc.gov/ammem/today/aug25.html> (acessado em 19/3/2009); Charles Siringo, fonte de, "Telling Secrets Out of School: Siringo on the Pinkertons" [Revelando os Segredos de Escola: Siringo nos Pinkertons] *History Matters*, *City University of New York, George Mason University*, <http://historymatters.gmu.edu/d/5312/> (acessado em 19/3/2009).

23. Jeremy Brecher, *Strike!: Revised and Updated Edition* [Greve! Edição Revisada e Atualizada], (Cambridge, MA: South End Press, 1997), 22, 47–48, 71–75, 77.
24. *Automobile in American Life and Society* [O Automóvel na Vida e na Sociedade Americana], “Harry Bennett,” University of Michigan, Benson Ford Research Center, http://www.autolife.umd.umich.edu/Design/Gartman/D_Castlestudy/Harry_Bennett.htm (acessado em 19/3/2009).
25. Smedley D. Butler, *War Is a Racket* [A Guerra é uma Extorsão], (Los Angeles, CA: Feral House, 1935, 2003), 21.
26. Kevin Phillips, *American Dynasty: Aristocracy, Fortune and the Politics of Deceit in the House of Bush* [Dinastia Amreicana: a Aristocracia, a Fortuna e a Política da Fraude na Casa dos Bush], (New York, NY: Penguin Books, 2004), 38–39, 190–195.
27. Frank Kofsky, *Harry S. Truman and the War Scare of 1948* [Harry S. Truman e o Susto da Guerra de 1948], (New York: St. Martin’s Press, 1995).
28. Noam Chomsky, *Understanding Power: The Indispensable Chomsky* [Para Entender o Poder: o Melhor de Noam Chomsky], (New York: The New Press, 2002), 74.
29. Central Intelligence Agency, “CIA’s Analysis of the Soviet Union, 1947-1991” [A Análise da CIA sobre a União Soviética] (Verificar o documento específico 4 sobre a possibilidade de ação militar soviética direta em 1949.), https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/cias-analysis-of-the-soviet-union-1947-1991/ore_46_49.pdf (acessado em 14/3/2009). ORE 46-49, maio de 1949, *Possibility of Direct Soviet Military Action During 1949* (Possibilidade de ação militar soviética direta em 1949).
30. David Callahan, *Dangerous Capabilities: Paul Nitze and the Cold War* [Recursos Perigosos: Paul Nitze e a Guerra Fria], (New York, NY: Harper-Collins, 1990), 66–67.
31. *Ibid.*, 106–107.
32. Joel Andreas, *Addicted to War: Why the U.S. Can’t Kick Militarism* [Viciados em Guerra: Porque os EUA não Conseguem se Livrar do Militarismo], (Oakland, CA: AK Press, 2004), 44.

33. Amy Goodman, “*Confessions of an Economic Hit Man: How the U.S. Uses Globalization to Cheat Poor Countries Out of Trillions*” [Confissões de um Assassino Econômico: Como os EUA Utilizam a Globalização para Tirar Milhões dos Países Pobres], *Democracy Now!*, 9/11/2004, http://www.democracynow.org/2004/11/9/confessions_of_an_economic_hit_man (acessado em 12/3/2009).
34. Eckhart Tolle, *A New Earth: Awakening to Your Life's Purpose* [Uma Nova Terra: Desperte para o seu Propósito de Vida], (New York: The Penguin Group U.S.A., 2005), 14.
35. Zlatica Hoke, “U.S. Health Care: World's Most Expensive” [Sistema de Saúde Norte-Americano: o Mais Caro do Mundo], *Voice of America*, 28/2/2006, <http://www.voanews.com/english/archive/2006-02/2006-02-28-voa59.cfm?CFID=139027910&CFTOKEN=45495346&jsessionid=de308335ce2d9fbab900353b13197461362c> (acessado em 13/3/2009).
36. Barbara Starfield, “Is US Health Really the Best in the World?” [O Sistema de Saúde dos EUA é Realmente o Melhor do Mundo?], *Journal of the American Medical Association* 284, no. 4 (26 de julho de 2000): 483–485.
37. Gary Null, et al, “Death by Medicine” [A Morte pela Medicina], *Life Extension Magazine*, 1º/8/2006, http://www.lef.org/magazine/mag2006/aug2006_report_death_01.htm (acessado em 13/3/2009).
38. Fritjof Capra, *The Turning Point: Science, Society and the Rising Culture* [O Ponto Crítico: Ciência, Sociedade e a Cultura em Ascensão], (New York: Bantam Books, 1983) 137-38.
39. Jacky Law, *Big Pharma: Exposing the Global Healthcare Agenda* [A Grande Farma: Os Verdadeiros Planos para o Sistema Global de Saúde], (New York, NY: Carroll & Graf, 2006), 15
40. *Ibid.*
41. Catharine Paddock, “47 Million Without Health Insurance [Milhões sem Sistema de Saúde], *Census Reports*,” *Medical News Today*, 29/8/2007, <http://www.medicalnewstoday.com/articles/80897.php> (acessado em 13/3/2009).

42. Law, *Big Pharma: Exposing the Global Healthcare Agenda* [A Grande Farma: Os Verdadeiros Planos para o Sistema Global de Saúde], 169–175.
43. Melissa Ganz, “*The Medicare Prescription Drug, Improvement, & Modernization Act of 2003: Are We Playing The Lottery With Healthcare Reform?*” [A Droga Prescrita pela Medicare, Lei de Melhoria e Modernização de 2003], 10/1/2004, *Duke Law & Technology Review*, <http://www.law.duke.edu/journals/dltr/articles/2004dltr0011.html> (acessado em 19/3/2009).
44. *Ibid.*
45. Marcia Angell, *The Truth About the Drug Companies: How They Deceive Us and What to Do About It* [A Verdade sobre os Laboratórios Farmacêuticos: Como Eles nos Enganam e o que Fazer a Respeito] de, (New York, NY: Random House, 2005), 11.
46. Law, *Big Pharma: Exposing the Global Healthcare Agenda* [A Grande Farma: Os Verdadeiros Planos para o Sistema Global de Saúde], 14.
47. J Abramson, JM Wright, “*Are lipid-lowering guidelines evidencebased?*” [As Regras de Redução de Lipídeos Têm Base Comprovada?], *The Lancet*, no. 369 (2007): 168–169.
48. R. A. Hayward, et al, “*Narrative review: lack of evidence for recommended low-density lipoprotein treatment targets: a solvable problem*” [Revisão: falta de evidência para tratamento de lipoproteína de baixa densidade é um problema que tem solução], *Annals of Internal Medicine*, no. 145 (2006): 520–530.
49. Dean Ornish, et al, “*Intensive Lifestyle Changes for Reversal of Coronary Heart Disease*” [Mudanças Radicais de Estilo de Vida para a Reversão de Doenças Coronárias], *Journal of the American Medical Association* 280 (1998): 2001–2007.
50. Stephen R. Daniels, Frank R. Greer and the Committee on Nutrition, “*Lipid Screening and Cardiovascular Health*” [Exame de Lipídios e Saúde Cardiovascular], *Childhood Pediatrics*, no. 122 (July 2008): 198–208.
51. Law, *Big Pharma: Exposing the Global Healthcare Agenda* [A Grande Farma: Os Verdadeiros Planos para o Sistema Global de Saúde], 48.

52. Marilyn Ferguson, *The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980s* [A Conspiração de Aquário: Transformação Social nos Anos 80], (Los Angeles, CA: J. P. Tarcher, 1980), 23–43.
53. David Edwards, *Burning All Illusions: A Guide to Personal and Political Freedom* [Livre da Ilusão: Um Guia para a Liberdade Pessoal e Política], (Boston, MA: South End Press, 1996), 207.
54. Edward L. Bernays, *Propaganda: with an Introduction by Mark Crispin Miller* [Propaganda: com introdução de Mark Crispin Miller], (Brooklyn, NY: Ig Publishing, 2004), 9–15.
55. *Ibid.*, 54
56. *Ibid.*, 71.
57. *Ibid.*, 25.
58. Larry Tye, *The Father of Spin: Edward L. Bernays and the Birth of Public Relations* [O Paid a Manipulação: Edward L. Bernays e o Nascimento das Relações Públicas], (New York, NY: Henry Holt and Company, 1998), 156–170.
59. Jerboa Kolinowski, “Edward L. Bernays,” *Everything2*, 3/7/2002, <http://everything2.com/title/Edward%2520L.%2520Bernays> (acessado em 13/3/2009).
60. Ron Chernow, “First Among Flacks, Edward L. Bernays created many a public relations image, starting with his own” [Primeiro entre os Propagandistas, Edward L. Bernays criou muitas imagens de relações públicas, começando por sua própria], 16/8/1998, *New York Times*, http://www.nytimes.com/books/98/08/16/reviews/980816.16chernot.html?_r=1 (acessado em 19/3/2009); Tye, *The Father of Spin: Edward L. Bernays and the Birth of Public Relations* [O Paid a Manipulação: Edward L. Bernays e o Nascimento das Relações Públicas], 163–184.
61. Kolinowski, “Edward L. Bernays,” *Everything2*, 3/7/2002.
62. Norman Solomon, *War Made Easy: How Presidents and Pundits Keep Spinning Us to Death* [Guerra Fácil: Como os Presidentes e os Eruditos nos Manipulam], (New Jersey: John Wiley & Sons, 2005), 177.

CAPÍTULO 10: DA LOUCURA À SANIDADE

1. Erich Fromm, *The Sane Society* [A Sociedade Lúcida], (New York, NY: Henry Holt and Company, 1955), 15.
2. David Edwards, *Burning All Illusions: A Guide to Personal and Political Freedom* [Livro da Ilusão: Um Guia para a Liberdade Pessoal e Política], (Boston, MA: South End Press, 1996), 62.
3. Michael Lerner, *The Left Hand of God: Taking Back Our Country From the Religious Right* [A Mão Esquerda de Deus: Resgatando Nosso País do Poderio da Religião], (New York, NY: HarperCollins, 2006), 15–36, 41–75.
4. Alan Watts, *The Wisdom of Insecurity* [A Sabedoria da Incerteza], (New York, NY: Pantheon Books, 1951), 23.
5. Fritjof Capra, *The Tao of Physics: An Exploration of the Parallels between Modern Physics and Eastern Mysticism* [O Tao da Física: Uma Análise dos Paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental], (Boston, MA: Shambhala, 1975), 141.
6. Steve Bhaerman, “Unquestioned Answers: Nonconspiracy Theorist Takes Aim at the Official 9–11 Story” [As Respostas Não Questionadas: Um Teórico Não Conspirador Direciona a História do 9 de Setembro], *North Bay Bohemian*, 14–20/6/2006, <http://www.bohemian.com/bohemian/06.14.06/david-ray-griffin-0624.html> (acessado em 13/3/2009).
7. Aura Glaser, *A Call to Compassion: Bringing Buddhist Practices of the Heart into the Soul of Psychology* [Um Apelo à Compaixão: A Inserção de Práticas Budistas na Base da Psicologia], (Berwick, ME: Nicholas-Hays, 2005), 11.
8. Braden, *The Divine Matrix: Bridging Time, Space, Miracles, and Belief* [A Matriz Divina: a União do Tempo, do Espaço, dos Milagres e das Crenças], 84–85.
9. *Ibid.*, 87.
10. Glaser, *A Call to Compassion: Bringing Buddhist Practices of the Heart into the Soul of Psychology* [Um Apelo à Compaixão: A Inserção de Práticas Budistas na Base da Psicologia], 21.

CAPÍTULO 11: EVOLUÇÃO FRACTAL

1. Matthew R. Walsh, David N. Reznick, “Interactions between the direct and indirect effects of predators determine life history evolution in a killifish” [Interações entre os efeitos diretos e indiretos dos predadores determinam a história da evolução da vida em peixes de aquário], *Proceedings of the National Academy of Sciences*, no. 105 (2008): 594–599.
2. Steven M. Vamosi, “The presence of other fish species affects speciation in threespine sticklebacks” [A presença de outras espécies de peixe afetam a especiação de peixe espinhento], *Evolutionary Ecology Research*, no. 5 (2003): 717–730.
3. Appenzeller, “EVOLUTION: Test Tube Evolution Catches Time in a Bottle” [A Evolução no Tubo de Ensaio Prende o Tempo em uma Garrafa], *Science*, Vol. 284, no. 5423 (25 June 1999): 2108.
4. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2005), 65. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
5. *Ibid.*, 197.
6. William Allman, “The Mathematics of Human Life” [A Matemática da Vida Humana], *U.S. News & World Report* 114, 1993, 84–85.
7. Eldredge, S.J. Gould, “Punctuated Equilibria: an Alternative to Phyletic Gradualism” [Equilíbrio Pontuado: Uma Alternativa ao Gradualismo Filético], In T.M. Schopf, (ed.), *Models in Palaeobiology*, (San Francisco, CA: Freeman Cooper, 1972), 82–115.
8. Christiane Galus, “La sixième extinction des espèces peut encore être évitée” [A extinção das espécies ainda pode ser evitada], *Le Monde*, 14/8/2008, http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=1047018&clef=ARC-TRK-D_01, Versão em Inglês, <http://www.truthout.org/article/sixth-species-extinction-can-still-beavoided> (acessado em 12/3/2009).

9. J. W. Costerton, Philip S. Stewart, E. P. Greenberg, “*Bacterial Biofilms: A Common Cause of Persistent Infections*” [Biofilmes de Bactérias: Uma Causa Comum de Infecções], *Science* 284, no. 5418 (21 May 1999): 1318–1322.
10. L. Margulis, *Symbiosis in Cell Evolution* [A Simbiose na Evolução das Células], (New York, NY: W.H. Freeman, 1993).
11. L. Margulis, D. Sagan, *Microcosmos*, (New York, NY: Summit Books, 1986), 14.
12. Buckminster Fuller, *Operating Manual for Spaceship Earth* [Manual de Operação da Espaçonave Terra], (Illinois: Southern Illinois University Press, Reprint of 1969 edition, 1976).

CAPÍTULO 12: MELHOR CONSULTAR UM BOM PSQUIATRA

1. Albert Einstein, quote, to Margot Einstein, after his sister Maja's death, 1951 [Albert Einstein, citação, à Margot Einstein, após a morte de sua irmã Maja], extraído de Hanna Loewy in A&E Television Einstein Biography, VPI International, 1991, <http://www.asl-associates.com/einsteinquotes.htm> (acessado em 4/3/2009).
2. Arnold J. Toynbee, David C. Somervell, *A Study of History* [Um Estudo sobre a História], (New York: Oxford Press, 1946, 1974), 575–577.
3. Lipton, *The Biology of Belief: Unleashing the Power of Consciousness, Matter and Miracles* [A Biologia da Crença. Ciência e Espiritualidade na Mesma Sintonia: o Poder da Consciência sobre a Matéria e os Milagres], (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2005), 146. (A *Biologia da Crença* foi publicado no Brasil pela Butterfly Editora).
4. *Ibid.*, 148-153.
5. Eisler, *The Chalice and the Blade: Our History, Our Future* [O Cálice e a Espada: Nossa História, Nosso Futuro], (New York, NY: Harper Collins, 1987, 1995), 43.

CAPÍTULO 13: UMA SUGESTÃO

1. R. C. Henry, “*The mental Universe*” [O Universo mental], *Nature*, no. 436 (2005): 29.
2. *Ibid.*

3. *Ibid.*
4. G. Grinberg-Zylberbaum, M. Delaflor, L. Attie, A. Goswami, “*The Einstein-Podolsky-Rosenparadox in the brain: the transferred potential*” [O Paradoxo Einstein-Podolsky-Rosen no cérebro: o potencial transferido], *Physics Essays*, no. 7 (1994): 422–428.
5. Dean Radin, *Entangled Minds: Extrasensory Experiences In a Quantum Reality* [Mentes Interligadas: Experiências Extrasensoriais em uma Realidade Quântica], (New York, NY: Paraview Pocket Books, 2006), 164-170.
6. *Ibid.*, 195–202.
7. *Ibid.*, 203.
8. McTaggart, *The Field: The Quest for the Secret Force of the Universe* [O Campo: Em Busca da Força Secreta do Universo], 101–109.
9. Russell Targ, Jane Katra, *Miracles of Mind: Exploring Nonlocal Consciousness and Spiritual Healing* [Milagres da Mente: Um Estudo da Consciência Não-Local e da Cura Espiritual], (Novato, CA: New World Library, 1998), 40–44.
10. McTaggart. *The Field: The Quest for the Secret Force of the Universe* [O Campo: Em Busca da Força Secreta do Universo], 181–196.
11. Larry Dossey, M.D., *Prayer is Good Medicine* [A Prece é um Bom Remédio], (New York, NY: Harper-Collins, 1996), 55.
12. Braden, *The Divine Matrix: Bridging Time, Space, Miracles, and Belief* [A Matriz Divina: a União do Tempo, do Espaço, dos Milagres e das Crenças], 84.
13. Gregg Braden, *Secrets of the Lost Mode of Prayer: The Hidden Power of Beauty, Blessing, Wisdom and Hurt* [Segredos da Antiga Maneira de Orar: O Poder Oculto da Beleza, da Bênção, da Sabedoria e da Dor], 13–18.
14. *Ibid.*, 167–69.
15. Dossey, M.D., *Prayer is Good Medicine* [A Oração é um Bom Remédio], 55.

16. Braden, *Secrets of the Lost Mode of Prayer: The Hidden Power of Beauty, Blessing, Wisdom and Hurt* [Segredos da Antiga Maneira de Orar: O Poder Oculto da Beleza, da Bênção, da Sabedoria e da Dor], 168.
17. Doc Childre, Howard Martin, *The HeartMath Solution* [A Solução HeartMath], (New York, NY: HarperCollins, 1999), 6.
18. *Ibid.*, 10–11.
19. *Ibid.*, 11.
20. *Ibid.*, 13–16.
21. *Global Coherence Initiative*. Para saber mais sobre a *Global Coherence Initiative* visite <http://www.glcoherence.org/about-us/about.html> (acessado em 12/3/2009).
22. Braden, *Secrets of the Lost Mode of Prayer: The Hidden Power of Beauty, Blessing, Wisdom and Hurt* [Segredos da Antiga Maneira de Orar: O Poder Oculto da Beleza, da Bênção, da Sabedoria e da Dor], 115–16.
23. “*Science, Spirituality and Peace*” [Ciência, Espiritualidade e Paz], CommonPassion.org, http://www.commonpassion.org/index.php?option=com_content&task=view&id=44&Itemid=58 (acessado em 13/3/2009).
24. *The Intention Experiment* [O Experimento da Intenção], <http://www.theintentionexperiment.com/> (acessado em 13/3/2009).
25. CommonPassion.org, <http://www.commonpassion.org/> (acessado em 13/3/2009).
26. *Ibid.*
27. Arjuna Ardagh, *Awakening Into Oneness: The Power of Blessing in the Evolution of Consciousness* [O Despertar da Unidade: O Poder da Bênção na Evolução da Consciência], (Boulder, CO: Sounds True, 2007), 135–148.
28. McTaggart. *The Field: The Quest for the Secret Force of the Universe* [O Campo: Em Busca da Força Secreta do Universo], 184–85.

29. Targ, Katra, *Miracles of Mind: Exploring Nonlocal Consciousness and Spiritual Healing* [Milagres da Mente: A Busca da Consciência Não-Local e da Cura Espiritual], 110.
30. Leonard Laskow, *Healing With Love: A Breakthrough Mind/Body Program for Healing Yourself and Others* [Curando com Amor: Um Programa Inovador de Corpo/Mente para Curar a Você e aos Outros], (Mill Valley, CA: Wholeness Press, 1992), 20.
31. *Ibid.*, 20–21.
32. *Ibid.*, 303–307.
33. *Ibid.*, 2.
34. *Ibid.*, 4–10.
35. *Ibid.*, 77.
36. *Ibid.*, 65.
37. “The Universality of the Golden Rule in the World Religions” [A Universalidade da Regra de Ouro nas Religiões Mundiais], Teaching Values.com <http://www.teachingvalues.com/goldenrule.html> (acessado em 13/3/2009)
38. Glaser, *A Call to Compassion: Bringing Buddhist Practices of the Heart into the Soul of Psychology* [Um Apelo à Compaixão: A Inserção de Práticas Budistas na Base da Psicologia], xi.
39. *Ibid.*

CAPÍTULO 14: UMA ECONOMIA SAUDÁVEL

1. Chen, Shaohua, Martin, Ravallion, “*The Developing World Is Poorer Than We Thought, But No Less Successful in the Fight against Poverty*” [O Mundo em Desenvolvimento é Mais Pobre do que Imaginamos, Porém Mais Forte na Luta contra a Pobreza], *World Bank Policy Research Working Paper Series, Social Science Research Network*, August 1, 2008, <http://ssrn.com/abstract=1259575> (acessado em 3/3/2009).
2. Meg Howe, Graeme Young, “*According to Survey Statistics Happiness of Wealthy People is No Greater!*” [Segundo Estatísticas Pessoas Ricas Não São Mais Felizes que as Outras], *Small Farm*

- Permaculture and Sustainable Living*, 5/1/2009, http://www.small-farm-permaculture-and-sustainable-living.com/statistics_happiness_of_wealthy_people.html (acessado em 5/3/2009).
3. Charles Walters, *Unforgiven: The American Economic System Sold for Debt and War* [O Imperdoável: O Sistema da Economia Americana Vendido em Troca de Dívidas e Guerra], (Austin, TX: Acres, U.S.A., 1971, 2003), 37.
 4. *Ibid.*, ix.
 5. *Ibid.*, 31.
 6. Robert Costanza, et al, “The value of the world’s ecosystem services and natural capital” [O valor dos serviços do ecossistema e do capital natural], *Nature* 387, (15/5/1997): 253–260.
 7. “Living Planet Report 2006 outlines scenarios for humanity’s future” [Relatório da Vida no Planeta em 2006: uma visão do futuro da humanidade], Global Footprint Network, http://www.footprintnetwork.org/newsletters/gfn_blast_0610.html (acessado em 13/3/2009).
 8. Thomas Jefferson, “Thomas Jefferson on Politics and Government: Money and Banking” [A Visão de Thomas Jefferson sobre Política e Governo: Moeda e Sistema Bancário], *The University of Virginia Archives*, <http://etext.virginia.edu/jefferson/quotations/jeff1325.htm> (acessado em 14/3/2009).
 9. Richard Kotlarz, entrevista com Steve Bhaerman, 14/3/2008.
 10. *Ibid.*
 11. Thomas Jefferson, quote, *The Quotations* [Citações], *Página*, <http://www.quotationspage.com/quote/37700.html> (acessado em 14/3/2009).
 12. Walters, *Unforgiven: The American Economic System Sold for Debt and War* [O Imperdoável: O Sistema da Economia Americana Vendido em Troca de Dívidas e Guerra], 239.
 13. David C. Korten, *Agenda for a New Economy: From Phantom Wealth to Real Wealth* [O Planejamento de uma Nova Economia: Da Riqueza Ilusória à Riqueza Real], (San Francisco, CA: Berrett-Koehler, 2009), 26.
 14. *Ibid.*, 49–50.

15. *Ibid.*, 50.
16. *Ibid.*, 51.
17. *Ibid.*, 53.
18. Stephen Zarlenga, “*The 1930s Chicago Plan and the American Monetary Act*” [O Plano de Chicago de 1930 e a Lei Monetária Americana], *AMI Reform Conference*, October 2005, <http://www.monetary.org/chicagoplan.html> (acessado em 14/3/2009).
19. Ravi Dykema, “*An Interview with Bernard Lietaer: Money, Community and Social Change*” [Uma Entrevista com Bernard Lietaer: Dinheiro, Comunidade e Mudança Social], *Nexus*, July–August, 2003.
20. *Ibid.*
21. *Ibid.*
22. James Taris, *Global Quest for Local LETS* [A Busca Global dos LETS Globais], (E-book, 2002), <http://www.jamestaris.com/TTW-Contents.htm> (acessado em 14/3/2009).
23. Civic Economics, “*The San Francisco Retail Diversity Study*” [O Estudo sobre a Diversidade do Varejo de San Francisco], *Civic Economics*, Maio, 2007, 1-28, <http://www.civiceconomics.com/SF/> (acessado em 14/3/2009).
24. Civic Economics, *Economic Impact Analysis: A Case Study, Local Merchants vs. Chain Retailers* [Economia Civil, Análise de Impacto Econômico: Um Estudo de Caso, Comerciantes Locais versus Cadeias de Lojas], (Austin, TX: Civic Economics, 2002), 1–16. <http://www.bigboxtoolkit.com/index.php/Economic-Impact-of-Local-Businesses-vs.-Chains.html> (acessado em 15/4/2009).
25. “*The San Francisco Retail Diversity Study*” [O Estudo sobre a Diversidade de Varejo de San Francisco], *Studies in Economics*, Sonoma County GoLocal Coop, Abril, 2007, http://sonomacounty.golocal.coop/?page_id=61 (acessado em 14/3/2009).
26. Kencho Wandí, “*Bhutan – where happiness outranks wealth*” [Bhutan – quando a felicidade se sobrepõe à riqueza] *Developments*, <http://www.developments.org.uk/articles/bhutan-where-happiness-outranks-wealth/> (acessado em 14/3/2009).

CAPÍTULO 15: A POLÍTICA TEM CURA

1. Jim Rough, *Society's Breakthrough: Releasing Essential Wisdom and Virtue in All the People* [A Nova Sociedade: O Renascer da Sabedoria e da Virtude em Todas as Pessoas], (Port Townsend, WA: Jim Rough, 2002), 55–56.
2. Solomon, *War Made Easy: How Presidents and Pundits Keep Spinning Us to Death* [Guerra Fácil: Como os Presidentes e os Eruditos nos Manipulam], 281.
3. Richard Sanders, “Regime Change: How the CIA put Saddam’s Party in Power” [Mudança de Regime: Como a CIA Levou o Partido de Saddam ao Poder], *Coalition to Oppose the Arms Trade Quarterly, Press for Conversion!*, 24/10/2002.
4. Malcolm Byrne, “The Secret History of the Iran Coup, 1953” [A História Secreta do Golpe no Irã], *National Security Archive Electronic Briefing Book* 28, <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB28/> (acessado em 19/3/2009).
5. James Surowiecki, *The Wisdom of Crowds* [A Sabedoria das Massas], (New York, NY: Doubleday, 2004), xi–xii.
6. *Ibid.*, xiv.
7. *Ibid.*, 7–11.
8. *Ibid.*, 28.
9. Don Tapscott, Anthony Williams, *Wikinomics: How Mass-Collaboration Changes Everything* [Wikinomics: Como A Cooperação em Massa Pode Mudar as Coisas], (New York, NY: Penguin Books, 2006), 67.
10. *Ibid.*, 7–10.
11. Surowiecki, *The Wisdom of Crowds* [A Sabedoria das Massas], 140–145.
12. Tom Atlee, *The Tao of Democracy: Using Co-Intelligence to Create a World That Works for All*, (Eugene, OR: World Works Press, 2003), 55.
13. *Ibid.*, 5.
14. *Ibid.*, 107.

15. *Ibid.*, 1.
16. *Ibid.*, 85., A fonte original desta referência está no livro: Roger Fisher and William Ury, *Getting to Yes: Negotiating Agreements without Giving In* (Boston: Houghton Mifflin Co. 1981)
17. *Ibid.*, 9.
18. Alice Gavin, "Conflict Transformation in the Middle East: Dr. Johan Galtung on Confederation in Iraq and a Middle East Community for Israel/Palestine," *Peace Power* 2, no. 1, Winter 2006, http://www.calpeacepower.org/0201/galtung_transcend.htm (acessado em 14/3/2009).
19. Atlee, *The Tao of Democracy: Using Co-Intelligence to Create a World That Works for All*, 182.
20. Aldous Huxley, *Time Must Have A Stop*, (Illinois: Dalkey Archive Press, 1998), 45.
21. Rough, *Society's Breakthrough: Releasing Essential Wisdom and Virtue in All the People*, 11–12.
22. *Ibid.*, 19–38.
23. Atlee, *The Tao of Democracy: Using Co-Intelligence to Create a World That Works for All* [O Tao da Democracia: Como Usar a Cointeligência para Criar um Mundo Melhor para Todos], v.
24. *Ibid.*, 24–28.
25. *Ibid.*, 25.
26. *Ibid.*, 28.
27. *Ibid.*, 128–129.
28. *Ibid.*, 233.
29. *Ibid.*, 130–143, 156–157.
30. Anodea Judith, *Waking the Global Heart: Humanity's Rite of Passage From the Love of Power to the Power of Love* [O Despertar do Coração Global: O Rito de Passagem do Amor pelo Poder para o Poder do Amor], (Santa Rosa, CA: Elite Books, 2006), 18.
31. Richard Flyer, entrevistas de Steve Bhaerman, 3/1/2008 e 5/2/2009; para mais informações acesse: Richard Flyer, "Interview With Richard Flyer" [Entrevista com Richard Flyier], *The*

Conscious Media Network, Network,
<http://www.consciousmedianetwork.com/members/rflyer.htm> (acessado em 12/3/2009).

32. *Ibid.*; Para mais informações acesse: *Conscious Community Campaign*,
<http://www.itstimereno.org/> (acessado em 12/3/2009).

33. *Ibid.*

CAPÍTULO 16: UMA HISTÓRIA COMPLETAMENTE NOVA

1. Joseph Chilton Pearce, *The Biology of Transcendence: A Blueprint of the Human Spirit* [A Biologia da Transcendência: Um Esboço do Espírito Humano], (Rochester, VT: Park Street Press, 2002), 119.
2. Hermann Goering, citação, ThinkExist.com,
http://thinkexist.com/quotation/naturally_the_common_people_don-t_want_war/339098.html (acessado em 14/3/2009).
3. M. K. Asante, Y. Miike, J. Yin, editors, *The Global Intercultural Communication Reader* [O Leitor da Comunicação Global Intercultural], (New York, NY: Routledge, 2007), 114–117.
4. Nelson Mandela, “1993 Address to the Nation” [A Mensagem de 1993 para a Nação], *Black Past.Org*, <http://www.blackpast.org/?q=1993-nelson-mandela-address-nation> (acessado em 19/3/2009).
5. Lusk, *Forgive For Good: A Proven Prescription for Health and Happiness* [Perdoar: Uma Receita Comprovada de Saúde e Felicidade], 89–101.
6. Kathryn Watterson, *Not by the Sword: How a Cantor and His Wife Transformed a Klansman* [Jamais pela Espada: Como um Cantor de Igreja e sua Esposa Transformaram um Membro da Ku Kux Klan], (Boston, MA: Northeastern University, 2001).
7. Ervin Laszlo, Jude Currivan, *CosMos: A Co-Creator’s Guide to the Whole World* [CosMos: Um Guia do Criador do Mundo], (Carlsbad, CA: Hay House, 2008), 93.
8. Marci Shimoff, *Happy for No Reason: 7 Steps to Being Happy From the Inside Out* [Feliz sem Motivo: 7 Passos para Ser Feliz de Dentro para Fora], (New York, NY: Simon & Schuster,

2008), 40.

9. *Ibid.*, 21.

10. *Ibid.*, 151.

11. Kiyoshi Nakahara and Yasushi Miyashita, “*Understanding Intentions: Through the Looking Glass*” [Por Trás das Intenções], *Science* 308, (2005): 644–645.

12. Martin Seligman, *Learned Optimism: How to Change Your Mind and Your Life* [Aprenda a Ser Otimista: Como Mudar sua Mente e sua Vida], (New York, NY: Pocketbooks, 1998).

13. Shimoff, *Happy for No Reason: 7 Steps to Being Happy From the Inside Out* [Feliz sem Motivo: 7 Passos para Ser Feliz de Dentro para Fora], 125.

14. Glynda-Lee Hoffman, *The Secret Dowry of Eve: Women’s Role in the Development of Consciousness* [O Talento Secreto de Eva: O Papel da Mulher no Desenvolvimento da Consciência], (Rochester, VT: Park Street Press, 2003), 16.

15. Alexander S. Kochkin, Patricia M. Van Camp, *A New America: An Awakened Future on Our Horizon* [Uma Nova América: Um Futuro Cosnciente em Nosso Horizonte]; Stevensville, MT: Global Awakening Press, 2000-2005), 7–11.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- (ATP) moléculas de trifosfato de adenosina, 393, 447, 459
- Aborígene australiano, 106
- Aborígenes, 101, 106
- Ácidos nucleicos, estrutura molecular, 213
- Administração Bush-Cheney, 521
- Afeganistão, EUA. bombardeamento do, 303
- África do Sul, 523-524
- Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, 375
- Agitação popular, perspectiva newtoniana-darwiniana sobre, 480
- Agressão, origens da, 225
- Agricultura, padrões celestiais e evolução da, 342
- Agrupamento humano, 258
- Aldrin, Edwin “Buzz”, 374
- Alger, Horatio, 133
- Aliança de Haudenosaunee, 138
- Aliança Pachamama, 151
- Allman, William, 357, 572
- Alma, conceito de Sócrates sobre a, 109
- Amamentação, 289
- Ambiente
 - adaptação do organismo ao, 243
 - atividade genética e, 121, 230
 - evolução e alterações no, 346
 - modificação do pela introdução de novos organismos, 330
 - moldagem das espécies pelo, 128
 - mudança global ambiental, 208
 - necessidade de equilíbrio no, 240
 - padrões da biosfera no, 350
 - resposta genética a crises no, 242
- Âmbito espiritual, relacionamento da civilização com o, 103-123
- Âmbito material, relacionamento da civilização com, 103-123
- América. *Veja Estados Unidos da América*
- American Monetary Institute, 467, 563
- American Tobacco Company, 301
- Amma, Sri, 433
- Amor
 - células imaginais e, 36
 - como uma força de grande poder da humanidade, 504

harmônicos universais do, 439
processo de cura do, 430, 522
separação como oposto do, 437
universal, 314
Andes, profecias dos nativos dos, 149, 151
Andreas, Joel, 283, 567
Anfíbios, 355, 369-370
Angell, Marcia, 292, 568
Animais, evolução dos, 366
Animismo, 102, 105-108, 199, 326, 329
Anodea, Judith, 503
Ano de Jubileu, 468
Anomalias congênitas, 70
Anthony, Susan B., 148
Antibióticos, resistência dos micróbios aos, 247
Anulação do poder pessoal, 494
Apocalipse, 260, 262-263, 287, 309, 556
Apollo, foguetes espaciais, 374
Aprendizado, base do padrão de reconhecimento do, 521
Aquecimento global, 32
Aquino, Tomas de, 111-112, 165
Arbenz Jacobo (predidente da Guatemala), 302
Ardagh, Arjuna, 532, 576
Aristóteles, 112, 165, 180, 446, 448, 449
Armagedon, 317
Armstrong, Neil, 374
Artigos da Confederação, E.U.A., 141
Assassino econômico, 284
Associação Britânica para o Avanço da Ciência [*British Association for the Advancement of Science*], 170, 198
Assembleia Nacional da França, 141
Astrologia, desenvolvimento da, 343
padrões astronômicos, comportamento humano e, 343
Atlee, Tom, 489, 490, 491, 493, 501, 502, 509, 581
Átomos, 13, 110, 169, 172, 174, 407-408
Ausência do eu, Budista, 319
Autoanálise, 81
Autoridade, nova moral, 509
Autossuficiente, local, 472
Avery, Oswald, 213

B

Babuíno, 225-226, 228

Bacon, Frances, 114, 116, 166, 211

Bactérias

- comunidades em biofilme, 361
- evolução de, 359
- genética, 241
- multicelulares e de células individuais, 361-362

Bancária, reserva fracionária 461, 467

Bancos, emissão de moeda, 461

Bandeira da Terra, 36, 375

Bank of England, 271, 274, 284, 491, 564

Bartlett, Donald L., 269, 563, 564

Barton, William, 141

Bases nucleotídicas, 215,

Batimento cardíaco, a linguagem inteligente do, 429

Beard, Charles, 133

Becqueral, Antone, 170

Bem-estar pessoal, 449, 470

Bênção da Unidade, 433, 532

Bens comuns, 482

Bernays, Edwards, 299-303, 570

Bhagavan, Sri, 433

Bhutan, 580

Bíblia, A, 35, 48, 116, 144, 193, 206, 217, 235, 244, 265, 276, 279, 312, 548

Big Bang, 329

Biofilme, 361-363, 385, 573

Biologia, 238. *Veja também ciência, nova ciência*

Biônica, 393

Biosfera

- alterações no equilíbrio da, 382
- evolução da, 191
- influência reguladora da, 331
- natureza fractal da, 354
- padrões auto-similares dentro da, 354
- pré-histórica, 79

Bodhisattvas, 319, 442

Bomba atômica, 282

Bomba de hidrogênio, 32

Bonobos, 225-228, 561

Boston Tea Party, 136

Braden, Gregg, 8, 319-320, 425-427, 550, 557

Brown, Dee, 146

Budismo

- atenção plena, 531
- compaixão, 318-319
- lei cármica do, 440

orações do, 427
Regra de Ouro do, 440
tonglen, 442
vida, objetivo real do, 443
Bush, George W. (Presidente dos EUA), 281, 291, 404, 481
Bush, Prescott, Associação Britânica para o Avanço da Ciência 281
Butler, Smedley (General dos EUA), 280-281
Borboleta, metamorfose da, 35

C

Cairns, John, 242-247, 250, 254, 261, 346, 359, 562
Calendário Asteca, 150
Campbell, Joseph, 105, 552
Campo de energia
 campo do ponto zero, 180-181
 controle do Universo pelos, 174
 crenças místicas/religiosas em, 416-417
 densidade dos, 180
 descobertas de Planck sobre, 172
 Einstein e, 166
 espírito, matéria e, 175
 formação dos organismos primitivos pelos, 518
 influência sobre a civilização humana, 103, 518
 matéria e, 180
 mórficos, 182
 natureza facilitadora dos, 175
 práticas de cura alternativas e, 120
Campo mórfico ou morfogenéticos, 182, 310
Campo do ponto zero, 180
Canassatego, Chefe, 140-141
Câncer
 causas ambientais do, 229
 distorção epigenética indicadora e, 77
 predisposição genética para o, crença na, 308
 remissão espontânea do, 56
Capra, Fritjof, 229, 559, 568, 571
Caos determinista, 348
Características femininas *versus* masculinas, 408
Características masculinas *versus* femininas, 408
Carros Edsel, 340-341, 345
Carta de Direitos, U.S., 273
Casey, Caroline, 112
Cavaleiros Templários, 143

CCN (*Conscious Community Network*) [Rede da Comunidade Consciente], 504-505

Células

- administração da energia das, 393-394
- amar nossas, importância de, 438
- área de superfície da membrana e, 362, 364
- atividade elétrica neural e, 89
- blocos de macromoléculas, 408, 410
- cérebro das, 357
- comportamento de crescimento *versus* comportamento de proteção das, 402
- corpo humano comparado às, 379-380
- diferenciação das, 204, 385
- eficiência das, operacional, 385
- evolução das, 80
- funções das, 60
- imaginais, 27-28, 36, 467, 539
- imunes, 64
- independência e vida comunitária das, 395
- livres, capacidade de consciência das, 364
- mecanismo das, 61-70
- nos organismos, quantificação da, 357
- potencial das células, 365
- vias celulares, 61

Células das plantas, evolução das, 363

Central Intelligence Agency (CIA), 566

Cérebro

- associação de emoções e comportamento do, 534
- comportamento de busca da harmonia, 71
- controle da mente por parte do, 58
- evolução do, 81
- modelo médico do, 49
- monitoramento da atividade no ambiente pelo, 417
- natureza quântica do, 417
- níveis de frequência e atividade do, 89
- propósito do, 66
- sistemas computadorizados comparados ao, 390

Chakras, 428, 532

Chambers, Robert, 193

Children, Doc, 428-430, 575

Chomsky, Noam, 282, 566

CIA (EUA), papel no Iraque e no Irã, 481

Ciclos lunares, menstruação feminina e, 343

Ciência, natureza neutral da pura, 265

Ciência, evolucionária. *Veja Holismo*

Ciências biomédicas, 219

Ciências do Genoma Humano, 224

Ciência moderna

- competição macho-fêmea, 537
- corpo humano, natureza do, 49
- derivação da vida, 61
- exceções, descarte das, 54
- limitações da, 166
- missão da, 211
- mutações, crença sobre as, 244
- nascimento da, 165
- natureza da doença, 54
- o papel de Deus na, 166
- questões da, 165

Ciência, nova. *Veja também Holismo*

Cientismo. *Veja Materialismo científico*

Cientistas da Renascença, 162

Círculos, o poder dos, 499-501

Civilização. *Veja também Culturas; Humanidade; Sociedade; Agricultura e Desenvolvimento da civilização ocidental*, 369

- ameaça à sobrevivência da, 327, 328, 411
- ameaça do complexo militar-industrial à, 448
- ancestrais animísticos da, retorno à consciência da, 335
- autoritarismo patriarcal, 407
- aviação, impacto da, 373-374
- caráter masculino da atual, 411
- componentes necessários à sobrevivência da, 346
- consumo de energia da, 400-401
- cooperação, mudança do estado de competição para a, 310, 537
- desastres da, 346
- desencanto do mundo pós-Holocausto, 311
- desprogramação da disfunção dogmática da, 265
- estágio anfíbio da, 369
- estágio de maricultura da, 370
- evolução *versus* revolução da, 330
- expectativa de vida de uma, 329
- falta de bem-estar, indicações de, 450
- fase de dinossauro da, 372
- fase de nascimento da, 373, 375
- fase mamífera da, 375
- fase reptiliana da, 373
- fator de projeção da, 400
- futuro, probabilidades e possibilidades da, 317
- ideias fixas da, 399
- ineficácia da, 399-400
- insanidade cultural da, 309
- integração dos opostos, necessidade de, 310

- liberdade, luta pela, 528-533
- mais saudável, estratégias para uma, 102, 333, 467-473
- matriarcal, 407
- medida de riqueza da, 448
- medo da. *Veja Medos, caráter feminino inicial da primitiva*, 411
- missão da, 29
- mudança radical iminente da, 298
- natureza das crenças atuais da, 345
- paradigmas basais da. *Veja Paradigmas da civilização, Crenças básicas sobre realidade, impacto das*, 516
- polaridades opostas da, 407
- princípio monetário da, 460
- processo de diferenciação da, 204, 385
- processo de nascimento da, 25
- projeção dos padrões fractais no futuro da, 375
- proteção *versus* crescimento da, 406
- recursos energéticos, desvio de, 402
- recursos, pilhagem dos, 384, 457
- reino material, relacionamento com, 103-116
- requisito para a transformação da, 334
- revisões paradigmáticas e transformação da, 326
- sanidade da. *Veja Sanidade, Remissão espontânea da*, 31
- visão animística da, 482, 484
- Civilização ocidental
 - atitude imperialista da, 481
 - dominação e violência na, difusão da, 277, 508
 - fases da, 103-121
 - humanos distantes do meio ambiente na, 451
 - indivíduos, perda de poder pessoal dos, 497
 - interesses políticos da, 482
 - laços espirituais, ausência de, 504
 - negação do aspecto feminino na, 150
- Cleveland, Grover (Presidente dos EUA), 274
- Clube do Avental de Couro, 143
- Coalizão Cristã da América do Norte [*Christian Coalition of America*], 313
- Cobradores, templo, 266, 463
- Coerência
 - cardíaca, 430-431
 - coerência inteligente do coração, 430-431
 - estabelecendo natural, 540
 - global, aumento da, 420
 - grupal, 533
 - mental e comportamental, cultivo da, 531
 - natureza contagiosa da, 433
- Cognitive Behavioral Therapy* [Terapia Cognitiva Comportamental], 531
- Cohen, Felix, 140

Cointeligência, 489-490, 501
Co-Intelligence Institute [Instituto Da Cointeligência], 489
Collins, Michael, 374, 565
Columbo, Christovão, 145
Committee on Public Information (CPI) [Comitê de Informações Públicas], 300
Common Passion, 432
Complexo Militar-Industrial (MIC), 283, 400, 507
Comportamento social, desenvolvimento do, 86
Comunicação paranormal, 182
Comunidades espirituais, 313
Comunidades multicelulares, evolução das, 364, 376
Comunismo, 285, 508, 520
Comunismo Chinês, 508
Comunismo Soviético, 508
Comunidades
 espirituais, 313
 natureza das bem-sucedidas, 388, 395
 origem da palavra, 469-470
 propósito das, 457
Comunidades celulares
 a maior prioridade das, 450
 capacidade consciente das, 330
 capacidade programável das, 240
 civilização comparadas às, 388
 comunidades celulares
 desejo de sobreviver das, 247
 especialização das, evolução das, 365
 evolução das, 79-80, 204, 205, 331, 365
 Índice de Sobrevivência das, 384-387
 inteligência das, 388
 materiais necessários à, engenharia, 389
 mutação proposital de genes pelas, 359
 núcleo das, 66
 organismos comparados às, 387
 pessoas comparadas às, 387
 política das, harmônicas, 477
 proteínas das. Veja proteínas celulares
 tecnologia das, 333
Compaixão, 316, 317-319
Competição, 205-206, 321, 537
Complexo de vítima, 85, 92, 535
Comportamento
 amoral e imoral, 221
 autossabotagem, 69, 74
 controle do subconsciente, 69-70, 514

- criação do, 70-71, 74
- influência da atividade da Mecânica Quântica sobre, 416
- influência sobre o, 416
- origens inconscientes do, 522
- padrões aprendidos de, 63, 65
- padrões inerentes de, 258
- reação de luta ou fuga, 50
- resposta ao estímulo, 63
- Comportamento de luta ou fuga, 50, 225
- Comunicação paranormal, 182
- Condado de Santa Clara *versus Southern Pacific Railroad Company*, 273
- Confederação Iroquois
 - formação da, 508
 - influência dos Estados Unidos, 139-140, 147, 279
 - mulheres, papel das, 147
 - operações militares e, 147-148
- Confucionismo, 440
- Consciência
 - adiantamento moral da, 335
 - coletiva, 80, 155, 160, 365, 383, 401, 518-519, 533
 - como sinal de fraqueza, 303
 - consenso, 496
 - diretiva, 336
 - evolução da, 81
 - o despertar da, 148
- Conscious Community Network* (CCN) [Rede da Comunidade Consciente], 504-505
- Conselho das Avós, O, 147
- Conselhos deliberativos de cidadãos, 501
- Conselhos de sabedoria, 505
- Conservadorismo cristão, 313
- Conservadores, progressistas comparados a, 508
- Consciência, evolução da, 518
- Constituição, EUA, 116, 130, 139, 273-274, 305, 397, 497-498
- Constituição dos Estados Unidos, corpos humanos comparados à, 396
- Convenção Constitucional, 141-142
- Consumismo, 177, 450-451
- Controle, formas geométricas, 498
- Cooper, Merian, 52, 572
- Cooperação
 - competição *versus*, 205-206, 321
 - sobrevivência e, 100, 310, 361, 537
- Copérnico, Nicolau, 42-43, 165, 182, 358
- Coração, 387, 428-431, 504
- Corpo humano
 - ameaças, modo de lidar com, 403

campos de energia e, 419
células, número de, 332
cérebro. *Veja Cérebro*
chacras do, 428
colágeno do, 389
comparação entre as cidades e o, 449
comparação entre células e o, 376-377
comparação entre construções e o, 390
consumo de energia do, 402
controle do, 395
defesas e vulnerabilidade, 53-55
dois tipos de células no, 402
economia do, 445
existência humana, natureza da, 101
gêmulas e características do, 213
gordura, 408
Índice de Sobrevivência do, 376
invenções tecnológicas comparadas ao, 389
mecanismos de crescimento, 373
modelo médico do, 50
olhos, televisão comparada aos, 392
órgãos, desenvolvimento dos, 387
padrões autos-similares no interior do, 354
partículas e campo do, 414
responsabilidade pela administração do, 396
sistema biológico moldado pela mente, 437
sistema de filtragem, 392
sistema imunológico, comparado à Agência Nacional de Proteção Ambiental [EUA], 405
sistema nervoso, 67, 357, 396-397, 401, 426-430
sistema suprarrenal, comparação entre o Depto. de Defesa dos EUA e o, 404
suscetibilidade à doença e disfunção, 50
troca de informações dentro do, 396

Corporações

- comoditização dos recursos globais, 177
- dinossauros, comparados às, 372-376
- direitos das pessoas das, 131, 273
- exploração econômica das, 475
- manipulação pública das, 303, 457
- o legado das, 376
- o poder da consciência livre das, 273-274
- primazia sobre a humanidade, 177

Córtex, pré-frontal, 81 -83

Cosmos, o relacionamento do homem com o, 102-119

Couzin, Lain, 258-259, 563

Creel, George, 300

Crenças

- a mudança no mundo com a mudança de, 60, 415
 - Bennett, Harry, 280, 566
 - Biologia e realidade determinadas por, 517
 - coletivas e invisíveis, 92
 - destrutividade das, 233
 - e a ameaça à vida, 506
 - libertação de nossas limitadoras, 512, 529, 531
 - níveis de, 53
 - o controle da vida por, 59-60
 - o poder das, 233
 - vulnerabilidade do corpo e, 45
- Crescimento espiritual, praticantes do, 321
- Crescimento pessoal, praticantes de, 313, 321
- Criacionismo, 193, 330
- Crick, Francis, 76, 119, 214-218, 289, 559
- Crises,
- econômicas, 155
 - globais 101
 - profecias apocalípticas, 156
- Crise do petróleo, global, 373, 384
- Crise financeira, global, 445, 449, 468
- Cristalografia de raio-x, 215
- Cristianismo, 111-112, 314, 440
- Cromossomos, 213-214
- Cruzamento de raças, cultural, 130
- Cruzamentos dentro da mesma raça, efeitos dos, 129
- Criativos culturais, 399
- Culturas
- coletivas, 308
 - igualitárias, 130, 147, 277
 - repetição de padrões, 518-519
 - rigidez inerente das correntes predominantes, 327
 - secularização das, 311
 - sofrimento, influência sobre as, 520
- Culturas europeias, dominadas pela culpa, 139
- Culturas tribais, baseadas em vergonha, 139
- Cura, modalidades alternativas de
- autocura, 297
 - energia, 120, 162
 - guiada pelo amor, 431, 522
 - história, impacto da modificação de sua, 533
 - intenções e, 183
 - Internet e, 261
 - liberação de energia na, 439

paranormal, 434
passos para a transformação, 438
preces e, 183, 423-425, 427
programação inconsciente, libertação da, 528-537
rejeição de medos habituais, 205, 334
Curie, Marie e Pierre, 170
Cuvier, Baron Georges, 235, 237-239, 562

D

Dalai Lama, 151, 443
Darwin, Charles, 185-192
Darwin, Erasmus, 186
 aceitação da, 198
 alterações acidentais no código de DNA, 245-245
 alterações hereditárias e chances aleatórias, 240
 ameaça à sobrevivência de conceitos ultrapassados da, 358
 desafios à, 359
 economia, influência sobre, 449-450
 evolução cultural dos EUA, 130
 evolução, 213, 256, 355
 governos e, 198
 graves implicações da, 197
 influência ambiental sobre a mutação, falta de, 254
 justificação de fins e meios, 200
 justificativa científica para ações desumanas, 200
 lei da selva e, 201
 leis sem código moral da, 264
 materialismo científico e, 118
 mudança de paradigma causada pela, 196
 natureza competitiva da vida, 185
 Nazismo e, 196
 política, influência sobre a, 489
 questionamento e, 49-50
 seleção natural, 192, 213
 Teoria de Darwin, 19, 49, 118, 196, 200, 245, 254, 265, 331, 358-360
 Wallace *versus* Darwin sobre a teoria da evolução, 193-195
Darwinismo social, 196
Davis, J.C. Bancroft, 273-274
Dawkins, Richard, 206, 220-221, 223, 560
De Broglie, Louis-Victor, 171
De Waal, Frans, 227, 561
Declaração de Independência, EUA, 132, 134-135, 137-138, 142, 155, 264, 278, 449
Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 142

Deeksha, 433
Deísmo, 114, 143, 199,
DeLay, Tom (Representante dos EUA), 292
Delbruck, Max, 241-243
Democracias, 496
Democracia, república comparada à, 496
Democratas, 312, 507
Democratas de Reagan, 312
Democritus, 109-110
Depressão (EUA), 464
Derramamentos de óleo, digestão bacteriana dos, 247, 254
Descartes, René, 44, 114, 117, 166-167, 230, 248, 288, 322
Desenvolvimento fetal, fatores de influência no, 70-71
Desenvolvimento infantil, 90
Destino humanifeso, 499, 518, 27-28
Determinismo científico, 253
Deterministas espirituais, crenças dos, 539
Deus
 “o Supremo Arquiteto”, 142
 crença em um condicional, 314
 crença em Um, 110
 deuses e deusas, Gregos, 109
 manifesto na terra, 317
 materialismo científico e, 59
 Natureza e, 115
 necessidade de, 48
 Paternidade de, 144
 proteção de, 54
 tornarmo-nos adultos de, 440, 531
Dia da Terra, 375
Dia Global da Meditação pela Paz e da Oração, 532
Dia dos Independentes, 505
Dinheiro. *Veja também Moeda*,
 bancos que emitem, 461
 certificado monetário colonial, 271, 460
 commodity, 460
 moeda complementar, 468
 sem dívidas, 464, 467
 dinheiro decretado pelo governo, 460
 jogo do, 463
 invenção e função do, 459
 empréstimo para a obtenção de lucros, 270, 461-466
 o erro da adoração ao, consciência crescente do, 310
 poder do, 270, 280
 representante, 460

- fonte de, 461
- valor variável do, 464
- riqueza *versus*, 446
- moeda *yin* e *yang*, 468
- Dinossauros, 371
- Direitos *versus* privilégios, 273
- DiRita, V. J., 54, 548
- Dispositivos, celulares, 63, 64, 70
- Distúrbio de Ansiedade Social, 297
- DNA (ácido desoxirribonucleico) composição do, 213
 - “só os médicos sabem”, 290
 - características hereditárias, codificação das, 214
 - descobrimento do, 119
 - dominação, 277, 508, 520
 - mecanismo de revisão do, 245
 - opinião pública a respeito do, 76
 - primazia do, 215, 216
 - vírus dominador, 442
- Doença, 49, 69-71
- Doenças degenerativas, distúrbios genéticos e, 128
- Doença iatrogênica, 287
- Dogma central
 - desafio ao, 244
 - desenvolvimento do, 214
 - efeitos do dogma central sobre a medicina moderna, 229
 - invalidade do, 216-217
- Doomsday Clock [relógio do Juízo Final], 32
- Dossey, Larry, 425-427,

E

- Economia, 445-446, 447-448
 - baseada em dívidas, 461-462
 - conceitos distorcidos da atual, 444
 - desenvolvimento de uma sólida, 394
 - dymaxion*, 472
 - ecologia e, 337
 - especulativa, 270
 - exploração, 463
 - lei do ouro atual, 457
 - natural, 445
 - organismo celular comparado à uma saudade, 445
 - saudável, 446, 457
 - saudável, medida de uma, 447

sustentável, estimuladora de uma, 456
Ecosfera, desequilíbrio da, 454
Edison, Thomas, 316
Educação, pensamento newtoniano e, 179
Edwards, David, 310, 569
Efeito Borboleta, 256
Efeito Maharishi, 432-433
Efeito placebo, 49, 56, 72
Egoísmo, base do, 224
Einstein, Albert
 estudos sobre as ondas de luz, 171
 princípio da incerteza, 257
 problemas econômicos, solução para, 468
 solução de problemas, 386, 31
 teoria do campo, 166, 176, 180
 teoria unificada, 172
 Terceira Guerra Mundial, 281
 Universo, teoria do, 298
Eisler, Riane, 277-279, 411, 565, 574
Eldredge, Niles, 257, 359-360, 572
Elementos de Euclides, Os, 351
Elementos somáticos, masculinos, 411
Elementos viscerais, femininos, 410
Elitistas intelectuais, crenças dos, 539
Elétrons, 170-171, 257, 416
Embriões, semelhanças de todos os vertebrados, 353
Emoções
 coerência do campo das, 431
 controle remoto pelas, 125
 cura das negativas, 335, 434, 525
 domínio dos instintos pelas, 74
 empatia, raízes da, 535
 histórias organizadas pelas, 522
 medos. *Veja Medos, humanos*
 mudança de expressões faciais em virtude de, impacto da, 533
 processo de encultramento, 69
Empréstimos, financeiros, 462-466
Energia. *Veja também campos de energia*
 Enron, 206-207, 221, 559
 enucleação, impacto da celular, 67
 iluminação, prática da, 317-318
 Inglaterra, 136, 270-271
 invisível. *Veja Campos, energia*
 liberação de, no processo de cura, 439
 matéria e, 175, 517

- psicologia da energia, 531-538
- recursos de administração da, 456
- vórtex de energia, 180
- vórtices de, 172, 179
- Engenharia, 247
- Epidemiologia, 54
- Epigenética, 77-78, 121, 219, 230, 240, 308, 330, 360, 413, 517, 551
- Epifenômeno, 49
- Equação de energia e massa, 171
- Equilíbrio, econômico, 466
- Equilíbrio, espiritual e material, 105-106, 114-116, 121, 123, 130, 144, 263, 267-268, 328
- Equilíbrio pontuado, 359-360, 35
- Era Industrial, 370
- Era da Informação, controle da mente da, 299
- Era Neolítica, 105
- Espaço, nova visão científica do, 423
- Espaçonave Terra, 322
- Especiação ecológica, 346
- “Especialistas”, 259
- Espírito, 103-123, 175
- Espiritualidade New Age (Nova Era), nascimento da, 313
- Espiritualidade, novo pensamento, 123, 313, 321, 326
- Estados Unidos da América (EUA)
 - a moral de hoje dos, 275
 - área ecológica ocupada nos, 276
 - cinismo dos, 133
 - débito em cartão de crédito, 466
 - destino dos, 144
 - dívida nacional dos, 274
 - equilíbrio espiritual e material dos originais, 265
 - expectativa de vida nos, 288
 - fase deística dos, 130
 - Federação Iroquois e, 141, 148, 554
 - filosofia materialista e o desenvolvimento dos, 130
 - fundação dos, 115, 126, 130
 - guerras dos, 130, 275, 283
 - Índice de Felicidade do Planeta dos, 275
 - indústria automobilística dos, 372
 - instituição bancária dos, 372
 - legislação ambiental, 36
 - materialismo científico e, 265
 - moeda, a batalha pela emissão de, 273
 - morte nos, principais causas de, 287
 - nem república nem democracia, 496
 - Nitze e a segurança econômica/política dos, 283

- padrão de ouro dos, 273
- regressão dos, 265
- saúde, custo da, 287
- supremacia global dos, 130
- Estruturas institucionais, crenças e manifestações das, 265
- Eucariotos, 361, 363-364, 366, 385-387, 391-392, 395
- Europa, hierarquia de castas da, 129
- European Central Bank, 461
- Evolução
 - associações do progresso da, 366
 - cálculo do avanço da, 357-358
 - células imaginais e, 36
 - cocriadores conscientes da, 46
 - como consciência coletiva reunida, 332
 - consciência ambiental como medida da, 204
 - criação inseparável da, 329
 - crise econômica e pontuações cíclicas, 445
 - determinantes ambientais da, 196, 204, 347
 - encruzilhada/ponto crucial, 154-155
 - espiral da, 102
 - espontânea, chave da, 319
 - existencialistas, 311
 - exploração, padrões repetitivos culturais da, 520
 - extinções, massa periódica, 359
 - Física Quântica e, 202
 - fundação da ciência da, 238
 - fundamentalistas religiosos e, 35
 - futuro da, 250, 317
 - grande avanço da, 366
 - humanidade, surgimento da, 205
 - impelida pela crise, 46
 - imperativo biológico como força motriz da, 360
 - intenção/propósito da, 239, 249
 - intencional *versus* accidental, 247
 - Internet e, 401
 - materialistas científicos e, 34, 185, 452
 - mudança radical iminente, 298
 - mudanças catastróficas da, 257
 - mutações, genéticas. Veja mutações, sistema nervoso como parâmetro para a, 357
 - nova fase da, 298, 366,
 - novas espécies, desenvolvimento das, 346, 359, 361
 - observadores e precisão das previsões sobre, 342
 - organismal, 257
 - padrões fractais da humana, 358
 - padrões previsíveis e sistemas caóticos da, 259

- papel da humanidade da planetária, 332
- papel do acaso na, 247, 346-347
- paradigmas basais da, 103-122
- passos para a pessoal, 530
- perdão e, 95
- períodos de equilíbrio pontuados, 35, 359-360
- planos adjacentes da, 358 Wallace *versus* teoria de Darwin sobre a, 193-195
- previsões da, 339, 340
- processo de tentativa e erro da, 316
- processo intencional da, 330
- reorganização aleatória dos genes, 240
- sentido da ciência médica da, 254
- simbiose como força-motriz por trás da, 363
- sistemas de crença sobre a, 40
- tecnologia como elemento fundamental da, 319, 333
- teoria Darwiniana da. *Veja Teoria Darwiniana, destino da*, 333
- teoria Lamarckiana da. *Veja formas de vida da teoria Lamarckiana, origem e desenvolvimento do início da*, 329
- teoria Malthusiana, 188
- teorias pré-darwinianas da, 185-187
- Execuções hipotecárias, 463
- Experiências no útero, desenvolvimento fetal e, 88
- Extinção
 - aquecimento global, 32, 47
 - ambientais e ameaça à vida, 242, 332, 454
 - erdades sociais não percebidas e, 327-328
 - petróleo, 372, 382
 - das espécies, 208
 - em massa atual, 42, 359
 - equilíbrio perfeito e, 35
 - periódica em massa, 360, 376
 - recursos, escassez de, 399-400
 - contribuições tecnológicas para a, 102, 154
 - guerras, 125, 176, 276-277, 281, 286, 301, 341, 451
 - culto ao mundo material e, 154
 - trajetória iminente em direção à, 326

F

- Facilitação Dinâmica, 495, 501
- Falência dos credores, 462
- Fariseus, 267
- Fazendas, desaparecimento da família, 454
- Fazlollah, 481

Federal Reserve Bank, 284, 461, 467
Feminino/masculino sagrado, 150
Ferguson, Marilyn, 297, 569
Férmions, 172
Feynman, Richard, 180
Filogênese, ontogênese e, 354
Filosofia, 109, 115, 130, 139
Filosofia ocidental, 538
Física, 167-176, 179-181, 517
Física newtoniana
 descobertas científicas da, 170-175
 falta de resultados nas pesquisas, reação à, 399
 liderança opressiva da, 162
 metodologia científica, desenvolvimento da, 166
 mundo físico *versus* mundo da metafísica, 116
 sem energia, limitação da, 319
Física Quântica
 conexão de tudo, 308
 descobrimento da, 171
 determinismo newtoniano, 257
 existência física, natureza da, 123
 ilusão da matéria, 322
 incerteza da, 253
 primazia da influência dos campos de energia, 329
 realidade, influencia do observador sobre, 52, 160, 256, 417, 420-421
 relevância para a civilização, 514
 relógios digitais, 172
 sabedoria milenar, conexão com, 319
 teoria da evolução e, 202
 teoria da probabilidade, 257
Fisher, Roger, 491, 581
Fitz-Roy, Capitão Robert, 189
Flemming, Walther, 213
Floco de neve de Koch, 349-350
Flyer, Richard, 505-506, 509, 582
FMI (Fundo Monetário Internacional), 284, 463
Foco, mente autoconsciente e, 83
Fogo (fazer), 164
Ford, Henry, 280
Ford Motor Company, 340
Formas de vida, primeiras, 329
Fotossíntese, 124, 331, 453
Fractais
 descoberta dos, 352-354
 funcionando como mapas, 354

Natureza e, 208, 358
natureza dos, 354, 367
projeção dos padrões no futuro, 375
Franklin, Benjamin, 125, 134-135, 138, 141-144, 147, 272, 278, 285, 564
Fromm, Erich, 308, 570
Fuller, Buckminster, 322, 375, 472, 573
Funções iteradas, 351
Fund for Global Awakening [Fundação do Despertar Global], 539
Fundadores dos EUA
 “busca da felicidade”, 458
 banco nacional, resistência a um, 271, 464
 comunidade, importância de uma saudável, 448
 crença em uma civilização igualitária, 130
 crenças e valores dos, 115, 142-143, 265
 crítica dos, 133, 134
 forças armadas, resistência a, 280
 idealismo revolucionário dos, 134
 influência dos índios americanos sobre, 139-140, 145-146,
 noção radical evolucionária dos, 146
 riqueza, significado da, 446
 sociedade em desenvolvimento, características necessárias de uma, 482
 visão dos, 132-133
Fundos Hedge, 465
Fureai kippu (Japão), 469-470
Futurologia, 339

G

Galilei, Galileu, 42, 350-352
Galton, Francis, 484-485
Galtung, Johan, 492, 494, 581
Gêmeos, genética, 78-79
Gêmulas, atribuição de características, 212
Genes
 alteração dos, pelas células primitivas, 329
 atividade, regulamento da, 77-78, 121, 308
 código genético
 como diagramas, 219
 controle ambiental dos, 219
 cópias de genes de DNA, 215
 descoberta dos, 76
 determinismo genético, 59-60, 76, 214, 217-218, 220, 222, 224, 307, 423, 553, 560
 distúrbios genéticos, doenças degenerativas e, 129
 engenharia genética, 77, 212

- erros de cópia, 244
- habilidade dos organismos de modificar ativamente seus, 346
- inteligência inata dos, 243
- leitura dos, 78
- natureza dos, 67, 77-78
- reescrita aleatória dos, 239
- traços, características e, 222, 241
- Genética
 - bacterial, 223, 241-242
 - dogma central e, 214-215
 - genomas, humanos, 77, 79, 84
 - lançamento da, 241
 - missão da, 211
 - mudança intencional do organismo, 243
 - mutação, 213, 223, 241-242
- Geologia, origens da, 190
- Geometria
 - euclidiana, 351
 - fractal, 35, 208, 354-355, 376, 517
 - padrão ambiental, 350-351
- George III, Rei, 135, 272
- Gerhardt, Sue, 89, 551
- Germes, suscetibilidade aos, 53
- Giat, Daniel, 146
- Gimbutas, Marija, 277
- Giove, Joe, 432-433
- Glaser, Aura, 8, 318-319, 555, 571
- Globalização, 176, 284
- Go Local*, organização (Califórnia), 471
- Goering, Herman, 520, 583
- Goldcorp*, companhia (Canadá), 488
- Goswami, Amit, 416, 574
- Gould, Stephen Jay, 257, 359-360, 572
- Grad, Bernard, 434
- Grande Depressão, (EUA), 281
- Grande Selo dos Estados Unidos, 140
- Grécia, Era de Ouro da, 108, 111, 137, 165
- Griffin, David Ray, 317-318, 571
- Grinde, Donald A., 139, 145,-146, 150
- Grupos que ouvem, 505
- Guatemala, EUA queda do governo da, 302-303
- Guerra do terror, 402-403, 480
- Guerra Fria, 281, 282, 299, 301
- Guerra Revolucionária, 189, 271
- Guerras

danos colaterais das, 478
desumanização dos inimigos, 300
medo como arma básica das, 271
fogo amistoso nas, 478
Iraque, 521
proveito tirado das, 271, 286
padrões culturais repetitivos das, 520
Estados Unidos e as, 130, 275-276, 281, 282
uso de dissensões raciais para promover as, 300

H

Haeckel, Ernst, 354-355
Hancock, John, 134-135
Hani, Chris, 524
Harmonia neural, 71
Harmonia social, 433
Harriman, Averell, 281
Hartmann, Thom, 174, 553, 554, 564
Harvey, William, 230, 549
Hastert, Dennis (Representante dos EUA), 292
Heisenberg, Werner, 173-174, 256
Helu, Carlos Slim, 450
Hemisfério Sul, povos do, 150, 151
Henry, Richard Conn, 415
Henrique VIII, Rei, 270
Herança, percepções e, 71
Hereditariedade, 60, 213-214, 217, 219, 240, 242, 334
Hiawatha, 138
Hieronimus, Robert, 142, 553, 554
Hillman, James, 151
Hinduísmo, 440
Hipermutação somática, 246-247, 255, 359
Hipnose, 73
Hippies, 304, 312
Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA), eixo, 403
Hipótese de Broglie, 171
Hipótese de Gaia, 203, 205, 331
Hiroshima, 282
História, natureza repetitiva da, 522
HMS Beagle, 189
Hobbes, Thomas, 137
Hoffmann, Glynda-Lee, 537, 584
Hohmann, Gottfried, 227

Holismo

- ciências relacionadas ao, níveis de, 516
- compreensão, necessária à humanidade, 515
- materialismo científico, comparado ao, 333
- medicina holística, 179, 297, 321
- política, definição de, 477
- Universo, segredo do, 172
- visões opostas do, 329

Holocausto, 318

Holocausto nuclear, 32

Hólons, 208

Homens e mulheres, característica inerente de, 538

Hooker, Sir Joseph Dalton, 193-194

HOPE (*Healing Our Past Experience* – A Cura das Experiências Passadas), 525

Hormônios, estresse, 50, 403

Humanidade. Veja também civilização;

Humanidade, emergente, 205

Humanos

- apatia, causas/prevalência da, 250
- aumento de poder, 530
- caminhos divergentes da (profecia), 150
- características e traços hereditários, 213, 221-223
- caráter, formação do individual, 73
- células comparadas a, 387
- ciclos da Terra e fisiologia dos, 343
- cinismo dos, 132, 250
- como cocriadores conscientes da evolução, 36
- como cocriadores, 443
- como consumidores, 176
- comportamento de agrupamento dos, 258
- comportamento e consciência, formação de, 516
- compreensão do, estudo detalhado das células, 367
- consciência dos, 330-331
- consciência, evolução da, 518
- controle da programação dos, 84
- criação de, através de tecnologia celular, 333
- culpa e vingança, programação de, 522
- desenvolvedores, 213
- desespero, sensação de, 48
- desperdício, tendência ao, 457
- disfunção da, 50, 72
- emergência dos superorganismos multihumanos, 205
- especialistas culturais, 259
- evolução dos, paralela à evolução animal, 367
- fase vertebrada dos, 369

filosofias da perfeição dos, 138-143
forças e fraquezas, natureza de, 73
formação ambiental dos, 128
fragilidade, sensação de, 49
ganância da, 42
habilidade de sobrevivência dos, 385
habilidades dos, 49
histórias estáticas de, 100
humanidade inerente da, 539
identidade, pessoal, 83
impotência e dispersão dos, 265, 303
impotência, sensação de, 50, 148, 308, 494
influência sobre o equilíbrio da Natureza, 331
limitações, aprendidas, 49
medos dos. Veja medos, crise financeira humana, responsabilidade pela, 466
mente consciente dos, 83
modelo médico dos, 50
negativos, pensamentos redundantes, tendência a, 73
no cerne do movimento da Natureza, 332
nossas histórias, mudança de, 530, 533
padrões astronômicos e comportamento dos, 343
padrões fractais da evolução dos, 354
papel na Terra, 517
poder dos, 321
potencial como, percepção de nosso, 512
pré-históricos, 164
primitivos, comparados aos avançados, 369
problemas, subconscientes e pessoais/culturais, 93
processo de reprogramação, 528-537
programação de escassez, 466
programas cerebrais singulares, 59
próxima fase evolucionária dos, 364-366
segredo da vida, 333
similaridade fractal dos embriões dos, 355
sistema de saúde dos, conceitos equivocados e, 185
sistema imunológico, 59, 254, 308, 405, 423, 534, 546, 549
Hussein, Saddam, 481
Huxley, Aldous, 494
Huxley, Thomas, 198-199, 272
Huyuk, Catal, 277

Idade das Trevas, 161
Identidade pessoal, 83
Igreja de Roma
 campanha contra os evolucionistas, 198
 crença no Criacionismo, 193, 330
 desafios à infalibilidade da, 194
 desenvolvimento da, 111-113
 liderança opressiva da, 162
 o fim do controle da, 118, 199
 o impacto da teoria darwiniana sobre, 199, 200
 punição por se desafiar a, 112
 tentativa de controlar o conhecimento, 117
 Teologia Natural, 112, 165
 verdade absoluta da, 162
Igreja Judaico-Cristã, 112
Iluminismo, Século das Luzes, 114, 137, 139, 155, 169, 186, 188, 236, 263
Ilusão, a vida é uma, 322
Imperativo biológico, 24, 47, 208, 238, 361, 380, 512
Impotência, sensação de. Veja impotência, pessoal
In Our Own Words 2000, 539
Índice de Felicidade do Planeta, 275
Individualismo, Era do Iluminismo e, 115
Indivíduos, primazia dos, 313
Indústria bancária, o poder da ausência de consciência, 284-285
Indústria farmacêutica
 dogma das, 163
 falta de contenção moral da, 297
 lucros da, 234, 292
 missão lucrativa da, 287
 motivação da, 55
 novas doenças, desenvolvimento de, 297
 o marketing dos medicamentos, 293
 PGH e, 222
 resistência da, 220
 toxinas da, 54
Inferência, precisão da, 340
Iniciativa da Coerência Global, 431-432
Inimigos da tecnologia, 333
Inquisição, 117, 162
Insanidade, cultural, 308, 309
Insetos, comportamento de agrupamento dos, 258
Instintos, percepção e, 85, 88, 92
Instituto HeartMath, 428, 429, 431, 504
Integridade, punição da sociedade, 303
Inteligência, 385, 484

Intention Experiment, 432, 576
Intenções
 cura e, 183
 eventos influenciadores das, 420
 experiência e, 53
 interdependência, 499
 poder das, 530
 mente consciente e, 83-84
Interação entre todas as coisas, 317, 442
Internet, 20, 40, 261, 389, 401, 458, 497, 509
Invasão dos Kurgans, 411
Invertebrados, vertebrados comparados aos, 368-369
Irã, 25, 481
Iraque, 25, 341, 478, 480
Irmãos Wright, 374, 417
Ironson, Dr. Gail, 533
Islã, 440

J

Jardim do Éden, 105, 107, 227, 323, 334
Jefferson, Peter, 140
Jefferson, Thomas
 bancos nacionais, luta contra, 464
 contra o Império Britânico, 136
 Declaração de Independência, 138
 edição da Bíblia de Jefferson, 144
 influência dos Nativos Americanos sobre, 139
 moeda representante, preocupação com relação a, 460
 patriotas Jeffersonianos, 133
Jesus, 95, 116, 144, 175, 235, 267, 279, 312, 321, 441, 463, 524
Josefo, Flavio, 267
Judaísmo, 440, 527
Julia, Gaston, 352
Justiça e liberdade, importância de, 482

K

Kelvin, Lorde (William Thomson), 169, 556
Kennan, George, 282-283
Khomeini, Sayyid Ruhollah
Koch, Robert, 54

Koestler, Arthur, 208
Korten, David, 465-466, 578
Kotlarz, Richard, 10, 463, 468, 578
Kubrick, Stanley, 499

L

Lacey, Beatrice e John, 429
Lamarck, Jean Baptiste de, 186, 189, 191, 235, 240, 245-246, 250, 253, 259, 356-357, 557, 558, 562
LaPlace, Pierre-Simon, 253-254, 256, 563
Laskow, Leonard, 435-439, 522, 526, 576
Law, Jacky, 287, 568
Leadbeater, Charles, 143
Leape, General James, 457
Lehman Brothers, 465
Lei da selva, 119, 186, 200, 275, 303
Lei de Modernização da Medicina, 292
Lei de Reserva Federal, 274
Lei do carma, 316
Lei Monetária, 272, 579
Lenton, Timothy, 202-203, 559
Lerner, Michael (Rabino), 312-313
LETS (*Local Exchange Trading System*) [Sistema Local de Comércio de Troca], 470
Leutze, Emanuel, 132
Liberais, 313
Liberdade e justiça, importância de, 483
Lietaer, Bernard, 468
Limitações, aprendidas, 49
Limpeza étnica, 486
Livre-arbítrio, 25, 36, 83-84, 93, 317
Livros de autoajuda, limitação dos, 530
Locke, John, 136-138, 482, 553
Loden, Marilyn, 489
Loeb, Jacques, 230
Lorenz, Edward, 255-256, 348, 563
Lovelock, James, 203, 331-332
Luiz XVI, Rei, 236
Luria, Salvador, 241-243, 562
Luskin, Dr. Fred, 95, 525, 552
Luther, Martin, 125, 527, 535
Lyell, Charles, 190-191, 193-195,
Lyons, Oren, 500

M

- Maçons, 142-144
- Maddison, James, 464
- Magna Carta, 136
- Magneto-encefalografia (MEG), 419
- Magno, Alberto, 111, 165
- Maioridade moral, 313
- Malthus, Thomas Robert, 186-188, 192, 196, 227
- Mamíferos, evolução dos, 374
- Mandela, Nelson, 535, 583
- Mandelbrot, Benoit, 352-353
- Manitonquat, 500-501
- Mansos, herança da Terra pelos, 321, 375
- Margulis, Lynn, 363, 573
- Marlowe, Amber, 163
- Martin, Howard, 429, 560
- Mason, Dr. Albert, 232-233, 561
- Material, equilíbrio entre espiritual e, 123
- Matemática
 - cálculo diferencial, 516
 - evolucionária, 358
 - geometria fractal, 208, 354, 355, 358, 376, 379, 447, 517
 - princípios da, 117
- Matéria
 - composição da, 308
 - energia e, 175, 517
 - erro do culto à, aumento da consciência da, 310
 - evolução do relacionamento do homem com, 103-123
 - ilusão do, 180
 - influência do campo sobre, 518
 - primazia da, 265
 - visão física clássica da, 414
- Materialismo científico
 - aleatoriedade da evolução, 242
 - ameaça à sobrevivência humana provinda do, 155, 344, 516
 - artes divinatórias milenares vistas como mito, 343
 - ausência de crenças religiosas rígidas no início do, 265
 - benefícios e inovações trazidas pelo, 288
 - Charles Darwin e o estabelecimento do, 185
 - ciências do, níveis, 516
 - civilização, crenças sobre o desenvolvimento da, 343
 - como paradigma dominante, 119
 - comportamento e consciência, moldados pelo, 516
 - definição de, 167

- desafio ao, 254
- dogmas do, 156
- estabelecimento da primazia do, 199
- Estados Unidos da América e, 264
- fornecedor oficial da verdade, papel de, 273, 398
- holismo, comparado ao, 333
- medicina moderna e, 286
- metodologia científica, 166
- movimento em direção à religião, 218
- natureza religiosa do dogmático, 119, 218
- necessidade de abandonar as velhas crenças do, 334
- percepções distorcidas sobre a origem do, 452
- poder do dinheiro e, 270
- postura de evitar o âmbito invisível, 166
- predecessores do, 326
- relação da raça humana com o ambiente, 452
- tecnologia, desenvolvimento da, 343
- teoria atômica e, 189
- transmissão mental canina instantânea, descartada pelo, 183
- Universo como máquina física, 166
- universo materialista do, 242
- vácuo moral do, 265
- valores do, 279
- McCartheísmo, 302
- McCarty, Maclyn, 213, 559
- McConnell, John, 36, 375
- McKeown, Thomas, 289
- McLeod, Colin, 213
- McTaggart, Lynne, 180, 419, 432, 556
- Mead, Margaret, 36, 547
- Meadows, Donella, 475
- Mecânica Quântica. *Veja Física Quântica*
- Mecanismos de proteção, 384
- Medicamentos
 - custo dos, 290-292
 - desenvolvimento do milagre dos, 289
 - efeitos dos, 64
 - promoção de novos, pela indústria dos, 292-293, 294
 - promoção na TV dos, 297
- Medicina alopática. *Veja Medicina convencional*
- Medicina, alternativa/holística, 120, 180, 298
- Medicina, bioquímica, 229
- Medicina, Chinesa, 229, 230, 428
- Medicina, convencional
 - custo e eficácia da, 120

- doença, percepção da, 230
- filosofia newtoniana-darwiniana da, 177, 478, 479
- foco da, 481
- influência do materialismo científico sobre, 286
- modelo de humanos, 50
- natureza mecânica da, 230
- poder da mente sobre a matéria, repúdio à ideia, 59
- proibição pela Igreja, 117
- Medicina, Oriental comparada à Ocidental, 480
- Meditação, efeitos da, 433
- Medos humanos
 - de bactérias e vírus, 178
 - distorções causadas pelos, 307, 520
 - energia desviada pelos, 382, 403
 - de venenos do ambiente, 53-55
 - governo criado, 403, 404
 - impacto sobre os fetos, 70
 - manipulação dos, 303
 - sem suficientes, 466
 - a sobreposição dos instintos pelos, 334
 - transmitidos, 277, 443
 - a exploração dos, 316
 - rejeição dos habituais, 205, 334
- Mehl-Madrona, Dr. Lewis, 56, 549
- Mellaart, James, 277
- Membranas, células
 - como cérebro das células, 68, 230
 - consciência das, 385
 - evolução e, 358-359
 - junções das, 395
 - lembranças, percepções e, 85
 - receptores das, 64, 357
 - territórios das, 388
- Messias, 25, 318, 442
- Messias, trabalho, 442
- Michelson, Albert, 170
- Micróbios, 247
- Meditação Transcendental, 182, 431-432
- Mente
 - atenção plena (budista), 531
 - atividade da, 83-84
 - controle da, 299
 - desenvolvimento das células e da inteligência da humana, 332
 - Física Quântica e campos de energia da, 414
 - moldagem da estrutura biológica pela, 437

- neurônios-espelho, 535
- percepções errôneas, 73, 79, 85, 91
- poder invisível da, 232
- poder sobre a matéria, 59
- prisão da, 528
- propósito da, 60, 84
- Mente autoconsciente, 81-84, 87
- Mente inconsciente, 82-83, 91-92, 94
- Mente inconsciente, comportamento de resposta a estímulos e, 82
- Mídia, impacto da corporativa, 494
- Mídia de massas, poder da, 299
- Minorias criativas, 399
- Mittal, Lakshmi, 450
- Missão, evolucionária, 33
- Moléculas de clorofila, natureza capitalista das, 453
- Monoteísmo
 - artes divinatórias antigas vistas como mitos, 343
 - crenças do, 110-112
 - Criacionismo e, 193
 - Era das Trevas e, 162
 - percepção distorcida da origem da vida, 451
 - religião dogmática do, 119
 - fim do, 199
 - leis das escrituras, 200
 - relacionamento da humanidade com o ambiente, 454-455
 - autoridade moral do, 264
 - pensamento científico do, 165
 - noção de ordem e de foco espiritual no antigo, 264
 - valores do, 279
- Monsanto Corporation*, 268-269
- Morgan, Thomas Hunt, 213, 241
- Morte, principais causas da, 120
- Mosca drosófila, 213
- Moscas, genética das, 213, 241
- Movimento de reconquista do poder pessoal, 322
- Mãe Terra, 126
- Mudança no clima global, 208
- Mudanças de ego, consequências fisiológicas das, 59
- Mulheres
 - Conselho das Avós, Iroquois, 147
 - contrabalço do poder masculino pelas, 279
 - desprezo e diminuição do poder das, 279
 - estilo colaborativo das, 489
 - fumantes, 301
 - menstruação e ciclos lunares das, 343

- movimento feminista, norte-americano, 147-148, 278
- mulheres e homes, igualdade inerente de, 538
- Mundo. *Veja também Terra*,
 - interpretação holística do*, 253
 - mudança do, 74, 417
- Musavi (Ayatollah), 481
- Mutações, genéticas
 - aleatoriedade das, 242
 - crises ambientais e, 242
 - de sustentação da vida, 242-247
 - desconectadas da natureza resultante de, 42
 - determinismo genético, 212-235
 - diretas/adaptáveis/benéficas, 244, 258, 346, 358
 - evolução, aleatoriedade das, 235-263
 - mais fortes, sobrevivência dos, 185-212
 - matéria, primazia da, 161-185
 - nova ciência, revisão da, 308
 - percepções distorcidas, culturais
 - perda de poder resultante de, 308
 - processo hipersomático das, 346
 - radioatividade e, 170
 - rejeição do papel ambiental em, 213

N

- Nagasaki, 282
- Nações, características de felizes, 450
- Nativos Americanos
 - cultura animística dos, 115, 125
 - cultura igualitária dos, 147
 - dizimação da população de, 146
 - história dos avós, 442
 - influência sobre a criação dos Estados Unidos, 137-141
 - influência sobre o movimento feminista, 148
 - lei natural, 136
 - o poder feminino entre, 147
- Natureza. *Veja também Terra; Meio ambiente*
 - como sistema dinâmico, 355
 - comportamento de proteção para com a, 508
 - consciência da, estratégia para aumentar a, 387
 - contribuições para a economia, custo das, 456
 - crise que ameaça a vida na, 242, 332, 454, 32. *Veja também extinção*
 - distanciamento da humanidade com relação a, 42
 - domínio sobre, 212

- fórmula geométrica da, 329
- influência crítica dos humanos sobre o equilíbrio da, 332
- matemática da, 350-358
- mecanismos de mutação adaptativa da, 359
- memória inerente da, 183
- moléculas lipídicas não-polares da, 408
- moralidade inerente da, 200
- mudança no quadro cultural da, 199
- padrões autossimilares organizacionais da, 353-354, 358, 367
- padrões caóticos na, 342
- padrões fractais da, 208, 355, 358
- padrões na, 341-342, 344, 35
- padrões repetitivos da, 308, 35
- princípios da estrutura da, 354
- produtos e serviços da, 455
- punição na, falta de, 316
- relacionamento animista com, 105
- relacionamento dos politeístas com a, 106
- tecnologia e, 101
- tendência ao equilíbrio e à harmonia, 187, 330
- uso de mutação adaptativa e de mecanismos epigenéticos pela, 330
- violência na, 199

Natureza humana, maldade da, 277

Nazismo, 196, 281

Needham, Joseph, 230

Negociação aberta, globalização e, 284

Nelson, Roger, 532

Nelson, Thomas, 134

Neodarwinismo, 120

Newton, Isaac, 114, 116-117, 167-168, 175, 190, 288, 425, 516

- como subsistema da Mecânica Quântica, 173
- determinismo e ordem, 253, 257
- filosofia newtoniana
- Física newtoniana
- governos e, 175, 496
- implicações de ameaça ao mundo devidas à preocupação com, 176
- limitações da, 170
- lógica materialista de, 213
- medicina e, 49, 177, 288, 289
- política e, 475
- princípios de, 167, 177
- questionamento de dogmas, apoio ao, 290
- separação de entidades, crença na, 308
- teoria atômica e, 189

Nijhout, H. Frederik, 218-219

Nitze, Paul, 283
Nível Nacional de Felicidade, 472
Nobres selvagens, 138
Nocebos, 73
Nós, o Povo, voz de, 494
Número aleatório de gerações (RNGs), 420-421, 532

O

Obama, Barack Hussein (Presidente dos EUA), 539-540
Observador, influência do, 52, 160, 256, 414, 421
Ondas de luz, 171
Ondas, partículas e, 123
Ontasseté, Chefe, 140
Ontogênese, filogenia e, 354
Opostos, união dos (filosofia oriental), 537
Organelas, celulares, 363, 409-410
Organismos, vivos
 adaptação dos, 243-244
 administração da energia e sucesso, 456
 componente-chave para a sobrevivência dos, 377-387
 consciência dos, quantificação dos, 357
 desejo de sobreviver, 247
 estratégia de paz entre os multicelulares, 367
 fatores de manutenção da vida dos, 402
 iteração dos, 348
 moeda dos, armazenamento de energia, 447-448, 459-460
 organizações, previsão de sistema, 251-252
 proteção contra desequilíbrios, 402
 reconstituição dos ancestrais evolucionários no desenvolvimento dos, 354
 unicelulares, 80
Organização de sistemas, 250-253
Origem das Espécies, A (Darwin), 118, 195-197, 239,
Ornish, Dr. Dean, 295, 569

P

Pachacutis, 150
Pacientes, perda de poder dos, 49
Padrão de ouro, 273
Padrões autossimilares da Natureza, 252, 367
Pagar para orar, sistema, 267

Pahlavi, Mohammad Reza (Xá), 481
Pai Céu, 125
Paradigmas da civilização
 basais, 512
 comparação entre materialismo científico e holismo, 348
 crenças imperfeitas, impacto sobre a sociedade, 308
 democracia participativa, 440
 funcionalidade e verdade ressonante dos, 264
 holismo dos novos, 329, 330
 influência dos antigos, 393
 pós-modernos, 133
 relacionamento entre instituições e estrutura dos, 265
Paraíso, 111, 314, 531
Parteiras, 163
Partículas, 123, 171, 260
Partido Ba'ath (Irake), 401
Pasteur, Louis, 288
Paz, influência da, 416
Pearce, Joseph Chilton, 520
Pecado, 314-316, 321
Peixes, 258, 346, 369
Pensamentos
 alteração da realidade celular pelos, 434
 “ameaça sem inimigos”, 32
 impacto sobre as doenças e distúrbios, 72
 “sobrevivência do mais forte”, 203, 209
 tendência humana aos negativos, redundante, 74
Percepções
 atividade dos genes, influência sobre, 78, 308
 Biologia e realidade determinadas pelas, 517
 coração, influência sobre, 429
 criação da realidade, através, 317
 desenvolvimento fetal e, 89
 dispositivos de proteínas e, 69
 distorção pelas crenças, 522
 efeito no meio ambiente das, 414
 fontes de desenvolvimento das, 85-93
 instintos e, 85, 92-93
 interpretação das, 42
 lembranças e, 85
 moldagem da vida pelas, 60, 69, 73, 85
 sistema imunológico, influência sobre, 308
Perdão, 95, 522, 530
Período Multicelular, 364-365, 366
Período Social, 364

Perkins, John, 152, 285, 555
Personalidades, culturais, 129
Personalidades múltiplas, distúrbio de, 57
Phillips, Kevin, 465, 566
Planck, Max, 170, 172, 257
Plataforma de reforma, proposta, 467
Poderes Divinos, monoteísmo e, 112
Polarização
 cura, 310, 537
 espiritual-material, 121, 155
 holismo *versus*, 329
 sociedade, 123, 326, 508
Política, convencional
 cura, 505
 definição de, 477
 foco da, 481
 manipulação do público pela, 303, 494
 natureza Newtoniana-Darwiniana da, 176, 475, 477
 polarização da, 494, 508
 resolução de conflitos e, 491
Política, holística, 490, 491, 499
Politeísmo, 102, 108
Pope, Alexander, 522
Pobreza, World Bank, FMI e global, 284
 aumento da, 123, 160, 297
 autodesvalorização, 494
 causas da, 265
 fim, 528-537
 impotência, aceitação da, 48
 irresponsabilidade e sensação de, 77
 percepções culturais distorcidas, contribuição para, 308
Poder masculino, equilíbrio do, 279
Prece, cura pela, 183, 425-427, 434, 575
Presença Divina. Veja Deus
Previsões do futuro, 156, 341-343
Price, Pat, 422
Princípio da incerteza, 256-259
Privilégios *versus* direitos, 273
Procariotos, 361-364, 366, 385, 395
Processos de mutação hipersomática, 346
Progressistas, conservadores comparados com, 508
Projeção estática, 188
Projeto Genoma Humano (PGH), 60, 76, 120, 122, 222, 224
Proteção divina, 55
Proteínas, celulares

- criação de, 78
- cromossômicas, 213
- manipuladoras, 66-67, 69, 357
- natureza das, 66
- receptoras, 68, 357
- responsabilidade por traços físicos e de comportamento, 214

Protozoários, evolução de animais, 364, 369

Psiconeuroimunologia, 58, 73, 308, 423

Pulos, Dr. Lee, 51

Q

Quarks, 172

Química, origens da, 189

Quinta solução, 492, 495

R

Radin, Dean, 419, 420, 422, 574

Radioatividade, mutações e, 170

Raios-X, 170, 215

Reação de relaxamento, coração e, 431

Realidade

- criação da, 317
- física, inexistência de, 181
- ilusão de, 417
- nosso relacionamento com, 321
- observador e, 52, 160, 256, 417, 420-421
- proteínas receptoras, 68-69, 357
- reducionismo, científico, 167, 172

Realismo cético, 494

Recursos globais, 179, 399

Rede Local de Alimentação (*Local Food System Network*) (Reno), 505

Reducionismo biológico, 216

Rees, Lorde Martin, 32

Regime de Stalin, 286

Regimes Marxistas, ameaça dos, 286

Regra de Ouro, 175, 317, 440-441

Reforma Protestante, 114

Relações públicas, programação inconsciente do, 299-303, 570

Relatividade, teoria da, 176

Religião. *Veja também Igreja de Roma*

- ciência e, 183
- definição de, 310
- evolução da, 311
- fundamentalistas religiosos, 326, 34
- Religioso, fundamentalismo, 121, 35
- Remissões espontâneas, 19, 31-33, 57, 232, 234, 547
- Rendon Group*, 303
- Répteis, caráter/desenvolvimento dos, 370
- Republicanos, democratas comparados aos, 496
- Reservas de petróleo, pilhagem industrial das, 457
- Respostas otimistas, aprendizado, 535
- Revolução Americana, 188, 272, 498
- Revolução Francesa, 188, 236-237
- Revolução Industrial, Americana, 117, 132-133, 370
- Riqueza, 448, 454
- RNGs - Número aleatório de gerações, 420-421, 532
- Roentgen, Wilhelm Conrad, 170
- Roosevelt, Theodore (Presidente dos EUA), 418
- Rough, Jim, 495-496, 498, 500-502, 509, 580
- Rousseau, Jean-Jacques, 115, 129, 138, 189, 236
- Rumsfeld, Donald (Secretário de Defesa dos EUA), 341

S

- Sabedoria, 344, 484-492
- Sabedoria open source, 489
- Sacerdotes, origem dos, 112
- Samkange, Stanlake J. W. T., 523
- Sanidade, cultural, 307-308, 314, 320
- Sapolsky, Robert, 225-226, 560
- Saúde, EUA, 287, 290
- Schmidt, Helmut, 421-422
- Schoedsack, Ernest, 52
- Schrodinger, Erwin, 559
- Sclove, Dick, 502
- Segunda Guerra Mundial, missão da, 281
- Segurança verdadeira, 504, 508
- Segurança da pátria, baseada em medo, 303
- Seleção natural, 192, 212, 221
- Seligman, Dr. Martin, 535-536, 584
- Sementes, geneticamente modificadas, 269
- Seminis, 269
- Sensações, medidores biológicos e, 64
- Sensibilidade, conceito de, 256

Serviços do ecossistema, 455
Sheldrake, Rupert, 181-182, 557
Shimoff, Marci, 534, 536, 583
Sicher, Fred, 423 -424
Sinais celulares, 65-68, 70
Sinais ambientais, 69
Silverman, Dr. Paul, 224, 552
Simbiose, 363 -364
Sinclair, Upton, 133
Sintomas, consequências e, 481
Sistema de justiça, pensamento newtoniano e, 176
Sistema de saúde, 120, 185, 265, 286-288
Sistema nervoso, crenças deturpadas sobre o, 357
Sistema solar system, heliocêntrico, 165
Sistema somático, 403
Sistema visceral, 403-404
Sistemas aleatórios, 250-251
Sistemas caóticos, 251-252, 348, 352
Sistemas dinâmicos, 348
Sistemas meteorológicos/previsão, 254
Skilling, Jeffrey, 206
Smith, Jeffrey M., 269, 564
Snow, John, 54
Sobrevivência
 ameaça do complexo militar-industrial à, 508
 chave da, 100, 102, 399
 componentes necessários à, 344, 377
 consciência e, 80
 cooperação entre formas de vida para a, 206, 361
 crises ambientais e ameaças à, 454
 dependência da comunicação para a, 185
 dependência do reconhecimento de padrões para a, 342
 desenvolvimento como chave para a, 208
 equilíbrio necessário entre o masculino e o feminino, 411
 habilidade de lidar com as informações do ambiente, 395
 impacto das ameaças sobre a, 384
 impotência, dependência e, 160
 Índice de Sobrevivência, 377, 401
 luta pela, 50
 manutenção do planeta e, 375
 mutação intencional e, 359
 necessidade de tecnologia para garantir nossa, 333
 vida em comum e, 386
Sobrevivência dos mais fortes, 186, 196, 265, 276
Sociedade. *Veja também Civilização, Culturas; Humanidade*

autoridade da mente da, 299-301
avareza, cultivo da, 279
baseada na primazia dos indivíduos, 313
código extra-moral da, 303
compreensão da, pelo estudo das células, 367
consciência, evolução da, 375
cooperação *versus* competição, 321
coração da, 506
crenças invisíveis coletivas da, 95
criativos culturais e a transformação da, 399
cuidar do planeta e de todos, desejo crescente de, 375
cura da, 321
desenvolvimento da, 205
despertar da consciência da, 304
distanciamento da Natureza, 321
dualidade masculina-feminina da, 411
egoísmo, compensação pelo, 450
emergente, 125, 177
enfraquecimento espiritual da, 313
Estados Unidos e evolução da, 132
farsa coletiva da, 299
impacto da escolha individual da, 319
indivíduos como chave da coletividade, 321
amor como força da, 504
influência das crenças dos velhos paradigmas sobre, 308, 334
insanidade cultural da, 308
integridade, busca da, 303
interdependência dos indivíduos na, 330
lei da selva, 157, 185-186, 201, 276, 303, 512
mansos, maus tratos aos, 280
movimento para um melhor funcionamento da, 326
mundo material, investimento no, 310
necessidades psíquicoespirituais não satisfeitas da, 313
polarização da, 121, 155, 326, 508
polarização da, fim da, 224, 310
precipitação de mudanças ambientais pela, 326
princípios que garantem a sobrevivência da, 376
problemas críticos da, 343
problemas socioeconômicos, foco em, 313
promoção da igualitária, 130
punição, foco em, 316
questões primordiais da existência, 101
reconhecimento da disfunção da, 286
resistência e inflexibilidade, declínio, 326
revisões científicas da, relevância da, 516

sanidade da, 302, 303 321
teoria darwiniana e a evolução da, 185
vitimização e impotência na, reforço da, 535
Sociedade Apoloniana (*Apollonian Society*), 143
Sociedades agrárias, primeiras, 277
Sócrates, 110, 112, 138, 329
Soddy, Frederick, 453
Solomon, Norman, 478, 570
Solução de conflitos, 490-491
Solução de problemas, 386, 487, 522
Spencer, Herbert, 196
Spielberg, Steven, 375
Squanto, 146
Stanford Forgiveness Project, 525
Stanton, Elizabeth Cady, 148, 279
Steele, James B., 269, 563
Steffens, Lincoln, 133
Stonehenge, 343
Surowiecki, James, 484-488, 500, 580, 581
Swiss National Bank, 461

T

Taoísmo, 440
Tapscott, Don, 488, 580
Tarbell, Ida, 133
Targ, Elizabeth, 423, 425
Targ, Russell, 422-424, 574
Taxas de criminalidade, meditação coletiva e, 183, 432
Taxas de mortalidade, causas do declínio das, 288
Tecnologia
 civilização moderna da, 102, 120
 como elemento fundamental da evolução, 319
 corpos tecnológicos comparados, 389
 das células, 333
 televisão, impacto da, 311
 uso correto da, 321
Tecnologia wiki, 488
Temin, Howard, 218, 560
Tempo, nova concepção científica do, 308, 422
Tennyson, Lorde Alfred, 49, 548
Teologia Natural, 165
Teorias científicas
 teoria atômica, 189

- teoria da incerteza, 174
- teoria da relatividade, 43, 176
- teoria do caos, 255
- teoria dos germes, 54, 288
- teoria darwiniana 19, 49, 118, 196, 200, 245, 254, 265, 331, 358-360
- teoria dos germes, 289
- Teoria lamarckiana
 - adaptação dos genes ao meio ambiente, 243-244, 250
 - da evolução, 189-191, 194, 239-240
 - denegrido por Cuvier de, 235, 237-239
 - sistema nervoso como parâmetro, 357
- Terra. *Veja também Meio ambiente; Mundo*
 - perspectiva biológica da, 128
 - influência reguladora da biosfera sobre a, 330
 - mudança do campo da, intenção consciente e, 518
 - crise na. *Veja Crise, profanação global da*, 399
 - desenvolvimento da material física da, 329
 - desconexão da, 150
 - primeiras formas de vida sobre a, 329
 - primeiras fotografias da, 36
 - honrar a Mãe, 456
 - responsabilidade humana pela, 456
 - fisiologia humana e os ciclos da, 343
 - novas perspectivas sobre a, 374-375
 - história detalhada da, 361-362
 - capacidade autorreguladora da, 200-201
 - forma do campo de energia da, 36
 - sobrevivência e desenvolvimento da, 279
- Terceiro Mundo, extensão do crédito do, 284
- Territórios globais, territórios celulares comparados a, 388
- Terrorismo, raízes do, 481
- Thomas, Clarence (Suprema Corte), 269
- Thomson, Charles, 141
- Thomson, Sir Joseph John, 169-170, 556
- Thomson, William (Lorde Kelvin), 169-170, 556
- Thurman, Robert, 441-442
- Tikkun olam, 441
- Tipping, Colin, 95, 552
- Tolle, Eckhart, 160, 286, 556, 567
- Tomada de decisões, coletiva, 487, 490
- Torvalds, Linus, 489
- Toxinas, ambiente, 54, 72, 241
- Toynbee, Arnold, 399, 573
- Traços e características, 80, 213, 221-224, 241, 408
- Tradição Ayurveda, 230

Transcendência Negativa, 492, 494
Trances hipnóticos, 91
Tratamento com estatinas, marketing e perigo do, 293-295
Tratamento de trauma, 178
Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), 57-59
TRC (*Truth and Reconciliation Commission*), 523-525
Truman, Harry S. (Presidente dos EUA), 282-283, 566
Tse-tung, Presidente Mao, 286
Turtle Clan (Iroquois Onondaga), 500
Tutu, Arcebispo Desmond, 523-524
Two-Rivers, The Confluence of, 138

U

Ubuntu (África), 523-524
Uniformidade, unidade *versus*, 387
Universo
 como máquina, 166
 de cima para baixo *versus* de baixo para cima, 317
 dualidade do, 110
 força natural de coerência no, 437
 geometria do, 351
 matemática do, 350
 modelo de previsão de Laplace, 254
 natureza fractal do, 208
 natureza mental do, 416
 natureza relacional do, 208, 259
 o engano da aleatoriedade, 250
 organização da matéria do, 329
 padrões repetitivos do, 308
 realidade quântica do, 188, 261
 teoria de Einstein sobre, 297
 visão da ciência convencional sobre o, 166
Ury, William, 491, 581
Ussher, James, 190, 557
Útero primordial, 410

V

“Voluntários”, 421-422
Varadaiahpalem (Índia), 433
Vedas, 323

Verdade, 162, 165
Verne, Jules, 159
Vertebrados, 354, 368-369, 376
Viagem no tempo, experimento sobre, 422
Vida, geração da, 67, 125
Vigor híbrido, 130
Violência, 199-200, 225, 277, 490
Vírus, 218
Visão animista do mundo, validação da, 482
 conclusões, 61, 66, 69
 coração, o importante papel do, 428
 derivação da vida, 61
 evolução e determinantes ambientais, 348
 holismo. *Veja Holismo*,
 Humanidade, conceito de, 124
 integração da milenar sabedoria espiritual com, 326
 introdução às instituições da sociedade, 297
 novos fatos, relevância de, 518
 percepções distorcidas, reavaliação de, 308
 religião e, 183
 revisão das crenças do paradigma atual, 322
 união das teorias de Darwin e Lamarck, 253
 união do espiritual com a, 419
 visão de mundo, 59-74
Visão de mundo, nova, 103
Visão remota, experimentos com, 422
Voz interior, o ignorar da, 303

W

Wagner, Sally Roesch, 148, 555
Waite, Morrison (Ministro da Justiça dos Estados Unidos), 274
Waldeyer, Heinrich, 213
Wallace, Alfred Russel, 193-195
Walters, Charles, 453-454, 577
Wangchuck, King Jigme Singye, 472
Washington, George, 132, 134, 142-144, 280, 285
Watson, James D., 76, 119, 214, 216, 222, 289
Watterson, Kathryn, 526, 583
Watts, Alan, 314, 571
Waynbaum, Dr. Israel, 534
Weismann, August, 239-240
Wheeler, John, 317
Wiki (tecnologia), 488

Wikipedia, 488
Wilberforce, Bispo Samuel, 198-199, 273
Wilken, Carl H., 453, 465
Williams, Anthony D., 488, 580
Wilson, Woodrow (Presidente dos EUA), 274-275, 565
World Bank, 284, 463
World Trade Center, ataque ao, 420-421, 480, 525, 532
World Value Survey, 451

X

Xá do Irã (*Shah of Iran*), 481

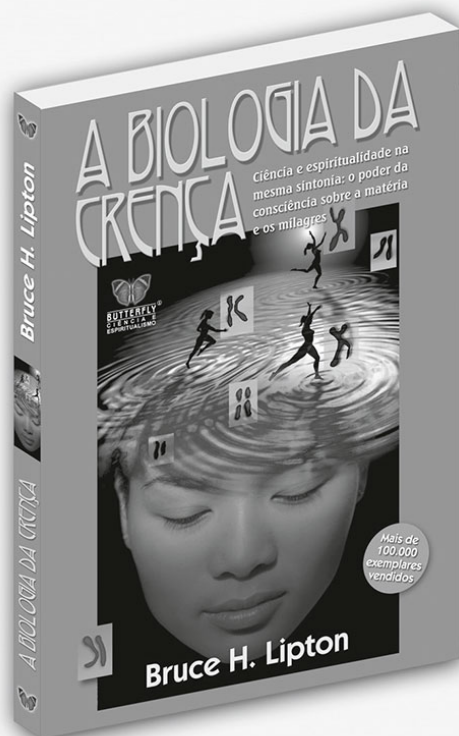
Y

Yin e yang
 moeda yin e yang, 468-469
 símbolo yin-yang, 467

Z

Zahedi, General Mohammad, 481
Zarlenga, Stephen, 467
Zoroastrianismo, 440

O elo perdido entre a vida e a consciência...



A mente é mais poderosa do que qualquer remédio!

Nesta obra, o cientista norte-americano Bruce Lipton explica não apenas como todas as células do corpo são influenciadas pelo pensamento, mas também comprova a reencarnação.



Best-seller da Butterfly Editora

**Um lugar remoto, estranho, guardado
e preservado por homens silenciosos
e criaturas encantadas**



**O mito era
lei e a magia
uma força da
natureza**

Esta é a história de Sorchá, a sétima filha de um sétimo filho, o soturno Lorde Colum, e dos seus seis amados irmãos, vítimas de uma terrível maldição que somente Sorchá é capaz de quebrar. Em sua difícil tarefa, imposta pelos Seres da Floresta, a jovem se vê dividida entre o dever, que significa a quebra do encantamento que aprisiona seus irmãos, e um amor cada vez mais forte, e proibido, pelo guerreiro que lhe prometeu proteção.



Sucesso da Butterfly Editora!



Butterfly Editora Ltda.

Av. Porto Ferreira, 1031 - Parque Iracema

CEP 15809-020 - Catanduva-SP

17 3531.4444

www.editorabutterfly.com.br | atendimento@editorabutterfly.com.br

www.boanova.net | boanova@boanova.net

Evolução Espontânea oferece um ponto de vista animador sobre o destino da humanidade e é um desses livros que podem mudar a visão do mundo.

Com pitadas de humor espiritual e sólidos conhecimentos científicos, Bruce Lipton e Steve Bhaerman apresentam uma versão diferente a respeito da civilização que surge diante de nós. Ao levarem o leitor para além da análise do colapso das economias ou da existência de religiões inflexíveis, demonstram que o caos nada mais é do que uma etapa natural do processo evolutivo, e não o final trágico de um planeta. É uma nova proposta de vida, tão instigante e repleta de possibilidades que nós leva a desejar um mundo melhor AGORA.



BUTTERFLY
E D I T O R A

Leia o diferente.

www.editorabutterfly.com.br | www.boanova.net

ISBN 978-65-89238-04-1



9 786589 238041



